UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

MELINA RODOLPHO

***De Physiognomonia Liber: considerações a respeito do *ethos* e
da fisiognomonia em textos da Antiguidade Clássica***

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

***De Physiognomonia Liber: considerações a respeito do *ethos* e
da fisiognomonia em textos da Antiguidade Clássica***

VERSÃO CORRIGIDA

“De acordo”

Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins

Melina Rodolpho

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins

São Paulo
2015

RODOLPHO, Melina.

De Physiognomonía Liber: considerações a respeito do *ethos* e da fisiognomonía em textos da Antiguidade Clássica.

De Physiognomonía Liber: reflexions about *ethos* and physiognomy in ancient texts.

E-mail: melinarodolpho@yahoo.com.br

Tese apresentada ao Programa de Letras Clássicas do Departamento de Letras clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras Clássicas.

Aprovada em 16 de dezembro de 2014.

Banca examinadora:

Paulo Martins (Presidente/ FFLCH - USP); Brunno V. G. Vieira (UNESP); João Angelo O. Neto (FFLCH - USP); João Batista T. Prado (UNESP); Marcos M. dos Santos (FFLCH - USP).

RESUMO

A presente tese tem, basicamente, dois objetivos principais: traduzir um tratado fisiognômico, o *De Physiognomia Liber*, de autoria desconhecida, provavelmente do século IV d.C., e ainda estudar a fisiognomia na Antiguidade Clássica, cotejando os preceitos expostos de diferentes manuais. Há pouca informação a respeito da fisiognomia nos textos da Antiguidade, contudo, a análise fisiognômica era adotada como mecanismo para representar *ethos* ou *pathos*. Geralmente considerada uma *techne*, seu estatuto tem sido questionado porque também era um método de divinação. Inúmeros teóricos, dentre os quais estão Platão e Aristóteles, discutiam diversos aspectos concernentes à teoria fisiognômica, tais como a influência dos humores no caráter de um indivíduo e as analogias entre os homens e os animais. A fisiognomia relaciona-se à medicina se considerarmos a teoria dos humores e, além disso, há o método etnológico em que se atribui características específicas ao *ethos* de acordo com a influência do ambiente sobre os indivíduos, proposição presente no *corpus* hipocrático. Procuramos também observar a presença de elementos fisiognômicos na *actio* retórica e na literatura da Antiguidade. É possível inferir que o emprego de conceitos fisiognômicos compõe o que alguns teóricos chamam “consciência fisiognômica”, existente já na poesia de Homero.

PALAVRAS-CHAVE: Fisiognomia; Retórica; *techne*; *episteme*; *ethos*; *actio*.

ABSTRACT

The present thesis has basically two main objectives: to translate a physiognomical treatise, named *De Physiognomia Liber*, by an unknown writer, probably from the 4th century; and also to study physiognomy, comparing concepts from different manuals. There is very little information about physiognomy in ancient texts. Nevertheless, physiognomical analysis was used in classical poetry and prose as a mechanism to represent *pathos* or *ethos*. Usually considered as *techne*, its status has been questioned because physiognomy was also a method of divination. Many theoreticians, including Plato and Aristotle, discuss several aspects which concern physiognomical theory, such as the influence of humours on a person's character, as well as the analogies between humans and animals. Physiognomy is related to medicine if we consider the theory of the humours, and also one of the physiognomical methods, the ethnological, which attributes specific features to *ethos* according to the influence of the environment where one lives, this is a statement already present in Hippocratic *corpus*. Besides, we try to observe the presence of physiognomical elements in both rhetorical *actio* and classical literature. Thus, the employment of physiognomical concepts is what some researchers call "physiognomical consciousness", which exists since Homer.

KEYWORDS: Physiognomy; Rhetoric; *techne*; *episteme*; *ethos*; *actio*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, Paulo Martins, pelo acompanhamento em minha trajetória acadêmica desde a Iniciação Científica e pela compreensão e paciência ao longo destes anos.

Agradecimento especial aos professores Marcos Martinho dos Santos e Paulo Sérgio de Vasconcellos (UNICAMP) que compuseram a banca de qualificação e apontaram questões importantes a serem revistas e discutidas nesta tese. Agradeço também aos professores Brunno V. G. Vieira, João Angelo O. Neto, João Batista T. Prado e, novamente, Marcos M. dos Santos que aceitaram o convite para compor a banca de defesa e contribuíram para algumas correções da versão revisada.

É preciso também agradecer a todos os professores do curso de graduação e pós-graduação de Letras Clássicas da FFLCH/ USP, fundamentais na minha formação e cujas contribuições foram essenciais na realização da pesquisa.

À CAPES, pela bolsa concedida, indispensável para a realização desta pesquisa.

A todos os membros do grupo de estudos Imagens da Antiguidade Clássica pelo auxílio e amizade durante o percurso.

Agradeço a paciência e apoio de todos os amigos que sempre me ouviram falar da pesquisa e procuraram me ajudar de alguma maneira. É injusto mencionar apenas alguns destes amigos, devo, contudo, especial agradecimento à Maria Fernanda e à Thaís, latinistas que acompanharam e ajudaram em algumas discussões importantes para meu estudo, e também à amiga Larissa, que me ouviu falar quase todos os dias do doutorado.

Por fim, os mais importantes, sem os quais nada disso seria possível: um grande agradecimento aos meus irmãos e amigos Anderson, Osmar e Renato (por ordem de idade, não de importância); e à minha mãe, Lindinalva, minha primeira professora e a quem devo o gosto pelos estudos, que me incentivou diariamente durante a realização da pesquisa.

“Your face, my thane, is as a book, where men may read strange matters.”

William Shakespeare, *Macbeth* (1.5.62–63)

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

Graciliano Ramos, *Vidas Secas* (2008, p. 20)

MATRI

SUMÁRIO

Introdução	8
PARTE I - De <i>Physiognomonia Liber</i>: considerações a respeito do <i>ethos</i> e da fisiognomonia em textos da Antiguidade Clássica	
1. Fisiognomonia – Um breve histórico e conceituação	12
1.1. Medicina antiga e fisiognomonia	13
1.2. Investigação acerca do conceito de fisiognomonia – <i>techne</i> , <i>episteme</i> , divinação	19
1.3. Histórico da fisiognomonia e seus tratados	32
2. De <i>Physiognomonia Liber</i> – Livro de Fisiognomonia	54
2.1. Os métodos fisiognomônicos	56
2.2. Princípios gerais	66
2.3. Descrições fisiognomônicas	77
2.3.1. Cabeça	78
2.3.2. Parte superior do corpo	158
2.3.3. Parte inferior do corpo	169
2.4. Uma análise etnológica	176
2.5. Análises zoológicas	178
2.6. Tipologia ética segundo a tradição fisiognomônica	186
3. Fisiognomonia e retórica	196
3.1. <i>Actio/ Pronuntiatio</i> e algumas noções fisiognomônicas	209
4. A presença da fisiognomonia em textos da Antiguidade Clássica	237
4.1. Virgílio – <i>Eneida</i>	237
4.1.1. Algumas imagens na poesia épica de Homero	237
4.1.2. <i>Eneida</i>	242
4.2. Suetônio	254
4.2.1. <i>Divino Júlio</i>	257
4.2.2. <i>Divino Augusto</i>	263
4.2.3. <i>Tibério</i>	270
4.2.4. <i>Calígula</i>	274
4.3. Marcial – <i>Epigramas</i>	282
4.4. Filóstrato – <i>Panteia</i>	298
4.5. Outros exemplos	305

Considerações Finais	323
Referências bibliográficas	327
PARTE II – Tradução	
Introdução	339
<i>De Physiognomonia Liber/ Livro de Fisiognomonia</i>	342

INTRODUÇÃO

O estudo da fisiognomonia proposto na presente pesquisa se dá a partir das considerações obtidas com a tradução do *De Physiognomonia Liber*, manual de fisiognomonia do século IV, de autoria anônima, cujo conteúdo dialoga com outros manuais da Antiguidade. É importante ressaltar que há uma tradução em português não publicada desse tratado de fisiognomonia, resultado da pesquisa de iniciação científica de Leonardo Davine Dantas, sob a supervisão do professor Paulo Sérgio de Vasconcellos¹, cujo acesso não foi possível, visto que não há qualquer versão disponível para consulta.

O estatuto da fisiognomonia é assunto controverso já desde a Antiguidade e persiste nos dias atuais; é seguro afirmar que diversos povos fizeram uso desta prática. Desde sua origem, a fisiognomonia já apresentava traços da astrologia e da divinação, práticas pouco apreciadas na cultura ocidental, de maneira que ganhou contornos mais científicos na cultura greco-romana, onde encontramos muitas referências à fisiognomonia e as primeiras sistematizações de uma teoria fisiognomônica.

Ao longo do tempo, passou a ser considerada ciência ou arte e sua finalidade varia de acordo com os estudiosos do assunto e com a cultura da época. O foco deste estudo é a fisiognomonia na antiga cultura greco-romana, contudo, inúmeros artistas ou estudiosos, a partir do século XVI, contribuíram para a manutenção da bibliografia, não apenas com a elaboração de novos manuais, mas sobretudo pelas pesquisas sob a influência dos tratados mais antigos; é neste período inclusive que se elabora um repertório imagético que permite a associação com os tipos estabelecidos nos tratados antigos.

Giambattista Della Porta, por exemplo, em *De Humana Physiognomia* (1586) elaborou imagens de homens com traços de animais, conforme observaremos em algumas ilustrações inseridas nesta tese. Charles Le Brun, pintor, em *Conferência sobre Expressões das Paixões da Alma em Geral e Particulares* (1668), expõe diversas expressões do rosto que revelam as emoções. Leonardo da Vinci também adota princípios fisiognomônicos para técnica de retratos, mas recusa a fisiognomonia e a quiromancia como ciências capazes de conhecer o caráter do homem, para ele, a fisiognomonia serve para reconhecer as expressões que manifestam emoções². Johann Caspar Lavater

¹ Tradução da obra *De physiognomonia liber e estudo sobre a fisiognomonia*. Instituto de Estudos da Linguagem/ Unicamp. Instituição de fomento: FAPESP, 1998.

² 288. “Della fallace fisionomia e chiromanzia non mi estenderò, perchè in esse non è varietà; e questo si manifesta perchè tali chimere non hanno fondamenti scientifici. Vero è che i segni de’ volti mostrano in parte la natura degli uomini. [...]” In: *Trattato della pittura* (1490-1517).

(*Ensaio de Fisiognomonia* – 1797) é outro teórico com ensaios de fisiognomonia contendo ilustrações, cujos preceitos foram retomados por áreas da ciência moderna, como a antropologia, e que despertou o interesse da sociedade contemporânea, como ressalta Boille³, mas a fisiognomonia não ganhou validade científica neste período.

A fisiognomonia não tem um papel de destaque nas teorias da filosofia, retórica e poética da Antiguidade, mas seu emprego pode ser percebido com frequência em áreas diversas do conhecimento. Em nossa pesquisa, avaliaremos elementos que podem ser depreendidos do tratado fisiognomônico para estabelecer, desta maneira, certa relação entre os preceitos fisiognomônicos e os retórico-poéticos.

Analisaremos os tipos de *ethos* listados pelo Anônimo, mas veremos que, diversas vezes, a constituição física descrita corresponde a uma disposição anímica momentânea, indicando um *pathos*.

Em razão da complexidade em definir a fisiognomonia e comprovar seu uso na Antiguidade Clássica, dividimos a pesquisa em várias etapas.

Propomos, ainda, que a teoria fisiognomônica expõe elementos úteis à *actio* retórica, segundo a tradição retórica que relaciona a expressão do semblante, a voz e os gestos à eficiência do discurso. Cícero, em *Orador*, XVIII, 59-60, explica que o orador deve adequar elementos corpóreos durante o discurso, logo, um bom orador deve: variar e modular a voz e também fazer uso dos gestos sem ser excessivo, o pescoço, por exemplo, não pode mover-se delicadamente, e é preciso projetar o corpo inteiro de modo condizente ao discurso, estendendo os braços em momento de contenda e contraí-los em momentos calmos. Ele destaca o valor dos olhos, que também são trabalhados para compor a expressão, ao afirmar que assim como o rosto é a imagem da alma, os olhos são indícios desta imagem (*Nam ut imago est animi uultus sic indices oculi*).

Nos capítulos destinados à movimentação do corpo e à voz em *De Physiognomonia Liber*, temos uma teorização próxima dos ensinamentos retóricos ao orador durante a *actio*.

Por fim, analisaremos a presença de elementos fisiognomônicos em textos de diversos gêneros, ainda que a teoria transmitida pelos manuais não pareça ser estritamente seguida pelos autores, observa-se a existência do que alguns teóricos chamam consciência

³ *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. “Fisiognomia: Arte de escrever história com imagens”. São Paulo: Edusp, 2.ed., 2000. Cf. Introdução (5) do livro.

fisiognomônica⁴, tendo em vista a aproximação constante que muitos autores fazem entre aparência e caráter ou emoções. Ao longo deste estudo, aproveitaremos a ideia de consciência fisiognomônica para analisar a presença da fisiognomonía em diversas obras da Antiguidade.

Vale lembrar brevemente o conceito de *ethos* para entender sob que acepção adotamos o termo nesta pesquisa. O vocábulo grego ἦθος abrange uma diversidade de significados, dentre os quais destacamos alguns extraídos do dicionário *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français* de Bailly⁵: lugar onde vive; caráter habitual; costumes; maneira de ser de um indivíduo, caráter; disposição da alma; caráter de uma cidade; impressão moral. O uso do singular, como afirma Frédérique Woerther (2007)⁶, remete geralmente ao temperamento natural e à maneira habitual do comportamento de uma pessoa ou de um animal, mas é difícil de saber se estes se manifestam pela natureza ou como resultado da educação e dos costumes.

O termo ἦθος foi amplamente usado pelos filósofos e poetas com sentido variável. Paulo Martins cita em Platão usos distintos da palavra, condizentes com o critério de Woerther:

Vale dizer que ἦθος para o preclaro ateniense é trabalhado em dois significados distintos conforme o número: no singular, como caráter moral em oposição ao físico – e esse é o caso da referida citação, assim como em *Fedro* 243c e na *República* 402d – e, ainda, no plural, como costumes, hábitos, como em *Górgias* 484d e o *Banquete* 195e. (p. 41-2)⁷

O ἦθος é tema muito discutido por Aristóteles em sua *Retórica* ao versar a respeito do orador (livro I) – acerca do qual falaremos na discussão da *actio* – e também os tipos de caráter em cada estágio da vida (livro II), pois variam segundo as paixões, os hábitos, a idade e a fortuna (1388b). É fundamental a discussão do *ethos* na *Poética* do estagirista que estabelece o *ethos* como um critério de imitação para os gêneros poéticos, cujos personagens devem apresentar-se com *ethos* adequado ao gênero e ao personagem representado (1449b-1450a/ 1454a).

Na *Retórica* aristotélica, o conceito do *ethos* nas diferentes fases da vida da insere o πάθος como critério que, por sua vez, é fundamental na teoria fisiognomônica, visto

⁴ Cf. as obras: EVANS, E. C. “Physiognomics in the Ancient World”. In: *Transactions of the American Philosophical Society*, New Series, v. 59, No. 5, p. 1-101, 1969; AUBERT, J. J. *La méthode zoologique dans les traités de physiognomonie*. Université de Neuchâtel – Faculté des lettres et sciences humaines/Sciences de l’Antiquité, 2004 ; POPOVIĆ, Mladen. *Reading the Human Body*. Leiden-Boston: Brill, 2007.

⁵ BAILLY, Anatole. *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1901.

⁶ *L’èthos aristotélicien. Genèse d’une notion rhétorique*. Cf. p. 123-24 do livro a respeito desta afirmação.

⁷ *Elegia Romana. Construção e efeito*. São Paulo: Humanitas, 2009.

que o conhecimento fisiognomônico é permeado pela relação entre o *pathos* e certas alterações físicas correspondentes que podem ser detectadas na mudança anímica. Aristóteles assim define os πάθη, 1378a:

ἔστι δὲ τὰ πάθη δι' ὅσα μεταβάλλοντες [1378a.20] διαφέρουσι πρὸς τὰς κρίσεις οἷς ἔπεται λύπη καὶ ἡδονή, οἷον ὀργή ἔλεος φόβος καὶ ὅσα ἄλλα τοιαῦτα, καὶ τὰ τοῦτοις ἐναντία.⁸

As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias. [Tradução: Manuel A. Júnior *et alii*]⁹

O *pathos* caminha ao lado do *ethos* na fisiognomonía, visto que o controle da expressão por parte dos oradores, por exemplo, é na verdade a representação de uma emoção momentânea enquadrando-se na finalidade do discurso; já o *ethos* do orador é uma impressão que pode ser construída no discurso ou mesmo precedê-lo e que contribui para mover o ouvinte.

A consciência fisiognomônica que perpassa a literatura antiga é composta de inúmeras imagens referentes às mudanças anímicas, cujo repertório parece advir de lugares-comuns da sociedade que se cristalizaram ao longo do tempo e cuja explicação, muitas vezes, baseia-se na teoria médica. De fato, no *corpus* hipocrático encontramos os primeiros estudos destinados ao campo da fisiognomonía e é inegável o parentesco desta com a medicina.

Os tratados de fisiognomonía expõem os traços físicos como sinais distintivos de um *ethos* determinado, lembrando a classificação de tipos proposta n' *Os Caracteres* de Teofrasto, no entanto, veremos que o método de descrição deste último é bem distinto, já que prioriza o comportamento próprio de cada tipo apresentado.

Por fim, uma observação, em alguns momentos desta tese, realizaremos a comparação da obra *De Physiognomonía Liber* com os tratados de Pseudo-Aristóteles, Polemão e Adamantio, nestes casos, citaremos a referência da obra consultada, uma vez que não há traduções publicadas em língua portuguesa.

⁸ Todas as citações dos textos em grego desta tese são provenientes do *Thesaurus Linguae Graecae*, the Packard Humanities Institute, cuja fonte é digital: *Diogenes* (version 3.1.6) is © 1999-2007 P.J. Heslin.

⁹ Adotamos, para todas as citações da *Retórica* de Aristóteles, a tradução de Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto & Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Casa da Moeda, 1998.

***De Physiognomonica Liber*: considerações a respeito do *ethos* e da fisiognomonica em textos da Antiguidade Clássica**

1. Fisiognomonica – Um breve histórico e conceituação

O termo “fisiognomonica” é de origem grega (φυσιогνωμονία) e apresenta a seguinte acepção no *Dicionário Houaiss*¹⁰: arte de conhecer o caráter do indivíduo a partir de suas feições. O *Greek-English Lexicon*¹¹ traz φυσιогνωμονία como a ciência ou arte de julgar um homem por meio de suas características físicas e traz dentre as obras de referência *Epidemias* (II, 5-6) do *corpus* hipocrático e o manual Φυσιогνωμονικα equivocadamente atribuído a Aristóteles, a respeito do qual detalharemos em breve e chamaremos doravante Pseudo-Aristóteles.

Analisando a composição da palavra φυσιогνωμονία, estão presentes as palavras φύσις e γνώμων. Φύσις remete à natureza do corpo, bem como da alma; γνώμων é um adjetivo que significa aquele que conhece, compreende, interpreta, derivado de γινώσκω, um verbo cuja primeira acepção que significa “julgar” e que serve como elemento compositivo de inúmeras palavras em grego.

Segundo André Lalande¹², a fisiognomonica é a “ciência da relação entre o caráter e o aspecto físico dos indivíduos e especialmente entre o caráter e os traços do rosto. Arte de adivinhar o caráter a partir desses signos exteriores”.

Antes de aprofundarmos o estudo da obra aqui traduzida, trataremos da definição e histórico da fisiognomonica, partindo, sempre que possível, de fontes antigas, mas também de alguns teóricos modernos que oferecem pesquisa detalhada a respeito da fisiognomonica.

A princípio, a fisiognomonica pode ser entendida como uma ciência cujo diagnóstico do caráter é feito a partir das características físicas do indivíduo. É possível, ainda, associá-la às ciências médicas e à prática divinatória, conforme veremos ao longo deste capítulo.

Em *Fédon*, Platão afirma existir relação entre os elementos corpóreos e a alma ao mostrar a correspondência de cada tipo de alma aos animais em que poderia estar presente:

¹⁰ Adotaremos sempre como referência aos termos da língua portuguesa o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

¹¹ LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented by Sir Henry S. Jones. Oxford: Clarendon Press, 1996.

¹² LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Tradução: Fátima Sá Correa et alii. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

81. E – 82. B ἐνδοῦνται δέ, ὥσπερ εἰκός, εἰς τοιαῦτα ἦθη ὅποι' ἄττ' ἂν καὶ μεμελετηκυῖαι τύχωσιν ἐν τῷ βίῳ.

Τὰ ποῖα δὴ ταῦτα λέγεις, ὦ Σώκρατες;

Οἷον τοὺς μὲν γαστριμαργίας τε καὶ ὕβρεις καὶ φιλοποσίας μεμελετηκότας καὶ μὴ διηυλαβημένους εἰς τὰ τῶν ὄνων γένη καὶ τῶν τοιούτων θηρίων εἰκὸς ἐνδύεσθαι. ἢ οὐκ οἶει;

Πάνυ μὲν οὖν εἰκὸς λέγεις.

Τοὺς δέ γε ἀδικίας τε καὶ τυραννίδας καὶ ἀρπαγὰς προτετιμηκότας εἰς τὰ τῶν λύκων τε καὶ ἱεράκων καὶ ἰκτίνων γένη· ἢ ποῖ ἂν ἄλλοσέ φαμεν τὰς τοιαύτας ἰέναι;

XXXI. Como é natural, [as almas]¹³ voltam a ser aprisionadas em naturezas de costumes iguais aos que elas praticaram em vida.”

“A que naturezas te referes, Sócrates?”

“É o seguinte: as que eram dadas à glotonaria, ao orgulho ou à embriaguez desbragada, entram naturalmente nos corpos de asnos | e de animais congêneres. Não te parece?”

“Falas com muita propriedade.”

“As que cometeram injustiças, tirania ou rapina, passam para a geração dos lobos, dos açores e dos abutres [...]”.

“Logo”, disse, “os mais felizes e que vão para os melhores lugares são | os que praticam a virtude cívica e social que denominamos temperança e justiça, por força apenas do hábito e da disposição própria, sem a participação da filosofia e da inteligência”.

“Por que serão esses os mais felizes?”

“Por ser natural que passam para uma raça sociável e mansa, de abelhas, vespas ou formigas, ou até para a mesma raça, a humana, a fim de gerarem seres moderados. [Tradução: Carlos A. Nunes]¹⁴

1.1. Medicina antiga e fisiognomonía

Galeno (II d.C.) – célebre médico romano da Antiguidade que traz, em diversas obras, elementos da medicina antiga, constituindo-se numa fonte teórica para alguns princípios fisiognomônicos – afirma em *As faculdades da alma seguem os temperamentos do corpo*¹⁵, §7, que Hipócrates, por muitos considerado o pai da medicina, seria o

¹³ Texto entre colchetes nosso.

¹⁴ Platão. *Fédon*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2011.

¹⁵ Não há edição deste livro em português, portanto, fizemos tradução livre do título “*Quod animi mores sequuntur temperamenta corporis*” ou ΓΑΛΗΝΟΥ ΟΤΙ ΤΑΙΣ ΤΟΥ ΣΩΜΑΤΟΣ ΚΡΑΣΕΣΙΝ ΑΙ ΤΗΣ ΨΥΧΗΣ ΔΥΝΑΜΕΙΣ ΕΠΙΟΝΤΑ. Regina A. Rebollo (2007) sugere *A dependência que a alma tem do corpo* – Cf. artigo “GALENO DE PÉRGAMO (129-200 D.C.): A saúde da alma depende da saúde do corpo”.

fundador da fisiognomonia, proposição discutível da qual trataremos ao longo do capítulo¹⁶.

No *corpus hippocraticum*, há uma seção dedicada à fisiognomonia que, segundo, Marie-Hélène Marganne¹⁷, é onde se encontra as primeiras ocorrências conhecidas da palavra *physiognomonia*; trata-se do livro II, 5-6, de *Epidemias* em que há algumas descrições típicas dos tratados fisiognomônicos associando a condição física, problemas de saúde e caráter das pessoas.

Aulo Gélío (II d.C.), por sua vez, atribui o uso da fisiognomonia a Pitágoras, filósofo grego (VI a.C.) pois, segundo afirma em *Noites Áticas*, I, 9, Pitágoras analisava os candidatos que tentavam ingressar em sua escola por meio da observação fisiognomônica, avaliando seu caráter e capacidade.

*Ordo atque ratio Pythagorae ac deinceps familiae <et> successionis eius recipiendi instituendique discipulos huiusmodi fuisse traditur: Iam a principio adulescentes, qui sese ad discendum obtulerant, ἐφυσιογνωμόνει. Id uerbum significat mores naturasque hominum coniectatione quadam de oris et uultus ingenio deque totius corporis filo atque habitu sciscitari. Tum qui exploratus ab eo idoneusque fuerat, recipi in disciplinam statim iubebat et tempus certum tacere [...]*¹⁸.

O método progressivo de Pitágoras, e depois o de sua escola e sucessores, de receber e formar discípulos, conta-se ter sido deste modo: já de início os jovens que se haviam apresentado para aprender “eram avaliados por fisiognomonia” (ἐφυσιογνωμόνει). Essa palavra significa serem suscitados costumes e naturezas dos homens a partir de certa conjectura acerca da qualidade natural do rosto e do vulto e acerca dos traços todos do corpo e também acerca da compleição. Então aquele que tinha sido examinado por ele e considerado idôneo, imediatamente ele ordenava ser recebido na escola, e o mandava calar-se por tempo determinado [...]. [Tradução: José R. Seabra]¹⁹

¹⁶ Galeno: “Voilà ce qu’a écrit Aristote dans le premiere livre de l’*Histoire des animaux*, et il rappelle un grand nombre d’autres observations de physiognomonie dans un autre traité; j’en aurais ajouté quelques passages, si je ne craignais de me voir attribuer la réputation de faire de longs discours et de perdre inutilement du temps, puisqu’il m’est possible de citer le témoignage du premier de tous les médecins et philosophes à avoir découvert cette théorie, le divin Hippocrate.” Tradução: V. Barras, T. Birchler & Anne-France Morand. In: *Galien. L’âme et ses passions*. Paris: Les Belles Lettres, 1995. Acerca dessa discussão, conferir os artigos: EVANS, E., op. cit.; MISENER, G. “Loxus, Physician and Physiognomist”. In: *Classical Philology*, v. XVIII, nº1, p. 1-22, 1923; JOLY, R. “La caractérologie antique jusqu’à Aristote”. In: *Revue belge de philologie et d’histoire*, v. 40 fasc. 1, p. 5-28, 1962 – Cf. p. 12.

¹⁷ “De la physiognomonie dans l’Antiquité Greco-Romaine”. In: DUBOIS, P. & WIKIN, Y. *Rhétoriques du corps*. Bruxelas: DeBoeck Université, p. 13-24, 1988. Cf. p. 17.

¹⁸ A. Gellius. *Noctes Atticae* 1–20 (A. Gelli *Noctes Atticae*. Vols. 1–2, ed. K. Marshall, 1968).

¹⁹ AULO GÉLIO. *Noites Áticas*. Tradução e notas: José R. Seabra/ Introdução: Bruno Fregni Basseto. Londrina: Eduel, v. 1, 2010.

Acrescenta-se ainda que o grego Loxo (período incerto, possivelmente do século III a.C.) era médico e foi mencionado pelo Anônimo como autor de um dos tratados de fisiognomonía da Antiguidade.

Há uma temática constantemente citada como ponto de contato entre fisiognomonía e medicina, trata-se da teorização acerca dos humores, supondo-se a associação da aparência com o caráter e temperamento do indivíduo; além disso, a fisiognomonía etnológica já se observa na obra hipocrática, conforme veremos em breve. Em razão disso, muitos princípios da teoria médica antiga são elementos importantes à fisiognomonía.

No momento oportuno, verificaremos como a circulação do sangue influencia na personalidade dos homens segundo os tratados fisiognomônicos.

Os humores são quatro fluidos corporais: o sangue, a fleuma, a bile negra e a bile amarela. O médico Alcmeão²⁰ de Crótona (V a.C.), médico pitagórico, parece ter sido o primeiro a mencionar que a saúde é a mistura (*krasis*²¹ ou *temperamentum* em latim) das qualidades primárias associadas a tais humores que se combinam em pares, são elas: frio, quente, seco e úmido. O sangue é quente e úmido, a fleuma, fria e úmida, a bile amarela, quente e seca, a negra, fria e seca. Segundo Alcmeão²², é preciso haver isonomia entre estas qualidades primárias para que seja saudável, caso haja predominância de algum, resultará em doenças. Henrique F. Cairus comenta esta teoria em introdução do livro *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*²³:

[...] De fato, a contribuição de Alcmeón de Crotona para a teoria humoral é notada muito claramente a partir do fragmento 4DK:

Alcmeón disse ser a constituição da saúde o equilíbrio das propriedades: o úmido, o seco, o frio, o quente, o amargo, o doce, etc., e a produção da doença é a prevalência nas pessoas de uma delas, pois a destruição consiste na prevalência [μοναρχία] de uma delas. Assim a doença sobrevém de uma parte quando causada pelo excesso de calor ou frio, ou de outra, quando

²⁰ EVANS, E., op. cit., cf. p.17 do artigo.

²¹ Dentre as definições no dicionário de Bailly, op. cit., o sentido figurado de κράσις é a mistura de forças ou qualidades morais, no que concerne à alma.

²² O fragmento apresenta passagens incertas conforme comentado por Cairus: v 30 1 (D. 442) Ἀ. τῆς μὲν ὑγείας εἶναι συνεκτικὴν τὴν <ισονομίαν> τῶν δυνάμεων, ὑγροῦ, ξηροῦ, ψυχροῦ, θερμοῦ, πικροῦ, γλυκεῖος καὶ τῶν λοιπῶν, τὴν δ' ἐν αὐτοῖς <μοναρχίαν> νόσου ποιητικὴν· φθοροποιὸν γὰρ ἑκατέρου μοναρχίαν. καὶ νόσον συμπίπτειν 4.5 ὥς μὲν ὑφ' οὗ ὑπερβολῇ θερμότητος ἢ ψυχρότητος, ὥς δὲ ἐξ οὗ διὰ πλῆθος τροφῆς ἢ ἔνδειαν, ὥς δ' ἐν οἷς ἢ * αἷμα ἢ μυελὸν ἢ ἐγκέφαλον. ἐγγίνεσθαι δὲ τούτοις ποτὲ καὶ τῶν ἔξωθεν αἰτιῶν, ὑδάτων ποιῶν (?) ἢ χώρας ἢ κόπων ἢ ἀνάγκης ἢ τῶν τούτοις παραπλησίων. τὴν δὲ ὑγίαν τὴν σύμμετρον τῶν ποιῶν κράσιν.

²³ CAIRUS, Henrique F. & RIBEIRO Jr., Wilson A. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

devido à abundância ou à carência de um alimento, o que ocorre em partes como o sangue, a medula ou o cérebro. [...] [Tradução: Henrique F. Cairus]

Grmek (1995, pp.215-7) lembra que a versão compilada e traduzida acima, a estabelecida por Diels e Kranz, é uma reconstituição do testemunho de Aécio, que, por sua vez, é baseado em duas fontes distintas, um texto de Estobeu e uma passagem de Plutarco reconstituída a partir de manuscritos que divergem consideravelmente no fragmento em questão. [...]

Os hipocráticos defendem que as condições da mente estão conectadas às do corpo, cuja condição depende dos humores; é o que se observa em *Humores*, VIII, em que o autor discorre acerca de suas alterações nas diferentes estações e as doenças provocadas por esse fenômeno, as quais podem ser identificadas por sinais físicos. Na mesma obra hipocrática, IX, destacam-se três tipos de alterações, os sintomas físicos, as características morais e o comportamento do corpo; acerca desta última ordem de alteração, afirma-se que o corpo se manifesta de maneira distinta diante de cada mudança anímica, tal como o medo ao avistar uma cobra que provoca palidez. Vemos, a um só tempo, a teoria dos humores ser relacionada à aparência, ao *ethos* e ao *pathos*.

Em *Da natureza do homem*, Hipócrates retoma o princípio da harmonia dos humores:

4. Τὸ δὲ σῶμα τοῦ ἀνθρώπου ἔχει ἐν ἑαυτῷ αἷμα καὶ φλέγμα καὶ χολὴν ξανθὴν τε καὶ μέλαιναν, καὶ ταῦτ' ἐστὶν αὐτέῳ ἡ φύσις τοῦ σώματος, καὶ διὰ ταῦτα ἀλγέει καὶ ὑγιαίνει. Ὑγιαίνει μὲν οὖν μάλιστα, ὁκόταν μετρίως ἔχη ταῦτα τῆς πρὸς ἄλληλα κρήσιος καὶ δυνάμιος καὶ τοῦ πλήθους, καὶ μάλιστα μεμιγμένα ἢ· ἀλγέει δὲ ὁκόταν τι τουτέων ἔλασσον ἢ πλεον ἢ ἢ χωρισθῇ ἐν τῷ σώματι καὶ μὴ κεκρημένον ἢ τοῖσι ζύμπασιν.

4. O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra; esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. [...] [Tradução Henrique F. Cairus]²⁴

A antiga teoria dos humores perdura por um longo período e perpassa inúmeras obras da Antiguidade; o equilíbrio será associado por outros teóricos da Antiguidade com a saúde não só física como também a mental, tais como Parmênides (VI-V a.C), Empédocles (V. a.C.) e Teofrasto (IV-III a.C.), em *De sensu et sensibilibus*.

²⁴ In: CAIRUS, Henrique F. & RIBEIRO Jr., Wilson A., op. cit.

É possível identificar também em Platão a proposição de que os humores exercem influência sobre a disposição anímica em *Timeu*:

κακὸς μὲν γὰρ ἐκὼν οὐδεὶς, διὰ δὲ πονηρὰν ἔξιν τινὰ τοῦ σώματος καὶ ἀπαίδευτον τροφήν ὁ κακὸς γίγνεται κακός, παντὶ δὲ ταῦτα ἐχθρὰ καὶ ἄκοντι προσγίγνεται. καὶ πάλιν δὴ τὸ περὶ τὰς λύπας ἢ ψυχῇ κατὰ ταῦτα διὰ σῶμα πολλὴν ἴσχει κακίαν. ὅτου γὰρ ἂν ἡ τῶν ὀξέων καὶ τῶν ἀλυκῶν φλεγμάτων καὶ ὅσοι πικροὶ καὶ χολώδεις χυμοὶ κατὰ τὸ σῶμα πλανηθέντες ἔξω μὲν μὴ λάβωσιν ἀναπνοήν, ἐντὸς δὲ εἰλλόμενοι τὴν ἀφ' αὐτῶν ἀτμίδα τῇ τῆς ψυχῆς φορᾷ συμμείξαντες ἀνακερασθῶσι, παντοδαπὰ νοσήματα ψυχῆς ἐμποιοῦσι μᾶλλον καὶ ἥττον καὶ ἐλάττω καὶ πλείω, πρὸς τε τοὺς τρεῖς τόπους ἐνεχθέντα τῆς ψυχῆς, πρὸς ὃν ἂν ἕκαστ' αὐτῶν προσπίπτῃ, ποικίλλει μὲν εἶδη δυσκολίας καὶ δυσθυμίας παντοδαπά, ποικίλλει δὲ θρασύτητός τε καὶ δειλίας, ἔτι δὲ λήθης ἅμα καὶ δυσμαθίας.

Ninguém é mau por deliberação própria; os homens só se tornam ruins por educação mal dirigida ou alguma disposição viciosa do organismo, duas condições desagradáveis para toda a gente, que ninguém aceita de bom grado. O mesmo passa com as dores, fonte de grandes vícios para a alma, por intermédio do corpo. Quando os humores da pituita ácida e salina ou os biliosos e amargos erram pelo corpo sem encontrar nenhum respiradouro, retidos no interior, entram de agitar-se e misturam seus vapores com os movimentos da alma, produzindo nela toda a sorte de perturbações, de número e gravidade variáveis. Abrindo caminho na direção das três sedes da alma, de acordo com a região invadida produzem formas de morosidade e desalento, audácia ou timidez, esquecimento ou preguiça mental. [86d - 87a. Tradução: Carlos A. Nunes]²⁵

Aristóteles, acredita-se, desenvolveu a proposição dos humores de modo a explicar o indivíduo melancólico, em obra a ele atribuída, *Problemata*, XXX, 953a - 955a²⁶. Aqui se observa que todos aqueles que se sobressaíram nas artes, na filosofia, na poesia e na política são melancólicos, pois há preponderância de bile negra nestes; tais pessoas são luxuriosas e na aparência são magros, de veias saltadas. As condições da bile negra indicam traços distintos da personalidade: se for muito fria, são torpes e estúpidos; se quente, exaltados e propícios à ira e ao desejo; a temperatura equilibrada representa indivíduos mais racionais e superior aos demais em qualquer área que atue.

²⁵ PLATÃO – DIÁLOGOS. *Timeu – Crítias. O Segundo Alcebiades. Hípias Menor*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Coordenação de Benedito Nunes. Belém: Editora Universidade UFPA, 3ªed. rev., 2001.

²⁶ Recomenda-se a leitura da dissertação de mestrado de Maria Teresa V. Lousa em Teoria das Artes: *Francisco de Holanda: Ecos do Classicismo em Portugal*. Orientador: Dr. José Frenandes Pereira. Faculdade de Belas Artes/ Universidade de Lisboa, 2004. Cf. capítulo “Origem e renascimento da defesa de uma personalidade artística”.

Ainda que haja dúvida quanto à autoria, também é possível reconhecer a presença desta teoria em *Partes dos animais*, no livro II, em que Aristóteles fala a respeito da variação do sangue²⁷ e as características decorrentes dele.

O médico Galeno desenvolveu a teoria dos humores em seus tratados, retomando as proposições observadas nos estudiosos anteriores. A classificação dos homens com base nos humores do corpo só foi sistematizada por um médico árabe que traduziu as obras de Galeno, Johannitius²⁸, apenas no século IX, que constitui na verdade uma ordenação dos elementos desta teorização que se consolidou ao longo do tempo, com diversos teóricos: o melancólico, o fleumático, o colérico e o sanguíneo.

Plínio, em *História Natural*, no livro XI, 78, 193, comenta que na bile negra, *fel*, também chamada *bilis*, reside a causa da insanidade e é tão venenosa que envenena o ânimo e o corpo, de modo que se for excretado, a morte acompanha. O tradutor da edição espanhola Gredos²⁹, vê nessa passagem uma alusão à icterícia, porque tira até mesmo a cor dos olhos. A respeito dos animais, Plínio relaciona o sangue ao caráter, pois quando for copioso e grosso indica as pessoas iracundas; o sangue mais espesso indica os mais fortes; se for mais fino, os mais sábios; aqueles que quase não tiverem sangue, ou mesmo nada, são os mais covardes (90, 221-22). O sangue nos homens altera-se de acordo com o estado anímico, tais como a palidez no medo e o rubor de ira ou pudor (91, 224). Apenas os homens variam em sua coloração porque a quantidade de sangue é reduzida nas doenças e na morte (91, 225).

²⁷ Galeno transcreve esta passagem da obra de Aristóteles, 648a: “7. Plus le sang épais et chaud, plus il est apte à engendrer la force, plus il est subtil et froid, plus il favorise la sensation et l’intelligence. La même différence existe pour les animaux qui ont un analogue du sang ; c’est pourquoi les abeilles et d’autres animaux de cette sorte sont plus sensés par nature que beaucoup d’autres pourvus de sang. Parmi ces derniers, ceux qui ont un sang froid et subtil sont plus sensés que ceux qui sont dans le cas contraire. Les meilleures sont ceux qui l’ont chaud, subtil et pur, car ils sont à la fois enclins au courage et au bon sens. C’est pourquoi aussi les parties supérieures ont la même différence à l’égard des inférieures, le masculin à l’égard du féminin, les parties droites du corps à l’égard des parties gauches.” In: *Galien. L’âme et ses passions*, op. cit.

²⁸ Acerca desta afirmação cf. Evans, op. cit., cf. p. 18 do artigo.

²⁹ Tradução e notas: E. DEL BARRIO SANZ, I. GARCIA ARRIBAS, A. M.a MOURE CASAS, L. A. HERNANDEZ MIGUEL, M.a L. ARRIBAS HERNAEZ. Madri: Editorial Gredos, v. 308, 2003.

1.2. Investigação acerca do conceito de fisiognomonía – *techne*, *episteme*, divinação

Considerando-se o contexto até aqui apresentado, a fisiognomonía pode ser inserida na medicina, esta, por sua vez, é tradicionalmente definida como *techne*, conceito usualmente associado à arte. O *Corpus hippocraticum* discute a definição de *techne* e corrobora tal definição, situando a medicina entre as artes.

1. Ἱητρικὴ τεχνέων μὲν πασέων ἐστὶν ἐπιφανεστάτη· διὰ δὲ ἀμαθίην τῶν τε χρεομένων αὐτῇ, καὶ τῶν εἰκῇ τοὺς τοιούσδε κρινόντων, πολὺ τι πασέων ἤδη τῶν τεχνέων ἀπολείπεται.

1. A medicina é a mais notável de todas as artes, mas no momento, por ignorância dos que a praticam e daqueles que julgam tais pessoas de forma irrefletida, está em posição muito inferior a todas as demais artes. [...] [*Lei* – Tradução: Wilson A. Ribeiro Junior. Grifo nosso]³⁰

2. [...] Μὴ ὀκνέειν δὲ καὶ παρὰ ἰδιωτέων ἱστορέειν, ἣν τι δοκέη συνοίσειν εἰς καιρὸν θεραπείης. Οὕτω γὰρ δοκέω τὴν ξύμπασαν τέχνην ἀναδειχθῆναι, διὰ τὸ ἐξ ἐκάστου τοῦ τέλους τηρηθῆναι καὶ εἰς ταὐτὸ ξυναλισθῆναι.

2. [...] Não hesite em fazer investigações junto aos leigos, se algo parece ter alguma utilidade para a ocasião do tratamento, pois parece ser assim que a arte se mostra na totalidade, através de cada resultado observado e posto em ordem em uma coisa única. [*Preceitos* – Tradução: Wilson A. Ribeiro Junior. Grifo nosso]³¹

A partir de tais proposições, é possível retomar uma temática bastante discutida na filosofia antiga que é a conceituação de *episteme* e *techne*. Inicialmente, tomemos a primeira como ciência, a *techne*, por sua vez, seria a arte, entretanto, esta distinção não é precisa na doutrina platônica ou mesmo na aristotélica e não existia uma oposição tão rigorosa dos termos como a que se pretende hoje.

Vale aqui citar a afirmação de John Wild, em *Plato's theory of man*³², de que não há no vocabulário moderno da língua inglesa uma palavra que abranja toda a complexidade de *techne*; tendemos a dividir teoria e prática, reduzindo o conceito da *techne* ao campo prático.

³⁰ In: CAIRUS, H. F. & RIBEIRO JR., W. A., op. cit.

³¹ Ibidem.

³² Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1946 – Cf. p. 45-46. Wild explica, com base na língua inglesa, que o termo “*art*” restringe-se, atualmente, à produção de objetos bonitos, enquanto “*craft*”, possivelmente a palavra mais próxima do sentido de *techne*, restringe-se à produção daquilo que é útil.

Além da emblemática distinção entre *episteme* e *techne* já citada, há ainda outra definição anacrônica que considera a *episteme* como o conhecimento teórico contrapondo-se à *techne* como a aplicação prática desse conhecimento. Contudo, tal diferença não pode ser estabelecida com exatidão, visto que os dois vocábulos eram empregados para ambos os significados³³.

Tom Angier³⁴ destaca passagens de textos, inclusive anteriores a Platão, que comprovam a credibilidade do termo *techne*, que hoje submetemos à *episteme*, nas quais se destaca a relação com a sabedoria (*sophia*).

Em *Memoráveis* de Xenofonte (V a.C.), *episteme* apresenta acepção próxima à habilidade ou prática em quase todas as ocorrências segundo afirmação de Richard Parry³⁵. No livro III, 1, 6-7, *episteme* se refere às habilidades que podem ser adquiridas pelo general por meio do aprendizado.

καὶ ἄλλ' οὐδὲν ἐδίδαξεν. Ἀλλὰ μὲν, ἔφη ὁ Σωκράτης, τοῦτό γε πολλοστὸν μέρος ἐστὶ στρατηγίας. καὶ γὰρ παρασκευαστικὸν τῶν εἰς τὸν πόλεμον τὸν στρατηγὸν εἶναι χρή, καὶ ποριστικὸν τῶν ἐπιτηδείων τοῖς στρατιώταις, καὶ μηχανικὸν καὶ ἐργαστικὸν καὶ ἐπιμελῆ καὶ καρτερικὸν καὶ ἀγχίνουν, καὶ φιλόφρονά τε καὶ ὠμόν, καὶ ἀπλοῦν τε καὶ ἐπίβουλون, καὶ φυλακτικὸν τε καὶ κλέπτην, καὶ προετικὸν καὶ ἄρπαγα καὶ φιλόδορον καὶ πλεονέκτην καὶ ἀσφαλῆ καὶ ἐπιθετικόν, καὶ ἄλλα πολλὰ καὶ φύσει καὶ ἐπιστήμῃ δεῖ τὸν εὖ στρατηγήσοντα ἔχειν.

– Mas isso – replicou Sócrates – é apenas uma pequena parte dos conhecimentos necessários a um general; porque é preciso que um general seja capaz de proceder a todo tipo de preparativos para a guerra; tratar dos mantimentos dos soldados; ser engenhoso, activo, cuidadoso, forte e perspicaz, amável e rude, simples e decidido, cauto e ardiloso, pródigo e ambicioso,

³³ ANGIER, T. *Techne in Aristotles. Ethics Crafting the Moral Life*. Cf. Introdução: “Indeed, Plato uses *techne* to cover not only (say) cobbling and smithing, but also medicine, mathematics and astronomy – practices it is hard to construe as arts and crafts in a contemporary sense. [...] Now this may broadly capture certain elements of the *episteme/techne* distinction as found in late Plato and Aristotle. But as Rene Schaerer, Richard Parry, David Roochnik and Anne Balansard all maintain, using the modern distinction between the pure and applied sciences in this way fails to reflect the fact that in much of earlier Greek writing, *episteme* and *techne* are used interchangeably. Accordingly, none of the neat contrasts it projects onto these two terms can – without heavy qualification – bear scrutiny.” (p. 2)

³⁴ Ibidem, cf. p. 5. Dentre os exemplos citados por Angier, destacamos um excerto da *Defesa de Palamedes*, de Górgias: 25. “Pelos argumentos aduzidos, acusaste-me de duas coisas bem opostas, de sabedoria [σοφία] e de loucura [μάνια], que não podem ser possuídas pelo mesmo homem. Na verdade, quando reconheces que sou engenhoso [τεχνήετός], habilidoso e inventivo, acusas-me de sabedoria; por outro lado, quando afirmas que eu traía a Grécia, acusas-me de loucura.” In: *Górgias, Testemunhos e Fragmentos*. Tradução: Manuel Barbosa & Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Edições Colibri. Coleção Mare Nostrum, 1993.

³⁵ Parry, Richard, “*Episteme and Techne*”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2014 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/episteme-techne/>. Para outros exemplos de Xenofonte, cf. item 1. Xenophon, p. 2 do verbete.

generoso e egoísta, perito em defesa mas também em ataque, e deter muitas outras qualidades naturais e aprendidas, fundamentais para quem tenciona ser um bom general. [Tradução: Ana Elias Pinheiro. Grifo nosso]³⁶

Homero emprega *techne* com certa diversidade semântica em seus poemas, em *Greek-English Lexicon* destacam-se duas acepções que predominam: a habilidade manual e a astúcia³⁷.

βάλλομεν· οὐδ' ὁ γέρον δολίης ἐπελήθετο τέχνης,

ἀλλ' ἦ τοι πρότιστα λέων γένετ' ἠϋγένειος,

αὐτὰρ ἔπειτα δράκων καὶ πάρδαλις ἠδὲ μέγας σῶς·

Mas não se esquece o ancião de valer-se das artes dolosas:

toma, de início, a figura de um leão bem provido de juba,

drago, depois, e pantera e, a seguir, javali portentoso,

[*Odisseia*, IV, 455 - 57. Tradução: C. A. Nunes. Grifo nosso]³⁸

ὥς δ' ὅτε τις χρυσὸν περιχεύεται ἀργύρῳ ἀνὴρ

ἴδρις, ὃν Ἥφαιστος δέδωκεν καὶ Παλλὰς Ἀθήνη

τέχνην παντοίην, χαρίεντα δὲ ἔργα τελείει,

Do mesmo modo que o artista perito derrama na prata

lâminas de ouro, discípl'o que fora de Hefesto e de Palas

em variados misteres, e faz admiráveis trabalhos.

[*Odisseia*, VI, 232 - 34. Tradução: C. A. Nunes]

Segundo levantamento de D. Roochnik³⁹, o termo *techne*, sem contar palavras derivadas, aparece apenas uma vez na *Ilíada* (III, 60-63) com acepção de trabalho manual, ao passo que na *Odisseia* este sentido se repete oito vezes; seis destas ocorrências referem-se à função de ferreiro, afiliado a Hefesto – duas destas passagens acabamos de citar⁴⁰. No livro IV, 455 da *Odisseia*, *techne* remete à habilidade de Proteu de mudar de forma e não se fabrica algum produto; em IV, 529, *techne* é empregada com sentido de artil: “Quando isso soube, forjou [τέχνην], logo, Egisto malévol plano” – este último

³⁶ XENOFONTE. *Memoráveis*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra, 2009. Para as demais citações futuras desta obra, adotaremos a mesma edição.

³⁷ DINUCCI, A. L. divide as acepções de *techne* no LIDDELL, H. G. & SCOTT, R., op. cit., citando os exemplos mencionados de textos antigos: SÓCRATES VERSUS GÓRGÍAS: “As noções de *téchne* e *dýnamis* aplicadas à retórica”. In: *Anais de Filosofia Clássica*, v. 2, nº 4, 2008.

³⁸ Para todas as citações dos poemas épicos de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*, adotamos a tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, 2ªed., 2009. Doravante, não citaremos a referência bibliográfica, apenas o tradutor. As traduções citadas são de época anterior à ortografia vigente da língua portuguesa, portanto, em todas as citações ao longo da obra, manteremos a ortografia aplicada pelos autores/ tradutores.

³⁹ *Of Art and Wisdom. Plato's Understanding of Techne*. Pennsylvania: State University Press, 1996. Cf. p. 22-3.

⁴⁰ As demais passagens são: III, 433/ IV, 529/ VIII, 327/ XI, 614/ XXIII, 161.

significado é, na visão de Roochnik, uma demonstração do poder do conhecimento intelectual que se sobrepõe à habilidade manual.

Roochnik ainda faz um levantamento da *techne* com base numa bifurcação elaborada a partir da doutrina platônica e aristotélica: produtiva e teórica⁴¹, ambas constituem o conhecimento humano, remetendo a diversas artes ou ciências que são citadas nos diálogos platônicos. Reunindo-se todas estas *technai*, resumidamente, temos:

PRODUTIVO	TEORÉTICO
tecer, construção de casas, pintura, escultura, confecção de dinheiro, confecção de instrumentos, medicina	cálculo, geometria, estática, aritmética, jogos de tabuleiro, dialética, caça, pesca, habilidade militar, arquitetura

A medicina aparece como *episteme* no diálogo platônico *Charmides*, 165c, cujo resultado é a saúde, logo, é também a *techne* do médico que produz esse benefício; a medicina é também inserida por Platão entre as quatro *technai* citadas em uma passagem de *Górgias*, 464b. A *techne* manifesta-se como conhecimento teórico e prático em que se busca uma finalidade, o médico, por exemplo, para alcançar o resultado de manter a saúde do paciente, precisa conhecer a teoria da medicina para praticá-la.

Em *Político*, 258e, acompanhamos o diálogo entre o jovem Sócrates e um visitante, este afirma ter a *episteme* duas partes, a prática (*praktike*) e a teórica (*gnostike*) e, mais adiante no diálogo, 259b, temos a *techne logistike* (arte de calcular) como uma forma de *techne gnostike*, mesmo termo utilizado para designar há pouco a divisão da *episteme*; em seguida, a arte de calcular é mencionada como um tipo de *episteme gnostike*, tal como a arquitetura. Portanto, a *episteme* comporta tanto a ideia do conhecimento em si, como também de uma teoria que promova uma atividade, tal como a arquitetura que orienta os trabalhadores que de fato atuam na construção das obras (259e – 260a).

Anne Balansard⁴² realizou um elaborado estudo da *techne* nos diálogos de Platão e constatou que em vários deles o termo *techne* é equivalente à *episteme*, tal como se observa n’A *República*, 438c-e, em que *episteme* se aproxima da usual conceituação de

⁴¹ Roochnik, D., op. cit., cf. p. 273-80 do livro.

Vale destacar um excerto da *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, 1140a1: Τοῦ δ' ἐνδεχομένου ἄλλως ἔχειν ἔστι τι καὶ ποιητὸν καὶ πρακτόν· ἕτερον δ' ἐστὶ ποίησις καὶ πρᾶξις (πιστεύομεν δὲ περὶ αὐτῶν καὶ τοῖς ἐξωτερικοῖς λόγοις)· ὥστε καὶ ἡ μετὰ λόγου ἕξις πρακτικὴ ἕτερόν ἐστι τῆς μετὰ λόγου [1140a.5]ποιητικῆς ἕξεως. διὸ οὐδὲ περιέχεται ὑπ' ἀλλήλων· “Toda arte se relaciona com a criação, e dedicar-se a uma arte é estudar a maneira de fazer uma coisa que pode existir ou não, e cuja origem está em quem faz, e não na coisa feita; de fato, a arte não trata de coisas que existem ou passam a existir de conformidade com a natureza (estas coisas têm sua origem em si mesmas).” [Tradução: Mário da Gama Cury. Brasília: Editora UNB, 3ª ed., 1999]

⁴² *Technè dans les dialogues de Platon. L’empreinte de la Sophistique*. International Plato Society. Sankt Augustin: Academia – Verl, 2001. A respeito da afirmação cf. p. 95-105.

techne, a arquitetura e a medicina, por exemplo, são nesta passagem citadas como *episteme*. Ainda entendemos que a arquitetura deve ser considerada distinta da ciência que consiste na construção de casas, ambas costumam ser associadas à *techne* e, com base na classificação das *technai* que vimos anteriormente, a construção é produtiva, ao passo que a arquitetura é teórica. A aproximação entre *episteme* e *techne* se observa em *Teeteto*, 198a-b, onde a aritmética é uma arte (*techne*) e faz parte de uma ciência (*episteme*) dos números, um conhecimento que pode ser aprendido e ensinado.

Se pensarmos no contexto d'A *República*, poderíamos colocar a *episteme* no campo abstrato, situando-se no plano do mundo sensível, contudo, Platão situa *episteme* e *techne* lado a lado (438d9) e não parece preocupar-se com a complexidade do termo *episteme*, conforme destaca Paul Shorey em notas da sua tradução⁴³.

A *techne* enquadra-se no conceito de *episteme* quando consideramos esta última um “saber, conhecimento” em sentido amplo, neste caso, a *techne* passa a ter sentido de atividade do saber teórico ou prático. O governante descrito na n'A *República* é como o médico ou o piloto que exerce o conhecimento de sua técnica sobre os outros para que estes a executem de forma apropriada (342 d-e) – mais uma vez, vemos a divisão entre um conhecimento teórico e outro prático. Ainda n'A *República* (428b-e), no momento da conclusão acerca da ciência necessária ao governante de uma cidade, que deve ser sábio, temos a referência à carpintaria como um tipo de *episteme*.

Retomando o diálogo *Teeteto*, em 201c-d, a *episteme* define-se como um conhecimento dotado de opinião (*doxa*) verdadeira e associada ao discurso racional (*logos*)⁴⁴.

A maneira como Aristóteles aborda *episteme* e *techne* em sua obra, por vezes, também aproxima os dois conceitos, visto que para se produzir o resultado esperado é preciso ter habilidades específicas que vão além do conhecimento teórico:

1094a1-17 Πᾶσα τέχνη καὶ πᾶσα μέθοδος, ὁμοίως δὲ πράξις τε καὶ προαίρεσις, ἀγαθοῦ τινὸς ἐφίεσθαι δοκεῖ· διὸ καλῶς ἀπεφάνησαν τὰ γαθόν, οὗ πάντ' ἐφίεται. διαφορὰ δὲ τις φαίνεται τῶν τελῶν· τὰ μὲν γάρ εἰσιν ἐνέργειαι, τὰ δὲ παρ' αὐτὰς ἔργα τινά. ὧν δ' εἰσὶ τέλη τινὰ παρὰ τὰς πράξεις, ἐν τούτοις βελτίω πέφυκε τῶν ἐνεργειῶν τὰ ἔργα. πολλῶν δὲ πράξεων οὐσῶν καὶ τεχνῶν καὶ ἐπιστημῶν πολλὰ γίνεται καὶ τὰ τέλη· ἰατρικῆς μὲν γὰρ ὑγίεια, ναυπηγικῆς δὲ πλοῖον, στρατηγικῆς δὲ νίκη, οἰκονομικῆς δὲ πλοῦτος. ὅσαι δ' εἰσὶ τῶν τοιούτων ὑπὸ μίαν τινὰ δύναμιν, καθάπερ ὑπὸ τὴν ἰπικὴν χαλινοποικὴ καὶ

⁴³ Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd., vols. 5 & 6, 1969.

⁴⁴ Consultamos a tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2007.

ὅσαι ἄλλαι τῶν ἵπικῶν ὀργάνων εἰσὶν, αὕτη δὲ καὶ πᾶσα πολεμικὴ πρᾶξις ὑπὸ τὴν στρατηγικὴν, κατὰ τὸν αὐτὸν δὴ τρόπον ἄλλαι ὑφ' ἐτέρας· ἐν ἀπάσαις δὲ τὰ τῶν ἀρχιτεκτονικῶν τέλη πάντων ἐστὶν αἰρετώτερα τῶν ὑπ' αὐτά· τούτων γὰρ χάριν κάκεῖνα διώκεται. διαφέρει δ' οὐδὲν τὰς ἐνεργείας αὐτὰς εἶναι τὰ τέλη τῶν πράξεων ἢ παρὰ ταύτας ἄλλο τι, καθάπερ ἐπὶ τῶν λεχθεισῶν ἐπιστημῶν.

Há, pois, fins que existem para além das suas produções. Neste caso, os produtos do trabalho são naturalmente melhores do que as meras atividades que as originaram. Sendo diversos os procedimentos práticos, as perícias e as ciências, assim também são diversos os respectivos fins. Assim é, por exemplo, o caso da saúde relativamente à medicina, da embarcação relativamente à construção naval, da vitória relativamente à estratégia militar, da riqueza relativamente à economia. Nos casos em que as perícias estão subordinadas a uma única capacidade – tal como, por exemplo, a fabricação de rédeas e todas as outras perícias que produzem instrumentos hípicas estão subordinados à arte de montar a cavalo; enquanto esta, por sua vez, bem como toda a perícia da guerra estão subordinadas à estratégia militar (o mesmo se passa a respeito de outras perícias a respeito de outros fins) –, os fins das perícias superiores são preferíveis aos fins das perícias que lhes estão subordinadas, porque os fins destas são perseguidos em vista dos fins das primeiras. Por outro lado, não faz diferença nenhuma se os fins das ações são as atividades puras ou qualquer outra coisa para além delas, tal como acontece a respeito das ciências mencionadas. [*Ética a Nicômaco*. Tradução: Antônio de Castro Caeiro]⁴⁵

Ainda em *Ética*, 1139b, *techne* e *episteme* estão entre as cinco qualidades da alma pelas quais é possível alcançar a verdade, junto à *phronesis* (razão), *sophia* (sabedoria) e *nous* (intelecto).

Em *Tópicos*, VI, vi, 145a, Aristóteles discorre acerca do significado de termos classificatórios, dentre os quais cita a *episteme*, esta, por sua vez, pode ser teórica ou especulativa (*theoretike*), prática (*praktike*) e criativa (*poetike*) – cada um destes termos estabelece uma relação distinta em seu significado, uma vez que o primeiro teoriza a respeito de algo, o segundo produz alguma coisa e o último cria alguma coisa. A mesma tripartição aparece em *Metafísica*, VI, I, 1025B, ao definir as ciências naturais como teóricas. Reside nestas proposições certa semelhança com a proposição platônica há pouco mencionada que divide a *episteme* em *gnostike* e *praktike*.

⁴⁵ Lisboa: Quetzal, 2006.

Na tragédia *Filoctetes* de Sófocles, v. 1057, o vocábulo empregado para designar a técnica do arqueiro é *episteme*, no sentido de uma habilidade prática, cujo conhecimento está implícito.

Richard Parry, no verbete “*Episteme and Techne*”⁴⁶ da *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, alerta para a acepção de *episteme* como ciência em sentido distinto dos dias atuais, visto que a ideia de ciência, atualmente, implica em experimentação para resultar numa conclusão considerada verdadeira, ao passo que *episteme* comporta a ideia de conhecimento, geralmente traduzida como “conhecimento científico” em razão do grau de certeza.

Dentre as significações de ἐπιστήμη, no *Greek-English Lexicon*⁴⁷, temos tanto “conhecimento científico, ciência” como “habilidade profissional”, contemplando igualmente a noção de *techne*. Τεχνη, neste mesmo dicionário, tem como primeira acepção “arte, habilidade (manual)” ou “ofício”. O dicionário de Bailly⁴⁸, em sua primeira acepção, apresenta *episteme* como “ciência”, na sequência, “arte, habilidade” e também “saber adquirido por estudo”; enquanto *techne* denota “arte” e também “habilidade”, apresenta ainda o sentido menos amplo de “arte manual, indústria” e a “prática/ saber de uma profissão”.

Conforme ressalta Elisabetta Villari⁴⁹, a fisiognomonia como *episteme* foi contestada, mais tarde, por alguns célebres estudiosos, é o caso de Leonardo da Vinci, por exemplo, pois ele não considera que a fisiognomonia e a quiromancia tenham fundamento científico, no entanto, reconhece a importância da fisiognomonia na pintura, pois contribui para a construção do caráter a partir dos aspectos físicos, conforme comentado na introdução desta pesquisa.

A obra de Johann Caspar Lavater (XVIII d.C.), responsável pela retomada dos estudos da fisiognomonia, é vista por Martine Dumont⁵⁰ como um conjunto de normas baseadas no senso comum, ainda que ele se apoie no saber de sua época para legitimá-la, tais como teorias psicológicas e biológicas, a fisiognomonia consiste, na verdade, em um mito erudito.

⁴⁶ PARRY, R., op. cit., cf. p. 10 do verbete.

⁴⁷ LIDDELL, H. G. & SCOTT, R., op. cit.

⁴⁸ BAILLY, A., op. cit.

⁴⁹ “La physiognomonie comme technè”. In: *Ars et Ratio*. Org. C. Lévy, B. Besnier & A. Gigandet. Bruxelles, v. 273, p. 89-101, 2003. Cf. p. 89-90. Destaca-se ainda que Kant, da mesma forma, contesta também a fisiognomonia como ciência, mas admite seu valor na esfera da representação artística.

⁵⁰ “Le succes mondain d’une fausse science: la physiognomonie de Johann Kaspar Lavater”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 54, p. 2-30, 1984.

As questões fisiognomônicas, de fato, transformaram-se em teorias aparentemente sem fundamento científico nos dias atuais e não passam credibilidade, sobretudo se considerarmos como, ao longo do tempo, algumas teorias associadas à aparência física tornaram-se, erroneamente, argumento para discriminação racial.

Nosso objeto de estudo, no entanto, data do século IV e baseia-se na herança de tratados clássicos, logicamente, unicamente este fato não valida a fisiognomonia como ciência, ainda mais se lembrarmos que inúmeras proposições parecem povoar o repertório cultural daquela época, e, portanto, faziam também parte do senso comum. Cabe-nos então a tentativa de avaliar não apenas a definição e o estatuto da fisiognomonia na Antiguidade, mas também entender seu uso, ainda que nos pareça, a princípio, bastante restrito; lembremos que, na literatura e nas artes visuais, algumas ideias a respeito da aparência consistem em lugares-comuns e servem para comunicar um *ethos* ou *pathos* de maneira imediata.

Vimos há pouco que o *corpus* hipocrático define a medicina como *techne*, cuja finalidade (τέλος) é proporcionar a saúde, tradição que é transmitida nos escritos platônicos e peripatéticos. Contudo, se considerarmos o emprego variável dos vocábulos *episteme* e *techne*, medicina é também *episteme*, mesmo que tenhamos em mente a distinção de que a *episteme* seja uma teoria do conhecimento e a *techne* sua atividade correspondente, visto que a medicina engloba tanto uma complexa teoria como a aplicação prática desta.

No *Oxford Latin Dictionary*⁵¹, a medicina é “a arte ou a prática de curar” e também “conhecimento ou ciência médica”. Bailly define ἰατρική como *techne* cuja finalidade é curar.

Os gregos no período arcaico relacionavam as doenças à ação dos deuses e ao universo, mas a partir do século VI a.C. observa-se um novo pensamento, filosófico-naturalista⁵², com o aparecimento dos filósofos-médicos que, posteriormente, criaram as escolas médicas e produziram os textos que hoje fazem parte do *corpus* hipocrático, a partir destes, portanto, começa-se a assumir valores racionais associados à medicina:

Os autores hipocráticos tentavam explicar as origens das doenças atendo-se a generalidades, construindo doutrinas arbitrárias, pouco embasadas em conhecimentos da natureza física do homem e de sua anatomia interna.

⁵¹ Oxford: Oxford University Press, 1968.

⁵² BARBOSA, D. F. & LEMOS, P. C. P. “A medicina na Grécia antiga”. In: *Rev Med.* São Paulo, abr.-jun.; 86(2), p.117-9, 2007. Cf. p. 117 acerca desta afirmação.

Imaginavam a fisiologia e a anatomia humanas análogas às das plantas e dos animais.

Os médicos gregos observavam os sinais exteriores da patologia e procuravam explicações na natureza. Eles acreditavam, por exemplo, que determinadas doenças fossem relacionadas com as condições climáticas. Assim, os gregos clássicos mantiveram as idéias dos gregos arcaicos, que acreditavam que o corpo humano era formado por constituintes básicos, os “humores”, que circulavam através de vasos, entre os órgãos internos.

Se esses “humores” entrassem em desequilíbrio (devido a mudanças climáticas ou ingestão descontrolada de alimentos e bebidas) a doença era estabelecida. (p. 118)

Platão, em *Timeu*, 24c, afirma que a adivinhação e a medicina derivam das divindades e que, ordenadas pelos homens, tornaram-se muito úteis. Μαντική é, segundo Bailly, uma *techne* que consiste na previsão do futuro – esta *techne* também foi associada à fisiognomonia antiga, conforme estudaremos adiante.

Observam-se princípios comuns à tradição hipocrática e à fisiognomonia não apenas no que concerne aos humores, como também na associação com animais e condições climáticas. O texto *Ares, águas e lugares* do *corpus* hipocrático discorre acerca da influência do ambiente na saúde do indivíduo e, até mesmo, no temperamento – retomaremos este tema no capítulo seguinte.

Em *Aduersus Mathematicos*, V, 101, Sexto Empírico destaca a relação do ar com o *ethos* e a força física das pessoas em comentário acerca de horóscopo, no entanto, ele não considera determinante sua influência sobre as ações do indivíduo.

A controvérsia em torno do conceito da própria fisiognomonia, em certa medida, torna discutível também a finalidade dos seus tratados, mas a partir deles é possível depreender os objetivos da fisiognomonia e esboçar sua definição e, ainda, estabelecer relação com outras áreas, além da medicina, tais como a retórica e a poética.

Henrique Cairus explica como a medicina era vista na Antiguidade, atribuindo-lhe o estatuto de *techne*⁵³:

A medicina, como discurso, como *tékhne* e como práxis social além de haver se popularizado nas principais cidades do século V grego, também se tornou referencial e passou a freqüentar os textos teatral, filosófico e historiográfico. Foi ao falar sobre a medicina, por exemplo, que Platão (Fedro,

⁵³ “A arte de curar na cura pela arte: ainda a catarse”. In: ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, v. 2 nº 3, p. 20-7, 2008.

270c) nos lega o mais antigo registro do termo ‘método’, com o significado com o qual o usamos até hoje. (p. 22)

A natureza tem, segundo esses princípios aqui apresentados, uma predisposição à saúde, uma tendência ao equilíbrio, que, se rompido, deve ser retomado por meio de algo a que os gregos chamavam de *tékhne*, ou seja, um conjunto de saberes direcionado a uma aplicação com praticidade funcional.

A medicina é uma *tékhne*. Ela é um conjunto de saberes que se dedica ao restabelecimento da saúde, do estado natural de equilíbrio. Para isso, a *iatrikè tékhne*, nome que os gregos davam à medicina, dispunha de um instrumental com o qual dialogava com a natureza, e esse instrumental era formado pelo fármaco, pela dieta e mais raramente pelas manobras físicas.

A medicina é, assim, um elemento da cultura que dialoga com a natureza, através de seus instrumentos próprios, e procura restituir à natureza o que lhe foi tirado pelos excessos inerentes à cultura. (p. 23)

Alguns tratados fisiognômicos trazem em sua introdução alguns elementos importantes para esclarecer o que seja a fisiognomonía. Em *Physiognomonica* de Adamantio (IV d.C.), o Sofista, o autor menciona Aristóteles – numa clara menção ao conhecido tratado peripatético de fisiognomonía – e Polemão, são obras anteriores que servem como referência a Adamantio e também ao Anônimo, mas o primeiro parece fazer na verdade uma paráfrase⁵⁴ de Polemão.

Adamantio chama a fisiognomonía de *μεθοδος* – cuja acepção remete em geral à ideia de uma prática regulada por um sistema – e propõe como objetivo de sua obra parafrasear Polemão, acrescentando à disciplina (*διδασκαλία*) suas próprias descobertas (A, 1)⁵⁵. No capítulo seguinte, ao defini-la, o autor atribui a tarefa de praticar a fisiognomonía aos homens divinos, pois apenas estes podem reconhecer todos os sinais do caráter, não somente os típicos de cada povo, facilmente reconhecíveis, como também os particulares de cada indivíduo, pois é preciso analisar os homens individualmente mesmo na caracterização ética. Entretanto, segundo o autor, os homens sensíveis deveriam estudar tal arte com entusiasmo, empregando nessa passagem o termo *τεχνη*, e o texto segue com os ensinamentos necessários aos que desejam estudá-la. No terceiro capítulo, o termo *τεχνη* é novamente empregado quando ele postula acerca da combinação de sinais, importante para a prática fisiognômica.

⁵⁴ Cf. Evans, op. cit., p. 15.

⁵⁵ Τὴν φυσιογνωμονικὴν μέθοδον ἀπὸ τε Ἀριστοτέλους ἀναλεξάμενος καὶ ταύτην <ἐκ Πολέμωνος> [...] (Grifo nosso).

O Anônimo não discute amplamente a definição da fisiognomonia, mas logo na introdução a apresenta como *institutio*, cuja acepção⁵⁶ compreende “ciência, método”. Na conclusão do *De Physiognomonia Liber*, capítulo 133, ele afirma ser *doctrina*, que significa “ciência” e também “arte”.

No tratado atribuído a Aristóteles, não encontramos uma definição precisa de fisiognomonia, pois a introdução (805a) se preocupa em justificar sua existência a partir do objeto de estudo: a representação das características da alma por meio de aspectos corpóreos, uma vez que as disposições anímicas transparecem nas mudanças da aparência; o autor afirma que existe, de fato, uma relação natural entre corpo e alma e a existência da fisiognomonia se justifica em razão disso. Logo na introdução desta obra, já constatamos que a fisiognomonia não estuda apenas a associação do caráter com as características físicas, mas também do *pathos*, pois as alterações na alma são visíveis no corpo, tais como o amor, o medo, a tristeza e o prazer. O tratado, intitulado *Physiognomonica*, provavelmente do século III a.C., escrito por discípulos de Aristóteles, foi publicado durante o Renascimento tanto como parte do *corpus* aristotélico, como também uma obra pseudoaristotélica⁵⁷, o que em breve discutiremos.

Na edição italiana do Pseudo-Aristóteles e do Anônimo, da coleção *I Classici Della Bur*, Giampiera Raina⁵⁸ discute acerca da definição e reconhece a fisiognomonia como uma *techne*, assim como é a medicina, que, por sua vez, é frequentemente considerada *theoria*⁵⁹ ou *episteme*. Θεωρία, no verbete de Bailly, é a “ação de observar”, “assistir a um espetáculo”, “teoria” ou “contemplação do espírito, meditação ou estudo”. Galeno, já mencionamos, atribui a invenção da fisiognomonia a Hipócrates como um conhecimento indispensável à medicina.

Regina Rebollo⁶⁰ lembra a discussão em torno da *techne* contraposta ao *tyche*, o acaso, comum nos séculos V e IV a.C., pois a medicina não teria estatuto de *techne* se a

⁵⁶ Em geral, além do *Oxford Dictionary*, consultamos o dicionário: SARAIVA F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 11ª ed., 2000. Sempre que consultarmos outro dicionário de língua latina, citaremos a edição.

⁵⁷ PORTER, M. *Windows of the soul. The Art of Physiognomy in European Culture 1470-1780*. Oxford: Clarendon Press, 2005 – cf. p. 121.

⁵⁸ *Pseudo Aristotle – Fisiognomica. Anonimo Latino – Il Trattato di Fisiognomica*. Tradução de Giampiera Raina. Milão: Rizzoli Libri, 1993.

⁵⁹ Algumas acepções extraídas do dicionário *A Greek-English Lexicon*, LIDDELL, H. G. & SCOTT, R., op. cit.: Θεωρία – espectador, público de espetáculo; teoria, especulação; contemplação. Sempre que necessário citar este mesmo dicionário em nota, passaremos, a partir de agora, a utilizar a sigla *GEL*.

⁶⁰ “O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno”. *Passim*. In: **Sci. stud.**, São Paulo, v.4, nº1, março/ 2006. Site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167831662006000100003&lng=en&nrm=iso Data de acesso: 9/ 9/ 2013.

cura pudesse resultar do acaso, contudo, a argumentação hipocrática no tratado *Sobre a arte médica* mostra existir o conhecimento do que seja correto e incorreto e o médico reconhece a causa das doenças, o que seria impossível sem um sistema estabelecido, ou seja, sem uma *techne* (IV-V). O autor deste tratado procura provar sua tese de que a medicina é uma *techne* e enumera diversos argumentos, dentre os quais está o postulado de que a cura sem a presença do médico não indica a ausência da arte porque os homens seguem procedimentos médicos na tentativa de recuperação (V-VI).

Arnaud Zucker⁶¹ reconhece que a fisiognomonia seja uma *techne*, no entanto, comenta que mesmo seus principais representantes hesitavam ao definir seu estatuto epistemológico, que pode ser colocada entre a medicina e a filosofia. Ao buscarmos a definição de fisiognomonia nos próprios tratados, como fizemos há pouco, constatamos ser verdadeira tal afirmação, pois os autores preocupam-se em listar os ensinamentos, mas pouco se debruçam sobre a conceituação da prática que irão ensinar.

John B. Lyon⁶² explica alguns princípios da teoria de Lavater e afirma que o fisiognomonista consegue diferenciar natureza, arte e imitação malsucedida é, portanto, cientista e artista poético ao mesmo tempo: cientista porque observa e reconhece as causas dos efeitos provocados na aparência; e um artista poético, uma vez que o fisiognomonista se reproduz na própria ciência, assumindo a posição de um retratista.

Há ainda a comparação entre fisiognomonia e astrologia, uma aproximação muito frequente, mas tradicionalmente a cultura ocidental tem a astrologia como falsa ciência.

A astrologia tem estatuto divinatório porque se propõe a prever o destino das pessoas, nisto residiria certa semelhança com a fisiognomonia. A possibilidade de prever o futuro das pessoas também por meio da fisiognomonia é mencionada pelo Anônimo no último capítulo do tratado:

133. Além disso, Polemão e Loxo inserem esta ciência em primeiro lugar, ao ponto de afirmar ainda que ela preveja certas coisas do futuro. Citaremos, portanto, dois ou três exemplos das inúmeras previsões que Polemão relatou ter feito, para que isto não seja deixado de lado. Em Samos, em um banquete, Polemão diz ter examinado o semblante de um homem que apresentava mudanças que se davam internamente, cujos olhos <revelavam> tal alteração e ele conta que as pupilas dele tinham perdido o brilho de sua vivacidade. Portanto, Polemão, ao olhar atentamente tais coisas, ainda previu

⁶¹ “La physiognomonie antique et le langage animal du corps”. In: *Rursus* (1), 2006. Cf. p. 2-4.

⁶² “THE SCIENCE OF SCIENCES”: REPLICATION AND REPRODUCTION IN LAVATER’S PHYSIOGNOMICS. In: *Eighteenth-Century Studies*, v. 40, n° 2, p. 257-77, 2007. Cf. p. 270-71.

como um presságio divino qual seria seu futuro, e então começou a saber, precisamente, a verdade a partir destes indícios... [Tradução nossa]⁶³

O tratado termina com uma lacuna e sem a exposição de tais previsões. O episódio citado pelo Anônimo, na versão árabe que restou de Polemão, na edição de Leiden, capítulo 69, 48b-49a, descreve a previsão de sequestro de uma noiva em Esmirna a partir da aparência de um homem que transparecia suas intenções, exemplo considerado compatível com o que teria sido extraído de Polemão⁶⁴.

Artemidoro (II d.C), contemporâneo de Galeno, estabelece a relação entre fisiognomonia e outras artes divinatórias em *Sobre a interpretação dos sonhos*:

II, 69. Τῶν δὲ ἀξιολύστον λεγομένων, οἷς λέγουσιν τι [κατ' ὄναρ] πιστεύειν χρή καὶ πείθεσθαι, φημι πρώτους εἶναι θεοῦ· ἀλλότριον γὰρ θεοῦ τὸ ψεύδεσθαι. ἔπειτα ἱερεῖς· τῆς γὰρ αὐτῆς τοῖς θεοῖς παρὰ ἀνθρώποις τετυγῆκασιν τιμῆς. εἴτα βασιλεῖς καὶ ἄρχοντας· ‘τὸ κρατοῦν γὰρ δύναμιν ἔχει θεοῦ’. εἴτα γονεῖς καὶ διδασκάλους· καὶ γὰρ οὗτοι ὅμοιοι εἰσι θεοῖς, οἱ μὲν εἰσάγοντες εἰς τὸ ζῆν, οἱ δὲ ὅπως χρή τῷ ζῆν χρῆσθαι διδάσκοντες. εἴτα μάντις, μάντεων δὲ τοὺς μὴ ἀπατεῶνας μηδὲ ψευδομάντις. ὅσα γὰρ ἂν λέγωσι Πυθαγορίσται φυσιογνωμονικοὶ ἀστραγαλομάντις τυρομάντις κοσκινομάντις μορφοσκόποι χειροσκόποι λεκανομάντις νεκυομάντις, ψευδῆ πάντα καὶ ἀνυπόστατα χρή νομίζειν· καὶ γὰρ αἱ τέχναι αὐτῶν εἰσι τοιαῦται καὶ αὐτοὶ μὲν μαντικῆς οὐδὲ βραχὺ ἴσασι, γοητεύοντες δὲ καὶ ἀπατῶντες ἀποδιδύσκουσι τοὺς ἐντυγχάνοντας. ὑπολείπεται δὴ μόνον ἀληθῆ εἶναι τὰ ὑπὸ θυτῶν λεγόμενα καὶ οἰωνιστῶν καὶ ἀστεροσκόπων καὶ τερατοσκόπων καὶ ὄνειροκριτῶν καὶ ἥπατοσκόπων. περὶ δὲ μαθηματικῶν τῶν γενεθλιαλῶν ἐπισκεψώμεθα.

II, 69. Entre as pessoas dignas de fé, que devem ser ouvidas e obedecidas quando dizem alguma coisa, considero que, em primeiro lugar, vêm os deuses, pois mentir é estranho aos deuses. Em seguida, os sacerdotes, pois obtêm entre os homens as mesmas honras consagradas aos deuses. Depois os reis e magistrados, “pois o que tem poder tem valor de deus”. Depois deles, os pais e os senhores, pois eles também se parecem com os deuses, uns trazendo à vida, os outros ensinando como se deve viver. Em seguida, os adivinhos, quero dizer, aqueles entre eles que não são embusteiros e falsos adivinhos – pois tudo o que podem dizer Pitagóricos, especialistas em fisiognomonia, os que profetizam por meio de ossos, de queijo, de crivos, da

⁶³ O texto e a tradução integral do *De Physiognomonia Liber* estão na parte II deste estudo. De agora em diante, todas as citações desta obra são excertos de nossa tradução, por isso, passaremos a omitir tal informação ao fim das citações.

⁶⁴ Conforme mencionamos na nossa introdução, não há tradução conhecida em português, portanto, sugerimos cf. tradução em inglês de Robert Hoyland, 69 – In: SWAIN, S. (ORG.) *Seeing the Face, Seeing the Soul. Polemon's Physiognomy from Classical Antiquity to Medieval Islam*. New York: Oxford University Press, 2007.

observação da forma dos corpos, das linhas da mão, de bacias, da evocação dos mortos, tudo isso deve ser considerado como mentiras sem fundamento, pois suas artes são mentirosas e eles mesmos não têm sequer a mínima noção de mântica, espoliando os que caem em suas mãos com feitiçarias e falsidades. Resta, portanto, que os únicos oráculos verdadeiros são aqueles oferecidos pelos sacrificadores, os áugures, os observadores de Astros e de prodígios, os onirocríticos e os observadores do fígado das vítimas. O caso dos astrólogos que fazem horóscopos será examinado mais tarde. [...] [Tradução: Eliana Aguiar]⁶⁵

Para Artemidoro, a fisiognomonia e até mesmo os médicos pitagóricos não são confiáveis, inseridos ao lado de métodos sem credibilidade, tal como a tiromancia, processo de adivinhação com queijo praticada na Grécia antiga, da qual temos apenas a citação e cujo procedimento é desconhecido. Curiosamente, a astrologia é considerada por Artemidoro como uma das práticas divinatórias digna de confiança, apesar de diferenciar os “observadores de Astros” daqueles que “fazem horóscopos”, tema que promete aprofundar posteriormente, no entanto, apenas faz breves menções posteriores. Interessante destacar que, mais adiante, o autor ainda menciona o eunuco como uma pessoa que não merece confiança, pois já é enganoso no fato de não ser homem ou mulher, trata-se de um indivíduo que aparece nas descrições fisiognômicas⁶⁶, com características negativas atribuídas, uma vez que ele não se enquadra na descrição do gênero masculino, exposto de modo positivo em relação ao feminino.

Assim como há dificuldades em se traduzir hoje os termos *techne* e *episteme* e atribuir um estatuto à medicina na Antiguidade, cujo parentesco com a fisiognomonia é patente, a conceituação da fisiognomonia é também imprecisa, sobretudo porque os primeiros teóricos não se preocuparam em defini-la. Com a leitura do manual *De Physiognomonia Liber*, nota-se que os princípios norteadores da fisiognomonia perpassam as descrições fisiognômicas, aparentando ser esta a preocupação dos autores, ensinar a praticar a fisiognomonia mesmo sem a memorização de todo o repertório dos sinais.

1.3. Histórico da fisiognomonia e seus tratados

Antes de aprofundarmos a relação da fisiognomonia com a retórica e a poética, faremos um breve levantamento de exemplos que se inserem na chamada consciência

⁶⁵ Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

⁶⁶ *De Physiognomonia Liber* apresenta a descrição de um eunuco, cuja fonte é Polemão, no capítulo 40.

fisiognomônica; trata-se de uma tentativa de avaliar o uso da fisiognomonía e a circulação dos tratados desde a Antiguidade Clássica.

Xenofonte em *Memoráveis*, III, 10, explica durante uma discussão, por meio do personagem Sócrates, que é possível reproduzir o *ethos* no rosto, já que este expressa estados da alma e características morais.

4. μηδὲ ὅλως ὁρατὸν ἐστίν; Ἄρ' οὖν, ἔφη, γίγνεται ἐν ἀνθρώπῳ τὸ τε φιλοφρόνως καὶ τὸ ἐχθρῶς βλέπειν πρὸς τινας; Ἐμοιγε δοκεῖ, ἔφη. Οὐκοῦν τοῦτό γε μιμητὸν ἐν τοῖς ὄμμασι; Καὶ μάλα, ἔφη. Ἐπὶ δὲ τοῖς τῶν φίλων ἀγαθοῖς καὶ τοῖς κακοῖς ὁμοίως σοι δοκοῦσιν ἔχειν τὰ πρόσωπα οἱ τε φροντίζοντες καὶ οἱ μὴ; Μὰ Δί' οὐ δῆτα, ἔφη· ἐπὶ μὲν γὰρ τοῖς ἀγαθοῖς φαιδροί, ἐπὶ δὲ τοῖς κακοῖς σκυθρωποί γίνονται. Οὐκοῦν, ἔφη, καὶ ταῦτα δυνατὸν 5. ἀπεικάζειν; Καὶ μάλα, ἔφη. Ἀλλὰ μὴν καὶ τὸ μεγαλοπρεπές τε καὶ ἐλευθέριον καὶ τὸ ταπεινόν τε καὶ ἀνελεύθερον καὶ τὸ σωφρονικόν τε καὶ φρόνιμον καὶ τὸ ὑβριστικόν τε καὶ ἀπειρόκαλον καὶ διὰ τοῦ προσώπου καὶ διὰ τῶν σχημάτων καὶ ἐστώτων καὶ κινουμένων ἀνθρώπων διαφαίνει.

[Sócrates] 4. — Sim, mas, quando observamos o seu rosto, não vemos no homem expressões de amor e de ódio?

— Sim, parece-me que sim.

— E não é possível imitar esses sentimentos na expressão do olhar?

— Sem dúvida.

— E parece-te que têm igual expressão os rostos dos que experimentam as alegrias e as tristezas dos seus amigos e daqueles que não as sentem?

— Claro que não, por Zeus, nas alegrias mostram-se radiantes e nas tristezas tonam-se sombrios.

— Ah! E essas expressões também podem ser pintadas, não podem?

— E muito bem.

5. — Então, também a arrogância e a independência, a humildade e o servilismo, a sensação e a ponderação, a insolência e a rudeza que são visíveis na postura dos homens, quer estejam parados quer estejam em movimento. [...]

[Tradução: Ana Elias Pinheiro]

George Boys-Stones (2007)⁶⁷ considera esta como a única passagem em Xenofonte que traz um argumento sério para a reflexão da fisiognomonía, uma vez que sua teoria diferencia alma e corpo. Com este raciocínio, o teórico Boys-Stones avalia o livro II, 1, 22, como uma alegoria para virtude e vício em um suposto discurso do sábio Pródico a respeito de Hércules, no qual duas mulheres surgem e oferecem a ele caminhos distintos, são a Maldade e a Virtude, descritas de forma a representar as características do

⁶⁷ “Physiognomy and Ancient Psychological Theory”. In: SWAIN, S., op. cit., p. 19-124. Cf. pp. 33-5.

nome que levam⁶⁸. Xenofonte apresenta ainda outra descrição de Sócrates em *Banquete*, V, 5, 4-7, mas Boys-Stones insiste que não há teoria fisiognomônica aqui porque o corpo deve ser julgado pela maneira como serve aos propósitos da alma e não pela sua aparência:

[...] Ἄν νή Δί', ἔφη, πρὸς τὰ ἔργα ὧν ἕνεκα ἕκαστα κτώμεθα εὖ εἰργασμένα ἢ ἢ εὖ πεφυκότα πρὸς ἃ ἂν δεώμεθα, καὶ ταῦτ', ἔφη ὁ Κριτόβουλος, καλά. Οἶσθα οὖν, ἔφη, ὀφθαλμῶν τίνας ἕνεκα δεόμεθα; Δῆλον, ἔφη, ὅτι τοῦ ὁρᾶν. Οὕτω μὲν τοίνυν ἦδη οἱ ἐμοὶ ὀφθαλμοὶ καλλίονες ἂν τῶν σῶν εἴησαν. Πῶς δὴ; Ὅτι οἱ μὲν σοὶ τὸ κατ' εὐθὺ μόνον 5. ὁρῶσιν, οἱ δὲ ἐμοὶ καὶ τὸ ἐκ πλαγίου διὰ τὸ ἐπιπόλαιοι εἶναι. Λέγεις σύ, ἔφη, καρκίνον εὐοφθαλμότατον εἶναι τῶν ζώων; Πάντως δήπου, ἔφη· ἐπεὶ καὶ πρὸς ἰσχὺν τοὺς 6. ὀφθαλμοὺς ἄριστα πεφυκότας ἔχει. Εἶν, ἔφη, τῶν δὲ ῥίνων ποτέρα καλλίων, ἢ σὴ ἢ ἡ ἐμή; Ἐγὼ μὲν, ἔφη, οἶμαι τὴν ἐμήν, εἵπερ γε τοῦ ὀσφραίνεσθαι ἕνεκεν ἐποίησαν ἡμῖν ῥίνας οἱ θεοί. οἱ μὲν γὰρ σοὶ μυκτῆρες εἰς γῆν ὁρῶσιν, οἱ δὲ ἐμοὶ ἀναπέπτανται, ὥστε τὰς πάντοθεν ὀσμὰς προσδέχεσθαι. Τὸ δὲ δὴ σιμὸν τῆς ῥίνος πῶς τοῦ ὀρθοῦ κάλλιον; Ὅτι, ἔφη, οὐκ ἀντιφράττει, ἀλλ' ἐὰν εὐθὺς τὰς ὀψεις ὁρᾶν ἃ ἂν βούλωνται· ἢ δὲ ὑψηλὴ ῥίς ὥσπερ ἐπηρεάζουσα 7. διατετείχικε τὰ ὄμματα. Τοῦ γε μὴν στόματος, ἔφη ὁ Κριτόβουλος, ὑφίεμαι. εἰ γὰρ τοῦ ἀποδάκνειν ἕνεκα πεποιήται, πολὺ ἂν σὺ μείζον ἢ ἐγὼ ἀποδάκοις. διὰ δὲ τὸ παχέα ἔχειν τὰ χεῖλη οὐκ οἶει καὶ μαλακώτερόν σου ἔχειν τὸ φίλημα; Ἐοικα, ἔφη, ἐγὼ κατὰ τὸν σὸν λόγον καὶ τῶν ὄνων αἴσχιον τὸ στόμα ἔχειν. ἐκεῖνο δὲ οὐδὲν τεκμήριον λογίζῃ, ὥς ἐγὼ σοῦ καλλίων εἰμί, ὅτι καὶ Ναῖδες θεοὶ οὔσαι τοὺς Σειληνοὺς ἐμοὶ ὁμοιοτέρους τίκτουσιν ἢ σοί;

[Sócrates] 4. [...] — Ora, por Zeus, todas estas coisas são belas se forem produzidas em conformidade com as actividades para as quais adquirimos ou naturalmente dotadas para fazer face às nossas necessidades, então são belas. — respondeu Critobulo.

5. — Sabes então para que nos são úteis os olhos?

— Claro, para vermos.

— Então os meus olhos são mais belos do que os teus.

— Como assim?

— Porque os teus só vêem direito a direito, enquanto os meus, como são esbugalhados, também conseguem ver para os lados.

⁶⁸ “Então, pareceu-lhe que se aproximavam dele duas mulheres altas, uma de aspecto digno e que via ser de natureza livre, com o corpo singelamente ornamentado, os olhos castos, a postura recatada, vestida de branco; a outra era mais bem nutrida de carnes e tinha um aspecto mole, estava maquilhada, de modo que parecia mais branca e mais rubra do que era, a figura parecia mais sólida do que era realmente, tinha os olhos bem abertos e vestia de modo a poder exibir da melhor maneira a sua juventude. Examinava-se a si própria vezes sem conta, observando também se mais alguém a contemplava e voltava-se, inúmeras vezes, até para a sua própria sombra.” [Tradução: Ana Elias Pinheiro]

— Queres dizer que, de todos os animais, os caranguejos são os que têm os olhos mais belos?

— Exactamente, porque têm os olhos que melhor se adequam à sua natureza.

— Certo, então e que nariz é mais belo, o teu ou o meu?

6. — Acho que o meu, se é que os deuses nos deram o nariz para cheirar; porque as tuas narinas estão viradas para baixo, enquanto as minhas são arrebitadas e por isso captam os cheiros que vêm de todos os lados.

— E como é que um nariz achatado pode ser mais belo que um direito?

— Porque não atrapalha e deixa que os olhos vejam o que quiserem, enquanto um nariz alto é como se erguesse uma muralha arrogante diante dos olhos.

7. — Quanto à boca, — disse Critobulo — já ganhaste. É que se foi feita para morder, podes morder muito mais do que eu; e, como tens os lábios grossos, não achas também que os teus beijos devem trazer mais felicidade do que os meus?

— Ouvindo o que dizes até parece que a minha boca é mais feia que a dos burros. Mas achas que o facto de as Náiades, sendo deusas, darem à luz os Silenos, muito mais parecidos comigo do que contigo, prova que eu sou mais belo do que tu? [Tradução: Ana E. Pinheiro]⁶⁹

Acerca do emprego da fisiognomonia e da circulação de seus manuais, as informações são escassas. Sabe-se que o *De Physiognomonia Liber* circulou na Idade Média, ao lado do *Liber Secretorum*, tratado tardio cuja autoria era atribuída a Aristóteles, embora não houvesse qualquer indício para esta suposição. Neste período, de acordo com o levantamento de Martin Porter⁷⁰, a fisiognomonia era ensinada nas universidades da Europa e vista com bastante seriedade; porém, a classificação da fisiognomonia ainda era controversa, uma vez que era tida por um lado como uma *scientia* racional, aristotélica, mas também mística, oculta, relacionada à medicina e à astrologia. O *Liber Secretorum*, ou *Secretum Secretorum*, designado pelos estudiosos como pseudoaristotélico, de datação incerta, é, na verdade, a tradução de um tratado árabe, provavelmente do século IX ou X, segundo Porter, intitulado *Kitab sirr al-asrar*. Na dissertação de mestrado de Abderrahman Belhaddad⁷¹, temos a tradução de *Kitab Alfirasa (Livro da Fisiognomonia)* de Fahrud-din Arrazi, século XII, que parece ter sido inspirado no *Secretum* e o pesquisador também discorre acerca de certa influência de preceitos gregos no tratado

⁶⁹ Banquete. *Apologia de Sócrates*. Tradução: Ana Elias Pinheiro. São Paulo: Annablume, 2011.

⁷⁰ PORTER, M. *op. cit.*, cf. p.74-5.

⁷¹ Departamento de Letras Orientais. Orientador: Dr. Mamede Mustafa Jarouche – FFLCH/ USP, 2012. Cf. p. 10-11.

árabe. Há em *Kitab sirr al-asrar* uma seção dedicada à fisiognomonia cujo conteúdo segue as premissas tradicionais dos demais tratados. Marjan Grinwis, em sua tese, propõe que *Secretum Secretorum* é o mais antigo livro a tratar sistematicamente a fisiognomonia, antecedendo os demais tratados aqui mencionados, mas não determina sua provável datação⁷². Há diversas versões, mesmo em latim, do *Secretum Secretorum*, contudo, ao consultar na coletânea de Foerster o livro *Secreti Secretorum Pseudoaristotelici De Physiognomonia Caput*⁷³, observamos que a fisiognomonia é definida como *scientia* nas três versões do texto:

S (In recensione primaria): §1. *E rerum summa quarum scientiae non indigeas, est cognitio eius quod concipit anima per signum apparens [...]*.

(No recenseamento primário): §1. Não carecemos do principal a respeito da ciência de tais coisas, há um conhecimento desta ciência que se exprime por meio dos sinais que estão presentes na alma [...].

Ph. (In Philippi Tripolitani uersione): §1. *Et inter ceteras res est illa quam te non oportet ignorare, scilicet cognitio quam inuestigat et cognoscit anima tua per signum nobile [...] 16. sicut te oportet quaerere signa et uestigia cum pulchritudine naturae, scilicet scientiam phisonomiae, quae est scientia magna, et per longitudinem dierum usi sunt antiqui hac scientia et gloriati sunt in inquisitione pulchritudinis naturae in hac scientia.*

(Na versão de Felipe Tripolitano): §1. Entre outras coisas, há um conhecimento que não te convém ignorar, pois se trata da investigação e reconhecimento do que se passa na tua alma por meio de um sinal distinto [...] 16. É preciso que procures os sinais e as pistas junto à beleza da compleição⁷⁴, pois assim praticas a ciência da fisiognomonia, que é uma grande ciência; os antigos fizeram uso desta ciência por um longo período e vangloriaram-se de investigar a beleza da compleição por meio desta ciência.

⁷² Ibidem, cf. p. 64/ GRINWIS, Maartje Jannetje. *Reading faces*. Tese – Universidade de Utrecht (Utrecht/Alemanha), 2007: “The core of the *Secretum Secretorum*, a very influential work in the middle ages, is a ‘mirror for princes’ in the form of a letter from Aristotle addressed to Alexander the Great. In this letter Aristotle, or pseudo-Aristotle, summarizes all knowledge that is essential for good governance. The text can be seen as an encyclopedia that covers a wide range of scientific and pseudo-scientific subjects, such as medicine, astrology, physiognomy, magic and astrology. All known versions of the *Secretum Secretorum* are derived from a tenth century Arabic work, the *Kitāb sirr al-asrār*, which claims to have been translated from Greek into Syriac into Arabic by Yahya ibn-al-Bitriq. The earliest known fragment of the *Kitāb sirr al-asrār* can be dated 941 AD. Although it is doubtful that there was a Greek original, extant versions of the work contain a good deal of Greek material, including a certain amount of genuinely Aristotelian doctrine.” (p. 8)

⁷³ FOERSTER, R. *Scriptores Physiognomonici Graeci et Latini*. Stutgardiae et Lipsiae. In aedibus B. G. TEVBNERI, MCMXCIV, V. II.

⁷⁴ Também é possível traduzir *natura* como “caráter, índole”, contudo, o contexto remete especificamente à análise fisiognomônica.

s. (In recensione secundaria): *Scias physiognomiam esse unam e scientiis subtilibus et speculatiuis et intellectualibus, quas nouisse et intellegere te decet, quia hominum multum indiges, ut iis utaris.*

(No recenseamento secundário): Deves saber que a fisiognomonia é única dentre as ciências precisas, especulativas e intelectuais, convém que as tenha conhecido e compreendido porque podes precisar de muitas coisas próprias dos homens, de modo a fazer uso de tais ciências.

[Tradução nossa para os excertos do quadro]

Nas definições acima, a fisiognomonia é designada como um conhecimento que engloba teoria e prática, em sentido restrito [?], portanto, não se pode dizer que seja unicamente *episteme* ou *techne*.

Cícero, em *De Fato*, V, 10 relata a história de que um fisiognomonista chamado Zópiro teria feito uma análise da aparência de Sócrates, na qual ele corresponde a um homem vicioso. Nada se sabe a respeito de tal fisiognomonista, mas acredita-se ser contemporâneo de Sócrates⁷⁵.

[...] *Socratem nonne legimus quemadmodum notarit Zopyrus physiognomon, qui se profitebatur hominum mores naturasque ex corpore oculis uultu fronte pernoscere? stupidum esse Socratem dixit et bardum quod iugula concaua non haberet – obstructas eas partes et obturatas esse dicebat; addidit etiam mulierosum, in quo Alcibiades cachinnum dicitur sustulisse.*⁷⁶

[...] Acaso não lemos de que modo o fisiognomonista Zópiro caracterizou Sócrates, ele que declarava conhecer bem o caráter e a essência dos homens a partir dos seus corpos, dos olhos, do rosto, da fronte? Ele disse que Sócrates era estúpido e lento porque não tinha clavículas côncavas – tal parte, dizia, era cerrada e escondida; ainda acrescentou que era inclinado às mulheres, conta-se que Alcibiades rompeu em gargalhada nesta parte.

[Tradução nossa]

Lawrence D. Kritzman⁷⁷ lembra este exemplo de Cícero ao discorrer a respeito do ensaio de fisiognomonia de Montaigne e justifica, com a teorização proposta por Montaigne, que a imagem de Sócrates aqui destoa da beleza de sua alma, colocando em questão a teoria da fisiognomonia. O questionamento revela talvez uma metodologia diferente que deve ser adotada, pois é preciso antes imaginar uma realidade “virtual” que

⁷⁵ RAINA, G., op. cit., cf. Introdução, p. 10.

⁷⁶ Edição da Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1977 – Coleção Loeb Classical Library.

⁷⁷ The Socratic Makeover: Montaigne’s “De la physionomie” and the Ethics of the Impossible. In: *L’Esprit Créateur*, v. 46, nº 1, p. 75-85, 2006. Cf. p. 76.

nos habilita a enxergar as coisas como realmente são; portanto, a realidade não corresponde ao que vemos com os olhos, mas com o intelecto.

Na sequência da passagem acima, §11, Cícero ressalta que os vícios naturais dos homens, tais como os de Sócrates, podem originar-se de causas naturais, mas a erradicação destes defeitos pode acontecer por meio do esforço do próprio indivíduo e, assim, anular o que for previsto pela *diuinatio* com base nesses vícios.

Em *Tusculanas*, IV, XXXVII, 80, Cícero menciona este mesmo episódio de Zópiro, cujos vícios atribuídos a Sócrates arrancaram risos dos presentes, visto que ele não os apresentava de fato, mas o próprio Sócrates teria socorrido Zópiro afirmando que ele realmente tinha inclinação para tais vícios, mas conseguira corrigi-los com empenho (*ratio*).

No discurso *In Pisonem* (*Contra Pisão*), I, 1, Cícero emprega a descrição fisiognomônica para vituperar logo no princípio do discurso:

1. *Iamne vides, belua, iamne sentis quae sit hominum querela frontis tuae? Nemo queritur Syrum nescio quem de grege noviciorum factum esse consulem. Non enim nos color iste servilis, non pilosae genae, non dentes putridi deceperunt: oculi, supercilia, frons, voltus denique totus, qui sermo quidam tacitus mentis est, hic in fraudem homines impulit, hic eos, quibus eras ignotus, decepit, fefellit, induxit. Pauci ista tua lutulenta vitia noramus; pauci tarditatem ingeni, stuporem debilitatemque linguae. Numquam erat audita vox in foro [...]*⁷⁸.

Já não vês, besta-fera, já não percebes qual a queixa dos homens quanto a teu descaramento? Ninguém protesta que um sírio, sei lá quem, de nova gri se torna cônsul. Mas não, não, esse aspecto vassalo, não, essas bochechas pilosas, não, esses dentes pútridos, não me enganam. Os olhos, as sobrancelhas, a fronte, o semblante, tudo isso, enfim, que é como uma expressão calada da alma, levou homens ao erro, tudo isso enganou, ludibriou, iludiu os que não o conheciam. Conhecemos, poucos, essa tua conspurcada vida, poucos, esse teu tardo raciocínio, essa tua língua débil e frouxa. Nunca se ouviu a voz dele no fórum [...]. [Tradução: Rodrigo Garcia Manoel]⁷⁹

A aparência funciona como artifício para disfarçar um *ethos* vicioso, sabemos, de fato, pouco a respeito das características físicas, os aspectos detalhados do rosto

⁷⁸ Edição da Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1992 – Coleção Loeb Classical Library.

⁷⁹ In: *Teoria e prática: estudo e tradução das Epístolas e Invectivas de Pseudo-Salústio e Pseudo-Cícero à luz dos Progymnasmata*. Dissertação de mestrado – DLCV/ FFLCH/USP. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto, 2014 (Versão revisada).

transmitem a impressão de servilidade. Cícero destaca que Pisão conseguiu enganar as pessoas que não conheciam verdadeiramente seu caráter por meio deste semblante.

Há ainda um tratado de fisiognomonia atribuído a Antístenes (V-IV a.C.), também contemporâneo de Sócrates, cujo título é mencionado por Diógenes Laêrtios⁸⁰ (III. a.C.), no livro VI:

15. Οὗτος ἡγήσατο καὶ τῆς Διογένοους ἀπαθείας καὶ τῆς Κράτητος ἐγκρατείας καὶ τῆς Ζήνωνος καρτερίας, αὐτὸς ὑποθέμενος τῇ πόλει τὰ θεμέλια. ὁ δὲ Ξενοφῶν ἥδιστον μὲν εἶναι περὶ τὰς ὁμιλίας φησὶν αὐτόν, ἐγκρατέστατον δὲ περὶ τᾶλλα. Φέρονται δ' αὐτοῦ συγγράμματα τόμοι δέκα [...]

Περὶ ζώων φύσεως,

Περὶ παιδοποιίας ἢ περὶ γάμου ἐρωτικός,

Περὶ τῶν σοφιστῶν φυσιογνωμονικός [...]

15. Antistenes antecipou a impassibilidade de Diógenes, a moderação de Crates, a firmeza de Zenon, e estabeleceu os fundamentos da doutrina. Xenofon diz que ele era o homem mais agradável na conversa e o mais moderado sob todos os aspectos.

Seus escritos conservaram-se em dez volumes [...]

O segundo volume contém: *Da Natureza dos Animais*; *Da Procriação*, ou *Sobre as Núpcias*, tratado do amor; *Dos Sofistas*, tratado fisiognômico [...].

[Tradução: Mario da Gama Kury]

No livro VII da mesma obra de Diógenes, há outras referências à fisiognomonia, sobretudo nas descrições físicas dos filósofos, embora não seja o centro das biografias:

173. [...] ἔλεγε δὲ καὶ τοὺς ἐκ τοῦ περιπάτου ὁμοίον τι πάσχειν ταῖς λύραις, αἱ καλῶς φθεγξάμεναι αὐτῶν οὐκ ἀκούουσι. Λέγεται δέ, φάσκοντος αὐτοῦ κατὰ Ζήωνα καταληπτὸν εἶναι τὸ ἦθος ἐξ εἰδούς, νεανίσκους τινὰς εὐτραπέλους ἀγαγεῖν πρὸς αὐτόν κίναιδον ἐσκληραγωγημένον ἐν ἀγρῷ καὶ ἀξιοῦν ἀποφαίνεσθαι περὶ τοῦ ἦθους· τὸν δὲ διαπορούμενον κελεῦσαι ἀπιέναι τὸν ἄνθρωπον. ὥς δ' ἀπιὼν ἐκεῖνος ἔπταρεν, “ἔχω,” εἶπεν, “αὐτόν,” ὁ Κλεάνθης, “μαλακός ἐστι.”

173. [...] Cleantes comentava que com os peripatéticos acontecia o mesmo que com as liras: emitiam belos sons sem ouvi-los. Contava-se que ele costumava repetir a máxima de Zênon segundo a qual se percebe o caráter de um homem por seu aspecto; então certa vez uns rapazes brincalhões levaram à sua presença um homem devasso com as mãos calejadas pelo trabalho no campo e lhe pediram para dar uma opinião a respeito de seu caráter; Cleantes

⁸⁰ Adotamos para todas as referências e citações de Diógenes Laêrtios a edição: *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 2ª ed., 1988.

ficou perplexo durante alguns momentos e depois mandou-o ir embora; quando o homem se retirava espirrou, e Cleantes gritou: “Ei-lo! É um efeminado!”

No capítulo 11 do *De Physiognomonia Liber*, o Anônimo explica que mesmo aqueles que disfarçam alguns sinais serão denunciados por alguma característica, o espirro, por exemplo, aparece como uma maneira de denunciar o homem efeminado. Interessante ressaltar que o indivíduo efeminado é um dos tipos frequentemente citado nos manuais fisiognomônicos, o Anônimo emprega *effeminatus* e também *cinaedus*, um termo complexo que remete ao comportamento devasso e ao campo semântico da homossexualidade.

Observamos que a obra a respeito dos sofistas é equivalente a um tratado de fisiognomonia e, com base na afirmação em VI, 15 de Diógenes, interpretamos que Antístenes provavelmente descreve traços da personalidade dos sofistas, contudo, mesmo afirmando que tal obra foi preservada, não há qualquer versão conhecida dela.

Aristóteles cita Antístenes na *Retórica*, III, 1407a, e cita um exemplo deste de homem delicado:

καὶ ὁ Δημοσθένης <εἰς> τὸν δῆμον, ὅτι ὁμοίός ἐστιν τοῖς ἐν τοῖς πλοίοις ναυτιῶσιν. καὶ ὡς Δημοκράτης εἰκασεν τοὺς ῥήτορας ταῖς τίθαις αἱ τὸ ψώμισμα καταπίνουσαι τῷ σιάλῳ τὰ παιδία 1407a.10 παραλείφουσιν. καὶ ὡς Ἀντισθένης Κηφισόδοτον τὸν λεπτὸν λιβανωτῷ εἰκασεν, ὅτι ἀπολλύμενος εὐφραίνει.

[...] Do mesmo modo, Demóstenes ao referir-se ao povo: que este é semelhante aos que enjoam nos barcos. E também Demócrates comparou os oradores a umas que, metendo na boca os pedaços de pão, a dão a comer às crianças com a sua saliva. Enfim, assim Antístenes comparou o delicado Cefisódoto com o incenso, pois este também, ao ser consumido, é encantador.

[Tradução: Manuel Alexandre Júnior *et alii*]

Segundo Marie-Odile Goulet-Cazé, em seu texto “Quem foi o primeiro cão?”⁸¹, temos neste excerto da *Retórica* o testemunho de Aristóteles em relação à existência do tratado de fisiognomonia de Antístenes:

Não é pelo menos provável que Aristóteles, falando a algumas páginas de distância de Cefisódoto e de Antístenes, por um lado, e de Cefisódoto e do Cão, por outro, esteja se referindo em ambas as vezes à mesma pessoa? Outro detalhe – secundário, sem dúvida, mas não negligenciável – poderia parecer dar suporte a essa hipótese. O “Cão” aludido por Aristóteles faz uma

⁸¹ BRANHAM, R. B. & GOULET-CAZÉ, M.-O. (Org.) *Os cínicos – O movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Tradução: Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007. Cf. “Apêndice B”, p. 446.

comparação referente às tabernas da Ática; pois em Ateneu, *Deipnosophistas*, lemos o seguinte: “Antístenes diz no tratado *Sobre fisiognomonía*, ‘Pois essas mulheres taberneiras [*hai kapēlides*] precisam alimentar os seus porquinhos quer queiram quer não’”.

O interesse desse fragmento aparentemente obsceno reside no fato de que ele nos permite afirmar que Antístenes falou de tabernas – que eram precisamente o tópico abordado pelo “Cão” na *Retórica* – numa obra cujo título completo, conforme preservado para nós por Diógenes Laércio (6.15), era *Sobre os sofistas: um tratado sobre fisiognomonía* (*Peri tōn Sophistōn Physiognōmonikos*). Poderíamos, assim, ter no testemunho de Aristóteles um novo fragmento do tratado sobre fisiognomonía de Antístenes. **[Tradução: Cecília C. Bartalotti]**

Segundo a lógica de Goulet-Cazé, Aristóteles corrobora a existência do mesmo tratado mencionado por Diógenes, com isso, supõe-se a existência de uma obra anterior ao primeiro tratado conhecido, a *Physiognomonica* de Pseudo-Aristóteles (III a.C.). Haveria, portanto, uma teoria concernente ao assunto e também aplicação prática do conhecimento fisiognomônico em período anterior a Aristóteles, não necessariamente associada às teorias hipocráticas.

Aristóteles menciona o princípio da fisiognomonía em *Analytica Priora*, II, 27, 70b, ao discutir se existe relação entre corpo e alma: caso o corpo e a alma se modifiquem simultaneamente com as diferentes afecções, tal como a raiva, então seria possível reconhecer cada afecção analisando sua expressão correspondente, supondo que haja um sinal típico para cada expressão. Aristóteles afirma que é possível julgar o caráter de um homem pela sua aparência física (*φυσιογνωμονεῖν*), contudo, depreendemos nessa passagem uma análise não propriamente do caráter, mas de afecções (*pathe*).

Voula Tsouna⁸² acredita que essa passagem de *Analytica Priora* reconhece a existência dos primeiros grupos de fisiognomonistas, os zoologistas, os etnologistas e os patognomonistas – uma classificação que está de acordo com os métodos fisiognomônicos, os quais estudaremos no próximo capítulo.

Lembremos ainda de uma associação fundamental na teoria fisiognomônica e que já encontra destaque em obras peripatéticas: em *Da geração dos animais*, 769b, 20-25, Aristóteles expõe, ao tratar de monstruosidades, como as pessoas costumavam efetuar comparações entre os homens e animais, dentre tais pessoas ele destaca os humoristas e os fisiognomonistas. Aristóteles relata que os humoristas frequentemente comparam

⁸² “Doubts about Other Minds and the Science of Physiognomics”. In: *The Classical Quarterly*, New Series, v. 48, nº 1, p. 175-86, 1998. Cf. p. 178.

homens de aparência ruim a figuras animais e diz, ainda, ter existido um fisiognomonista (φυσιογνώμων) que afirmava ser possível relacionar o rosto das pessoas a apenas dois ou três animais e ele, geralmente, convencia seu público.

Na *História dos animais*, na introdução do livro VII, 588a, vemos que até mesmo os animais diferem entre si com base em diversos critérios, mas Aristóteles destaca o *ethos* e a alimentação⁸³. Os animais apresentam traços relacionados à alma, embora tais diferenças sejam mais evidentes nos seres humanos.

Suetônio (II d.C.) faz referência a um *metoposcopus* Narciso, na *Vita de Titus*, II, 1. O *Oxford Latin Dictionary* define *metoposcopus* como aquele que prevê o destino por meio da análise do rosto; o dicionário de Gaffiot⁸⁴ traz “fisiognomonista” em seu significado. No *Greek-English Lexicon*, μετωποσκόπος constitui a observação da cabeça e o julgamento dos homens com base nesta observação, cujas referências são justamente Suetônio e também Plínio (XXXV, 88). O *metoposcopus* citado por Suetônio teria previsto Tito como futuro imperador a partir da análise de sua aparência.

*II. educatus in aula cum Britannico simul, ac paribus disciplinis et apud eosdem magistros institutus. Quo quidem tempore aiunt metoposcopum, a Narcisso Claudii liberto adhibitum, ut Britannicum inspiceret, constantissime affirmasse, illud quidem nullo modo, ceterum Titum, qui tunc prope astabat, utique imperaturum.*⁸⁵

Educado na corte com Britânico, estudou igualmente as mesmas disciplinas com os mesmos professores. Narra-se que, por essa época, um *fisionomista*, chamado de Narciso, liberto de Cláudio, para examinar Britânico, afirmara com absoluta segurança que este príncipe jamais reinaria, ao passo que Tito, então ao seu lado, chegaria a ser, com certeza, imperador.

[Tradução: Sady-Garibaldi]⁸⁶

Plínio, no livro XXXV da *História Natural*⁸⁷, dedica uma parte a Apeles que pintava imagens incrivelmente parecidas com a realidade, de maneira que o gramático

⁸³ Τὰ μὲν οὖν περὶ τὴν ἄλλην φύσιν τῶν ζώων καὶ τὴν γένεσιν τοῦτον ἔχει τὸν τρόπον· αἱ δὲ πράξεις καὶ οἱ βίοι κατὰ τὰ ἤθη καὶ τὰς τροφὰς διαφέρουσιν. “Eis como se apresentam a constituição dos animais e os seus modos de reprodução. Quanto ao comportamento e tipo de vida, eles dependem dos costumes e da alimentação.” Tradução: Maria de Fátima Sousa e Silva. In: *História dos animais VII-X*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008.

⁸⁴ *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.

⁸⁵ Fonte do texto em língua latina: www.thelatinlibrary.com – *Galba, Otho, Vitellius, Vespasian, Titus, and Domitian* - submitted by David Camden, webmaster of the Forum Romanum.

⁸⁶ SUETÔNIO. *A Vida dos Doze Césares*. São Paulo: Prestígio Editorial – Ediouro, 2ª ed. reform., 2002 (Clássicos Ilustrados).

⁸⁷ 10. [...] Apio grammaticus scriptum reliquerit, quendam ex facie hominum divinantem, quos metoposcopos vocant, ex iis dixisse aut futurae mortis annos aut praeteritae <vitae>. O gramático Apio deixou escrito que existiam pessoas capazes de adivinhar a partir da face dos homens, os quais chamamos metoposcopi, e falar a respeito da morte futura ou de sua vida passada. [Tradução nossa]

Apio teria dito que os *metoposcopi* eram capazes de profetizar quanto tempo viveriam ou teriam vivido as pessoas retratadas por meio da análise do rosto.

Jean-Jacques Aubert⁸⁸ destaca que a prática de recorrer ao *metoposcopus* era um hábito frequente da classe dirigente em Roma, mas os autores que tratavam da fisiognomonia não registravam tal fato em sua obra, provavelmente, porque a atividade da adivinhação pela observação da fisiognomonia não era bem conceituada.

Plínio, no livro XI, 273 da sua *História Natural*, mostra-se surpreso por Aristóteles ter acreditado que o corpo contém sinais premonitórios da nossa vida e, embora discorde disso, acha necessário dar atenção ao assunto uma vez que Aristóteles é referência nas ciências (*tantus uir in doctrinis*). Possivelmente, Plínio refere-se à obra apócrifa, que poderia ser o manual pseudoaristotélico de fisiognomonia, já que na sequência traz exemplos de descrições fisiognomônicas, no entanto, ele cita exemplos que remetem a proposições encontradas em *História dos animais*. Plínio descreve dois tipos físicos: poucos dentes, dedos muito longos, coloração de chumbo e inúmeras linhas nas mãos significam uma vida curta⁸⁹; as pessoas de ombros curvados, uma ou duas linhas nas mãos, mais de trinta e dois dentes e orelhas grandes significam vida longa⁹⁰.

Plínio ainda cita Pompeu Trogo (provavelmente do século I a.C.), cuja informação é de ser um autor muito rígido, que teria feito análises fisiognomônicas em sua obra. No mundo oriental, principalmente na Mesopotâmia, esse tipo de análise era um hábito reconhecidamente comum. Trogo relaciona sinais físicos ao caráter, tais como a descrição da fronte: grande indica o ânimo preguiçoso, a pequena, o ágil, a redonda, o irascível.

Sexto Empírico (provavelmente do século II d.C.), médico e filósofo, em *Hipotiposes Pirrônicas*, I, 85, explica que em razão da diversidade física dos homens deve haver também inúmeras diferenças na alma, uma vez que o corpo é uma das

⁸⁸ *La méthode zoologique dans les traités de physiognomonie*. Université de Neuchâtel – Faculté des lettres et sciences humaines/ Sciences de l'Antiquité, 2004. Cf. p. 5

⁸⁹ *Hist. dos animais*, 501b22-24: “Nos homens, os últimos dentes a nascer são os molares, que são chamados dentes do siso; nos homens e nas mulheres aparecem por volta dos vinte anos. Mas já se tem visto mulheres com oitenta anos a quem os dentes do siso nascem no fim da vida, com enorme sofrimento para romperem; homens há com quem se passa o mesmo. Esta situação só acontece a quem, na juventude, os dentes do siso não nasceram.” [*História dos Animais Livros I-VI. Tradução: M. de Fátima S. e Silva*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006]

⁹⁰ *Hist. dos animais*, 493b32 – 494a: “A face interna da mão é a palma, que é carnuda e dividida por linhas; em quem deverá ter uma vida longa há uma ou duas linhas que atravessam a mão de um lado ao outro; os que terão uma vida curta apresentam duas linhas que não são extensas.” [*Tradução: M. de Fátima S. e Silva*, ibidem]

maneiras de analisar a expressão da alma, fato que, segundo ele, se comprova por meio do conhecimento fisiognomônico (ἡ φυσιογνωμονικὴ σοφία).

Embora tenhamos traçado um breve histórico, constatamos que não há literatura abundante acerca da circulação de tratados fisiognomônicos na Antiguidade Clássica, mas é possível observar que a teoria se fazia presente na cultura do período. Elisabeth Evans é muito cuidadosa em sua análise da fisiognomonia em obras de escritores clássicos, chamando seu emprego de consciência fisiognomônica (“physiognomic consciousness”)⁹¹.

Aubert⁹² traz proposições importantes a respeito do histórico da prática fisiognomônica na Antiguidade; ele afirma que a fisiognomonia surgiu no Oriente e, por meio do contato com o mundo ocidental, os gregos realizaram a primeira sistematização escrita de algo que até então era utilizado, mas não teorizado. Aubert atribui às escolas peripatética e estoica o interesse pela fisiognomonia no período helenístico, mas já desfrutava de grande popularidade entre os séculos II e IV da nossa era, no entanto, desde Homero já é possível identificar o uso da fisiognomonia em poesia e prosa nas caracterizações de personagens⁹³ – tal afirmação nos lembra também a consciência fisiognomônica, uma ideia que parece ser consensual entre os estudiosos do assunto.

Mladen Popović⁹⁴ afirma que a fisiognomonia era empregada por filósofos, médicos e rétores, o que se fazia presente na literatura, desse modo, faz sentido pensar que se tratava de uma prática popular, mas há pouca evidência para comprovar a popularidade da fisiognomonia.

Percebemos que a consciência fisiognomônica permeia os textos filosóficos, históricos, tratados médicos e de oratória. A discussão que se apresenta diante desta perspectiva é se a presença da fisiognomonia reflete, de fato, o conhecimento de uma *techné* ou *episteme* ou apenas um senso comum estabelecido em épocas diversas.

A aparência é também temática explorada por Platão em meio a discussões acerca de virtudes, na passagem abaixo, por exemplo, ele estabelece associação entre aspectos físicos e algumas características que costumam ser conferidas a determinados tipos:

⁹¹ EVANS, E. op. cit., *passim*.

⁹² AUBERT, J. J. op. cit., cf. p. 9.

⁹³ AUBERT, J. J. op. cit., cf. p.14.

⁹⁴ POPOVIĆ, M., op. cit.: “In the Greco-Roman world physiognomics was the domain of philosophers, physicians and rhetoricians. In their writings they dealt with the theoretical as well as the applied side of this art or science (τέχνη), while a physiognomic consciousness appears in literary works of history and biography, drama, and satire. One should, of course, also allow for the possibility that physiognomic ideas circulated on a more popular level, but there is very little evidence for such popular expressions.” (p. 85-6)

Ἄλλω, εἶπον, ἔπρεπεν, ὦ Γλαῦκων, λέγειν ἃ λέγεις· ἀνδρὶ δ' ἐρωτικῷ οὐ πρέπει ἀμνημονεῖν ὅτι πάντες οἱ ἐν ὥρᾳ τὸν φιλόπαιδα καὶ ἐρωτικὸν ἀμῇ γέ πη δάκνουσί τε καὶ κινουῶσι, δοκοῦντες ἄξιοι εἶναι ἐπιμελείας τε καὶ τοῦ ἀσπάζεσθαι. ἢ οὐχ οὕτω ποιεῖτε πρὸς τοὺς καλοὺς; ὁ μὲν, ὅτι σιμός, ἐπίχαρις κληθεὶς ἐπαινεθήσεται ὑφ' ὑμῶν, τοῦ δὲ τὸ γρυπὸν βασιλικὸν φατε εἶναι, τὸν δὲ δὴ διὰ μέσου τούτων ἐμμετρώτατα ἔχειν, μέλανας δὲ ἀνδρικοὺς ἰδεῖν, λευκοὺς δὲ θεῶν παῖδας εἶναι· μελιχλῶρους δὲ καὶ τοῦνομα οἶει τινὸς ἄλλου ποίημα εἶναι ἢ ἐραστοῦ ὑποκοριζομένου τε καὶ εὐχερῶς φέροντος τὴν ὠχρότητα, ἐὰν ἐπὶ ὥρᾳ ᾗ;

Essas palavras, Glauco, só ficariam bem na boca de outra pessoa. Quem tem experiência de amor não pode ignorar que os moços na flor da idade estimulam e abalam fortemente os amantes e admiradores dos jovens, pois todos eles se consideram merecedores de seu afeto e atenções. Não é assim que fazeis com os rapazes de bela aparência? Se é de nariz arrebitado, dizeis que é gracioso, passando todos a elogiá-lo. O nariz de papagaio daquele, achais que lhe confere certo ar de realeza, como declarais bem proporcionado o que não apresenta traços exagerados nem num nem noutro sentido. Os morenos têm aspecto viril; os de tez clara são descendentes dos deuses. E a palidez do mel, não te parece eufemismo criado por algum amante conformado com a cor do seu querido, bastando para isso que estivesse na flor da idade? [*República*, V, 474d-e. Tradução: C. A. Nunes]⁹⁵

A fisiognomonía, como vimos, exerceu influência também na cultura do mundo árabe, o tratado *De Physiognomonía* de Polemão (II d.C), embora escrito em grego, teve divulgação pela versão árabe do livro.

O parentesco entre fisiognomonía e adivinhação é, conforme observamos, usual na teoria antiga acerca da fisiognomonía. Segundo Armstrong⁹⁶, a fisiognomonía babilônica preocupava-se mais com a predição das vicissitudes da vida do homem do que com a análise das características morais e mentais e, mesmo quando se concentrava em tais aspectos, isto se fazia na forma de presságio. Ainda segundo informações do autor, havia duas categorias de fisiognomonista, os adivinhos – conforme explicado acima – e os médicos, estes partiam da observação de condições físicas visíveis, como sinais e sintomas, para compreender a condição invisível, a doença.

⁹⁵ Adotamos para as citações d'A *República* a edição: PLATÃO – *DIÁLOGOS*. A *República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Coordenação de Benedito Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 3ª ed. ver., 2000.

⁹⁶ ARMSTRONG, A. MacC. The Methods of the Greek Physiognomists. *Greece & Rome*, v. 5, n.1, p. 52-6, 1958. Cf. p.52.

Clemente de Alexandria (II d.C.), teólogo e filósofo, um dos primeiros padres da igreja cristã, tratou de temas da filosofia grega para explicar seus preceitos. Em *Stromata*, 135, ele cita três autores que teriam mencionado o mesmo adivinho, Ortágoras, são eles: Teopompo (IV a.C.), Éforo (IV a.C.) e Timeu (IV a.C.); Pitócles de Samos, de data desconhecida, teria mencionado outro adivinho, Caio Júlio Nepos, no volume quatro da *História da Itália*. Clemente explica que esses adivinhos fazem suas previsões como médicos, por meio da fisiognomonía, mas há ainda os que profetizam por meio da inspiração divina⁹⁷.

A adivinhação é uma prática comum para diversos povos da Antiguidade⁹⁸ e apresenta uma divisão em dois gêneros, o natural e o artificial, cuja distinção está presente em *Sobre a adivinhação* de Cícero e é resumida por Beatriz R. Gratti⁹⁹ em sua dissertação:

[...] A adivinhação chamada artificial é baseada em técnicas de observação e interpretação de certos fenômenos, como os auspícios (observação dos vãos e cantos das aves). Assim, acredita-se que certa divindade manifesta a sua vontade e anuncia o futuro através de sinais que devem ser interpretados. Já a adivinhação chamada natural ocorre quando uma divindade inspira diretamente certo indivíduo, através de profecias e sonhos, principalmente. (p. 13)

Numa obra perdida de Porfírio (IV d.C.), *Epistula ad Anebonem*, com passagens citadas por outros autores, ele teria examinado a adivinhação com base em diversas escolas filosóficas e estabeleceu duas grandes categorias: adivinhação inspirada e indutiva¹⁰⁰. A que depende de inspiração, segundo Porfírio, poderia ser uma simples atividade da alma ou depende de certas condições psicológicas (doenças, desequilíbrio dos humores, absorção de drogas, etc.). A adivinhação indutiva, por sua vez, exigia um conhecimento técnico, ou seja, *techne*, semelhante ao dos médicos e dos meteorologistas, os quais faziam suas previsões fundamentadas na experiência e observação.

Baroja¹⁰¹ afirma que a fisiognomonía teria se corrompido na Idade Média porque

⁹⁷ I, 21, 135.2. [...] οἱ φυσιογνωμονοῦντες ἰατροί τε καὶ μάντιες [...].

⁹⁸ Edward O. Wilson em *Da natureza humana* cita o registro do antropólogo George P. Murdock ao enumerar as características presentes em todas as culturas conhecidas da História e da Etnografia: “Adivinhação, arte culinária, arte decorativa, calendário, casamento, cirurgia, classificação etária, comércio [...]” (p.22) – a sequência enumera diversas atividades humanas.

⁹⁹ *Sobre a adivinhação*, de Marco Túlio Cícero. Orientador: Dr. Paulo S. de Vasconcellos. Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP, 2009.

¹⁰⁰ Jeannie Carlier, que serviu de fonte para esta citação, analisa os preceitos concernentes à *diuination* em Porfírio, nesta obra e em outras: “Science divine et raison humaine”. In: VERNANT, J. P. *et alii*. *Divination et Rationalité*, p. 249-263. Essa classificação é consenso entre os teóricos do assunto: *vide* BOTTÉRO, J. *Mésopotamie. L’écriture, la raison et les dieux*. Paris: Gallimard, 1987. Cf. p. 234.

¹⁰¹ *Historia de la Fisiognómica. El rostro y el Carácter*. Madri: ISTMO (Colección Fundamentos), 96, 1988. Cf. p.41-2.

os critérios de sua teoria tornaram-se mais problemáticos quando unidos à arte de adivinhação, colocando-os em dúvida. Neste período, as práticas divinatórias eram tidas como pagãs pelo Cristianismo, tornando-as questionáveis.

O Anônimo pouco associa a fisiognomonia à mântica, esta relação só fica evidente no último capítulo, o qual já citamos, aludindo a episódios de predição extraídos de Polemão, contudo, o texto possui lacunas e não é possível saber se o Anônimo se prolongaria nessa temática.

Os árabes consideravam a fisiognomonia como uma arte própria de alguns indivíduos habilidosos que herdavam a capacidade de praticá-la e, segundo relata Abderrahman Belhaddad¹⁰² em sua dissertação, os filósofos árabes do Período Clássico só conheceram a fisiognomonia como “ciência” a partir do contato com a filosofia grega. Posteriormente, ela foi reconhecida dentre as ciências naturais por filósofos árabes e islâmicos, aparecendo atrás da medicina e da astrologia; no entanto, sua condição é hipotética uma vez que a relação estabelecida entre signo e significado é fraca, pois se baseia na analogia. Belhaddad cita ainda uma justificativa interessante de estudiosos árabes modernos, tal como Jorge Zaydan, que atribuem a fragilidade desta ciência à limitação de seus praticantes.

A fisiognomonia, portanto, apresenta um tom profético quando avalia as possibilidades futuras por meio da análise do caráter do indivíduo, feita a partir da observação de suas características físicas.

Jeannie Carlier¹⁰³ avalia como os neoplatônicos utilizaram-se da ambiguidade das proposições platônicas para conferir um estatuto privilegiado à adivinhação; no entanto, conclui-se que a mântica, de acordo com os preceitos da teoria platônica, está no âmbito da *doxa* e não da *episteme*.

Cícero questiona em *Sobre a adivinhação*, II, 46, 95-97, a prática babilônica de prever pela data de nascimento e defende que a região de nascimento exerce uma maior influência sobre os indivíduos, além de ser possível corrigir problemas de nascimento por meio da medicina ou do exercício de alguma arte:

XLVI 96. *Quid? illudne dubium est, quin multi, cum itanati essent, ut quaedam contra naturam deprauata haberent, restituerentur et corrigerentur ab natura, cum se ipsa reuocasset, aut arte atque medicina? ut, quorum linguae sic inhaerent, ut loqui non possent, eae scalpello resectae*

¹⁰² BELHADDAD, A., op. cit., cf. p. 14-15.

¹⁰³ CARLIER, J., op. cit. *Passim*.

liberarentur. Multi etiam naturae uitium meditatione atque exercitatione sustulerunt, ut Demosthenem scribit Phalereus, cum RHO dicere nequiret, exercitatione fecisse, ut planissime diceret. Quodsi haec astro ingenerata et tradita essent, nulla res ea mutare posset. Quid? dissimilitudo locorum nonne dissimilis hominum procreationes habet? quas quidem percurrere oratione facile est, quid inter Indos et Persas, Aethiopas et Syros differat corporibus, animis, ut incredibilis uarietas dissimilitudoque sit. 97. Ex quo intellegitur plus terrarum situs quam lunae tactus ad nascendum ualere. Nam quod aiunt quadringenta septuaginta milia annorum in periclitandis experiundisque pueris, quicumque essent nati, Babylonios posuisse, fallunt; si enim esset factitatum, non esset desitum; neminem autem habemus auctorem, qui id aut fieri dicat aut factum sciat.¹⁰⁴

96 E então? Existe dúvida de que muitos, tendo nascido com alguma deformidade contra a natureza, seriam reparados e corrigidos pela natureza, ela mesma se corrigindo ou por arte ou por medicina? Como as línguas de algumas pessoas, que são presas de modo que não possam falar, são soltas ao serem liberadas com um bisturi. Muitos também superaram um vício da natureza pela prática e exercício, como escreve Falero sobre Demóstenes: não podendo dizer “rô”, conseguiu, através de exercícios, pronunciá-lo perfeitamente. E se essas coisas fossem geradas e transmitidas por um astro, nada poderia mudá-las. O quê? Acaso a diferença dos locais não resulta em procriações diferentes dos homens? Certamente é fácil expor o que é diferente entre indianos e persas, etíopes e sírios, quanto aos corpos e às almas, de modo que haja uma variedade e uma diferença incríveis. **97.** Disso entende-se que vale mais para o nascimento a localização geográfica que a influência da lua. Pois, quanto ao fato de dizerem que os babilônios empregaram quatrocentos e setenta mil anos a testar e a fazer experiência com todos as crianças que tinham nascido, se enganam; pois se fizessem sempre assim não teriam deixado de fazer; mas não temos nenhum autor que diga ou que isso aconteça ou que saiba que aconteceu.

[Tradução: Beatriz R. Gratti]¹⁰⁵

Fundamentando-nos nas discussões aqui expostas, apesar da incerteza concernente ao estatuto da fisiognomonia, testemunhamos que os preceitos da teoria fisiognomônica já se manifestavam em inúmeras doutrinas. Um tópico extremamente importante para a fisiognomonia é a relação estabelecida entre corpo e alma e trata-se de uma temática frequentemente discutida pelos filósofos desde a Antiguidade, conforme temos citado constatemente.

¹⁰⁴ Edição: M. Tullius Cicero. *De Divinatione* (M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia. Part 4, v. 2, ed. C. F. W. Mueller, 1890).

¹⁰⁵ GRATTI, B., op. cit.

Em *Timeu*, 86-88, Platão, após discorrer acerca de alguns problemas de saúde e suas causas, explica como o desequilíbrio dos humores pode provocar também distúrbios na alma. Há uma relação de dependência entre as enfermidades do corpo e o ânimo das pessoas, pois as perturbações (*pathe*) da alma afetam a saúde física:

86 B. [...] Καὶ τὰ μὲν περὶ τὸ σῶμα νοσήματα ταύτη συμβαίνει γιγνόμενα, τὰ δὲ περὶ ψυχὴν διὰ σώματος ἔξιν τῆδε. νόσον μὲν δὴ ψυχῆς ἄνοιαν συγχωρητέον, δύο δ' ἀνοίας γένη, τὸ μὲν μανίαν, τὸ δὲ ἀμαθίαν. πᾶν οὖν ὅτι πάσχων τις πάθος ὁπότερον αὐτῶν ἴσχει, νόσον προσρητέον, ἡδονὰς δὲ καὶ λύπας ὑπερβαλλούσας τῶν νόσων μεγίστας θετέον τῇ ψυχῇ· [...] **86 E – 87 A.** ὅτου γὰρ ἂν ἡ τῶν ὀξέων καὶ τῶν ἀλυκῶν φλε-γμάτων καὶ ὅσοι πικροὶ καὶ χολώδεις χυμοὶ κατὰ τὸ σῶμα πλανηθέντες ἔξω μὲν μὴ λάβωσιν ἀναπνοήν, ἐντὸς δὲ εἰλλόμενοι τὴν ἀφ' αὐτῶν ἀτμίδα τῇ τῆς ψυχῆς φορᾷ συμμερίζαντες ἀνακερασθῶσι, παντοδαπὰ νοσήματα ψυχῆς ἐμποιοῦσι μᾶλλον καὶ ἥττον καὶ ἐλάττω καὶ πλείω, πρὸς τε τοὺς τρεῖς τόπους ἐνεχθέντα τῆς ψυχῆς, πρὸς ὃν ἂν ἕκαστ' αὐτῶν προσπίπτῃ, ποικίλλει μὲν εἶδη δυσκολίας καὶ δυσθυμίας παντοδαπά, ποικίλλει δὲ θρασυτήτος τε καὶ δειλίας, ἔτι δὲ λήθης ἅμα καὶ δυσμαθίας. [...]

87 E. οἷον οὖν ὑπερσκελὲς ἡ καὶ τινα ἐτέραν ὑπέρεξιν ἄμετρον ἑαυτῷ τι σῶμα ὃν ἅμα μὲν αἰσχροὺς, ἅμα δ' ἐν τῇ κοινωνίᾳ τῶν πόνων πολλοὺς μὲν κόπους, πολλὰ δὲ σπᾶσματα καὶ διὰ τὴν παραφορότητα πτώματα παρέχον μυρίων κακῶν αἴτιον ἑαυτῷ, ταῦτόν δὴ διανοητέον καὶ περὶ τοῦ συναμφοτέρου, ζῶον ὃ καλοῦμεν, ὡς ὅταν τε ἐν αὐτῷ ψυχὴ κρείττων **88.** οὕσα σώματος περιθύμως ἴσχη, διασείουσα πᾶν αὐτὸ ἐνδοθεν νόσων ἐμπίμπλησι, καὶ ὅταν εἷς τινος μαθήσεις καὶ ζητήσεις συντόνως ἢ, κατατῆκε, διδαχάς τ' αὖ καὶ μάχας ἐν λόγοις ποιουμένη δημοσίᾳ καὶ ἰδίᾳ δι' ἐρίδων καὶ φιλονικίας γιγνομένων διάπυρον αὐτὸ ποιοῦσα σαλεύει, καὶ ρεύματα ἐπάγουσα, τῶν λεγομένων ἱατρῶν ἀπατῶσα τοὺς πλείστους, τὰναίτια αἰτιάσθαι ποιεῖ· σῶμά τε ὅταν αὖ μέγα καὶ ὑπέρψυχον σμικρὰ συμφυὲς ἀσθενεῖ τε διανοία γένηται, διττῶν **88 B.** ἐπιθυμιῶν οὐσῶν φύσει κατ' ἀνθρώπους, διὰ σῶμα μὲν τροφῆς, διὰ δὲ τὸ θειότατον τῶν ἐν ἡμῖν φρονήσεως, αἱ τοῦ κρείττονος κινήσεις κρατοῦσαι καὶ τὸ μὲν σφέτερον αὔξουσai, τὸ δὲ τῆς ψυχῆς κωφὸν καὶ δυσμαθὲς ἀμνημόν τε ποιοῦσαι, τὴν μεγίστην νόσον ἀμαθίαν ἐναπεργάζονται. τὴν μεγίστην νόσον ἀμαθίαν ἐναπεργάζονται.

86 B. [...] É deste modo que se geram os distúrbios que afectam o corpo, enquanto que os que afectam a alma, e que resultam da condição do corpo, ocorrem do modo que se segue. [...] **86 E – 87 A.** Quando as fleumas ácidas e salinas e todos os sucos amargos e biliosos que vagueiam pelo corpo não tomam um fluxo respiratório para o exterior, mas ficam às voltas no interior, se cruzam com o movimento da alma, misturando com ela os seus próprios vapores e introduzem na alma distúrbios de toda a espécie, mais ou menos

graves, em menor ou maior quantidade. Faz-se transportar até às três regiões da alma e, conforme qual delas ataquem, pejam tudo de todas as formas e variedades de mau-humor, de desgosto, e pejam tudo de audácia, de cobardia e ainda de esquecimento e dificuldade em aprender. [...]

87 E. Um corpo com as pernas demasiadamente compridas ou com qualquer outro excesso é, em si mesmo, simultaneamente aberrante e assimétrico; ao mesmo tempo, quando conjuga esforços, provoca muitos sofrimentos, muitas roturas e quedas, em virtude do seu movimento cambaleante; o que é uma causa de incontáveis males para si próprio.

Devemos pensar o mesmo acerca do composto dual a que chamamos ser-vivo, porque quando nele a alma, por ser mais poderosa do que o corpo, se apresenta irascível, sacode-o violentamente e inunda-o todo de doenças **88 A.** por todo o lado, e consome-o quando se debruça intensamente sobre algum ensinamento ou investigação; quando ela se dedica à aprendizagem ou a discussões oratórias, em público ou em privado, agita-o e torna-o ardente nas disputas e rivalidades que se geram. Ao induzir fluxos, engana a maioria dos chamados médicos e fá-los responsabilizar as causas contrárias. Quando um corpo demasiado grande e demasiado forte para a alma é congeminado com uma actividade intelectual diminuta e frágil, como nos homens **88 B.** existem dois tipos de apetites – um de alimento, que provém do corpo, e outro de pensamento, que provém da parte mais divina que há em nós –, e visto que os movimentos da parte mais poderosa dominam e aumentam o seu poder, tornam a alma obtusa, avessa à aprendizagem e privada de memória, e produzem a pior doença: a ignorância. [Tradução: Rodolfo Lopes]¹⁰⁶

Daniel R. McLean¹⁰⁷ também aborda a consciência fisiognomônica e destaca o fato de Foerster ter citado, em sua compilação de autores que trataram da fisiognomonía, inúmeras passagens de Platão. O autor lembra ainda o quanto a relação entre o “bem” e o “belo” está presente no pensamento da Antiguidade, tendo em vista que uma bela aparência era indicativo de qualidades e Platão teria herdado os preconceitos fisiognomônicos de sua época, já que a beleza é um termo de significado ético em seus diálogos.

Em *Teeteto*, temos um exemplo do modelo de homem *kalos kagathos*, recorrente em Platão, 185e:

¹⁰⁶ *Timeu – Crítica*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra, 2011.

¹⁰⁷ “The Socratic corpus: Socrates and physiognomy”. Cf. p. 75. In: *Socrates from Antiquity to the Enlightenment and Socrates in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Londres: Ashgate (Centre for Hellenic Studies, King’s College), v. 1, p. 65-88, 2007.

{ΣΩ.} Καλὸς γὰρ εἶ, ὦ Θεαίτητε, καὶ οὐχ, ὥς ἔλεγε Θεόδωρος, αἰσχροῦς· ὁ γὰρ καλῶς λέγων καλὸς τε καὶ ἀγαθός. πρὸς δὲ τῷ καλῷ εὖ ἐποίησάς με μάλα συχνοῦ λόγου ἀπαλλάξας, εἰ φαίνεται σοι τὰ μὲν αὐτῇ δι' αὐτῆς ἡ ψυχῇ ἐπισκοπεῖν, τὰ δὲ διὰ τῶν τοῦ σώματος δυνάμεων. τοῦτο γὰρ ἦν ὁ καὶ αὐτῷ μοι ἐδόκει, ἐβουλόμην δὲ καὶ σοὶ δόξαι.

Sócrates: Sabes, Teeteto, és belo e não feio, como afirmou Teodoro, pois aquele que discursa belamente, é belo e bom. Mas além de ser belo, me fizeste um favor ao poupar-me de uma longa discussão, já que pensas que a alma, embora considere algumas coisas através das faculdades do corpo, considera outras sozinha e através de si mesma. De fato, era essa a minha opinião e desejava que concordasses comigo. [Tradução: Edson Bini. Grifo nosso]¹⁰⁸

No início do mesmo diálogo, Sócrates é descrito por Teodoro com uma aparência disforme: nariz chato e olhos saltados (143e).

Boys-Stones propõe que Platão não concordava com o princípio geral da fisiognomonia, visto não existir de fato uma relação entre corpo e alma, já que esta preexiste ao corpo por ser imortal e chega ao corpo já formada; nesse sentido, o corpo e o ambiente podem afetar o caráter da alma, já que ela se desenvolve por meio de experiências nas encarnações. O teórico vê no exemplo de *Fédon* (81e - 82b) mais um comprometimento com o personagem de Fédon do que com a teoria fisiognomônica¹⁰⁹.

Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, 1127b-1128a, relaciona o comportamento das pessoas ao *ethos*. Ele cita, por exemplo, o indivíduo espirituoso e o bufão vulgar: o bufão é exagerado na tentativa de provocar o riso e se torna vulgar, ao passo que o indivíduo espirituoso graceja com bom gosto e reflete um caráter decoroso.

O emprego da fisiognomonia, portanto, marca presença na literatura antiga mesmo antes dos tratados que hoje conhecemos, mas o questionamento acerca de seu estatuto persiste. Baroja¹¹⁰ expõe bem esta dúvida ao citá-la como ciência e arte, no entanto, ele ressalta que o fato da fisiognomonia não ter conseguido constituir um sistema de verdades

¹⁰⁸ BINI, E., op. cit.

¹⁰⁹ In: SWAIN, S. op. cit., acerca dessa discussão cf. p. 36-41.

¹¹⁰ BAROJA, C. op. cit.: “[...] el del desarrollo de la fisiognómica, fisiognomónica o fisionomía, de la que se dice que es la “ciencia que estudia la relación del carácter y el aspecto físico de los individuos y especialmente el carácter y los rasgos de la cara”. Al lado de esta definición se nos dirá que también se llama así al “Arte de adivinar el carácter de acuerdo com los signos exteriores”. ¿Una ciencia o una arte? He aquí la primera cuestión replanteada otra vez. Si ciencia es sinónimo de saber, o un conjunto de conocimientos con unidad suficiente y que conducen a conclusiones concordantes, podemos decir que la fisiognómica hoy no puede considerarse como tal ciencia, aunque muchos lo hayan pretendido. Tampoco como conjunto de reglas o procedimientos que conducen a um resultado seguro, como arte. Porque los esfuerzos realizados de dos mil quinientos años, o más, a esta parte, no han alcanzado verdadera madurez.” (p. 20-1)

gerais e ainda ser colocada ao lado de falsas ciências, nos impossibilita de classificá-la como ciência sem que haja contradições e resultando no saber verdadeiro; além disso, nem mesmo poderíamos considerá-la arte, consistindo esta no conjunto de regras para produzir um resultado determinado.

André Lalande, em seu vocabulário filosófico¹¹¹, enuncia a primeira definição de arte de acordo com Galeno: “conjunto de procedimentos que servem para produzir um certo resultado”. Neste sentido, a fisiognomonia representa uma *techne* cuja finalidade é a avaliação do caráter e das paixões por meio da observação da aparência física; no entanto, pensar que haja um sistema para orientar esta *techne* que possa ser considerado *episteme*, entendendo-a como saber teórico, é questionável, visto que a teoria proposta nos manuais é imprecisa e nem sempre as imagens descritas são facilmente compreendidas.

Podemos ainda lembrar o termo patognomonia que, segundo Martin Porter¹¹², é uma nomenclatura moderna para o estudo das emoções por meio das expressões da face, equivalendo ao terceiro método citado no tratado de Pseudo-Aristóteles¹¹³. A acepção de patognomonia no *Dicionário Houaiss* é: “estudo dos sinais e sintomas característicos das doenças”, cuja datação do adjetivo correspondente “patognomônico” em nossa língua é de 1601. Chantraine¹¹⁴ esclarece que, no grego moderno, πάθος significa “doença”.

Charles Le Brun, diretor da Academia Real de Pintura e Escultura da França, na conferência *L’expression generale et particulière* (1668), contribuiu significativamente para o estudo das alterações faciais de acordo com as emoções. Le Brun¹¹⁵ afirma que o movimento da alma é seguido por reações no corpo.

¹¹¹ LALANDE, A. op. cit., cf. p. 88-9.

¹¹² PORTER, M., op. cit., cf. p. 56-57.

¹¹³ Cf. Pseudo-Aristóteles, 805a30. Sugerimos a leitura da tradução em inglês de SWAIN, S. op. cit.

¹¹⁴ CHANTRAINE, P. Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Paris: Kincklisieck, v. I, 1968. Cf. p. 862.

¹¹⁵ Citação indireta de LE BRUN, C. *Conférence sur l’expression générale et particulière*. In: DESJARDINS, L. “La peinture ou les passions entre *mimésis* et *technè*”. *Le corps parlant: savoirs et représentation des passions au XVIIe siècle*: “Et comme il a été dit que l’âme a deux appétits dans la partie sensitive, et que de ces deux appétits naissent toutes les passions, il y a aussi deux mouvements dans les sourcils qui expriment tous les mouvements des passions. Ces deux mouvements que j’ai remarques ont un parfait rapport à ces deux appétits, car celui qui s’élève en haut vers le cerveau, exprime toutes les passions les plus farouches et les plus cruelles.” (p. 181)

1. LE BRUN. *Mouvement violent*¹¹⁶.

Embora seja difícil sistematizar o uso da fisiognomonia nas artes em geral, Marie-Hélène Marganne¹¹⁷ afirma que há uma clara influência da teoria fisiognomônica sobre as obras do período paleocristão. A mesma autora ainda destaca o emprego da fisiognomonia nos dias atuais na morfopsicologia, uma área da psicologia que divide o rosto em partes, cada qual com seu significado, mas cujas características devem ser analisadas em conjunto.

Portanto, não há dentre as teorias antigas uma que sistematize propriamente o que seja a fisiognomonia e, conforme já mencionamos, os próprios manuais fisiognomônicos não constituem uma boa fonte para esclarecer tal discussão. Observamos, contudo, que a fisiognomonia enquadra-se bem na área da medicina, em razão de alguns pontos de contato na similaridade dos métodos, tal como a procura da causa nas condições climáticas e a associação dos humores no temperamento das pessoas.

Tamsyn S. Barton¹¹⁸ julga que a definição usual da fisiognomonia é na verdade uma formulação geral para uma arte constantemente reinventada por diferentes culturas. No mundo greco-romano, a fisiognomonia é um fenômeno claramente enraizado em sua cultura, muito mais do que a astrologia, os tratados, entretanto, trazem um repertório fisiognomônico que, na opinião de Barton, é muito reduzido e pouco elaborado, afirmação que discutiremos com base em *De Physiognomonia Liber*.

¹¹⁶ Fonte: <http://arts-graphiques.louvre.fr/detail/oeuvres/0/206728-Mouvement-violent>.

¹¹⁷ “De la physiognomonie dans l’Antiquité Greco-Romaine”. In: DUBOIS, P. & WIKIN, Y. *Rhétoriques du corps*. Bruxelas: DeBoeck Université, p. 13-24, 1988. Cf. p. 22 e 24.

¹¹⁸ *Power and knowledge: astrology, physiognomics, and medicine under the Roman Empire*. Michigan: Tue University Michigan Press, 4ª ed. paperback, 2005. Cf. p. 95-6.

2. *De Physiognomonía Liber* – Livro de Fisiognomonía

Pretendemos arrolar algumas características dos textos fisiognomônicos a partir do tratado *De Physiognomonía Liber*, obra provavelmente do século IV da nossa era e de autoria desconhecida. A autoria já foi atribuída a Lúcio Apuleio (II d.C.), autor das *Metamorfoses*, no entanto, tal afirmação já foi desacreditada em razão do estilo e vocabulário distintos de Apuleio, além de ser improvável cronologicamente dadas as citações que o autor do tratado faz de Polemão (II d.C.)¹¹⁹.

De Physiognomonía Liber parece apresentar função didática sob a forma de um texto predominantemente descritivo, visto que o tratado é, por assim dizer, um catálogo da fisiognomonía ao apresentar diversos tipos. Desse modo, o autor procura associar características do *ethos* a determinadas aparências, adotando um dos principais métodos da teoria fisiognomônica, o anatômico; ele procura, portanto, fazer um apanhado dos preceitos a partir do que já fora apresentado por outros autores nessa doutrina.

Passagens narrativas ficam implícitas, em alguns momentos e de maneira sucinta, tal como nos exemplos citados de Polemão ou mesmo nas referências mitológicas, quando cita Virgílio (cap. 84) e personagens conhecidos, como Édipo (cap. 21).

Em estudo acerca dos gêneros literários em Roma, os teóricos René Martin e Jacques Gaillard¹²⁰ propõem, na introdução, uma classificação em quatro gêneros: narrativo, demonstrativo, dramático e afetivo. Segundo esta proposta, os tratados em prosa pertencem ao gênero demonstrativo no qual o objetivo é descrever uma realidade, expor um sistema ou uma doutrina, cuja função principal é ensinar – dessa maneira, o tratado está ao lado da poesia didática em sua finalidade. Observa-se que o uso dos tratados na Antiguidade se dá em áreas diversas do conhecimento, tais como na agricultura, medicina, arquitetura, com destaque para a *História Natural* de Plínio que tratou de temas oriundos de várias áreas.

Lembremos que Aristóteles, no livro I da *Retórica*, 1355a, expondo o método da persuasão que deve ser utilizado na retórica, descarta o emprego de um discurso científico (τὴν ἐπιστήμην λόγος) que é próprio do ensino. Em *Tópicos*, obra em que estuda a arte dialética e métodos para formulação de seus argumentos, Aristóteles justifica as utilidades do presente tratado (ἡ πραγματεία), I, 101a: treinar o intelecto para discutir um assunto;

¹¹⁹ Cf. Introdução de Ian Repath à tradução inglesa de *De Physiognomonía Liber*. In: SWAIN, S., op. cit., cf. p.549; EVANS (1969), cf. p. 16.

¹²⁰ *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.

conhecer opiniões úteis às conversações; e, por fim, proporcionar reflexões necessárias na busca pela verdade, promovendo o conhecimento filosófico (φιλοσοφίαν ἐπιστήμης).

Retomando a relação da fisiognomonia com a medicina, podemos refletir acerca do que se diz dos tratados hipocráticos. Regina A. Rebollo¹²¹ introduz a discussão acerca do tratado *Sobre a arte médica* mostrando como eram vistas as obras do *corpus hippocraticum*:

[...] Os principais estudiosos da Coleção hipocrática tais como Jouanna, Gual e Jones, entre outros, chamam a atenção para alguns pontos que por si só justificariam a escolha do texto para uma análise. Jouanna afirma que a *Coleção hipocrática* fornece a melhor imagem sobre as artes em geral e a medicina em particular, pois é o único *corpus* do século V que conservou na sua integridade exemplos dos tratados chamados *technai*, obras que definiam as regras de uma arte ou técnica (*techné*). O tratado mostra que as *technai* já possuíam, no que diz respeito a suas regras e métodos, críticos e contestadores, exigindo de seus representantes uma reflexão sistemática [...].

Sobre a arte médica é uma das 52 obras, em sua totalidade organizadas em 72 livros, que pertencem ao conjunto de escritos conhecidos como a *Coleção hipocrática*. Tais tratados de medicina constituem a primeira coleção de manuscritos científicos do mundo grego, os mais antigos datados no período entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século IV a.C., e os mais recentes, no período Helenístico e Romano. Segundo os principais comentadores e estudiosos da medicina antiga, parte da coleção já se encontrava na biblioteca da escola dos Asclepíades da Ilha de Cós, provavelmente produzida e reunida por seus integrantes e pelo próprio Hipócrates de Cós (460-380 a.C.). (p.2)

Em inúmeras passagens, *De Physiognomonia Liber* apresenta-se sob a forma de extensa lista, enumerando os atributos físicos de determinado *ethos*, parecendo um extenso catálogo entremeado pelos princípios teóricos da fisiognomonia¹²². No entanto, não parece adequado reduzi-lo a um catálogo, considerando que este se limite à enumeração de elementos, já que, por vezes, o texto do Anônimo mostra ter como finalidade ensinar o leitor a reconhecer os sinais, não apenas memorizá-los, além de insistir em pressupostos teóricos essenciais à aplicação prática da fisiognomonia.

¹²¹ REBOLLO, R. “Considerações sobre o estabelecimento da medicina no tratado hipocrático *Sobre a arte médica*. In: *Scientiae Studia*, v. 1, nº3, p; 275-97, 2003.

¹²² Indica-se a leitura: SAMMONS, Benjamin. *The Art and Rhetoric of the Homeric Catalogue*. Nova York: Oxford University Press, 2010. Cf. p. 9-10.

2.1. Os métodos fisiognomônicos

De Physiognomonia Liber é constituído por 133 capítulos de extensão variada, cuja temática está distribuída de maneira irregular. Como já dissemos, a autoria deste tratado é desconhecida, já tendo sido atribuída a Apuleio (II d.C.), e a datação imprecisa¹²³; sempre que nos referirmos ao autor, diremos “Anônimo”, conforme já citamos no princípio deste estudo.

Trata-se de uma obra inserida numa tradição de tratados fisiognomônicos que o precedem – tais como o pseudoaristotélico (III a.C.), o de Polemão (II d.C.) e o de Loxo (III a.C.), nomes citados pelo próprio autor ao longo do texto – por essa razão, é possível reconhecer o emprego destes tratados influenciando sua teoria. Há ainda um tratado em grego de Adamantio (IV d.C.), considerado epítome do tratado de Polemão, que apresenta passagens muito semelhantes às do Anônimo, tendo em vista ser Polemão uma das influências do Anônimo¹²⁴. Embora haja muitas referências a Polemão em *De Physiognomonia Liber*, tornando-se em alguns momentos quase uma tradução deste, o Anônimo resgata muito da teoria do médico Loxo – da qual nada nos restou e esta obra constitui uma fonte importante ao autor –, e ainda se mostra comprometido com a tradição peripatética. Portanto, estudá-lo em conjunto com as demais obras torna-se necessário; no caso de Polemão, é forçoso consultar as traduções da edição árabe, uma vez que esta foi preservada e divulgada.

Por ora, tratemos de avaliar como o Anônimo estrutura o seu livro de fisiognomonia. Logo no início, o Anônimo cita os autores dos quais acabamos de falar, afirmando a influência que exercem sobre sua obra:

1. Tive em mãos os livros de três autores que escreveram a respeito de fisiognomonia: do médico Loxo, do filósofo Aristóteles e do orador Polemão. Selecionei os temas que dizem respeito à doutrina principal dessa matéria e que são mais facilmente compreendidos.

¹²³ Alberto Magno (séc. XIII), em *De anima*, interpretou uma passagem do capítulo 32 do Anônimo, acerca dos olhos de Sócrates, como de autoria de Apuleio – disso deve resultar a atribuição equivocada, conforme EVANS (1969), op. cit., cf. p. 16 e 72. AUBERT, J.-J. discorre acerca deste equívoco: “Le texte a aussi longtemps été attribué à Apulée, auteur du II^eme siècle de notre ère, mais E. Kelter [*Apulei quae fertur physiognomonia quando composita sit*, Kiel, 1890.] a procédé à une convaincante étude sur la langue du traité sur laquelle nous ne nous étendrons pas ici, étude d’où il ressort que l’ouvrage a été rédigé avant la fin du IV^eme siècle ap. J.-C. et très probablement dans la deuxième moitié de celui-ci. Un argument supplémentaire en faveur de cette datation, autre que celui en rapport avec la syntaxe et le vocabulaire, est que ce traité, comme celui d’Adamantius quelques décennies plus tôt, s’insère dans une période d’intense activité de traduction et d’adaptation d’œuvres techniques et scientifiques grecques.” (p. 25-6)

¹²⁴ Ressalto aqui a contribuição das seguintes edições: ANDRÉ, J. *Anonyme Latin. Traité de Physiognomonie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981; REPATH, I. In: SWAIN, S. (Org.), op. cit.; RAINA, G, op. cit. Todos indicam em suas traduções várias partes em comum com os textos de Adamantio, Polemão e Pseudo-Aristóteles.

Destacam-se nessa passagem os três autores que já mencionamos e aos quais se atribuem tratados fisiognomônicos. Na sequência do excerto acima, o Anônimo expõe a definição de Loxo para o sangue: a morada da alma. O conteúdo, por vezes, remete aos demais tratados sem que o autor explicita de onde extraiu a teoria, tal como na teorização acerca da classificação por gêneros que está presente no tratado atribuído a Aristóteles e também em Adamantio, o qual, por sua vez, parafraseou Polemão.

O capítulo 81 retoma a discussão dos olhos a partir dos preceitos de Loxo, o mesmo ocorre dos capítulos 83 ao 88 que são dedicados à teoria de Aristóteles. Não há uma parte dedicada exclusivamente à teoria de Polemão, no entanto, é frequentemente mencionado numa série de exemplos de indivíduos contemporâneos a ele.

Martin Porter¹²⁵ acredita que *De Physiognomonica Liber* é responsável pela concepção médica da fisiognomonica justamente por trazer enunciados de Loxo, pois originalmente não era um tema médico; ele ainda afirma – embora não apresente evidência – de que existia antagonismo entre fisiognomonica e medicina.

Três métodos fisiognomônicos foram estabelecidos, por assim dizer, com base no tratado pseudoaristotélico (805a20-35) são eles: zoológico, etnológico e anatômico. A nomenclatura apresentada baseia-se nas definições já estabelecidas por diversos teóricos, embora possamos encontrar designações um pouco distintas às vezes, todos demonstram o mesmo conceito.

Em resumo, o método zoológico estabelece paralelo entre os animais e os homens, tanto no aspecto físico, como também com relação às características de temperamento. O etnológico examina as características a partir dos grupos étnicos. O anatômico concentra-se na observação dos elementos físicos, incluindo até mesmo aspectos resultantes da manifestação das emoções.

A analogia com animais, como observaremos ao longo de nosso estudo, não era um hábito incomum e marcava presença em textos diversos, visto que a comparação do homem com um determinado animal era um recurso frequente para indicar uma característica particular do *ethos*, tema que será tratado nos próximos capítulos. Mais de uma vez Aristóteles já evidenciara tal relação, em *História dos animais*, 608a, livro VIII (IX), por exemplo, ele distingue características entre macho e fêmea que são mais fáceis de identificar nos humanos, em animais grandes ou em quadrúpedes vivíparos. O *ethos* das fêmeas é mais dócil, domesticável, suscetível às carícias e disposto a aprender, tal

¹²⁵ PORTER, M., op. cit., cf. p. 60-1.

como os cães da Lacônia, dos quais as fêmeas são mais espertas do que os machos. Ainda neste excerto, Aristóteles afirma que todas as fêmeas são menos corajosas, com exceção dos ursos e leopardos, cujas fêmeas são mais corajosas – a respeito do leopardo veremos adiante tratar-se de uma informação que se observa no manual pseudoaristotélico.

Recordemos ainda da passagem já mencionada nesta pesquisa, em *Da Geração dos animais*, 769b, 20, em que um fisiognomonista teria reduzido o rosto das pessoas a duas ou três espécies animais.

G. Lloyd¹²⁶ comenta a associação entre animais e homens na obra aristotélica e destaca que tais ideias têm origem na crença popular ou no folclore, pois Aristóteles caracteriza os animais da mesma maneira que outros escritores gregos, como Homero: o javali é feroz, o leão é nobre, o cervo é covarde, a raposa é maliciosa e a cobra é pérfida¹²⁷.

O método etnológico encontra sua base em textos de alguns autores, Platão, por exemplo, já nos dá indício de ser um lugar-comum associar certas características à determinada população:

[...] οἷον οἱ κατὰ τὴν Θράκην τε καὶ Σκυθικὴν καὶ σχεδόν τι κατὰ τὸν ἄνω τόπον, ἢ τὸ φιλομαθές, ὃ δὴ τὸν παρ' ἡμῖν μάλιστ' ἂν τις αἰτιάσαιτο τόπον, ἢ τὸ φιλοχρήματον τὸ περὶ τοὺς τε Φοίνικας εἶναι καὶ τοὺς κατὰ Αἴγυπτον φαίη τις ἂν οὐχ ἥκιστα.

[...] tal como se observa, por exemplo, com os trácios e os citas e, de modo geral, com os povos do norte, ou o amor ao estudo, que atribuem particularmente à nossa região, e, ainda, a cupidez, que podemos considerar característica dos fenícios e das gentes do Egito. [*República*, IV, 436a.

Tradução: C. A. Nunes]

No *corpus* hipocrático, o tratado *Ares, águas e lugares* (*De aere, aquis et locis*), do fim do século V a.C., aborda a influência da região em que se vive sobre a saúde das pessoas e, em meio à discussão, observa-se que tal influência se estende às características morais – princípio, por assim dizer, do método etnológico que já parece estar presente neste tratado hipocrático.

Elisabetta Villari¹²⁸ vê *Ares, águas e lugares* não só como um tratado fisiognomônico, mas como a primeira tentativa sistemática, ao lado da etnografia de

¹²⁶ LLOYD, G.E.R. *Science, Folklore and Ideology. Studies in the Life in Ancient Greece*. London: Bristol Classical Press, 2ª ed., 1999. Cf. “Part I” – p. 23-25.

¹²⁷ *História dos animais* – citaremos as passagens correspondentes a cada animal no cap. 2 e também em notas da tradução do *De Physiognomonica Liber*. *Passim*.

¹²⁸ VILLARI, E., op. cit., cf. p. 93.

Heródoto, de observar um outro povo. Destacamos, a seguir, uma passagem deste texto hipocrático que evidencia a relação do *ethos* com a região.

XXIII. Τὸ δὲ λοιπὸν γένος τὸ ἐν τῇ Εὐρώπῃ διάφορον αὐτὸ ἐαυτέῳ ἔστι, καὶ κατὰ τὸ μέγεθος καὶ κατὰ τὰς μορφάς, διὰ τὰς μεταλλαγὰς τῶν ὥρέων, ὅτι μεγάλαι γίνονται καὶ πυκναί, καὶ θάλπεά τε ἰσχυρά καὶ χειμῶνες καρτεροί, καὶ ὄμβροι πολλοί, καὶ αὐθις αὐχμοὶ πολυχρόνιοι, καὶ πνεύματα, ἐξ ὧν μεταβολαὶ πολλαὶ καὶ παντοδαπαί. Ἀπὸ τουτέων εἰκὸς αἰσθάνεσθαι καὶ τὴν γένεσιν ἐν τῇ ξυμπήξει τοῦ γόνου ἄλλην καὶ μὴ τῷ αὐτέῳ τὴν αὐτέην γίνεσθαι, ἐν τε τῷ θέρει καὶ τῷ χειμῶνι, μηδὲ ἐν ἐπομβρίῃ καὶ αὐχμῷ· διότι τὰ εἶδεα διηλλάχθαι νομίζω τῶν Εὐρωπαίων μᾶλλον ἢ τῶν Ἀσινηῶν· καὶ τὰ μεγέθεα διαφορώτατα αὐτὰ ἐαυτοῖσιν εἶναι κατὰ πόλιν ἐκάστην· αἱ γὰρ φθοραὶ πλείονες ἐγγίγνονται τοῦ γόνου ἐν τῇ ξυμπήξει ἐν τῇσι μεταλλαγῇσι τῶν ὥρέων πυκνῇσιν ἐούσησιν ἢ ἐν τῇσι παραπλησίησι καὶ ὁμοίησιν. Περὶ τε τῶν ἡθέων ὁ αὐτὸς λόγος· τό τε ἄγριον καὶ τὸ ἄμικτον καὶ τὸ θυμοειδὲς ἐν τῇ τοιαύτῃ φύσει ἐγγίγνεται· αἱ γὰρ ἐκπλήξεις πυκναὶ γιγνόμεναι τῆς γνώμης τὴν ἀγριότητα ἐντιθέασιν· τὸ δὲ ἡμερόν τε καὶ ἥπιον ἀμαυροῦσιν· διότι εὐψυχοτέρους νομίζω τοὺς τὴν Εὐρώπην οἰκέοντας εἶναι ἢ τοὺς τὴν Ἀσίην·

XXIII. 1. A outra estirpe, a que se situa na Europa, é muito diversificada entre si, tanto no que concerne à estatura quanto no que diz respeito à compleição. Isso por causa das mudanças das estações, que são grandes e frequentes, do forte calor do sol, além dos invernos rigorosos, das chuvas abundantes e, de forma inversa, das estiagens prolongadas e dos ventos – nos quais as mudanças são numerosas e diversificadas. 2. Por isso, julgo que os aspectos físicos dos europeus variam mais do que a dos asiáticos, e a estatura é muito diferente entre uns e outros, de acordo com as respectivas cidades. Pois as degenerações maiores ocorrem na coagulação da semente, nas mudanças das estações que se amiúdam ou quando as estações são próximas ou semelhantes. 3. O mesmo raciocínio se aplica aos caracteres. O (caráter) selvagem, indócil e indomável existe numa natureza como essa. Pois os golpes frequentes no espírito implantam selvageria e destroem a docilidade e a amenidade. Por isso, considero que os habitantes da Europa são mais animosos do que os do Ásia; pois, em (climas) quase iguais, há indolência; em (climas) que se modificam, há a vivacidade no corpo e na alma, e, a partir da tranquilidade e da indolência, aumenta a covardia; a partir da vivacidade e dos esforços aumenta a virilidade. 4. Por essa razão, os habitantes da Europa são mais belicosos, e também por causa dos costumes, porque não são reinados, como os da Ásia. [*Ares, águas e lugares. Tradução: Henrique Cairus*]¹²⁹

¹²⁹ CAIRUS, H. F. & RIBEIRO JR., W. A., op. cit.

Ivan M. Frias afirma que a grande originalidade deste livro reside justamente na segunda parte, onde o autor examina “a ação do ambiente físico sobre a interioridade do homem, seu caráter, suas virtudes”¹³⁰.

Vitrúvio (I a. C.) traz alguns conceitos acerca da influência da região de origem do homem sobre sua aparência e temperamento. O livro VI do seu *Tratado de Arquitetura*, capítulo 1, compara os povos de diversas regiões para justificar as diferenças na construção dos edifícios, inerente à teorização da arquitetura, trazendo elementos da observação etnológica.

3. *Haec autem ex natura rerum sunt animaduertenda et consideranda atque etiam ex membris corporibusque gentium obseruanda. Namque sol quibus locis mediocriter profundit uapores, in his conseruat corpora temperata; quaeque proxime currendo deflagrant, eripit exurendo temperaturam umoris; contra uero refrigeratis regionibus, quod absunt a meridie longe, non exhauritur a coloribus umor, sed ex caelo roscidus aer in corpora fundens umorem efficit ampliores corporaturas uocisque sonitus grauiiores. Ex eo quoque, <quae> sub septentrionibus nutriuntur gentes, inmanibus corporibus, candidis coloribus, directo capillo et rufo, oculis caesis, sanguine multo ab umoris plenitate caelique refrigerationibus sunt conformati.*

Essas coisas poderão também ser notadas e consideradas a partir da natureza, e observadas a partir dos membros e dos corpos dos povos estrangeiros. Na verdade, nos lugares onde o sol medianamente espalha vapores, aí conserva temperados os corpos, mas, onde eles abrasam correndo muito perto, o Sol sufoca, consumindo a temperada dose de umidade; pelo contrário, nas regiões frias, que se encontram muito longe do meio-dia, a umidade não é exaurida pelos calores, antes o ar orvalhado proveniente do céu, infundindo umidade nos corpos, origina estaturas mais desenvolvidas e tons de voz mais graves. É por isso que no norte se desenvolvem povos de grande porte físico, cores brancas, cabelo liso e ruivo, olhos esverdeados e muito sangue, por causa da abundância de umidade e da frescura do céu.

4. *qui autem sunt proximi ad axem meridianum subiectique solis cursui, breuioribus corporibus, colore fusco, crispo capillo, oculis nigris, cruribus ualidis, sanguine exiguo solis impetu perficiuntur. Itaque etiam propter sanguinis exiguitatem timidiore sunt ferro resistere, sed ardores ac febres subferunt sine timore, quod nutrita sunt eorum membra cum feruore; itaque*

¹³⁰ *Doença do corpo, doença da alma: medicina e filosofia na Grécia clássica*. Rio de Janeiro: PUC Rio/ São Paulo: Edições Loyola, 2004. Cf. p. 63.

corpora, quae nascuntur sub septentrione, a febris sunt timidiora et inbecilla, sanguinis autem abundantia ferro resistunt sine timore. [...]

Aqueles, porém, que se encontram mais próximos ao eixo meridiano e sujeitos ao curso do Sol, por causa do seu influxo, são constituídos por corpos pequenos, de cor escura, cabelo crespo, olhos negros, pernas vigorosas e pouco sangue. E assim, devido à pequena quantidade deste, são mais fracos a resistir ao ferro, mas suportam sem temor os ardores e as febres, uma vez que os seus membros são nutridos pelo calor; por isso, os corpos nascidos sob o setentrão são mais receosos e fracos perante a febre, resistindo, porém, sem medo ao ferro, devido à abundância de sangue. [...]

9. *Item propter tenuitatem caeli meridianae nationes ex acuta feruore mente expeditius celeriusque mouentur ad consiliorum cogitationes; septentrionalis autem gentes infusae crassitudine caeli, propter obstantiam aeris umore refrigeratae stupentes habent mentes. Hoc autem ita esse a serpentibus licet aspicere, quae, per calorem cum exhaustam habent umoris refrigerationem tunc acerrime moventur, per brumalia autem et hiberna tempora ab mutatione caeli refrigerata, inmota sunt stupore. Ita non est mirandum, si acutiores efficit calidus aer hominum mentes, refrigeratus autem contra tardiores.*

Também por causa da suavidade do céu, as nações do sul, devido à mente tornada aguda pelo calor, são motivadas de forma mais expedita e mais célere para encontrar soluções engenhosas; por sua vez, os povos setentrionais, ambientados na densidade da atmosfera, devido à força ativa do ar refrigerado pela umidade, apresentam as mentes entorpecidas. Podemos verificar que isso é assim pelas serpentes, as quais, quando a frescura da umidade lhes é exaurida pelo calor, se movem então com desenvoltura, permanecendo, todavia, imóveis de torpor nos tempos de bruma e de inverno, refrigeradas, pela mudança do céu. Não é assim de admirar que o ar quente torne mais aguda a inteligência dos homens, e o frio, pelo contrário, a torna mais lenta.

10. *Cum sint autem meridianae nationes animis acutissimis infinitaque sollertia consiliorum, simul ad fortitudinem ingrediuntur, ibi succumbunt, quod habent exuctas ab sole animorum uirtutes; qui uero refrigeratis nascuntur regionibus, ad armorum vehementiam paratiores sunt; magnis uirtutibus sunt sine timore, sed tarditate animi sine considerantia inruentes sine sollertia suis consiliis refragantur. Cum ergo haec ita sint ab natura rerum in mundo conlocata et omnes nationes inmoderatis mixtionibus disparatae, vero inter spatium totius orbis terrarum regionisque medio mundi populus Romanus possidet fines.*

Sendo, pois, as nações do Sul de agudíssimos ânimos e de infinita esperteza e engenho, elas sucumbem no momento em que é necessária a força,

porque têm exauridas a força, porque têm exauridas dos ânimos, pelo Sol, as suas energias; aqueles, porém, que nascem nas regiões frias, encontram-se mais preparados para a violência das armas; são de grande energia e sem medo; todavia, devido à lentidão de ânimo, precipitam-se sem considerar e são ludibriados pelos seus ardis, desprovidos de inteligência. Estando essas coisas assim dispostas no mundo pela natureza e sendo todas as nações diferentes perante as diversificadas misturas, o povo romano tem, na verdade, o seu território no centro do mundo e de todas as regiões da Terra.

11. *Namque temperatissimae ad utramque partem et corporum membris animorumque uigoribus pro fortitudine sunt in Italia gentes.*¹³¹ [...]

Com efeito, os povos apresentam-se na Itália muito equilibrados, tanto no que diz respeito aos membros corporais como ao vigor da inteligência em relação à força anímica. [...] [Tradução: M. Justino Maciel]¹³²

Em *De Fato*, pouco antes de mencionar o fisiognomonista Zópiro, Cícero comenta como o ambiente afeta o caráter, IV, 7-8, pois as características naturais apresentam grande diferença dependendo da região que a pessoa habita, cuja variação afeta a saúde e os humores. No entanto, ainda que a influência exista, as decisões de um indivíduo não se submetem ao ambiente.

Athenis tenue caelum, ex quo etiam acutiores putantur Attici, crassum Thebis, itaque pingues Thebani et ualentes.

Em Atenas, o ar é rarefeito, também por isso os atenienses são considerados mais argutos; em Tebas, o ar é espesso, portanto, os tebanos são robustos e vigorosos. [Tradução nossa]

Em meio à discussão do método etnológico, façamos a ressalva de que o termo “raça” é inadequadamente empregado por muitos para distinguir as populações nos dias de hoje, com acepção preconceituosa; no entanto, o emprego do conceito etnológico nos tratados fisiognomônicos se aplica no sentido de observar aspectos gerais apresentados por povos de determinadas regiões¹³³. Contudo, vemos surgir exemplos do método etnológico em enunciados que expõem traços negativos de caráter pela influência do ambiente, tal como observamos, por exemplo, no pseudoaristotélico *Physiognomonica*,

¹³¹ Adotamos como fonte destas passagens em língua latina: www.thelatinlibrary.com – Submitted by Jim and Karen Diamond from an unidentified edition.

¹³² Vitrúvio. *Tratado de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹³³ PORTER, M., op. cit., cf. p. 59: “More to the point is the fact that this particular ethnological prism pointed towards the necessity of considering causal factors external to the person and hence the relationship of physiognomy to natural history. It was an aspect of introducing a method into the physiognomical consciousness which gradually found itself shored up by numerous popular sayings, as well as by the refinements of the theory of the klimata by which people were understood as being in a determinist relationship with their specific environmental, often regional, conditions, such as is to be found in the *Airs, Waters and Places* of Hippocrates.”

808a30, em que os homens mesquinhos, de membros pequenos, corpo pequeno, delicado e magro, de olhos e faces pequenas, são relacionados ao coríntio ou leucadiano; no Anônimo, capítulo 14, os homens de cabelo crespo são astuciosos, avaros, medrosos e desejosos de lucro, estes são relacionados aos egípcios, que são tidos como covardes, e aos sírios, avaros. Destaquemos ainda a passagem de Polemão acerca dos gregos (B, 32), uma população sem mistura com outros povos, descrevendo-os de maneira positiva, cheios de qualidades.

Barton¹³⁴ esclarece que havia também muitas referências positivas na literatura antiga a respeito dos estrangeiros; os *progymnasmata* adotavam as características e particularidades das nações como tópico de encômio ou diatribe. Polemão, contudo, faz apenas referências negativas a outros povos em sua fisiognomonía, o que para Barton representa uma longa tradição seguida por Polemão, baseando-se em esquemas técnicos de geógrafos ou astrólogos que dividiam o mundo em regiões e atribuíam características típicas aos seus habitantes.

Na verdade, nos demais tratados que aqui citamos, o método etnológico é bem pouco empregado, mas fica evidente a mentalidade de que algumas populações representavam certos “estereótipos” físicos e éticos.

Bradley¹³⁵ lembra que na Roma Antiga havia diversidade na compleição física das pessoas em razão da presença de inúmeros povos, o que se prova por meio de registros nos textos do período – alguns traços tornaram-se, portanto, aspectos distintivos de sua origem.

Lembremos, conforme mencionado no capítulo I, que Cícero questiona a eficiência da astrologia e atribui maior credibilidade a avaliação dos indivíduos segundo o local de nascimento, em *Sobre a adivinhação*, II, 46, 95-97.

Martin Porter explica os métodos fisiognomônicos e destaca o fato do etnológico ser permeado por ditos populares e pela teoria da influência do meio externo sobre o homem¹³⁶; neste caso, ele ainda afirma ser possível associar a fisiognomonía, em certa medida, à astrologia, parentesco que se destacou na época medieval, já que algumas noções de astrologia baseiam-se na influência dos planetas e signos do zodíaco sobre determinadas regiões e pessoas. Porter ainda afirma que as categorias fisiognomônicas,

¹³⁴ BARTON, T. S., op. cit., cf. p. 119-21.

¹³⁵ BRADLEY, M. “The natural body”. In: *Colour and meaning in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, p.128-60, 2009. Cf. p. 138-40.

¹³⁶ PORTER, M., op. cit., cf. p. 58-59.

de modo geral, estruturam-se em preconceitos sócio-culturais de sua época ao pensar também na categoria que diferencia o gênero feminino do masculino.

Acerca do método anatômico já discutimos um pouco no primeiro capítulo, na tentativa de traçar o histórico da fisiognomonia, trata-se do método predominante em *De Physiognomonia Liber*. A análise deste método aparenta maior complexidade em relação ao zoológico e etnológico, já que cada parte do rosto e do corpo deveria ser analisada, não apenas isoladamente como também em conjunto; além disso, as expressões faciais, a voz e os gestos enquadram-se neste método. É possível relacionar, correspondendo ao anatômico, o já mencionado patognomônico que diz respeito à expressão das emoções, abordagem menos frequente no *De Physiognomonia Liber*, pois o Anônimo costuma associar as características diretamente ao *ethos* do indivíduo, contudo, observaremos ao longo da análise das descrições fisiognomônicas que, inúmeras vezes, as descrições parecem representar um *pathos*.

Zucker¹³⁷ destaca, dentro dos métodos estabelecidos, alguns critérios inerentes a cada um deles e emprega o termo, em francês, “*pathotype*”, que representa as expressões faciais que traduzem uma emoção passageira (medo, raiva), uma tendência (alcoolismo) e o humor (tristeza) e enquadram-se nas análises patognomônicas. Para Zucker, a divisão dos manuais em três τρόποι (Pseudo) ou *genera* (Anônimo) do φυσιογνωμονική μέθοδος (Adamantio) não constituem, necessariamente, três procedimentos distintos, visto que teoricamente são compreendidos por meio de analogias, mas nos tratados são desenvolvidos sob uma visão analítica dos elementos.

O Anônimo ensina que os sinais devem ser avaliados em relação à sua totalidade, mas temos a impressão de que os sinais descritos constituem uma reduzida parcela das possibilidades que o método de fato apresenta.

A análise do *ethos* e do *pathos*, como vimos, marca presença em inúmeros textos, transmitindo certa consciência fisiognomônica que parece reproduzir uma prática, ainda que pouco sistematizada, do cotidiano. A anedota da análise que Zópiro fizera de Sócrates, o exame de Pitágoras para admitir seus alunos e mesmo as descrições físicas correlacionadas ao *ethos* de personagens, como vemos acontecer já em Homero, são apenas alguns exemplos notáveis:

275 > οἷδ' ἀρετὴν οἷός ἐσσι· τί σε χρὴ ταῦτα λέγεσθαι;
> εἰ γὰρ νῦν παρὰ νηυσὶ λεγοίμεθα πάντες ἄριστοι
ἐς λόχον, ἔνθα μάλιστ' ἀρετὴ διαείδεται ἀνδρῶν,

¹³⁷ ZUCKER, A., op. cit., cf. p. 7 e 9.

ἔνθ' ὃ τε δειλὸς ἀνὴρ ὅς τ' ἄλκιμος ἐξεφαάνθη·
 τοῦ μὲν γάρ τε κακοῦ τρέπεται χρῶς ἄλλυδις ἄλλῃ,
 280 οὐδέ οἱ ἀτρέμας ἦσθαι ἐρητύετ' ἐν φρεσὶ θυμός,
 ἀλλὰ μετοκλάζει καὶ ἐπ' ἀμφοτέρους πόδας ἵζει,
 ἐν δέ τέ οἱ κραδίη μεγάλα στέρνοισι πατάσσει
 κῆρας ὀϊομένῳ, πάταγος δέ τε γίγνεται ὀδόντων·
 τοῦ δ' ἀγαθοῦ οὔτ' ἄρ' τρέπεται χρῶς οὔτε τι λήην
 285 ταρβεῖ, ἐπειδὴν πρῶτον ἐσίζηται λόχον ἀνδρῶν,
 ἀρᾶται δὲ τάχιστα μιγήμεναι ἐν δαΐ λυγρῇ·
 “Sei muito bem quanto vales; por que, pois, falar de tal coisa?
 Se os mais valentes guerreiros ficássemos junto das naves,
 numa emboscada, onde mais se assinala a coragem dos homens
 e onde melhor se distingue um poltrão de um guerreiro valente
 a cor do rosto do vil de momento a momento se altera;
 de ânimo inquieto no peito, não pode tranquilo manter-se,
 dobram-lhe os joelhos, titubeia, mudando de pé a toda hora;
 batem-lhe os dentes, de medo saltando-lhe dentro do peito
 o coração, com violência, ante a idéia das Queres da Morte.
 O corajoso, ao contrário, nem muda de cor, nem se mostra
 desfalecido desde a hora em que o posto assumiu da emboscada,
 só desejando o momento de entrar no combate funesto [...]

[*Ilíada*, XIII, 275-86. Tradução: Carlos A. Nunes]

Até agora temos visto e revisto que a matéria fisiognomônica está centrada tanto no *ethos* como também nas disposições do ânimo, pois, como observaremos no tratado, todas as descrições pretendem produzir o retrato de um tipo específico de pessoa. Não julgaremos aqui os méritos ou deméritos de tais métodos, tampouco seus possíveis desdobramentos em áreas diversas nos dias atuais, visto que nos interessam as questões concernentes ao *ethos* ou ao *pathos* da maneira que se apresentavam na Antiguidade e as relações estabelecidas com as áreas do conhecimento da época.

2.2. Princípios gerais

Há em *De Physiognomonica Liber* passagens que revelam a ligação da fisiognomonica com a medicina, destacaremos este parentesco para compreender o papel que esta relação pode desempenhar na composição do *ethos*.

Observa-se que o Anônimo, no segundo capítulo, complementa a definição de Loxo acerca da alma, pois este afirma que o sangue é a sede da alma e o corpo se define segundo as condições do sangue. Em contrapartida, ele declara que outros autores – subentendemos Pseudo-Aristóteles e Polemão – estabelecem uma correlação do corpo com a alma em que esta influencia a aparência e, ao mesmo tempo, empresta sua forma do corpo. Temos nessa passagem uma interessante comparação com instrumentos musicais de sopro, pois o ar toma a forma dos instrumentos assim como a alma faz com a forma corpórea – tal recurso serve para clarificar o discurso, entrevedo certa finalidade didática.

No capítulo 12, retoma-se a explanação acerca do sangue: quando ele for abundante, as características corporais serão fortes, mas restringe as capacidades sensitiva e intelectual do ser humano; quando for mais fraco, priva o corpo dos atributos físicos, mas fortalece o engenho e os sentidos. O temperamento moderado é atribuído ao indivíduo de engenho perfeito e tal temperamento tem sua origem no sangue – evidencia-se aqui a relação com a teoria dos humores.

A comparação será recorrente ao longo da obra e parece cumprir dupla função: traz as analogias típicas dos métodos fisiognomônicos e ainda clarifica as imagens ao leitor.

A primeira tipologia fisiognomônica apresentada pelo autor constitui-se a partir das diferenças entre o gênero masculino e feminino. Tal diferenciação poderia ser pensada como outro método fisiognomônico, mas, na verdade, representa um critério de análise dos métodos, pois os autores empregam a distinção entre os gêneros na comparação com animais e na observação dos sinais físicos.

3. A primeira divisão e distinção dessa prática é de que exista um gênero masculino e um outro feminino. O que não se deve compreender no sentido de que haja uma distinção natural entre os sexos e os gêneros, mas que, geralmente, também o gênero masculino seja encontrado no feminino e o feminino no masculino. [...] Portanto, deve-se primeiramente estabelecer o ânimo do gênero masculino em oposição ao do feminino, em seguida, designar as marcas dos corpos de ambos e, se não todas, ao menos as marcas que possam abrir caminho para este exame. Pois, assim como no estudo do alfabeto que, de acordo com os gregos, constitui-se de vinte e quatro letras por meio das

quais todos os sons e palavras são expressos, desse modo, também na fisiognomonía, determinando-se os elementos, revela-se um caminho mais amplo desta prática. Pois, se também tivermos aprendido todas as sílabas na juventude, conhecendo-se o valor das sílabas, conforme cada palavra surge, descobrimos imediatamente a disposição das letras nas quais ela consiste.

O Anônimo deixa claro que é preciso aprender as características essenciais de cada gênero e então será possível analisá-las nas pessoas, visto que os aspectos mencionados como típicos não são exclusivos do gênero ao qual são atribuídos. A comparação com o alfabeto é retomada no capítulo 89 ao concluir que podemos compor nossa própria análise a partir dos sinais de todos os teóricos.

O peripatético *Physiognomonica* relaciona a distinção do gênero diretamente ao reino animal e, em seguida, associa ao homem, 809a – 810a. O reino animal é dividido em macho e fêmea, esta é mais dócil e frágil em relação aos machos; segundo o autor, o animal que melhor representa o gênero masculino é o leão, o feminino, por sua vez, é representado pelo leopardo – tal relação é estabelecida com base em características físicas que são consideradas próprias de cada gênero, como a testa quadrada e o pescoço grande do leão em oposição ao rosto delicado, testa alongada e o pescoço fino do leopardo. Também se comparam as características anímicas, o leão é generoso, orgulhoso, ambicioso, justo e carinhoso; o leopardo é mal, desonesto e pouco astuto¹³⁸.

¹³⁸ *Physiognomonica* do Pseudo-Aristóteles, 809b14-810a8: τούτων οὕτως ἔχόντων, φαίνεται τῶν ζῴων πάντων λέων [809b.15] τελεώτατα μετεληφέναι τῆς τοῦ ἄρρενος ιδέας. ἔστι γὰρ ἔχων στόμα εὐμέγεθες, τὸ δὲ πρόσωπον τετραγωνώτερον, οὐκ ἄγαν ὀστῶδες, τὴν ἄνω τε γένυν οὐ προεξεστηκυῖαν ἀλλὰ ἰσορροποῦσαν τῇ κάτω, ῥίνα δὲ παχυτέραν ἢ λεπτοτέραν, χαροποὺς ὀφθαλμοὺς ἐγκοίλους, οὐ σφόδρα περιφερεῖς οὔτε ἄγαν [809b.20] προμήκεις, μέγεθος δὲ μέτριον, ὄφρυν εὐμεγέθη, μέτωπον τετράγωνον, ἐκ μέσου ὑποκοιλώτερον, πρὸς δὲ τὰς ὀφρὺς καὶ τὴν ῥίνα ὑπὸ τοῦ μετώπου οἶον νέφος ἐπανεστηκός. ἄνωθεν δὲ τοῦ μετώπου κατὰ τὴν ῥίνα ἔχει τρίχας ἐκκλινεῖς οἷον ἂν ἄσιλον, κεφαλὴν μετρίαν, τράχηλον εὐμήκη, πάχει 809b.25 σύμμετρον, θριζὶ ξανθαῖς κεχρημένον, οὐ φριζαῖς οὔτε ἄγαν ἀπεστραμμέναις· τὰ περὶ τὰς κλεῖδας εὐλυτώτερα μᾶλλον ἢ συμπεφραγμένα· ὦμους ῥωμαλέους, καὶ στῆθος νεανικόν, καὶ τὸ μετάφρενον πλατὺ καὶ εὐπλευρον καὶ εὐνωτον ἐπιεικῶς· ζῶον ἀσαρκότερον τὰ ἰσχία καὶ τοὺς μηρούς· σκέλη ἐρρωμένα [809b.30] καὶ νευρώδη, βάσιν τε νεανικὴν, καὶ ὅλον τὸ σῶμα ἀρθρώδες καὶ νευρώδες, οὔτε λίαν σκληρόν οὔτε λίαν ὑγρόν. βαδίζον δὲ βραδέως, καὶ μεγάλα διαβαῖνον, καὶ διασαλεῦον ἐν τοῖς ὤμοις, ὅταν πορεύηται. τὰ μὲν οὖν περὶ τὸ σῶμα τοιοῦτον· τὰ δὲ περὶ τὴν ψυχὴν δοτικὸν καὶ ἐλεύθερον, 809b.35 μεγαλόψυχον καὶ φιλόνικον, καὶ πρᾶν καὶ δίκαιον καὶ φιλόστοργον πρὸς ἅ ἂν ὁμιλήσῃ. ἡ δὲ πάρδαλις τῶν ἀνδρείων εἶναι δοκούντων θηλυμορφότερόν ἐστιν, ὅτι μὴ κατὰ τὰ σκέλη· τούτοις δὲ συνεργεῖ καὶ τι ἔργον ῥώμης ἀπεργάζεται. ἔστι γὰρ ἔχων πρόσωπον μικρόν, στόμα μέγα, ὀφθαλμοὺς μικρούς, [810a.1] ἐκλεῦκους, ἐγκοίλους, αὐτοὺς δὲ περιπολαιότερους· μέτωπον προμηκέστερον, πρὸς τὰ ὦτα περιφερέστερον ἢ ἐπιτεδώτερον· τράχηλον μακρόν ἄγαν καὶ λεπτόν, στῆθος ἄπλευρον, καὶ μακρὸν νῶτον, ἰσχία σαρκώδη καὶ μηρούς, τὰ δὲ περὶ [810a.5] τὰς λαγόνας καὶ γαστέρα ὁμαλὰ μᾶλλον· τὸ δὲ χρῶμα ποικίλον, καὶ ὅλον ἀναρθρόν τε καὶ ἀσύμμετρον. ἡ μὲν οὖν τοῦ σώματος ιδέα τοιαύτη, τὰ δὲ περὶ τὴν ψυχὴν μικρόν καὶ ἐπικλοπὸν καὶ ὅλως εἰπεῖν δολερόν.

Em *De Physiognomonia Liber*, a exposição do *animus* – termo empregado constantemente como sinônimo de caráter – masculino e feminino é anunciada já no capítulo 4. O primeiro é descrito de forma mais qualificada em relação ao segundo, exceto por ser inclinado à violência, os demais atributos podem ser considerados positivos na cultura da Antiguidade Clássica: “vigoroso, propício à impetuosidade, esquecido do ódio, generoso, franco, que não pode ser enfraquecido ou enganado nem pela sagacidade nem pelo ardil, que busca vencer pela coragem e magnânimo”. Ao feminino pertencem qualidades negativas: “é ardiloso, propenso à ira, apegado ao ódio, é também impiedoso e invejoso, não suporta trabalho penoso, dócil, astucioso, amargo, precipitado e medroso” [Tradução nossa].

Vale observar o adjetivo *docilis*, atribuído ao ânimo tipicamente feminino, que tem dentre seus significados certa ideia de submissão, “que aprende facilmente”¹³⁹; o adjetivo *sollers*, aqui traduzido como “ardiloso”, nos remete à trapaça.

Há ainda outras partes da obra que atribuem ao gênero feminino características um tanto negativas e a respeito das quais trataremos adiante, em seu próprio contexto.

O capítulo 5 é dedicado aos sinais corporais do gênero masculino, elaborando-se um modelo de homem que podemos resumir da seguinte maneira: cabeça grande, cabelo ruivo, olhos escuros ou esverdeados, a parte superior do corpo (até o umbigo) maior do que a inferior, forte, voz firme e grave (comparada à dos leões), a respiração é intensa, movimenta-se lentamente (se for calmo).

O capítulo seguinte caracteriza a mulher, de traços mais delicados tais como a cabeça pequena, o pescoço mais delgado e longo, olhos escuros, corpo mais estreito na parte superior, a voz tênue, agradável aos ouvidos e andar gracioso. Destacam-se dois atributos nesta passagem que não são atribuídos ao homem, a conversa fluente (*sermo uolubilis ac facilis*) e o andar gracioso (*incessus decens*), aspectos que ultrapassam a análise puramente física predominante no restante do parágrafo e contribuem para reforçar elementos do *ethos* feminino.

Tanto a caracterização masculina como a feminina apresentam, ainda que breves e sob a forma de lista, certo grau de detalhamento, mencionando inclusive a estrutura óssea, o que contribui para realçar a força física do homem em contraposição à sensibilidade feminina.

¹³⁹ SARAIVA, F. R., op. cit.

Apesar de apresentar estes quadros de cada gênero, o autor fornecerá ainda outros traços típicos de cada um deles ao longo da obra.

Apesar da clássica divisão em três métodos, observamos que o critério de classificação entre os gêneros masculino e feminino permeia a teoria fisiognomônica no tratado estudado que, por sua vez, está presente nos métodos anatômico e zoológico. Podemos supor a necessidade dessa categorização para listar as virtudes e os vícios de um indivíduo com base na imagem que usualmente se faz do homem ou da mulher.

De acordo com a divisão pelos gêneros, o autor estabelece no capítulo 8, a princípio, a seguinte relação com animais, já introduzindo o método zoológico:

<i>Gênero</i>	<i>Animal</i>
Masculino	leão, javali, águia, gavião
Feminino	leopardo, cervo, lebre, pavão, perdiz, pega

2. LE BRUN¹⁴⁰

No capítulo 9, o autor afirma terem sido instituídos três métodos¹⁴¹ (*genera*) principais da fisiognomonia, até então ele não tratara do etnológico e fornece alguns breves exemplos desse método:

[...] Com efeito, tendo primeiro determinado o caráter dos povos ou das províncias, relacionavam cada homem à semelhança daqueles, assim diriam: “Este é semelhante a um egípcio, ora, os egípcios são astutos, dóceis, fúteis, temerários e propensos ao sexo; este é semelhante ao celta, ou seja, germano,

¹⁴⁰ Extraída da série de ilustrações de Charles Le Brun, do acervo do Museu do Louvre.

¹⁴¹ *Genus* aqui significa “método”, no entanto, nos capítulos 3 e 7, a acepção é de “gênero” no contexto específico de distinção entre masculino e feminino.

ora, os celtas são indóceis, fortes e ferozes; este é semelhante ao trácio, ora, os trácios são iníquos, preguiçosos e beberrões”.

O autor deixa claro tratar-se de uma base para comparação, portanto, as características típicas de uma etnia podem pertencer a qualquer indivíduo.

O capítulo 9 é essencialmente uma retomada dos métodos principais. Ao explicar o anatômico, ele cita alguns tipos que são reconhecidos por meio de características anímicas, já que cita emoções passageiras, embora seja possível reconhecer as mesmas expressões em pessoas sem motivo para tais sentimentos, como a ira, neste caso, reconhece-se o *ethos* em vez do *pathos*.

[...] observavam como era o semblante ou a postura do corpo para cada movimento de sua alma, ou seja, um semblante que seria do irado, um do pensativo, um do temeroso, um do propenso ao desejo e um do enlouquecido. Logo, os fisiognomonistas reconheceriam quem quer que tivesse o semblante próximo do enlouquecido, sem que houvesse razão para loucura, ou do irado, sem ira existente, ou do pensativo, sem algum pensamento determinado, e os designavam enlouquecido, irado ou pensativo.

O autor afirma ser o zoológico o mais certo e fácil, por essa razão há muitos sinais de comparação entre os homens e os animais, a respeito dos quais o autor só tratará detidamente no fim do tratado, a partir do capítulo 118.

9. [...] Acrescentou-se um terceiro método para designar os ânimos dos homens conforme sua semelhança com os animais – este parecia o caminho mais certo e mais fácil, mesmo assim, os anteriores não foram deixados de lado. Desse modo, vários sinais são relacionados conforme a semelhança com os animais.

O método priorizado no começo do *De Physiognomonia Liber* é o anatômico e ocupa a maior parcela da obra, mesmo assim, frequentemente vemos as comparações com animais e, em menor quantidade, com as etnias.

O autor ressalta, no capítulo 10, que os sinais de cada método devem ser primeiramente conhecidos na sua forma pura para tornar claras as diferenças entre o gênero masculino e o feminino, mas que ocorre combinação entre tais características (tanto nos homens como nos animais) e é justamente essa combinação que fará um bom engenho, reunindo boas qualidades de ambos os gêneros. Tal proposição é recorrente na teoria fisiognomônica:

[...] Deve-se saber que, na verdade, é numerosa a mistura de sinais tanto nos homens quanto nos outros animais, não apenas os gerais que expusemos como também os particulares que se seguirão em breve. Não existe um bom engenho a não ser que se reúna a coragem da espécie masculina e a sabedoria

da feminina. Portanto, onde muitos sinais opostos estiverem reunidos, na verdade, deve-se designar o ânimo segundo aqueles que são mais numerosos, mais claros ou mais importantes. Com efeito, em relação aos sinais, deve-se preferi-los em grande número, claros e significativos, em vez de poucos, obscuros e insignificantes. [...] os sinais dos olhos serão considerados os melhores; com efeito, prefere-se considerá-los como portas da alma, pois dizem que a alma resplandece pelos olhos e existe somente esta entrada para que o ânimo possa ser exposto e investigado. Depois, seguem-se outros sinais estabelecidos no semblante e na cabeça, e a força dos sinais se obtém conforme o valor de cada uma das partes do corpo.

O autor também já menciona no excerto acima uma ideia recorrente nos tratados fisiognomônicos, trata-se da primazia dos olhos sobre os demais sinais, da qual teremos inúmeras possibilidades para discutir detalhadamente nas descrições fisiognomônicas.

Um princípio da teoria fisiognomônica constantemente reforçado em *De Physiognomonica Liber* é de que existe uma hierarquia dos sinais, mas que, acima de tudo, a conclusão deve advir da observação dos elementos como um todo, portanto, os sinais não podem se contradizer. Veremos, ao longo deste estudo, se a teoria do tratado sustenta tal proposição, mas, independentemente disso, o princípio já fora esboçado no tratado pseudoaristotélico. O autor deste tratado mais antigo, inserido, por assim dizer, na doutrina aristotélica, faz ressalvas à análise de um único sinal, em 807a25-30, visto que vários sinais devem apontar para a mesma característica, pois ainda que os sinais a indiquem, ao mesmo tempo, há alguns que podem contradizê-la, não sendo possível uma análise segura, a não ser que o sinal seja classificado como um tipo mais certo do que os outros, por essa razão, ele afirma ser apropriado analisar segundo as espécies animais e não de acordo com o gênero¹⁴².

No *De Physiognomonica Liber*, a hierarquia proposta determina os olhos como a principal parte na análise fisiognomônica, seguidos das partes que estiverem mais próximas deles, portanto, quanto mais distante dos olhos, menos certos serão os sinais que, mesmo analisados em conjunto, sujeitam-se ao significado dos aspectos pertencentes ao olho:

20. Agora é preciso discutir a respeito dos olhos, onde a essência de toda a fisiognomonica está estabelecida. Com efeito, se os olhos asseveram os sinais de outras partes, então tais sinais são mais seguros e confiáveis. Portanto,

¹⁴² 807a25-30: ἔστι δὲ κράτιστον, ὅταν τὰ σημεῖα μὴ ὁμολογούμενα ἀλλ' ὑπεναντιούμενα, μηδὲν τιθέναι, εἰ μὴ ἔστι τῶν διηρημένων ποῖα ποίων πιστότερα, καὶ μάλιστα μὲν εἰς εἶδη ἀλλὰ μὴ εἰς ὅλα τὰ γένη ἀναφέρειν. ὁμοιότερα γάρ ἐστι τῷ ζητούμενῳ· οὐ γὰρ ὅλον τὸ γένος τῶν ἀνθρώπων [807a.30] φυσιογνωμονοῦμεν, ἀλλὰ τινα τῶν ἐν τῷ γένει.

os fisiognomonistas confirmam suas proposições a partir dos indícios dos olhos e é nisso que se estabelece toda a autoridade deles. Em suma, os indícios dos quais já falamos e dos quais ainda trataremos devem ser justapostos e acrescentados aos indícios dos olhos, de modo que, se não forem contraditos, tampouco tomados como ambíguos, mas antes confirmados pelos olhos, são então seguros.

45. Depois dos olhos, portanto, a força dos sinais é aquela que está perto dos olhos e no rosto; pois, conforme os sinais estão mais próximos dos olhos, são melhores do que os demais. Com efeito, depois dos olhos, os sinais da fronte, do nariz, da boca, das faces e da própria cabeça são idôneos e úteis. Seguem-se os sinais do pescoço e do peito e depois os dos ombros, das mãos, das pernas e dos pés. Os últimos sinais são aqueles que estão próximos do ventre, segundo parece a Polemão. Também a força da cor, da voz e da respiração é muito grande [...].

A valorização dos olhos em detrimento de outros sinais está presente em Polemão (A, 5) e em Adamantio (A, 4), mas não ganha tamanho destaque no pseudoaristotélico, em que as descrições dos olhos não se destacam dentre as demais. Voltaremos a este assunto sempre que nossa análise recair sobre postulados do autor que remetam à hierarquia dos sinais.

A análise pode levar a duas características distintas em alguns casos, imaginamos portanto que é necessário seguir a força dos sinais para dissipar as dúvidas ou possíveis contradições. Inúmeras descrições do Anônimo não trarão os olhos, desse modo, é preciso recorrer a outros sinais para confirmar quais sejam as características dos indivíduos, sobretudo quando houver dúvida, o autor recomenda que outros indícios devem ser observados:

54. [...] O pescoço rígido e como se fosse fixo significa o indouto e insolente, às vezes, este sinal pertence aos estultos. Logo, distinguirás por meio de outros sinais se o pescoço é imóvel e fixo por qual destes dois, pela estultícia ou pela insolência. [...]

No capítulo 45, assim que explica o grau de certeza que as partes do corpo conferem, o Anônimo nomeia o princípio da análise conjunta dos sinais, trata-se da ἐπιπρέπεια:

[...] O movimento é um grande indício, tanto do corpo inteiro quanto das partes individualmente, mas o conjunto da aparência surge de cada particularidade e qualidade do corpo, é o que os gregos chamam *epiprepeian* <harmonia>, em torno da qual todos os autores de fisiognomonía estabelecem como o princípio mais importante. Deves compreender e discernir o significado deste nome, pois, frequentemente, os sinais referem-se a ele. Com

efeito, o semblante do corpo inteiro indicará o medroso e o audaz, o pacífico e o ímpio, o franco e o astucioso; e cada um dos sinais que são pequenos e insignificantes juntam-se como uma única imagem, de modo que, observando o semblante, apresente-se alguma característica que se considera ter sido constituída nesse mesmo corpo e que mostra o caráter e os aspectos incertos do ânimo.

Apesar de aparecer numa parte avançada do tratado, a *epiprepeia*, que optamos pela transliteração ao longo do tratado, é um princípio básico a ser seguido na análise fisiognomônica. A *epiprepeia* é um conceito que aparece constantemente enfatizando a relação harmônica dos sinais, termo de difícil tradução neste contexto. Para Arnaud Zucker¹⁴³, o emprego dessa palavra de sentido vago pode ser deliberado, remetendo a uma certa harmonia que não está explícita e pode ser a correspondência entre o físico e o psíquico e não apenas a harmonia entre os traços físicos, ou poderia ainda indicar um tipo perfeito.

No pseudoaristotélico, a ἐπιπρέπεια é mencionada várias vezes, porém, não constitui um princípio fisiognomônico, aparecendo em meio às descrições; ela é tomada como critério de congruência, por exemplo, ao julgar malicioso o indivíduo cuja estrutura corporal é curvada e de ombros caídos sobre o peito, já que a parte da frente deve ser visível, mas dessa forma fica escondida (810b31); em seguida, o autor esclarece que a estrutura de tal região do corpo deve compor-se de um meio-termo entre os extremos.

O Anônimo cita a harmonia dos sinais reiteradamente, mas em alguns capítulos lembra o termo *epiprepeia*, compondo determinados tipos por meio da reunião de sinais específicos:

58. [...] Os ombros flexíveis, bem divididos e soltos indicam a honestidade – referem-se à *epiprepeia*. Os ombros amolecidos e inconvenientemente entrelaçados são os desonestos – referem-se à *epiprepeia*.

59. [...] Porém, quando sua grossura é moderada e tem articulações e músculos notáveis, mostram o ânimo forte e o corpo de boa compleição – referem-se à *epiprepeia*. [...]

67. [...] enorme e envolvida por carne flácida, é um sinal feminino: refere-se à *epiprepeia*. [...]

68. [...] se forem enormes e cercados por carne, designam o engenho feminino conforme a *epiprepeia*. [...]

¹⁴³ ZUCKER, A., op. cit., cf. p. 7.

87. [...] Aristóteles diz também que as nádegas mais secas são os viris, as nádegas com considerável quantidade de carne mostram o efeminado: isto se refere a *epiprepeia*. [...]

117. Acerca da força da *epiprepeia* já foi exposto acima; ela que conduz, em pouco tempo, o ânimo daqueles que observam e examinam a semelhança de certas espécies, imaginando se o engenho de alguém é feminino, masculino ou de animal. [...]

Para Martin Porter, Polemão é o responsável pela introdução deste conceito tão importante na teoria fisiognomônica¹⁴⁴ como um princípio geral, pois, de acordo com Porter, o desenvolvimento teórico da fisiognomonía justifica-se por sua aplicação prática e com este princípio em mente, é possível fortalecer a fisiognomonía como uma prática fundamentada não apenas de forma intuitiva, mas racional; embora Adamantio mais tarde tenha empregado a *epiprepeia* como elemento divino.

Podemos ainda destacar o princípio do *ethos* mais adequado que é refletido nos aspectos físicos equilibrados, o meio-termo é sempre bem visto na fisiognomonía, conforme se provará nas análises futuras. A congruência dos sinais indica as melhores qualidades e o excesso não é apropriado, conseqüentemente, os aspectos moderados representam um bom *ethos*:

78. [...] o que estabelecemos antes a respeito dos opostos e julgamos ser o seu equilíbrio o melhor na maioria das vezes, que isso também seja anunciado a respeito do movimento do corpo e da voz, para que compreendas o excesso como uma parte ruim e que julgues o meio-termo e uma combinação equilibrada como as melhores características.

Contudo, no capítulo 116, o Anônimo afirma que não há um meio-termo puro que resulte no equilíbrio entre dois extremos, tanto que algumas espécies são boas mesmo sem estar no meio de duas qualidades opostas, ocorre que a aparência pode tender mais para uma característica:

116. [...] não se deve tomar o meio-termo como certo a partir da medida ou da proporção ou quando houver movimentos opostos, mas segundo o que a *epiprepeia* prescreveu – porque isto deve ser a sustentação do meio-termo e do equilíbrio.

A leitura do *De Physiognomonía Liber* nos faz perceber mudanças bruscas na metodologia empregada para desenvolver o tratado, ora temos descrições longas intercaladas por analogias, ora o autor apresenta comparações diretas, sem detalhes.

¹⁴⁴ PORTER, M., op. cit., cf. p. 55.

Como destaca Martin Porter¹⁴⁵, o pseudoaristotélico *Physiognomonica* adota entimemas para evidenciar as comparações, uma lógica adotada pela tradição fisiognomônica. Os tratados mais tardios, no entanto, não refletem a respeito do repertório apresentado, oferecendo ao leitor apenas uma lista, o que, segundo o teórico, contribuiu para o desenvolvimento do estatuto mântico adquirido pela fisiognomonia.

Observamos que o Anônimo, inserido na tradição do pseudoaristotélico e de Polemão, que também adotava a lógica do silogismo, apresenta tais enunciados e, muitas vezes, traz reflexões que vão além de uma simples comparação, mas, em contrapartida, apresenta passagens breves e sem margem para discussão. Parece-nos que Porter, ao mencionar o aspecto reflexivo do tratado pseudoaristotélico, ignora a objetividade com que o autor menciona algumas associações ali estabelecidas; de qualquer forma, Porter está correto ao destacar que Pseudo-Aristóteles desenvolve inúmeras questões no tratado que são caras ao estudo da fisiognomonia.

Podemos supor que certa objetividade é necessária, pois a abundância de sinais torna mais difícil a discussão detalhada de cada um deles e, neste sentido, as máximas do senso comum parecem constituir o repertório, mas sempre que os autores voltam sua atenção para discutir como devem ser feitas a análise fisiognomônica, trazem certo tom reflexivo ou científico ao texto, embora a argumentação não dê conta da complexidade proposta para uma ciência da fisiognomonia. Mais uma vez, é importante destacar que devemos ler tais obras em seu contexto, visto que hoje um tratado científico se baseia em teorias formuladas a partir de experimentação e comprovação.

As descrições em *De Physiognomonica Liber* são, como rege a teoria da fisiognomonia, o somatório dos traços físicos e morais, seguindo a tradição dos tratados já conhecidos; no célebre *Caracteres* (*Χαρακτῆρες*) de Teofrasto (IV-III a.C.), temos um catálogo de tipos de indivíduos com base no comportamento e em aspectos morais, sem associá-los a características físicas. É interessante observar os caracteres apresentados, pois inúmeros correspondem a tipos também frequentes na fisiognomonia, tais como o dissimulado, o bajulador, o impudico, o avaro e o covarde.

Teofrasto faz um inventário de trinta vícios que, como afirma Delfim F. Leão¹⁴⁶, não são virtudes e tampouco grandes defeitos e, por essa razão, atraem mais o ridículo do que o ódio, construindo personalidades do homem comum – tais retratos não se referem

¹⁴⁵ Ibidem, cf. p. 53-54.

¹⁴⁶ “Trimalquião à luz dos *Caracteres* de Teofrasto”. In: *HVMANITAS*. 1997, v. XLIX, p. 147-166. Cf. p. 147-48, 1997.

apenas à realidade da Grécia helenística, visto que o princípio é atemporal, conforme defende o teórico. Na fisiognomonía, notaremos ao ler e analisar o *De Physiognomonía Liber*, arrolam-se muito mais vícios do que virtudes e os traços físicos que apontam para vícios são frequentemente excessivos e o adequado constitui-se pelo meio-termo dos sinais avaliados.

No proêmio de *Caracteres*, ainda que haja dúvida em relação à autoria deste prefácio, o autor profere um questionamento que reflete a consciência fisiognomônica de que temos falado:

Ἦδη μὲν καὶ πρότερον πολλάκις ἐπιστήσας τὴν διάνοιαν ἐθαύμασα, ἴσως δὲ οὐδὲ παύσομαι θαυμάζων, τί γὰρ δῆποτε, τῆς Ἑλλάδος ὑπὸ τὸν αὐτὸν ἀέρα κειμένης καὶ πάντων τῶν Ἑλλήνων ὁμοίως παιδευομένων, συμβέβηκεν ἡμῖν οὐ τὴν αὐτὴν τάξιν τῶν τρόπων ἔχειν.

1. (Já no passado, enquanto refletia, muitas vezes me perguntei com surpresa e provavelmente não deixarei de me perguntar com idêntica surpresa por que, se a Grécia tem um único clima e se todos os gregos recebem igual educação, ocorre então que não tenhamos o mesmo tipo de caráter. [...])

[Tradução: D. Malhadas & H. Sarian]¹⁴⁷

Vejamos o exemplo de um capítulo de *Caracteres* com a descrição de um tipo que também aparece em *De Physiognomonía Liber*:

III. Ἡ δὲ ἀδολεσχία ἐστὶ μὲν διήγησις λόγων μακρῶν καὶ ἀπροβουλεύτων, ὁ δὲ ἀδολέσχης τοιοῦτός ἐστιν, οἷος, ὃν μὴ γινώσκει, τούτῳ παρακαθεζόμενος πλησίον πρῶτον μὲν τῆς αὐτοῦ γυναικὸς εἰπεῖν ἐγκώμιον· εἶτα ὁ τῆς νυκτὸς εἶδεν ἐνύπνιον, τοῦτο διηγῆσασθαι· εἶθ' ὃν εἶχεν ἐπὶ τῷ δείπνῳ, τὰ καθ' ἕκαστα διεξελθεῖν.

εἶτα δὴ προχωροῦντος τοῦ πράγματος λέγειν, ὥς πολὺ πονηρότεροί εἰσιν οἱ νῦν ἄνθρωποι τῶν ἀρχαίων, καὶ ὥς ἄξιοι γεγόνασιν οἱ πυροὶ ἐν τῇ ἀγορᾷ, καὶ ὥς πολλοὶ ἐπιδημοῦσι ξένοι [...].

III. (1) A tagarelice é uma longa e inconsiderada conversa, e o tagarela é aquele (2) que, sentando-se bem junto de alguém, mesmo que não o conheça, primeiramente elogia a própria esposa, em seguida conta o sonho que teve à noite, e depois expõe minuciosamente cada uma das iguarias que havia no jantar. (3) Por fim, prosseguindo com a conversa vazia, declara que os homens de hoje são muito piores do que os de antigamente, que o trigo não está barato na ágora, que estão chegando muitos estrangeiros [...]. [*Os Caracteres*]

¹⁴⁷ Para todas as citações desta obra, adotamos a edição: *Os Caracteres*. Tradução: Daisi Malhadas & Haiganuch Sarian. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1978.

86. [...] *Adoleschoi* <tagarelas>, certamente, são homens ociosos que se reúnem em um determinado lugar e que se dedicam às narrações absurdas e estúpidas. Aristóteles diz que os *adoleschoi* têm grandes orelhas e voltadas em direção ao rosto, os pés são recurvados em forma de foice, a voz nasalizada, os flancos são inchados e recurvados e os joelhos são repuxados para dentro. [*De Physiognomonica Liber*]

Em *De Physiognomonica Liber*, temos o detalhamento dos aspectos físicos e pouco se menciona a respeito do comportamento do tagarela, ao passo que Teofrasto se preocupa em descrever as ações típicas de um. A preocupação fisiognomônica está em estabelecer a analogia entre aparência e as disposições moral e anímica; quanto aos objetivos de Teofrasto, há controvérsia entre os teóricos¹⁴⁸ já que é possível enxergar um cunho moral, há, no entanto, a possibilidade de ler a obra como um catálogo de vícios, sem preocupação didática, apenas de caráter cômico.

Os temas d’*Os Caracteres* de Teofrasto são: dissimulação, bajulação, tagarelice, rusticidade, complacência, insolência, verbosidade, boato, descaramento, mesquinhez, impudência, inoportunidade, intromissão, estupidez, arrogância, superstição, lamúria, desconfiança, desmazelo, inconveniência, vaidade, avareza, fanfarronice, orgulho, covardia, oligarquia, extemporaneidade, maledicência, canalhice, exploração.

Depois de uma longa exposição dos sinais físicos de cada parte do corpo, o Anônimo lista os tipos de indivíduos a partir do capítulo 80, retomando elementos já apresentados e expondo descrições que foram extraídas de Loxo, do pseudoaristotélico *Physiognomonica* e de Polemão. Por ora, analisaremos cada parte do corpo, seguindo a hierarquia proposta pelo próprio autor e discorreremos acerca da tipologia do *ethos* no fim do nosso próximo capítulo e será possível observar como as categorias propostas por Teofrasto são compartilhadas, por assim dizer, na teoria da fisiognomonía.

2.3. Descrições fisiognomônicas

Procuraremos avaliar o maior número possível de fisiognomonias apresentadas para buscar compreender os preceitos concernentes à questão do *ethos* e também para observar as características do tratado *De Physiognomonica Liber*, possibilitando o estabelecimento dos princípios teóricos da fisiognomonía. A comparação com outros tratados conhecidos, que são inúmeras vezes mencionados pelo autor, será inevitável em algumas circunstâncias, mas não constitui o foco desta pesquisa.

¹⁴⁸ Acerca dessa discussão, recomenda-se a leitura da “Introdução” de Daisi Malhadas & Haiganuch Sarian à edição d’*Os Caracteres* citada na nota anterior – Cf. p. 20 do livro.

A finalidade deste capítulo é estudar as partes do corpo investigadas pelo Anônimo e esclarecer as diversas relações possibilitadas pela fisiognomonia, tais como a proximidade com teorias de outros tratados e a associação com a medicina.

Antes de partir para a análise da obra aqui estudada, é conveniente fazer uma breve digressão e recordar que há no *corpus* hipocrático uma seção dedicada à fisiognomonia em *Epidemias*, II, 5-6, e que reúne algumas descrições – quantidade bem reduzida diante dos manuais que conhecemos – de estilo semelhante ao que observamos nos tratados antigos de fisiognomonia.

Tomamos o peripatético como exemplo da primeira obra sistemática acerca desta temática, no entanto, já vimos que Hipócrates é considerado inventor da fisiognomonia, em geral, aceita-se esta proposição por causa da obra *Ares, águas e lugares* (V a.C.), contudo, o texto presente em *Epidemias* é que claramente traz um pequeno manual de fisiognomonia¹⁴⁹; porém, o fato de muitas obras terem sido inseridas depois da morte de Hipócrates na coleção hipocrática torna sua datação duvidosa, na verdade, não há certeza de que ele realmente tenha escrito alguma coisa¹⁵⁰.

A partir de agora listaremos os sinais analisados por meio de tabelas para facilitar a compreensão dos métodos utilizado pelo autor.

2.3.1. Cabeça

Cabelo

As lições do tratado iniciam o estudo pela cabeça, descrevendo-se, em primeiro lugar, os cabelos. Ocorre aqui não apenas uma análise anatômica como também zoológica, uma vez que o autor finaliza algumas descrições com os animais correspondentes ao respectivo tipo; às vezes, a etnológica se faz presente pela analogia com alguns povos.

A partir do capítulo 14, o autor se dedica à descrição das partes da cabeça, que são consideradas sinais bastante confiáveis (*certiora signa*), conforme mencionado no capítulo 13.

¹⁴⁹ II, V, §1: Ὀκόσοι πυρρόι, ὀξύρρινες, ὀφθαλμοὶ μικροὶ, πονηροί. Ὀκόσοι πυρρόι, σιμοὶ, ὀφθαλμοὶ μεγάλοι, ἐσθλοί. Ὑδροπιώδεες χαροποὶ, πυρρόι, ὀξύρρινες, ἥν μὴ φαλακροὶ ἔωσιν. [...] Há poucas traduções disponíveis, por essa razão, sugiro a tradução em espanhol, da edição *Tratados Hipocráticos V – Epidemias*. Tradução: ESTEBAN, A., NOVO, E. G. & CABELLOS, B. Madri: Gredos. Biblioteca Clásica Gredos, v. 126, 1983: II, V.

¹⁵⁰ Recomenda-se a leitura de RIBEIRO JR., W. A. “1. Hipócrates de Cós”. In: CAIRUS, H. F. & RIBEIRO JR., W. A., op. cit.

Descrição – Cabelo	Características	Comparações
Duro, preto ou ruivo sem brilho e aguado, espesso	violento	porco
Macio, fino, ruivo, ralo	escassez de sangue, ânimo debilitado, sem coragem, feminino, astucioso	_____
Crespo	astucioso, avaro, medroso, desejoso de lucro	egípcios (medroso), sírios (avaro)
Denso, suspenso sobre a fronte	excessivamente feroz	urso
Puxado para trás, sobre o meio da fronte, voltado para o topo da cabeça	ânimo ardente e menos sábio	povos bárbaros
Eriçado, ralo	frígido, medroso	_____
Loiro, espesso, bem descorado	indócil, indômito	germanos
Denso, enorme perto das têmporas e ao redor das orelhas	ardente, libidinoso	_____
Fino e ralo perto das têmporas	frígido, sem forças	_____
Um pouco escuro, fino, pouco denso	bom caráter	_____
Loiro, fino, pouco denso	bom caráter	_____
Aloirado, fino, mais denso	bom caráter	_____
Extremidade do cabelo está suspensa sobre a fronte da cabeça	animoso, meio selvagem	_____
Extremidade do cabelo está para trás da fronte	menos ardente, de pouca inteligência	_____
Extremidade do cabelo na parte detrás caída sobre o meio do pescoço e termina num ponto mais distante	ardente, insensato, libidinoso	_____

Extremidade do cabelo na parte detrás está distante do pescoço	indolente, medroso, feminino, irascível	_____
--	---	-------

O estudo dos cabelos parece encerrado, mas, na verdade, é retomado no capítulo 73, entremeado pelos sinais dos pelos do corpo em geral.

Descrição – Cabelo/ Pelos	Características	Comparações
Cabelo crespo	medroso	_____
Cabelo liso	feroz	_____
Cabelo encorpado	feroz	_____
Cabelo ralo	insidioso	_____
Cabelo macio	excessivamente efeminado	_____
Cabelo preto	excessivamente medroso e avaro	_____
Cabelo ruivo, um pouco esbranquiçado	avaro	_____
Cabelo intensamente vermelho	avaro, feroz, indócil	flor de romã
Perna carregada de pelos densos e longos	indócil, feroz	_____
A parte na extremidade da espinha e as coxas peludas	indócil, feroz	_____
O ventre e o peito cobertos por uma quantidade excessiva de pelos	fútil, instável, sem religião, sem piedade	_____
Apenas o peito apresenta pelos	ardente, animoso	_____
Os ombros e o <i>metaphrenon</i> rodeados por pelos	fútil, instável	aves
O corpo inteiro repleto de pelos	_____	ânimo de um quadrúpede
Pescoço peludo na parte abaixo da cabeça	forte, animoso	leão
O cabelo desce para o meio da fronte, fica parado ou revirado nos dois lados	_____	cavalo

A descrição é fundamentalmente anatômica porque a pormenorização da aparência do cabelo é o que prevalece para demonstrar o *ethos* correspondente. Ainda assim, há dois tipos de cabelo em que a analogia também é feita com animais, destacando o aspecto de ferocidade de tais homens: o porco e o urso. O adjetivo *sordidus*, empregado no início para designar o cabelo do homem semelhante ao porco, além de representar o cabelo sem brilho, carrega também as acepções de sujo ou, associado diretamente ao caráter, indivíduo ignóbil.

3. LE BRUN. Javali.

Neste caso, optamos por imaginar *sordidi et aquati ruboris* como um cabelo ruivo cuja coloração não é vivamente avermelhada, sem brilho, outro tipo que aparecerá no capítulo 73; entretanto, se adotássemos para tradução de *sordidus* o sentido de “sujo” – como fizemos nos capítulos 51 e 69 – a descrição nos levaria além da aparência, visto que os cabelos sujos representam já um aspecto da personalidade e nas suas poucas ocorrências no tratado está sempre acompanhado de outras qualidades negativas, portanto, é um traço que figura como aspecto tipicamente negativo.

Seguindo a lógica proposta pelos tratados fisiognomônicos de que os elementos devem ser lidos em conjunto, poderíamos supor, com base nesta passagem, que qualquer indivíduo, não importa a coloração do cabelo, se for *sordidus* ou algum adjetivo que transmita semelhante acepção, tal como *albidus*, que ao acompanhar o cabelo loiro nos dá ideia de uma cor descorada, representa o *ethos* com características violentas.

Temos ainda comparações em relação à origem geográfica, nesse caso, a associação é feita para associar aos aspectos negativos, tais como a covardia do egípcio, a avareza do sírio, a pouca sabedoria dos bárbaros e o temperamento indócil do germânico. É interessante observar que a coragem é uma qualidade valorizada na caracterização do *ethos* de modo geral, mas apenas os aspectos negativos relacionados à violência são atribuídos, por exemplo, aos bárbaros, em vez de destacar sua coragem.

O ânimo *calidus* relacionado aos bárbaros tem dentre suas acepções, em latim e em português, “ardente, feroso, impetuoso” que, por vezes, aparecerá no *De Physiognomonia Liber* para indicar não apenas a impetuosidade, mas também um *ethos* amoroso, tal como nos revelam os cabelos densos e perto das têmporas e orelhas¹⁵¹.

Notamos que apenas três descrições retratam um *ethos* virtuoso: os cabelos escuros (οἰνωπος – cuja definição no dicionário¹⁵² é, em geral, “escuro como vinho”), loiros ou aloirados, todos eles são finos e apenas o último tipo deve ser denso. Poderíamos supor que a característica *tenuis*, traduzida aqui como “fino”, é o elemento que representa um bom caráter no que concerne ao cabelo, contudo, vemos esse mesmo adjetivo ser usado duas outras vezes em tipos de cabelo cujo caráter associado é covarde ou fraco, o que há em comum nestes dois casos é a escassez de cabelo que, por sua vez, está sempre nas representações de *ethos* não-virtuoso.

Mais uma vez, a premissa de que um elemento isolado não serve para a análise fisiognomônica se revela em meio às combinações um tanto irregulares do tratado, visto que o autor não segue uma lógica na descrição. Como o tratado se apresenta em boa parte semelhante a um catálogo, a expectativa é de que o autor apresente uma sequência de combinações bastante variada, contudo, tais combinações não ocorrem de forma sistemática.

Observa-se que a caracterização dos cabelos no capítulo 73 está mais sucinta em relação ao capítulo 14 e reapresenta algumas categorias, tendo em vista que o autor se concentra nos pelos de maneira geral.

Aos cabelos crespos, reforça-se o caráter do medroso; ao macio, o caráter afeminado. O cabelo encorpado pode corresponder àqueles que são densos ou espessos e representam sobretudo a ferocidade. O cabelo ralo, isoladamente, representa a insídia, e pelo que se observa no capítulo 14, em conjunto com outras características, compõe *ethos* vicioso.

A cor loira que representa um bom *ethos* em 14 está ausente neste outro capítulo e as demais cores, como preto e vermelho, trazem qualidades negativas; contudo, como já observamos, o atributo em comum entre os melhores tipos de *ethos* são os cabelos finos. A coloração, portanto, não é um critério determinante na identificação do *ethos*.

¹⁵¹ Cf. ocorrências de *calidus*, remetendo ao ânimo, nos capítulos: 11, 73, 75, 82, 107, 111, 118, 121, 123, 131.

¹⁵² BAILLY, A., op. cit.; *GEL*, op. cit.

Não há correspondência exata entre esses dois capítulos se os colocamos lado a lado: o capítulo 73 parece ser apenas um lembrete da análise dos cabelos para avaliar os pelos de outras partes do corpo, não mencionados no 14 que se concentra apenas na descrição dos cabelos.

Vale mencionar a comparação do cabelo “intensamente vermelho” (*uehementer rubicundi*) a uma flor de romã, que não lembra os métodos usuais da fisiognomonía, mas serve para tornar mais evidente a imagem do cabelo vermelho, conferindo-lhe mais vivacidade e distinguindo-se do ruivo sem brilho mostrado no capítulo 14.

Os pelos de outras partes do corpo mencionados no capítulo 73 são designados igualmente pelo termo *capillus*, o qual traduzimos por “pelos”, já que a palavra admite tanto o significado de cabelo como de pelos do restante do corpo. O autor lembra que há ainda as sobrancelhas e os pelos dos olhos – do qual trataremos na análise de seus capítulos – e que todas as partes com pelos devem seguir as regras dos cabelos já abordadas no tratado, mas cada uma com suas características particulares. Entende-se, portanto, que os pelos devem ser observados em relação à parte em que estão localizados.

Em geral, o que se observa é que o excesso de pelos corresponde a características negativas. No entanto, se considerarmos que quando o corpo inteiro é coberto de pelos representa o ânimo de um quadrúpede, a comparação pode parecer negativa, porém, a caracterização não aparece aqui e o termo *quadrupes* indica, como em português, animais que andam apoiados em quatro pés; o leão, por exemplo, apresenta boas qualidades na teoria fisiognomônica, o cavalo é descrito com qualidades negativas e positivas, no entanto, o asno é um animal inerte¹⁵³.

¹⁵³ Acerca destes animais, cf. os capítulos: 118, 119 e 122.

Citamos a seguir a descrição do leão, animal fundamental na representação do *ethos* masculino na fisiognomonía, desde o pseudoaristotélico, em *História dos animais* de Aristóteles, 629b8 – 630a5: Καὶ γὰρ ὁ λέων ἐν τῇ βρώσει μὲν χαλεπώτατός ἐστι, μὴ πεινῶν δὲ καὶ βεβρωκῶς πρᾶτος. [629b.10] Ἔστι δὲ τὸ ἦθος οὐχ ὑπόπτῃς οὐδενὸς οὐδ' ὑφορώμενος οὐδέν, πρὸς τε τὰ σύντροφα καὶ συνήθη σφόδρα φιλοπαίμων καὶ στερκτικός. Ἐν δὲ ταῖς θήραις ὀρώμενος μὲν οὐδέποτε φεύγει οὐδὲ πτήσσει, ἀλλ' ἐὰν καὶ διὰ πλῆθος ἀναγκασθῇ τῶν θηρευόντων ὑπαγαγεῖν βάδην ὑποχωρεῖ καὶ κατὰ σκέλος, [629b.15] κατὰ βραχὺ ἐπιστρεφόμενος· ἐὰν μέντοι ἐπιλάβηται δασέος, φεύγει ταχέως, ἕως ἂν καταστῇ εἰς φανερόν· τότε δὲ πάλιν ὑπάγει βάδην. Ἐν δὲ τοῖς ψιλοῖς ἐὰν ποτ' ἀναγκασθῇ εἰς φανερόν διὰ τὸ πλῆθος φεύγειν, τρέχει κατατείνας καὶ οὐ πηδᾷ. Τὸ δὲ δρόμημα συνεχῶς ὥσπερ κυνός ἐστι [629b.20] κατατεταμένον· διώκων μέντοι ἐπιρίπτει ἑαυτόν, ὅταν ᾗ πλησίον. Ἀληθὴ δὲ καὶ τὰ λεγόμενα, τὸ τε φοβεῖσθαι μάλιστα τὸ πῦρ, ὥσπερ καὶ Ὀμηρος ἐποίησεν “καίόμεναί τε δεταί, τάς τε τρεῖ ἐσσύμενός περ,” καὶ τὸ τὸν βάλλοντα τηρήσαντα ἴεσθαι ἐπὶ τοῦτον· ἐὰν δὲ τις βάλλῃ μὲν μὴ, ἐνοχλῇ δ' [629b.25] αὐτόν, ἐὰν ἐπαΐξας συλλάβῃ, ἀδικεῖ μὲν οὐδὲν οὐδὲ βλάπτει τοῖς ὄνυξι, σείσας δὲ καὶ φοβήσας ἀφίησι πάλιν. Πρὸς δὲ τὰς πόλεις ἔρχονται μάλιστα καὶ τοὺς ἀνθρώπους ἀδικοῦσιν, ὅταν γένωνται πρεσβῦται, διὰ τε τὸ γῆρας ἀδύνατοι θηρεύειν ὄντες καὶ διὰ τὸ πεπονθέναι τοὺς ὀδόντας. [629b.30] Ἔτι δὲ ζῶσι πολλὰ, καὶ ὁ λεφθεὶς λέων χωλὸς πολλοὺς τῶν ὀδόντων εἶχε καταγόντας, ὃ τεκμηρίω ἐχρόντο τινες ὅτι πόλλ' ἔτι ζῶσιν· τοῦτο γὰρ οὐκ ἂν συμπεσεῖν μὴ πολυχρονίω ὄντι. [629b.33] Γένη δ' ἐστὶ λεόντων δύο· τούτων δ' ἐστὶ τὸ μὲν στρογγυλότερον καὶ οὐλοτριχώτερον δειλότερον, τὸ δὲ [629b.35] μακρότερον καὶ εὐθύτριχον ἀνδρειότερον. Φεύγουσι δ' ἐνίοτε [630a.1] κατατείναντες τὴν κέρκον ὥσπερ κύνες. Ἡδὴ δ' ὥπται λέων καὶ οὐ ἐπιτίθεσθαι μέλλον, καὶ ὡς

Aqui, o leão serve de comparação para o pescoço peludo e corresponde ao forte e animoso, *ethos* tradicionalmente associado ao leão em razão de sua coragem.

4. G. B. DELLA PORTA. *Homem-leão* (Ed. 1650)

Após a leitura dos dois capítulos, percebemos que os atributos referentes à ferocidade e à coragem aparecem com certa frequência na caracterização do *ethos*, principalmente na associação com os pelos ao longo do corpo.

Embora o quadro acima pretenda simplificar a exposição do autor, como já dissemos, observa-se que ele não traça um paralelo exato, vemos desfilar uma série de critérios que são repetidos desordenadamente em cada item. Com isso, o caráter explicativo do tratado parece um tanto comprometido, no entanto, a variedade de tipos possibilita ao leitor uma amostra suficiente para ele próprio traçar outros perfis com os elementos fornecidos. Outra explicação possível para tal irregularidade é o parentesco com os tratados que serviram de base para o Anônimo; o tratado de Adamantio que é

εἶδεν ἀντιφρίξαντα, φεύγων. Ἔστι δὲ πρὸς τὰς πληγὰς εἰς μὲν τὰ κοῖλα ἀσθενής, κατὰ δὲ τὸ ἄλλο σῶμα δέχεται πολλὰς καὶ κεφαλὴν [630a.5] ἔχει ἰσχυράν. “[...] “Assim, o leão, quando está a comer, é muito agressivo; mas se não tiver fome ou se estiver alimentado, é muito dócil. Por instinto, nem é desconfiado nem alimenta suspeitas. Brinca facilmente e pode até ser afectuoso com os outros animais com quem tenha sido criado e a que esteja acostumado. Quando se sente na mira dos caçadores, nem foge nem se esconde, e mesmo se se vir forçado, pelo número de perseguidores, a bater em retirada, afasta-se lentamente, sem apressar o passo, até olhando para trás de vez em quando. Todavia, se chegar à floresta, foge a toda a velocidade até se encontrar de novo em espaço aberto. Aí volta a andar a passo. Se estiver num sítio plano e o número de caçadores o forçar a fugir a descoberto, ele corre alargando o passo, mas sem saltar. Tem uma corrida contínua e larga, como a do cão. Se vai em perseguição de uma presa, só quando já está muito perto é que cai sobre ela. É correcta aquela história que se costuma contar de que o leão tem pavor do fogo, como o afirma Homero quando diz: «As tochas acesas apavoram-no, por mais feroz que seja»; como verdadeiro é também que fixa quem o pretender atingir, para o atacar. Se deparar com alguém que tenha atirado sobre ele sem o ferir, e se conseguir lançar-se sobre a pessoa e encurralá-la, não lhe faz mal nem a fere com as garras; limita-se a sacudi-la e a meter-lhe medo, mas depois larga-a. Frequentemente, invadem as cidades e atacam as pessoas, quando envelhecem, porque a idade e o mau estado em que têm os dentes os impedem de caçar. Têm uma vida longa e o leão coxo que se capturou tinha a maior parte dos dentes partidos, de onde se tirou a conclusão de que os leões vivem muitos anos. Porque tal situação não aconteceria com um animal que não fosse velho.

Há duas espécies de leão: uma mais arredondada, com a crina mais hirsuta, e mais tímida; a outra é mais comprida, com os pêlos mais rijos e mais valente. Por vezes fogem com a cauda estendida, como os cães. Já se viu um leão pronto a lançar-se sobre um porco, mas ao vê-lo disposto a enfrentá-lo, de pêlos eriçados, pôs-se em fuga. [630a] Os flancos do leão resistem mal aos golpes, mas o resto do corpo aguenta-os bem e a cabeça é robusta. [...]” [Tradução: M. de Fátima S. e Silva, op. cit., 2008]

paráfrase de Polemão, provavelmente um pouco posterior ao Anônimo, apresenta a mesma irregularidade na exposição dos tipos físicos.

A estrutura do conhecido tratado pseudoaristotélico apresenta algumas passagens “temáticas” relativamente extensas, mas é constituído por apenas seis capítulos, o que justifica seu caráter mais conciso nas exposições, enumerando vários elementos de uma só vez e não detalhando cada parte do corpo, além disso, o Pseudo-Aristóteles ainda discorre acerca dos princípios básicos da fisiognomonia.

Não nos cabe aqui um estudo comparativo entre as obras, mas destacamos que, apesar da função didática, a exposição dos autores fisiognomônicos parece um tanto inconstante no que concerne aos critérios da descrição.

Pele da cabeça

O capítulo 15 concentra-se na pele da cabeça, extremamente breve, não há variedade pois apenas dois tipos são apresentados.

Descrição – Pele da cabeça	Características
Rugosa ou mais porosa	mole, delicado, [feminino]
Áspera, densa ou contraída	ávido por elogio, quase estúpido

Na conclusão deste capítulo, o Anônimo expõe um conceito que será retomado depois e que parece ser um lugar-comum na fisiognomonia, o meio-termo, o equilíbrio, semelhante ao que a medicina propõe no temperamento ideal dos humores. A pele adequada na cabeça é aquela que não for nem muito porosa e nem muito obstruída (*nec laxum satis neque satis strictum*).

Forma da cabeça

Em seguida, no capítulo 16, temos a análise do formato da cabeça, acerca da qual também se utiliza essencialmente o método anatômico, mas o autor adota comparações que remetem ao método zoológico, fato que veremos ser recorrente ao longo do tratado.

Descrição – Cabeça	Características	Comparações
Maior do que o tamanho médio	notável nos sentidos, corajoso, magnânimo	_____
Pequena	desprovido de sentidos e de sabedoria	_____
Alongada	imprudente	_____
Achatada, plana	insolente	_____
Pequena, quase redonda	impudente	ave de rapina

Tamanho moderado	sábio, notável nos sentidos, às vezes medroso e menos generoso	_____
Imensa	estulto, estúpido, indócil	_____
Sinuosa	impudente	_____
Saliente na frente	insolente	_____
Côncava na parte detrás	doloso, irascível	_____
Grande, fronte larga, rosto inteiro proeminente	indolente, pacato, forte, indócil	boi
Semelhante ao martelo na frente e atrás	impudente	martelo
Reta, levemente achatada no meio, quase plana, maior do que o tamanho médio	notável nos sentidos, magnânimo	_____

Os critérios de análise predominantes são o tamanho da cabeça e sua forma, mas a correspondência com animais aparece em duas ocasiões: a cabeça pequena e arredondada que lembra a ave de rapina, representando a impudência; o outro caso é o do boi, a cabeça é grande, com fronte larga e rosto proeminente, representando aspectos negativos, a indolência e a indocilidade, além de ser forte e pacato. Ao analisar as imagens destes animais, compreendemos a lógica dessa comparação: as aves de rapina têm a cabeça pequena e seu modo de vida livre pode ser relacionado ao impudente; o boi, que tem a cabeça grande, também parece corresponder às características elencadas, sobretudo se considerarmos a força e o temperamento “caseiro” do animal.

5. LAVATER reproduz o desenho de Le Brun do homem-touro (*Fragmente*)

6. LE BRUN. Homens-águias.

Não faremos um estudo detalhado dos animais, mesmo o Anônimo o faz superficialmente¹⁵⁴, pois as comparações baseiam-se no aspecto físico dos animais e em características que são geralmente atribuídas ao temperamento destes, tal como o clássico exemplo da coragem do leão.

Outras características da personalidade se repetem em tipos diferentes de cabeça. A cabeça sinuosa, tradução que fizemos de *obliquum*, sem comparações e com breve descrição, também é indício de impudência – neste caso, o adjetivo permite imaginar uma cabeça torta, tanto no seu formato, quanto na inclinação e, além disso, em sentido figurado, pode representar o dissimulado, enigmático.

Há dois tipos distintos que traduzem a insolência, trata-se da cabeça baixa e plana e a outra proeminente na parte da frente, curioso constatar que embora sejam opostas na aparência, ambas são sinais de insolência, mas o autor não aplica nenhum outro traço distintivo que nos faça depreender a insolência, mais uma vez, parece-nos um tanto confuso se pensarmos no tratado com o propósito de ser um manual de uma prática. No decorrer da obra, no entanto, fica evidente o que os teóricos propõem: as características excessivas são inadequadas, o equilíbrio é sempre recomendável, de maneira que mesmo qualidades opostas podem representar vícios semelhantes.

Um elemento que se destaca na caracterização é a agudeza dos sentidos que aparece associado ao tamanho da cabeça: a cabeça grande, um pouco maior do que a média (*aliquanto maius est quam exigit modus/ aliquanto maius quam si sit mediae magnitudinis*) tem os sentidos bem desenvolvidos, bem como a de tamanho moderado

¹⁵⁴ O capítulo 120 é dedicado ao boi, contudo, o autor repete as informações mencionadas na descrição da cabeça. O capítulo 129 discorre a respeito da coruja, ave de rapina, cuja descrição ética é extremamente negativa.

(*moderatum*), dentre estas, a moderada é a que apresenta alguns defeitos, mas também representa sabedoria, e a grande constitui um *ethos* bem qualificado; a pequena (*breue*), por sua vez, opõe-se na aparência e nas características, já que representa alguém com sentidos pouco desenvolvidos e sem sabedoria. A cabeça imensa (*immensum*), no entanto, não está relacionada aos sentidos e apresenta apenas características negativas, mostrando mais uma vez que o excesso não é adequado, pois sua descrição é ainda pior do que a da pequena.

A cabeça côncava (*concauum*) na parte detrás, que também transmite a ideia de uma cabeça irregular no formato, é a única que traz a irascibilidade nesta passagem.

Por fim, há uma descrição curiosa que não remete propriamente às características da cabeça, mas a aproxima da imagem do martelo e representa também a impudência, assim como a de formato sinuoso. Não é uma associação tão corriqueira como a que se faz com os animais, mas ainda funciona como método simplificador de exposição, visto que o símile serve para tornar visível tal formato – por meio de um exercício imaginativo, visualizamos a cabeça próxima do martelo, que combina também com o aspecto torto da cabeça sinuosa.

Entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, o médico austríaco Franz Joseph Gall desenvolveu a frenologia, uma teoria que dividia o córtex cerebral em “órgãos”, cada um deles correspondia a determinadas faculdades mentais, por essa razão, Gall elaborou estudos a respeito do formato do crânio sob a premissa de que a forma externa exercia influência sobre a forma interna do cérebro. A frenologia, mais tarde, perdeu sua credibilidade visto não ter fundamentação científica e ainda ser empregada como mecanismo para discriminação das pessoas.

Embora distinta da fisiognomonia, a frenologia analisava também o que era externo, visível, para determinar as disposições intelectuais e morais das pessoas; há uma grande distância temporal separando uma teoria da outra, mas é impossível não notar certa semelhança do método na leitura feita pelo fisiognomonista do formato da cabeça. Conforme já comentamos no capítulo anterior desta tese, inúmeras ciências parecem ter adotado critérios da fisiognomonia e a frenologia surge no período em que os estudos fisiognomônicos estavam em alta.

Fronte

No capítulo 17, a explanação é a respeito da fronte, testa ou mesmo face anterior. Já vimos que a fronte já aparece na descrição geral da cabeça e agora temos as propriedades atribuídas especificamente a esta parte.

Descrição – Fronte	Características	Comparações
Estreita	indócil, vil, voraz	porco
Demasiadamente extensa	engenho preguiçoso	_____
Oblonga	superior nos sentidos, dócil	cão
Baixa	ausência de virilidade	_____
Arqueada, alta, redonda	estúpido	_____
Quadrada, dimensão moderada (em conformidade com o corpo e o rosto)	muito corajoso, sábio, magnânimo	_____
Plana, regular	reivindica à sua honra mais do que merece	_____
Parece escondida, com a cabeça pendente	insolente	_____
Junta-se no meio parecendo franzida	irascível	_____
Rugas repuxadas em cima (sobretudo as localizadas na origem do nariz)	pensadores	_____
Pele da fronte porosa e estendida, como se estivesse sorrindo	carinhoso, mas não inofensivo	cão que afaga
Áspera	esperto, avaro, caso não seja insano ou estulto	elevação de montes e buracos
Esticada	calmo	_____

Na medida em que as exposições são analisadas, correlacionando-as com os elementos já descritos nos capítulos precedentes, imagens mais completas da cabeça parecem ser construídas diante de nós, pois, apesar de breves, as descrições são pontuais e imediatamente nos fazem compor mentalmente a imagem.

O rigor do texto científico é rompido em alguns momentos porque as imagens se mostram às vezes um tanto risíveis em razão das comparações. A analogia com animais já é esperada, no entanto, o acréscimo de uma qualidade produz certo efeito inesperado como o “cão que afaga” para designar a pessoa que é carinhosa, mas não inofensiva. A

fronte de formato oblongo já corresponde ao cão, representando a docilidade e

7. G. B. DELLA PORTA. Homem-cão (Ed. 1 602)

superioridade nos sentidos, atributos geralmente associados aos cães.

A imagem do cão, a partir dos elementos desse capítulo, corresponde a um *ethos* positivo, o porco, ao contrário, de fronte estreita, reúne apenas

características ruins. O outro extremo em relação ao tamanho é a fronte demasiadamente extensa (*spatiosam nimium*) que confere um engenho preguiçoso ao indivíduo; novamente, o excesso é inadequado. Em relação ao tamanho e formato, a fronte quadrada e de dimensão moderada que está em conformidade com o corpo e o rosto (*moderatae magnitudinis congruens corpori ac uultui*) é o *ethos* com mais qualidades do capítulo, condizente com a imagem proporcional no semblante: “é sinal de grande coragem, de sabedoria e de magnanimidade”.

A fronte é uma parte do corpo muito expressiva em relação às emoções, vemos que o autor designa sua aparência pensando num estado permanente, mas que poderíamos associar a um *pathos*. As imagens descritas são bem detalhadas e destacam a rugosidade que é a marca de várias expressões do homem:

São irascíveis aqueles cuja fronte se junta no meio parecendo franzida. Aqueles que têm rugas repuxadas em cima da fronte, sobretudo as localizadas na origem do nariz, são pensadores. [...] Aqueles cuja fronte é áspera, como se nela se elevassem montes e alguns buracos que parecem ter sido cavados, são espertos e avaros, se não forem insanos ou estultos. Aqueles que têm a fronte esticada são calmos.

A fronte franzida ao ponto de juntar-se, ou seja, formar uma linha de expressão como se a dividisse, representa o irascível. O enrugamento na parte entre a testa e o nariz designa a pessoa pensativa. A fronte esticada pode indicar a condição da pele, lisa e sem irregularidades que se contrapõe à áspera, ou também o entesamento da pele no indivíduo calmo. Tais imagens podem referir-se não apenas ao *ethos* que lhe é designado, mas também ser indicativos das mesmas características como expressão do *pathos*.

Plínio, em *História Natural*, XI, 50, 138, menciona a *frons*, cujo sentido estende-se à face, como um lugar em que se manifestam inúmeras características ou emoções, tais como a tristeza e a austeridade. Os supercílios – que será nosso próximo assunto – podem expressar negação e afirmação e neles residem a soberba que nascem no coração.

A superfície irregular é descrita com o adjetivo *asper* que também se refere ao solo pedregoso, acidentado, e serve bem à comparação com montes e buracos. Aqui se estabelece uma metáfora provavelmente emprestada de Polemão (B, 26) que não se observa na edição árabe da obra, mas que é também mencionada por Adamantio (B, 26), o qual sabemos ser uma fonte confiável de Polemão; dessa maneira, além de reafirmar a influência de um autor já citado, torna ridícula a imagem de uma testa cheia de imperfeições, logo, sua irregularidade reflete inúmeras qualidades negativas.

Sobrancelhas

O capítulo 18 é dedicado às sobrancelhas.

Descrição – Sobrancelhas	Características	Comparações
Retas, alongadas	delicado, fraco	*gênero feminino
Próximas	extremamente triste, pouco sábio	_____
Pelos repuxados para cima, na direção da fronte	animoso, irascível, estulto	_____
Pelos erguidos para as têmporas	sórdido	_____
Suspensas sobre os olhos	invejoso	_____
Enrugadas	mente mesquinha e estreita	_____
Numa parte, afundadas na direção dos olhos e, na outra erguidas para as têmporas	sórdido, estulto, insaciável	porco

O gênero feminino pode ser aqui relacionado entre as comparações, pois o autor atribui as sobrancelhas retas e alongadas ao ânimo delicado e fraco, geralmente atribuído a esse gênero; fica evidente que o propósito é afirmar que tal tipo de sobrancelha deve pertencer às mulheres, mas no caso de pertencer ao homem, este é igualado à mulher – o que representa um rebaixamento já que temos duas qualidades negativas. Lembremos que o ânimo feminino é descrito com *ethos* ardiloso, dócil e medroso no capítulo 4.

A imagem das últimas sobrancelhas elabora um quadro risível, com sobrancelhas bem irregulares e que parecem despenteadas; o adjetivo *immundus*, que traduzimos “sórdido”, se pensarmos mais no aspecto visual, nos lembra “sujo” e “desleixado”. Quando as sobrancelhas estão erguidas para as têmporas, representam a sordidez, parecem-nos, portanto, que a irregularidade na direção acrescenta mais qualidades negativas. Mais uma vez, o porco está ligado a qualidades pejorativas, embora o *ethos* seja distinto das

ocorrências anteriores¹⁵⁵, observa-se que até agora este animal foi associado apenas a indivíduos com qualidades viciosas.

Interessante constatar que não há uma espécie de sobancelha expressando virtudes, imaginaríamos que o tratado deveria trazer algum tipo positivo, o que não ocorre – na verdade, os tratados fisiognomônicos rompem esta expectativa com frequência.

Borda da pálpebra

O capítulo 19 é extremamente sucinto e discorre de maneira simplificada acerca da borda externa das pálpebras (*cilia*). Como regra geral, é inflada como uma veia (*inflatum tamquam uena*): se for inflada como uma veia na parte superior indica o sonolento, na inferior, o vinolento.

Vejamos a definição de Saraiva para *cilium*:

PLIN. A beira da capela do olho, da pálpebra, pestanas superiores. §

PLIN. FEST. Capela do olho, pálpebra. § MAXIMIAN. Sobrancelhas, sobrolho.

O *Oxford Dictionary* traz a definição “the upper eyelid”, ou seja, pálpebra superior. Outras edições não traduzem *cilium* como cílio, pois a tradução de Jacques André, na edição francesa, adota “le rebord des paupières”; na tradução inglesa, Ian Repath utiliza “the eyelid” que significa “pálpebra”, o que faz sentido se considerarmos a característica *inflatum*. A palavra *palpebra* aparecerá em outras passagens na descrição dos olhos, por essa razão, a escolha por “pálpebra” parece inadequada aqui; no entanto, entender *cilium* simplesmente como o pelo seria improcedente, a borda da pálpebra faz mais sentido na descrição. No capítulo 43, ao tratar especificamente dos pelos, o autor designa *palpebrarum capilli*, evidenciando tratar-se então dos cílios no sentido que o termo compreende em português.

Olhos

O autor opera, a partir do capítulo 20, uma significativa mudança na análise dos elementos corporais; vimos até agora que, em geral, dedica-se um capítulo a cada parte, contudo, ao discorrer a respeito dos olhos, a quantidade de capítulos a eles dedicados ocupa grande parte da obra e nenhum outro tópico terá tamanha extensão posteriormente – o mesmo ocorre nos tratados de Polemão e Adamantio. A análise dos olhos em *De Physiognomonica Liber* inicia-se no capítulo 20 e encerra-se no 43.

Segundo o Anônimo, no capítulo 20, a essência da fisiognomonica reside nos olhos, visto que são mais confiáveis os sinais confirmados por eles; portanto, os indícios de todo

¹⁵⁵ Capítulos 14 e 17.

o corpo devem ser justapostos aos sinais dos olhos para verificar se não há alguma contradição. Este capítulo funciona praticamente como uma segunda introdução do tratado para a extensa explicação dos olhos, evidenciando sua importância para a teoria fisiognomônica. Os olhos, instrumentos da visão, sentido que ocupa a primazia sobre os demais sentidos¹⁵⁶, ocupa também posição de destaque na fisiognomonia.

Adamantio apresenta não apenas conteúdo semelhante à obra do Anônimo como também a estrutura textual, dedicando grande parte da análise aos olhos, são 20 capítulos no primeiro livro; na introdução do segundo livro, Adamantio apresenta os mesmos princípios a respeito da análise em conjunto das partes do corpo, mas ressalta que os olhos são os sinais mais importantes e confirmarão os demais sinais. A respeito dos olhos, portanto, o Anônimo parece ter tomado Polemão como base, já que Pseudo-Aristóteles é breve nesta análise.

Em *Das leis*, I, IX, 26-27, Cícero destaca a capacidade dos olhos de transparecerem ao mesmo tempo as emoções e o caráter do homem.

[...] *tum speciem ita formauit oris, ut in ea penitus reconditos mores effingeret.* **27.** *Nam et oculi nimis argute, quem ad modum animo affecti simus, loquuntur, et is, qui appellatur uultus, qui nullo in animante esse praeter hominem potest, indicat mores, quous uim Graeci norunt, nomen omnino non habent.*¹⁵⁷

[...] [A Natureza] Também modelou o rosto de tal forma que nele se manifesta seu caráter, por mais secreto que seja. **27.** Assim, os olhos traduzem, talvez com excesso, os sentimentos que embargam nossa alma, e o caráter se manifesta no que denominamos expressão, sendo que, de todos os seres vivos, o homem é o único a possuí-lo (expressão é algo que os gregos conhecem, ainda que não tenham alguma palavra para designá-la). [Tradução: Otávio T. de Brito]¹⁵⁸

Interessante observar que Cícero aborda um postulado da fisiognomonia sem citá-la, embora reconheça o fisiognomonista Zópiro em *De Fato*.

Plínio, em XI, 54, 145-46, compara os olhos ao vaso que recebe e transmite a porção visível do ânimo:

145. [...] *neque ulla ex parte maiora animi indicia cunctis animalibus, sed homini maxime, id est moderationis, clementiae, misericordiae, odii, amoris, tristitiae, laetitiae. Contuitu quoque multiformes, truces, torui,*

¹⁵⁶ Lugar-comum na cultura greco-latina, tal como vemos Cícero afirmar no *De Oratore*, §160, que o sentido da visão é o mais agudo.

¹⁵⁷ M. Tullius Cicero. *De Legibus* (Cicéron: *Traité des Lois*, ed. G. de Plinval, 1968).

¹⁵⁸ *Das Leis*. São Paulo: Cultrix, 1967.

*flagrantes, graues, transuersi, limi, summissi, blandi: profecto in oculis animus habitat. [...] 146. animo autem uidemus, animo cernimus; oculi ceu uasa quaedam uisibilem eius partem accipiunt atque tramittunt.*¹⁵⁹

145. [...] em nenhuma outra parte [do corpo] reúne-se melhores indícios do ânimo, não apenas no que diz respeito aos animais, mas sobretudo aos homens, ou seja, indícios da moderação, da bondade, da misericórdia, do ódio, do amor, da tristeza, da alegria. [Os olhos] Também são multiformes na visão, são ameaçadores, severos, inflamados, graves, dissimulados, furtivos, suplicantes, carinhosos: sem dúvida, o ânimo habita nos olhos. [...] **146.** logo, enxergamos com o ânimo, compreendemos com o ânimo; os olhos são um tipo de vaso que recebem e transmitem sua parte visível. **[Tradução nossa]**

Observamos que a caracterização dos olhos em Plínio mostra que eles revelam o que se passa no ânimo, não há qualquer sistematização. No manual fisiognomônico, veremos que é possível produzir um quadro amplo a partir dos aspectos analisados.

Pupilas e outros elementos

No capítulo 21, as pupilas servem como base para a descrição, embora outros elementos sejam acrescentados.

Descrição – Pupilas e outros elementos	Características	Comparações
Olhos que brilham	muito suave, muito agradável	gotículas de um líquido resplandecente
Pupilas estendidas e dilatadas	vaidoso	_____
Pupilas pequenas	mau	serpente, rato, macaco, raposa
Círculos das pupilas moderados	[calmo, inofensivo, forte]	animais calmos, inofensivos e fortes
Uma pupila muito maior do que a outra	iníquo	_____
Giro uniforme da pupila	criminoso: atentados desumanos e ímpios, homicídios domésticos, alimentos ou matrimônios infandos	giro como uma roda suspensa ao eixo
Os olhos ora rodam, ora retornam, ora descansam	revolve na alma e no pensamento os atentados acima ainda não executados	[giro como uma roda suspensa ao eixo]

¹⁵⁹ PLINY. *Natural History*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1983 – Coleção Loeb Classical Library.

Há certa obscuridade junto à espécie acima ao redor das sobranceiras e suspensa sobre os próprios olhos	perseguido por um fim penoso, há presságio nos seus assuntos domésticos de alguma ira iminente da parte dos deuses	[giro como uma roda suspensa ao eixo]; pequena nuvem
---	--	--

Já no início há uma curiosa comparação: os olhos brilham como gotículas de algum líquido resplandecente – os olhos assim descritos por Polemão pertencem a boas pessoas e são atribuídos às crianças (A, 5). *Gutulla*, diminutivo de *gutta*, é colocada ao lado dos superlativos *suauissimos* e *gratissimos* dos adjetivos *suavis* e *gratus*, um jogo de palavras que contribui para destacar o *ethos* com boas qualidades. O termo para líquido aqui é *liquor*, embora no segundo capítulo *humor* apresente este mesmo significado, ambos têm dentre suas acepções a “umidade do corpo”, associando-se à teoria dos humores, que será a acepção predominante ao longo do tratado é, portanto, indicativo de umidade dos olhos.

O critério predominante neste capítulo toma como base a dimensão e o movimento das pupilas, mas as pupilas serão recorrentes na análise de vários tipos de olhos. A descrição é um pouco mais regular na sistematização seguindo o critério presente, pois vemos as pupilas pequenas, moderadas, dilatadas, de dimensões diferentes e, quanto ao movimento, parte-se do movimento regular para seu oposto.

As pupilas dilatadas e estendidas revelam a vaidade, porém, como destaca Jacques André na sua edição do *De Physiognomonía Liber*, os tratados de Polemão (A, 5) e Adamantio (A, 5) indicam a estupidez (ἡλιθιότης) em vez da vaidade. O Anônimo traz passagens muito semelhantes aos demais tratados, no entanto, encontramos algumas variações ao longo do texto, o que poderia significar certa autonomia do autor já que Foerster não indica outras possibilidades no texto latino.

A obra *Do Sublime* (provavelmente do século III d.C.), atribuído a Longino, mas cuja autoria gera incertezas, traz uma passagem que mostra a importância do olhar, centrando-se na descrição das pupilas: “**IV. 4.** [...] como convencer que as pupilas de todos sem exceção são cheias de modéstia, quando se diz que em nenhum lugar se mostra a impudência como nos olhos?¹⁶⁰ [...]”

O método zoológico ganha destaque nos tipos relacionados ao tamanho das pupilas. As pupilas pequenas associam-se a quatro animais de uma vez só (serpente, rato,

¹⁶⁰ Tradução: Filomena Hirata. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

macaco e raposa), o que não ocorre com frequência no estudo das partes individuais; é interessante verificar que os animais mencionados representam classes distintas do reino animal. Quando as pupilas possuem círculos moderados – novamente o meio-termo como *ethos* ideal – representam animais inofensivos, tranquilos e fortes, mas curiosamente as espécies não são citadas, também ausentes no tratado de Adamantio, o qual afirma ser a proporção da pupila em relação ao olho um indicativo de sanidade. Polemão insere em sua análise dos que têm grandes pupilas analogias com vaca, asno, ovelha e cabra e, embora a ideia de proporção com os olhos esteja presente, não há menção aos animais que seriam associados ao melhor tipo de pupila.

O Anônimo mistura o critério da dimensão das pupilas com a dimensão dos círculos das pupilas (*orbes pupillarum*), que poderíamos entender como sinônimo de pupila; Adamantio, no entanto, separa este último como critério específico porque menciona os círculos desiguais correspondendo à iniquidade e os iguais aos justos. O Anônimo atribui a iniquidade às pupilas de tamanho diferente.

Outra comparação, cuja função é facilitar a compreensão da imagem proposta, aparece na movimentação das pupilas que se assemelha a uma roda girando suspensa ao eixo, que ficará implícito até o fim do capítulo em outras duas variações desse movimento. Embora falem do movimento, Polemão não é a fonte dessa metáfora, pois ela não aparece em nenhum dos demais autores, inclusive Adamantio fala especificamente do movimento do círculo da pupila. Se o giro for uniforme, determina o homem criminoso, capaz de impiedosos crimes; quando não for uniforme, indica alguém que pensa em cometer tais crimes.

Os crimes são específicos, trata-se de homicídios domésticos por meio de alimentos e matrimônios infandos, cujos exemplos remetem a mitos clássicos, carregando certo caráter exemplar, Édipo e Tiestes. O mito de Tiestes, que se enquadra perfeitamente nas circunstâncias elencadas, é citado também por Adamantio, apesar de haver lacuna e gerar dúvida; já o de Édipo, mito extremamente conhecido pelo infame casamento com sua mãe, já fora mencionado por Polemão, mas não aparece em Adamantio. Tais referências servem para esclarecer o leitor acerca do teor dos crimes, já que o conhecimento prévio do mito acrescenta muitas informações à descrição do *ethos* sem que seja necessário descrevê-los.

A última espécie, ainda pertencente às pupilas que giram, apresenta certa obscuridade na região das sobrancelhas e se assemelha a uma pequena nuvem ameaçando os olhos. *Obscuritas* pode tanto representar a característica física de uma área escura nos

olhos como também, em sentido figurado, a incerteza, a dúvida, imaginamos, portanto, um *ethos* difícil de analisar. A descrição do *ethos* é realmente confusa: “estes são perseguidos por um fim penoso e pressagiam nos seus assuntos domésticos alguma ira iminente da parte dos deuses” – apesar da obscuridade também dessa descrição, é compatível com o destino dos personagens dos mitos anteriormente citados.

É preciso ressaltar que o Anônimo fala das pupilas como se as características fossem permanentes, no entanto, sabemos que as pupilas são orifícios oculares que se dilatam ou contraem para controlar a entrada de luz; durante este processo de expansão ou contração, elas são simétricas nos dois olhos, mas caso fiquem desiguais constituem um problema ocular hoje chamado anisocoria.

Observa-se que aspectos pequenos ganham grandes proporções na análise fisiognomônica e a impressão que temos é de que a análise é inverossímil em razão do excesso de detalhes, difíceis de analisar num primeiro exame. Considerando-se as discussões em torno da definição e do emprego da fisiognomonia, é possível questionar se os tratados tinham utilidade prática – tal complexidade não parece adequada para um tratado com finalidades didáticas.

Olhos imóveis

O capítulo 22 discorre acerca dos olhos imóveis.

Descrição – Olhos imóveis	Características	Comparações
Pupilas fixas, posição inteira dos olhos quase fixa	desagradável: <ul style="list-style-type: none"> • com alguma umidade – medroso • com secura – insano 	_____
Pálidos	mais amedrontado do que insano	_____
Pálidos, sobrelhas erguidas, respiração e inspiração contraídas energicamente	imprudente, cruel, maledicente, irascível	_____
Avermelhados	libidinoso, voraz	_____
Borda da pálpebra inferior voltada preferencialmente para as maçãs do rosto e bem dividida	iníquo com desejo, avaro, grosseiro, inexpressivo, voraz, impudente	_____

Muito pequenos	avaro, ardentemente desejoso, ávido por lucro	_____
Pequenos, fronte enrugada para o meio com as sobrancelhas	mais avaro, mais interessado no lucro	_____
Sinais acima com corpo curvado e contraído	irascível, amargo, barulhento	_____
Esverdeados, sem brilho	doloso, audaz, vigilante, maldoso	_____
Pequenos, úmidos, fronte relaxada, pálpebras móveis	dócil, pensador, debatedor	_____

Depois de extensa descrição das possibilidades apresentadas acerca dos olhos fixos, imóveis, o autor mostra que apenas a última é aceitável, de fato, todos os demais tipos são permeados por atributos negativos que várias vezes se repetem nessa tipologia.

Não ocorrem neste capítulo comparações que remetam a outros métodos, mas como a descrição que engloba os olhos estende-se ainda por inúmeros capítulos, tais referências aparecem bem dispersas.

O critério de imobilidade soa incomum a princípio, mas já vimos no capítulo anterior que a movimentação das pupilas é um critério importante. No capítulo seguinte, os olhos móveis serão a base da análise, e este paralelo é observado nos capítulos A, 6 e A, 7 de Polemão e retomado também por Adamantio.

No primeiro tipo de olhos imóveis temos a menção de um elemento importante nos estudos médicos: os humores que, conforme já dissemos, são fluidos corporais que atuam no corpo e seu desequilíbrio pode gerar problemas de saúde e afetar o temperamento. O tratado aborda algumas vezes a característica da umidade, retomando o parentesco com a medicina, no caso dos olhos imóveis, a umidade é indício de medo e sua ausência indica insanidade. Independente desta característica, os olhos completamente imóveis representam o indivíduo *ingratus*, que traduzimos “íngrato” mas pode ser entendido também como “desagradável”.

A coloração pálida, sem a presença de outro sinal além da imobilidade, indica o medroso; os olhos avermelhados, por sua vez, denunciam o indivíduo libidinoso e voraz. Observamos que as duas cores representam vícios que são bem distintos, além disso, a palidez costuma corresponder à covardia e o vermelho a emoções intensas, servem, portanto, para representações de *ethos* ou *pathos*.

Os elementos adotados na caracterização em conjunto com os olhos são curiosos, uma vez que o autor cita não apenas a aparência do olho, pois insere também outros elementos do rosto e, até mesmo, a respiração. Isso reforça, portanto, o princípio de que a análise fisionômica não se processa por meio da análise isolada.

Aqueles que, além da imobilidade e da palidez dos olhos, erguem as sobrancelhas e contraem a respiração energicamente e inspiram são imprudentes, cruéis, maledicentes e irascíveis. [...] Se, além desses sinais, a parte inferior do olho, isto é, a borda da pálpebra inferior, se volte preferencialmente para as maçãs do rosto e esteja bem dividida, indica a iniquidade com desejo, a avareza, o caráter grosseiro e inexpressivo, e ainda a voracidade e a impudência. [...] Se, além da pequenez e da posição fixa dos olhos, também enrugam a fronte para o meio com as sobrancelhas, é muito mais avaro e mais interessado no lucro. E se com tais sinais, além disso, também o restante do corpo seja curvado e contraído, será bastante irascível, amargo e barulhento. [...] Os olhos imóveis, pequenos e úmidos, a fronte relaxada e as pálpebras móveis indicam um homem dócil, pensador, debatedor por natureza: aprova-se somente esta espécie de olhos imóveis.

No início do excerto que citamos acima vemos as sobrancelhas erguidas que nos remetem ao capítulo 18 em que há sobrancelhas repuxadas para cima, na direção da fronte, representando o “animoso, irascível, estulto” que combina em parte com o *ethos* associado aos olhos fixos e pálidos. Há ainda a respiração enérgica, é preciso observar o movimento de contração do corpo e a inspiração, portanto, o retrato fisionômico não é estático e o repertório não se limita, muitas vezes, à descrição individual de cada parte.

Quanto aos olhos avermelhados, a borda da pálpebra inferior é uma parte que pode indicar o ânimo repleto de aspectos negativos quando está voltada, caída, se pensarmos nas acepções do verbo *uergo*, na direção das maçãs do rosto (*mala*) – a parte saliente da face, logo abaixo dos olhos¹⁶¹. É uma descrição complexa que se concentra na área dos olhos e recorre-se a elementos já analisados no livro.

Os olhos pequenos e fixos são analisados juntamente ao enrugamento da fronte, que é tema do capítulo 17, mas não encontramos correspondência exata com a descrição proposta aqui. Somando-se outros elementos do corpo, quando for curvado e contraído, teremos ainda vícios, mas de natureza distinta, pois a avareza e a cupidez serão substituídas por irascibilidade e amargura.

¹⁶¹ Cf. *Dicionário Houaiss*, op. cit.

A fronte relaxada (*relata*) nos remete à fronte esticada (*tensa*) do capítulo 17 que designa o indivíduo calmo, esta última variação de olhos imóveis, mas de pálpebras móveis, pequenos e úmidos são os únicos representantes de um *ethos* aceitável dentre os olhos imóveis, ainda que a docilidade pertença ao *ethos* feminino, as demais características reforçam o *ethos* positivo, porém, de forma distinta de outros já apresentados até agora em que a força e a coragem estavam presentes.

É necessário ainda ressaltar que não houve neste capítulo uma única palavra ou expressão para nomear a imobilidade dos olhos, pois inicialmente temos *status oculorum defixus*, expressão que omitirá o adjetivo *defixus* em sua segunda ocorrência, em seguida aparece o verbo *sto* para indicar esta mesma condição, depois *cum stabilitate*, mais adiante o particípio presente do verbo *sto*, *oculi stantes*, que aparece quatro vezes, e, por fim, *species stabilium oculorum*.

Olhos móveis

O capítulo 23 trata da situação oposta à anterior: a mobilidade dos olhos. Há nesse quesito também certa variedade.

Descrição – Olhos móveis	Características	Comparações
Movimento precipitado e veloz	desconfiado, perturbado, inconstante, vagaroso	_____
Pálpebras tão velozes quanto as pupilas	medroso, sem virtude	_____
Olhos mais velozes do que as pálpebras	audaz, calmo nos perigos	_____
Movimento vagaroso	sentidos preguiçosos e entorpecidos, dificuldade para começar e terminar as coisas	_____
Vagos, que giram errantes, mais escuros	intemperado no desejo	_____
Tremescentes, grandes, que vagueiam como citado acima, escuros	voraz, intemperado no vinho e no sexo, [apresenta] apoplexia	_____
Pequenos, tremescentes, esverdeados	sem pudor, sem confiança e sem justiça, fortalecido pelos males alheios	_____

Tremescentes, pequenos, <i>charopoi</i> (cinza-azulados) ou pretos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>charopoi</i> – insano, demente • pretos – mais irascível e menos impudente do que olhos esverdeados 	_____
Oscilantes, instáveis	propenso ao sexo e à volúpia, justo, benigno, dócil	[movimento] como na agitação da maré

É interessante notar que até agora a maior parte das espécies revelam *ethos* repleto de vícios. No que concerne aos olhos móveis não é diferente, embora haja combinação de qualidades positivas e negativas em alguns tipos.

A princípio observamos que o movimento rápido, tanto dos olhos como das pálpebras e das pupilas, denunciam perturbação no ânimo. Quando pálpebras e pupilas são velozes, temos certa redundância nas características porque são indivíduos *timidi* e *sine uirtute*; optamos, em geral, pela tradução de *uirtus* como coragem porque enquadra-se bem nas caracterizações, opondo-se à covardia, entretanto, neste caso, podemos considerar o sentido de “valor, virtude, força, energia”, ainda assim, a ideia de covardia é reforçada.

Podemos dizer que apenas os olhos que se movem mais velozmente do que as pálpebras parecem indicar um *ethos* adequado, atribuído a uma pessoa audaz e calma mesmo nas situações perigosas – trata-se de aspectos que combinam com o ânimo masculino apresentado no capítulo 4, vigoroso, impetuosos e corajoso.

A última espécie, olhos oscilantes e instáveis como a agitação da maré – única comparação do capítulo –, reúne ao mesmo tempo vícios e virtudes, pois é propenso ao sexo e à volúpia, no entanto, o autor afirma que apesar disso “não são injustos, malignos ou indóceis”, utilizando os termos referentes aos vícios para mencionar as qualidades, estratégia pouco utilizada já que o autor geralmente estabelece uma relação direta. O tratado de Adamantio traz este mesmo postulado empregando também a negação dos vícios, ainda assim, como a datação dos dois tratados é bastante imprecisa, não sabemos se a obra de Adamantio é anterior ou posterior ao *De Physiognomonia Liber* e se o Anônimo inspirou-se nele ou o contrário.

A comparação do movimento da maré ao dos olhos estabelece um símile que transmite a ideia de olhos extremamente agitados se imaginarmos o mar turbulento, ou mesmo de uma agitação cíclica, já que a maré é justamente o fenômeno constante de

elevação e diminuição das águas do mar. Portanto, nenhum outro método, além do anatômico, se faz presente neste capítulo.

O autor declara no meio da análise que o melhor caráter se manifesta pela moderação e temperamento da mobilidade: tal moderação do movimento corresponde exatamente ao princípio do caráter equilibrado, pois o excesso é tido como vicioso e portanto inadequado. Podemos supor que os olhos que são mais velozes do que as pálpebras e representam um bom *ethos* parecem enquadrar-se neste equilíbrio, visto que as pálpebras muito rápidas podem indicar uma agitação exagerada, mas os olhos rápidos representam certa agilidade e harmonizam-se com a movimentação das pálpebras.

O movimento vagaroso revela a pessoa preguiçosa e de sentidos entorpecidos, que não consegue começar e tampouco terminar suas atividades. Quando ainda giram de maneira errante correspondem à intemperança do desejo, traduzimos *libido* por “desejo”, mas ressaltamos que a acepção é de um desejo violento e desregramento; em português, a palavra “libido” carrega a acepção de “desejo sexual”, mas em latim, além de ter tal sentido, possui sentido mais amplo, por isso optamos pela tradução em “desejo”. Em algumas passagens, a palavra *libido* é colocada no âmbito do desejo sexual quando associada a outras características que formam um *ethos* correspondente.

Um conceito que chama a atenção é a ἀποπληξία, terminologia que remete ao âmbito da medicina, em sua origem quer dizer alguém que é sem sentido – tanto em relação às faculdades sensoriais como também à razão –, e nas formas adjetivas indicam a pessoa incapacitada por derrame ou acometida de paralisia¹⁶². O dicionário de Saraiva traz a seguinte definição: privação súbita do movimento e do sentimento de todo ou parte do corpo. Sabe-se que a apoplexia tem dentre seus significados na língua portuguesa “derramamento de sangue no interior de um órgão” e costumava ser empregado no sentido de “acidente vascular cerebral”. A apoplexia é característica dos olhos trêmulos, grandes, vagos e escuros – a qualificação desse tipo de indivíduo indica a intemperança, daí sua relação com a apoplexia na acepção exposta por Liddell & Scott.

Na medicina moderna, dentre os sintomas de acidente vascular cerebral estão a assimetria facial, alterações na fala, confusão mental e crises convulsivas, que figuram um quadro de falta de controle sobre as partes afetadas e também já está implícita na definição que expusemos acima do vocábulo em grego. O *corpus* hipocrático traz a definição de apoplexia em *Doenças*, II, 21: o indivíduo é acometido por súbita dor na

¹⁶² Em *GEL*, op. cit.; o vocábulo não consta no dicionário de BAILLY, op. cit., e seu equivalente em latim também não está presente no *Oxford Latin Dictionary*.

cabeça e sofre perda imediata da fala, respiração estertorante e a boca fica aberta, não consegue compreender ninguém, urina copiosamente sem perceber e se a febre não cessar, pode levar à morte em sete dias. Nos *Aforismos*, III, 1, 19-23, estão relacionadas as doenças típicas de cada estação e vemos que a apoplexia ocorre no inverno, entre outras doenças respiratórias. Praxágoras de Cós (IV a.C.), sob a influência do médico Diócles, seguidor da teoria hipocrática, definiu a causa da apoplexia: é uma condição que se origina na região ao redor da aorta, causada pela fleuma grossa e fria, uma vez que é pela aorta que o *pneuma* (ar) escapava, então havia risco de sufocar (*Anonymus Parisinus* 4 – *Anecdota Medica*)¹⁶³.

Surge, neste capítulo, referência a cores que serão recorrentes na explanação acerca dos olhos e não é tarefa simples traduzir os termos gregos correspondentes, visto que nos próprios dicionários há diferença ou definições imprecisas¹⁶⁴. Conforme explica Maxwell-Stuart na introdução do volume I de *Studies in Greek colour terminology*, não é possível estabelecer o sistema de cores do mundo grego antigo se tomamos como base o sistema moderno artificial; o mesmo teórico aponta como dificuldade para as traduções a adoção frequente dos poemas como referência, pois os textos poéticos alteram o significado de acordo com a necessidade.

Traduzimos o vocábulo latino *glaucus* por “esverdeados”, embora J. André adote *bleu clair* e I. Repath *light blue*, variação do azul, preferimos a definição presente em Saraiva de “verde, cor verde-mar, verde-claro, tirante a verde, esverdeado”, uma definição vaga já que a cor do mar é variável, dependendo do ambiente. Na verdade, a tradução de *glaucus*, mesmo em grego, γλαυκός, é bem indefinido como se observa no

¹⁶³ Para esta sequência de referências da teoria médica antiga, adotamos o livro: Longrigg, J. *Greek Medicine From the Heroic Age to the Hellenistic Age. A Source Book*. Londres: Duckworth, 1998.

¹⁶⁴ Em *História dos animais*, 491b34-492a10, discorre rapidamente acerca dos olhos, mas aborda, entre outras coisas, a coloração e também a associação com o caráter: Ὁφθαλμοῦ δὲ τὸ μὲν λευκὸν ὅμοιον ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ πᾶσιν, τὸ δὲ καλούμενον μέλαν διαφέρει· τοῖς μὲν γὰρ ἐστὶ μέλαν, τοῖς δὲ σφόδρα γλαυκόν, τοῖς δὲ χαροπόν, ἐνίοις δὲ αἰγωπόν· τοῦτο ἥθους βελτίστου σημεῖον καὶ πρὸς ὀξύτητα ὄψεως κράτιστον. Μόνον δ' ἡ μάλιστα τῶν ζώων ἄνθρωπος πολύχρους τὰ ὄμματα ἐστὶν· τῶν δ' ἄλλων ἐν εἶδος ἵπποι δὲ γίνονται γλαυκοὶ ἔνιοι. Τῶν δ' ὀφθαλμῶν οἱ μὲν μεγάλοι, οἱ δὲ μικροί, οἱ δὲ μέσοι· οἱ μέσοι βέλτιστοι. Καὶ ἡ ἐκτὸς σφόδρα ἢ ἐντὸς ἢ μέσως· τούτων οἱ ἐντὸς μάλιστα ὀξυωπέστατοι ἐπὶ παντὸς ζώου, τὸ δὲ μέσον ἥθους βελτίστου σημεῖον. Καὶ ἡ σκαρδαμυκτοὶ ἢ ἀτενεῖς ἢ μέσοι· βελτίστου δ' ἥθους οἱ μέσοι, ἐκείνων δ' ὁ μὲν ἀναιδὴς ὁ δ' ἀβέβαιος. “O branco do olho é fundamentalmente o mesmo para todos os animais, mas o que se chama o negro apresenta diferenças. Nuns é preto, noutros, azul-escuro, noutros, cinzento, em alguns, amarelado, como nas cabras. Esta última cor é sinal de muito bom carácter e a que permite a melhor acuidade visual. O homem é o único, ou aquele que, de entre os animais, mais variada tem a cor dos olhos. Os outros só têm uma variedade de cor, salvo alguns cavalos, que têm os olhos azuis. Os olhos podem ser grandes, pequenos ou médios. Os médios são os melhores. Podem ser salientes, profundos ou intermédios. Quanto mais profundos mais penetrantes, seja em que animal for. Os intermédios são sinal de bom carácter. Podem também ser pestanejantes, fixos ou de uma qualidade intermédia. Estes últimos são indício de muito bom carácter, os primeiros de insegurança e os fixos de descaramento.” [Tradução: M. de Fátima S. e Silva, op. cit., 2006]

dicionário de Bailly, em que a cor é tida como indefinida e aproximada à coloração do mar, de um verde-pálido ou verde-acinzentado. De qualquer forma, *glaucus* é designada como cor clara, nesse caso, as traduções de André e Repath mostram-se coerentes, que adotam o adjetivo “claro” junto à cor azul, χαροπός representa, portanto, um azul mais escuro em oposição ao *glaucus*. O *Greek-English Lexicon* define *glaucus* como cor de olhos azul-claro ou cinza; no *Oxford Latin Dictionary* temos algo como azul-acinzentado ou verde-acinzentado.

Consideramos χαροπός, uma das principais cores de olhos, como cinza-azulada segundo o que observamos nos dicionários, mas foi traduzida como *gris* por André e *dark blue* por Repath. No entanto, Bailly traz na definição de χαροπός uma coloração azul-acinzentada ou azul-clara. Tais variações provam ser difícil definir a coloração, na própria exposição do Anônimo observaremos que as cores apresentam matizações.

Maxwell-Stuart¹⁶⁵ defende que se convencionou traduzir χαροπός como “brilhante” ou como sinônimo de γλαυκός – esta última opção, claramente, não pode ser considerada no manual de fisiognomonia, visto aparecerem como cores distintas nas descrições dos olhos. Apesar dessas usuais definições, Maxwell afirma que χαροπός é uma cor marrom-claro ou do tom do âmbar, o que hoje consideramos “castanho”. Para ele, há vários textos em prosa que evidenciam este último significado, dentre eles estão os manuais de Pseudo-Aristóteles (809b19) e Adamantio (B, 2) ao citar a cor dos olhos do leão. Vale ressaltar que Simon Swain traduziu o pseudoaristotélico e considerou na descrição do leão a tradução “dark blue eyes” e o mesmo se pode dizer da tradução de Ian Repath para Adamantio. O tradutor Giampiera Raina prefere descrever estes olhos como castanhos (“bruni”) e *glauci* como cinza-azulados (“grigio-azzurri”) no *De Physiognomonia Liber*; contudo, na passagem correspondente do tratado pseudoaristotélico, Raina descreve χαροπός como um olho escuro brilhante. No capítulo 5 do *De Physiognomonia Liber*, acerca do corpo propriamente masculino, já temos a menção à cor dos olhos χαροπός como *subniger*, portanto, próximo da cor preta ou escura, o que suporta tanto a acepção de castanho como de cinza-azulado.

χαροπός quer dizer ainda “feroz, cruel”, segundo o *Greek-English Lexicon*, podemos supor que esta última acepção de χαροπός não é ignorada pelos autores de fisiognomonia, pois aqueles que têm esta cor tendem à insânia e demência. Apesar da afirmação de Maxwell-Stuart a respeito desta cor, cuja exemplificação é ampla,

¹⁶⁵ *Studies in Greek colour terminology*: Χαροπός, v. 2, Leiden: Brill. Cf. p. 3.

preferimos considerar a tonalidade azulada por tratar-se de sentido mais usual e que transmite bem a ideia de brilho feroz do olhar, como o do leão, sem propriamente ser idêntico aos olhos deste.

Os olhos pretos, os quais estão próximos dos χαροποί, são designados pelo adjetivo *niger* que poderia ser traduzido por “escuro”, mas como o contexto se refere a cores específicas, traduzir por “preto” soa mais lógico.

Vimos que até agora a oposição vício e virtude não é sistematizada no tratado, pois o autor não elabora um quadro entre características exatamente opostas, mas predomina, em geral, o caráter vicioso. Se extrapolarmos o âmbito do texto – cujo objetivo é ensinar os preceitos fisiognômicos – podemos pensar em outra finalidade que subjaz ao texto: orientar com relação às características que os sinais físicos representam e mostrar um modelo ideal contrário a eles; neste caso, seria possível extrair modelos de *ethos* das características apresentadas para compor personagens em gêneros diversos, inclusive no discurso demonstrativo, que pretende elogiar ou vituperar um indivíduo.

Olhos esverdeados

Os olhos esverdeados (*glauci*) constituem o tema do capítulo 24.

Descrição – Olhos esverdeados	Características	Comparações
Pupilas pequenas	servil, doloso, ávido por lucro	_____
Secos	bastante feroz	_____
Azulados, quase sempre úmidos	_____	melhores do que os olhos secos
Coloração de fel	_____	_____
Matizado por diversas cores	_____	_____
Esverdeados, esbranquiçados	medroso, extremamente fugaz	_____
Úmidos, tranquilos, grandes, bem claros	animoso	_____

O autor afirma que há inúmeras espécies de olhos esverdeados e elenca algumas, contudo, não há pormenorização de cada uma delas: “[...] uns são azul-escuros, uns de coloração de fel, uns matizados por diversas cores, outros secos” – como se observa no quadro, não são expostas as características das espécies de coloração matizada.

Em Adamantio, A, 8, a exposição dos olhos *glauci* é bem mais detalhada e elabora descrições mais completas, mesmo procedimento que o Anônimo costuma utilizar, curiosa essa brevidade aqui porque aparentemente não há lacuna neste capítulo.

Os azulados são designados por *cyaneus*, que é definido também como azul-marinho, possivelmente pela relação com *Cyane*, uma ninfa da Sicília. A respeito desta espécie sabemos apenas serem melhores do que os secos, os quais revelam excessiva ferocidade, portanto a umidade figura aqui como um elemento positivo e podemos imaginar que os úmidos constituam característica oposta, como a calma.

A umidade parece ser um indicativo de bom *ethos*, pois acompanhada de olhos com movimentação tranquila, grandes e bem claros (*perlucidi*), ou brilhantes, como preferem outros tradutores, são a melhor espécie de olhos esverdeados; o autor, porém, adverte que são indivíduos animosos – soa um tanto estranho o aviso porque *animosus* é elencado no ânimo masculino e costuma aparecer em contextos junto à força e à coragem, é, portanto, uma boa qualidade. No capítulo anterior, vimos que os olhos esverdeados, trêmulos e pequenos designam um *ethos* ruim, reforçando a preferência por aqueles que são tranquilos e grandes.

O adjetivo *fellitus* quer dizer “de fel, amargo”, segundo Saraiva, não é uma cor, mas, conhecendo-se o fel, a cor pode ser depreendida. O fel é um dos humores em que a teoria médica se baseava, a bile, cuja definição no *Dicionário Houaiss* é de uma substância amarelo-esverdeada secretada pelo fígado dos vertebrados; mas também pode ser traduzida como “bile negra”, produzindo uma imagem igualmente desagradável.

Considerando o caráter didático da obra, a falta de sequência desta passagem compromete a compreensão. Imaginamos que a descrição dos tipos ausentes virá em capítulos posteriores, é o caso dos olhos matizados (*uariati diuersis coloribus*) que será tratado no próximo capítulo, mas veremos que não esclarece tudo o que deixou pendente.

Interessante observar que a coloração esverdeada e esbranquiçada indica o indivíduo medroso e fugaz – já constatamos que a palidez da pele revela o medo e isto parece ser regra também quanto aos olhos, único no capítulo que revela covardia.

Olhos esverdeados matizados

O capítulo 25 retoma os olhos esverdeados matizados, mencionados no início do capítulo precedente.

Descrição – Olhos esverdeados matizados	Características	Comparações

Gotas nas pupilas, com partes avermelhadas ou azuladas dispostas em círculos	perturbado, insidioso, engenho aguçado, menos audaz, demente	dimensão de um milho
--	--	----------------------

Com base no comentário do capítulo anterior, esperávamos que houvesse uma tipologia mais variada de matização dos olhos esverdeados, no entanto, o autor apresenta apenas uma espécie que se concentra num traço peculiar: a observação de gotas nas pupilas. Jacques André propõe que o Anônimo ignora a preposição *περι*, presente no texto de Polemão (A, 8) e também em Adamantio (A, 8), que indica na verdade a esfera ao redor da pupila e não na pupila (*in pupillis*), ou seja, a íris¹⁶⁶ – este argumento, de fato, torna o texto mais coerente, uma vez que a íris é a região colorida do olho; a pupila, por sua vez, é um orifício dentro da íris que sofre dilatação de acordo com a luminosidade do ambiente e vale lembrar que a pupila não tem cor, por essa razão, passa a impressão de ser preta. Portanto, entendamos a pupila como uma extensão de sentido, quando na verdade seria íris, uso que se repete no fim do capítulo.

A descrição da forma das gotas, ordenadas de forma circular (*in gyrum ordinatae*), ganha destaque junto à coloração, avermelhadas e azuladas (*rubeae et cyaneae*) contribuindo para a produção de uma imagem mais detalhada do olho diante do leitor. Tal disposição circular parece corrigir a ausência da preposição indicando ser, na verdade, a íris, pois é possível visualizar essas gotas como camadas ao redor da pupila.

Temos a comparação com o milho, entendendo tratar-se de um único grão do milho, para indicar a dimensão das gotas visto que no olho representa um tamanho significativo.

O *ethos* atribuído a esta espécie de olhos é um tanto confuso: predominantemente negativo na caracterização, sabemos ser de engenho aguçado, portanto, esperto, inteligente, mas insidioso, no entanto, mais uma característica é acrescida no fim do capítulo, a demência, que parece um tanto deslocada em um indivíduo engenhoso; não há, no entanto, nada que nos esclareça tal contradição.

O autor, apesar de reiterar a diversidade da cor, insere o critério da matização como algo secundário no olho *glaucus*, tendo em vista o capítulo anterior, em que a umidade e o tamanho são importantes na análise.

Olhos de cor escura

¹⁶⁶ Cf. p. 143 da edição da *Belles Lettres*, op. cit.

A cor χαροπός nos olhos, ou seja, cinza-azulado como já explicamos, apresenta um repertório um pouco maior de matização, como o próprio autor afirmara no capítulo acima. A matização constitui a diferença entre os olhos pretos e os cinza-azulados.

O capítulo 26 é uma longa lista de possibilidades das variações, recorrendo novamente à comparação com o grão de milho para descrever a dimensão e, além da cor, outro critério retomado e que se mostra importante é a ordenação circular. Portanto, o Anônimo elenca várias cores possíveis na matização, porém, não trata do caráter correspondente – por essa razão não elaboramos um quadro da lista. O autor discorrerá apenas no capítulo 27 acerca das variedades nos olhos de coloração escura.

Descrição – Olhos de cor escura	Características	Comparações
Pretos (verdadeiros e puros)	fraco, sem coragem, ávido por lucro	_____
<i>Charopoi</i> matizados	_____	_____
De cor cambiante – parecida com preto, gotículas vermelhas (mas não bem definida e intensamente avermelhada)	nobre, justo, probo, engenhoso	_____
[De cor cambiante], gotículas intensamente vermelhas, às vezes quadradas, reluzentes, com gotículas na parte de dentro gotículas pálidas e esverdeadas	<ul style="list-style-type: none"> • círculos cor de sangue ou azulados rodeiam externamente as mesmas pupilas, olhos grandes e brilhantes, pupilas movidas pela ira, acrescido de pálpebras extensas – desumanidade • gotículas mais vermelhas e diminutas – indício maior do iracundo, injurioso, adúltero 	<ul style="list-style-type: none"> • fogo • feras

	<ul style="list-style-type: none"> • gotículas maiores e mais escuras – abrandamento dos vícios mencionados [na espécie acima] 	
Gotículas cor de sangue ou pálidas ou misturadas, pupilas pretas	maléfico, envenenador <ul style="list-style-type: none"> • gotículas pálidas – inclinados ao dolo e à maldade bem disfarçada • gotículas cor de sangue – audaz 	_____

O capítulo trata em geral, dos olhos escuros matizados, o que ocorre mesmo com os olhos pretos, que são o foco aqui, mas os *χαρποὶ* que foram mencionados antes não têm suas características aqui apresentadas – isso de certa maneira quebra a expectativa do leitor de conhecer a tipologia de cada uma das cores, contudo, como já observamos haver certa irregularidade no texto, sabemos da possibilidade de aparecer posteriormente – o que de fato ocorrerá no próximo capítulo.

Este capítulo é mais prolixo que os demais apresentados até agora, apesar de haver poucas comparações, a descrição parece confusa, portanto, a leitura fragmentada pode gerar dúvidas, mas lido na sequência é compreensível.

Apesar da extensão do capítulo, a tipologia não é variada, temos duas espécies básicas: os chamados verdadeiramente pretos – a respeito do qual pouco se comenta – e os *αἰόλοι*, que traduzimos como “de cor cambiante” justamente pela variação de cores que apresenta nas gotículas que aparecem na região da íris, em torno da pupila. A espécie de coloração cambiante, variegada, é o foco do capítulo e há três tipos principais que se subdividem.

Os olhos pretos representam um *ethos* fraco, covarde e que visa o lucro, logo, é curioso notar que a espécie de cor matizada que apresenta o melhor *ethos* é justamente a que mais se aproxima do preto, pois apresenta gotículas avermelhadas sem vivacidade na cor.

Voltamos a ter descrições bem detalhadas e que exigem o exercício imaginativo do leitor para produzir a imagem. As imagens produzidas, porém, não são reproduções

perfeitas, já que não há no texto o âmbito espacial e, muitas vezes, as descrições verbais de objetos reais são inverossímeis quando transportados para um plano real¹⁶⁷.

[...] Onde as gotículas forem intensamente vermelhas, algumas vezes não serão redondas, mas serão de aspecto quadrado que reluzam um pouco, tal como o fogo e, na parte de dentro, além dessas há outras gotículas que se misturam a elas, umas muito pálidas e outras esverdeadas, mas se há círculos cor de sangue ou azulados que rodeiam externamente as mesmas pupilas, se os olhos tiverem grande dimensão e brilho, e as pupilas certamente se movam como costumam ser movidas pela ira e, além disso, se as pálpebras forem extensas, habita nos olhos desta espécie um ânimo que excede toda a desumanidade das feras. [...]

Há um desfile de cores neste tipo e a disposição das gotículas e dos círculos é novamente levada em consideração e manifesta uma grande profusão de cores na íris. A finalidade do texto aqui pode, mais uma vez, ser questionada, já que o excesso de detalhes numa parte tão diminuta é de difícil análise, algo que não deve ser feito rapidamente, contudo, a atenção dispensada a uma parte do olho reforça o princípio da fisionomia de serem os olhos o centro de sua análise.

Neste excerto, temos as duas únicas analogias do capítulo: o fogo, remetendo à vivacidade do vermelho; e a associação com as feras, animais selvagens cuja crueldade se equipara a do *ethos* apresentado, utilizando brevemente o método zoológico. O quadro é enriquecido por sinais diversos, tais como o tamanho e o brilho dos olhos, o movimentado agitado da pupila, indicando a ira – sinal não mencionado na parte dos olhos móveis – e a extensão das pálpebras.

Na sequência da passagem, notadamente revela-se um dos piores tipos de homem, uma vez que o autor cita ser ele capaz até de cometer crimes familiares e cometer injúria contra os deuses. Assevera-se ainda que Polemão teria dito que um de seus contemporâneos possuía olhos desta espécie e era o mais criminoso dos homens (A, 8)¹⁶⁸ – o Anônimo cita frequentemente os exemplos de Polemão, provavelmente para legitimar sua obra com base numa autoridade precedente.

O autor encerra com a conclusão de que quanto mais evidente for a cor das gotículas, mais fortes serão os vícios correspondentes.

Olhos cinza-azulados

¹⁶⁷ Recomenda-se a leitura de LESSING, G. E. *Laocoonte ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

¹⁶⁸ As referências à obra de Polemão são extraídas da edição árabe, *The Leiden Polemon*, in SWAIN, S., op. cit.

A anunciada descrição dos olhos cinza-azulados matizados vem no capítulo 28.

Descrição – Olhos cinza-azulados (χαροποι)	Características	Comparações
Um círculo preto e outro vermelho, úmidos	magnânimo, sábio, justo, engenhoso, inclinado aos meninos	_____
Um círculo preto seguido de um círculo pálido	falaz, ladrão, dedicado ao dinheiro, injusto, mantém relações torpes com as mulheres	_____
Círculos muito matizados, secos	insano	arco-íris
Círculos muito matizados, úmidos	não está distante da insânia, magnificente, sábio, sincero, corajoso, mais iracundo, mais inclinado ao sexo	arco-íris

A respeito do vocábulo *χαροπός* já discurremos ao traçar paralelo com *glaucus*. A análise aqui detém-se nos círculos, que apareceram antes, mas aqui constituem o critério básico da mesma maneira que as gotículas são para os olhos escuros.

A presença de um círculo preto e outro vermelho em olhos úmidos, sem que haja algum outro sinal que represente uma irregularidade (*asperitas*) nesta espécie, revela o homem de boas qualidades, porém, de acordo com o próprio autor, não é desprovido de um único vício – a inclinação aos meninos. Jacques André traz na edição francesa *prorum*, ao passo que a inglesa adota *dementem*, uma das possibilidades enumeradas por Foerster, este, por sua vez, prefere deixar uma lacuna depois de *iuxta pueros*. A edição inglesa é a que melhor se encaixa entre as opções propostas por Foerster para preencher a lacuna se pensarmos no vício, pois *demens* carrega um sentido mais exagerado de loucura, insensatez, e, portanto, mais propício ao contexto.

Neste capítulo, o Anônimo faz uma exposição sequencial na qual um tipo se opõe ao anterior em um único aspecto. A segunda espécie, subentende-se ser úmida pelo contexto, cuja distinção com o precedente está na presença de um círculo pálido e esta única diferença denuncia o indivíduo de caráter extremamente depravado, sobretudo pelo hábito de relacionar-se de maneira torpe com as mulheres – *turpiter cum mulieribus conuenientem* – o verbo *conuenio* significa “cópula carnal” e pela descrição é um homem

promíscuo; outra possibilidade indicada por Foerster é “*cum muliere concumbentem*”, o verbo aqui é *concumbo*, que também designa cópula carnal, de acordo com Saraiva.

Há duas espécies de olhos bastante matizados, descrição ampla mas que se torna mais compreensível na comparação com o arco-íris, um tanto inverossímil pela profusão de cores. Nos dicionários de latim, não temos a acepção de íris como membrana do olho e o Anônimo adota ἴρις no sentido de arco-íris, mas este vocábulo em grego também remete à íris do olho¹⁶⁹. Esta espécie, se for seca representa a insânia, ao passo que os úmidos, embora apresentem virtudes, são também propensos à insanidade e designam aqueles mais iracundos e propensos ao sexo, em certa medida parece anular a caracterização positiva, além disso, a insanidade ao lado da sabedoria é contraditória.

Vale ressaltar que traduzimos *uenus* como “sexo”, acepção apropriada ao contexto, sobretudo pelo caráter vicioso¹⁷⁰; geralmente, a palavra *uenus* ao longo da obra apresenta a ideia de relação sexual ou apetite sexual, embora possa haver dúvida em algumas de suas ocorrências se a tradução mais apropriada seria amor, aqui, no entanto, não cabe tal dúvida.

Com base no pouco que vimos, provou-se que um mesmo elemento não é sinal inquestionável de qualidade ou defeito, já que em conjunto com outros indica às vezes características completamente distintas. Ao julgarmos o *De Physiognomonia Liber* e demais tratados da Antiguidade como repertório da teoria fisiognomônica, temos a impressão de que estes manuais falham na tentativa de expô-lo inteiramente, mas o que se reforça ao longo de nosso estudo é de que a teoria não deve ser esgotada na obra, os mecanismos adotados para a exposição do tema, por meio de exemplos, explicam o mecanismo da fisiognomonia.

O tratado de Pseudo-Aristóteles, obra que temos citado constantemente porque é uma das fontes do Anônimo, apresenta as cores dos olhos no capítulo 812b e não dedica grande parte de seu manual unicamente ao tema, ainda assim, o autor cita brevemente diversas cores. A cor preta vivaz representa a covardia – exatamente o que o Anônimo propõe – e se não for um preto tão vivo, quase castanho, é o oposto, o indivíduo corajoso. Os olhos esverdeados ou esbranquiçados também indicam covardia, um tipo que aparece junto na descrição do Anônimo e denuncia o indivíduo medroso e fugaz; de acordo com o pseudoaristotélico, branco é a tonalidade da covardia. A coloração cinza-azulada revela a coragem, incompatível com alguns olhos matizados apresentados pelo Anônimo.

¹⁶⁹ Cf. BAILLY, A., op. cit.

¹⁷⁰ Traduzimos por “amor” no capítulo 52, pois o contexto indica qualidades positivas.

Segundo afirma o Anônimo¹⁷¹, no capítulo 81, Loxo teria colocado os olhos cinza-azulados como a melhor espécie de olhos, cuja coloração está entre o preto e o esverdeado.

Posição dos olhos

O capítulo 29 é dedicado ao estudo da posição dos olhos.

Descrição – Posição dos olhos	Características	Comparações
Sem anomalia, posição [não] reta	melhor disposição de caráter	_____
Voltados para a parte superior	insano, voraz, dedicado ao sexo e ao vinho	_____
Voltados para a parte superior, revolvidos pelo tremor	vícios supracitados mais fortes, propício à epilepsia	_____
Virados para cima, pálidos	cruel, homicida	_____
Virados para cima, vermelhos, grandes	violento, dedicado ao jogo, louco com as mulheres, de língua destemperada, disposto à gritaria, insano	_____
Voltados para baixo	cruel, implacável	_____
Um olho voltado para cima, tremor, sobrancelhas erguidas, respiração mais irregular e pesada	epilético (ἐπιληπτικός)	_____

O termo empregado para “posição” dos olhos é *status*, que já aparecera no capítulo 22; esta é, pelos elementos descritivos expostos, a tradução mais adequada, adotada também por outros tradutores dos quais temos publicações: J. André, I. Repath e G. Raina. Poderíamos compreender no sentido de “imobilidade”, “repouso”, mas acerca dos olhos imóveis já vimos no capítulo 22, em que várias expressões são utilizadas para designá-los, e vimos também os olhos móveis no capítulo 23. Na verdade, *status* neste contexto encerra a ideia de movimento do olhar e pouco se refere aos demais elementos do olho, como pálpebras, cílios e regiões próximas, inseridos nas análises dos olhos imóveis e móveis.

¹⁷¹ *Et primam speciem ponit oculorum <χαροπούς>, quos inter nigros et glaucos uult uideri [...].*

No início já surge uma dúvida, aos olhos sem anomalia – entendemos que não são irregulares na aparência geral – seria coerente apresentar um olhar fixo (*rectus*), mas o [non] indicaria exatamente o contrário. Foerster mantém a palavra entre colchetes em sua edição e indica no aparato crítico tê-la excluído da edição de Valentin Rose (1864)¹⁷²: “*statum non obtinent certum*”. Acreditamos que ele adotou a palavra entre colchetes apenas como indicação, mas que não deve ser considerado na tradução, já que, como vimos, isso causa um problema de compreensão. Os demais tradutores ignoram o *non*, pois em comparação com o restante do capítulo, de fato, parece-nos que o olhar fixo, sem desvio, é o mais adequado uma vez que os demais apresentarão vícios; no entanto, os olhos fixos do capítulo 22 (*status oculorum propemodum defixus*) representam o indivíduo ingrato que pode ser covarde (com umidade) e insano (sem umidade) – a partir deste indício já mencionado, o *non* faria sentido no contexto e não deveria ser ignorado.

Os olhos que se voltam para cima têm, sobretudo, a loucura como aspecto principal, mas correspondem a outros vícios que revelam intemperança: voracidade e dedicação ao sexo e ao vinho. É curioso o exercício imaginativo que precisamos fazer para visualizar a posição dos olhos, de fato, quando produzimos o quadro de um indivíduo insano, tendemos a figurá-lo com olhar inconstante, incapaz de fixar o olho, como sinal de seu desequilíbrio.

Lembremos que o olhar “perdido” pode ser um sinal de convulsão, uma vez que as sensações são comprometidas e, geralmente, é um sinal relacionado a problemas psiquiátricos. A crise convulsiva é conhecida como ataque epilético e a espécie seguinte é também com olhos voltados para a parte superior, mas acompanhado de tremor, sintoma típico da convulsão. Os mesmos vícios da espécie anterior são atribuídos, porém, são mais fortes e podem sofrer de epilepsia.

Já comentamos a afirmação de Plínio de que os olhos são como vasos da alma, na sequência ele exemplifica com o olhar das pessoas durante a crise epilética (*morbo comitialis*) que permanecem abertos, mas sem visualizar nada de fato (XI, 54, 146-47).

Temos o mesmo termo ἐπιληψία em português¹⁷³ e sua definição confere com o significado do vocábulo grego de “obstrução” ou “ataque de doença” que está associado

¹⁷² Foerster: “non deleui Rosio auctore”. Edição citada de Valentin Rose: *Anecdota Graeca et Graecolatina*, I, Berlin, Dümmler, 1864.

¹⁷³ *Dicionário Houaiss: Rubrica: neurologia, psiquiatria*. Afecção que se manifesta por crises de perda da consciência, acompanhadas de convulsões, que surgem em intervalos irregulares de tempo.

ao âmbito da medicina. James Longrigg¹⁷⁴ esclarece porque a epilepsia se encontra na obra *Da doença sagrada* do *corpus* hipocrático – em razão de seus sintomas impressionantes, era vista de maneira supersticiosa na Antiguidade, contudo, o autor da obra hipocrática refuta qualquer superstição em torno da doença e afirma não ser de origem divina, mas hereditária e cuja origem é o cérebro. Platão também define a epilepsia em *Timeu*, 85a-b¹⁷⁵ como uma doença sagrada.

Praxágoras, 70, diz que a epilepsia ocorre numa região circular da artéria grossa (aorta) quando os humores fleumáticos se reúnem ali, formando bolhas que bloqueiam a passagem do *pneuma* a partir do coração e então o corpo convulsiona¹⁷⁶.

A espécie de olhos virados para cima ainda se divide pela coloração, de acordo com a descrição do Anônimo: os pálidos designam o homicida, os vermelhos, uma série de características destemperadas como o vício em jogos e no vinho, mas em ambos predomina a insanidade, recorrente no capítulo inteiro.

Os olhos direcionados para baixo, contrariando a expectativa de se mostrar um *ethos* oposto, demonstra a crueldade.

Há ainda outro tipo de olhos em que o autor informa um deles estar virado para cima, há portanto, uma irregularidade entre a posição dos dois olhos, já que o outro está virado para baixo, outros sinais ainda são acrescentados: tremor, sobrancelhas erguidas e uma respiração pesada. A análise ultrapassa o olhar, critério predominante no capítulo, e projeta uma imagem mais ampla que pode também ser associada a mais um elemento médico em razão da observação da respiração – este quadro é atribuído ao indivíduo epilético.

Portanto, voltando à dúvida do princípio do capítulo, a hipótese de exclusão do *non* é aceitável, tendo como única espécie adequada de posição dos olhos a fixidez.

Posição dos olhos tortos

No capítulo 30, temos a sequência da posição dos olhos tortos.

¹⁷⁴ LONGRIGG, J., op. cit., cf. p. 20-23. O autor cita algumas referências *Da doença sagrada* relativas à epilepsia, tal como 2-3 (VI, 364, 9; 366,5-6L).

¹⁷⁵ “A fleuma branca é dolorosa quando o ar das bolhas fica retido, mas se for exalada para fora do corpo, torna-se mais suave, embora peje o corpo com erupções brancas e crie distúrbios congêneres. Mas quando está misturada com bilis negra e é difundida até às órbitas na cabeça, que são as mais divinas, põe-as em desordem; quando acontece durante o sono, é mais suave, mas, se se instala enquanto se está acordado, torna-se mais difícil de nos vermos livres dela. Enquanto distúrbio da parte divina, é com toda a justiça que se lhe chama “sagrada”.” [Tradução: Rodolfo Lopes. In: *Timeu-Crítias*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.]

¹⁷⁶ *Anonymous Parisinus 3* – Adotamos, novamente, Longrigg (op. cit.) para consultar as definições de epilepsia.

Descrição – Posição dos olhos tortos	Características	Comparações
Voltam-se para a direita	dedicado à estultícia	_____
Voltam-se para a esquerda	dedicado ao desejo	_____
Encontram-se e aproximam-se entre si perto do nariz	sinal de apetite sexual	_____
[Encontram-se e aproximam-se entre si perto do nariz] Mais úmidos, pálpebras se unem na maior parte do tempo	dependentes de sexo e do amor	_____
[Encontram-se e aproximam-se entre si perto do nariz] Mais secos, abertos	impudente, iníquo	_____
Trementes	ousará cometer qualquer ato iníquo e ímprobo	_____

Os olhos tortos dão sequência à passagem que descreve o olhar, mas retoma alguns elementos dos capítulos 22 e 23. A distância, ainda que breve, entre capítulos cujos critérios de análise são próximos interrompe uma temática e dificulta, em certa medida, a compreensão das lições propostas visto que os aspectos analisados nesse intervalo são distintos. O leitor pode ter a impressão de já ter visto a análise do tema e encarar como uma repetição, enfraquecendo a proposta didática do tratado.

A descrição das duas primeiras espécies é simples, diferenciando apenas o lado para o qual os olhos estão voltados.

Os olhos que se encontram e aproximam na altura do nariz é uma descrição redundante e tal caracterização exige de novo o exercício mental do leitor, apesar de ser uma imagem simples, precisamos “visualizar” os olhos encontrando-se na direção do nariz, nos parece a caracterização do olhar vesgo. Na verdade, os olhos tortos são típicos de pessoa com estrabismo¹⁷⁷ e englobam não apenas este olho descrito, bem como outros inclusive do capítulo anterior, pois consiste no desvio de um dos olhos da posição correta.

¹⁷⁷ “Estrabismo, ou vesgueira, é uma anomalia dos olhos em que eles perdem o paralelismo entre si. Enquanto um dos olhos olha em frente, o outro está desviado. Existem diversos tipos de estrabismo; o olho afetado pode estar desviado em direção ao nariz (*estrabismo convergente*), para o lado (*estrabismo divergente*), para cima ou para baixo (*estrabismo vertical*). Pode haver uma combinação de desvio horizontal e vertical num mesmo paciente, como, por exemplo, em direção ao nariz e para cima.” Fonte: <http://www.estrabismo.med.br/info.html>. Data de acesso: 10/ 6/2014.

8. Olhos estrábicos¹⁷⁸

Esta espécie em que o olhar se encontra na altura do nariz, sem outro aspecto correlacionado, é sinal de apetite ou desejo sexual (*uenerium signum*). No geral, as espécies de olhos cuja posição é, como diz o autor, torta, designam apenas o comportamento vicioso, principalmente no que se refere à lascividade.

No caso dos olhos úmidos e de pálpebras que se unem com frequência, ou seja, fecham constantemente, temos o indício do indivíduo dependente do sexo e do amor, “*ueneri et amori*”. O emprego de *uenus* é claramente o do desejo sexual, como vimos, a aceção de *uenus* no tratado aponta geralmente este sentido, reforçado pela presença de *amor* a seguir. Segundo o contexto, portanto, *amor* representa não uma simples afeição, mas uma paixão, um sentimento intenso e que condiz com passagem semelhante em Adamantio A, 10¹⁷⁹.

Os olhos da mesma espécie, mas secos e abertos, contrapondo-se ao tipo anterior cujas pálpebras se fecham frequentemente, indicam impudência e iniquidade. Notamos, no que diz respeito à posição, que o olhar torto não produz, sob nenhuma circunstância, *ethos* decoroso. Mesmo os olhos trementes, cuja descrição é mais detalhada no capítulo 23, também indica o *ethos* iníquo e ímprobo, condizentes com as características elencadas aqui e na passagem do capítulo 23.

Olhos côncavos

No capítulo 31, nos são apresentados os olhos côncavos, ou seja, afundados no rosto.

Descrição – Olhos côncavos	Características	Comparações
Excessivamente côncavos	sinais piores	_____

¹⁷⁸ Fonte: <http://www.cemahospital.com.br/estrabismo>.

¹⁷⁹ [...] χάρισι καὶ ἀφροδίτῃ καὶ ἐρωσὶν εἰσι φίλοί: [...] Sugerimos a tradução em inglês de Ian Repath para o tratado de Adamantio. In: SWAIN, S., op. cit.

Movem-se um pouco, grandes, sem nenhum sinal funesto	não devem ser rejeitados	movimento da água no recipiente cheio até a metade
Maiores, úmidos	anulam e transformam o vício desta espécie [maldade]	_____
Pequenos	astucioso, invejoso	_____
Pequenos, secos	infiel, traidor, sacrílego	_____
Rígidos	insano	_____
Lacremejantes	doloso, maldoso	_____
Lacremejantes na escuridão	estulto	_____
Excessivamente côncavos, dimensão média, <i>charopoi</i> , secos, rígidos, sobranceiras largas como se estivessem pendentes sobre as pálpebras, palidez e lividez ao redor dos olhos	impudente, maligno, inimigo dos poderosos, forjador de processos e demandas, sempre inquieto, nunca pensando algo que não seja do mal	_____

A principal característica ética dos olhos côncavos é a maldade, informação mencionada como uma regra geral, logo, antecipamos a ideia de que todas as suas variedades representarão vícios. A primeira descrição é a de olhos excessivamente côncavos, temos visto reiteradamente que o excesso não costuma representar bom *ethos* e neste caso considera-se como uma aparência muito ruim, pois são sinais piores em relação ao que já foi exposto a respeito dos olhos.

A imagem da água movimentando-se em um recipiente preenchido até a metade produz um quadro que proporciona ao leitor, gradativamente, a elaboração de uma imagem mental do fluxo da água no espaço restante do recipiente, provavelmente sem muita intensidade, pois mesmo que o objeto seja de dimensão indefinida, não se compara à agitação da maré, analogia dos olhos oscilantes (capítulo 23). Deste tipo o Anônimo diz que, se não houver algum sinal funesto, são olhos que não devem ser rejeitados (*non sunt recusandi*), uma caracterização vaga que nos leva a crer, provavelmente, ser o único tipo aceitável dentre os côncavos, mas não fica claro.

Esta imagem é descrita também no tratado de Adamantio, A, 12, e tais olhos não são tidos como ruins, a menos que outro sinal denuncie alguma característica. A leitura do fragmento de Polemão, A, 12, em que se observa exatamente a mesma metáfora, reforça a citação que o Anônimo fez no começo da obra de ter se baseado nos principais

tratados do assunto; de fato, a retomada de proposições de Polemão até agora são frequentes. Polemão permite compreender melhor inclusive a referência a outro sinal sobrepondo-se a tal aspecto: ele declara haver certa distância dos olhos em relação ao restante do rosto e parecem, naturalmente, moverem-se um pouco, contudo, ele não atribui ao indivíduo maldade, a menos que haja nele ou em outras partes do corpo sinais que provem o contrário. Em *Physiognomonica*, 811b, o olho côncavo (κοίλους) corresponde à perversidade dos macacos.

São aceitáveis também os olhos côncavos que sejam grandes, maiores em relação aos demais, e úmidos, uma vez que tais sinais corrigem a maldade, o vício típico da espécie.

Um novo atributo é mencionado aos olhos neste capítulo, a rigidez: *cum rigidi sunt*. Não há explanação acerca deste traço, mas é provável que se refira à mobilidade dos olhos, neste caso seriam fixos, o curioso é que este aspecto já foi amplamente tratado no capítulo 22; poderíamos pensar em *rigidus* no sentido de “rigoroso, severo, austero”, cruel, atroz”, associado então à forma de olhar, mas destoaria do padrão de descrição do capítulo que lista aspectos físicos. O cotejo com a obra de Adamantio para refletir a respeito desta rigidez não é possível porque há muitas lacunas e o texto do Anônimo é mais completo e, quanto à obra de Polemão, não encontramos correspondente a este traço de rigidez, mas há semelhança nas demais descrições.

Os editores que temos consultado para cotejo chamam a atenção para o emprego de *obscuritas* no *De Physiognomonica Liber* na descrição dos olhos lacrimejantes (*diffluentes*), distinto da descrição em Polemão e Adamantio. A obscuridade denuncia além da maldade, a estultícia, no entanto, Repath considera mais lógico empregar algo que signifique umidade para contrapor-se à próxima espécie que será seca, pois Adamantio adota ἄμα ὑγρότητι que quer dizer “com umidade” e levanta a possibilidade do Anônimo ter lido uma versão da obra de Polemão, a edição de Matritensis, em que aparece ἄμαυρότητι (escuridão). É uma explicação coerente, mas a umidade já está presente na característica “lacrimejante”, ainda assim, *obscuritas* gera dúvida quanto ao sentido, se os olhos ou sua concavidade são escuros ou se é uma maneira de representar a aparência dos olhos côncavos, sob a acepção de “oculto, escondido” para figurar a reentrância desta espécie.

A última descrição contrasta com as demais porque é mais detalhada, incluindo cor, sobrancelhas e outros aspectos já mencionados em outras passagens; a caracterização do *ethos* é também mais elaborada e retrata o indivíduo apreciador de causas judiciais:

[...] Os olhos excessivamente côncavos de dimensão média, *charopoi*, secos, rígidos e se, além disso, tiverem sobrancelhas largas como se estivessem pendentes sobre as pálpebras e há palidez e lividez ao redor dos olhos, mostram o impudente, maligno, inimigo dos poderosos, forjador de processos e demandas, sempre inquieto e nunca pensando algo que não seja do mal. O autor Polemão também divulgou em seu livro um exemplo a respeito de um homem deste tipo, da sua época.

Traduzimos *gena* por “pálpebras” apenas neste excerto, embora *palpebra* já tenha aparecido no tratado, esta tradução é preferível a “faces” – que adotaremos para *gena* em outros capítulos¹⁸⁰ – em razão da localização das sobrancelhas próximas às pálpebras, embora os demais tradutores prefiram considerar faces. A coloração ao redor dos olhos apresenta ao mesmo tempo *pallor*, palidez, e *liuor*, lividez, cuja acepção em latim é “cor de chumbo, azeitonado, denegrida”, provocando certa confusão ao elaborarmos a imagem com a presença de palidez e lividez ao mesmo tempo, no entanto, se recorrermos a Polemão, ele explica que o tom esverdeado lembra a mancha de um machucado. Esta descrição é mais pormenorizada em relação aos demais neste capítulo, porém, no texto de Polemão, temos uma imensa descrição do indivíduo mencionado pelo autor, alguém de Corínto, de tal forma que a descrição do Anônimo aparenta ser um resumo do capítulo de Polemão (A, 12)¹⁸¹. Com mais este exemplo de Polemão, sua presença como autoridade destaca-se em relação aos demais autores citados que lhe serviram de base.

Olhos altos e eminentes

A seguir, no capítulo 32, descrevem-se os olhos altos e eminentes, são então salientes, critério oposto ao que acabamos de estudar.

Descrição – Olhos altos e eminentes	Características	Comparações
Altos e eminentes	sinais piores	_____
Levanta-se gradativamente um inchaço ao redor dos olhos	insano	_____
Circunferência do olho côncava	astucioso, insidioso	fossa
Proeminentes, cor de sangue	ébrio	_____
[Proeminentes], Esverdeados	injusto, estúpido	_____

¹⁸⁰ Capítulos com significado de “faces”: 40, 45, 49, 50, 83, 93, 105, 118, 121, 129.

¹⁸¹ É um recurso típico do Anônimo, citando Polemão como autoridade, mas apresenta um estilo distinto, pois é, em geral, mais sucinto que o outro.

[Proeminentes], Cobertos e sobrecarregados pelos cílios superiores	mais que estúpido	_____
Proeminentes, secos	[<i>lacuna</i>]	_____
Grandes, brilhantes, bem claros, úmidos	justo, dócil, cauteloso, amoroso	Sócrates
Excessivamente proeminentes, vermelhos, pequenos	não está em seu juízo, de língua desenfreada, sem firmeza no corpo	_____

Os olhos altos e eminentes – *alti atque elati* – constituem olhos opostos aos côncavos, a impressão que nos passam estes adjetivos é de que os olhos são esbugalhados, saltando para fora do rosto.

Segundo Jacques André, a terminologia desta espécie em Adamantio corresponde a um único termo grego: ἐξέχοντες – de fato, este é o termo observado em Adamantio, A, 13, particípio presente do verbo ἐξέχω, projetar-se para fora, ser proeminente¹⁸². O adjetivo *elatus* já nos transmite esta mesma ideia de olhos saltados, mas *altus* teria a função de reforçar ainda mais a descrição, produzindo certa redundância. Mais adiante, o Anônimo emprega o particípio de *promineo*, *prominens*, sucessivas vezes para designar esta espécie, optamos, portanto, pela tradução de *elatus* como “eminente”, sinônimo de “proeminente” que adotamos para *prominens*.

Assim como os côncavos, também se atribui aos olhos eminentes a condição de sinal típico das pessoas de características vis, logo, mais uma vez, o leitor já sabe que não haverá muitos tipos que representem boas qualidades. Em Adamantio, a proeminência é sinal de indivíduo falso, traçoeiro, já o pseudoaristotélico atribui este aspecto dos olhos à estupidez do asno (811b).

Além da proeminência dos olhos, a região em torno destes é descrita com base em outros critérios: a insânia é percebida pelo inchaço, portanto, toda a área dos olhos é saliente; a cor vermelha já aparecera no capítulo 29 como indicativo de pessoa vinolenta e aqui refere-se ao ébrio, confirmando uma caracterização comum às pessoas embriagadas.

Não há comparações que remetam a outros métodos, mas apenas uma analogia com a fossa para novamente ressaltar a altura dos olhos em relação à sua circunferência,

¹⁸² BAILLY, A., op. cit.

que neste caso é côncava; temos, dessa maneira, noção da distância do olho para sua cavidade no rosto.

Os olhos secos apresentam uma lacuna no *ethos* correspondente, mas como o único *ethos* bom desta espécie apresenta umidade, podemos supor que o caráter não seja bom em olhos proeminentes e secos. Foerster insere aqui a sequência presente em Adamantio, A, 13: πατροφόνται καὶ μητροφόνται παιδοκτόνοι τε καὶ φαρμακεῖς (são os parricidas, matricidas, assassinos de crianças e envenenadores)¹⁸³.

Todos são considerados modelos de homens viciosos, apenas um é considerado bom, o qual é atribuído ao filósofo Sócrates, designado aqui como o mais sábio por Apolo – esta passagem claramente foi extraída de Polemão, já que Adamantio apenas cita o exemplo e o pseudoaristotélico nem mesmo o menciona; Polemão cita, inclusive, a fala da divindade (A, 13, 14a). Polemão, assim como o Anônimo, o descreve com *ethos* amoroso, que pode também ser tido como um vício, no sentido da devassidão; Foerster arrola a possibilidade de ser *ammonitorem*, que é aquele que adverte, ensina, aconselha. A descrição como *amator* não é incoerente se lembrarmos o retrato de Sócrates atribuído a Zópiro, cheio de vícios, relatado por Cícero.

O último exemplo não estabelece comparações, no entanto, ao pesquisar o exemplo em Polemão, encontramos a declaração a respeito de um homem que ele conheceu, cujos olhos eram pequenos, vermelhos e arregalados como os de um caranguejo; este homem seria de uma região chamada Lídia e, segundo sua descrição, ele não tinha discernimento ou inteligência e não poderia ver nada que já desejava para si mesmo, era mau, de língua afiada, e a vermelhidão dos olhos não se assemelhava com os de mais ninguém. Embora o Anônimo apresente descrição muito resumida, percebe-se ser este o pior tipo de olhos proeminentes.

Olhos παλλόμενοι

O capítulo 33 traz um tipo definido segundo o termo grego παλλόμενοι que engloba os aspectos “trememente, irrequieto e saliente”.

Descrição – Olhos παλλόμενοι	Características	Comparações
Pequenos	doloso, artificioso	_____
Grandes	estulto, louco	_____
Dimensão moderada, úmidos, bem claros	magnífico, pensador, realizador de coisas grandes,	Alexandre, o Grande

¹⁸³Tomamos como base para tradução indireta do grego a versão inglesa de Ian Repath.

	iracundo, dedicado ao vinho, jactante e desejoso de glória	
Inchados no contorno	cruel, sem piedade, dedicado à gula, ao sexo e a outros prazeres	_____
Rodeados por lividez	audaz, infiel, injusto	_____

O particípio do verbo *mico*, *micans*, que aparece na designação, significa “brilhante, luzente, rutilante”, mas voltando às acepções do verbo temos: “agitar-se, mexer-se, bulir, saltar, pular, tremer, palpitar”. Traduzimos, portanto, por “irrequieto”, já que é esta a ideia encerrada pelo equivalente grego.

Já vimos os olhos trementes e agitados nas espécies dos móveis e também os salientes no capítulo precedente, os dois traços são reunidos aqui em um único tipo. Ambos são indicadores de *ethos* indecorosos e destemperados em sua maioria.

No que concerne ao tamanho, tanto pequenos como grandes são ruins, apenas os olhos de dimensão moderada são bons sinais e representam o único *ethos* bom desta espécie, no entanto, é dotado também de vícios:

[...] Mas quando os olhos têm dimensão moderada, são úmidos e bem claros, indicam um homem magnífico, pensador e realizador de coisas grandes; mas, sem dúvida, a quem couber os sinais desta espécie de olhos, mostram o iracundo, dedicado ao vinho, jactante e desejoso de uma glória além do que convém ao ser humano. Deves saber que tais olhos, acredita-se, foram os de Alexandre, o Grande.

O adjetivo *perlucidus* indica também transparência e brilho, preferimos adotar a expressão “bem claro” que parece traduzir tanto a coloração dos olhos como alguma rutilância, aspecto que transparece certa umidade. É o único aqui a trazer um exemplo, trata-se de Alexandre, o Grande, cujo *ethos* realmente apresenta compatibilidade se considerarmos as características geralmente atribuídas a esta conhecida figura histórica.

Plutarco assim o descreve em sua obra sobre Alexandre:

IV. Τὴν μὲν οὖν ιδέαν τοῦ σώματος οἱ Λυσίππειοι μάλιστα τῶν ἀνδριάντων ἐμφαίνουσιν, ὅφ' οὗ μόνου καὶ αὐτὸς ἤξιον πλάττεσθαι. καὶ γὰρ <ὁ> μάλιστα πολλοὶ τῶν διαδόχων ὕστερον καὶ τῶν φίλων ἀπεμιμοῦντο, τὴν τ' ἀνάτασιν τοῦ ἀγένορος εἰς εὐώνυμον ἡσυχῇ κεκλιμένου καὶ τὴν ὑγρότητα τῶν ὀμμάτων, διατετήρηκεν ἀκριβῶς ὁ τεχνίτης. Ἀπελλῆς δὲ γράφων <αὐ>τὸν κεραυνοφόρον, οὐκ ἐμιμήσατο τὴν χροάν, ἀλλὰ φαιότερον καὶ πεπινωμένον ἐποίησεν. ἦν δὲ λευκός, ὥς φασιν· ἡ δὲ λευκότης ἐπεφοίνισεν αὐτοῦ περὶ τὸ στήθος μάλιστα καὶ τὸ πρόσωπον. ὅτι δὲ τοῦ χρωτὸς ἥδιστον ἀπέπνει καὶ τὸ στόμα κατεῖχεν εὐωδία καὶ τὴν σάρκα πᾶσαν, ὥστε πληροῦσθαι τοὺς

χιτωνίσκους, ἀνέγνωμεν ἐν ὑπομνήμασιν Ἀριστοξενείοις (fg. 132 W.). αἰτία δ' ἴσως ἡ τοῦ σώματος κρᾶσις, πολύθερμος οὖσα καὶ πυρώδης· ἡ γὰρ εὐωδία γίνεται πέψει τῶν ὑγρῶν ὑπὸ θερμότητος, ὡς οἶεται Θεόφραστος (fg. 4, 6 W.). ὅθεν οἱ ξηροὶ καὶ διάπυροι τόποι τῆς οἰκουμένης τὰ πλεῖστα καὶ κάλλιστα τῶν ἀρωμάτων φέρουσιν· ἐξαιρεῖ γὰρ ὁ ἥλιος τὸ ὑγρόν, ὥσπερ ὕλην σηπεδόνος ἐπιπολάζον τοῖς σώμασιν. Ἀλέξανδρον δ' ἡ θερμότης τοῦ σώματος ὡς ἔοικε καὶ ποτικὸν καὶ θυμοειδῆ παρεῖχεν.

IV. As estátuas que melhor representam a forma corporal de Alexandre são as de Lisipo, o único escultor ao qual ele teria permitido a reprodução de sua imagem. Com efeito, este artista exprimiu perfeitamente aquele garbo que, depois, diversos sucessores e amigos de Alexandre procuraram imitar com afetação, com a atitude do pescoço, que ele inclinava um pouco sobre o ombro esquerdo, e a vivacidade dos olhos. Apeles, que o pintou representando Júpiter tonante, não soube reproduzir-lhe a cor da pele: fê-la mais morena e mais escura do que na realidade o era, pois Alexandre – dizem – tinha a pele branca, duma alvura que ressaltava por um leve rosado, especialmente no rosto e no peito. Li, nas *Memórias* de Aristoxeno, que sua pele era perfumada, exalando-se-lhe da boca e de todo o corpo um odor agradável, que lhe perfumava a roupa. Talvez isso se devesse ao calor de seu temperamento, que era ardentíssimo; pois o bom odor é – como diz Teofrasto – o produto da cocção dos humores, mediante o calor natural. Aliás, os países mais secos e mais quentes da terra são os que produzem, em maior abundância os aromas melhores, de vez que o sol atrai, como substância corruptível, toda umidade que flutua na superfície dos corpos. Provinham, decerto, desse calor natural a coragem de Alexandre e o seu gosto pelo vinho. [Tradução: Hélio Vega. Grifo nosso]¹⁸⁴

9. Alexandre, o Grande.

© Trustees of the British Museum

¹⁸⁴ PLUTARCHO. *As vidas dos homens ilustres. Alexandre e Cesar*. São Paulo: Athena. Biblioteca Clássica, v. IV, 1939.

Destaca-se aqui a relação entre discurso verbal e visual ao mencionar as estátuas como retrato escultórico de Alexandre em que se destaca a vivacidade dos olhos, o gesto do pescoço inclinado e a cor alva, embora representado com cor equivocada. O retrato vai além do âmbito visual ao tentar transmitir o odor agradável, empregando o método etnológico da fisiognomonia, pois as regiões mais secas e quentes afetam os humores e produzem o temperamento ardente como o de Alexandre.

Em ambas as descrições, Alexandre é mostrado como indivíduo dotado de virtudes e vícios, pois é um homem grandioso, mas vinolento e, como diz o Anônimo, é jactante e reclama mais glória do que é decoroso a um homem. É interessante observar que Adamantio, A, 14, na mesma descrição, elenca ainda a epilepsia como característico destes indivíduos, já mencionado no capítulo 29 para olhos cuja posição é inconstante.

Observando a imagem acima do retrato de mármore de Alexandre, notamos que o pescoço está levemente inclinado, como indica Plutarco (embora no sentido contrário), aspecto que não cabe na análise dos olhos e não é mencionado aqui; contudo, no capítulo 76, a respeito dos movimentos do corpo, a suave inclinação do pescoço é própria do homem forte e magnânimo, tal qual o leão.

Repetem-se neste capítulo dois aspectos que apareceram uma vez em capítulos anteriores, o inchaço e a lividez ao redor dos olhos e, novamente, fazem parte da imagem que é sinal de disposições éticas ruins.

Olhos escuros

O capítulo 34 tem como objeto de discussão os olhos escuros, o critério, no entanto, não se refere exatamente à cor e suas matizações, conforme já foi analisado no capítulo 27, mas remete a um aspecto subjetivo. Observa-se que o Anônimo intercala critérios físicos e subjetivos na análise dos olhos.

Descrição – Olhos escuros	Características	Comparações
Escurecidos, principalmente se forem secos, grandes ou pequenos	nocivo <ul style="list-style-type: none"> • pequenos – mais perverso 	_____
Côncavos, de dimensão moderada, quietos	ansioso, dócil, desejoso de aprender, maduro, medroso, sóbrio, menos frugal	_____
Carregados de escuridão	impregnado de ardis ruins, infiel, intemperado	_____

O termo *tenebrosus* é adotado para designar o olho escuro cuja acepção em português é também “tenebroso, escuro, sombrio”, de acordo com os dicionários de Saraiva e Faria; a palavra traduz a um só tempo o aspecto físico e a expressão de uma disposição anímica sombria.

A diversidade aqui é reduzida e, com isso, fica mais nítida a irregularidade do texto da qual temos falado reiteradamente, uma vez que não temos características contrapostas, tal como seria o caso dos olhos secos, pois esperaríamos também a informação dos úmidos numa obra didática – oposição que, em geral, tem aparecido até agora, mas o autor nem sempre descreve tipos opostos, como se verá.

Dentre os três tipos, o único a apresentar algumas características positivas são aqueles moderados e tranquilos, imaginamos a posição fixa, sem agitação; ainda assim, não está livre da presença de um vício que é o medo. Foerster adota alguns vocábulos distintos em sua edição: é o caso de *uisendi cupidum* em vez de *discendi*, de qualquer forma, não altera significativamente a qualificação, já que pode ser entendido como curioso; há ainda *cautum* no lugar de *maturum*, cujo significado se mantém. Contudo, a diferença é significativa quando Foerster emprega o advérbio *nimis* em vez de *minus*, com ideia oposta, mas que faz sentido no contexto em que se declara ser um indivíduo bastante econômico, pois fica um tanto contraditório ser também uma pessoa menos frugal.

O Anônimo afirma que a melhor espécie de olhos será exatamente oposta aos olhos escuros, portanto, iluminados (*luminis pleni*) e claros (*perlucidi*), mas com a ressalva de que não haja outro indício que possa contradizer sua qualidade. A luminosidade dos olhos será tema do próximo capítulo, mas o autor já antecipa o exemplo. Segundo o autor, Polemão teria dito que o imperador Adriano tinha tais olhos, caracterizando-os assim: cinza-azulados, úmidos, penetrantes, grandes, cheios de luz. Em Polemão, A, 16, Adriano (I-II d.C) é exemplo de bom tipo de olhos luminosos, vale lembrar que este imperador, sucessor de Trajano, desfrutou de boa reputação.

10. Adriano (aproximadamente 130 d.C.)

Museu Arqueológico Nacional de Nápoles

Copyright ©2011 IAC - USP - Fotos de Paulo Martins

Olhos rutilantes

Tendo citado os olhos luminosos, o autor discorrerá acerca dos olhos rutilantes (*corusci*) no capítulo 35, ao contrário do que suporíamos em razão do exemplo acima mencionado, eles não são bons sinais.

Descrição – Olhos rutilantes	Características	Comparações
Esverdeados e cor de sangue	temerário, insano	_____
<i>Charopoi</i>	desconfiado de tudo	_____
Pretos	o mais hediondo: medroso, astucioso	_____
Misturam-se ao riso	impudente, malicioso	_____

Traduzimos como rutilantes o termo *corisci*, que pode significar também “agitado, trêmulo”; nossa opção remete à acepção “brilhante, luzente” por suceder a passagem dos olhos escuros e apresentar conexão com o exemplo dado.

Os olhos esverdeados e de coloração avermelhada representam homens temerários e insanos; em geral, a coloração vermelha é indício negativo e o emprego de *sanguinolentus* marca ainda mais a insanidade. Os olhos cinza-azulados e pretos representam também características negativas, indicativo de que a luminosidade em geral é inadequada.

O último critério é inusitado porque fala dos olhos rutilantes que riem, é preciso analisar o conjunto do rosto para reconhecer este riso, mas os indícios fornecidos pelo Anônimo são insuficientes para esta análise, rompendo com a tendência de detalhar com mais precisão pelo menos uma categoria em cada capítulo. O autor ainda afirma nesta

parte que o riso seria marca de impudência e malícia excessiva, combinando com o excesso dos outros tipos, mas também é possível pensar como a marca mais representativa destes vícios. Embora não haja aqui exemplo, podemos recorrer ao tratado de Polemão, como o próprio Anônimo tem feito, para tentarmos compreender esta característica que terá um capítulo mais adiante; de fato, Polemão o descreve e elenca diversos sinais do corpo que devem ser reconhecidos em um indivíduo como este, ele menciona um homem da Fenícia que tinha sobrancelhas onduladas, uma testa grande, olhos proeminentes, mandíbula delicada e proeminente, boca expansível (como a serpente marinha), estava sempre pronto para rir, quanto ao corpo, era alto e magro (A, 16, 15b).

Olhos que observam de forma intensa

No capítulo 36, veremos mais um aspecto subjetivo: o olhar intenso.

Descrição – Olhos que observam de forma intensa	Características	Comparações
Observam de forma intensa	funestos	_____
Úmidos	combatente, diz a verdade, veloz nas ações, improvidente, inócuo	_____
Côncavos, pequenos, secos, área mais suave	atroz, insidioso, dissimuladamente nocivo, ousando e executando tudo	_____
Fronte franzida, pálpebras erguidas, sobrancelhas desiguais	forte, audaz, animoso, imprudente, menos nocivo	_____
Fronte, sobrancelhas e pálpebras tranquilas e suaves; olhar intrinsecamente amargo, ameaçador e áspero	cruel, desumano, atroz, doloso	_____

A expressão “*Oculi acriter intuentes*” traduzimos como “olhos que observam de forma intensa”, já que o verbo *intueor* acompanhado do advérbio *acriter* significa “olhar fixamente”, segundo Saraiva; o próprio verbo já retrata a intensidade do olhar, pois quer dizer “olhar atentamente, contemplar”. Foerster insere o adjetivo grego γοργός, correspondente a expressão que define os olhos e, como se observa em Bailly, seu emprego pode ser tomado adverbialmente acompanhado do verbo βλέπειν, “ver”. Sozinho, o adjetivo γοργός significa “veemente, impetuoso, ardente, terrível” e, de acordo com o *Greek-English Lexicon*, “cruel, feroz, corajoso”.

Em Adamantio, A, 16, encontramos a expressão γοργόν βλέποντες designando um olhar feroz, mas pertence à categoria dos olhos brilhantes; este tipo de olhar também aparece em Polemão em meio à extensa descrição de olhos luminosos (A, 16). Apesar de haver muitas semelhanças com o texto de Polemão e de Adamantio, nem sempre a classificação do Anônimo é idêntica, reforçando certa autonomia do autor não apenas na seleção das informações – como ele mesmo diz no primeiro capítulo, escolheu os principais temas a partir da teoria das autoridades da fisiognomonía – como também na categorização dos elementos analisados.

Com a expressão “*Oculi acriter intuentes*” definindo a categoria dos olhos, a primeira imagem estabelecida aproxima-se do olhar arguto, forte, porém, considerando o advérbio *acriter* que se origina do adjetivo *acer*, podemos também atribuir o mesmo sentido do termo grego, já que seu significado comporta a ideia de crueldade.

Os olhos côncavos, pequenos e secos denunciam um *ethos* extremamente nocivo, dissimulado, capaz de tudo, e serão ainda piores quanto mais suave for a superfície do olho – este aspecto soa estranho se interpretarmos literalmente, mas Jacques André afirma que *superficiem oculi* é uma tradução ruim para o termo grego ἐπισκύνιον, a pele da testa na região acima das sobrancelhas, que está numa passagem dos olhos luminosos em Adamantio.

O último tipo apresentado descreve uma aparência calma, com fronte, sobrancelhas e pálpebras tranquilas e suaves (*tranquilla et leuia*), contudo, o olhar é totalmente oposto: “intrinsecamente amargo, ameaçador e áspero” (*intrinsecus amaram, trucem, asperam*) – caracterização que remete a um *ethos* cruel, desumano e dotado de todos os dolos já mencionados nos outros tipos.

O melhor *ethos* pertence aos olhos úmidos, descrição extremamente sucinta, sobretudo ao comparar com as demais imagens fornecidas. A umidade aparece unicamente neste olho e o tipo seguinte é seco, e como comentamos acima, representa inúmeros vícios.

A fronte franzida, contraposta à pele mais suave, e com sobrancelhas desiguais fazem parte de um *ethos* mais adequado, embora ainda apresente a imprudência.

O tratamento que o autor dá a cada espécie é bem irregular em que somente algumas são pormenorizadas; a análise depende da soma de aspectos, portanto, estão submetidas à observação cuidadosa e não apenas da leitura de um único elemento. Demanda-se ainda um grau de subjetividade para avaliar o olhar, já que a regra básica é sua intensidade, nem sempre facilmente identificável.

Olhos misturados ao riso e à volúpia

Os olhos misturados ao riso, já citados no capítulo 35, são retomados no capítulo 37.

Descrição – Olhos misturados ao riso e à volúpia	Características	Comparações
Secos, olhar furtivo	mau	_____
Côncavos, que sorriem, faces, sobranceiras e lábios se movimentam	insidioso, pensa em coisas execráveis, concebe dolos	_____
Pálpebras ora se juntam, ora se separam e ora o olho se movimenta	[pensamento] iníquo	_____
Abertos, com riso, vagantes	perpetrador de iniquidade	_____
Quanto mais parecem sorrir, secos	mais pernicioso	_____
Sorriem, úmidos	inofensivo, estúpido, sem sentido perspicaz, sem sentimentos, sem prudência, sem comedimento	_____
Sorriem delicadamente, úmidos, alegria no rosto inteiro, pálpebras relaxadas, fronte delicada, cílios um tanto mais extensos	magnífico, justo, pacato, religioso, hospitaleiro, agradável, prudente, dócil, amaro	_____

Assim como no capítulo precedente, a descrição desta categoria não é constituída por um único adjetivo, mas por uma expressão que exige a interpretação do leitor: “*Oculi cum risui uoluptatique permixti sunt*”. O olhar risonho no capítulo 35 é indício de impudência e malícia e neste capítulo, agora totalmente dedicado ao tema, é designado junto à *uoluptas*, cuja ideia remete à alegria e também ao prazer.

Predomina nessa espécie o *ethos* indecoroso e, a exemplo do que já constatamos, diversos sinais juntam-se aos olhos risonhos e voluptuosos, uma vez que tal definição não é muito clara. O mesmo tipo de olhos está presente em Adamantio, A, 17, que também afirma não serem todos dignos de admiração.

Os maliciosos são representados pelos olhos secos – mais uma vez a ausência de umidade é um sinal funesto – e que olham de maneira furtiva, reunindo um indício físico típico do olho e a disposição do olhar. Mais adiante, depois de elencar alguns tipos cujo *ethos* é doloso ou iníquo, o autor reforça que quanto mais parecem sorrir, contanto que sejam secos, serão mais perniciosos ainda.

Ao citar os olhos côncavos junto ao riso, a descrição é diferenciada porque o autor não traça uma análise objetiva e, para reforçar a relação entre o aspecto físico e o ético, ele afirma que sorriem como se fossem constituídos em insídias (“*qui arrident tamquam in insidiis constituti habendi sunt*”). O conjunto dos olhos côncavos com o movimento das faces, das sobrancelhas e dos lábios é mais um exemplo que contempla a regra da observação geral. O termo aqui traduzido como faces, *genae*, gera certa dúvida, uma vez que também pode significar “pálpebras” (como vimos no capítulo 31), no entanto, o conceito da *epiprepeia* (capítulo 45) de coexistência harmoniosa sugere a observação geral e nos permite considerar a referência às faces do rosto, pois produz um quadro verossímil; além disso, na sequência, *palpebra* aparece em nova descrição referindo-se à pálpebra.

Plínio comenta no livro XI, 57, 157, da *História Natural*, que *genae* é a palavra antiga para *malae*, que aparece nas Doze Tábuas, e apenas o ser humano possui tal parte logo abaixo dos olhos; ele ainda diz que as faces, ou bochechas (já que se refere à parte imediatamente abaixo dos olhos) é a sede do pudor, visto que ali o rubor é mais visível.

Os olhos úmidos retratam um *ethos* de indivíduo inofensivo, mas sem boas qualidades; interessante verificar que nesta passagem as virtudes são acompanhadas por *sine* para indicar a ausência delas – *sine sensu perspicaci*, *sine affectu*, *sine prudentia*, *sine continentia* – utilizando novamente a negação das qualidades para mencionar os defeitos, sem citá-los diretamente.

O último olho, que tem também entre suas características a umidade, somado a outros aspectos traz um *ethos* cheio de qualidades; no entanto, até agora só tivemos representações negativas, porém, neste caso, o rosto todo deve transparecer alegria, os indícios seguintes compõem este quadro de maneira harmônica: “as pálpebras relaxadas, a fronte delicada e os cílios um tanto mais extensos”. Em relação à palavra *cilium*, já esclarecemos nossa opção pela tradução, contudo, produz uma imagem mais coerente se considerarmos nesta imagem o pelo dos cílios longos que se harmonizam com a delicadeza dos outros elementos.

Outra caracterização diferenciada são os dois tipos que revelam a iniquidade, mas quando os olhos se fecham com frequência pelo movimento constante das pálpebras, indicam o indivíduo cujo pensamento é iníquo; no entanto, se forem bem abertos e de movimento errante, indicam alguém que de fato executa ações iníquas.

Olhos tristes

Os olhos tristes serão tema do capítulo 38, dando continuidade à sequência de critérios subjetivos de análise – estes indícios requerem do fisiognomomista habilidades mais desenvolvidas de observação e não parece uma tarefa simples reconhecê-los, com base no que temos lido nos capítulos precedentes.

Descrição – Olhos tristes	Características	Comparações
Úmidos	constituídos por meio da reflexão, interessado nas melhores artes	_____
Sobrancelhas e fronte mais extensas, as pálpebras se fecham tranquilamente	leal, benigno, ponderado, dotado de seriedade	_____
Secos, fronte áspera, olhar intenso, pálpebras erguidas	nocivo, feroz, não deixa qualquer crime sem tentar nem qualquer coisa sem ousar	_____

Pouca coisa nos é apresentada acerca dos olhos tristes e o tema deste capítulo parece ser um contraponto ao anterior.

Primeiramente, comentemos o adjetivo *tristis*, cuja acepção remete à severidade, austeridade e também à coloração escura, conforme se observa no *Oxford Dictionary*¹⁸⁵. Adota-se a tradução “tristes” porque já vimos a análise dos olhos escuros e aqui o critério não está fundamentado apenas nos sinais físicos dos olhos, como já se observou também a respeito dos olhos misturados ao riso.

Contrariando a expectativa, induzidos talvez pelo campo semântico de *tristis*, observa-se aqui o predomínio de um bom *ethos*, exceto pela última categoria apresentada. O capítulo inicia de maneira semelhante ao anterior – cujos olhos com riso não são totalmente louváveis (*non omnes laudabiles*) – os olhos tristes, por sua vez, não devem ser totalmente temidos (*non omnes timendi sunt*); os olhos com riso se constituem nas insídias, estes, por sua vez, no pensamento, na reflexão.

¹⁸⁵ 6. b. (of shade, dark-coloured things, etc.), gloomy, sombre (also, of light).

A caracterização mostra-se irregular uma vez que os olhos representando os homens com habilidades artísticas são apenas úmidos, mas as espécies seguintes são mais detalhadas em relação à primeira.

Aqueles cujo movimento das pálpebras ao fechar for tranquilo refletem o caráter leal, benigno, ponderado e sério e a imagem parece refletir um *ethos* calmo em oposição ao seguinte. Por fim, temos o homem nocivo com aparência distinta do anterior, destacando-se aqui a aspereza, que pode ser considerada como irregularidade na pele ou na expressão, carregada de severidade; ao passo que a fronte ampla da anterior também pode referir-se à pele e a ausência de severidade, mas pensando na grande amplitude, ainda que não haja comparações, lembra-nos um pouco o boi que aparece no capítulo 16 de fronte larga e representa um *ethos* dócil e pacato.

Olhos fechados

O capítulo 39 discorre acerca dos olhos fechados, cujas pálpebras se unem com frequência.

Descrição – Olhos fechados	Características	Comparações
Pálpebras unidas que frequentemente fecham e abrem	maligno, insidioso, nocivo	_____
Úmidos	ocupado no estudo de uma boa arte	_____
Secos, misturados com o tremor e a palidez	apresenta apoplexia, insano	_____
Posição permanece quando quase juntam as pálpebras e erguem-se para cima [<i>lacuna</i>]	insano	_____

O capítulo trata de uma característica não muito clara e que é explicada logo na sequência. “*Oculi subclausi*” transmitem a impressão de olhos um pouco fechados, apesar de não encontrarmos nos dicionários a palavra *subclausus*, a junção da partícula *sub* com o particípio do verbo *claudo* dá a entender que não são completamente fechados, mas que estão entreabertos. Foerster insere no aparato crítico a possibilidade deste capítulo ter um título que seria *De oculis clausis* e que *oculi* poderia ser acompanhado de *occlausi*, neste caso, quer dizer exatamente os olhos fechados. O movimento das pálpebras é indispensável nesta categorização porque entendemos que os olhos ficam fechados ou entreabertos em razão da frequência ou da duração do fechamento das pálpebras.

Dentre quatro tipos, há apenas um de *ethos* decoroso e, assim como ocorre no capítulo anterior, a descrição é simples, são olhos úmidos – a umidade dos olhos tem sido reiteradamente relacionada como sinal positivo. Assim como no caso dos olhos tristes e úmidos, o indivíduo com olhos fechados e úmidos se ocupa das boas artes. Os tradutores J. André e G. Raina preferem traduzir “*bonae artis*” por “artes liberais”, pensando na ideia de que algumas artes eram consideradas superiores na Antiguidade, preferimos, no entanto, manter uma tradução mais literal, já que a concepção de artes liberais modificou-se ao longo do tempo.

Os olhos secos são sinais de insanidade e apoplexia quando combinados com tremor e palidez – no capítulo 23, o tremor já fora associado à apoplexia. O sentido de apoplexia, como vimos, é de alguém desprovido de razão, está, portanto, relacionado à insânia. No tratado de Adamantio, A, 19, temos menção à epilepsia em vez de apoplexia, uma outra afecção da qual tratamos (no capítulo 29 acerca da posição virada para cima) também inserida no *ethos* da loucura.

A última espécie de olhos fechados relembra a imobilidade dos olhos (*status permanet*) que são erguidos para cima e de pálpebras bem próximas e expressam a insânia, apesar de serem distintos da espécie anterior, olhos agitados, ambos indicam a mesma qualidade. Há uma lacuna logo depois de *insaniam* que poderia trazer outros elementos que contribuiriam para nossa análise, da qual podemos, pela estrutura, apenas presumir a presença de algum verbo empregado com frequência na obra, tal como *indico*, para completar a oração; seguindo esta lógica, a sentença a seguir vale para esta descrição.

No entanto, para Jacques André, a lacuna se refere a descrição inteira de outro tipo que é atribuído essencialmente às mulheres na sequência. Não podemos nos basear no texto de Adamantio (A, 19), pois este tema é tratado de maneira distinta do Anônimo a partir da metade do capítulo; no caso do Anônimo, seu texto é bem mais sucinto nesta caracterização. O mesmo problema ocorre ao recorrermos a Polemão (A, 19), portanto, não é possível identificar se o texto se refere unicamente ao último tipo mencionado antes da lacuna, se há um outro tipo ou se a referência é à espécie de olhos fechados de maneira geral.

O Anônimo faz um comentário no encerramento do capítulo que chama a atenção para a habilidade do fisiognomonista, pois será capaz de identificar os vícios que os homens tentam esconder, já que são típicos do *ethos* feminino.

Olhos abertos

O capítulo 40 contrapõe-se ao anterior e discorre acerca dos olhos abertos.

Descrição – Olhos abertos	Características	Comparações
Com frequência e largamente abrem e se detêm	*pensativo	_____
Úmidos, claros, maiores, profundos, delicados	contém os melhores pensamentos	_____
Secos, escuros, pequenos, altos, duros, imóveis	maus pensamentos e o arrependimento por tê-los	_____
[<i>Lacuna</i>]	fútil, amedrontado	_____
Largamente abertos, reluzentes, olhar suave	arrebatado pelos desejos, sofreu todas as coisas torpes e fez estas mesmas coisas que sofreu, maledicente, temerário, inclinado a fazer o mal	Favorino (celta)

O adjetivo empregado para caracterizar os olhos abertos é *patens*, o particípio presente do verbo *pateo*, e, tal como ocorre na exposição dos olhos fechados, emprega-se a própria ação verbal para designar a condição do olho que abre e assim permanece, como vemos logo no início.

A passagem a respeito dos olhos que abrem frequentemente e de maneira ampla (*frequenter et late pateant*) e que assim permanecem mostra o indivíduo que revolve um pensamento. Para identificar se o pensamento é bom ou nocivo, é preciso avaliar, segundo o autor, os elementos acima mencionados – entendemos isso como afirmação de que todos os aspectos já elencados acerca dos olhos devam ser considerados, mesmo assim, o autor expõe os sinais típicos que indicam a disposição dos pensamentos.

Adamantio faz afirmação semelhante (A, 20) ao dizer que o leitor será capaz de julgar a natureza do pensamento a partir dos critérios básicos já analisados acerca dos olhos – secura, umidade, tamanho, brilho, olhar, entre outros – com base em tudo que já fora explicado e bem pouco fala a respeito dos olhos abertos.

A umidade dos olhos, a exemplo do que vem sendo apresentado nos capítulos anteriores, é de novo um sinal atribuído a um bom *ethos*. Os olhos úmidos que representam o indivíduo de bons pensamentos são também claros, grandes em relação à média, profundos e delicados. O atributo *profundus* só aparece nesta passagem, mas remete também ao olho côncavo (*cauus*) do capítulo 31 que, geralmente, é indício dos piores indivíduos, mas quando maiores e úmidos anulam a maldade típica desta espécie.

Os olhos secos, escuros, pequenos, altos, duros e imóveis denunciavam ao mesmo tempo os pensamentos ruins e o arrependimento por tê-los. Foerster adota *caui* em vez de *alti* e nem mesmo menciona este último no aparato crítico, no entanto, não faz sentido já que esta descrição é exatamente oposta à anterior, representando o pensamento oposto, e apenas este item destoaria; preferimos, portanto, *alti*, adjetivo representante dos olhos salientes citados no capítulo 32 que, igualmente aos olhos côncavos, são péssimos sinais, mas se forem grandes, brilhantes, bem claros e úmidos indicam um *ethos* dócil, justo e amoroso como o de Sócrates.

Foerster não insere a primeira lacuna em sua edição, admitindo *semper* em vez de *sin*, o que daria sentido completo à frase: “*Semper autem patentes oculi uanum et attonitum faciunt*”. Para esta correção, Foerster declara ter adotado a versão árabe de Polemão e grega de Adamantio, mas J. André refuta esta hipótese de Foerster, uma vez que não há correspondência com os adjetivos *uanum* e *attonitum* nestes dois tratados, portanto, não há uma descrição compatível à passagem lacunar do Anônimo nestes outros autores. É mais um indício de certa autonomia do Anônimo que, como já mencionamos, fez este capítulo de maneira um tanto distinta de Adamantio¹⁸⁶, o qual sabemos retomar a teoria de Polemão.

Há outras duas lacunas na sequência, também presentes na edição de Foerster, das quais é possível inferir o texto ausente pelo contexto. Foerster, com base no tratado de Polemão, sugere preencher as lacunas deste modo: <*si cetera signa*> *congruunt* [...] <*tales fuisse oculi Celti cuiusdam*>. Assim, cita-se o exemplo de Polemão e o Anônimo dá grande destaque a ele, ocupando o restante do capítulo na análise deste único tipo:

[...] Os olhos largamente abertos, reluzentes, lançando um olhar suave como se fossem arranjados para a doçura e graça <se os demais sinais> concordam, <tais são os olhos de um certo celta> relatados pelo autor Polemão que descreveu um homem deste tipo, de sua época, que foi um eunuco. Ele não citou um nome, porém, compreende-se que ele falava de Favorino. Polemão atribui a este os sinais do resto do corpo: fronte esticada, faces delicadas, boca larga, pescoço delgado, pernas grossas, pés cheios como se tivesse carne acumulada, voz feminina, vocabulário de mulher, os membros e todas as articulações sem vigor, largas e frouxas. Ele diz que este homem, por causa do arrebatamento de seus desejos, sofreu todas as coisas torpes e fez estas mesmas coisas que sofreu, além de ser maledicente, temerário, mas também inclinado a fazer o mal, pois diziam que ele vendia às escondidas um veneno mortal.

¹⁸⁶ A, 20: ὅσοι οὖν ὀφθαλμοὶ αἰεὶ ἀνεωγμένοι εἰσὶ σκότιοι μὲν ὄντες καὶ ὑγροί, φροντισταί·

O rétor é Favorino de Arles (I-II d.C.) e, inicialmente, podemos imaginar o uso do método etnológico, relacionando-o aos celtas, mas a descrição é muito particular, própria deste indivíduo e a região aqui aparece apenas para remeter ao exemplo. A descrição do eunuco em Polemão (A, 20) é extremamente detalhada e destaca a imoralidade deste indivíduo, o Anônimo, por sua vez, nos traz uma descrição resumida, mas semelhante, ressaltando a feminilidade – o *ethos* do eunuco em ambos é um dos piores possível.

Craig A. Williams¹⁸⁷ analisa a figura do eunuco na poesia antiga, também denominado *gallus*, como a antítese da masculinidade; sabemos ser o eunuco privado do seu órgão sexual, ele não pode, portanto, desempenhar o papel do homem na relação sexual, de modo que na cultura grega é representado como guardião do leito das mulheres¹⁸⁸.

Olhos que piscam/ Olhos que não piscam

O capítulo 41 trata dos olhos que abrem e fecham com frequência, seria possível pensar no meio-termo entre as duas últimas categorias, não muito fechados e tampouco abertos por muito tempo, mas a oração que inicia esta parte produz uma imagem de olhos piscantes, além disso, há uma cisão no capítulo que trata também de olhos que não piscam.

Descrição – Olhos que piscam/ Olhos que não piscam	Características	Comparações
Frequentemente fecham e abrem	medroso, fraco	_____
Secos	revolve dolos, secretamente busca insídias	_____
Irregulares os ou pálidos	estulto	_____
Não se juntam, olhar terrível	com pensamentos iníquos	_____
Posição pacata, um pouco úmidos	pensador, estudioso, pacato, amoroso	_____
Imóveis, pálidos ou vermelhos, secos	irascível, louco, ameaçado pela ira divina	_____
Sinais supracitados, movimentem-se de forma	violentamente insano	_____

¹⁸⁷ *Roman Homosexuality*. Nova York: Oxford University Press, 2ª ed., 2010. Cf. p. 140-41.

¹⁸⁸ Cf. Marcial, III, 82.

circular em torno de si mesmos		
-----------------------------------	--	--

A classificação dos olhos, mais uma vez, se faz por meio de uma oração: “*Oculi qui frequenter clauduntur atque reserantur*”. Os olhos que fecham e abrem com frequência manifestam essencialmente a covardia e a fraqueza; outros vícios acompanharão este tipo, mas nenhuma qualidade positiva é atribuída.

No entanto, há uma descrição contraditória aos olhos piscantes, são os olhos que não se juntam, pois o substantivo ἄσκαρδάμυκτοι, do verbo σκαρδαμύσσω (piscar), significa “aquele que olha sem piscar”, o que não faz sentido já que o autor anunciou justamente que o tema seria os olhos que piscam com frequência. Logo, reconhecemos aqui duas categorias opostas de olhos objeto do mesmo capítulo, algo que o Anônimo não fizera até agora nas descrições dos olhos.

Recorrendo a Polemão, A, 21, não há exatamente esta descrição, embora haja o olho imóvel, que contrasta com a movimentação de abrir e fechar das pálpebras; contudo, encontramos passagem idêntica em Adamantio, A, 21, neste, inclusive, o capítulo discorre acerca dos olhos que piscam e os que não piscam¹⁸⁹. Sabemos que Polemão antecede o *De Physiognomonia Liber*, mas quanto à data da obra de Adamantio não sabemos ao certo, portanto, não é possível concluir se o Anônimo herda essa divisão de uma teoria já existente ou se a propõe.

A divisão entre olhos que piscam e que não piscam faz sentido no presente capítulo, visto que a imobilidade ou o movimento tranquilo podem indicar a segunda condição. Assumindo-se esta dupla classificação no interior de um mesmo capítulo, teríamos pelo menos três tipos de olhos que não piscam.

O único tipo que representa um bom indivíduo é justamente aquele dotado de certa umidade e de posição que traduzimos por “pacata”, *mansuetus*, adjetivo que vem logo a seguir dentre as características do indivíduo correspondente. Os olhos secos, por sua vez, independente de serem piscantes ou não, compõem *ethos* indecoroso, ora agindo de maneira dissimulada ao revolver coisas dolosas e insidiosas, ora manifestando irascibilidade. O *status mansuetus* parece indicar o meio-termo constantemente aconselhado pelo autor, sem movimentação excessiva das pálpebras ou imobilidade total.

Destaquemos que Foerster admite, em sua compilação, a possibilidade da seguinte passagem “*sit certum his iras et furias inesse et diuinitatis iram imminere*” ser um tanto

¹⁸⁹ Ὀφθαλμοὶ σκαρδαμύττοντες/ ὀφθαλμοὶ ἄσκαρδάμυκτοι.

distinta: “*sit certum his iras et furias imminere et diuinitatis iram*” – esta opção de Foerster muda o sentido da frase, pois o indivíduo passa a ser ameaçado por *iras*, *furias* e *diuinitatis iram*, tornando a descrição um pouco confusa, redundante. A primeira opção separa o que faz parte do *ethos* irascível e furioso, dando espaço à interpretação de que este indivíduo é tão ruim que merece a ira divina ou, como sugere G. Raina em nota da sua tradução, refere-se à previsão do futuro, associado à adivinhação da qual já comentamos no capítulo 1 de nosso estudo.

O último tipo mencionado é difícil de classificar entre os olhos que piscam ou não, pois está na sequência dos olhos que não piscam e o autor faz menção aos sinais supracitados, mas apresentam uma movimentação circular em torno deles próprios que contrariam a imobilidade e não sabemos se tal movimentação implica na abertura e no fechamento dos olhos.

Olhos rápidos e perturbados

Finalizando a tipologia dos olhos, no capítulo 42, temos os olhos rápidos e perturbados.

Descrição – Olhos rápidos e perturbados	Características	Comparações
Rápidos, perturbados	rapinante	_____
Agitam e unem as pálpebras vacilantes sob diversos movimentos das pupilas, cílio superior lançado delicadamente sobre os olhos	afeminado	_____
Abaixam uma das pálpebras superiores vagorosamente, fazem-na voltar delicadamente e fixam o olhar	ambiciona a beleza, devasso, adúltero	_____
Pálpebra superior desce em direção ao meio de maneira que de um lado e de outro, com cantos revirados e repuxados, os olhos reluzem um pouco, agitam-se as pálpebras vacilantes.	devasso, adúltero	_____

A última categoria de olhos retoma o critério do movimento, o Anônimo discorre a respeito dos olhos rápidos (*citi*) e perturbados (*perturbati*) e a movimentação das pálpebras é fundamental nas descrições. Foerster adota exatamente os mesmos termos na designação, corrigindo outras edições que colocaram *ceci* em vez de *citi*, mas considera a oração “*ueloces oculi qui contemplantur acute*” em nota, esta opção reflete o significado do equivalente em grego desta categoria (Adamantio, A, 23), o adjetivo ὀξύς, que quer dizer “agudo” e também “vívido, rápido”.

É inevitável não notar a semelhança com o capítulo 23, em que se fala da mobilidade dos olhos, a diferença básica a ser apontada é que lá tínhamos também a movimentação vagarosa e a cor dos olhos era um critério importante, mas no que concerne aos olhos rápidos, a descrição segue critérios semelhantes.

O adjetivo *cinaedus*, como destaca Ian Repath em nota de sua tradução, é de difícil tradução, vem do grego κίναϊδος que tem dentre suas acepções, de acordo com o *Greek-English Lexicon*, “pessoa lasciva, dançarino”; Bailly descreve como “pervertido”. Traduzimos por “afeminado”, uma das acepções do termo em latim. É preciso nos determos um pouco neste termo porque remete a uma categoria importante na fisiognomonía, com isso, nos desviaremos por ora da análise dos olhos.

Craig A. Williams, em seu livro *Roman Homosexuality*¹⁹⁰, discute acerca de diversas palavras que serviam para reportar as práticas homossexuais. Williams esclarece as definições que constam no dicionário em *cinaedus* e que expomos aqui resumidamente:

1. Refere-se ao dançarino efeminado que, tocando um tamborim, balança suas nádegas de tal forma que pareça sugerir a relação anal. 2. Os gregos mencionavam uma ave, ἰνυξ (Teócrito, 2, 17), também conhecida como *kinaidion* e Plínio citou em sua *História Natural* (XXXII, 146/ XXXVII, 153) um peixe chamado *cinaedus*, ambos eram notáveis pelo movimento da parte traseira do corpo. 3. Firmicus Maternus (IV d. C.), astrólogo romano, define estes dançarinos como indivíduos delicados e efeminados (*Mathesis*, VI, XXXI, 4-5/ 39). 4. Plauto emprega *cinaedus* várias vezes para falar deste tipo de dançarino e comenta sua preferência pelo papel passivo na penetração. 5. Catulo, por sua vez, cita o adjetivo sem a acepção de dançarino, mas indica o indivíduo efeminado que sofre a penetração (33).

¹⁹⁰ Recomendamos a leitura de WILLIAMS, C. *Roman Homosexuality*, op. cit. O autor trata detalhadamente do assunto que aqui discorreremos brevemente por tratar-se de um, dentre muitos, dos temas abordados em todos os manuais de fisiognomonía. Cf. p. 193-95 acerca da definição de *cinaedus*.

O *cinaedus* é um termo bastante empregado na poesia antiga para representar o homem afeminado, cuja menção funciona como mecanismo de vitupério já que foge do padrão de *ethos* masculino na aparência e no comportamento. A acepção de dançarino nos revela uma maneira própria de andar que se distancia do andar viril, com trejeitos exagerados; a teoria fisiognomônica determina que a movimentação do corpo deve ser moderada e tranquila, que o Anônimo compara ao andar do leão e é típico do homem magnânimo e forte (cap. 76). No último capítulo desta tese, observaremos como se constrói a imagem do *cinaedus*, frequentemente evocada nos epigramas de Marcial.

Craig Williams menciona ainda o uso também de *mollis* correspondendo à feminilidade do homem e afirma que nem sempre *cinaedus* ou *mollis* dizem respeito ao papel de indivíduo passivo na relação sexual anal, mas à quebra dos padrões estabelecidos para o gênero masculino¹⁹¹. Ele lembra que na fisiognomonía antiga havia três nomeações utilizadas para descrever o homem afeminado, embora usualmente associados à homossexualidade: *cinaedus*, *mollis*, *androgynus*.

Simon Swain¹⁹², em seu artigo a respeito do tratado de Polemão, afirma que as palavras ἀνδρόγυνος e κίμαιδος abarcam tanto o estilo de vida imoral além de especificar a conotação sexual do homem que se prostitui, em geral, implicando passividade no ato sexual. Swain comenta algo que temos provado em nossas análises: a tipologia feminina é usada extensivamente na fisiognomonía como um dispositivo de expressar características negativas; mas Swain destaca as demais categorias relacionadas, tais como a covardia, a ira, a estupidez e a intemperança que são designadas por Polemão com vocabulário diversificado para designá-los, não há, portanto, uma única nomenclatura para os tipos fisiognomônicos, é preciso reconhecê-los na descrição.

O adjetivo *cinaedus*¹⁹³ é frequente no *De Physiognomonia Liber* na descrição de indivíduos afeminados, mas outro termo grego, o ἀνδρόγυνος (*androgynus*), serve bem ao contexto e aparece pouco neste tratado. Os indivíduos afeminados estão ausentes das qualidades típicas do homem, portanto, quando emprega *cinaedus* ou *androgynus*, o autor pretende destacar os vícios do indivíduo e a ausência das virtudes masculinas, não remete apenas às suas práticas sexuais.

¹⁹¹ Op. cit., cf. p. 236-37. Outros termos designavam o homem que desempenhava o papel passivo no ato sexual, como *impudicus* e *pathicus* (*Passim*).

¹⁹² “Polemon’s Physiognomy”. In: SWAIN, S., op. cit., p. 125-202. Cf. p. 187.

¹⁹³ Capítulos 42, 55, 74, 113, 130.

Mollis é amplamente utilizado pelo Anônimo em contextos variados, tanto como parte da descrição física, como da caracterização ética, neste caso, muitas vezes, designam a delicadeza do *ethos* e certa ausência de virilidade, o que seria inadequado ao homem.

O Anônimo discorre acerca do andrógino no capítulo 98 e declara que este indivíduo está entre o homem e a mulher, presente em Polemão (B, 52) e Adamantio (B, 52) com descrição semelhante, embora aqui seja mais detalhada. No capítulo 115, temos a análise do *cinaedus* sob a designação grega ou *mollis*, termo que o Anônimo adota como correspondente e cuja caracterização apresenta alguns elementos em comum com o andrógino, tais como a inclinação da cabeça ou do pescoço, a movimentação exagerada do corpo, gostam de se observar, além da voz grave que no *cinaedus* lembra o balido da ovelha e no andrógino o chilrear de uma ave. O *cinaedus* está presente no pseudoaristotélico (808a12) sob esta denominação e não como andrógino, mas a correspondência de ambos é evidente, sobretudo se verificarmos a exposição tipológica que o Anônimo apresenta, de maneira irregular, ora adotando Loxo, ora Polemão, ora Pseudo-Aristóteles, como explicaremos no fim deste capítulo.

O restante do capítulo é, em certa medida, redundante, ao referir-se ao indivíduo adúltero (*adulter*) e devasso (*moechus*), já que este último significa também homem adúltero, libertino. A própria descrição dos movimentos é bem detalhada, concentrando-se na agitação das pálpebras, em geral, vacilantes (*incertas*), indicativo da perturbação, pois o movimento poderia ser vagaroso. Assim como o olho que pisca com frequência e o olho móvel, caracterizado por agitação constante, a rapidez e a perturbação estão muito próximas destas categorias e correspondem, igualmente, a indivíduos indecorosos e destemperados. O movimento equilibrado, constante e sem agitação de qualquer parte dos olhos pode, sob tal perspectiva, ser considerado a melhor espécie de olhos no que concerne à movimentação, ainda que não esteja implícito no texto.

Cílios

Por fim, para encerrar a longa explanação dos olhos, são mencionados os cílios (*palpebrarum capilli*) no capítulo 43. Como vimos, *cilium* foi adotado no tratado com sentido um pouco diverso no capítulo 19, designando a borda da pálpebra, pois não se referia apenas ao pelo; porém, aqui fica evidente tratar-se dos pelos que recobrem a borda da pálpebra, o que usualmente chamamos cílio.

Descrição – Cílios	Características	Comparações
Pretos, eriçados, bem firmes – na cabeça com os piores sinais	ânimo melhor e mais forte	_____
Ralos, finos, vermelhos	fraqueza de ânimo, velhice avançando	_____

Os tratados fisiognomônicos de Polemão e Adamantio não discorrem acerca dessa parte e, pela sua brevidade, nem mesmo o Anônimo parece lhe atribuir grande importância, contudo, a breve descrição ratifica conceitos apresentados no capítulo 13, acerca do cabelo.

Se os pelos são firmes e pretos, mesmo que haja sinais funestos, isto indica a redução das qualidades negativas e torna o ânimo melhor. Os pelos ralos e avermelhados indicam fraqueza, mas não só física, também do ânimo, e são indícios de idade avançada, portanto, transmitem ideia de esgotamento físico e psicológico.

Antes de passarmos às outras partes do corpo, devemos ressaltar que as analogias foram poucas na extensa descrição dos olhos, analisando principalmente sob à ótica do método anatômico, cujo predomínio é visível neste tratado. O tratado pseudoaristotélico, se compararmos, emprega com certa frequência o método zoológico, mesmo na passagem dos olhos, ainda que seja bem mais sucinto que o tratado latino em suas descrições; o Anônimo não prioriza o método zoológico ou etnológico com base no que estudamos até agora.

Orelhas

O Anônimo quebra a sequência dos olhos dedicando alguns capítulos à discussão em torno de conceitos gerais da fisiognomonia, tais como a hierarquia dos sinais e o método zoológico – que mais adiante discutiremos –, mas rapidamente retoma a análise das demais partes do corpo no capítulo 47.

Descrição – Orelhas	Características	Comparações
Grandes	estulto ou impudente	_____
Pequenas	mau	_____
Muito pequenas	estulto	_____
Quadradas, de dimensão moderada	[sinais desejáveis]	_____
Excessivamente redondas	indócil	_____
Oblongas, estreitas	invejoso	_____

A análise das orelhas é feita de maneira breve, ainda que façam parte da cabeça, estão um pouco distantes dos olhos, visto que os sinais próximos aos olhos são mais efetivos. As descrições são pouco detalhadas e indicam características distintas, mas igualmente viciosas.

As orelhas excessivamente pequenas são clarificadas pela expressão “como se estivessem cortadas” (*tamquam praecisae*), o particípio do verbo *praecido* passa a sensação de orelhas inacabadas ou mal feitas, e servem como contraponto às orelhas quadradas e moderadas que parecem esculpidas e modeladas (*figuratae atque formatae*) e ainda graciosamente (*decenter*) presas à cabeça. Os particípios de *figuro* e *formo* nos remetem a algo que foi bem trabalhado para se chegar ao resultado e o advérbio *decenter* reforça a ideia de unida e bem composta. O campo semântico aqui aproxima o rosto a uma escultura e as orelhas são uma parte deste todo, portanto, se não forem de tamanho moderado, o excesso torna a imagem indecorosa e isto se reflete no *ethos*.

As orelhas quadradas são as desejáveis, mas as características morais do indivíduo não são elencadas na obra, é um fato curioso, visto que tanto a versão árabe de Polemão (B, 29) quanto a de Adamantio (B, 29) as trazem: são indivíduos perceptivos e viris. O presente capítulo em Anônimo apresenta orientações semelhantes a estes dois tratados, por essa razão, poderíamos complementar com as características citadas neles.

Interessante notar que está ausente no Anônimo a espécie de orelha côncava que, nos outros tratados, se opõe à redonda na aparência e no *ethos*, já que a côncava é sinal de docilidade e inteligência.

No pseudoaristotélico, 812a10, observamos que o autor é ainda mais breve na descrição das orelhas, adotando o critério do tamanho e comparando aos animais, inclusive na disposição do caráter: pequenas – macaco; grandes – asno; moderadas – melhores raças de cães. O método zoológico não é empregado pelo Anônimo, como já vem acontecendo, isto reforça que, apesar de basear-se no Pseudo-Aristóteles, *De Physiognomonia Liber* reflete muito mais da tradição recente da fisiognomonia, presente em Polemão.

Lábios e boca

Descrição – Lábios e boca	Características	Comparações
Lábios finos, boca maior, lábio superior mais exposto e sobreposto a lábio inferior	magnânimo, forte	leão
Lábios finos, boca pequena	imbele, medroso, esperto	_____

Boca não é excessivamente proeminente e nem baixa	[melhor condição]	_____
Boca baixa	medroso, mau	_____
Boca protuberante	estulto, loquaz, audaz	_____
Boca pequena	ânimo de mulher	[típico de mulher]
Maior	ânimo de homem	[típico de homem]
Demasiadamente fendida e recuada	voraz, cruel, ímpio	monstros do mar
Os lábios elevam-se sobre os dentes	maledicente, irascível, barulhento, disposto a cometer injustiças	cão
Boca longamente proeminente, redonda, retorcida, lábios grossos	sórdido, voraz, estulto	porco
Lábio inferior se sobressai exteriormente	imprudente, interessado em elogio ou honra	_____
Posição da boca escavada (côncava)	mau, invejoso, intemperado, mais libidinoso	como se estivesse enterrada
Lábios pendem moles	inerte	asno e cavalo senil

Apenas este capítulo é dedicado aos sinais da boca e dos lábios em conjunto, sem separá-los em partes distintas, no entanto, é bastante extenso e retoma critérios já utilizados anteriormente, em que o método anatômico divide espaço com o método zoológico.

A primeira descrição é a de lábios finos (*tenuia*), mas maior em relação à média, com o lábio superior mais evidente – ou proeminente (*prominentius*), como prefere Foerster –, e sobreposto ao inferior que é comparado ao leão, representando o homem forte e magnânimo; esta comparação foi possivelmente extraída do pseudoaristotélico (811a20). Contudo, os mesmos lábios finos numa boca pequena indicam o oposto, um indivíduo imbele e medroso, porém, esperto – a expectativa seria de aparecer a analogia com algum animal, já que traça um paralelo com a descrição anterior, mas isto não ocorre, nem mesmo em outros tratados.

A melhor espécie de boca, segundo o próprio autor, é aquela que não é muito proeminente nem muita baixa (*nec nimis prominens nec nimis humile*), não há, no entanto, mais detalhes a respeito, pois na sequência somos apresentados aos dois extremos deste

aspecto e só sabemos as características do *ethos* dos tipos inadequados, visto que não teremos nenhuma virtude mencionada na caracterização.

A boca muito baixa é indício de covardia e maldade; a protuberante, por sua vez, acusa a audácia – opondo-se à covardia –, mas acompanhada de estultícia e loquacidade, cuja acepção é pejorativa, nos remetendo ao tagarela. Nesta passagem, Foerster propõe no aparato crítico a possibilidade de ser *prominentia* em vez de *pronitas*¹⁹⁴, assim se estabelece a correspondência entre os substantivos desta oração com os adjetivos da anterior: *humile* – *humilitas*/ *prominens* – *prominentia*.

A boca pequena é atribuída à mulher e ao seu *ethos*, que já foi exposto no capítulo 4; a grande é atribuída ao homem, cujo *ethos* também foi apresentado no início. Nas descrições iniciais do corpo masculino e feminino, não se menciona a boca, portanto, o autor parece complementar a aparência e o *ethos* de cada gênero aos poucos. As características típicas associadas ao *ethos* de cada um no início do tratado estão aqui subentendidas, já que não são elencadas.

Belua corresponde a animal corpulento, fera, monstro. A imagem de monstros marinhos é impactante associada à boca demasiadamente fendida e recuada (*ultra modum recisum os ac reductum*) – temos a impressão de uma boca imensa em relação às demais, graças ao exemplo dado, pois a descrição isolada não transmitiria a dimensão adequada.

Outra imagem bem esclarecida pelo exemplo é a dos lábios elevados sobre os dentes, presente já no pseudoaristotélico, pois a descrição não é bem detalhada, mas a comparação com o cão esclarece a elevação do lábio superior de modo a mostrar os dentes caninos (κυνόδοντες), uma condição feroz e que revela um *ethos* irascível. O Anônimo cita uma proposição de Loxo a respeito da proeminência do lábio inferior que, segundo o Anônimo, é sinal de imprudência, mas não de maldade, e acrescenta a afirmação de Loxo de que este indivíduo se interessa por elogio e honras, com sentido amplo, visto que este interesse pode manifestar-se para si mesmo ou dedica-los a outros. Em comparação com Adamantio (B, 24) e Polemão (B, 24), não há correspondência com esta passagem.

Lábios grossos aparecem uma única vez em uma categoria de boca excessivamente proeminente e são atribuídos aos porcos, cujo *ethos* sempre revela vícios.

A boca pequena é retomada e, embora haja uma lacuna, Foerster indica a continuação “*et longe promineat*”, diferencia-se então da simples descrição da boca pequena atribuída à mulher anteriormente, pois aqui se enquadra no critério da

¹⁹⁴ *Optimus autem oris status est quod nec nimis prominens nec nimis humile est. Nam humilitas timidi est et malignitatis arguit, pronitas stultitiam, loquacitatem tribuit et audaciam.*

proeminência, que já sabemos não ser bom indício. Apesar de não elencar as características de tipo, o autor afirma que revelam o mesmo que a espécie seguinte, da boca escavada, como se estivesse enterrada – portanto, excessivamente côncava – que representa maldade, inveja e intemperança. Tanto Polemão como Adamantio fornecem a descrição completa, Foerster cita inclusive Adamantio para justificar a possível parte que falta. O Anônimo afirma que Aristóteles – numa clara referência ao tratado que sabemos não ser dele – teria dito ser a boca côncava sinal dos mais libidinosos, contudo, não encontramos esta referência no tratado, mas está presente em Polemão (B, 24, 33b).

Na última espécie, os inertes são representados por lábios pendurados, critério que não apareceu antes neste extenso capítulo de maneira direta, mas evocam uma imagem de proeminência exagerada, esta condição refere-se a asnos e cavalos em idade avançada. Repath prefere considerar apenas os cavalos acompanhando o adjetivo *senibus*, enquanto André relaciona o adjetivo aos dois; de fato, a passagem dá margem a tal dúvida, mas se observarmos o capítulo 119, que tratará do asno, veremos que se trata de um animal inerte, independente da idade, portanto, a senilidade deve referir-se somente ao cavalo.

Faces

Descrição – Faces	Características	Comparações
Mais grossas	ocioso, vinolento	_____
Excessivamente finas	maligno	_____
Maças do rosto separadas dos olhos, sobrecarregadas em grossura e peso, redondas	invejoso	_____
Maças do rosto suaves e alongadas	loquaz importuno	_____

O capítulo acerca das faces é breve e poucos critérios são empregados na análise, distinguindo-se da edição árabe de Polemão em que o capítulo é mais desenvolvido (B, 27), mas Adamantio, da mesma forma, trata brevemente deste tema. O tratamento dispensado às faces no pseudoaristotélico é muito sucinto (811b5)¹⁹⁵, mas já sabemos que o autor não detalha tanto quanto os demais, o interessante é que os dois tratados diferenciam-se bastante nesta análise.

¹⁹⁵ <πρόσωπον> σαρκῶδες ἔχοντες ῥάθυμοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς βοῦς. οἱ τὰ πρόσωπα ἰσχνὰ ἔχοντες ἐπιμελεῖς, οἱ δὲ σαρκῶδη δειλοί· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς ὄνους καὶ τὰς ἐλάφους. οἱ μικρὰ τὰ πρόσωπα ἔχοντες μικρόψυχοι· ἀναφέρεται ἐπὶ αἰλουρον καὶ πίθηκον. οἷς τὰ πρόσωπα μεγάλα, [811b.10] νωθοί· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς ὄνους καὶ βοῦς. ἐπεὶ δὲ οὔτε μικρὸν οὔτε μέγα δεῖ εἶναι, ἡ μέση ἕξις εἴη ἂν τούτων ἐπιεικής. οἷς δὲ τὸ πρόσωπον φαίνεται μικροπρεπές, ἀνελεύθεροι· ἀναφέρεται ἐπὶ τὴν ἐπιπρέπειαν.

As *genae*, traduzidas por “faces”, podem ser entendidas ainda como “bochechas”, mas nos parece mais coerente pensar em faces já que são mencionadas neste mesmo capítulo as *malae*. *Malae*, por sua vez, designam a parte formada pelo osso maxilar, que preferimos traduzir por “maças do rosto”, cuja definição em Houaiss é “a parte saliente da face, abaixo dos olhos, formada pelo osso malar”, sua tradução por bochecha também seria possível.

O primeiro critério é quanto à grossura, no início, ele descreve as faces como mais grossas (*crassiores*), carnudas – a comparação isolada é frequente no tratado e poderíamos simplesmente considerar a intensidade e acrescentar o advérbio “muito” antes do adjetivo na tradução, no entanto, ao manter a comparação em português, destacamos uma orientação que fica subentendida, pois a comparação é sempre em relação ao que é comum, que está na média, a não ser nos casos em que há uma sequência de comparações evidentes. Em seguida, aparecem as que são excessivamente finas, embora contrária à espécie anterior, denuncia igualmente uma característica negativa. Imaginamos que as faces de dimensão moderada representam o *ethos* ideal, mas tal informação não é fornecida, implica-se pelo contexto e pela lógica que tem sido exposta na obra.

A respeito da análise das maçãs do rosto temos um pouco mais de informações, o formato arredondado ou alongado ganha destaque. No último tipo mencionado, Foerster adota *lenes* em vez de *leues* e Ian Repath prefere uma outra opção citada por Foerster, *longae*. Os adjetivos *lenis* e *leuis* podem ser traduzidos da mesma maneira, mas *longus* produz certa redundância com *prolixus*.

Rosto

O capítulo 50 tratará das características em conjunto do rosto, ou seja, do semblante.

Descrição – Rosto	Características	Comparações
Rosto inteiro cheio e grosso	ocioso, dedicado aos prazeres	_____
Afilado	pensador, pérfido, medroso, astuto	_____
Pequeno	engenho pequeno e estreito	_____
Enorme	estulto, ocioso	_____
Rosto ameaçador revolido por espasmos dos lábios, das faces e da fronte	insano, estulto	_____

Rosto alegre com espasmos [dos lábios, das faces e da fronte]	libidinoso	_____
---	------------	-------

Assim como a análise das faces, o primeiro critério a aparecer é o do volume do rosto – critério que será mais recorrente em outras partes do corpo – e tanto o grosso como o fino revelam apenas o caráter permeado de vícios e a ausência do meio-termo nos leva a crer, seguindo a lógica apresentada ao longo do tratado, que seria este o representante ideal.

O rosto pequeno (*paruus*) denuncia o engenho que reflete esta mesma qualidade, “*Vultus paruus paruum et angustum ingenium*”, considerando *ingenium* como inteligência, neste caso, seria limitada, quanto à acepção que temos de caráter, entemos o adjetivo *paruus* como “mesquinho, vil” – mantivemos a tradução “pequeno” nos dois casos para compreender a ideia tanto física, como ética. O rosto enorme (*enormis*), que está além das proporções adequadas, é igualmente indicativo de vícios. O manual pseudoaristotélico *Physiognomonica* afirma que o tamanho intermediário é o melhor (811b10), conclusão logicamente implícita na descrição dos dois extremos.

Os espasmos, *σπασμοὶ*, são convulsões, agitações violentas, contração anormal dos músculos e, segundo o *Greek-English Lexicon*, encaixa-se na epilepsia; este aspecto está presente nos tratados de Adamantio e Polemão de maneira semelhante. Logicamente, o movimento inconstante e imprevisível não é um sinal positivo, não apenas em relação ao rosto, mas em toda a teoria fisiognomônica que temos observado até agora.

A particularidade que diferencia a característica ética no rosto que apresenta os espasmos é a disposição anímica que transparece no rosto. Foerster sugere *tristes* em vez de *truces*, “feroz, cruel, ameaçador”, e estaria de acordo com a proposição antitética em relação ao rosto alegre (*laetus*), além de aparecer em seguida uma contraposição de rosto triste e alegre. Independente da aparência do rosto, fica implícito que os espasmos não são bons sinais, visto que mesmo em condições opostas ele revela alguma característica negativa.

O Anônimo fecha o capítulo com a afirmação de que todos são capazes de reconhecer e diferenciar a expressão alegre da triste, bem como outras expressões, constatação que não é feita nos demais tratados. Foerster afirma ter corrigido o verbo *peruideo*, que consiste no reconhecimento visual, já que outras edições traziam *prouideo*, que remete à previsão. A conclusão do Anônimo parece lógica, mas se considerarmos as inúmeras referências que ele faz aos indivíduos dissimulados e às pessoas que disfarçam

seus vícios, elencando sinais nem sempre simples para perceber a dissimulação, torna-se um tanto incoerente considerar que qualquer pessoa, a não ser que tenha estudado fisiognomonia, possa reconhecer as verdadeiras expressões do rosto. Poderíamos interpretar essa passagem como um reforço e uma advertência: é necessário ter aprendido todos os sinais expostos, pois assim será possível diferenciar as expressões e julgá-las verdadeiras ou não.

Nariz

Descrição – Nariz	Características	Comparações
Extremidade pontuda	irascível	_____
Grosso	sórdido	porco, aves sujas
Base firme, obtusa e redonda	forte, magnânimo	leão, cão de raça nobre
Longo, fino	[semelhante às aves]	aves
A parte do nariz que está perto da fronte convenientemente disposta e separada da fronte	sinal viril, prudente	leão
O começo do nariz indistinto e confuso	sinal feminino, estulto, ânimo fraco	_____
Reto	de língua intemperada	_____
Maior	[melhor do que o menor]	_____
Menor	servil, ladrão, tergiversador	_____
Arqueado	magnânimo	_____
Mais baixo	libidinoso	_____
Bem aberto	vivaz, forte	_____
Muito estreito, redondo, fechado	estulto	_____
Torto	de mente torta	_____

A primeira imagem do nariz avaliado é o pontudo, Foerster prefere a oração da seguinte maneira: “*Nares extimae cum <tenuēs> et acutae sunt [...]*” – com a inserção de *tenuēs*, a extremidade do nariz passa a ser, além de pontuda, fina, aspecto que se harmoniza com a agudeza e se contrapõe ao próximo tipo, grosso. Interessante que o nariz longo e fino, cuja descrição é próxima ao pontudo, é exemplificado com as aves, sem especificar a espécie ou as características; mas não há qualquer referência a animais acerca do nariz pontudo, em que poderíamos pensar em algumas aves – isto ocorre também nos tratados de Polemão (B, 25) e de Adamantio (B, 25). Pseudo-Aristóteles, no entanto, traz nesta descrição o exemplo do cachorro, que ilustra bem a irascibilidade, mas

não se pode obviamente considerar todas as espécies de cães, pois o nariz é distinto em cada uma delas. Quanto ao *ethos* das aves, é elencado ao lado de qualidades negativas nos capítulos 16 e 73.

O nariz grosso revela sordidez e é associado ao porco, *ethos* que já fora enunciado em comparação ao porco nos capítulos 18 e 48. A comparação aqui é também feita com as aves, especificadas apenas por *sordidae* que remete à condição física e à ignobilidade ao mesmo tempo, ainda assim, pouco esclarecedor acerca do *ethos*, mas podemos lembrar as aves de rapina (cap. 16) que são associadas à impudência e veremos que a coruja (cap. 129) é descrita com qualidades negativas.

Há três tipos de nariz que revelam bom *ethos*, diferentemente de outros capítulos em que havia no máximo dois ou nenhum exemplo positivo: dois deles pertencem ao nariz semelhante ao do leão e a descrição física é, de fato, compatível ao deste animal e vemos também que alguma espécie de cão, considerada nobre, ou seja, de raça, corresponde ao tipo mencionado:

[...] Quando o nariz tem base firme, parecendo obtusa e redonda, dizem respeito ao forte e magnânimo; o nariz desta espécie é o dos leões e dos cães nobres. [...] Se a parte do nariz que está perto da fronte for convenientemente disposta e separada da fronte – o que os gregos chamam *dierthromenon* <bem articulado> é um sinal viril; relaciona-se, portanto, ao leão e confere a marca da prudência.

11. Leão

12. Cão Mastiff

A descrição do nariz *διηρθρωμένον* é encontrada no pseudoaristotélico (811a28-811b), mas com a particularidade de ser aquilíneo, o *ethos* e o animal são diversos, pois lembra a águia, cujo ânimo é orgulhoso¹⁹⁶. O Anônimo, ao empregar o método zoológico, reflete a tradição oriunda deste tratado mais antigo, nesse ponto, no entanto, parece rever a descrição, mais um pequeno indício de que *De Physiognomonía Liber* não é mera reprodução das obras que o antecedem.

¹⁹⁶ 811a35-7: [...] ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς κόρακας. οἱ δὲ γρυπὴν ἔχοντες καὶ τοῦ μετώπου διηρθρωμένην μεγαλόψυχοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς ἀετούς. [...]

Contrapondo-se ao nariz bem distinto, que é um sinal masculino, o nariz confuso, ou seja, que não é facilmente identificado em sua origem próximo à fronte, é tipicamente feminino e, portanto, seu *ethos* é fraco e estulto. Esta caracterização é vaga, mas isto pode revelar um nariz pequeno ou irregular e possivelmente desproporcional em relação ao rosto.

Quanto ao tamanho, critério tão importante em outras partes, ganha pouco destaque na análise do nariz. O maior é considerado melhor do que um nariz menor, mas apenas as características deste último são elencadas, no entanto, isto não quer dizer que o tamanho grande seja o mais adequado, já que o moderado pareceria mais harmonioso e poderia corresponder a um *ethos* equilibrado.

Outro par é analisado, o nariz arqueado e o baixo. O arqueado (γρυπός), ou seja, aquilino, do *ethos* magnânimo, nos lembra em parte a descrição do pseudoaristotélico que remete à águia, portanto, nem todas as espécies de aves são relacionadas a aspectos negativos. O baixo (σιμός), ou seja, achatado, é atribuído aos libidinosos e sem referência a algum animal.

As narinas bem abertas indicam vivacidade e força, ao passo que as muito fechadas representam estultícia. Tanto a vivacidade quanto a força são atributos que requerem boas condições físicas e o nariz obstruído, como sabemos, é sinal de problemas respiratórios.

A última categoria torna a tradução um tanto difícil ao empregar o mesmo adjetivo, *peruersus*, para o aspecto físico e o ético. Traduzimos como “torto” porque cabe na qualificação do nariz e da mente – admitindo-se *mens* como índole –, mas também podemos pensar numa superfície irregular e, portanto, indecorosa; quanto ao *ethos*, transtornado, inconstante.

Queixo

Descrição – Queixo	Características	Comparações
Alongado	menos irascível, menos perturbado, loquaz, jactante	_____
Pequeno	cruel, insidioso	serpente
Termina com formato redondo	sinal feminino	[caráter de mulher]
Quase quadrado	viril	_____

Dividido na extremidade (duas pontas), extensamente dividido e alongado	doloso	_____
Dividido na extremidade (duas pontas), parte do meio não é excessivamente baixa	amoroso, gracioso	_____

Vemos que o primeiro tipo é masculino e, embora apresente caráter irascível e perturbado, o advérbio *minus* implica numa comparação com os demais tipos de queixo que serão analisados.

O queixo redondo é um sinal feminino e novamente não temos sua caracterização, mas já sabemos não ser um *ethos* muito decoroso. Aqui o tamanho é um critério pouco discutido, mas a edição árabe de Polemão, em B, 23, descreve o queixo pequeno e arredondado correspondendo ao típico de mulher; ele reúne dois aspectos que o Anônimo empregou separados, mas cujo quadro ético do ânimo feminino permite a integração de tais elementos, na medida em que observamos a delicadeza física e o caráter astuto.

O quadrado, por sua vez, é um sinal tipicamente masculino. O adjetivo empregado, *uirilis*, tanto se refere ao indivíduo do sexo masculino, quanto denota coragem, força, animosidade.

A única comparação é feita com a serpente, que já fora citada no capítulo 21, acerca dos olhos, como um dos animais de pupila pequena e caracteriza-se pela maldade.

Os dois últimos formatos são um pouco mais detalhados e exigem que façamos um exercício de visualização a partir dos elementos descritos, cuja base é a divisão do queixo, um aspecto relativamente comum. O queixo divide-se apenas em duas pontas, embora Polemão mencione um queixo com quatro extremidades, indicativo de força.

A divisão que se sobressai apenas na ponta e é menos perceptível ao longo do queixo revela um *ethos* amoroso, a tradução que fizemos até agora de *uenus* expressava a relação sexual, aqui, contudo, ao lado de *gratia* parece representar um *ethos* mais sensível em relação ao queixo longamente dividido, que é doloso. Adamantio, no capítulo dedicado ao queixo (B, 23) utiliza em grego as palavras correspondentes, ἄφροδιτη e χάρις, o tradutor Ian Repath considera o segundo termo na acepção de prazer e sustenta ἄφροδιτη como sexo.

Pescoço

O pescoço é a única parte além dos olhos que é analisado em mais de um capítulo, são três capítulos dedicados a este tema (53-5).

Descrição – Pescoço	Características	Comparações
Longo, fino	medroso, mau	_____
Largo, grande	animoso, jactante, orgulhoso	_____
Moderadamente alongado e largo, menos redondo	virtuoso, corpo de boa compleição	_____
Mole, fraco	nocivo, insidioso	_____
Retesado, nervos evidentes	inepto, dócil, insano	_____
Veias visíveis e desproporcionais, entrançadas no pescoço	[o mesmo que os nervos]	_____
Excessivamente largo	irascível, indócil, criminoso	porco
Pequeno	audaz e medroso	_____
Entre a ligação das escápulas e o começo do pescoço, salienta-se uma vértebra e as outras não se juntam suavemente, mas se ligam por intervalos e superfície das juntas seja irregular	orgulhoso, insolente	_____

Capítulo 54

Duro	indócil	_____
<i>Hygros</i> (flexível)	corpo delicado e flexível, sem ser esgotado ou debilitado	_____
Áspero, cristado	indócil, insolente	_____
Rígido, fixo	indouto, insolente, estulto às vezes	_____
Com espasmo dos lábios, o giro dos olhos, as mudanças incongruentes e confusas dos pés, a posição da coluna, a inconstância das mãos e o tremor da voz, que sai com esforço	efeminado	_____

Capítulo 55

Penso	estulto ou efeminado	_____
Imobilidade comedida	melhor caráter	_____

Retorcido para cima	Insolente ou insano, cruel, estulto, inútil; insânia	_____
Pescoço curvado sobre a região do peito	ânimo ocupado por pensamentos, que pode tender à parcimônia ou à maldade	_____
Inclinado para a esquerda	estulto, afeminado	_____
Inclinado para a direita	afeminado	_____
Sólido, largo, dificilmente se curva	rapinante, fanfarrão	lobo, macaco

É possível avaliar os capítulos como uma unidade, embora em cada um predomine um critério. No capítulo 53, predomina o formato, no seguinte, a mobilidade, e, por fim, a posição do pescoço é avaliada.

Quanto à forma do pescoço, é ideal que seja moderado na largura e não demasiadamente alongado, além de não ser tão arredondado: trata-se da única descrição compatível a um bom *ethos*, que é virtuoso; preferimos aqui traduzir *uirtus* por “virtude” em sentido amplo porque faz par com o aspecto da sequência, uma boa compleição física – caráter e ânimo estão em harmonia.

O pescoço excessivamente largo é relacionado ao porco, mais uma vez remetendo a características negativas, tal como a tendência ao crime; no capítulo 55, o pescoço largo é reunido à posição curvada, que também apresenta um tipo criminoso (rapinante), mas associado a outros animais, bem distintos do porco, que são o lobo e o macaco. Além de rapinante, é também fanfarrão, cujo equivalente grego é *θρασύδειλος*, conforme o *Greek-English Lexicon*, significa o impudente covarde, fanfarrão; este mesmo adjetivo define o indivíduo de pescoço pequeno, que é ao mesmo tempo audaz e covarde.

13. LE BRUN. *Homem-macaco*. 14. LE BRUN. *Homem-lobo*.

No capítulo 53, surge o critério baseado na visibilidade de nervos e veias, um elemento que exige mais atenção na observação fisiognomônica. No caso do pescoço retesado, deve-se verificar o grau de visibilidade dos nervos e das veias: caso sejam bem evidentes, indicam insanidade, desde que outros sinais estejam de acordo; as veias bastante visíveis, que pareçam tecidas no pescoço e de tamanho desproporcional, indicam o mesmo caráter dos nervos evidentes.

O último tipo elencado no capítulo 53 remete à visibilidade da vértebra ligando o pescoço às escápulas e traz a imagem pormenorizada, exigindo um grau ainda maior de observação:

[...] quando entre a ligação das escápulas e o começo do pescoço, salienta-se uma vértebra e as outras não se juntam suavemente, mas se ligam por intervalos, de modo que a superfície das juntas seja irregular, são os orgulhosos e insolentes.

O pescoço duro revela indocilidade (*durus*) e há ainda o rígido (*stabilis*) e quase fixo (*defixus*) que denuncia um indivíduo indouto e insolente ou estulto, neste caso, é preciso analisar os demais sinais do pescoço para identificar a insolência ou a estultícia. Esses dois tipos aparentam certa redundância, pois representam imobilidade e a caaracterização remete em geral aos indivíduos desprovidos de inteligência.

Curiosamente, o pescoço áspero (*asperus*) e cristado (*cristatus*) do capítulo 54, ou seja, irregular na sua forma provavelmente pela visibilidade das vértebras, denota também a indocilidade, mas este critério parece mais apropriado ao capítulo anterior. Adamantio descreve todas as espécies de pescoço em um único capítulo (B, 21), assim como Polemão (B, 21), o que talvez possa explicar esta incoerência.

Um único tipo é flexível, ὑγρὸς, no entanto, mesmo que aparente ser um corpo delicado e flexível, isto não é sinal de fraqueza. O adjetivo ὑγρὸς tem entre suas principais acepções “molhado, úmido”, mas quer dizer também “mole, flexível”. O Anônimo fala em uso metafórico e pede ao leitor que preserve este significado do termo, Giampera Raina explica esta justificativa do autor porque Pseudo-Aristóteles emprega ὑγρὸς associado à teoria hipocrática dos humores, no entanto, o Anônimo não emprega esta palavra para referir-se à umidade nos capítulos precedentes.

Assim como ocorre no capítulo 53, a última descrição deste é bem mais detalhada e entendemos que o pescoço extremamente móvel representa o afeminado que tenta disfarçar suas características endurecendo o pescoço:

[...] Com efeito, com o espasmo dos lábios, o giro dos olhos, as mudanças incongruentes e confusas dos pés, a posição da coluna, a

inconstância das mãos e o tremor da voz, que sai com esforço, muito facilmente se revelam os afeminados; mas a posição dos próprios pescoços em tais homens não é certa, se examinas cuidadosamente, perceberás que eles às vezes tremem o pescoço: porque toda representação facilmente vacila e falha.

O fisiognomonista deve estar atento a todos os elementos, inclusive movimentos e voz, mas mostra que o pescoço vacilante é um indício forte do indivíduo afeminado que, como vimos, equivale ao *cinaedus*, figura recorrente na teoria fisiognomônica.

Contudo, o pescoço completamente imóvel não é adequado, já que o melhor *ethos* é indicado pela imobilidade comedida, o equilíbrio é mais adequado – afirmação que só vem no capítulo seguinte (55), pois tratará na verdade da posição em que o pescoço costuma manter-se e depende, obviamente, de sua movimentação.

O pescoço caído também indica o indivíduo afeminado ou estulto, novamente, a compreensão de qual das duas seja a característica depende de outros sinais; observamos que tal indicação da análise em conjunto torna-se mais frequente ao longo do tratado, uma vez que já há um extenso repertório de sinais referentes ao rosto. O pescoço retorcido para cima também precisa ser analisado com os demais sinais, já que poderá indicar insanidade ou insolência; enquanto o pescoço curvado para baixo, na direção do peito, é indício de um ânimo povoado por pensamentos que podem representar a parcimônia, uma qualidade, ou a maldade.

Foerster supõe que haja uma lacuna antes do pescoço inclinado para o lado esquerdo, partindo do texto de Adamantio que menciona antes a inclinação para a direita e indica o indivíduo pensativo e íntegro, o inverso do estulto e *cinaedus* da inclinação para a esquerda. Polemão também menciona a inclinação para o lado direito antes e o indivíduo descrito é virtuoso. Contudo, o Anônimo cita Aristóteles, na verdade, o tratado pseudoaristotélico (808a12-6), cuja descrição do homem *cinaedus* e a cabeça deste é inclinada para a direita. Depreendemos, portanto, que a inclinação lateral é ruim, qualquer que seja, e podemos lembrar do que vimos há pouco acerca do pescoço de excessiva mobilidade, também indício do homem afeminado, assim como o pescoço penso.

Das diversas categorias elencadas nos três capítulos, apenas os aspectos moderados são indicadores de boas qualidades.

Garganta

Descrição – Garganta	Características	Comparações
Áspera	leveza do ânimo, loquaz	aves

Um único ponto saliente	leveza [da ânimo], não é audaz nem maledicente, triste, contristador, desconfiado	nó
-------------------------	---	----

O capítulo 56 é dedicado à garganta que é uma parte constitutiva do pescoço, o que justifica a brevidade desta exposição. Há apenas duas categorias e a irregularidade se apresenta em ambas, já que é uma característica típica do formato da garganta. O adjetivo grego equivalente, usado por Adamantio (B, 22) é *τραχεῖα*, cuja acepção é de “acidentado, áspero, desigual”¹⁹⁷.

A áspera não se contrapõe à outra, com apenas uma saliência, tanto que as duas são sinal de ânimo leve – o substantivo *leuitas* pode significar a futilidade, a inconstância ou mesmo a fraqueza de caráter. No caso da garganta áspera, cuja superfície deve aparentar certa irregularidade (o adjetivo *asper* tem aparecido muitas vezes como sinônimo de “irregular”), ainda se adiciona a loquacidade que, como já vimos, remete ao indivíduo tagarela e aqui está associado às aves, mais uma vez a comparação é geral, sem especificar qual espécie de ave.

A garganta com apenas uma saliência não indica a loquacidade, em vez disso o Anônimo lhe atribui a ausência de audácia e maledicência. Foerster insere *lingua* antes de audácia e, assim, negaria uma audácia específica, a da fala, equivalente ao indivíduo *θρασύδειλος* (fanfarrão) que foi citado a respeito do pescoço e que se contraporía à loquacidade da garganta áspera. Mesmo sem a inserção de *lingua*, outros vícios são acrescentados e denunciam um indivíduo extremamente triste que, de certa maneira, se opõe ao loquaz.

2.3.2. Parte superior do corpo

Clavículas

Descrição – Clavículas	Características	Comparações
Fechadas e comprimidas em direção aos ombros e ao peito	lentidão dos sentidos, estúpido, mãos inaptas ao trabalho e à arte	_____
Muito separadas dos ombros, fazem uma curvatura extensa e larga	fraqueza do ânimo	_____
Meio-termo	corajoso, prudente	_____

¹⁹⁷ BAILLY, A., op. cit.

As clavículas são categorizadas de modo simples com duas caracterizações opostas e seu meio-termo. A postura em conjunto com os ombros – tema do próximo capítulo – é fundamental para a visualização da imagem. As duas formas opostas revelam qualidades morais negativas e apenas o formato equilibrado entre ambas mostram o *ethos* adequado.

Mais adiante, no capítulo 93, os indivíduos sem juízo (*sine sensu*) têm clavículas excessivamente juntas e fechadas, condizente com a descrição apresentada neste capítulo.

Podemos lembrar a caracterização de Sócrates relatada por Cícero em *De Fato*, V, 10 que já citamos no capítulo 1, em que as clavículas são muito fechadas e observamos estar de acordo com a teoria fisiognomônica:

[...] Ele disse que Sócrates era estúpido e lento porque não tinha clavículas côncavas – tal parte, dizia, era cerrada e escondida; ainda acrescentou que era inclinado às mulheres, conta-se que Alcibíades rompeu em gargalhada nesta parte. [Tradução nossa]

Numa análise fisiognomônica, podemos supor que as clavículas côncavas são assinaladas como formato ideal porque precisam de certa curvatura para encaixar-se adequadamente nos ombros.

Ombros

Descrição – Ombros	Características	Comparações
Não são grossos, mas sólidos	corajoso	_____
Relaxados	fraqueza do ânimo, medroso	_____
Finos, erguem-se pontudos	insidioso	_____
Articulações e juntas indistintas	estulto	_____
Flexíveis, bem divididos, soltos	honesto	_____
Amolecidos, inconvenientemente entrelaçados	desonesto	_____

Os ombros que não são grossos, mas sólidos (*solidi*) anunciam o corajoso, o adjetivo *solidus* remete à firmeza que poderíamos interpretar no sentido moral também. Os ombros relaxados (*laxi*) são sinal de fraqueza e covardia, cuja acepção do adjetivo *laxus*, além de “largo”, é também “frouxo, solto”. Os ombros *solidi* e *laxi* compõem, portanto, um quadro oposto; vale ressaltar que Foerster prefere *uero* no lugar de *enim*, mas Jacques André esclarece que *enim* tinha no latim tardio também o uso adversativo,

como se observa em suas acepções no *Oxford Latin Dictionary*. Os ombros finos (*tenues*) são outro contraponto para os ombros sólidos que, embora estes não sejam grossos, a opção do autor por não caracterizá-los exatamente como finos indicam o meio-termo, pois representa um bom sinal, ao passo que os finos e pontudos são marcas da insídia.

As articulações e juntas dos ombros indistintas, ou seja, ordenadas de maneira confusa, em que não seja fácil de identificar as divisões, indicam estultícia. No capítulo 51, o nariz cuja origem não se distingue bem é também sinônimo de estultícia e ainda de fraqueza. Associando-se ao conhecimento médico existente nos dias de hoje, sabemos que as articulações de qualquer parte do corpo devem estar bem separadas para a boa movimentação dos membros e há várias doenças que afetam as articulações e provocam seu desgaste.

Os ombros flexíveis e soltos, por sua vez, são bem distintos e representam a honestidade – formam uma imagem bastante harmoniosa. O Anônimo relaciona esta categoria à *epiprepeia*, conceito da fisiognomonia que remete à análise geral da aparência e que já comentamos ser frequente, discussão que retomaremos em breve.

Há certa controvérsia na descrição do último tipo de ombros. Foerster adota assim: *Humeri contracti et impliciti incongruentes*. Com essa oração, temos uma imagem muito semelhante a das clavículas fechadas e comprimidas na direção do peito, pois os ombros são contraídos, além de se juntarem de maneira confusa, mas o adjetivo *incongruens* não parece tão apropriado aqui, já o adjetivo *inhonestus* contrapõe-se melhor à descrição anterior que revela o indivíduo honesto. O adjetivo *fracti* ajuda a compor um outro extremo em relação aos ombros flexíveis, pois quer dizer “fraturado, debilitado, amolecido”.

Mãos

Descrição – Mãos	Características	Comparações
Alongadas de modo que se aproximem dos joelhos quando estão caídas com o resto do corpo erguido	boa compleição, forte	_____
Pequenas, curtas e terminam até o meio da coxa, estende a boca e a cabeça ao buscar alimentos para que encontrem a mão	malévolo que se alegra com os males alheios	_____

Antebraços finos	fraco, grosso	_____
Antebraços excessivamente grossos	indócil	_____
[Antebraços de] Grossura moderada, articulações e músculos notáveis	forte, corpo de boa compleição	_____
Delicadas	dócil	_____
Ásperas	forte, indócil	_____
Excessivamente curtas, miúdas	[mãos] oportunas e hábeis para furtos	_____
Espessas, miúdas, dedos curtos demais	tergiversador, insidioso, ladrão	_____
Finas, torcidas	loquaz, voraz	_____

O capítulo 59 é relativamente longo e repete critérios comuns a diversas análises fisiognômicas do tratado, tais como o tamanho e a espessura. Nota-se que o capítulo é dedicado às mãos, mas o sentido se estende à estrutura completa dos membros superiores.

As duas descrições concentram-se na extensão das mãos e exigem do leitor que imagine o corpo em pé, reto, para mensurá-las. Quando alongadas, terminam próximas do joelho e são sinal de força e boa compleição (*habilis*) que imaginamos ser física em razão da força, mas o adjetivo *habilis* também remete à habilidade em geral para outras atividades. As mãos pequenas e curtas, ao ponto de não chegar ao meio das coxas com o corpo ereto, denunciam um indivíduo malévolo que se alegra com os males das outras pessoas; curiosa a descrição em seguida para ressaltar a curta extensão dos braços e mãos, presente em Polemão (B, 19) e Adamantio (B, 19), de que um homem com tais mãos precisa levar a boca até o alimento porque as mãos são muito pequenas – há aqui uma repetição das características anteriormente elencadas que ocorre apenas no tratado do Anônimo.

Tanto os antebraços finos como os grossos mostram caráter inadequado, ao passo que a grossura moderada, em braços fortes e bem articulados, repete o *ethos* das mãos alongadas, em que o adjetivo *habilis* qualifica *corpus*, dirimindo a dúvida da primeira descrição. Poderíamos então juntar as duas descrições e compor um quadro mais completo das mãos adequadas – o próprio autor associa esta análise à *epiprepeia*, uma estratégia do Anônimo, que lembra constantemente esse conceito, com a finalidade de reforçar a importância da compreensão geral dos elementos.

As mãos delicadas representam ânimo dócil, já as ásperas, o indócil e forte; tal descrição é compatível com o que foi exposto nos capítulos iniciais, acerca do *ethos* próprio de cada gênero e também da aparência.

Os indivíduos propensos ao furto têm mãos excessivamente curtas, descritas de modo redundante: *Nimum breues manus et exiguae* [...]. Foerster prefere na caracterização do *ethos* o adjetivo *rapaces* (rapinantes) em vez de *sagaces*, desta maneira, estaria de acordo com os outros tratados, contudo, torna-se novamente redundante, o que não seria incomum no *De Physiognomonia Liber*, mas a opção por *sagax* é preverível pois pode ter sua qualificação estendida à pessoa que é hábil e perspicaz no furto.

As duas últimas categorias produzem imagens desproporcionais e, portanto, sinais que manifestam vícios.

Unhas e Dedos

O capítulo 60 contém a análise de duas partes, as unhas e os dedos, tanto das mãos quanto dos pés, pois as mesmas regras se aplicam a ambos. Na verdade, são analisados separadamente, como se fizessem parte de capítulos diferentes, a exemplo do que ocorre em Polemão.

Descrição – Unhas	Características	Comparações
Largas, claras, avermelhadas	o melhor engenho	_____
Estreitas, compridas	estúpido, feroz	_____
Curvadas, arqueadas	impudente, rapinante	aves e feras violentas
Afundadas, excessivamente grudadas na carne	feroz, estúpido	_____
Excessivamente curtas	maligno	_____
Pálidas, escuras ou ásperas	maligno	_____
Muito redondas	propenso ao sexo	_____

Dentre os tipos de unhas, apenas a primeira mostra um bom *ethos*, contudo, não há explicação acerca das qualidades, a única informação é de que as unhas largas, claras e avermelhadas constituem o melhor engenho. As unhas curtas, assim como as pálidas, escuras ou ásperas representam o homem maligno, reunindo-se estas duas categorias temos um contraponto aproximado da primeira, a qual constitui o melhor *ethos*. O uso do *et* alternativo nesta última descrição faz mais sentido, uma vez que seria contraditório a coloração pálida e escura na mesma unha. Sabemos que hoje é possível identificar problemas de saúde pela coloração da unha, ainda que não possamos afirmar o mesmo

com relação à teoria antiga da fisiognomonia, mas é notório que a palidez nunca é uma boa condição na análise fisiognomônica.

A descrição a respeito das unhas não é muito detalhada, mas as que são afundadas (*impressi*) e grudadas na carne (*accorporati*) constituem um critério distinto dos demais.

A única analogia presente é das aves e dos animais selvagens que sejam violentos, cujas unhas são curvadas (*inflexi*) e arqueadas (*curui*), outra imagem redundante.

O Anônimo afirma que os sinais das unhas não são suficientes para a observação fisiognomônica, mas devem ser somados a outros sinais mais importantes. Observa-se que o autor seguiu a tradição presente em Polemão (B, 4), apresentando descrições semelhantes, e vemos que ambos minimizam a importância desses sinais no fim do capítulo. O pseudoaristotélico comenta brevemente que as unhas curvadas dos animais, em dedos do pé também curvados, como das aves, indicam impudicícia (810a20).

Descrição – Dedos	Características	Comparações
Juntos, sem divisão entre si	sórdido	_____
Reunidos, aglomerados	maligno, avaro	_____
Pequenos, finos	estulto	_____
Pequenos, grossos	improvidente, audaz, feroz	_____
Excessivamente alongados e excessivamente finos	distante da sabedoria	_____
Grande distância entre si	fútil, loquaz	_____
Dimensão moderada, aspecto nobre	melhor caráter	_____

No fim do capítulo, o autor afirma que os sinais mencionados a respeito das unhas e dos dedos servem para as mãos e para os pés.

Apenas a última espécie de dedos mencionada representa o melhor *ethos*, mas sem a caracterização de como seja este *ethos*. Trata-se dos dedos de tamanho moderado, pois um dos critérios essenciais é o da espessura, além da aparência nobre, *honestus*, no sentido de digna ou decente – é um elemento subjetivo e que não fica muito claro, portanto, podemos compreender que tal aparência nobre é contrária a todas as outras relatadas anteriormente. Outra conclusão pode ser inferida se seguirmos o princípio fisiognomônico do meio-termo: dedos muito próximos uns dos outros ou com grande distância revelam vícios.

Peito

Descrição – Peito	Características	Comparações
Largo, bem disposto, e dividido, cada parte é evidente	[o melhor]	_____
Franzino, frágil	fraqueza do ânimo	_____
Acumulado de carne	indócil, ocioso	_____
Mamas caídas, peito envolvido por carne flácida	vinolento, intemperado no sexo	_____

Entendemos que o peito largo e bem disposto, de modo que cada parte seja aparente, representa o melhor *ethos* ou é o melhor sinal presente nesta área do corpo. Neste caso, a concisão da oração dá espaço para dúvida. O particípio perfeito do verbo διαρθρώω, διηρθρωμένον, já fora citado no capítulo 51 ao descrever o nariz cuja transição entre a fronte e ele é facilmente distinguida. No caso da região do tórax, podemos entender que a musculatura é forte, bem definida e opõe-se ao tipo seguinte, que é franzino e frágil representando um ânimo igualmente fraco¹⁹⁸.

O peito acumulado de carne (*congestum carnibus*) nos remete a um indivíduo corpulento, sem boa compleição física, que indica indocilidade e ociosidade. Foerster propõe *ignaros* em vez de *ignauos*, corrigindo uma edição anterior com base no texto de Adamantio, no entanto, André explica ser desnecessária tal correção uma vez que as edições de diversos textos gregos não estão de acordo entre si e, nos capítulos 49 e 50, o Anônimo declara que as faces e o rosto mais grossos são indicadores de pessoa ociosa (*ignauus*).

O capítulo 61 trata da região do peito, mas o tema será brevemente retomado no 63, pois a exposição concentra-se na região superior do corpo até o capítulo 68.

A última descrição mostra o peito de pior condição física, uma versão mais exagerada da anterior, com mamas caídas, e dotado de características que indicam intemperança – esta condição também é atribuída ao peito no capítulo 64, revelando o indivíduo de vícios intemperados.

Metaphrenon – Parte das costas oposta ao peito

Descrição – <i>Metaphrenon</i>	Características	Comparações
Sólido	viril	_____
Franzino, debilitado	medroso	_____

¹⁹⁸ *Physiognomonica*, tratado pseudoaristotélico: 810b23-4: ὅσοι δὲ τὰ <στηθία> ἔχουσι μεγάλα καὶ διηρθρωμένα, εὐρωστοὶ τὰς ψυχὰς· ἀναφέρεται ἐπὶ τὸ ἄρρεν.

Excesso de carne	estulto	_____
Extensão pequena	estulto	_____
Largo	[convém aos homens]	_____
Levemente arredondado	com presença de espírito, possui algum atrativo na linguagem e nas ações	_____
Dobrado, curva os ombros em direção ao peito	mau, invejoso, desejoso de lucro	_____

O Anônimo adota a transliteração de *μετάφρενον*, *metaphrenon*, para designar a parte do dorso oposta ao peito, ou seja, a parte superior das costas. Os demais tradutores que temos citado até agora preferem adotar seu significado completo, em nossa tradução optamos pela adoção do vocábulo transliterado para simplificar a compreensão já que mais adiante o autor se deterá nas costas de maneira geral. Giambattista Della Porta, em *La fisionomia dell'uomo et la celeste*, livro II, XVIII, opta pelo uso de “metafreno”.

A descrição essencial do peito se aplica de modo semelhante ao *metaphrenon*, pois quando este for sólido e largo é sinal distintivo do homem, repetindo-se aqui ser um sinal viril, como já ocorreu outras vezes, remetendo não apenas ao *ethos* masculino, como também às acepções do adjetivo *uirilis*. Ao passo que o *metaphrenon* franzino indicará a covardia, contrária às características tipicamente masculina.

O *metaphrenon* levemente arredondado é indício de qualidades positivas, mas a qualificação é bem vaga e parece distante do *ethos* ideal, essencialmente masculino nestes últimos capítulos: “[...] este tipo não deve ser rejeitado porque indica o homem com presença de espírito, que possui algum atrativo tanto na linguagem quanto nas ações”.

Há poucas categorias aqui, mas as demais fornecem sinais negativos, portanto, conclui-se que apenas estes dois podem ser considerados adequados, pois se for pequeno ou corpulento (excesso de carne), dois extremos, representam estultícia. O *metaphrenon* dobrado, que força os ombros na direção do peito, harmoniza-se com as clavículas muito fechadas que se comprimem na direção do peito, mas são indícios de um *ethos* inapropriado – este tipo de *metaphrenon* transmite uma imagem de indivíduo com aparência ainda mais fechada e, segundo o autor, quanto mais curvado o corpo, mais forte serão os vícios. Tal constituição física é oposta ao *metaphrenon* largo, que é conveniente ao homem, neste caso, cria-se a impressão de que a parte da frente é aberta e visível – segundo o pseudoaristotélico, 810b30, esta parte deve ser visível e não escondida pelo *metaphrenon*.

O capítulo 63 é breve e conclui de certa maneira o tratamento dado à parte superior composta pelo peito e *metaphrenon* com a orientação de medir a distância do umbigo até a base do peito e da base do peito até o começo do pescoço. Adamantio trata deste aspecto em meio à descrição do peito e do *metaphrenon* (B, 15).

Descrição	Características	Comparações
Parte do peito maior [até início do colo]	prudente	_____
Parte abaixo do peito até o umbigo maior	voraz	_____

A superficialidade do tema não dá margem a muita discussão, mas a boa compleição é novamente tida como bom indício, uma vez que a parte do peito até o colo maior em relação à porção inferior figura uma pessoa de aparência forte, ao passo que o contrário produz um quadro de pessoa desproporcional ou com excesso de peso.

Os tratados de Polemão (B, 15) e Adamantio (B, 15) trazem também um capítulo dedicado a esta análise e, embora o Anônimo seja mais sucinto, há o consenso de que quando a parte abaixo do peito até o umbigo for maior, é um indício de glotonaria. O Pseudo-Aristóteles também menciona este aspecto em duas passagens, 808b5-6 e 810b16-23, reafirmando a glotonaria nas pessoas com a parte do umbigo até a base do peito maior que a parte de cima; o autor ainda acrescenta a insensibilidade a tais pessoas e explica que a gulodice decorre da grande amplitude desta parte do corpo, pois é o local que recebe os alimentos, e, por sua vez, afeta os sentidos, já que a sede deles é comprimida pelo receptáculo da comida, na medida em que se consome os alimentos.

Ventre

Descrição – Ventre	Características	Comparações
Grande, com acúmulo de carne flácida e pendurada	sem juízo, vinolento, intemperado, dedicado à luxúria e ao sexo	_____
Carne firme em excesso	malévolo, artífice do mal	_____
Excessiva profundidade, como se estivesse vazio	medroso, maligno, voraz	_____
Mais flácido, mais afundado	corajoso, magnífico	_____

A análise do ventre concentra-se nos aspectos da carne do corpo, aspecto que já foi adotado nos capítulos precedentes, mas não com tanto destaque.

Ao contrário do que vimos até agora, a carne muito flácida e o ventre afundado são os melhores sinais, mas a profundidade excessiva, como se o ventre parecesse vazio,

indica o *ethos* contrário. A firmeza não é um sinal adequado nesta descrição, mas o excesso de carne constitui, aparentemente, o pior indício, já que aparece em dois dos três tipos negativos.

Plínio afirma no livro XI da *História Natural*, 79, 200, que o ventre gordo pertence aos animais menos inteligentes¹⁹⁹ – a menção é breve, mas se compararmos veremos que a imagem se aproxima do ventre grande, com muita carne flácida da primeira descrição. Na mesma passagem, ao explicar a estrutura do sistema digestivo dos animais em geral, Plínio explica que quanto mais longe for o ventre da entrada do alimento, mais ávido por alimento será o animal.

Polemão, em B, 14, traz uma descrição semelhante ao ventre grande e cheio de carne flácida designa uma pessoa ébria e dedicada ao sexo.

Inserimos o ventre na porção superior do corpo em nossa classificação porque o autor segue a descrição de maneira sequencial e ainda tratará dos flancos, que se estendem entre a parte superior e inferior da estrutura corpórea, e das costas. Não é, contudo, uma sistematização proposta pelo Anônimo, adotamos tal divisão apenas para facilitar a incorporação do princípio hierárquico.

Flancos

Descrição – Flancos	Características	Comparações
Finos, estreitos, cavados	covarde	_____
Cheios de carne, duros	indócil	_____
Arredondados, como se estivessem inchados	loquaz, inane	rã

Os flancos, ou ilhargas como também poderíamos traduzir *latera*, abrangem as partes laterais do corpo na parte superior, dos quadris aos ombros.

Não há dentre as três categorias elencadas algum indício positivo, mas pelas descrições é possível compreender que os flancos devem apresentar dimensão moderada e proporcional ao corpo.

Os sinais desta parte não podem ser analisados isoladamente, portanto, é preciso seguir a regra da observação geral (*epiprepeia*).

O Anônimo parece ter transcrito os preceitos do pseudoaristotélico (810b14-16)²⁰⁰ neste capítulo, onde também temos a analogia com a rã.

¹⁹⁹ “[...] *item minus solertes quibus obesissimus uenter.*” (op. cit., 1983)

²⁰⁰ 810b14-6: ὅσοι δὲ ἐκ τῶν πλευρῶν [810b.15] περίογκοι εἰσιν, οἷον πεφουσημένοι, λάλοι καὶ μωρολόγοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς βοῦς ἢ ἐπὶ τοὺς βατράχους.

Costas

Descrição – Costas	Características	Comparações
Largas, sólidas	viril	_____
Contrário da descrição acima	_____	[próprio de mulher]
Dobradas em corpo delicado	não é tão ruim quanto aquelas que estejam num corpo consistente e sólido	_____
Perto das ilhargas são mais estreitas, como se fossem cingidas	se sobrepuja em todas as virtudes, mais interessado na caça	_____

Entendemos que *dorsum* compreende as costas em sua totalidade, depois de vermos o *metaphrenon* (cap. 62), que corresponde à parte superior das costas.

O texto no princípio é muito semelhante aos textos do pseudoaristotélico (810b10) e de Adamantio (B, 11), os quais são extremamente simplistas na exposição. Adamantio só comenta que o homem nobre tem costas amplas e sólidas, apenas subentendendo o *ethos* feminino como a condição oposta; ao passo que o pseudoaristotélico expõe, além do critério do gênero, que as costas grandes e robustas revelam força, ao passo que as estreitas e fracas denotam suavidade.

Quando dobradas, em corpo delicado (ὄγρως), não é um sinal demasiadamente ruim, pois, como vimos no capítulo 54 (acerca do pescoço), o termo grego não diz respeito ao corpo fraco, mas flexível. Ainda assim, não parecem o tipo ideal, mas a curvatura nas costas sólidas será indício ainda pior.

A comparação feita não recorre aos demais métodos, as ilhargas (*ilia*) são estreitas a ponto de parecerem cingidas – este indivíduo representa o melhor *ethos*, pois é superior em todas as virtudes e se dedica à caça, um atributo viril. A edição árabe de Polemão descreve o indivíduo que tem um bom tipo de costas: são curvadas e pertencem a pessoas que gostam de caçar, mas apresenta outros aspectos indecorosos que denunciam certa imoralidade (B, 12, 29a). Adamantio também insere o interesse pela caça sinalizado pelas costas curvadas, mas com cintura flexível e elegante porque em geral essas costas não são boas (B, 12).

2.3.3. Parte inferior do corpo

Parte inferior da espinha dorsal

Descrição – Parte inferior da espinha dorsal (ὀσφύς)	Características	Comparações
Estende-se largamente, enorme, envolvida por carne flácida	sinal feminino	_____
Alongada, termina pontuda	intemperante no desejo e no medo	_____
Ossos evidentes, moderada, firme	viril	_____

Ao tentarmos sistematizar os traços distintivos de determinada característica, constatamos que não é possível afirmar totalmente a exata correspondência de um sinal físico com disposições éticas específicas. A flacidez do corpo, por exemplo, já se mostrou boa e ruim combinada a outros elementos, tal como na análise do ventre (cap. 64). Na parte inferior da espinha dorsal (*spina*), ou região lombar – como podemos entender ὀσφύς –, a flacidez acompanhada de grande volume é tipicamente feminina e, como tem ocorrido, o *ethos* fica subentendido, levando-nos a lembrar do que foi exposto no princípio do tratado.

Os ossos evidentes vêm acompanhados da espinha firme e de tamanho moderado, além de ser sinal de corpo magro, aspectos que indicam qualidades viris e distinguem-se do tipo feminino, levando-nos a entender o *ethos* masculino que tem sido desenhado desde o início do tratado.

A aparência pontuda já aparecera no nariz (cap. 51) e nos ombros (cap. 58) e em conjunto com outros elementos não é bom sinal, a exemplo do que ocorre com a espinha dorsal.

O Anônimo destaca a relação dos sinais, logo na primeira categoria, com a *epiprepeia* e, considerando a atenção dada a esta parte, percebemos tratar-se de mais uma área em que os sinais não são fortes, logo, não devem ser interpretados isoladamente. A relação com a *epiprepeia* é lembrada com certa frequência pelo autor e é próprio desta obra, visto que outros autores não fazem esta advertência.

Ísquios

Descrição – Ísquios (ἰσχία)	Características	Comparações
Sólidos, duros, ossos distintos	forte, combatente	leão

Enormes, cercados por carne	engenho feminino	_____
Excessivamente desgastados, envolvidos por pele rugosa e fina	mau	macaco

Os ísquios já foram citados no capítulo 5 entre os aspectos do corpo masculino:

[...] O peito alto e proeminente, clavículas soltas, ventre largo e um pouco contraído para dentro, o peito formado por pouca carne, de corpo sólido e consistente, com os ossos sob a bacia – que os gregos chamam *ischia* <ísquios> – bem secos e sólidos.

Na definição do *Houaiss*, ísquio é a porção inferior e posterior do osso ilíaco que, por sua vez, está relacionado à bacia, ao quadril. O Anônimo explica quais são estes ossos antes da análise, esclarecendo que estão localizados na parte que encerra o ventre e onde se encaixa o fêmur, osso da coxa.

Observamos que os ísquios sólidos são tipicamente masculinos, de acordo com a caracterização do início do tratado. Combinados à rigidez e à boa divisão dos ossos, representam o forte e combatente, usualmente atribuídos ao *ethos* masculino e comparado ao leão, animal que costuma representá-lo.

As duas outras espécies apresentadas mostram uma estrutura em que os ossos são diferentes da primeira: atribuídos ao gênero feminino, os ísquios são enormes e estão envoltos por carne, o que já não deixa os ossos visíveis; ísquios desgastados contradizem a solidez que seria apropriada a esta parte do corpo e são comparados ao macaco²⁰¹, espécie descrita com atributos ruins, além da pele fina e porosa que transparece uma condição física mais debilitada.

A última espécie aparenta ser mais difícil de observar os sinais, já que a pele deve ser também analisada detidamente e o desgaste não é algo que se julga facilmente, requer exame atento, mas tanto Polemão (B, 9) quanto Adamantio (B, 9)²⁰² fornecem descrições semelhantes. De fato, inúmeros sinais apresentam tal dificuldade, o que nos faz questionar novamente a finalidade didática dos tratados.

²⁰¹ Cf. capítulo 124 do tratado.

²⁰² Adamantio, B, 9: λεπτά δὲ ὀλιγόσαρκα ῥικνά, ὥσπερ ἐκτετηκότα, πανούργου πρὸς ἀνδρός. τοιαῦτα γὰρ καὶ τὰ πιθήκων.

Pernas

Descrição – Pernas	Características	Comparações
Parte posterior da perna que está sob o joelho muito cheia (embaixo do jarrete)	sujo, intemperado, impudente, caráter servil	gravidez
Grossura e dimensão moderadas, firmes e distintas	melhor tipo de engenho	_____
Moles, sem articulações visíveis	_____	sexo feminino

A definição da parte do corpo que é objeto de análise neste capítulo é um tanto confusa e ocupa mais espaço do que a análise em si. O Anônimo deixa claro ter se baseado em Polemão para os sinais das coxas e que estes são os mesmos que serão citados, neste mesmo capítulo, para a κνήμη, cuja descrição é de que seja a parte superior das pernas, mas, na verdade, corresponde à parcela abaixo do joelho até os pés.

Com base na edição árabe de Polemão, é possível observar que há um capítulo dedicado às pernas, livro B, 8, e um dedicado aos sinais das coxas e quadril, o B, 9 [28b], intercalados pela análise dos joelhos. Concluimos, então, que o Anônimo quer dizer estar de acordo com os sinais deste outro autor a respeito das coxas e do restante da perna, contudo, o que vemos aqui é certa correspondência com as proposições acerca das pernas, já que o capítulo das coxas de Polemão está mais próximo do que o Anônimo expôs no capítulo precedente acerca dos ísquios. Contudo, depois da introdução, o Anônimo declara seguir a acepção de Aristóteles, ou como sabemos, o tratado pseudoaristotélico, que considera κνήμη como a parte da perna abaixo do joelho (810a28) – esta acepção é admitida em *História dos animais*, 494b²⁰³, considerando a coxa como parte imediatamente anterior. Adamantio simplifica e reúne em um único capítulo (B, 8) a análise das coxas e pernas.

Na verdade, temos a impressão de que o Anônimo considera os mesmos sinais para a perna inteira – com exceção dos joelhos, tratado brevemente no capítulo seguinte – visto que não há capítulos específicos para a parte superior. Na verdade, o texto é

²⁰³ 494b1-4: Μετὰ δὲ τὴν κεφαλὴν ἔστιν ὁ αὐχὴν, εἴτα στήθος καὶ νῶτος, τὸ μὲν ἐκ τοῦ πρόσθεν τὸ δ' ἐκ τοῦ ὀπίσθεν. Καὶ ἐχόμενα τούτων γαστήρ καὶ ὄσφυς καὶ αἰδοῖον καὶ ἰσχίον, εἴτα μηρὸς καὶ κνήμη, τελευταῖον δὲ πόδες. [...] “A seguir à cabeça vem o pescoço, depois o peito e as costas, o primeiro do lado da frente, o outro, atrás. Seguem-se o abdômen, a anca, os órgãos genitais e as nádegas; depois a coxa, a perna e, por fim, o pé. [...]” [Tradução: M. de Fátima S. e Silva, op. cit., 2006]

confuso na descrição das divisões da perna, então, mesmo quando se refere apenas a κνήμη, ele estende a análise à coxa.

Após a confusa introdução, temos os sinais que não correspondem exatamente aos postulados dos outros autores, justamente em razão das particularidades que este livro apresenta neste tema em relação aos demais.

A moderação no tamanho e na espessura, além da boa articulação, são sinais do melhor engenho, cuja descrição fica subentendida, embora seja possível afirmar que o melhor *ethos*, ao longo do tratado, é associado ao masculino.

O tipo contrário ao bem articulado é designado por ἄναρθροι, cujas acepções remetem à fraqueza ou mesmo à ausência das articulações; traduzimos “sem articulações visíveis” porque aplica-se bem ao contexto, contrário ao tipo anterior em que se pode identificar facilmente, e conforme o *Greek-English Lexicon* traduz ἄναρθρος, associando ao indivíduo gordo²⁰⁴.

A primeira imagem mostra a perna muito cheia, grossa, a ponto de parecer *grauida*, o adjetivo remete à imagem da barriga pesada pela gravidez ou pode inferir semelhança com inchaço geral no corpo de uma mulher grávida. André e Raina²⁰⁵ preferem adotar a tradução para o adjetivo *gravidus* de maneira distinta, sem levar em consideração a aparência de gravidez.

Joelhos

Descrição – Joelhos	Características	Comparações
Voltados um para o outro e colidem	_____	[imagem feminina]

Apenas uma categoria é analisada em *De Physiognomonica Liber*. Adamantio também faz uma breve análise, bastante próxima a do Anônimo, e divide o capítulo com os ísquios (B, 9). Polemão cita esta categoria destacando a moleza dos joelhos e atribuindo-lhe aos sinais típicos da mulher, vemos ainda a menção dos joelhos proporcionais, bem como a proporção do restante (B, 9).

A boa proporção é lugar-comum na fisiognomonica e passa a ser um princípio na representação do corpo humano durante o Renascimento, como se observa em Leonardo da Vinci e Leon Battista Alberti (XV d.C.), deste último citamos abaixo uma passagem que expõe esse postulado em *Da pintura*, livro II:

²⁰⁴ 3. *Without visible joints*, like fat men.

²⁰⁵ André: “[...] quand elle est pleine et comme enflée [...]”. Raina: “[...] quando è piena e quasi gonfia [...]”.

36. [...] Se numa pintura a cabeça fosse muito grande, o peito, pequeno, a mão, ampla, o pé, inchado, e o corpo, túrgido, certamente essa composição seria feia à vista. Por isso, convém manter certa razão sobre o tamanho dos membros. [...]

37. Assim, pois, apanhado um membro, todos os demais devem acomodar-se a ele de tal forma que nenhum deles deixe de convir com os outros em comprimento e altura. [...] [Tradução: Antonio da Silveira Mendonça]

A ausência de informações a respeito dos joelhos em *De Physiognomonia Liber* pode indicar que o essencial é que os joelhos estejam na posição correta e não haja outros sinais a serem analisados. A imagem descrita é disforme e relacionada à mulher, se considerarmos a posição correta, em harmonia com o restante da perna, subentendemos mais uma vez um *ethos* contrário e, portanto, masculino.

Tornozelos [Σφυρά]

Descrição – Tornozelos [Σφυρά]	Características	Comparações
Tornozelos, extremidades dos pés e calcanhares excessivamente grandes e cheios de carne	estulto, insano	_____
Descrição acima, dedos dos pés mais curtos, pernas enormes	[características acima mais reforçadas]	_____
Sólidos, cuja circunferência é certa, traçada, proporcional; não incomoda os olhos	venerável	_____
Finos	medroso, intemperado	_____

Devido à utilização do grego, o autor explica no princípio qual é a parte que será estudada. Σφυρά (pl. de σφυρόν) correspondem aos tornozelos: “são partes na extremidade das pernas, próximas aos ossos dos calcanhares (*talis*)”. A designação é esclarecedora e nos leva a interpretar *talus* (ausente neste capítulo), que em latim significa, entre outras coisas, “tornozelo”, tem na fisiognomonia um uso mais específico de osso do calcânhar, provavelmente, esta é a razão de se adotar a nomenclatura grega, já que *talus* seria na verdade o osso que “forma o artelho [articulação]” (Saraiva), portanto, liga a perna ao pé e o tornozelo constitui uma parte intermediária.

Os princípios fisiognomônicos aplicam-se na avaliação dos tornozelos, uma vez que, com exceção do último, não se analisa o tornozelo unicamente; reforça-se, portanto,

não apenas a *epiprepeia*, mas também a hierarquia de sinais proposta, já que é uma porção do corpo muito distante dos olhos, o cerne da análise fisiognomônica.

Os dois primeiros tipos que dividimos, na verdade, podem ser considerados praticamente o mesmo, mas o Anônimo insere dois aspectos que tornarão as características mais intensas. Ele ainda diz que Polemão teria observado este tipo cuidadosamente, porém, não há indícios no tratado deste que indique atenção especial (B, 7).

O indivíduo dotado de boas qualidades tem tornozelos sólidos, com circunferência bem definida, proporcional (*honestus*) e, curiosamente, uma informação mencionada somente neste tratado (dentre os mencionados em nossa pesquisa), que os tornozelos não ofendam os olhos, ou seja, que seja agradável à visão. O pseudoaristotélico, 810a25, concentra-se sobretudo no aspecto de boa articulação, sob a designação *διηρθρωμένον*, que o Anônimo já mencionou em outros capítulos (61 e 69) e retoma ao descrever esta única espécie boa de tornozelo bem definido. O indivíduo com este tornozelo é *sanctus*, que traduzimos por “venerável”, é digno de respeito – toda a descrição contribui para reforçar a aparência harmoniosa que constitui um ideal em contraposição aos demais desproporcionais e de características morais inapropriadas.

Pés

Descrição – Pés	Características	Comparações
Extremidades dos pés com nervos distintos e articulações evidentes	nobre, viril	_____
Delicados, envolvidos por considerável quantidade de carne	delicado, feminino	_____
Grossos, curtos	extremamente selvagem	_____
Demasiadamente alongados	doloso, concebe desgraças	_____
Muito finos, curtos	maligno	_____
Arqueados, sola muito côncava e recuada	[é condenável]	_____
Uniformemente planos e sem nenhuma concavidade no meio dos pés, que andam sobre os tornozelos e gastam os sapatos na parte interior;	esperto, maligno	* máscaras dos velhos cômicos

[*sobrancelhas arqueadas (Aristóteles)]		
--	--	--

O autor opõe os sinais dos pés para contrastar o *ethos* viril e o feminino, adotando critérios semelhantes aos capítulos precedentes, desse modo, reforça-se a imagem que vem sendo constituída ao longo do tratado própria de cada gênero. O adjetivo *mollis* serve tanto para descrever os pés femininos quanto o *ethos* correspondente e recupera a debilidade física e moral como disposições éticas do ânimo feminino.

O indivíduo que é doloso lembra-nos os sinais dos olhos que expressam o riso no olhar, côncavos e acompanhados pelo movimento da face, das sobrancelhas e dos lábios, pois são sinais indicadores de pessoa insidiosa que pensa em coisas execráveis e concebe dolos.

Os aspectos excessivos são maus indícios e mesmo no caso dos pés de sola excessivamente côncava, quando não temos a caracterização, sabemos que os indivíduos são condenáveis. Os pés muito planos, por sua vez, são sinal de malignidade. O formato da sola do pé é um último critério que poderia ser somado às descrições anteriores, pois imaginamos que os pés adequados apresentam formato intermediário, aplicando-se a lógica fisiognomônica; neste caso, os melhores pés seriam a primeira categoria apresentada, bem articulados, em que o autor não apresenta este aspecto.

Seria possível considerar tal separação dos critérios como uma irregularidade, porém, recorrendo aos demais autores, vemos que os textos são semelhantes em sua estrutura; ademais, as categorias elencadas não se apresentam de forma ordenada em todo o tratado.

A última descrição do capítulo merece atenção porque traz detalhes da maneira como o indivíduo anda – a movimentação do corpo abrange este aspecto, que será tratado no próximo capítulo desta tese. Aqui a acepção de *crus* não é de perna, mas de tornozelo, André propõe que seja uma tradução para σφυρόν, que estudamos no capítulo anterior; julgando-se pela imagem produzida, podemos pensar numa extensão de sentido e considerar como sinônimo de *talus*, intermediária entre tornozelo e calcanhar.

O Anônimo cita Aristóteles ao descrever pessoas igualmente espertas que teriam sobrancelhas arqueadas, assim como as máscaras dos velhos na Comédia, contudo, não existe esta passagem na fisiognomonía pseudoaristotélica. Tanto Adamantio (B, 6) quanto Polemão (B, 6) não citam esta última comparação com as sobrancelhas arqueadas e Foerster preserva esta parte do texto, possivelmente, o Anônimo pode ter recorrido a outro texto de Aristóteles. Em *História dos animais*, 491b, Aristóteles declara que as

sobrancelhas arqueadas em direção às têmporas indicam um “espírito trocista e dissimulado” (Tradução: M. de Fátima S. e Silva, op. cit., 2006).

2.4. Uma análise etnológica

Conforme vimos nas análises fisiognômicas das partes do corpo, o método etnológico se faz pouco presente em *De Physiognomonia Liber* e, comparando-se com as demais obras de fisiognomonia já citadas, observa-se que os autores dão menos destaque a tal análise, com exceção de Polemão que determina o *ethos* dos gregos como ideal. De qualquer modo, o método etnológico não é ignorado nos tratados e seus princípios devem bastante à teoria médica da qual falamos no primeiro capítulo, além disso, diversos escritores da Antiguidade reconhecem a influência do ambiente sobre o temperamento das populações.

O capítulo 79 é extenso e discorre acerca das cores do corpo que se diferenciam em cada povo. O tratado de Polemão dedica vários capítulos a esta modalidade de análise, do B, 31 ao B, 33, perpassando população de diversas regiões; apenas o B, 33 é dedicado exclusivamente à coloração da pele. Adamantio segue o exemplo de Polemão e adota o método etnológico do B, 33 ao B, 35. No pseudoaristotélico, em meio à descrição de diversas partes do corpo, uma boa parcela do texto discorre acerca do significado da cor do corpo, 812a12-30, contudo, se lembrarmos a brevidade com que muitas partes foram tratadas, pouco se refere às etnias.

Em *De Physiognomonia Liber*, o autor reúne sucintamente o que é proposto em Polemão. A cor negra é atribuída aos etíopes, os egípcios e seus vizinhos, ou seja, aqueles que habitam a região meridional, seu *ethos* é fútil, imbele, medroso e esperto. O Anônimo já mencionou os egípcios no capítulo 9 como astutos, dóceis, fúteis, porém temerários e propensos ao sexo; no capítulo 14, os cabelos crespos são associados aos egípcios que são, sobretudo, medrosos, e aos sírios, que se destacam pela avareza, mas ambos são também astuciosos e ambicionam o lucro. Observa-se na análise destas populações uma caracterização ética viciosa, embora dotados de astúcia, pois são principalmente covardes, qualidade mencionada nos três capítulos que se referem ao egípcio.

A cor branca de tonalidade avermelhada (*albus subrubeus*) é típica dos habitantes de região setentrional, no norte, mostra os fortes e animosos – *ethos* oposto aos habitantes da região meridional, mais distantes do continente europeu. O pseudoaristotélico comenta a coragem dos povos do norte (806b15). A exposição do Anônimo não é tão clara quanto a de Polemão – mas podemos inferir que estão aqui inseridas as populações greco-

romanas, cuja localização espacial é dada em relação aos povos que habitam mais ao sul – pois Polemão afirma que os gregos são de coloração branca misturada ao vermelho e as qualidades atribuídas a eles são todas positivas (B, 32). O *ethos* refere-se, logicamente, à caracterização masculina, enquadrando-se no ideal fisiognomônico, já que a tez não é excessiva em nenhuma cor. Entretanto, Adamantio desenvolve esta descrição dos povos do norte (B, 31) e traz elementos que remetem aos germanos²⁰⁶, neste caso, o *ethos* também combina com tal população que são usualmente representados como fortes, corajosos e indóceis.

Retomando o texto do Anônimo, quando a tonalidade for moderadamente avermelhada representará o engenho dócil e ágil.

No método etnológico, o extremo, assim como vimos em toda a análise fisiognomônica, não constitui um bom indício, visto que a cor intensamente branca representa a covardia e o vermelho evidente em todo o corpo indica o indivíduo doloso.

A palidez, frequentemente associada ao medo, reforça o *ethos* extremamente covarde, a não ser que a causa da palidez seja alguma doença. Há ainda uma variação da coloração pálida, misturada a outra mais escura, o que os gregos definem como μελάγχλωρος, cuja matização nos leva a pensar num tom esverdeado e que denuncia vícios de outra natureza: voracidade, loquacidade e irascibilidade.

A cor *ignitus* traduzimos “vermelho-fogo” e representa insanidade – consultamos acerca desta denominação de cor o livro *Étude sur les termes de couleur dans la langue latine*, de Jacques André, para definir a tradução. O adjetivo *ignitus* significa “inflamado, ardente, brilhante, cintilante, quente, forte” (Saraiva) e intensifica ainda mais a tonalidade do vermelho que remete à insânia.

O Anônimo trata da coloração em partes específicas do corpo, a partir da metade do capítulo 79, e, embora o tratamento dado seja o mesmo, as descrições contemplam figuras do senso comum que indicam características próprias de *pathe*.

Se apenas o peito for coberto por rubor revela um ânimo inflamado pela iracúndia, aqui o indício de vermelhidão parece manifestar-se pelo *pathos* e não tanto por uma característica comum do *ethos*. Recorrendo à análise conjunta, temos uma imagem composta pelas veias do pescoço e das têmporas patentes e os olhos injetados de sangue

²⁰⁶ ὥς δὲ <ἐπὶ τὸ> πολὺ οἱ μὲν ὑπὸ τῇ ἄρκτῳ οἰκοῦντες εὐμήκεις εἰσὶ, ξανθοί, λευκοὶ τὰς κόμας, ἀπαλότριχες, γλαυκοί, σιμοί, παχυσκελεῖς, περιπληθεῖς σαρκὶ λαγαρά, προγάστορες, ἀπλοῖ, θυμοειδεῖς, ὀλιγόβουλοι, θερμόβουλοι, δυσμαθεῖς, οἱ δὲ ὑπὸ τῇ μεσημβρίᾳ μελανότριχες, οὐλότριχες, μελανόφθαλμοι, λεπτοσκελεῖς, εὐμαθεῖς, πολυ-γνώμονες, κουφόνοοι, ψεῦσται, κερδαλέοι, ἐπὶ κλοπᾷ νοήματα ἔχοντες.

aparentam também ser indícios da disposição anímica: irascibilidade, violência e insanidade.

O enrubescimento do rosto revela dois indivíduos distintos: casto ou vinolento. Na sequência, vemos ser possível diferenciar qual característica está presente por meio de outros sinais, já que distam muito, e ainda acrescenta outro tipo, o irascível. Tal aspecto, sabemos, ser frequente na poesia para manifestar o pudor.

[...] Com efeito, caso os olhos tinjam-se de vermelho e tenham alguma umidade, mostram o homem que se entrega ao vinho; caso sejam secos e tinjam-se de vermelho, mostram o irascível; caso não sejam excessivos em tais características, o pudico.

No capítulo 88, o Anônimo discorre acerca de proposições da doutrina peripatética e divide as cores quentes e frias, retomando brevemente a análise etnológica:

[...] quando a carne é seca em um corpo pequeno e de cor quente, mostra um homem ineficiente. Por outro lado, quando a carne é flácida em um grande corpo – que em grego se chama *hygra* – ou a cor é fria, são também ineficientes. Considera-se como cores quentes: negro, fusco, vermelho-fogo e vermelho; a cor fria é o branco; e o intermédio é a que está entre o negro e o pálido – o que os gregos chamam *melagchlon*. A cor quente é, como foi dito anteriormente, sinal que se atribui à região meridional, a cor fria, à setentrional. Por outro lado, quando o corpo é pequeno e envolvido por carne flácida e que tem uma cor das mais frias, ele facilmente termina as coisas que começou e é eficiente. Porém, quando o corpo grande é envolvido por carne seca e tem uma cor das mais quentes é o eficiente e notável nos sentidos.

A interpretação da cor isoladamente não parece o procedimento correto, já que a cor das pessoas pode variar em suas características de acordo com outros traços físicos como o tamanho e a consistência do corpo.

2.5. Análises zoológicas

Em *De Physiognomonia Liber*, após a longa análise dos olhos, temos um comentário acerca do método zoológico como parte fundamental da análise fisiognomônica. A observação deve ser efetuada por meio da conjuntura da semelhança com os animais e os traços típicos do ânimo masculino e feminino, já que alguns animais são tipicamente associados ao *ethos* masculino ou feminino, como já vimos no capítulo 8.

46. [...] Todas as espécies de animais têm suas próprias características, com as quais a semelhança de cada homem deve ser relacionada. Portanto, discernirás se a pessoa corresponde ao tipo masculino ou feminino e a qual dos

animais se assemelha mais, e anunciarás, depois do engenho do animal, acerca tanto do exame de cada parte como de sua totalidade, o que citamos frequentemente.

O autor deixa claro que irá tratar de cada espécie animal, mas esta análise só ocorrerá mais adiante, a partir do capítulo 118. Dada a extensão da obra, fica evidente que a análise predominante é a anatômica, mas as associações com animais foram mencionadas em meio às análises anatômicas, sendo possível identificar os tipos usualmente relacionados a cada espécie animal. A seguir, apresentamos um quadro que resume as características e o *ethos* dos animais relacionados na parte final do tratado.

Descrição – Animais	Aspectos físicos	<i>Ethos</i>
Cavalo – nobre, saltador, animoso no combate, desejoso de vitória, não sofre com o trabalho	cabelo liso e ruivo, faces maiores, colo mais longo, nariz mais aberto, lábio inferior caído	ardente no sexo, jactante, excessivamente contencioso, pouco sábio
Asno – inerte, frígido, indócil, lento, insolente, voz desagradável	pernas grossas, cabeça longa, orelhas grossas e longas, lábios caídos, voz feia	lento, frígido, despreza a penúria e a injúria
Boi – cabeça grande, fronte larga, olhos grandes, boca larga, nariz largo, flancos grandes, ventre mais cheio	_____	indócil, desprovido de prudência, não tem energia para falar e agir, mais lento e mais apto a ser governado do que a governar, não será desonesto, nem injusto, mas forte
Cervo – medroso, veloz, irascível, incauto	alto, membros do corpo mais estreitos, possuidor de faces maiores, caminha velozmente	facilmente provocado à ira, mesquinho, instável, ardente, demasiadamente perspicaz, ineficiente
Leão – mais ávido em comer do que beber, atroz quando é irritado, calmo quando não é incitado, violento quando necessita de alimento, tranquilo quando está saciado, forte e invencível quando luta	cabeça muito grande, olhos bem claros, boca rachada, nariz extenso, pescoço sólido, ombros e peito ingentes, ilhargas mais estreitas, coxas mais secas, extremidades dos pés e das mãos distintas e separadas, um tanto	nenhum sentimento, nenhuma lealdade na amizade, nenhuma religião

	avermelhado, cabelo quebradiço	
Cão – encoleriza-se facilmente, mas se afaga facilmente, entregue aos alimentos saborosos (glutão), ofende-se facilmente (irritadiço), propensar a vigiar	rosto pontudo, boca sulcada, corpo comprido, nariz pontudo, olhos salientes	maledicente, ardente, fútil, encoleriza-se facilmente
Macaco – maligno, ridículo, torpe	pequeno, olhos côncavos e pequenos, barba feia, pescoço curto, rosto enrugado	imita as qualidades dos outros, já que ele próprios é imperfeito
Pato – audaz, preguiçoso, inútil, barulhento	pés largos, pernas curtas, calcanhares grandes, nariz longo e reto, cabeça quase redonda, olhos redondos e brilhantes, costas largas	nada deve ser confiado a esta espécie, pois não retribuirá o que tiver recebido, apresenta pouca lealdade mais porque seja ávido do que pouco fiel; deixa de reclamar o que tiver dado
Lobo – rapinante, irascível, insidioso, audaz, violento	nariz adunco, sobranceiras puxadas para baixo, juntas e abundantes em pelos, olhos pequenos, fechados e um pouco concâvos, cabeça pequena e redonda, corpo peludo, cabelo longo, pernas recuadas e curtas	astuto, ímpio, alegra-se com sangue, propenso à irascibilidade, perverso ao ponto de não receber o que é dado ou oferecido, mas roubar o que não é dado
Tartaruga – inerte, estulto, voraz, que não tem utilidade alguma a si mesmo ou à outra pessoa	mulher – colo curto, costas largas, pés largos, rosto enrugado, principalmente as maçãs do rosto	inepta, ineficiente, desagradável
Cobra – atroz, nociva, insidiosa, ânimo terrível quando estiver determinada, fugaz quando estiver com medo, entregue à gula	cabeça pequena, fina e redonda, olhos pequenos, redondos e claros, colo longo e fino, boca cortada, corpo alongado, peito estreito, movimenta a cabeça velozmente e com facilidade.	homicida, audaz, medroso, inclinado à malícia

Coruja – ociosa, inconstante, nunca permanece nos mesmos lugares, sem sentimento ao ponto de não criar os filhotes, pois o macho cria os filhos, ela copula com os filhotes, habita vários lugares e mora no meio dos muros, de tão preguiçosa	mulher – nariz adunco, faces grandes, olhos grandes e redondos, ombros fortes, costas largas e grossas	não é fiel nem aos filhos, nem ao marido, ignora a parcimônia, mãos inertes, propensa à conversa
Pavão – dedica-se à beleza, estulto, exhibe as partes de trás do corpo, barulhento, voz feminina	esguio, o corpo não será feio, cabeça quase redonda, lindos olhos, pescoço comprido, andar formoso	propenso a prodigalizar, devasso, afeminado
Galo – inepto, ardente no sexo, tem grande confiança na sua aparência e na sua voz	olhos redondos e brilhantes, cabeça pequena e móvel, colo erguido e ombros leves, nos quais está localizada toda sua força e ardor, às vezes se vangloria dos cabelos, com pernas erguidas, uma bela barba, de voz sonora	concede para si mesmo grandiosa honra, orgulhoso ao celebrar os combates, apropria-se das coisas alheias de bom grado, insatisfeito com seus matrimônios, não tem seriedade, nem prudência ou respeito

O método zoológico é constante na *Physiognomonica* pseudoaristotélica, que parece ser a fonte destas analogias em *De Physiognomonia Liber*, embora a composição seja muito mais breve naquele, uma vez que não ganham tanto destaque como em Polemão.

Dois animais estão diretamente associados à mulher, a tartaruga (cap. 127) e a coruja (cap. 129), ambas apresentam um *ethos* ruim, contudo, a coruja é descrita de modo bastante negativo, destacando-se principalmente a preguiça e a infidelidade. A coruja aparece de forma indireta no capítulo 16, no estudo da cabeça, pois as aves de rapina têm cabeça pequena e arredondada e são impudentes; embora aqui não se mencione o formato da cabeça, as duas descrições podem compor a imagem geral da coruja. Tanto a tartaruga quanto a coruja estão ausentes da obra pseudoaristotélica.

15. LE BRUN. *Homem-coruja*16. G. B. DELLA PORTA. *Cervo e Sócrates*

O cervo (cap. 121), embora aqui não se mencione, está relacionado entre os tipos femininos no capítulo 8, quando o autor sistematiza que o método zoológico também apresenta a distinção entre os gêneros. É um animal que apresenta em comum com o ânimo feminino o medo e irascibilidade. O pseudoaristotélico traz o cervo também como covarde, porém, a descrição é de pescoço longo e fino e o rosto ossudo (811a15/ 811b5), condizente com os membros estreitos relatados pelo Anônimo.

O pavão (cap. 130) também se associa ao ânimo feminino em suas características (cap. 8) e sua descrição é baseada na delicadeza e na dedicação ao corpo, características associadas geralmente aos tipos afeminados. Ausente do pseudoaristotélico, mas presente em *Historia Animalium* na enumeração do caráter de diversas espécies, ele é tipicamente invejoso e presunçoso (488b25).

Curiosamente, se analisarmos cada animal, seu correspondente no *ethos* humano não é exatamente igual à caracterização ética do animal e nenhum parece apresentar um *ethos* ideal; o que se verifica é a correspondência entre os aspectos físicos e alguma qualidade ética predominante em comum.

O cavalo (cap. 118) é um animal que aparece com certa frequência no tratado e não é mostrado de maneira muito negativa, porque é forte e orgulhoso, mas é jactancioso e deseja receber elogios, além disso, é pouco sábio, como também vemos no pseudoaristotélico (810b33); no capítulo 48, o cavalo senil é inerte, anulando sua característica mais positiva de boa disposição para o trabalho. O asno (cap. 119) é contrário ao cavalo, pois suas qualidades remetem à inércia e é mencionado junto ao cavalo senil no capítulo 48 – em *Physiognomonica* é colocado ao lado do cervo como covarde (811b6) e é também insolente (813a31).

17. G. B. DELLA PORTA. *Homem-cavalo* 18. G. B. DELLA PORTA. *Homem-asno*

Não temos a descrição ética do boi aqui (cap. 120) porque ele já foi descrito no capítulo 16, cuja comparação se concentra na cabeça: é indolente, pacato, forte e indócil, e, apesar da indolência, corresponde ao forte, justo e honesto. O boi é associado à indolência em *Physiognomonica* (811a29/ 811b5) e ainda definido como triste (813a34).

O leão (cap. 122) é frequentemente atribuído aos indivíduos de *ethos* tipicamente masculino e destaca-se pela força, contudo, a caracterização mostra um homem desprovido de sentimentos e sem religião, o que podemos interpretar como sem piedade ou escrúpulos. Em geral, sua descrição ao longo do tratado indica magnanimidade e força, imagem reforçada em outros tratados de fisiognomonía, inclusive no pseudoaristotélico em que há uma extensa descrição, 809b15, pois o autor só destaca os exemplos mais notáveis de animais e os demais são rapidamente mencionados ao longo do texto, sempre que a comparação é necessária: ele afirma que o leão é o exemplo mais perfeito do tipo masculino e, ainda que sua bravura seja o essencial entre suas qualidades, diz-se ser generoso, orgulhoso, ambicioso e bom com seus companheiros.

O cão de raça nobre é colocado ao lado do leão no capítulo 51, mas a imagem geral que se constrói do cão oscila entre características boas e ruins, ora carinhoso e bajulador, ora irascível – este *ethos* se reforça no capítulo 123. Em *Physiognomonica*, examinando-se as diversas passagens em que o cão é mencionado, o *ethos* também se compõe destas características contraditórias, animoso (812b24), de sentidos desenvolvidos (811b31) e bajulador (812a2).

O lobo (cap. 126) apresenta um *ethos* terrível e é colocado ao lado do macaco (caracterizado como rapinante no capítulo 55) ao revelar o *ethos* típico do rapinante. No pseudoaristotélico, 811a18 o lobo é traiçoeiro e seu aspecto é de pescoço curto – Aristóteles já mencionara isso em *História dos animais* (488b18).

O macaco (cap. 124) é um animal que frequentemente aparece representando a maldade e o indivíduo a ele semelhante é mostrado aqui como alguém imperfeito, portanto, sem qualidades. O mesmo é exposto em *Physiognomonica*, em que ao macaco são sempre atribuídas qualidades negativas em que se destaca a perversidade (810b4/811a27/811b9).

O pato (cap. 125) aparece unicamente neste capítulo e não é mencionado no pseudoaristotélico. O retrato apresentado é extremamente desproporcional e os olhos, indícios mais fortes a serem verificados, são brilhantes, os quais vimos no capítulo 35 não constituírem um bom sinal.

A cobra aparece unicamente no capítulo 128 e não é citado no pseudoaristotélico, no entanto, já ficava subentendida na classificação do capítulo 8 que distingue os animais em terrestres, alados, aquáticos e serpentinos – onde não há exemplo algum do serpentino. Os traços físicos observados isoladamente mostram-se exagerados e, ainda que não seja possível identificar cada um destes sinais no tratado, sabemos que a moderação é importante e este animal não possui aspectos moderados em sua aparência. Em *História dos animais*, 488b16, é um animal vil e pérfido.

O galo (ὄλεκτρον – cap. 131) é citado pelo Anônimo acerca da teoria aristotélica no capítulo 83 e retomado no capítulo 131 com descrição próxima ao pseudoaristotélico, destacando-se, sobretudo, sua propensão ao sexo. No pseudoaristotélico, o galo, que tem o nariz curvado (811b3) e os olhos brilhantes (812b12), representa a lascívia.

Embora a parte dedicada à análise zoológica seja breve e desfile uma quantidade reduzida de animais, outros não são analisados individualmente mas são relacionados em algumas comparações ao longo do tratado.

O bode, citado no capítulo 83, revela no olhar o desejo sexual, já que no capítulo 87 comenta-se que as coxas e pernas excessivamente peludas, típicas do bode, mostram a propensão ao sexo. No capítulo 84, o balido caprino indica a loucura em relação ao sexo. O pseudoaristotélico fala dos olhos caprinos (812b6) e das pernas peludas (812b12) remetendo ao mesmo *ethos* libidinoso.

19. LE BRUN. *Homem-bode*

O porco é outra espécie que aparece constantemente e manifesta a sordidez – passagens das quais tratamos anteriormente –, mas está ausente do pseudoaristotélico. Aristóteles menciona que o porco é um dos animais mansos que podem enfurecer-se (*Hist. dos animais*, 488a).

O leopardo é elencado no ânimo feminino (cap. 8) e suas características são mencionadas no capítulo 46 como insidioso, rígido, atroz e audaz, mas sem os traços físicos distintivos, que ficam a critério do conhecimento prévio do leitor. Em *Physiognomonica*, o leopardo é igualado, de certa maneira, ao leão, porque é um animal corajoso, mas cujas características são próprias do gênero feminino (809b35-810a).

Ainda assim, alguns animais citados no princípio e em meio a descrições diversas não ganham destaque posteriormente. O paralelo com o animal na fisiognomonía efetua-se por meio do silogismo²⁰⁷: é preciso notar a semelhança com o animal, destacar as características típicas deste e então deduzir que o ser humano as tenha. Tal esquema é bem aplicado ao tratado pseudoaristotélico que, conforme mencionamos, não analisa os animais isoladamente, com exceção do leão e do leopardo. O Anônimo utiliza o esquema dedutivo durante as análises anatômicas, mas não é tão sucinto nas análises zoológicas em que parte da descrição do *ethos* do animal, passa à aparência física do homem, subentendendo a semelhança com a aparência do animal e, por fim, a descrição ética do indivíduo relacionado ao animal.

Na conclusão do tratado, capítulo 132, somos lembrados de que os animais são simples e a índole do homem é multiforme, por essa razão, não será incomum

²⁰⁷ Alguns teóricos sugerem o seguinte exemplo para explicar o silogismo:

X lembra um monstro marinho.

Monstros marinhos são vorazes, cruéis e ímpios.

X é voraz, cruel e ímpio. (*De Physiognomonia Liber*, cap. 48)

Cf. BARTON, T. S., op. cit., p. 106; PORTER, M., op. cit., p. 53.

encontrarmos os indícios de mais de um animal que representem características distintas no mesmo indivíduo²⁰⁸.

2.6. Tipologia ética segundo a tradição fisiognomônica

Entre a análise anatômica e zoológica, o Anônimo destina uma parcela do tratado para relatar a tipologia dos tipos de indivíduos conforme sua característica predominante que, na verdade, já foram arrolados na análise anatômica.

Na exposição dos tipos éticos, o Anônimo retoma a teoria das autoridades Loxo e Pseudo-Aristóteles, fica evidente o quanto o autor extraiu das fontes mais antigas, mesmo com a grande distância temporal e cultural, revelando que a fisiognomonia até o século IV d.C. ainda compartilhava dos mesmos pressupostos teóricos. Tendo em vista esta tradição, nada tem a ver a fisiognomonia do *De Physiognomonia Liber* com os desdobramentos posteriores que desacreditaram ainda mais esta prática como uma pseudociência adotada para dar suporte a teorias discriminatórias.

Ao adotar os preceitos de *Physiognomonica*, que hoje acreditamos ter sido composta por dois alunos de Aristóteles com base em sua teoria, o Anônimo insere seu tratado entre aqueles cuja prioridade é expor a fisiognomonia como uma doutrina bem estabelecida, na qual a mântica ou a astrologia não têm espaço.

Segue-se, portanto, uma espécie de resumo das principais características expostas ao longo da análise anatômica. O Anônimo declara no capítulo 80 que é preciso retomar o que já disse, fundamentando-se nas proposições de Aristóteles, Loxo e Polemão:

80. Deve-se agora retomar, como propusemos antes, o que Loxo e Aristóteles empregaram a sua maneira ou interpretaram de modo diferente, ainda que tenhamos também acrescentado algumas coisas nas partes que lhes concernem. De fato, já tratamos a respeito de quase tudo que Polemão disse e está de acordo com os demais autores.

Na sequência deste capítulo, o autor expõe uma espécie de resumo tipológico de Loxo (81-82) muito sucintamente, mas que coincide com os tipos apresentados no pseudoaristotélico (83-88), reunindo os conhecimentos adquiridos a partir destes autores:

89. Acreditamos que são estas as coisas que devem ser observadas em Loxo e Aristóteles e que também percebemos não terem sido ditas ou ditas de outra maneira por Polemão. Com efeito, os três autores concordam entre si em quase todas as outras coisas. [...] informados por poucos exemplos tanto de

²⁰⁸ AUBERT, J. J., op. cit., traz a relação completa dos animais nos tratados de *História dos animais*, Pseudo, Polemão e Anônimo. Cf. p. 69-77.

Aristóteles quanto de Polemão, também nós mesmos sejamos capazes de interpretar e associar os sinais e possamos ser instruídos a respeito do caráter dos homens, ainda que exemplos deste tipo também tenham sido considerados acima.

A partir do capítulo 90 até o 115, temos um capítulo dedicado a apenas um tipo e pela proposição acima compreendemos que o Anônimo faz a análise com base em seus conhecimentos, no entanto, ainda utiliza exemplos de Polemão e extrai muitas coisas do pseudoaristotélico.

Observaremos que mesmo na exposição do Anônimo há certas irregularidades, pois temos, por exemplo, o impudente (94) e o impudico (106) que são categorizados separadamente, mas na verdade designam a mesma qualidade. Contudo, o que salta aos olhos é a repetição do homem pacato nos capítulos 100 e 109, com caracterização semelhante, mas descritos como duas partes isoladas; poderíamos pensar que o segundo é um complemento ao primeiro, mas a hipótese não se sustenta porque há repetição de informação, embora o primeiro seja reduzido e o segundo pareça mais completo. Raina, o tradutor italiano, sugere que o texto esteja incompleto e que o autor pode ter intercalado com a teoria de Loxo, o que André também supõe, já que a descrição do capítulo 100 é semelhante ao do pseudoaristotélico (808a25) e de Polemão (B, 54), mas a sequência do 109 não aparece nestes autores. Portanto, o que na verdade o autor faz no levantamento dos tipos é reunir a teoria dos autores que lhe servem de fonte.

Na tabela abaixo, escrevemos “Aristóteles” de acordo com as menções feitas pelo Anônimo e inserimos as descrições de Loxo por último, que nem sempre correspondem com exatidão ao tipo mencionado, mas deduzimos pelas características éticas. Podemos atribuir ao Anônimo todas as categorias a partir do capítulo 90, conforme sua afirmação no 89, citado acima, no entanto, já vimos que não se exclui a possibilidade dele ter retomado preceitos dos demais, já que tipos semelhantes ganham análise em capítulos diferentes.

A respeito das disposições éticas, já examinamos amplamente neste capítulo e o quadro a seguir expõe todos os elementos constitutivos; ainda assim, vale ressaltar que a tentativa de classificação é, na verdade, um tema já presente na cultura antiga, pois fizeram-se presentes em obras que não se destinavam ao estudo fisiognômico, tal como *Os Caracteres* de Teofrasto e diversas obras de Aristóteles, as quais abordam elementos corpóreos ou comportamentais como forma de reconhecer o *ethos* ou o *pathos*. Vejamos

um excerto da *Ética a Nicômacos* em que Aristóteles procura descrever o indivíduo corajoso:

1116b [...] ἀνδρεῖοι γὰρ εἶναι δοκοῦσι καὶ οἱ διὰ θυμὸν ὥσπερ τὰ θηρία ἐπὶ τοὺς τρώσαντας φερόμενα, ὅτι καὶ οἱ ἀνδρεῖοι θυμοειδεῖς· ἰητικώτατον γὰρ ὁ θυμὸς πρὸς τοὺς κινδύνους, ὅθεν καὶ Ὅμηρος “σθένος ἔμβαλε θυμῷ” καὶ “μένος καὶ θυμὸν ἔγειρε” καὶ “δριμὺ δ' ἀνὰ ῥίνας μένος” καὶ “ἔξεσεν αἶμα·” πάντα γὰρ τὰ τοιαῦτα ἔοικε σημαίνειν τὴν τοῦ θυμοῦ ἔγερσιν καὶ ὁρμὴν. οἱ μὲν οὖν ἀνδρεῖοι διὰ τὸ καλὸν πράττουσιν, ὁ δὲ θυμὸς συνεργεῖ αὐτοῖς· τὰ θηρία δὲ διὰ λύπην· διὰ γὰρ τὸ πληγῆναι ἢ διὰ τὸ φοβεῖσθαι, ἐπεὶ ἂν γε ἐν ὕλῃ [ἢ ἐν ἔλει] ἦ, οὐ προσέρχονται. οὐ δὲ ἔστιν ἀνδρεία διὰ τὸ ὑπ' ἀλγηδόνης καὶ θυμοῦ ἐξελαυνόμενα πρὸς τὸν κίνδυνον ὁρμᾶν, οὐθὲν τῶν δεινῶν προορῶντα, ἐπεὶ οὕτω γε κἂν οἱ ὄντοι ἀνδρεῖοι εἶεν πεινῶντες· τυπτόμενοι γὰρ 1117a. οὐκ ἀφίστανται τῆς νομῆς· καὶ οἱ μοιχοὶ δὲ διὰ τὴν ἐπιθυμίαν τολμηρὰ πολλὰ δρῶσιν. [...]

1116b-1117a [...] O arrebatamento às vezes também é classificado como coragem; as pessoas movidas pela cólera, como animais selvagens lançando-se contra quem os feriu, são tidas como corajosas, porque os homens corajosos são arrebatados; o arrebatamento, mais que qualquer outra emoção, leva os homens a correr perigos (daí as palavras de Homero: ‘esforça-se em seu arrebatamento’, e ‘exacerbou a força e o arrebatamento’, e a amarga indignação brotou de suas narinas’, e ‘seu sangue ferveu’; todas estas expressões indicam exacerbação e um impulso do arrebatamento). Os homens corajosos agem por causa da honra, mas o arrebatamento os ajuda, enquanto os animais selvagens agem sob a influência do sofrimento [...]. **[Tradução: Mário da Gama Kury]**²⁰⁹

As afecções da alma (πάθη τῆς ψυχῆς) em *De anima*, 403a-b, constituem uma grande preocupação na complexa discussão acerca da alma, sem que haja preocupação com as representações imagéticas do *pathos*.

A partir deste levantamento com base em *De Physiognomonía Liber*, é possível agrupar as categorias analisadas sob o critério das características do *ethos*: generoso, misericordioso, amoroso; bajulador, dissimulado; queixoso, amargo/ litigioso, triste; forte, animoso, corajoso – medroso; engenhoso, memória notável; louco, sem juízo; torpe, desejoso de dinheiro, maledicente, insidioso/ mau/ nocivo e estulto, estúpido; estúpido, inábil/ rústico/ ineficiente, inerte – eficiente; impudente, andrógino, impudico, libidinoso, delicado; tagarela, loquaz; comedido/ moderado, calmo, pacato, honesto/ tranquilo. A seguir, inserimos entre parênteses o número dos capítulos.

²⁰⁹ *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora UNB, 3ª ed., 1999.

Tipos	Aspectos físicos	<i>Ethos</i>
Generoso (<i>liberalis</i>)	Aristóteles: fronte mais comprimida na direção do topo da cabeça, começo do nariz achatado (84)	sinal masculino (4) generoso como o leão (84)
Bajulador (<i>κόλακες</i>)	Abaixa-se e dobra todo o corpo (76) Aristóteles: franze as sobrancelhas para baixo, dirige as pupilas para cima, mantém o rosto todo abaixado; semblante tranquilo (83)	inconvenientemente carinhoso, como o cão (76/83)
Queixoso (<i>querulus</i> / <i>μεμψίμοιρος</i>)	Aristóteles: nariz fino e pontudo (83)	[queixoso, rabugento] (83)
Forte (<i>fortis</i>)	Corpo reto, os flancos, as articulações, as extremidades dos pés e das mãos são sólidos, ossos grandes, cabelo mais duro, ventre largo, um tanto côncavo, ombros fortes, escápulas separadas, peito e costas sólidas, <i>ischio</i> duro, panturrilhas sólidas, não falta carne nas pernas, extremidades dos pés com articulações distintas, de cor bem mais viva do que pouco forte, olhar ágil e úmido, olhos não muito grandes, nem excessivamente abertos, tampouco excessivamente fechados, sobrancelhas não são extensas, a fronte não é excessivamente suave, tampouco excessivamente áspera, voz mais dura e mais forte, sobressaindo-se em magnanimidade, respiração tranquila (90) Loxo: pelos densos, abundantes e espessos que nascem dentro do nariz – ânimo imperturbável e duro (82)	celtas (9) corajoso, forte (90)
Medroso (<i>timidus</i>)	Cabelo mais macio, conjunto da aparência mais relaxada, colo mais longo, de cor negra, pálida ou branca, mas também um branco pálido, olhos secos e perturbados, pálpebras rápidas e móveis, respiração ofegante assustada, pernas finas, extremidade da espinha dorsal longa, peito fraco, mãos muito longas, voz suave e sonora (91) Loxo: pupilas fora de sua posição e voltadas em direção às orelhas, pupilas voltadas em direção ao nariz mostram o excesso em todas as coisas (81)	medroso, fraco (91) ânimo aprazível e pacato e espírito medroso (81)
Engenhoso (<i>ingeniosus</i>)	Não deve ser muito alto nem muito baixo, de cor branca misturada também com rubor, cabelo loiro não totalmente crespo nem liso, corpo reto, membros do corpo grandes, articulações distintas, com quantidade moderada de carne, um tanto mais flácida, pernas e	[engenhoso] (92) dedicado aos amores, boa memória, ardente (111)

	coxas razoavelmente mais grossas, panturrilhas robustas, articulações das mãos e dos pés fortes, dedos simples, moderadamente alongados e separados entre si, rosto não é cheio de carne e, tampouco, excessivamente magro, olhos úmidos, brilhantes e <i>charopoi</i> (92)	
Sem juízo (<i>qui sine sensu est</i>); Louco (<i>furiosus</i>)	cor excessivamente branca ou negra, cercado por carne em excesso, ventre demasiadamente proeminente, pernas grossas, com pequenas articulações ligadas e apertadas, clavículas excessivamente juntas e fechadas, pescoço largo e curto; extremidades das mãos e dos pés imperfeitas, maçãs do rosto e faces acumuladas de carne, fronte arredondada, o olhar não é penetrante, nem poderoso, mas aberto (93) Aristóteles: protuberância na fronte sobreposta às sobrancelhas (85) Loxo: nasce com olhos tortos (81)	não tem juízo (93) tolo, delirante, estúpido (85) tendem à insanidade (81)
Torpe (<i>turpis</i>)	Aristóteles: cor variada, como se fosse salpicado por lentilha; rosto feminino, a parte preta dentro do olho [pupila] de cor bem mais forte, olho esquerdo é esverdeado (85) Polemão: fronte esticada, faces delicadas, boca larga, pescoço delgado, pernas grossas, pés cheios como se tivesse carne acumulada, voz feminina, vocabulário de mulher, os membros e todas as articulações sem vigor, largas e frouxas (40)	cultiva vida torpe e ações torpes, tanto as mulheres quanto os homens; age torpemente com os outros, homem facilmente seduzido (85) sofreu todas as coisas torpes e fez estas mesmas coisas que sofreu, maledicente, temerário, inclinado a fazer o mal, vendia às escondidas um veneno mortal (40)
Inábil e rústico (<i>imperitus et rusticus</i>); Ineficiente (<i>inefficax</i>)	Passos pequenos e parados (75) Aristóteles: ergue os braços quando anda, movimentamos imoderadamente, se apoia sobre os calcanhares (85)/ carne seca em corpo pequeno, cor quente; carne flácida em corpo grande, cor fria (88)	[inábil, rústico] (85) [ineficiente] (75, 88)
Eficiente (<i>efficax</i>)	Passos longos (75) Aristóteles: corpo pequeno e envolvido por carne flácida, cor das mais frias; corpo grande envolvido por carne seca, cor das mais quentes (88)	magnânimo e eficiente (75) facilmente termina as coisas que começou, eficiente, notável nos sentidos (88)
Impudente (<i>impudens</i>)	Olhos abertos, claros, com as pálpebras muito separadas, pés e mãos grossas, olhando atentamente de	impudente, injurioso (94) como o corvo (83)

	<p>frente, erguendo-se bem alto, de cor vermelha, voz aguda (94)</p> <p>Aristóteles: começo do nariz fino (83)</p> <p>Loxo: olhos secos ou esverdeados (81)</p>	
Inerte (<i>iners</i>)	<p>Lábios que pendem moles (48)</p> <p>Aristóteles: olhos bastante expostos (83) pernas encurvadas (86)</p>	<p>como o asno (48, 83) e cavalo senil (48)</p> <p>lento nos sentidos, deleita-se com a depreciação dos outros (86)</p>
Tagarela (Ἀδόλεσχος)	Aristóteles: grandes orelhas e voltadas em direção ao rosto, pés recurvados em forma de foice, voz nasalizada, flancos inchados e recurvados, joelhos são repuxados para dentro (86)	ocioso que se reúne em um determinado lugar, dedica-se às narrações absurdas e estúpidas (86)
Comedido e moderado (<i>temperatum atque moderatum</i>)	Voz mais grave, andar lento, o movimento das pálpebras comedido, não é repetitivo, nem com longo intervalo, olhos <i>charopoi</i> , os quais não brilhem tanto quanto apresentem umidade, rosto tingido por um belo rubor (95)	[comedido, moderado] (95)
Calmo (<i>securus</i>)	Não tem a fronte coberta por pele fina, mas por uma carne mais grossa, suave e baixa, o rosto inteiro mais cheio do que magro, como se tivesse acabado de acordar ou esteja muito perto de dormir, olhos úmidos, bem claros e que olham atentamente sem inconvenientes, se move tranquilamente, voz branda (96)	[calmo] (96)
Pacato (<i>mansuetus</i>)	<p>Todo o semblante apazível, envolvido por carne flácida e um tanto mais grosso, membros do corpo de tamanho moderado, olhos tranquilos e vagarosos, movimento do corpo inteiro vagaroso, voz mais grave, extremidade do cabelo erguida em cima da cabeça (100)</p> <p>Rosto sólido e forte, carne mais ampla e flácida, corpo mais para grande que pequeno, com medidas do corpo congruentes entre si, consideravelmente inclinado para trás, extremidade do cabelo recuada para a parte de cima da cabeça, extremidades das mãos e dos pés <i>glaphyrai</i> <côncavas>, porém, não é um aspecto uniforme tampouco amontoadado, mas dividido, como se fosse entalhado ou cinzelado (109)</p> <p>Loxo: olhos de cor forte (81); poucos pelos dentro do nariz e moles (82)</p>	<p>[pacato] (109, 81)</p> <p>propensos ao desejo e às lágrimas (81)</p> <p>sociável e dócil (82)</p>

Nobre e tranquilo (<i>honestas morum et tranquillitas hominis/ κόσμιος</i>)	Aristóteles: move-se mais lentamente, fala grave, tem antes uma voz resultante de uma respiração debilitada do que bem definida e clara [κοιλοστομία] <voz cava>; os olhos não são bem claros, serão mais escuros, não são bastante fechados, nem abertos, pálpebras lentas (107) Loxo: cantos dos olhos recortados de forma pontuda, apenas se a carne dos olhos for cor de sangue (81)	[honesto, tranquilo] (107) íntegro, confiável (81)
Triste (<i>tristis</i>)	Anônimo: rosto fino, fronte enrugada, sobrancelhas voltadas para dentro, cílios eriçados (97) Aristóteles: rosto todo enrugado (88)	[triste] (97, 88)
Andrógino (<i>androgynus/ ἀνδρόγυνος</i>)	Olhos úmidos que olham com impudência, pupilas agitam-se e voltejam, fronte e faces se enrugam, sobrancelhas não ficam imóveis, pescoço inclinado, extremidade da espinha dorsal não repousa, postura vacilante em todas as partes do corpo, muitas vezes salta na ponta dos pés e mais frequentemente ergue-se sobre os calcanhares, seus joelhos colidem, quase sempre move para frente a palma das mãos, fica examinando ao redor de si mesmo, a voz fina como se fosse nasalizada na garganta, quase uma chilreada, às vezes, não é desagradável, não interessa se é excessivamente lenta ou apressada (98)	está entre o homem e mulher (98)
Amargo e litigioso (<i>amarus est et litigiosus</i>)	Tem a necessidade de sorrir um pouco, o que a irascibilidade acostumou-se a fazer no rosto de tais pessoas, quase pálido, pálpebras ovais e os olhos secos, fronte enrugada, a voz enérgica, respiração ofegante, pesada, frequentemente baterá as mãos ou as entrelaçará entre si, mais frequentemente dará pancadas no chão com os pés (99)	[amargo, litigioso, irascível] (99)
Dissimulado (<i>occultus/ ἔρπωνες</i>)	Pele relaxada ao redor dos olhos, olhos treinados numa imagem de bondade, voz abaixada, fácil e fluente, andar e linguagem são moderados para que possam estar bem próximos do ritmo (101) Aristóteles: apresenta expressão de zombaria ou aspiração do nariz, estremecimento muito grande do rosto, recuo da boca, como costuma acontecer no riso ou expressando sua indignação quando se serve do discurso irônico (84)	dissimulado e de caráter obscuro, fala fingida e simulada por muito tempo, recusa para si mesmo aquilo que prefere nos outros, até que obtenha o que se propôs a obter (101)
Desejoso de dinheiro (<i>qui</i>)	Membros do corpo pequenos, olhos pequenos, rosto pequeno, andar apressado, encurvado, voz apressada e	[desejoso de dinheiro] (103)

<i>pecuniae cupidi sunt)</i>	aguda, rosto aparenta como se estivesse transbordado de rubor (103)	
Maledicente (<i>maledicus</i>)	Peludo, cabelos pretos e lisos, peludo na boca, no queixo e nas têmporas, olhos de cor carregada, brilhantes, loucos (103) Aristóteles: a parte que está sobre as gengivas e a extremidade do lábio superior salientam-se, ou seja, o centro do espaço entre o nariz e a extremidade do lábio superior; lábio superior alto, rosto muito inclinado para frente, peludo, avermelhado (87)	propenso ao desejo, interessado na pantomima e maledicente (103)
Nocivo e estulto (<i>nocens cum stultitia</i>); Insidioso (<i>insidiosus</i>)/ Maligno (<i>malignus</i>); μωροβλάπτῃς)	Olhos um tanto fechados, as pálpebras se unem, fecham e abrem frequentemente, apresentam o caráter que deve ser compreendido como. Aristóteles: pescoço curto, como se estivesse fincada no resto do corpo (84) Polemão: cabelo denso e arrepiado como no frio, cabeça estreita e torta, orelhas enormes dobradas e quase como se estivessem caídas, pescoço duro, têmporas arredondadas e não suaves, mas côncavas; fronte estreita e áspera, olhos pequenos, escuros, secos, côncavos, pouco lacrimejantes e rígidos, faces estreitas e alongadas, lábios muito longos, boca demasiadamente cortada, sempre aberta e como se o rosto tivesse sido fendido, toda a extensão da sua boca é aberta, encurvado, barriga proeminente, pernas grossas, articulações dos pés e das mãos largas e duras, cor um pouco pálida, a borda das pálpebras inchadas de modo que afirmarias que ele sempre está acometido por embriaguez ou sono, voz semelhante à das ovelhas, impudente, feio e abominável; um espasmo contrai com muita frequência seus ombros e pálpebras (105)	maligno, insidioso e nocivo (39) comparado aos animais: a estultícia é assim nos homens, ora mais feroz, mais brava e mais grosseira, ora mais sociável e mais branda (104) o mais criminoso (105)
Estúpido (<i>stolidus</i>)	Aristóteles: virilha grande e lanugenta (85); cor semelhante ao chumbo e matizado por manchas redondas, cor toda sem brilho, pele grossa e rugosa, ventre redondo e proeminente, carne mais dura, panturrilhas são grossas e musculosas, rosto e nariz são grossos (86)	[estúpido] (85, 86)
Invejoso (<i>invidus</i>)	Aristóteles: partes do lado esquerdo maiores, sobrancelhas são puxadas na direção dos olhos (86)	[invejoso] (86)

Animoso (<i>animosus</i> / θυμοειδής)	Corpo reto, flancos sólidos, estreito e bem proporcional em todos os membros, quase vermelho; escápulas grandes, separadas, largas, as extremidades dos pés e das mãos grandes e compactas, peito e virilha sem pelos, a barba cresce facilmente, extremidade do cabelo caída para baixo, fronte arredondada, cabelo não é nivelado, mas fica levantado; sobrancelhas ameaçadoras e erguidas, começo do nariz um tanto mais baixo (108) Aristóteles: faces, depois do começo da juventude, mais duras e imberbes, extremidade do queixo coberta por barba (84) Loxo: corte ao redor das pálpebras redondo (81)	[animoso] (108, 84, 81)
Corajoso (<i>uirtutem animi</i> / <i>uirtuti assignari</i>)	Ventre um tanto mais flácido e mais afundado (64) Aristóteles: coxas mais secas, de ossos firmes (87)	[corajoso] (64, 87)
De memória notável (<i>quibus memoria uiget</i>)	Partes superiores do corpo menores, também são côncavas e mais secas (114)	[tem memória notável]
Misericordioso (<i>misericors</i>)	Membros do corpo côncavos, cor branca, olhos pretos, parte superior do nariz mais fina (110)	propenso às lágrimas, dedicado às mulheres, produz mais facilmente a linhagem feminina, caráter praticamente multiforme (110)
Amoroso (<i>qui amoribus est deditus</i>)	Olhos quase lacrimejantes e quase pálidos (111)	dedicado aos amores, boa memória, engenhoso, ardente (111)
Libidinoso (<i>libidinosus</i>)	Branco, corpo peludo com pelos retos, partes da boca peludas com pelos lisos, firmes e pretos, têmporas são igualmente peludas com pelos semelhantes; olhos muito vagarosos e úmidos, pernas finas, com nervos entesados e peludas, ventre gordo, queixo retorcido na direção do nariz de modo que haja certa concavidade entre o nariz e o queixo, uma veia nos braços, pelos ralos nas pálpebras e que caem (112) Aristóteles: olhos caprinos; olhos mais redondos e brilhantes (83); intensifica a voz de maneira que a enrouqueça, tornando-a próxima do balido caprino (84); pênis pequeno e seco, membro reto, mas sem estar ereto, e que têm o rosto muito próximo do feminino bem como	intemperados nos desejos (112) como o bode; galo, insaciável no sexo dedicado às mulheres (85) propenso ao coito e ágil; propenso ao sexo (87) ardente e ávido de desejo (82)

	<p>a aparência do restante do corpo (85); panturrilhas são repuxadas na direção dos joelhos ou dos jarretes; coxas e pernas excessivamente peludas (87)</p> <p>Loxo: numerosos pelos dentro das orelhas, muito espessos e longos</p>	
<p>Impudico</p> <p>[<i>inuerecundus</i>]</p>	<p>Olhos abertos e claros, pálpebras grossas e cor de sangue, um tanto encurvado, escápulas salientes em forma de ponta, não tão erguido, mas mais inclinado para frente, de movimentação ágil, tingido de rubor, cor de sangue que transparece um pouco na superfície, rosto redondo, peito repuxado na parte superior e a pálpebra inferior mais grossa; cabeça alongada em forma de martelo e é proeminente na frente e atrás, pele da boca é esticada (106)</p>	<p>[impudico] (106)</p>
<p>Delicado (<i>mollis</i>/</p> <p>κινναῖδος)/</p> <p>Afeminado</p> <p>(<i>cinaedus</i>)/</p> <p>Efeminado</p> <p>(<i>effeminatus</i>)</p>	<p>Cabeça inclinada para o lado, escápulas unidas, ergue os calcanhares, quase sempre tem os pés juntos, quando fala bale como ovelhas, olha para seu nariz e o endireita e ajusta com seus próprios dedos, pisa com atenção e esmaga o que ele mesmo ou os outros cospem, examina as partes de seu próprio corpo que parece considerar como as mais bonitas, frequentemente sorri delicadamente ao falar, tem a voz como se estivesse rachada, sobrancelhas separadas, abaixa a borda da pálpebra superior cobrindo a inferior; quando pula, as escápulas também saltam, move o corpo como mulheres, braços virados ao contrário, estende a túnica na região dos rins, grita quando ri, frequentemente agarra as mãos dos outros (115); pescoço penso ou pescoço inclinado para a esquerda (55); cabelo macio (73); move o corpo todo, clara e evidentemente (76).</p> <p>Aristóteles: inclinação da cabeça para a direita (55); corpo e rosto viril e um dos olhos esverdeado; caminha com os calcanhares para dentro e os pés voltados para fora (85); nádegas com considerável quantidade de carne (87)</p> <p>Loxo: uma parte grande da pupila é encoberta pela pálpebra inferior (81)</p>	<p>[delicado, afeminado] (115)</p> <p>afeminado (= efeminado) (55)</p> <p>excessivamente efeminado (73)/ efeminado (76, 87)</p> <p>dedicado aos homens; deseja a relação anal (85)</p> <p>ânimo mais delicado, inútil, misericordioso e de espírito mesquinho (81)</p>

3. Fisiognomonía e retórica

Fizemos, até agora, uma análise voltada quase exclusivamente aos ensinamentos do tratado *De Physiognomonía Liber* e, para tal, nos aproveitamos de preceitos retóricos há muito estabelecidos ao adotar o critério de virtude e vício para estudar os retratos fisiognomônicos.

Barton²¹⁰ destaca Teofrasto na construção de “estereótipos” familiares à retórica, mas lembra que o uso de caracteres estereotipados, na verdade, é comum na Comédia, na Sátira e na Oratória. Contudo, se observarmos a *Ética a Nicômaco*, IV, 7 (1127a) vemos uma abordagem distinta de Teofrasto, pois Aristóteles traz uma descrição mais complexa, preocupado de fato com as disposições éticas do jactancioso, do dissimulado e do modesto; mesmo na *Retórica*, livro II, sua discussão acerca do caráter do jovem, do idoso e dos que estão no auge da vida revelam qualidades variadas de cada *ethos* e suas paixões.

R. L. Hunter²¹¹ declara que *Os Caracteres* de Teofrasto são “uma série de esquetes de ações típicas de um determinado tipo de indivíduo; cada ação ilustra a característica que define essas pessoas [...]” e questiona alguma influência desta obra sobre os personagens da Comédia.

[...] Teofrasto mostrou como construir um personagem típico ilustrando como tal personagem se comporta em uma série de situações isoladas e não relacionadas; o denominador comum em todas estas situações será a característica central envolvida. Personagens cômicos são, no entanto, retratados de uma forma um pouco diferente. Em primeiro lugar, pouquíssimos personagens cômicos são tão planos e unilaterais quanto os modelos de Teofrasto. [...] Personagens cômicos não são de forma alguma “seres humanos reais”, mas costumam ter mais de uma dimensão. (p. 196)

Na exposição da retórica epidítica em sua *Retórica*, Aristóteles discorre acerca da virtude e enuncia o vício como seu oposto. Desfilam uma série de virtudes que constituem o tema dos elogios ou encômios e a censura baseia-se no vício.

I. 1366a [...] λέγωμεν περὶ ἀρετῆς καὶ κακίας καὶ καλοῦ καὶ αἰσχροῦ· οὗτοι γὰρ σκοποὶ τῷ ἐπαινοῦντι καὶ ψέγοντι· συμβήσεται γὰρ ἅμα περὶ τούτων λέγοντας κακεῖνα δηλοῦν ἐξ ὧν ποιοὶ τινες ὑποληφθῆσόμεθα κατὰ τὸ ἦθος, ἥπερ ἦν δευτέρα πίστις· ἐκ τῶν αὐτῶν γὰρ ἡμᾶς τε καὶ ἄλλον ἀξιόπιστον δυνησόμεθα ποιεῖν πρὸς ἀρετὴν. ἐπεὶ δὲ συμβαίνει καὶ χωρὶς σπουδῆς καὶ μετὰ σπουδῆς ἐπαινεῖν πολλὰκις οὐ μόνον ἄνθρωπον ἢ θεὸν ἀλλὰ καὶ ἄνυχα καὶ

²¹⁰ BARTON, T. S., op. cit., cf. p. 110.

²¹¹ *A Comédia Nova da Grécia e de Roma*. Organizador da tradução: Rodrigo Tadeu Gonçalves. Curitiba: UFPR, 2010. Cf. p. 194-201.

τῶν ἄλλων ζῳῶν τὸ τυχόν, τὸν αὐτὸν τρόπον καὶ περὶ τούτων ληπτέον τὰς προτάσεις, ὥστε ὅσον παραδείγματος χάριν εἵπωμεν καὶ περὶ τούτων. καλὸν μὲν οὖν ἐστὶν ὃ ἂν δι' αὐτὸ αἰρετὸν ὃν ἐπαινετὸν ᾗ, ἢ ὃ ἂν ἀγαθὸν ὃν ἡδὺ ᾗ, ὅτι ἀγαθόν· εἰ δὲ τοῦτο ἐστὶ τὸ καλόν, ἀνάγκη τὴν ἀρετὴν καλὸν εἶναι· ἀγαθὸν γὰρ ὃν ἐπαινετὸν ἐστὶν. ἀρετὴ δ' ἐστὶ μὲν δύναμις ὡς δοκεῖ ποριστικὴ ἀγαθῶν καὶ φυλακτικὴ, καὶ δύναμις εὐεργετικὴ πολλῶν καὶ μεγάλων, καὶ πάντων

[1366b] περὶ πάντα· μέρη δὲ ἀρετῆς δικαιοσύνη, ἀνδρεία, σωφροσύνη, μεγαλοπρέπεια, μεγαλοψυχία, ἐλευθεριότης, φρόνησις, σοφία. ἀνάγκη δὲ μεγίστας εἶναι ἀρετὰς τὰς τοῖς ἄλλοις χρησιμωτάτας, εἴπερ ἐστὶν ἡ ἀρετὴ δύναμις εὐεργετικὴ [...]φανερὸν γὰρ ὅτι ἀνάγκη τὰ τε ποιητικὰ τῆς ἀρετῆς εἶναι καλὰ (πρὸς ἀρετὴν γάρ) καὶ τὰ ἀπ' ἀρετῆς γινόμενα, τοιαῦτα δὲ τὰ τε σημεῖα τῆς ἀρετῆς καὶ τὰ ἔργα·

I. 1366a [...] falemos da virtude e do vício, do belo e do vergonhoso; pois estes são os objectivos de quem elogia ou censura. Com efeito, sucederá que, ao mesmo tempo que falarmos destas questões, estaremos também a mostrar aqueles meios pelos quais nós deveremos ser considerados como pessoas de um certo carácter. Esta era a segunda prova; pois é pelos mesmos meios que poderemos inspirar confiança em nós próprios e nos outros no que respeita à virtude. Mas, como muitas vezes acontece que, por brincadeira ou a sério, louvamos não só um homem ou um deus mas até seres inanimados ou qualquer animal que se apresente, devemos de igual modo prover-nos de premissas sobre estes assuntos. Falemos, portanto, também delas, pelo menos a título de exemplo.

Pois bem, o belo é o que, sendo preferível por si mesmo, é digno de louvor; ou o que, sendo bom, é agradável porque é bom. E se isto é belo, então a virtude é necessariamente bela; pois, sendo boa, é digna de louvor. A virtude é, como parece, o poder de produzir e conservar os bens, a faculdade de prestar muitos e revelantes serviços de toda a sorte e em todos os casos. **[1366b]** Os elementos da virtude são a justiça, a coragem, a temperança, a magnificência, a magnanimidade, a liberalidade, a mansidão, a prudência, e a sabedoria. As maiores virtudes são necessariamente as que são mais úteis aos outros, posto que a virtude é a faculdade de fazer o bem. [...] pois é evidente que tudo o que produz a virtude é necessariamente belo (porque tende para a virtude), assim como é belo o que procede da virtude; e são estes os sinais e as obras da virtude.

[Tradução: Manuel A. Júnior; Paulo F. Alberto; Abel do N. Pena]

A *Retórica a Herênio* (I a.C.) herda preceitos da doutrina peripatética e aprofunda a discussão acerca do elogio e do vitupério. Os elementos constituintes do elogio, observáveis nesta teorização, interessam à teoria fisiognomônica.

III, 10. [...] *Rerum externarum sunt ea, quae casu aut fortuna secunda aut aduersa accidere possunt: genus, educatio, diuitiae, potestates, gloriae ciuitas, amicitiae, et quae huiusmodi sunt et quae his contraria. Corporis sunt ea, quae natura corpori adtribuit commoda aut incommoda: uelocitas, uires, dignitas, ualetudo, et quae contraria. Animi sunt ea, quae consilio et cogitatione nostra constant: prudentia, iustitia, fortitudo, modestia, et quae contraria sunt.*

[...] Coisas externas são aquelas que podem acontecer por obra do acaso ou da fortuna, favorável ou adversa: ascedência, educação, riqueza, poder, glória, cidadania, amizades, enfim, coisas dessa ordem e seus contrários. Ao corpo pertence o que a natureza lhe atribuiu de vantajoso ou desvantajoso: rapidez, força, beleza, saúde e seus contrários. Dizem respeito ao ânimo as coisas que comportam nossa deliberação e reflexão: prudência, justiça, coragem, modéstia e seus contrários. **[Tradução: Ana Paula C. Faria & Adriana Seabra. Grifo nosso]**²¹²

Antes, na *Retórica a Herênio*, o autor aborda como discorrer acerca de temas que são dignos de elogio ou vitupério, III, 5-6:

[5] [...] *Modestiae partibus utemur, si nimias libidines honoris, pecuniae, similibus rerum uituperabimus; si unam quamque rem certo naturae termino definiemus; si quod cuique satis sit, ostendemus, nimium progredi dissuadebimus, modum uni cuique rei statuemus.*

[6] *Huiusmodi partes sunt uirtutis amplificandae, si suadebimus, adtenuandae, si ab his dehortabimur, ut haec adtenuenter quae supra demonstraui. [...]*

Usaremos as partes da modéstia se vituperarmos o desejo excessivo de honrarias, dinheiro e similares; se mantivermos cada coisa no seu limite definido por natureza; se mostrarmos o quanto é suficiente em cada caso; dissuadirmos de buscar o que é excessivo e estabelecermos a medida de cada coisa.

6. Partes da virtude como essas devem ser amplificadas se as aconselhamos, atenuadas se delas dissuadimos, de modo que o que mostrei acima seja enfraquecido. [...]

No discurso retórico, vemos que é preciso amplificar as características que se querem destacar, como o exemplo em que se vitupera a condição oposta da modéstia exagerando em sua descrição, desse modo, constrói-se um quadro do que seja adequado, sempre contrário ao que é excessivo. Os autores fisiognômicos buscam mostrar que o

²¹² Para todas as citações da *Retórica a Herênio*, adotamos a edição: SEABRA, A. & CLESTINO A. P. São Paulo: Hedra, 2005. Doravante, não mencionaremos os tradutores nos demais excertos citados, extraídos desta edição.

excesso é inadequado e, constantemente, compõem quadros viciosos para reconhecermos o meio-termo como forma mais apropriada.

Quintiliano (I d.C.) lista nas *Instituições Oratórias*, V, 10, 23-7, os argumentos que devem ser utilizados na descrição de pessoas em que inúmeros elementos, de natureza variada, são lembrados como tópicos, tais como a origem, a pátria, o sexo, a idade, a educação, a aparência, a força, a riqueza, a condição social, o ânimo e o ofício. Esta proposição de Quintiliano está em conformidade com a teoria já apresentada na *Retórica a Herênio*.

Quintiliano comenta brevemente alguns *communes loci* dos vícios mencionados no discurso epidítico, II, 4, 22, mencionando o indivíduo adúltero (*adulter*), viciado em jogo (*aleator*) e atrevido (*petulans*). *Adiantei local

Logicamente, a abordagem retórica é distinta dos tratados fisiognomônicos, pois estes estão fundamentados na relação entre corpo e ânimo, ao passo que, na retórica, são tópicos a serem falados no discurso com a finalidade de elogiar ou vituperar qualidades do indivíduo. O *De Physiognomonia Liber*, sobretudo, herda grande parte de uma teoria mais antiga que remete a inúmeras proposições aristotélicas, conforme se observa ao analisar o tratado pseudoaristotélico em analogia com outras obras aristotélicas. De qualquer forma, é evidente certa influência na relação entre virtude e vício presente na fisiognomonia, em que o belo, neste caso, um retrato harmonioso, traduz um bom caráter.

Questionamos, inúmeras vezes, o fato de não serem descritos de modo sistemático os traços físicos indicadores de vícios e os de virtudes, muitas vezes, o tipo virtuoso está implícito. O fato é que o *De Physiognomonia Liber* pretende expor a teoria fisiognomônica, não apenas listando os ensinamentos, mas deixando evidente os princípios tradicionais da fisiognomonia. Em Polemão, fonte declarada do Anônimo e do qual extraiu inúmeros exemplos, o tratado mostra certa finalidade retórica ao declarar constantemente aquilo que é digno de censura, o autor cita exemplos de contemporâneos para nomear os piores tipos de homem. Como destaca Barton²¹³, Polemão emprega os lugares-comuns da invectiva e, visto que ele repetidamente lembra que algo deve ser condenado ou elogiado, não se trata de uma afirmação acidental e os exemplos não são casualmente inseridos; com isso, o autor utiliza o tratado fisiognomônico como uma forma de atacar seus rivais que, segundo Barton, eleva sua invectiva utilizando a *techne*

²¹³ BARTON, T. S., op. cit., cf. p. 111-113

retórica, cujos métodos se fundamentam em *topoi* da invectiva²¹⁴. O Anônimo também utiliza expressões de condenação ou aprovação, tal como “*non omnes laudabiles*” (cap. 37), mas não ganham a mesma conotação de Polemão, já que parece meramente enunciar quais sinais sejam ou não condenáveis de acordo com a fisiognomonía, sem produzir o elogio ou vitupério de algum indivíduo específico.

Os tratados retóricos reconhecem ainda variados procedimentos que operam por meio da descrição física, numa tradição que remonta às teorias peripatéticas observadas em *Physiognomonica* e estão presentes na retórica latina. Vejamos algumas figuras explicadas na *Retórica a Herênio*, livro IV:

[62] [...] *Imago est formae cum forma cum quadam similitudine conlatio. Haec sumitur aut laudis aut uituperationis causa. Laudis causa, sic: “Inibat in proelium, corpore tauri ualidissimi, impetu leonis acerrimi simili.” Vituperationis, ut in odium adducat hoc modo: “Iste, qui cottidie per forum medium tamquam iubatus draco serpit dentibus aduncis, aspectu uenenato, spiritu rabido, circum, inspectans huc et illuc, si quem reperiatur, cui aliquid mali faucibus adflare, ore attingere, dentibus insecare, língua aspergere possit.” Vt in inuidiam adducat, hoc modo: “Iste, qui diuitias suas iactat, sicut Gallus e Phrygia aut hariolus quispiam depressus et oneratus auro clamat et delirat.” In contumeliam sic: “Iste, qui tamquam coclea abscondens retentat sese tacitus, cum domo totus ut comedatur aufertur.”*

[63] *Effictio est, cum exprimitur atque effingitur uerbis corporis cuiuspiam forma, quoad satis sit ad intellegendum, hoc modo: “Hunc, iudices, dico, rubrum, breuem, incuruom, canum, subcrispum, caesium, cui sane magna est in mento cicatrix, si quo modo potest uobis in memoriam redire.” Habet haec exornatio cum utilitatem, si quem uelis demonstrare, tum uenustatem, si breuiter et dilucide facta est.*

Notatio est, cum alicuius natura certis describitur signis, quae, sicuti notae quae naturae sunt adtributa; ut si uelis non diuitem, sed ostentatorem pecuniosi describere: “Iste”, inquires, “iudices, qui se dici diuitem putat esse praeclarum, primum nunc uidete, quo uultu nos intueatur. Nonne uobis uidetur dicere: ‘Darem uobis libenter, si mihi molesti non essetis?’ Cum uero sinistra mentum subleuauit, existimat se gemmae nitore et auri splendore aspectus omnium praestringere. [...]

62. [...] A imagem é o paralelo entre duas formas com alguma similitude. É empregada para elogiar ou para vituperar. Para elogiar, assim:

²¹⁴ Barton destaca, em nota, que o título da obra de Antístenes citada por Diógenes Laércio, significa “Tratado fisiognomônico sobre os sofistas” [*Περὶ σοφιστῶν φυσιολογικόν*], do qual depreendemos que possa ser um texto epidíctico.

“Entrava na arena com o corpo semelhante ao de um touro extremamente vigoroso e o ímpeto do mais feroz leão”. Para vituperar, levando à aversão, desta maneira: “Falo desse que serpeia diariamente pelo fórum qual víbora encristada: com presas curvas, olhar peçonhento, sibilo raivoso; procurando ao redor, de um lado e de outro, encontrar alguém para lançar algum veneno, alcançar com a boca, morder com as presas, infectar com a língua”. Para levar à inveja, desta maneira: “Esse que se gaba de suas riquezas, coberto e vergado de tanto ouro, esbraveja e delira como um Galo da Frígia ou como um adivinho qualquer”. Para levar ao desprezo, assim: “Esse, que como um caracol se esconde e cala, é apanhado com sua casa, para ser engolido inteiro”. [Grifo nosso]

63. Na *effigie*, exprime-se e forja-se com palavras a forma do corpo de alguém, o suficiente para que seja reconhecido, desta maneira: “Refiro-me, juízes, àquele homem rubro, baixo, encurvado, de cabelos grisalhos, encrespados, olhos esverdeados, com uma enorme cicatriz no queixo, se assim podeis trazê-lo à memória”. Este ornamento é proveitoso quando se quer designar alguém e, encantador, se isso for feito com brevidade e clareza.

A *notação* é a descrição da natureza de alguém pelos sinais distintivos que, como marcas, são atributos daquela natureza; como se alguém, querendo descrever não um rico, mas um ostentador de riqueza, dissesse: “Este, juízes, que considera admirável ser chamado rico, vede, antes de mais nada, com que ares está nos observando. Não parece que diz: ‘Recompensaria a todos se não me importunásseis?’ Realmente, ao levantar o queixo com a mão esquerda, julga ofuscar todos os olhos com o brilho da jóia e o esplendor do ouro. [...]

As figuras acima são nomeadas em grego, respectivamente, com os termos *eikon*, *characterismos* ou *eikonismos*, e *ethopoia*; são procedimentos que se enquadram no gênero epidítico ou demonstrativo porque retratam os indivíduos elogiados ou vituperados.

Observa-se que a *imago* baseia-se na analogia e apresenta exemplos que remetem a animais, cuja caracterização física é desnecessária porque importam mais as qualidades de comportamento a eles atribuídas; vale destacar a ferocidade do leão, animal que representa o modelo ideal de ânimo masculino na fisiognomonía e que é muito citado por autores ao lembrar coragem e força.

A *effictio* é uma figura retórica que pode ser considerada entre as maneiras de expor a descrição fisiognomônica, no entanto, deve ser breve, exige-se a caracterização eficiente que faça reconhecer de quem se fala.

A *notatio*, por sua vez, retoma a descrição do comportamento inadequado, neste caso, um homem rico que ostenta exageradamente sua condição.

As figuras mencionadas estão em conformidade com *Os Caracteres* de Teofrasto, embora não haja descrição física nesta obra, em que ele contribuiu para fundamentar uma taxonomia de tipos, visto que, como declara E. Villari²¹⁵, Teofrasto introduziu uma série de conceitos importantes para elaborar uma taxonomia científica.

Durante a Segunda Sofística, os *Progymnasmata* – exercícios preparatórios de retórica – trazem entre as categorias da *ekphrasis* uma que é voltada à descrição de pessoas. A écfrase é uma composição descritiva detalhada que possibilita a visualização por meio de uma construção verbal da imagem²¹⁶. Hermógenes, em §118, insere pessoas e animais na écfrase de *prosopa* e cita Homero como exemplo tradicional (*Odisseia*, XIX, 246). A etopeia também está presente nos *Progymnasmata* de Hermógenes, §20-22, que é a imitação do caráter de um personagem real.

Quintiliano define a etopeia (*ethopoíia*) como a imitação do caráter das pessoas em IX, II, 58 e funciona como um mecanismo mais brando de comoção.

Os tratados fisiognomônicos fazem uso frequente da écfrase para tornar visíveis as imagens que se pretendem retratar, ora descrevendo-as detalhadamente, ora estabelecendo analogias que forcem o leitor a operar um processo imaginativo. No último capítulo desta tese, veremos como a écfrase ajuda a compor retratos fisiognomônicos.

O exercício imaginativo de que falamos em alguns momentos de nossa análise do *De Physiognomonica Liber* é um processo explicado por Aristóteles no *De Anima*, III, 427b-428b, e retomado por Quintiliano:

VI, II, 29 [...] *Quas phantasías Graeci uocant, nos sane uisiones appellemus, per quas imagines rerum absentium ita repraesentantur animo, ut eas cernere oculis ac praesentes habere uideamur. Has quisquis bene conceperit, is erit in adfectibus potentissimus.*

[...] Aquilo que os gregos chamam *phantasiai*, nós certamente chamamos visões, pelas quais as imagens das coisas ausentes são de tal modo representadas na alma que parecemos vê-las com os olhos e tê-las presentes. Quem quer que as conceba bem, será o mais poderoso nos afetos. **[Tradução nossa]**

Embora sistematizada apenas na Segunda Sofística, a écfrase já estava presente na teoria retórica. Cícero e Quintiliano trataram de procedimentos que permitiam a

²¹⁵ VILLARI, E., op. cit., cf. p. 100.

²¹⁶ Acerca de uma discussão mais ampla da écfrase, recomenda-se a leitura: RODOLPHO, M. *Écfrase e Evidência nas letras latinas: Doutrina e práxis*. São Paulo: Humanitas, 2012.

visualização do discurso como forma de torná-lo mais persuasivo, tais como *enargeia* e *euidentia*²¹⁷.

Na *Retórica a Herênio*, IV, temos a *descriptio*, nomenclatura geralmente associada à écfrase:

[51] *Descriptio nominatur, quae rerum consequentium continet perspicuam et dilucidam cum grauitate expositionem, hoc modo: “Quodsi istum, iudices, uestris sententiis liberaueritis, statim, sicut e cauea leo emissus aut aliqua taeterrima belua soluta ex catenis, uolitabit et uagabitur in foro, acuens dentes in unius cuiusque fortunas, in omnes amicos atque inimicos, notos atque ignotos incursitans, aliorum famam depeculans, aliorum caput obpugnans, aliorum domum et omnem familiam perfringens, rem publicam funditus labefactans. Quare, iudices, eicite eum de ciuitate, liberate omnes formidine; uobis denique ipsis consulite. Nam si istum impunitum dimiseritis, in uosmet ipsos, mihi credite, feram et truculentam bestiam, iudices, inmiseritis [...] Hoc genere exortationis uel indignatio uel misericordia potest commoueri, cum res consequentes comprehensae uniuersae perspicua breuiter exprimuntur oratione.*

51. Chama-se *descrição* o ornamento que contém uma exposição perspicua, clara e grave das conseqüências das ações, desta maneira: “Se com vossa sentença, juízes, livrardes este homem, imediatamente, como um leão solto da jaula ou outra besta hedionda liberada das correntes, ele correrá de um lado a outro do fórum, abocanhando nossos bens, atacando a todos, amigos e inimigos, conhecidos e desconhecidos, dilacerando o nome de uns, ameaçando a vida de outros, destruindo casas e famílias, destroçando os alicerces da República. Por isso, juízes, expulsai-o da cidade, livrai-nos do medo, enfim, zelai também por vós, pois se o deixardes ir impune, acreditai-me, contra vós mesmos tereis atirado a fera truculenta e selvagem” [...] Com esse gênero de ornamento, pode-se suscitar indignação ou misericórdia quando todas as conseqüências reunidas se exprimem brevemente num discurso perspicuo.

Há, portanto, alguns pontos de contato entre retórica e fisiognomonia no que concerne a lugares-comuns do gênero epidítico, bem como o emprego de figuras retóricas na descrição fisiognomônica. A seguir, nos deteremos na proximidade entre ambas por meio do estudo da *actio* oratória.

Procuraremos avaliar como a teoria fisiognomônica pode contribuir para compor o *ethos* do orador, com base nos postulados do *De Physiognomonia Liber*. Contudo, é preciso fazer ressalvas quanto a esta construção do *ethos* do orador, já que na *Retórica* de

²¹⁷ Cf. Cícero: *De Oratore*, III, 160-163. *Partitione Oratoria*, 19-20; *Academica*, livro II – *Lucullus* – VI, 17/ Quintiliano. *Institutio Oratoria*. IV, II, 63-5; VI, II, 32; VIII, III, 61-70; VIII, III, 89; IX, II, 40-44/ 58.

Aristóteles, livro I, o orador integra as provas de persuasão e a credibilidade do orador constrói-se no discurso:

[1356a] τῶν δὲ διὰ τοῦ λόγου ποριζομένων πίστεων τρία εἶδη ἔστιν· αἱ μὲν γὰρ εἰσιν ἐν τῷ ἥθει τοῦ λέγοντος, αἱ δὲ ἐν τῷ τὸν ἀκροατὴν διαθεῖναι πως, αἱ δὲ ἐν αὐτῷ τῷ λόγῳ διὰ τοῦ δεικνύναι ἢ φαίνεσθαι δεικνύναι. διὰ μὲν οὖν τοῦ ἥθους, ὅταν οὕτω λεχθῇ ὁ λόγος ὥστε ἀξιόπιστον ποιῆσαι τὸν λέγοντα· τοῖς γὰρ ἐπεικέσι πιστεύομεν μᾶλλον καὶ θᾶπτον, περὶ πάντων μὲν ἀπλῶς, ἐν οἷς δὲ τὸ ἀκριβὲς μὴ ἔστιν ἀλλὰ τὸ ἀμφιδοξεῖν, καὶ παντελῶς. δεῖ δὲ καὶ τοῦτο συμβαίνειν διὰ τοῦ λόγου, ἀλλὰ μὴ διὰ τοῦ προδεδοξάσθαι ποιόν τινα εἶναι τὸν λέγοντα· οὐ γάρ, ὥσπερ ἔνιοι τῶν τεχνολογούντων, <οὐ> τίθεμεν ἐν τῇ τέχνῃ καὶ τὴν ἐπιείκειαν τοῦ λέγοντος, ὥς οὐδὲν συμβαλλομένην πρὸς τὸ πιθανόν, ἀλλὰ σχεδὸν ὥς εἰπεῖν κυριωτάτην ἔχει πίστιν τὸ ἥθος. διὰ δὲ τῶν ἀκροατῶν, ὅταν εἰς πάθος ὑπὸ τοῦ λόγου προαχθῶσιν· οὐ γὰρ ὁμοίως ἀποδίδομεν τὰς κρίσεις λυπούμενοι καὶ χαίροντες, ἢ φιλοῦντες καὶ μισοῦντες·

[1356a] As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece **[φαίνεσθαι]** demonstrar.

Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exacto e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o carácter do orador; pois não se deve considerar sem importância a persuasão e a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o carácter é o principal meio de persuasão.

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio. [...] **[Grifo nosso]**²¹⁸

O *ethos* do orador constitui-se como prova técnica de persuasão, elaborada pelo próprio orador, não vem de um conhecimento prévio do público a respeito dele – isto pode nos levar a interpretar e atribuir, como destaca Frédérique Woerther²¹⁹, um estatuto mimético ao *ethos* retórico se pensarmos na teoria proposta em sua *Poética*, cujo *ethos* é variável em cada gênero e por isso deve ser imitado no texto.

II [1448a 1] Ἐπεὶ δὲ μιμοῦνται οἱ μιμούμενοι πρᾶττοντας, ἀνάγκη δὲ τούτους ἢ σπουδαίους ἢ φαύλους εἶναι (τὰ γὰρ ἦθη σχεδὸν ἀεὶ τούτοις

²¹⁸ Op. cit. (1998).

²¹⁹ Woerther, F., op. cit., cf. p. 208-210.

ἀκολουθεῖ μόνοις, κακία γὰρ καὶ ἀρετὴ τὰ ἥθη διαφέρουσι πάντες), ἤτοι βελτίονας ἢ καθ' ἡμᾶς ἢ χείρονας [1448a.5] ἢ καὶ τοιούτους, ὥσπερ οἱ γραφεῖς· Πολύγνωτος μὲν γὰρ κρείττους, Παύσων δὲ χείρους, Διονύσιος δὲ ὁμοίους εἵκαζεν.

Mas, como os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou de baixa índole (porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças [e, quanto a caráter, todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude]), necessariamente também sucederá que os poetas imitam homens melhores, piores ou iguais a nós, como o fazem os pintores: Polignoto representava os homens superiores; Páuson, inferiores; Dionísio representava-os semelhantes a nós. **[Tradução: Eudoro de Sousa]**

No entanto, Woerther destaca o uso de alguns verbos nas passagens da *Retórica*, que citaremos a seguir, indicando que o orador deve “parecer” ser bom:

I [1366a] [...] ἐπεὶ δὲ οὐ μόνον αἱ πίστεις γίνονται δι' ἀποδεικτικοῦ λόγου, ἀλλὰ καὶ δι' ἠθικοῦ (τῷ γὰρ ποιόν τινα φαίνεσθαι τὸν λέγοντα πιστεύομεν, τοῦτο δ' ἐστὶν ἂν ἀγαθὸς φαίνεται ἢ εὖνους ἢ ἄμφω), δεοί ἂν τὰ ἥθη τῶν πολιτειῶν ἐκάστης ἔχειν ἡμᾶς· τὸ μὲν γὰρ ἐκάστης ἥθος πιθανώτατον ἀνάγκη πρὸς ἐκάστην εἶναι. ταῦτα δὲ ληφθήσεται διὰ τῶν αὐτῶν· τὰ μὲν γὰρ ἥθη φανερά κατὰ τὴν προαίρεσιν, ἡ δὲ προαίρεσις ἀναφέρεται πρὸς τὸ τέλος. [...]

I [1366a] [...] Ora como as provas por persuasão não só procedem do discurso epidíctico mas também do ético (pois depositamos confiança no orador na medida em que ele exhibe **[φαίνεσθαι]** certas qualidades, isto é, se nos parece **[φαίνεται]** que é bom, bem disposto ou ambas as coisas), será necessário que dominemos os caracteres de cada forma de governo; pois o carácter de cada uma dessas formas é necessariamente o elemento mais persuasivo em cada uma delas. E estes caracteres se conhecerão pelos mesmos meios; pois os caracteres manifestam-se segundo a intenção e a intenção é dirigida para um fim. [...]

II [1378a] [...] τοῦ μὲν οὖν αὐτοῦ εἶναι πιστοῦς τοὺς λέγοντας τρία ἐστὶ τὰ αἷτια· τοσαῦτα γὰρ ἐστὶ δι' ἃ πιστεύομεν ἔξω τῶν ἀποδείξεων. ἔστι δὲ ταῦτα φρόνησις καὶ ἀρετὴ καὶ εὖνοια· διαψεύδονται γὰρ περὶ ὧν λέγουσιν ἢ συμβουλευουσιν ἢ δι' ἅπαντα ταῦτα ἢ διὰ τούτων τι· ἢ γὰρ δι' ἀφροσύνην οὐκ ὀρθῶς δοξάζουσιν, ἢ δοξάζοντες ὀρθῶς διὰ μοχθηρίαν οὐ τὰ δοκοῦντα λέγουσιν, ἢ φρόνιμοι μὲν καὶ ἐπιεικεῖς εἰσιν ἀλλ' οὐκ εὖνοι, διόπερ ἐνδέχεται μὴ τὰ βέλτιστα συμβουλεύειν γινώσκοντας, καὶ παρὰ ταῦτα οὐδέν. ἀνάγκη ἄρα τὸν ἅπαντα δοκοῦντα ταῦτ' ἔχειν εἶναι τοῖς ἀκροωμένοις πιστόν. φρόνιμοι

καὶ σπουδαῖοι φανεῖεν ἄν, ἐκ τῶν περὶ τὰς ἀρετὰς διηρημένων ληπτέον· ἐκ γὰρ τῶν αὐτῶν κἂν ἕτερόν τις κἂν ἑαυτὸν κατασκευάσειε τοιοῦτον· [...]

II [1378a] [...] Três são as causas que tornam persuasivos os oradores e a sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem a necessidade de demonstrações. Quando os oradores recorrem à mentira nas coisas que dizem ou sobre aquelas que dão conselhos, fazem-no por todas essas causas ou por algumas delas. Ou é por falta de prudência que emitem opiniões erradas ou então, embora dando uma opinião correcta, não dizem o que pensam por maldade; ou sendo prudentes e honestos não sendo benevolentes; por isso, é admissível que embora sabendo eles o que é melhor, não o aconselhem. Para além destas, não há nenhuma outra causa. Forçoso é, pois, que aquele que aparenta [δοκοῦντα] possuir todas estas qualidades inspire confiança nos que o ouvem. Por isso, o modo como é possível mostrar-se prudente e honesto deve ser deduzido das distinções que fizemos relativamente às virtudes, uma vez que, a partir de tais distinções, é possível alguém apresentar outra pessoa e até apresentar-se a si próprio sob este ou aquele aspecto. [...] ²²⁰

Woerther rejeita, portanto, o estatuto mimético porque na verdade Aristóteles revela o carácter enganador da retórica, assinalado por Platão, por meio da demonstração aparente; o orador não necessariamente é o que aparenta.

Cícero propõe um modelo distinto de orador em que seu *ethos* precede o discurso, como vemos no livro II em *Do Orador*, na fala de Antônio, XLIII. A imagem de um orador virtuoso contribui para mover o ânimo no gênero judiciário, mas é possível entrever ainda que o carácter precisa também ser exposto no discurso, ideia que mais adiante discutiremos.

182. *Valet igitur multum ad vincendum probari mores et instituta et facta et vitam eorum, qui agent causas, et eorum, pro quibus, et item improbari adversariorum, animosque eorum, apud quos agetur, conciliari quam maxime ad benevolentiam cum erga oratorem tum erga illum, pro quo dicet orator. Conciliantur autem animi dignitate hominis, rebus gestis, existimatione vitae; quae facilius ornari possunt, si modo sunt, quam fingi, si nulla sunt. Sed haec adiuvant in oratore: lenitas vocis, vultus pudor [is significatio], verborum comitas; si quid persequare acrius, ut invitus et coactus facere videare. [...]* **184.** *Horum igitur exprimere mores oratione iustos, integros, religiosos, timidos, perferentis iniuriarum mirum quiddam valet; et hoc vel in principiis vel in re narranda vel in perorando tantam habet vim, si est suaviter et cum sensu tractatum, ut saepe plus quam causa valeat. Tantum autem efficitur sensu quodam ac ratione dicendi, ut quasi mores*

²²⁰ Op. cit. (1998).

*oratoris effingat oratio; genere enim quodam sententiarum et genere verborum, adhibita etiam actione leni facilitatemque significante efficitur, ut probi, ut bene morati, ut boni viri esse videamur.*²²¹

Tem muita força, então, para a vitória, para que se aprovelem o caráter, os costumes, os feitos e a vida dos que defendem as causas e daqueles em favor de quem as defendem, e, do mesmo modo, que se desaprovelem o dos adversários, bem como que se conduzam os ânimos daqueles perante os quais se discursa à benevolência tanto em relação ao orador como em relação ao que é defendido pelo orador. Cativam-se os ânimos pela dignidade do homem, por seus feitos, por sua reputação; pode-se orná-los com maior facilidade, se todavia existem, do que forjá-los, se absolutamente não existem. Ora, são vantajosos, no orador, a brandura da voz, a expressão de pudor no rosto, a afabilidade nas palavras e, se acaso fazes alguma reivindicação com maior rispidez, parecer fazê-lo contrariado e por obrigação. **184.** [...] Apresentar o seu caráter pelo discurso, então, como justo, íntegro, religioso, timorato, tolerador de injustiça, tem um poder absolutamente admirável; e isso, quer no princípio, quer na narração da causa, quer no final, tem tamanha força, se for tratado com delicadeza e julgamento, que muitas vezes tem mais poder do que a causa. Realiza-se tanto por determinado julgamento e métodos oratórios, que se forja, por assim dizer, o caráter do orador; por meio de determinado tipo de pensamentos e determinado tipo de palavras, empregando-se ainda uma atuação branda e que expresse afabilidade, consegue-se que pareçamos homens honestos, de boa índole, bons. [Tradução: Adriano Scatolin. Grifo nosso]²²²

Adriano Scatolin destaca a proximidade da teoria acerca do *ethos* do orador em Cícero com as proposições de Isócrates em *Antídosis*²²³, visto que Isócrates propõe que o orador seja, de fato, bom e belo, ao passo que Aristóteles, como já dissemos, defende que é preciso aparentar ser bom e transmitir credibilidade no discurso. Realmente, Cícero defende que a reputação do orador é um elemento de persuasão, contudo, é preciso fazer a ressalva de que no fim do excerto acima ele utiliza o verbo *uideor*, pois a reputação e a dignidade do orador devem ser transmitidas durante o discurso.

Quintiliano, em sua definição de *ethos*, admite tanto a possibilidade do orador ser como parecer virtuoso em sua *Institutio Oratoria*, VI, 2:

XVIII. *Denique ἥθος omne bonum et comem virum poscit. Quas virtutes cum etiam in litigatore debeat orator, si fieri potest, adprobare, utique*

²²¹ M. Tullius Cicero. *De Oratore* (M. Tulli Ciceronis Rhetorica. Vol.1, ed. A. S. Wilkins, 1902).

²²² In: *A invenção no Do Orador de Cícero: Um estudo à luz de Ad Familiares*, I, 9, 23. Tese de Doutorado – DLCV/ FFLCH/ USP. Orientador: Prof. Dra. Zélia L. V. de Almeida Cardoso, 2009. Cf. p. 227-28.

²²³ Indica-se a tese citada na nota anterior, capítulo 3, VI, para discussão mais ampla do assunto.

ipse aut habeat aut habere credatur. Sic proderit plurimum causis, quibus ex sua bonitate faciet fidem. Nam qui dum dicit malus videtur utique male dicit (non enim videtur iusta dicere, alioqui ἦθος non videretur).

Em suma, exige-se que o homem seja generoso e o *ethos* seja inteiramente bom. Se possível, o orador deve ter ele próprio ou fazer crer que tenha as virtudes que provou existirem no litigante. Assim, tal recurso será útil para inúmeras causas, às quais conquistará credibilidade a partir de sua bondade. Com efeito, aquele que parece ser mau enquanto discursa, seguramente, discursará mal (pois não parece discursar acerca de coisas justas, caso contrário, o *ethos* não pareceria ser mau). [Tradução nossa]

Quintiliano, ao falar de elogio e censura, II, 4, XX²²⁴, ensina que se deve compreender o que seja bom e ruim, vício e virtude, deste modo, louvamos o homem ilustre e vituperamos o ímprobo.

Retomaremos em breve a teoria de Quintiliano a respeito da *actio* do orador visto que há nela alguns pontos de intersecção com preceitos fisiognomônicos.

²²⁴ [...] *laudare claros uiros et uituperare improbos* [...]. [ed. M. Winterbottom, 1970]

3.1. *Actio/ Pronuntiatio* e algumas noções fisiognomônicas

Após a observação dos elementos fisiognomônicos com base no *De Physiognomonia Liber*, pretendemos discutir a relação existente entre os preceitos da fisiognomonia e a *actio* retórica.

Propusemos acima que haja pontos de contato da fisiognomonia com a retórica e, embora tenhamos constatado a princípio o parentesco da fisiognomonia com a medicina, o tratado em si parece estabelecer relações com outras áreas do conhecimento. Em dados momentos, o tratado aparenta direcionar o texto de maneira didática, circunscrevendo-se numa das três funções retóricas, *docere*, no entanto, o que mais se evidencia é a utilidade que a fisiognomonia possa ter para os propósitos do gênero epidítico ou demonstrativo.

Relacionaremos alguns elementos do tratado que servem, de certa maneira, para os propósitos da *actio* ou *pronuntiatio* retórica.

Na *Retórica a Herênio*, encontramos a discussão em torno da pronúncia, equivalente à *actio*.

III [19] *Pronuntiationem multi maxime utilem oratori dixerunt esse et ad persuadendum plurimum ualere. [...] Nam commodae inuentiones et concinnae uerborum elocutiones et partium causae artificiosae dispositiones et horum omnium diligens memoria sine pronuntiatione non plus, quam sine his rebus pronuntiatio sola ualere poterit. Quare, et quia nemo de ea re diligenter scripsit – nam omnes uix posse putarunt de uoce et uultu et gestu dilucide scribi, cum eae res ad sensus nostros pertinerent – et quia magnopere ea pars a nobis ad dicendum comparanda est, non neglegenter uidetur tota res consideranda.*

19. Muitos disseram que a pronúncia é o que há de mais útil ao orador e de maior eficácia para persuadir. [...] Sem pronúncia, a invenção cômoda, a elocução harmoniosa das palavras, a disposição artificiosa das partes e a memória zelosa de tudo não valerão mais do que, sem elas poderia valer a pronúncia sozinha. Portanto, porque ninguém escreveu detidamente sobre o assunto – todos julgaram que, por dependerem de nossos sentidos, dificilmente se conseguiria escrever com clareza sobre voz, semblante e gestos – e porque precisamos muito dispor dessa parte para discursar, parece que toda a pronúncia deve ser considerada sem negligência.

A *pronuntiatio* é tida como a parte do discurso retórico que mais tem utilidade na persuasão segundo o mais antigo manual de retórica em latim. É importante observar os elementos constituintes propostos nessa *Retórica* que englobam a voz, o semblante e os gestos.

Diuiditur igitur pronuntiatio in uocis figuram et in corporis motum. Figura uocis este a, quae suum quendam possidet habitum ratione et industria comparatum. [20] Ea diuiditur in tres partes: magnitudinem, firmitudinem, mollitudinem.

A pronúncia divide-se em configuração da voz e movimentos do corpo. A configuração da voz é o que lhe confere caráter próprio, alcançado com método e esforço. **20.** Divide-se em três partes: magnitude, estabilidade e flexibilidade.

A magnitude (*magnitudo*) da voz, que podemos compreender como força ou amplitude, é, segundo o autor da *Retórica a Herênio*, em grande parte dada pela natureza mas é possível aumentá-la e conservá-la por meio do cultivo.

A acepção de estabilidade (*firmitudo*) também remete à intensidade da voz e é obtida, sobretudo, pelo cultivo; a prática da pronúncia auxilia na amplificação e preservação desta qualidade.

A flexibilidade (*mollitudo*), que quer dizer a modulação durante o discurso, ou seja, a variação da intensidade ou altura, é obtida principalmente por meio do exercício da pronúncia.

No fim do capítulo 11 do *De Physiognomonia Liber*, já vemos uma referência à voz como uma forma de reconhecer certos tipos de pessoa, mesmo que tais pessoas tentem dissimular.

[...] Com efeito, as circunstâncias fortuitas, o convívio humano e a própria atividade do nosso talento obscurecem e escondem muitos dos sinais. [...] Portanto, o artífice da fisiognomonia também observará por muito mais tempo para distinguir os sinais naturais dos temporários, e não confiará em um ou dois indícios, mas muito frequentemente indicará inúmeros e melhores e examinará inesperadamente a pessoa sem que ela se previna ou se proteja, ainda que um artífice atento descubra quem se previne. [...] Um murmúrio, sem qualquer palavra [*uox absque sermone profecta*], revelou um nos banhos públicos subjugado pelo desejo, um outro confessou por meio de súbito espirro não ser ele um homem.

A voz é reiteradamente apontada como fator que diferencia o indivíduo masculino do feminino²²⁵, como no excerto acima, e revela ainda libidiniosidade e impudência, mas não estabelece apenas a divisão entre “masculino” e “feminino”, atribuindo as características típicas de um gênero; a voz, acima de tudo, facilita a identificação do homem afeminado, constantemente exposto na fisiognomonia.

²²⁵ Cf. capítulos 5, 6, 54, 74, 78, 84, 94, 98, 115, 130, 131.

Dentre os sinais masculinos, no capítulo 5, estão a voz firme, rouca e grave (*solida, rauca, grauis*), comparando-a ao rugido do leão. No capítulo seguinte, a voz feminina é tênue, moderada e agradável aos ouvidos (*tenuis, moderata, accepta auribus*).

O Anônimo discorre a respeito de certa hierarquia na força dos sinais fisiognômicos no capítulo 45, os olhos – conforme já mencionamos reiteradamente – constituem o melhor critério para tal análise; os demais sinais em importância são aqueles próximos aos olhos e entre os últimos elencados estão a cor, a voz e a respiração, ainda assim, trata-se de indícios fortes. Ao fazer tal afirmação, o texto tem uma lacuna, mas levando em conta o que vem a seguir acerca da ἐπιπρέπεια, supõe-se que estabeleça uma conexão entre todos os elementos, visto que o semblante indicará se é medroso ou audaz, por exemplo.

45. [...] e cada um dos sinais que são pequenos e insignificantes juntam-se como uma única imagem, de modo que, observando o semblante, apresente-se alguma característica que se considera ter sido constituída nesse mesmo corpo e que mostra o caráter e os aspectos incertos do ânimo.

Adamantio²²⁶, no capítulo dedicado à voz (B, 42), traz um comentário a respeito da melhor combinação que reúne movimento, voz, cor, tamanho e membros harmônicos, todos compostos por aspectos moderados; portanto, o meio-termo é o recomendável para todos os elementos corporais.

No extenso capítulo 78, o Anônimo dedica-se exclusivamente à voz. O tratamento dado ao tema aqui segue o mesmo procedimento que o autor adotou em todo o tratado, identificando tipos de voz com o caráter, diferentemente dos tratados retóricos que procuram ensinar o orador a empregar a voz de maneira apropriada no discurso.

Descrição – Voz	Características	Comparações
Grave, trêmula	estulto, voraz	pequeno vaso quebrado
Desagradável, firme	estulto	balido da ovelha
Começa grave e termina aguda	propício a chorar, lúgubre	_____
Aguda, seca	falso, astucioso	_____
Aguda, suave	afeminado	_____
Grave, inflexível	viril, magnânimo	como se saísse de uma caverna
Grave, lenta	tranquilo, aprazível, afável, justo	_____

²²⁶ εἰδέναι γε μὴν καθόλου προσήκει, ὥς ἐν κινήσει καὶ φωνῇ καὶ χροῖα καὶ μεγέθει καὶ μελῶν ἀρμονίᾳ τὸ μέσον τῆς κράσεως χρηστὸν ὥς τὸ πολὺ, τὸ δὲ ἐναντίον κακόν.

Eleva o tom da voz	propenso ao sexo, inútil, sociável	aves
Descontínua, fina, lúgubre	triste, avaro, desconfiado	_____
Lançada no nariz de modo que este ressoe	mentiroso, malévolo, invejoso, alegra-se com o mal alheio	_____
Intensa, forte, misturada a um som trêmulo	violento, injusto, nutre ódio contra todos	_____
Lenta	inerte	_____
Apressada	imprudente	_____

A tradicional divisão entre voz aguda e grave está presente, mas com certas particularidades e nuances que chamam a atenção e nos permite, em certa medida, diferenciar graus de agudeza ou gravidade.

A voz grave pode ser trêmula, cujo adjetivo *quassus* significa ainda “abatido, debilitado” ou seja, imaginamos a voz entrecortada que não se mantém regular durante a fala, por isso a comparação com um pequeno vaso quebrado. É interessante o uso do diminutivo *uasculum*, talvez como uma forma de reforçar a debilidade da voz que reflete a estultícia.

As duas espécies de voz que representam um bom *ethos* são graves: uma é inflexível (*inflexibilis*), como se saísse de uma caverna, imagem bem distante do vasilho que faz analogia à voz grave, porém trêmula e fraca, já que a inflexível está associada ao *ethos* viril; a voz grave e lenta (*tarda*) representa boas características morais, mas o *ethos* resultante contrasta com o anterior. A lentidão da voz por si só não é um aspecto positivo, já que indica inércia, mas a gravidade, qualidade que a acompanha, é adequada e torna a voz lenta um indício positivo.

O método zoológico se faz presente na voz de som desagradável e firme (*solidus*) semelhante ao som emitido pelas ovelhas. Quando a voz é intensa, por sua vez, é semelhante a das aves (*aiium uocem intendunt*), podemos entender o verbo *intendo* como o alongamento da voz, o ato de forçá-la, condizente com o canto das aves, contudo, mais uma vez o símile não é claro, considerando-se a variação do canto de inúmeros pássaros.

Verificamos, portanto, que apenas a gravidade, aspecto tipicamente masculino como anunciado no princípio do tratado, reunida a outros elementos, é indício de boas qualidades. A voz aguda e outros aspectos excessivos não são bons indícios.

Não há no tratado fisiognomônico uma preocupação com a prática oratória e o catálogo da voz traz os aspectos como qualidades inerentes a cada tipo. Contudo, se pensarmos, por exemplo, na *Retórica a Herênio*, entendemos que alguns traços da voz se alteram por meio de exercícios. Se formos além e supormos o conhecimento da teoria fisiognomônica por parte dos autores de manuais de retórica, tendo como referência o tratado peripatético (813a31-813b6), mais antigo, podemos imaginar que os rétores ensinam a dissimular certas características reveláveis na voz.

78. [...] o que estabelecemos antes a respeito dos opostos e julgamos ser o seu equilíbrio o melhor na maioria das vezes, que isso também seja anunciado a respeito do movimento do corpo e da voz, para que compreendas o excesso como uma parte ruim e que julgues o meio-termo e uma combinação equilibrada como as melhores características.

Observamos que, segundo o Anônimo, a voz pode sofrer mudança se lançada no nariz e o mesmo ressoar, um indício associado ao fluxo respiratório que interfere na voz, tornando-a nasalada.

Na *Retórica a Herênio*, observamos como a atividade respiratória deve ser processada de maneira a preservar a estabilidade da voz.

III [21]. *Firmam ergo maxime poterimus in dicendo uocem conseruare, si quam maxime sedata et depressa uoce principia dicemus. Nam laeditur arteria, si, antequam uoce leni permulsa est, acri clamore completur. Et interuallis longioribus uti conuenit: recreatur enim spiritu uox et arteriae reticendo adquiescunt. Et in continuo clamore remittere et ad sermonem transire oportet: commutationes enim faciunt, ut nullo genere uocis effuso in omni uoce integri simus. Et acutas uocis exclamationes uitare debemus: ictus enim fit et uulnus arteriae acuta atque attenuata nimis adclaminatione, et qui splendor est uocis, consumitur uno clamore uniuersus. Et uno spiritu continenter multa dicere in extrema conuenit oratione: fauces enim calefiunt et arteriae conplentur et uox, quae tractata uarie est, reducit in quendam sonum aequabilem atque constantem. Quam saepe rerum naturae gratia quaedam iure debetur! Velut accidit in hac re. Nam quae dicimus ad uocem seruandam prodesse, eadem adtinent ad suauitadinem pronuntiationis, ut, quod nostrae uoci prosit, idem uoluntati auditoris probetur.*

21. Conseguiremos, pois, acima de tudo conservar a estabilidade da voz ao discursar se proferirmos a introdução com a voz calma e contida o mais possível. Com efeito, a traquéia irrita-se se, antes de ser acalmada pela voz suave, for preenchida por um brado agudo. Também é conveniente usar de longas pausas, pois a voz se renova com a respiração e a traquéia, ao silenciar, descansa. É, preciso, ainda, interromper o brado contínuo e passar ao tom de

conversa, pois as mudanças fazem com que, não nos excedendo em nenhum tipo de voz, sejamos perfeitos em todos eles. Devemos evitar a voz aguda das exclamações, pois a traquéia é golpeada e ferida nos gritos estridentes e excessivamente altos e a limpidez da voz consome-se toda num único clamor. No final do discurso, convém falar muitas coisas sem interrupção, de um só fôlego, pois assim a garganta se aquece, a traquéia infla e a voz, que foi usada de modo variado, é trazida a um certo som uniforme e constante. Quantas vezes não devemos, com razão, agradecer à natureza das coisas! É o que acontece por aqui. Pois o que dissemos ser útil para conservar a voz também diz respeito à suavidade da pronúncia, de modo que aquilo que favorece nossa voz também ganha a aprovação do ouvinte.

Com este tipo de instrução, o autor ensina como fazer uso adequado da voz. Não apenas as pausas são recomendáveis para fortificar a voz, tornando-a mais harmoniosa ao ouvinte, é preciso controlar o tom de voz já que fica implícita a ideia de que o excesso é inapropriado. As estratégias para preservação da voz também servem para torná-la mais suave, comovendo mais facilmente.

A voz aguda não é adequada ao discurso porque é desagradável; portanto, no que diz respeito à prática oratória, a voz grave é mais adequada visto que a agudeza da feminina é incômoda.

[22] [...] *Acuta exclamatio uocem uulnerat; eadem laedit auditorem: habet enim quiddam inliberale et ad muliebrem potius uociferationem quam ad uirilem dignitatem in dicendo adcommodat.*

22. [...] A exclamação aguda fere a voz e lesa os ouvintes, pois tem algo de ignóbil, mais adequado à gritaria das mulheres do que a dignidade viril no discursar.

Identifica-se aqui certa correspondência com a proposição do *De Physiognomonia Liber*:

78. [...] Aqueles que têm a voz aguda e suave são os afeminados. Aqueles que produzem uma voz grave e inflexível, como se saísse de uma caverna, são pessoas de engenho viril e magnânimas. [...]

Analisando tais passagens na *Retórica a Herênio* e no *De Physiognomonia Liber*, constatamos poucas semelhanças nos termos adotados pelos autores ao discorrer acerca da voz. No tratado fisiognômico, o adjetivo *mollis* é utilizado para complementar a voz aguda e tipicamente feminina, cuja acepção é de suavidade para se opor à voz aguda e seca. Logo em seguida, temos o contraponto com a qualificação *inflexibilis* da voz grave masculina, esse último adjetivo traduz o caráter de inflexibilidade da voz, contudo, se nos voltarmos ao verbo *inflecto*, ao referir-se à voz, implica nas modulações da mesma e não

na ausência de modulação. Na *Retórica a Herênio*, a “flexibilidade” da voz é designada por *mollitudo* e há diversas categorias que dependem do estilo de discurso realizado pelo orador e sua finalidade.

Ao fundamentarmos a relação entre a *actio* e a teoria fisiognomônica, não se produz um paralelo exato entre ambas, pois, apesar de uma temática comum, a inflexibilidade na voz masculina, por exemplo, não parece ser considerada um aspecto negativo pelos fisiognomonistas porque os aspectos do ânimo masculino são em geral os melhores, ao passo que na *Retórica a Herênio* não se associa este aspecto da voz a um gênero.

O Anônimo traz no capítulo 77 de sua fisiognomonía – que antecede a parte da voz – a descrição dos tipos de respiração, mas não há relação específica com a voz, já que, como vimos ao longo do tratado, a respiração é um dos inúmeros elementos observados juntamente com outros de modo a contemplar a regra da *epiprepeia*.

Descrição – Respiração	Características	Comparações
Calma, ao inspirar ou expirar, nada ou muito pouco apresenta-se aos sentidos	constituído no pensamento, os olhos indicam de que espécie são os pensamentos	_____
Às vezes repousa, mas depois de um longo intervalo aspira ou expele em excesso como se fosse repelida em meio a grande agitação	constituído em grande tristeza	onda
Agita a cabeça e geme	guarda o arrependimento de alguma coisa ruim que fez ou disse	_____
Parece revolver um pensamento, tendo os olhos vigorosos constituídos no dever	prefere cometer uma ação ruim a nutrir o arrependimento por alguma ação sua	_____
Faz ruído, é inalada e expelida pesadamente	feroz, vinolento	_____
Ofegante, desordenada e pesada	imprudente, irascível, tem facilidade e está bastante disposto a fazer e dizer tudo	homens depois da corrida

Aspira em cima e expira nesta mesma direção, respiração ofegante é rápida e pesada	medroso, imbele, às vezes efeminados	_____
--	--------------------------------------	-------

Um dos nossos objetivos na presente pesquisa é comprovar que os ensinamentos fisiognomônicos tenham certa utilidade na *pronuntiatio*, ou *actio*, retórica. Ainda que não houvesse ligação evidente entre fisiognomonía e retórica, já provamos que a consciência fisiognomônica estava presente em áreas diversas do conhecimento na Antiguidade.

A teórica E. Evans²²⁷, referência nos estudos fisiognomônicos, destaca um comentário de Aristóteles em sua *Retórica*, na introdução do terceiro livro, em que ele afirma que a ὑπόκρισις, equivalente grego da *actio*, assenta-se na voz, pois é por meio dela que se expressam as emoções, variando a intensidade, o tom e o ritmo de acordo com a circunstância. Em seguida, Aristóteles afirma que nenhum tratado até então fora escrito a respeito deste assunto porque a pronúncia só foi considerada tardiamente na expressão enunciativa, além de parecer um assunto vulgar, no entanto, ressalta a necessidade de estudar a pronúncia. Evans afirma termos neste comentário de Aristóteles o primeiro tratamento analítico da fisiognomonía preservado na literatura grega:

III [1403b] [...] ἔστιν δὲ αὕτη μὲν ἐν τῇ φωνῇ, πῶς αὐτῇ δεῖ χρῆσθαι πρὸς ἕκαστον πάθος, οἷον πότε μεγάλῃ καὶ πότε μικρᾷ καὶ μέσῃ, καὶ πῶς τοῖς τόνοις, οἷον ὀξεῖα καὶ βαρεῖα καὶ μέση, καὶ ῥυθμοῖς τίσι πρὸς ἕκαστα. [...]

[1404a] ἀλλ' ὅλης οὔσης πρὸς δόξαν τῆς πραγματείας τῆς περὶ τὴν ῥητορικὴν, οὐχ ὡς ὀρθῶς ἔχοντος ἀλλ' ὡς ἀναγκαίου τὴν ἐπιμέλειαν ποιητέον, ἐπεὶ τό γε δίκαιόν <ἐστι> μηδὲν πλέον ζητεῖν περὶ τὸν λόγον ἢ ὥστε μήτε λυπεῖν μήτ' εὐφραίνειν·

[...] ἐκείνη μὲν οὖν ὅταν ἔλθῃ ταῦτό ποιήσει τῇ ὑποκριτικῇ, ἐγκεχειρήκασιν δὲ ἐπ' ὀλίγον περὶ αὐτῆς εἰπεῖν τινές, οἷον Θρασύμαχος ἐν τοῖς Ἑλέοις· καὶ ἔστιν φύσεως τὸ ὑποκριτικὸν εἶναι, καὶ ἀτεχνότερον, περὶ δὲ τὴν λέξιν ἔντεχον. διὸ καὶ τοῖς τοῦτο δυναμένοις γίνεται πάλιν ἄθλα, καθάπερ καὶ τοῖς κατὰ τὴν ὑπόκρισιν ῥήτορσιν· οἱ γὰρ γραφόμενοι λόγοι μείζον ἰσχύουσι διὰ τὴν λέξιν ἢ διὰ τὴν διάνοιαν.

ἦρξαντο μὲν οὖν κινήσαι τὸ πρῶτον, ὥσπερ πέφυκεν, οἱ ποιηταί· τὰ γὰρ ὀνόματα μιμήματα ἐστίν, ὑπῆρξεν δὲ καὶ ἡ φωνὴ πάντων μιμητικώτατον τῶν μορίων ἡμῖν· διὸ καὶ αἱ τέχναι συνέστησαν ἢ τε ῥαψωδία καὶ ἡ ὑποκριτικὴ καὶ ἄλλαι γε.

²²⁷ EVANS, E., op. cit., cf. p. 22 do artigo.

[1403b] [...] A pronúncia assenta-se na voz, ou seja, na forma como é necessário empregá-la de acordo com cada emoção (por vezes forte, por vezes débil ou média) e como devem ser empregues os tons, ora agudos, ora graves ou médios, e também quais os ritmos de acordo com cada circunstância. São, por conseguinte, três os aspectos a observar: são eles volume, harmonia e ritmo. [...]

[1404a] Todavia, uma vez que toda a matéria concernente à retórica está relacionada com a opinião pública, devemos prestar atenção à pronúncia, não porque ela em si é justa, mas porque é necessária.

[...] Na verdade, sempre que a pronúncia chega a ser considerada, estará no mesmo plano que representar (alguns autores tentaram dizer algo acerca da pronúncia como Trasímaco nos *Éleos*). Além disso, a representação teatral é algo inato e o mais desprovido de técnica artística, enquanto que na expressão enunciativa é um elemento artístico. Por isso, os actores que são melhores neste aspecto ganham e tornam a ganhar prémios, tal como os oradores, no caso da pronúncia. Na verdade, há discursos escritos que obtêm muito mais efeito pelo enunciado do que pelas ideias.

Os poetas foram os primeiros, como seria natural, a dar um impulso a este aspecto. Efectivamente, palavras são imitações, e a voz é, de todos os nossos órgãos, o mais apropriado à imitação. Por isso, as artes que foram então estabelecidas foram a rapsódia e a representação teatral, além de outras mais.²²⁸

A voz é um elemento de destaque na pronúncia para Aristóteles já que é o meio pela qual se expressam as palavras e estas, por sua vez, são imitação, associando o trabalho do orador, de certa forma, ao dos poetas e atores. O efeito sobre o público poderá ser mais efetivo em razão da pronúncia bem executada e não necessariamente por causa das ideias expostas.

Os preceitos são transmitidos como lista de tipos na fisiognomonia designando o *ethos* correspondente no tratado destinado à fisiognomonia; já o tratado retórico não reporta o carácter composto, mas vemos na *Retórica a Herênio* que o autor orienta como utilizar a voz de maneira ampla e adequando-a a cada finalidade do discurso, abrangendo aspectos necessários à *actio* e que vemos fazer parte também do repertório fisiognomônico.

Evidentemente, a *Retórica a Herênio* visa ensinar preceitos retóricos ao orador e o *De Physiognomonia Liber* procura sistematizar conceitos e exemplos da fisiognomonia – partilham da mesma finalidade (*docere*), porém, são textos de estilos distintos, pois o primeiro é bastante expositivo ao passo que o tratado fisiognomônico nem sempre é claro

²²⁸ Op. cit. (1998).

em suas descrições e associações e, inúmeras vezes, os pressupostos teóricos ficam subentendidos.

Recordemos uma passagem de Plínio, em *História Natural*, que ressalta o valor da voz como elemento distintivo do ser humano, visto que nos permite reconhecer uma pessoa mesmo antes de vê-la (XI, 112, 271) – há tantos tipos de voz quanto há mortais no mundo.

Sêneca (I d.C.), em *De Ira*, III, 13, 3, recomenda controlar a voz para não transparecer a irascibilidade e exemplifica com o filósofo Sócrates que, segundo ele, diminuía a intensidade da voz e falava menos, um sinal óbvio de que estava lutando para controlá-la.

O Anônimo discorre acerca de outra temática cara à retórica, os movimentos do corpo, nos capítulos 74 a 76. A classificação fisiognomônica dos movimentos baseia-se essencialmente em duas categorias: natural ou afetado, este, por sua vez, varia de acordo com as características do indivíduo. O autor conclui que há então quatro tipos de movimentos corporais, um é o verdadeiro e natural, os demais são todos simulados.

Descrição – Movimento do corpo	Características/ Comportamento	Comparações
Afetado: constitui-se conforme o que julgar ser o mais agradável às melhores pessoas.	ambiciona honra, poder, lucro ou casamento/ veste-se à semelhança da luxúria e da bondade e ao que é nobre, abatido, esqualido, ocioso, misericordioso e laborioso, quando ele julga que devem ser imitadas a pobreza, a rusticidade, a parcimônia, a insignificância e a misericórdia	_____
Afetado e elaborado: dedica-se à beleza	molda o rosto e o corpo inteiro de modo que possa seduzir virgens ou perturbar matrimônios/ também aquele que é louco por rapazes ou se constitui, ele próprio, como mulher para provocar os homens	_____
Trabalha para afastar a suspeita de si, esforçando-se em assumir uma imagem viril	afeminado/ imita o modo de andar juvenil, corrobora com certa rigidez, intensifica os olhos e a voz, endireita o corpo inteiro, mas é facilmente descoberto quando a natureza vence e se revela; geralmente abaixa o colo e a voz, relaxa os pés e as mãos e dá-se a conhecer facilmente por meio de outros indícios passageiros, pois o	_____

	temor súbito e a alegria repentina o arranca da imitação trabalhada e o faz voltar para seu próprio engenho; é descoberto ao bocejar	
Anda com passos longos	magnânimo, eficiente	_____
Anda com passos pequenos e parados	ineficiente, econômico, de mente pequena e dissimulada, artífice de dolos	_____
Rapidez do movimento com corpo erguido, nobre e notável	ardente, que começa a fazer as coisas mais vezes do que as completa	_____
Move-se rapidamente, abaixa os olhos, se encolhe, rosto caído, todo o corpo enroscado e contraído	excessivamente medroso, econômico, esperto, menos generoso	_____
Rapidez dos movimentos e do andar, perturbação dos olhos, inconstância da cabeça, respiração ofegante e pesada	autor de grandes desgraças, excessivamente audaz	_____
Passos curtos e apressados	maligno, mais do que medroso e fraco	_____
Andar lento, se for natural	preguiçoso, se os sinais principais não divergirem	_____
Lentidão fabricada, às vezes, para, olha ao redor e ergue o pescoço	orgulhoso, devasso, adúltero	_____
Movimento das mãos e dos pés de acordo com os movimentos do corpo inteiro, ombros erguidos de forma moderada e tranquila, com suave inclinação do pescoço	magnânimo, forte	leão
Movimenta os ombros, ergue e estende o colo	orgulhoso, insolente	cavalo
Move todo o corpo	efeminado	_____
[Move todo o corpo] Ao se mover inclina o corpo para a direita	[efeminado] mais tolerável	_____
[Move todo o corpo] Inclina para a esquerda	[afeminado] mais estulto, severo	_____
Abaixa-se e dobra todo o corpo	inconvenientemente carinhoso	cão

O Anônimo lista os movimentos do corpo de maneira geral no capítulo 74, no qual define, antes de tudo, as três espécies dissimuladas de movimentação que procuram ocultar alguma característica ou transmitir qualidades que o indivíduo não tenha.

O primeiro tipo de movimento afetado é uma passagem um tanto duvidosa porque Foerster propõe a existência de uma lacuna, uma vez que as qualidades simuladas do *ethos* não correspondem ao que o indivíduo pretende simular:

[...] Um é quando o homem ambiciona a honra, o poder, o lucro ou o casamento, dessa maneira, ele se constitui conforme o que julgar ser o mais agradável às melhores pessoas. Com efeito, veste-se à semelhança da luxúria e da bondade e ao que é que é nobre, abatido, esquálido, ocioso, misericordioso e laborioso quando ele julga que devem ser imitadas a pobreza, a rusticidade, a parcimônia, a insignificância e a misericórdia. [...]

Nos outros dois tipos de movimentação adequada, retomam-se os libidinosos ou afeminados. Citemos a passagem a respeito deste último tipo para mostrar um tom cômico que permeia a obra e serve ao vitupério:

74. [...] trabalham para afastar a suspeita de si, esforçando-se em assumir uma imagem viril. Com efeito, estes imitam o modo de andar juvenil, corroboram por meio de certa rigidez, intensificam os olhos e a voz e endireitam o corpo inteiro, mas são facilmente descobertos quando a natureza vence e se revela; porque geralmente abaixam o colo e a voz, relaxam os pés e as mãos e dão-se a conhecer facilmente por meio de outros indícios passageiros, visto que o temor súbito e a alegria repentina os arrancam da imitação trabalhada e os fazem voltar para seu próprio engenho. Geralmente, os afeminados também são descobertos ao bocejar. [...]

A partir do capítulo 75, dá-se a impressão de que o critério se concentrará na maneira de andar, contudo, elementos gerais de movimentação são inseridos, o que se nota de diferente do capítulo precedente é que a rapidez ou lentidão passa a fazer parte da análise e é ainda menos subjetivo que a descrição do capítulo anterior. O capítulo 76 retoma o método zoológico e reafirma as características já associadas a tais animais, inclusive a força do leão.

Os critérios do Anônimo são semelhantes à discussão acerca do movimento corporal no tratado de Polemão (B, 38-40), que também é reproduzido por Adamantio (B, 38-40). Pseudo-Aristóteles, a exemplo do que temos visto, é bem mais sucinto nesta temática e não menciona a divisão entre movimento natural e fingido, o que provavelmente constitui uma preocupação mais tardia entre os fisiognomonistas (813a2-9).

Os movimentos do corpo são tema também da *Retórica a Herênio* na *pronuntiatio* e são variáveis de acordo com o estilo do discurso, assim como já se mencionara a respeito da voz:

[26] *Motus est corporis gestus et uultus moderatio quaedam, quae probabiliora reddit ea, quae pronuntiantur. Conuenit igitur in uultu pudorem et acrimoniam esse, in gestu nec uenustatem conspiciendam nec turpitudinem esse, ne aut histriones aut operarii uideamur esse.*

Ad easdem igitur partes, in quas uox est distributa, motus quoque corporis ratio uidetur esse adcommodanda. Nam si erit sermo cum dignitate, stantis in uestigio leui dexteræ motu loqui oportebit, hilaritate, tristitia, mediocritate uultus ad sermonis sententias adcommodata. Sin erit in demonstratione sermo, paululum corpus a ceruicibus demitemus: nam est hoc datum, ut quam proxime tum uultum admoueamus ad auditores, si quam rem docere eos et uehementer instigare uelimus. Sin erit in narratione sermo, idem motus poterit idoneus esse, qui paulo ante demonstrabatur in dignitate. Sin in iocatione, uultu quandam debemus hilaritatem significare sine commutatione gestus.

[27] *Sin contendemus per continuationem, brachio celeri, mobili uultu, acri aspectu utemur. Sin contentio fiet per distributionem, porrectione perceleri brachii, inambulatione, pedis dexteri rara subpalusione, acri et defixo aspectu uti oportet.*

Sin utemur amplificatione per cohortationem, paulo tardiore et consideratione gestu conueniet uti, similibus ceteris rebus atque in contentione per continuationem. Sin utemur amplificatione per conquestionem, feminis plangore et capitis ictu, nonnumquam sedato et constanti gestu, maesto et conturbato uultu uti oportebit. [...]

26. Movimento do corpo é o controle dos gestos e do semblante que torna mais provável o que pronunciamos. Convém que haja pudor e acrimônia no semblante; nos gestos, nem encanto, nem fealdade devem chamar atenção, para que não pareçamos histriões ou operários.

Também o método de mover o corpo deve acomodar-se àquelas partes em que se distribui a voz. Se a conversa for digna, deve-se falar parado no lugar, movendo suavemente a mão direita, com o semblante alegre, triste ou sereno, conforme o teor da conversa. Se a conversa for demonstrativa, inclinaremos o corpo um pouquinho, abaixando o pescoço, pois naturalmente movemos o rosto para mais perto do ouvinte quando queremos instruir-lhes de algo e instigá-lo com veemência. Se for narrativa, poderá convir o mesmo movimento que pouco acima mostrei para a dignidade. Se for jocosa, devemos sugerir certa hilaridade no semblante, mas sem alterar os gestos.

27. Se a contenda for contínua, utilizaremos movimentos rápidos do braço, semblante variado e olhar penetrante. Se a contenda for descontínua, é necessário estender subitamente o braço, andar de um lado de outro, bater ocasionalmente com o pé direito no chão e manter o olhar penetrante e fixo.

Se empregarmos a amplificação para incitar, convirá usar de gestos um pouco mais lentos e circunspectos, mas, de resto, proceder como na contenda contínua. Se usarmos a amplificação para a queixa, convém golpear com a mão

nas coxas e bater na cabeça, e, no mais, usar o gesto calmo e constante, o semblante triste e conturbado. [...]

A *Retórica a Herênio* dedica apenas dois breves capítulos aos movimentos, no entanto, é possível visualizar as descrições que efetua para indicar o melhor comportamento de acordo com cada tipo de discurso. Na contenda, por exemplo, os braços movem-se rapidamente, a expressão do rosto é inconstante e o olhar é penetrante (*acer*). Observa-se ser necessário ao orador controlar os gestos e harmonizá-los com o semblante e o teor do discurso.

Em *De Physiognomonia Liber*, há vários elementos analisados além do movimento, tais como os olhos, a respiração e a voz, que contribuem para a identificação do *ethos*; na fisiognomonia, já sabemos que o princípio da *epiprepeia* requer a análise de múltiplos sinais. Na retórica, o essencial é justamente a harmonia entre a expressão do rosto, dos gestos e do discurso com a intenção de simular um *ethos* ou mesmo um *pathos* para tornar o discurso mais convincente.

Ao finalizar, o autor da *Retórica* afirma ter se esforçado para exprimir por meio de palavras os movimentos do corpo e os tipos de voz, procurando aconselhar tudo o que julgava necessário e só com a prática é possível de fato aprender. Ele conclui dizendo que “a boa pronúncia garante que o que é dito pareça brotar do ânimo” (27). Se pressupormos, como dissemos, a difusão do conhecimento fisiognomônico e certa conexão com o discurso epidíctico, a teoria fisiognomônica serviria para instruir a respeito da “aparência” que seria capaz de transmitir o *ethos* adequado.

Outros autores também atribuem à *actio* a necessidade de harmonizar os elementos da fisiognomonia do orador ao discurso proferido.

Cícero também trata da *actio* do orador no livro III do seu *Do Orador*, a partir do §213, na fala de Crasso.

213. *Sed haec omnia perinde sunt, ut aguntur. Actio, inquam, in dicendo una dominatur; sine hac summus orator esse in numero nullo potest, mediocris hac instructus summos saepe superare. Huic primas dedisse Demosthenes dicitur, cum rogaretur, quid in dicendo esset primum; huic secundas, huic tertias; quo mihi melius etiam illud ab Aeschine dictum uideri solet; qui cum propter ignominiam iudicii cessisset Athenis et se Rhodum contulisset, rogatus a Rhodiis legisse fertur orationem illam egregiam, quam in Ctesiphontem contra Demosthenem dixerat; qua perlecta petium ab eo est postridie, ut legeret illam etiam, quae erat contra ab Demosthene pro Ctesiphonte dicta: quam cum suauissima et maxima uoce legisset, admirantibus omnibus “quanto” inquit “magis miraremini, si audissetis*

ipsum!” [...] 214. Quid fuit in Graccho, quem tu melius, Catule, meministi, quod me puero tanto opere ferretur? “Quo me miser conferam? Quo vertam? In Capitoliumne? At fratris sanguine madet. An domum? Matremne ut miseram lamentantem videam et abiectam?” Quae sic ab illo esse acta constabat oculis, uoce, gestu, inimici ut lacrimas tenere non possent. Haec ideo dico pluribus, quod genus hoc totum oratores, qui sunt ueritatis ipsius actores, reliquerunt; imitatores autem veritatis, histriones, occupauerunt. [...] 216. Omnis enim motus animi suum quendam a natura habet uultum et sonum et gestum; corpusque totum hominis et eius omnis uultus omnesque voces, ut nervi in fidibus, ita sonant, ut a motu animi quoque sunt pulsae. Nam uoces ut chordae sunt intentae, quae ad quemque tactum respondeant, acuta grauis, cita tarda, magna parua; quas tamen inter omnis est suo quoque in genere mediocris, atque etiam illa sunt ab his delapsa plura genera, leue asperum, contractum diffusum, continenti spiritu intermisso, fractum scissum, flexo sono extenuatum inflatum;²²⁹

213. Mas tudo isso depende da atuação do orador. A atuação, enfatizo, reina sozinha no discurso. Sem ela, o orador mais perfeito pode não ter importância, um orador mediano, instruído nela, muitas vezes supera os mais perfeitos. Conta-se que Demóstenes, quando lhe perguntaram qual o elemento mais importante na oratória, deu a ela o primeiro, o segundo e o terceiro lugares. A mim costuma parecer que o que Ésquines disse é ainda melhor do que isso. Conta-se que, depois que ele, devido à ignomínia de um processo, deixara Atenas e se dirigira a Rodes, os rodienses lhe pediram que lesse aquele célebre discurso que pronunciara contra Ctesifonte tendo Demóstenes por adversário; depois de terminada sua leitura, pediram-lhe, no dia seguinte, que lesse também o discurso em defesa de Ctesifonte que Demóstenes publicara. Como ele o leu com uma voz extremamente agradável e poderosa, disse a todos, que o admiravam: “admiraríeis mais ainda se tivésseis ouvido em pessoa!” [...] **214.** O que havia em Graco, de quem te lembrás mais bem do que eu, que, quando era menino, era tão elogiado? “Para onde eu, um desgraçado, me dirigirei? Para onde me voltarei? Para o Capitólio? Mas está inundado pelo sangue de meu irmão. Ou para casa? Para ver minha mãe se lamentando, mísera e desanimada?” Constava que atuava de tal forma com os olhos, com a voz, com os gestos, que seus inimigos não conseguiam conter as lágrimas. Digo isso em muitas palavras porque os oradores, que são os atores da própria realidade, abandonaram inteiramente esse gênero, enquanto os atores, imitadores da realidade, se apossaram dele. [...] **216.** De fato, toda paixão apresenta, por natureza, uma expressão, um som, uma gesticulação que lhe são próprios, e todo o corpo do homem, bem como toda sua expressão e todos os

²²⁹ M. Tullius Cicero. *De Oratore* (M. Tulli Ciceronis *Rhetorica*. Vol.1, ed. A. S. Wilkins, 1902).

sons da voz ressoam de tal forma, como as cordas nas cítaras, que sofrem a vibração também da paixão. De fato, os sons da voz visam a corresponder a cada toque: aguda, grave, rápida, lenta, grande, pequena. Contudo, entre cada uma delas há um meio-termo em seu gênero. E há ainda numerosos gêneros que derivam destes: leve, áspero, contrato, difuso, contendo a respiração, interrompendo-a, entrecortado, quebrado pelo som dobrado, extenuado, inflado. [Tradução: A. Scatolin. Grifo nosso]²³⁰

Na exposição acerca da *actio*, Cícero afirma que toda paixão (*motus animi*) possui naturalmente sua própria forma que se traduz no conjunto de vários elementos: as partes do corpo humano, todas as expressões e os tons de voz, os quais são comparados às cordas de um instrumento musical que trabalham juntas para transmitir o movimento anímico (§216). Ainda que em contexto diverso, a comparação de Cícero lembra-nos o que o Anônimo faz no começo do tratado fisiognomônico (cap. 2) para justificar a semelhança da alma com o corpo, associando a alma ao ar que passa pelos instrumentos de sopro, cujo som varia em cada instrumento, da mesma maneira que a alma assume uma forma de acordo com o corpo que ocupa²³¹.

Assim como se observa na *Retórica a Herênio*, Cícero mostra que a voz pode ser exercitada para que seja alterada de acordo com a necessidade do discurso, na sequência da passagem acima, §217-19, trazendo exemplos das variações da voz de acordo com o *motus animi*, ou seja, o *pathos* que se quer transmitir. Listamos a seguir tais exemplos, seguindo a tradução de A. Scatoli.

Motus animi

Cólera (*iracundia*)

Comiseração e tristeza (*miseratio, maeror*)

Medo (*metus*)

Violência (*uis*)

Aborrecimento (*molestia*)

Tom de voz

agudo, acelerado, entrecortado repetidas vezes

inconstante, pleno, interrompido, entrecortada pelas lágrimas

baixo, exitante, humilde

tenso, veemente, iminente pela impetuosidade da gravidade

grave, sem comiseração, encerrado numa única articulação e num único som

²³⁰ SCATOLIN, A., op. cit., cf. p. 303-4.

²³¹ Raina, em nota de sua tradução ao *De Physiognomonia Liber*, remonta à afirmação de Sêneca de que o estoico Cleantes teria feito tal aproximação.

A distinção básica entre voz aguda e grave também é mostrada em *Do Orador*. O tom de voz apropriado para a cólera, ou iracúndia, é o agudo (*acutum*); ao passo que o aborrecimento é grave (*grave*).

O tipo que incita a piedade é inconstante (*flexibile*), forte e interrompido, provavelmente pelas lágrimas. Interessante observar que a *mollitudo*, vocábulo que representa a flexibilidade na *Retórica a Herênio* (III, 20), é uma propriedade que deve ser trabalhada pelo orador e se refere às modulações que a voz sofre. Aqui, esta inconstância remete ao controle que o orador deve ter, visto que é preciso alterá-la de modo a convencer a audiência de que sofre a tristeza que procura transparecer no discurso.

No caso do medo, a voz deve ser baixa, exitante e humilde (*demissum et haesitans et abiectum*), mas para se transmitir a violência, uma disposição patética distinta do medo, o tom deve ser tenso, veemente e iminente pela impetuosidade da gravidade (*contentum, uehemens, imminens quadam incitatione gravitatis*).

Observa-se, portanto, que a exposição acerca da voz é breve, apesar de ser um elemento tão importante na *actio*, e os exemplos são antes representações de *pathe*, reconhecíveis pela voz, do que lições para representar cada tom.

Os gestos devem também acompanhar as emoções, contudo, o destaque em *Do Orador* é dado aos olhos, assim como vimos na teoria fisiognomônica.

220. *Omnis autem hos motus subsequi debet gestus, non hic uerba exprimens scaenicus, sed uniuersam rem et sententiam non demonstratione, sed significatione declarans, laterum inflexione hac forti ac uirili, non ab scaena et histrionibus, sed ab armis aut etiam a palaestra; manus autem minus arguta, digitis subsequens uerba, non exprimens; bracchium procerius proiectum quasi quoddam telum orationis; suppositio pedis in contentionibus aut incipiendis aut finiendis.* **221.** *Sed in ore sunt omnia, in eo autem ipso dominatus est omnis oculorum; quo melius nostri illi senes, qui personatum ne Roscium quidem magno opere laudabant; animi est enim omnis actio et imago animi uultus, indices oculi: nam haec est una pars corporis, quae, quot animi motus sunt, tot significationes [et commutationes] possit efficere; neque uero est quisquam qui eadem coniuens efficiat. Theophrastus quidem Tauriscum quendam dicit actorem auersum solitum esse dicere, qui in agendo contuens aliquid pronuntiaret.* **222.** *Qua re oculorum est magna moderatio; nam oris non est nimium mutanda species, ne aut ad ineptias aut ad prauitatem aliquam deferamur; oculi sunt, quorum tum intentione, tum remissione, tum coniectu, tum hilaritate motus animorum significemus apte cum genere ipso orationis; est enim actio quasi sermo corporis, quo magis menti congruens esse debet; oculos autem natura nobis, ut equo aut leoni saetas, caudam, auris, ad motus*

animorum declarandos dedit, 223. qua re in hac nostra actione secundum uocem uultus ualet; is autem oculis gubernatur. Atque in eis omnibus, quae sunt actionis, inest quaedam uis a natura data; [...]

224. *Ad actionis autem usum atque laudem maximam sine dubio partem uox obtinet; [...]*²³²

220. Todas essas paixões devem ser acompanhadas por gestos, mas não os do teatro, que representam as palavras, mas que manifestem todo o assunto e todo o pensamento por um sinal, não por uma demonstração, com esta inflexão forte e viril dos pulmões, proveniente, não do teatro e dos atores, mas do exército ou mesmo do ginásio. A mão menos evidente, que siga, não represente, as palavras com os dedos; a batida do pé no começo ou no fim dos embates. **221.** Mas tudo está no rosto: é exatamente nele que se encontra todo o poder dos olhos. Por isso agiram com mais acerto aqueles nossos velhos, que não elogiavam fortemente nem mesmo Róscio com a máscara. De fato, toda a atuação diz respeito ao ânimo, e a imagem do ânimo é a expressão, seus indícios, os olhos. É que esta é a única parte do corpo que é capaz de realizar as demonstrações e mudanças de todas as paixões que existem e, na verdade, não há ninguém que possa fazer o mesmo de olhos fechados. Teofrasto afirma que certo Taurisco, um orador, costumava discursar de costas, porque, enquanto discursava, exprimia-se observando algum objeto. Por isso é importante o controle dos olhos. **222.** De fato, não se deve mudar excessivamente o aspecto do rosto, para que não sejamos rebaixados a impertinências ou a alguma deformidade. Há os olhos: manifestemos as paixões ora com sua tensão, ora baixando-os, ora dirigindo-os, ora com sua alegria, de maneira adequada ao próprio gênero do discurso. De fato, a atuação é como que a linguagem do corpo, de modo que deve ser mais congruente com a mente. A natureza nos deu os olhos para demonstrar nossas paixões, tal como deu as crinas, a cauda e as orelhas para o cavalo ou o leão. **223.** Por isso, nesta nossa atuação, depois da voz, tem força a expressão; ela, por sua vez, é governada pelos olhos. E em tudo o que concerne à atuação existe uma espécie de poder conferido pela natureza. [...]

224. Mas, para a prática e a excelência da atuação, sem dúvida a voz ocupa a parte mais importante. [...] [Tradução: A. Scatolin. Grifo nosso]²³³

Lembremos uma proposição do *De Physiognomonia Liber* que enuncia, logo no início da obra, a soberania dos olhos como forma de expressão da alma:

10. [...] prefere-se considerá-los como portas da alma; pois dizem que a alma resplandece pelos olhos e existe somente esta entrada para que o ânimo possa ser exposto e investigado.

²³² Op. cit. (1902).

²³³ SCATOLIN, A., op. cit., cf. p. 306-7.

Ao rosto cabe a maior responsabilidade, pois Cícero afirma que os olhos constituem a única parte do corpo capaz de expressar todas as paixões, os gestos são importantes no conjunto, mas não tem o mesmo poder de representação. Com relação à representação, mesmo o teatro perde eficiência, já que o ator esconde seu rosto sob a máscara e as disposições anímicas não são realmente visíveis.

Cícero menciona algumas estratégias como baixar os olhos ou direcionar o olhar, mas não traz exposição detalhada, o que parece contraditório em virtude do destaque dado aos olhos, pois se trata da parte mais expressiva do corpo. Os olhos, ainda que componham o semblante da emoção que se pretende transmitir, pouco podem ser trabalhados, de qualquer modo, são instrumentos de transmissão do *ethos* prévio do orador, visto que a *actio* é o discurso corporal (*sermo corporis*) e deve estar de acordo com a índole daquele que fala (*quo magis menti congruens esse debet*). Compreendemos que a voz é, na prática, o elemento mais importante, visto que pode ser trabalhada para colaborar na eficiência do discurso.

Na teoria fisiognomônica, a categorização dos olhos é ampla e os critérios são, em geral, físicos (como a cor dos olhos e a profundidade), logo, impossíveis de modificar. No entanto, alguns critérios são subjetivos e parecem transmitir mais um *pathos* do que propriamente um *ethos*, como no caso da mobilidade dos olhos, temos, por exemplo, os olhos que se movem rapidamente indicando um ânimo constantemente perturbado (capítulo 23), e os que se voltam para a parte superior denunciam a insanidade (capítulo 29). Outros critérios baseiam-se em aspectos que podem ser imitados, tais como os olhos que são mais fechados (capítulo 39), ou abertos (capítulo 40), ou mesmo que fecham e abrem constantemente (capítulo 41).

Nesse sentido, a fisiognomonia poderia ser considerada uma *techne* que traz um repertório de imagens correspondentes às disposições anímicas, úteis, por exemplo, na prática oratória. O livro de fisiognomonia aqui estudado é posterior a esta teorização retórica que comentamos e, conforme já vimos, a sistematização do tratado é um tanto irregular, sob este argumento o tratado nos parece antes um catálogo do que uma obra que encerre propósito didático, sobretudo se assumirmos que era vista como pseudociência. Adotamos aqui o termo “catálogo” não no sentido convencional, de forma não narrativa que se resume a uma lista de itens, com demonstração objetiva dos fatos, como explica Benjamin Sammons²³⁴, já que *De Physiognomonia Liber* não é sintético

²³⁴ SAMMONS, B., op. cit., cf. Introdução.

como uma lista, mas se apresenta de forma mais elaborada, incluindo breves estruturas narrativas – tais estruturas são mais escassas, contudo, os exemplos extraídos de Polemão que o Anônimo sintetizou trazem mais elementos narrativos, conforme se observa na edição árabe que temos adotado para o cotejo entre os tratados.

Entretanto, se considerado na tradição que vem desde o pseudoaristotélico *Physiognomonica* (III a.C.), reconhecidamente fundamentado em obras de Aristóteles, podemos propor que assuma certa função didática ao servir como manual que orienta a respeito dos princípios da fisiognomonía e não uma longa lista de tipos fisiognomônicos.

Cícero mostra possuir a consciência fisiognomônica em sua obra, não apenas no que diz respeito à *actio*, pois já observamos este uso em *In Pisonem*, I, 1 (que citamos no primeiro capítulo desta tese) ao fazer uma invectiva contra Pisão atacando sua aparência dissimulada.

Em *Pro Roscio Comodeo*, Cícero discursa em defesa do ator Róscio e pede que seja comparado o semblante deste com o de seu acusador, realizando a invectiva por meio da ausência de cabelo e barba:

20. [...] *Nonne ipsum caput et supercilia illa penitus abrasa olere malitiam et clamitare calliditatem uidentur? non ab imis unguibus usque ad uerticem summum, si quam coniecturam adfert hominibus tacita corporis figura, ex fraude, fallaciis, mendaciis constare totus uidetur? qui idcirco capite et superciliis semper est rasis ne ullum pilum uiri boni habere dicatur [...]*²³⁵

[...] Acaso não parecem, a própria cabeça e aquelas sobrancelhas totalmente raspadas cheirar à malícia e gritar trapaça? Não parece consistir inteiramente em má fé, falácias e mentiras, da ponta das unhas até a extremidade da cabeça, se a figura tácita do corpo produzir um diagnóstico acerca dos homens? Ele, porque está sempre com a cabeça e as sobrancelhas cortadas, de modo que se diga não ter um único pelo de bom homem [...].

[Tradução nossa]

A barba é um traço associado à seriedade, como se observa em *Pro Sestio*, VIII, 19-20, em que a seriedade se concentra no semblante do homem de barba, representando um suporte da república, cujos olhos, sobrancelhas e testa constituem a gravidade necessária para que a república esteja segura.

Conforme ressalta Evans²³⁶, Cícero usa o mesmo tom acerbo ao invectivar outras pessoas, dentre as quais se destaca Catilina e seus cúmplices nas *Catilinárias*, III, 5, 13, em que recorre às provas visíveis da culpabilidade, além das cartas, tais como a cor, os

²³⁵ M. Tulli Ciceronis Orationes. Vol. 4, ed. A. C. Clark, 1909.

²³⁶ EVANS, E., op. cit., cf. p. 44.

olhos, o semblante e a taciturnidade. Em geral, Cícero cita a aparência para vituperar nos discursos, revelando a importância da consciência fisiognomônica no discurso epidítico.

Caio Júlio Vítor (IV d.C.), em sua *Arte Retórica*, traz também informações a respeito da postura do orador durante a pronúncia, no capítulo XXIV (*De pronuntiatione*), e ressalta a conjunção dos elementos para a boa atuação do orador.

Pronuntiatio est ex rerum et uerborum dignitate uocis et corporis moderatio. Huic non immerito Demosthenes ex omnibus oratoris uirtutibus primas dedit et secundas at tertias. Haec enim in tantum excellit, ut etiam secundam sententiam maximi Tullii quamquam indocta oratio laudem tamen consequatur, si optime proferatur, et quamuis optime expolita, si indecenter pronuntietur, contemptum irrisoremque mereatur. Et uocis ergo et speciei et totius corporis et ipsius linguae motus exerceantur, quia non tam artis haec erunt quam laboris.

*Obseruandum etiam, ut recta sit facies: ne labra detorqueantur, ne immodicus hiatus rictum distendat, ne supinus uultus, ne deiectioni in terram oculi, ne inclinata ceruix, ne elata aut depressa supercilia.*²³⁷

Pronúncia é a moderação da voz e do corpo segundo a dignidade das coisas e das palavras. A ela, não sem razão, Demóstenes dentre todas as virtudes do orador deu a primeira, a segunda e a terceira. Pois ela de tal modo é notável que, conforme a sentença do grande Túlio, um discurso, ainda que indouto, consegue algum elogio se for proferido perfeitamente, e, ainda que perfeitamente burilado, se for pronunciado de forma indecorosa, merece desprezo e escárnio. Portanto, sejam exercitados os movimentos de voz, de respiração, de todo o corpo e da própria língua, porque essas coisas não são tanto da arte quanto do trabalho. [...]

Deve-se atentar para que a feição seja correta: que os lábios não se contorçam, que uma abertura desmedida não distenda a boca, que o semblante não fique empinado, que os olhos não fiquem voltados para o chão, que o pescoço não fique inclinado, que as sobrancelhas não fiquem levantadas ou abaixadas. [Tradução: Thaís M. Martin]²³⁸

Parece-nos que Caio J. Vítor herda os preceitos da *actio* de Quintiliano, ao percorrer mais detalhadamente acerca dos gestos. Quintiliano traz uma longa discussão a respeito da *pronuntiatio* nas suas *Instituições Oratórias*, no livro XI, III. Faremos uma síntese da exposição de Quintiliano a respeito da pronúncia, destacando postulados que manifestam pressupostos fisiognomônicos.

²³⁷ *Rhetores Latini Minores*. Códice de Carolus Halm.

²³⁸ Tradução anotada e comentários da *Ars rhetorica de Caio Júlio Vítor*. Dissertação de Mestrado – DLCV/ FFLCH/ USP. Orientador: Prof. Dr. Marcos M. dos Santos, 2010.

I. *Pronuntiatio a plerisque actio dicitur, sed prius nomen a uoce, sequens a gestu uidetur accipere.*²³⁹

A pronúnciação é chamada de *actio* por muitos, mas o primeiro nome parece originar-se da voz e, o seguinte, do gesto. [Tradução nossa]

Na sequência, Quintiliano explica que Cícero fala da *actio* como uma forma de discurso ou de eloquência corporal: “*quasi sermo corporis*” (*Do Orador*, III, 222), “*quasi corporis quaedam eloquentiam*” (*Orador*, XVII, 55) – de fato, Cícero divide a pronúnciação em voz e movimento.

Apesar da breve polêmica em torno da nomenclatura, Quintiliano volta sua atenção para a eficiência da pronúnciação na comoção do público, uma vez que não importa a eficiência da prova apresentada se o orador vacilar na firmeza do tom de voz, é preciso inflamar a voz, o semblante e o corpo inteiro de maneira a tornar o público igualmente inflamado. O trabalho do orador também é comparado ao do ator do teatro que nos move, por vezes, mais do que quando lemos o poema. Ele ainda afirma que mesmo um discurso medíocre pode ser mais eficiente na comoção se for bem executado do que um discurso melhor que não tenha uma boa pronúnciação; por essa razão, Demóstenes – modelo de orador – teria atribuído à pronúnciação o primeiro, segundo e terceiro lugar na escala de importância da oratória (§2-6), mesma afirmação já referida por Cícero em *Do Orador*, III, 213.

Para Quintiliano, não só a voz acrescenta força às palavras, mas também os gestos e os movimentos que são carregados de significado, por meio da combinação destes elementos, é possível chegar próximo da perfeição (§9), proposição reiterada diversas vezes ao longo deste livro.

Grande parte da discussão acerca da pronúnciação em Quintiliano é dedicada à voz – tema que recebe bastante destaque em outras obras retóricas, como já vimos.

14. [...] *Natura vocis spectatur quantitate et qualitate. Quantitas simplicior; 15. in summam enim grandis aut exigua est, sed inter has extremitates mediae sunt species et ab ima ad summam ac retro sunt multi gradus. Qualitas magis varia. Nam est et candida et fusca, et plena et exilis, et levis et aspera, et contracta et fusa, et dura et flexibilis, et clara et optusa. 16. Spiritus etiam longior breviorque.*

14. [...] Julga-se a natureza da voz pela quantidade e qualidade. **15.** A quantidade é mais simples, pois, em resumo, é forte ou fraca, contudo, há algumas espécies que estão no meio destes extremos e há inúmeros graus entre

²³⁹ Edição adotada para as citações seguintes de tradução nossa: M. Fabius Quintilianus. *Institutio Oratoria* (M. Fabi Quintiliani Institutionis Oratoriae Libri Duodecim. Vols. 1–2, ed. M. Winterbottom, 1970).

o mais baixo e o mais elevado, e vice-versa. A qualidade é mais variada, com efeito, pode ser clara ou rouca, plena ou esgotada, suave ou áspera, compasso restrito ou difuso, dura ou flexível, clara ou surda. Há também a respiração que pode ser mais longa ou breve. [Tradução nossa]

Apesar dos aspectos acima mencionados, Quintiliano explica na sequência que os órgãos da respiração e os vocais atuam em conjunto e produzem tons de voz distintos. A divisão essencial para ele é a voz aguda (*acuta*), grave (*gravis*) e intermediária (*flexa*) que variam de acordo com a entonação. Na verdade, há muitas variedades de voz, inclusive as formas intermediárias, no entanto, nomeiam-se poucos tipos, mas cada indivíduo possui sua própria voz com características particulares que são perceptíveis ao ouvido, assim como as expressões faciais são aos olhos (§16-18). Ele ainda cita mais adiante, §31, existir aspectos na voz que revelem a origem da pessoa, por meio das quais é possível distinguir um bárbaro ou um grego. Quintiliano também considera que as qualidades da voz possam ser aprimoradas pelo cultivo, no §19, conforme vimos já na *Retórica a Herênio*.

Sêneca, em *Sobre a ira*, III, 2-3, recomenda que o sentimento de irascibilidade deve ser controlado, ocultando-se os indícios, tal como a voz – no caso de Sócrates, ele enfraquecia o tom de voz e falava menos, o que demonstrava estar tentando controlar sua raiva. Parece consenso entre os teóricos que é possível trabalhar as variações da voz e controlá-la.

Mais adiante, §66, Quintiliano retoma o princípio de que é preciso haver harmonia entre os elementos da *actio*, tais como os gestos, o rosto, a maneira de andar, além dos olhos e outros indícios corporais para expressar o estado do ânimo, lembrando-se que mesmo os animais mostram na fisionomia traços do temperamento.

Para realçar a importância dos movimentos na execução do discurso, Quintiliano comenta que o orador que declama alegremente coisas tristes ou afirma algo com gesto negativo terá a credibilidade do discurso comprometida (§67).

Quintiliano trata de outros elementos fundamentais à *actio* e que já observamos ter igual importância na fisionomia.

A cabeça é a parte principal do corpo e indispensável na *actio* porque produz significados de acordo com a posição. A cabeça naturalmente reta é sinônimo de graça, elegância, quando está abaixada representa a humildade, ao passo que erguida denota a arrogância, já a inclinação para um lado revela abatimento e se for muito rígida e firme

indica certa ferocidade. Novamente, ele lembra que a observação deve ser feita em conjunto com olhos e gestos (§69-70).

A parte da cabeça que domina a expressão é o rosto, pois nele se manifestam as emoções (§72). Nesta hierarquização dos sinais, os olhos são a parte mais importante do rosto, pois eles constituem a parte que expressa o ânimo e são capazes de demonstrar pelo seu movimento, por exemplo, doçura ou aspereza, além de possuir o recurso das lágrimas, indicadores de dor ou alegria. As pálpebras contribuem para compor um *ethos*, pois Quintiliano declara que os olhos fechados completamente ou parcialmente revelam rusticidade ou estultícia.

As sobrancelhas são importantes porque compõem o olhar e alteram a expressão da frente, com elas é possível contrair, erguer e abrandar os olhos. O movimento excessivo da sobrancelha é vicioso tanto quanto sua imobilidade, ou mesmo quando ergue uma, mas desce a outra, como na máscara cômica – excessos ou irregularidades, portanto, não são desejáveis. Caso estejam contraídas, as sobrancelhas demonstram a ira, abaixadas, a tristeza, se relaxadas, a alegria; o movimento de abaixá-las e levantá-las representa consentimento ou recusa (§75-79).

20. Ator mascarado como Paposileno

Museu Nacional Romano

Copyright ©2011 IAC - USP - Fotos de Paulo Martins

Assim como observamos em outros tratados de retórica, não há correspondência exata entre a descrição de Quintiliano e o *De Physiognomonia Liber*, de qualquer forma, o que observamos até agora das *Instituições Oratórias* deixa evidente a necessidade do conhecimento fisiognomônico no domínio das técnicas oratórias, ainda que seja fundamentado em teorias do senso comum.

No §78, ainda no livro XI, III, Quintiliano diz que o único elemento com mais influência do que os olhos na expressão do rosto é o sangue, pois ele é muito expressivo na *actio* porque pode indicar vergonha ou pusilanimidade e o ideal é o equilíbrio entre a vermelhidão e a palidez:

[...] *sanguis ille qui mentis habitu mouetur et, cum infirmam uerecundia cutem accipit, effunditur in ruborem: cum metu refugit, abit omnis et pallore frigescit; temperatus medium quoddam serenum efficit.*

[...] o sangue que se move conforme o estado mental: na vergonha, atinge a pele tênue, a qual é tomada de rubor; no medo, refugia-se e some todo, causando gélida palidez. Equilibrada a mente, produz uma espécie de serena neutralidade. [Tradução: Maria Fernanda D. de Aguiar]²⁴⁰

O sangue é, como afirma o Anônimo com base na teoria médica de Loxo, a morada da alma (capítulo 2), uma ideia difundida na fisiognomonia e que evidencia seu parentesco com a medicina. No tratado que estudamos, não há exposição detalhada a respeito do sangue, mas é um aspecto que costuma estar presente nas descrições de coloração, o adjetivo *sanguinolentus*, por exemplo, ocorre algumas vezes e temos a palidez como sua condição oposta. No capítulo 79, apresentam-se algumas possibilidades da coloração avermelhada.

[...] Quando as veias do pescoço e das têmporas são patentes e os olhos são cor de sangue, mostram o ânimo irascível e violento, às vezes, também o insano. Quando o rosto enrubesce, apresenta o pudico ou vinolento. Logo, vamos diferenciar este rubor pelos indícios dos olhos. Com efeito, caso os olhos tinjam-se de vermelho e tenham alguma umidade, mostram o homem que se entrega ao vinho; caso sejam secos e tinjam-se de vermelho, mostram o irascível; caso não sejam excessivos em tais características, o pudico.

Retomando Quintiliano, o movimento do nariz e dos lábios compõem algumas expressões, tais como escárnio, desprezo e fastio. É indecoroso franzir o nariz, enchê-lo de ar, movimentá-lo e tocá-lo com o dedo, expirar subitamente, abri-lo demais, empurrá-lo com a palma da mão e também não se deve assoá-lo com frequência (§80).

Quanto aos lábios, alguns movimentos constituem um mau sinal, tais como estendê-los, abri-los, apertá-los, deixar os dentes evidentes, estender um lado quase até a orelha, curvâ-los por fastio, deixá-los pendentes e deixar a voz escapar apenas por uma parte. Lambê-los e mordê-los é inadequado e o movimento dos lábios ao falar deve ser moderado porque devemos expressar as palavras com a boca, não com os lábios (§81).

Quintiliano passa a tratar de diversos gestos na sequência, seguindo a estrutura corporal a partir do pescoço:

82. *Ceruicem rectam oportet esse, non rigidam aut supinam. Collum diuersa quidem sed pari deformitate et contrahitur et tenditur, sed tenso subest*

²⁴⁰ Agradeço à tradutora, bacharel em Latim, pela colaboração neste excerto e também pela autorização para publicar sua tradução na presente pesquisa.

et labor tenuaturque uox ac fatigatur, adfixum pectori mentum minus claram et quasi latiore presso gutture facit.

Convém que o pescoço fique reto, nem rígido e tampouco deitado para trás. Quanto à garganta²⁴¹, certamente, contraí-la e estendê-la é igualmente vicioso, mas de maneira diversa, pois se estiver estendida causa fadiga, enfraquecendo e cansando a voz; o queixo pregado ao peito faz a voz menos clara e como se parecesse mais grossa por causa da pressão na goela.

[Tradução nossa]

O equilíbrio é mais uma vez recomendável, pois a região do pescoço em que fica a garganta, se estendida ou contraída afeta a produção da voz. Na fisiognomonia, sabemos que o indivíduo de corpo contraído não nos permite vê-lo e isto torna a estrutura física comprimida inadequada ao corpo, mas a aplicação prática deste princípio na retórica não se relaciona à impressão transmitida, pois o que torna imprescindível este conhecimento é o fato de tais movimentos afetarem a fala.

Em seguida, Quintiliano fala acerca dos ombros e contraí-los também raramente é recomendável, bem como erguê-los; a contração diminui o pescoço tornando a aparência humilde, servil e enganosa, já que os ombros assumem uma postura de adulação e admiração e simulam o medo (§83).

Para pronunciar algo contínuo ou passageiro, os braços devem ser moderadamente projetados para frente, com os ombros relaxados e os dedos abrindo conforme as mãos se movimentem (§84).

Quintiliano se prolonga na discussão dos gestos mais do que outros autores. Na fisiognomonia, o movimento trabalhado não é considerado adequado porque revela em geral características éticas ruins, apenas o que não parece artificial é adequado, ao passo que Quintiliano dá verdadeiras lições aos oradores de como apresentarem-se no discurso, considerando várias partes do corpo, o que obviamente requer exercitação para parecer natural.

Os gestos devem acompanhar as palavras, mas Quintiliano destaca alguns que têm significado em si próprios, tais como sugerir que um indivíduo está doente ao imitar o médico examinando seu pulso ou mesmo representar um músico por meio do movimento das mãos tocando instrumentos de cordas (§88); porém, ao orador não é lícito recorrer a este expediente, pois não se deve expressar ações dessa maneira, mesmo por meio da voz, é inadequado imitar as pessoas, já que tais representações assemelhariam-se ao trabalho

²⁴¹ No *De Physiognomonia Liber*, *collum* tem acepção distinta porque o Anônimo utiliza *guttur* para “garganta”, o contexto em Quintiliano nos leva a traduzir de maneira diferente.

do ator cômico, que ele julga indecoroso. É preciso que os gestos concordem com os sentimentos, como faziam os pantomimos mais sérios, e tais gestos não devem tentar expressar as palavras (§89-91).

Alguns gestos são apropriados em dado momento do discurso, tal como o dedo médio contraído na direção do polegar e os demais estendidos que constituem um movimento adequado ao exórdio, com um leve movimento da mão, sem tender para a direita ou esquerda, com a cabeça e os ombros seguindo-lhe lentamente o gesto (§92).

A postura dos pés também é discutida por Quintiliano. Não é adequado, por exemplo, firmar-se sobre o pé direito adiantado e levar a frente a mão e o pé do mesmo lado; recomenda-se apoiar-se sobre o pé direito, sem inclinação do peito, apenas às vezes, pois é um gesto mais próprio do ator cômico do que do orador (§125).

Já notamos que o ator cômico é tido como modelo a não ser seguido na *actio*, pois apresenta gestos exagerados que tornam o discurso menos persuasivo. Em *De Physiognomonia Liber*, o autor comenta que as máscaras dos velhos cômicos são figuradas com sobranceiras arqueadas e revelam um indivíduo versuto (cap.72).

Quintiliano afirma que é preciso evitar a atuação efeminada acima de tudo (“*Longissime fugienda mollis*” – §128), citando um exemplo de Cícero²⁴², em que se repreende um certo tipo de dança (*saltatio*). Acerca deste aspecto na fisiognomonia, já discutimos bastante no capítulo precedente, em que os tipos afeminados representam *ethos* inadequado e, mesmo procurando esconder, revelam-se na movimentação.

Ele ainda conta uma anedota acerca de Demóstenes, §130, célebre orador, que corrigiu o hábito de agitar muito os ombros falando em púlpito estreito com uma lança sobre esta parte do corpo, assim, toda vez que exagerava seria atingido pela lança. Quintiliano evidencia aqui, e em outras partes em que menciona Demóstenes, a utilidade do exercício ao orador para melhorar a *actio*.

Outra constatação que pode ser feita com base nas lições de Quintiliano é de que ele traz muitos exemplos de expressões e comportamentos inapropriados, a exemplo do que ocorre nos tratados fisiognomônicos; de fato, podemos depreender dos postulados retóricos que o excesso é também inadequado na pronúncia.

Podemos lembrar a descrição do pescoço em *De Physiognomonia Liber* (cap. 55) que, embora não esteja na parte dos movimentos do corpo presente no tratado, fica evidente tratar-se de um critério relacionado ao gestual e que pode ser disfarçado: quando

²⁴² Cf. *Brutus*, 225.

o pescoço estiver abaixado indica o estulto ou afeminado; se retorcido para cima indica o insolente, cruel, estulto e inútil; se estiver curvado sobre o peito indica, entre outras coisas, a maldade; inclinada para a esquerda mostra o estulto e o *cinaedus* e, para a direita, também indica o *cinaedus*. No capítulo 57, vemos que as clavículas comprimidas em direção aos ombros e ao peito indicam a lentidão dos sentidos e a estupidez do ânimo, além de mãos inaptas ao trabalho e à arte. O critério de descrição é próximo do que vimos em Quintiliano, contudo, a análise dos ombros, que são tema do capítulo 58, concentram-se na aparência física e não na movimentação.

Embora constatemos a semelhança de tópicos, o tratamento é bem distinto, pois o objetivo de Quintiliano é ensinar como executar uma pronúncia eficiente e o domínio sobre o semblante e os gestos é fundamental, visto que a movimentação inadequada enfraquece a credibilidade do discurso, afinal, sabemos que o corpo pode contradizer o discurso. Em *De Physiognomonia Liber*, inúmeras vezes vemos descrições que se associam não propriamente a um *ethos*, mas à disposição anímica, embora poucos elementos possam ser controlados, a dissimulação é mencionada como prática de alguns indivíduos, na tentativa de disfarçar vícios e fingir virtudes.

Dada a extensão do livro de fisiognomonia, esperava-se certa variedade na descrição dos movimentos, o que não ocorre, talvez para reforçar a afirmação do autor em torno da primazia do rosto, sobretudo dos olhos, o que também é uma ideia bastante difundida.

Percebemos que o conhecimento fisiognomônico permeava a prática oratória nas invectivas, ainda que não de forma sistematizada, destacando o indivíduo vituperado a partir de traços indecorosos na sua aparência.

O artigo “Physiognomy”²⁴³, publicado pela *Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, divide a fisiognomonia em dois grupos: móvel – anatomia da expressão, portanto, das emoções; imóvel – anatomia da forma, logo, dos traços físicos. Afirma-se que o primeiro grupo é de grande importância para a oratória, é o que já nomeamos patognomonia e, de fato, é útil na composição do *ethos* do orador, se construído no discurso, para representar as emoções de maneira crível e mover seu público. Mesmo que a teorização em torno da *actio* não esteja propriamente relacionada ao grupo que se pode chamar, conforme o artigo mencionado, fisiognomonia imóvel, há

²⁴³ *Anthropological Review*, v. 6, nº. 21, p. 137-154, 1968. Cf. p. 142.

elementos comuns às duas práticas na composição do *ethos* do orador ou dos indivíduos a respeito dos quais discursam que ficam evidentes ao observar os ensinamentos retóricos.

4. A presença da fisiognomonia em textos da Antiguidade Clássica

Temos discutido amplamente acerca da presença da fisiognomonia na cultura da Antiguidade Clássica e procuramos provar que, apesar de seu estatuto questionável e a limitada quantidade de obras específicas, além da autoria equivocadamente atribuída a Aristóteles do tratado grego mais antigo a respeito do assunto, a fisiognomonia era um elemento cultural, impregnado de lugares-comuns e de pressupostos oriundos de áreas diversas.

Após analisarmos a aproximação entre fisiognomonia e retórica, trataremos agora a respeito do emprego de preceitos fisiognomônicos em diversos gêneros de prosa e poesia da Antiguidade Clássica, por meio de enunciados que procuram manifestar *ethos* ou *pathos*. Devemos estudar os exemplos cautelosamente, visto que os autores, muitas vezes, empregam o recurso da fisiognomonia como parte integrante de outros mecanismos retórico-poéticos, servindo a propósitos variados. Não ocorre a utilização sistemática dos princípios fisiognomônicos expostos nos manuais, no entanto, a importância da fisiognomonia é inegável à construção do *ethos* de personagens.

A função desempenhada pelo emprego da fisiognomonia é, portanto, variável, por essa razão, selecionamos alguns textos para avaliar os recursos adotados nos contextos fisiognomônicos. Os exemplos dados aqui não esgotam o assunto e servem para provar a teoria defendida nesta tese.

Constituem o nosso *corpus*: a *Eneida* de Virgílio; as *Vitae* de Suetônio, dentre as quais selecionamos o *Divino Júlio*, *Divino Augusto*, *Tibério* e *Calígula*; alguns *Epigramas* de Marcial; *Panteia*, das *Imagines* de Filóstrato, único texto grego que analisaremos detalhadamente. Lembraremos, ainda, alguns exemplos da literatura grega sempre que for necessário, pois, ainda que não constituam nosso *corpus*, são fundamentais para provarmos a amplitude da consciência fisiognomônica e sua aplicação na literatura da Antiguidade Clássica.

4.1. Virgílio – *Eneida*

4.1.1. Algumas imagens na poesia épica de Homero

A descrição de características físicas associadas a qualidades éticas é um recurso usado já desde Homero na poesia épica quando, por exemplo, descreve o ridículo Tersites:

- Θερσίτης δ' ἔτι μούνοιο ἀμετροεπὴς ἐκολῶα,
 ὃς ἔπεα φρεσὶν ἦσιν ἄκοσμά τε πολλὰ τε ἦδη
 μάψ, ἀτὰρ οὐ κατὰ κόσμον, ἐριζέμεναι βασιλεῦσιν,
 215 ἀλλ' ὃ τι οἱ εἴσαιτο γελοῖον Ἀργείοισιν
 ἔμμεναι· αἴσχιστος δὲ ἀνὴρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε·
 > φολκὸς ἔην, χολὸς δ' ἔτερον πόδα· τὼ δέ οἱ ὦμω
 κυρτὼ ἐπὶ στῆθος συνοχωκότε· αὐτὰρ ὕπερθε
 φοξὸς ἔην κεφαλὴν, ψεδνὴ δ' ἐπενήνοθε λάχνη.
 220 ἔχθιστος δ' Ἀχιλῆϊ μάλιστ' ἦν ἡδ' Ὀδυσῆϊ·
 Unicamente Tersites sem pausa a falar continuava,
 pois tinha sempre o bestunto repleto de frases ineptas,
 que contra os reis costumava atirar, sem propósito ou regra,
 215 contanto que provocasse dos nobres Argivos o riso.
 Era o mais feio de quantos no cerco de Tróia se achavam.
 Pernas em arco, arrastava um dos pés; as espáduas, recurvas,
 se lhe caíam no peito e, por cima dos ombros, em ponta,
 o crânio informe se erguia, onde raros cabelos flutuavam.
 220 Tanto Odisseu como o divo Pelida ódio grande lhe tinham [...]
 [Iliada, II, 212-20 – Tradução: Carlos A. Nunes]²⁴⁴

A descrição acima mostra um personagem inferior aos heróis e, ainda que não haja correspondência exata com as descrições fisiognomônicas, constatamos que a figura composta é indecorosa, com aparência disforme que reflete, de certa forma, seu caráter. Considerando a classificação proposta no tratado pseudoaristotélico, o homem impudente tem escápulas altas e o corpo é recurvado (807b29) e, frequentemente, a escassez de cabelo é sinal de algum vício. A imagem das espáduas caindo sobre o peito nos transmite uma ideia de dissimulação porque esconde a parte frontal, o que já vimos não ser uma estrutura física decorosa.

George Boys-Stones²⁴⁵ não vê esta passagem como representação do caráter de Tersites, mas apenas como indicação de que os deuses o desfavoreceram com sua fealdade. Para o autor, o levantamento de exemplos em Homero é tendencioso e questionável, ainda assim, reconhece que Homero costuma revelar o caráter de personagens por meio da aparência. Mesmo que se questione o emprego da fisiognomonia aqui, o uso da etopeia, que já vimos ser uma prática retórica, fica evidente porque a descrição ultrapassa o âmbito da aparência e discorre acerca do comportamento, mas

²⁴⁴ Op. cit. (2009). Nos próximos excertos dos poemas homéricos, não citaremos mais o tradutor, como informado, adotamos C. A. Nunes para todas as citações de Homero.

²⁴⁵ “Physiognomy and Ancient Psychological Theory”. In: SWAIN, S., op. cit., p. 19-124. Cf. p. 20.

também emprega o *characterismos* – o qual estudamos sob a denominação de efígie (*effictio*) no capítulo precedente – que procura detalhar a aparência de modo a produzir a imagem e fazer reconhecível o indivíduo de qual se fala.

Outros exemplos podem ser destacados na poesia homérica e, segundo Stones, enquadram-se no conceito da fisiognomonía. São eles:

- Νιρεύς, ὃς κάλλιστος ἀνὴρ ὑπὸ Ἴλιον ἦλθε
τῶν ἄλλων Δαναῶν μετ' ἀμύμονα Πηλεΐωνα·
675 ἄλλ' ἀλαπαδνὸς ἔην, παῦρος δέ οἱ εἴπετο λαός
Era Nireu o mais belo, debaixo dos muros de Tróia,
entre os do exército Acaio, se excluirmos o grande Pelida;
mas era imbele; bem poucos heróis perfaziam-lhe o séquito.
[*Ilíada*, II, 673-75]

- ἦ που καρχαλόωσι κάρη κομόωντες Ἀχαιοὶ
φάντες ἀριστῆα πρόμον ἔμμεναι, οὐνεκα καλὸν
45 εἶδος ἔπ', ἄλλ' οὐκ ἔστι βίη φρεσὶν οὐδέ τις ἀλκή.
Riem-se à grande os Aquívos de soltos cabelos nos ombros.
Um dos primeiros julgavam que fosses, por seres de físico
tão primoroso; no entanto, careces de força e coragem.
[*Ilíada*, III, 43-5]

- ἄλλ' ὅτε δὴ πολύμητις ἀναΐξειεν Ὀδυσσεὺς
στάσκεν, ὑπαὶ δὲ ἴδεσκε κατὰ χθονὸς ὄμματα πήξας,
σκῆπτρον δ' οὔτ' ὀπίσω οὔτε προπρηνὲς ἐνώμα,
ἄλλ' ἀστεμφὲς ἔχεσκεν ἄϊδρεϊ φωτὶ ἐοικώς·
220 φαίης κε ζάκοτόν τέ τιν' ἔμμεναι ἄφρονά τ' αὐτως.
ἄλλ' ὅτε δὴ ὅπα τε μεγάλην ἐκ στήθεος εἶη
καὶ ἔπεα νιφάδεσσιν ἐοικότα χειμερίησιν,
οὐκ ἄν ἔπειτ' Ὀδυσῆϊ γ' ἐρίσσειε βροτὸς ἄλλος·
οὐ τότε γ' ὦδ' Ὀδυσῆος ἀγασσάμεθ' εἶδος ἰδόντες.
Quando, porém, Odisseu, o astucioso, assumia a postura
para falar, vista baixa e olhos fixos no chão pedregoso,
como indivíduo bisonho que o cetro na mão mantivesse
sempre no mesmo lugar, sem movê-lo de um lado para o outro,
220 imaginaras, talvez, ser pessoa inexperta ou insensata.
Mas do peito fazia soar a voz forte e agradável
E um turbilhão de palavras, qual neve no tempo de inverno,
com Odisseu ninguém mais suportara qualquer paralelo.

Todos, então, esquecíamos sua anterior aparência”.

[*Ilíada*, III, 216-24]

- 165** τὸν δ' ἄρ' ὑπόδρα ἰδὼν προσέφη πολύμητις Ὀδυσσεύς·
 “ἔξῃν', οὐ καλὸν ἔειπες· ἀτασθάλῳ ἀνδρὶ ἔοικας.
 οὕτως οὐ πάντεσσι θεοὶ χαρίεντα διδοῦσιν
 ἀνδράσιν, οὔτε φυῆν οὔτ' ἄρ φρένας οὔτ' ἀγορητὺν.
 ἄλλος μὲν γὰρ εἶδος ἀκιδνότερος πέλει ἀνὴρ,
170 ἀλλὰ θεὸς μορφὴν ἔπεσι στέφει· οἱ δέ τ' ἐς αὐτὸν
 τερπόμενοι λεύσσουσιν, ὃ δ' ἀσφαλῶς ἀγορεύει,
 αἰδοῖ μειλιχίῃ, μετὰ δὲ πρέπει ἀγρομένοισιν,
 ἐρχόμενον δ' ἀνὰ ἄστρῳ θεὸν ὥς εἰσορόωσιν.
 ἄλλος δ' αὖ εἶδος μὲν ἀλίγκιος ἀθανάτοισιν,
175 ἀλλ' οὔ οἱ χάρις ἀμφὶ περιστέφεται ἐπέεσσιν,
 ὥς καὶ σοὶ εἶδος μὲν ἀριτρεπέες, οὐδέ κεν ἄλλως
 οὐδέ θεὸς τεύξειε, νόον δ' ἀποφώλιός ἐστι.
165 Com torvo aspecto lhe disse Odisseu, o guerreiro solerte:
 “Não te expressaste com senso; assemelhas-te a homem protervo.
 Bem se depreende que os deuses não cedem a todos os homens
 dons primorosos, ou seja na forma, no engenho, ou eloquência.
 Este, na forma exterior, pode ser de aparência somenos,
170 mas recompensam-no os deuses com o dom da palavra; os que o vêem
 sentem prazer indizível, pois ele, com gesto seguro,
 sempre se expressa modesto e se exalta da turba indistinta.
 Se pelas ruas passeia, honrarias divinas recolhe.
 Aos imortais outros são, na aparência exterior, semelhantes,
175 mas são privados seus ditos de graça, que os torna aceitáveis,
 tal como tu; na aparência sem mácula; doutra maneira
 nem mesmo um deus te gerara; mas frívolo tens o intelecto.

[*Odisseia*, VIII, 165-77]

No fim do canto II da *Ilíada*, na enumeração dos chefes e das naus dos guerreiros gregos e troianos, o poeta procura ressaltar a força e, constantemente, os associa a figuras divinas, sobretudo Hércules de “peito leonino” (v. 666), que remete à força e à coragem.

No canto III, a aparência de Páris é importante para a composição de seu *ethos*, nas palavras de Heitor “de belas feições, sedutor de mulheres” (v.39), que não deve enfrentar Menelau, este representado como discípulo de Ares e comparado ao “leão esfamado” (v.21-3). Mais adiante neste mesmo canto, Helena aponta os heróis gregos e Odisseu é colocado em patamar de superioridade no que concerne à inteligência, embora a aparência seja humilde em comparação a outros guerreiros.

O discurso de Odisseu em resposta a Euríalo, quando este questiona sua capacidade no lançamento de disco em razão de sua aparência – como diz Euríalo “não tens aparência de atleta” (v. 164) – prova ser ele astuto e capaz de se destacar mesmo não tendo a melhor aparência exterior e, apesar da aparente fraqueza, ele prova ter capacidade de lançar o disco logo depois do discurso.

Outro exemplo clássico em Homero da consciência fisiognomônica, amplamente citado na Segunda Sofística como exemplo de écfrase de personagem, está presente na *Odisseia*: “Era encurvado, de cute queimada e os cabelos bem crespos, / e tinha o nome de Euríbates” (XIX, 246-47). Vemos aqui a imagem de um humilde arauto, que parece disforme, na descrição que o próprio Odisseu faz dele ao relatar a Penelópe um episódio onde Euríbates está ao seu lado – sabemos pelo contexto que, apesar da figura simples, Homero não quis mostrar um *ethos* negativo, pois o próprio Odisseu estava nessa passagem ainda disfarçado sob a forma de um velho humilde para não ser reconhecido.

Na *Ilíada*, Homero descreve os guerreiros mais valentes no combate entre gregos e troianos, de maneira que revela não apenas a coragem como também as emoções que perpassam o ânimo no instante da batalha:

- εἰ γὰρ νῦν παρὰ νηυσὶ λεγοίμεθα πάντες ἄριστοι
 ἐς λόχον, ἔνθα μάλιστ' ἀρετὴ διαείδεται ἀνδρῶν,
 ἔνθ' ὃ τε δειλὸς ἀνὴρ ὅς τ' ἄλκιμος ἐξεφάνθη·
 τοῦ μὲν γάρ τε κακοῦ τρέπεται χρῶς ἄλλυδις ἄλλη,
280 οὐδέ οἱ ἀτρέμας ἦσθαι ἐριτύετ' ἐν φρεσὶ θυμός,
 ἀλλὰ μετοκλάζει καὶ ἐπ' ἀμφοτέρους πόδας ἵζει,
 ἐν δέ τέ οἱ κραδίη μεγάλα στέρνοισι πατάσσει
 κῆρας οἰομένῳ, πάταγος δέ τε γίγνεται ὀδόντων·
 τοῦ δ' ἀγαθοῦ οὔτ' ἄρ' τρέπεται χρῶς οὔτε τι λήνη
285 ταρβεῖ, ἐπειδὴν πρῶτον ἐσίσχεται λόχον ἀνδρῶν,
 ἀρᾶται δὲ τάχιστα μιγήμεναι ἐν δαῖ λυγρῇ·
 Se os mais valentes guerreiros ficássemos junto das naves,
 numa emboscada, onde mais se assinala a coragem dos homens
 e onde melhor se distingue um poltrão de um guerreiro valente
 a cor do rosto do vil de momento a momento se altera;
280 de ânimo inquieto no peito, não pode tranquilo manter-se,
 dobram-se os joelhos, titubeia, mudando de pé a toda hora;
 batem-lhe os dentes, de medo saltando-lhe dentro do peito
 o coração, com violência, ante a idéia das Queres da Morte.
 O corajoso, ao contrário, nem muda de cor, nem se mostra
285 desfalecido desde a hora em que o posto assumiu da emboscada,

só desejando o momento de entrar no combate funesto –

[*Ilíada*, XIII, 276-86]

Homero faz aqui a distinção entre o homem corajoso e o covarde, relatando que este último muda de cor constantemente, lembremos que a palidez é constantemente associada ao indivíduo medroso na fisionomia; ao passo que o homem corajoso é firme no *ethos* que transparece em sua aparência e no seu comportamento, ao não fugir dos perigos. Ainda se faz a analogia com os animais, pois o covarde é um poltrão, entendemos que o guerreiro valente é implicitamente comparado a algum animal corajoso, possivelmente o leão, imagem frequente no poema épico.

4.1.2. *Eneida*

No primeiro livro da *Eneida*, Eneias surge como figura divinizada e é comparado a uma obra de arte:

*Restitit Aeneas claraque in luce refulsit,
os umerosque deo similis; namque ipsa decoram
590 caesariem nato genetrix lumenque iuuentae
purpureum et laetos oculis adflarat honores:
quale manus addunt ebori decus, aut ubi flauo
argentum Pariusve lapis circumdatur auro.*²⁴⁶

Resplandecente na luz repentina apresenta-se Enéias

como um dos deuses na forma e no gesto, pois Vênus ornara

590 seu filho amado, emprestando-lhe aos olhos, aos belos cabelos
um resplendor purpurino, a vivaz louçania dos moços.

Tal como infunde mais brilho ao marfim a mão sábia do artista,

E o ouro flavo encastoa na prata ou no mármore de Paros.

[*Eneida*, I, 588-93. Tradução: Carlos A. Nunes]²⁴⁷

A descrição da beleza de Eneias é importante neste canto, já que ele acaba de conhecer a rainha Dido, que se apaixonará por ele, e é a própria Vênus quem torna a imagem de seu filho ainda mais bela. O adjetivo *purpureus* transmite a vivacidade da cor da pele, um tom rosado, um brilho que se reflete no olhar. O substantivo *os* estende o sentido ao semblante e *umerus*, traduzido por “gesto”, é o mesmo que *humerus*, a região dos ombros e parece realçar a força física ou mesmo destacar a postura elevada, portanto,

²⁴⁶ Edição adotada para todas as citações em língua latina da *Eneida*: P. Vergilius Maro. *Aeneis* (P. Vergili Maronis Opera, ed. R. A. B. Mynors, 1972).

²⁴⁷ Adotamos a tradução de Carlos Alberto Nunes para todas as citações da *Eneida*: VIRGÍLIO. *Eneida*. Brasília: EDUNB, 1981.

semelhante aos deuses no semblante e na disposição do corpo, pois a região dos ombros é decorosa quando se encaixa perfeitamente no corpo sem contraí-lo.

A resplandecência de Eneias, aproximando-o de uma divindade, bem como sua juventude, é reforçada pela matéria-prima citada no símile com a escultura, que pode ser de marfim, mármore de Paros (região reconhecida pelo mármore branco de qualidade), ou mesmo o ouro e a prata; além disso, tais materiais compõem uma imagem de coloração equilibrada já que se contrapõem ao purpúreo.

A força de Eneias é o foco em outras passagens da *Eneida*, auxiliando na composição do *ethos* animoso:

*haec fatus latos umeros subiectaque colla
ueste super fuluique insternor pelle leonis,
succedoque oneri; [...]*

Assim falando, passei no pescoço e nas largas espáduas
o manto e a pele de um fulvo leão, e abaixando-me um pouco,
recebo a carga. [...]

[II, 721-23]

*quem sese ore ferens, quam forti pectore et armis!
credo equidem, nec uana fides, genus esse deorum.*

Como é galhardo! Quão forte guerreiro, em verdade, e que braço!
Creio – e bem certa estou disso – ser ele de origem divina.

[IV, 11-2]

Ao lembrar os acontecimentos da guerra de Troia, sabemos da fuga de Eneias, contrário ao *ethos* heroico, contudo, diante das súplicas do pai e do sinal divino, ele decide salvar a família e partir para cumprir seu destino – uma imagem que constrói outra faceta do herói, o *ethos* piedoso, que será reforçado ao longo da obra. A imagem nesta cena do canto II realça sua força com a simples menção aos ombros largos (*latos umeros*) e a veste é confeccionada com a pele de um leão, um símile claro que, como destacamos, é frequente na poesia homérica para reforçar a coragem dos guerreiros. Os ombros, na teoria fisiognomônica, devem ser largos para corresponder ao *ethos* masculino, ao qual se atribui força e coragem, conforme o capítulo 5 do *De Physiognomonía Liber*.

Os ombros também detêm certa simbologia do herói destinado a garantir o futuro de sua estirpe. Eneias carrega aqui seu pai Anquises durante a fuga e, bem mais adiante, no livro VIII, o herói lança sobre os ombros as armas confeccionadas por Vulcano,

presente de sua mãe para usar na batalha contra Turno; trata-se de um escudo²⁴⁸ especial porque tem nele imagens gravadas pela divindade que contam a história do povo romano, linhagem de Eneias – o destino de seus descendentes está, literalmente, sobre seus ombros:

Talia per clipeum Volcani, dona parentis,
730 *miratur rerumque ignarus imagine gaudet*
attollens umero famamque et fata nepotum.
 Exulta Eneias à vista do escudo do forte Ferreiro,
730 dom de sua mãe, muito embora o sentido lhe escape dos quadros.
 Aos ombros joga o destino, altas glórias dos seus descendentes.
[VIII, 729-31]

Dido retoma a força e a beleza de Eneias no início do canto IV, excerto acima citado, também por meio de menções breves ao peito e aos braços fortes (*forti pectore et armis*). Há, como afirma Philippe Heuzé²⁴⁹, uma gradação na palavra *pectus* que parte do concreto ao abstrato na *Eneida*, e está evidente que *pectus* designa não apenas o físico robusto, mas sobretudo a coragem, um dos sentidos da palavra, que é típica de um herói divino, dada sua linhagem.

As cores são tema do capítulo 79 do *De Physiognomonia Liber*, em meio à teoria do método etnológico, e conclui-se que mesmo a cor da pele deve aparentar equilíbrio, pois resulta do estado dos humores.

79. [...] A cor branco-avermelhada indica os fortes e animosos: relaciona-se àqueles que moram na região setentrional. A cor intensamente branca representa o contrário à coragem. Quando a cor vermelha é evidente no corpo inteiro, apresenta um homem inclinado aos dolos e esperto. A cor que é deformada pela palidez significa o imbele, medroso e também tergiversador, se a causa da palidez não for uma doença. [...]

A figuração de Eneias se apresenta harmoniosamente no canto I, visto que não tem pele pálida, nem é extremamente branco ou vivamente vermelho; o “*lumen purpureum*” junto às analogias que já citamos produz uma figuração que se enquadra na doutrina fisiognomônica como um homem forte e animoso, ideia já expressa no peripatético *Physiognomonica*, 812a15. Tal coloração é indício também do engenhoso no capítulo 92 do tratado que analisamos.

²⁴⁸ Cf. “O escudo de Eneias”, p. 229-56. In: RODOLPHO, M., op. cit.

²⁴⁹ *L’image du corps dans l’oeuvre de Virgile*. Paris: École française de Rome. Collection École française de Rome, v. 86, 1985. Cf. p. 20.

Diante da visão de Eneias no canto I, Dido fica maravilhada com sua figura; antes deste enleamento de Dido, no mesmo canto, a rainha faz um gesto que revela aspectos de sua personalidade:

Tum breviter Dido, uultum demissa, profatur

“Com os olhos baixos, em termos concisos lhe fala a Rainha [...]” [v. 561]

Heuzé²⁵⁰ expõe algumas interpretações para esta passagem, uma delas é de que Dido abaixa os olhos, designados por *uultus*, por causa do pudor feminino, mas alguns teóricos relacionam o gesto ao sentimento de humanidade do personagem que se ressentido pela maneira com que os náufragos foram tratados pelos cartagineses. Contudo, Heuzé assinala a dificuldade de se interpretar uma passagem tão breve e comenta que o objetivo de Virgílio é conferir um valor simbólico ao comportamento de seus personagens, mas deve haver coerência e o pretexto de pudor feminino é insuficiente, sobretudo porque se trata de uma rainha que apresenta um *ethos* firme e justo.

Antonio Ramírez de Verger²⁵¹ discute a figuração da *puella pudica* nos *Amores* de Ovídio e prova que o gesto de voltar os olhos na direção do solo é uma tradição que remonta aos poemas homéricos, tal como na *Ilíada*, III, 217, em que Odisseu fixa os olhos no chão (“vista baixa e olhos fixos no chão pedregoso”), aparentando modéstia, o que o torna ainda mais admirável ao falar engenhosamente. O teórico atribui a este gesto a manifestação de pudicícia, um tópico presente em gêneros diversos; pensando no breve gesto, portanto, temos o *ethos* de Dido evidenciado na descrição anterior, ressaltando-se sua condição ética, mesmo sem a pormenorização de suas qualidades.

regina ad templum, forma pulcherrima Dido,

incessit magna iuvenum stipante caterva.

Qualis in Eurotae ripis aut per iuga Cynthi

exercet Diana choros, quam mille secutae

500 *hinc atque hinc glomerantur oreades; illa pharetram*

fert umero, gradiensque deas supereminet omnis:

Latoniae tacitum pertemptant gaudia pectus:

talis erat Dido, talem se laeta ferebat

per medios, instans operi regnisque futuris.

505 *Tum foribus divae, media testudine templi,*

²⁵⁰ Ibidem, cf. p. 493-500.

²⁵¹ “Uma juntura literária de la *puella pudica* em Ovídio, *Amores* 2.4.11. In: *Exemplaria* 4, 2000, 249-255, ISSN 1138-1922. © Universidad de Huelva.

saepta armis, solioque alte subnixa resedit.

Iura dabat legesque viris, operumque laborem

partibus aequabat iustis, aut sorte trahebat [...]

522 'O Regina, novam cui condere Iuppiter urbem

iustitiaque dedit gentis frenare superbas,

entra a Rainha no templo, de forma belíssima, Dido,
acompanhada de enorme cortejo de moços da terra.

Como nas margens do Eurotas ou cume do Cinto vistoso
os coros Diana dirige na dança, seguida de turba

500 indescritível de Oréadas: pende-lhe a aljava dos ombros,

ao avançar; às demais divindades no garbo se exalta;

indescritível prazer no imo peito a Latona animava:

tal era Dido no meio dos seus, a ativar o trabalho

dos operários, ditosa a cuidar do futuro do reino.

505 Logo na entrada do templo, debaixo da abóbada grande,

senta-se no sólio excelso, rodeada do corpo da guarda,

os pleitos julga, sentenças prescreve e também compartilha

da atividade geral; as tarefas indica ou sorteia. [...]

522 Nobre Rainha, a quem Júpiter deu construir uma nova

Comunidade e com leis refrear a insolência dos povos!

[*Eneida*, I, 496-508/ 522-23]

Heuzé acredita que Virgílio produz um quadro completo de Dido nesta passagem, visto ser possível depreender diversos traços de sua personalidade, tais como a *prudencia*, a *humanitas*, a *dignitas* e, possivelmente, o *pudor*, como já vimos. A descrição pertence à tradição retórica da notação ou etopeia, caracterizada pela priorização de atributos do caráter.

Ainda a respeito de Dido, sua descrição física é focalizada na atitude insana na célebre passagem do canto IV quando ela está prestes a morrer, tendo já se ferido com a espada de Eneias, em que a composição patética é fundamental para conferir certo tom trágico ao episódio:

691 [...] *oculisque errantibus alto*

quaesiuit caelo lucem ingemuitque reperta.

[...]

698 *nondum illi flauum Proserpina uertice crinem [...]*

[...] Com os olhos errantes,

busca no céu a luz bela do sol e, encontrando-a, suspira. [v. 691-92]

[...]

Ainda Prosérpina não lhe cortara a fronte do cabelo

louro [...] [v. 698]

No *De Physiognomonia Liber*, o capítulo 23 discorre acerca da mobilidade dos olhos e observamos que há certos movimentos que apontam sempre para o desequilíbrio emocional:

23. [...] Os olhos que se movem precipitada e velozmente indicam um homem de ânimo perturbado e é desconfiado, inconstante, vagaroso ao fazer as coisas. [...] Os olhos vagos, que giram errantes [*circumerrantes*] e mais escuros acusam a intemperança do desejo.

No capítulo 29 do tratado, acerca da posição dos olhos, aqueles que são voltados para cima denunciam a insânia, entre outras características que apontam para a intemperança.

Os olhos de Dido procuram o céu de forma errante, como se suplicasse piedade aos deuses no momento da morte. A coloração loira do cabelo parece muito vivaz na cena lembrando a bela luz do sol pouco antes mencionada, e quando o cabelo é cortado por Íris, finalmente se permite que ela expire, dando fim a sua agonia.

21. *Morte de Dido*. Museu do Louvre. – Claude Augustin Cayot (XVIII)

Antes de seu suicídio, na elaboração de seu plano, a aparência de Dido é um pouco distinta, mas representa também uma imagem desfigurada pelas emoções:

*at trepida et coeptis immanibus effera Dido
sanguineam uoluens aciem, maculisque tremantis
interfusa genas et pallida morte futura,
interiora domus inrumpit limina et altos
conscendit furibunda rogos enseque recludit
Dardanium, non hos quaesitum munus in usus.
hic, postquam Iliacas uestis notumque cubile
conspexit, paulum lacrimis et mente morata*

Dido, convulsa e obstinada no seu tenebroso projeto,
virando os olhos sanguíneos, manchadas as lívidas faces,
a palidez do trespasse futuro na cute mimosa,

645 pelo interior do palácio irrompeu e postou-se, iracunda,
no alto da pira, sacando da espada do chefe dardânio,

prenda jamais destinada para uso de tanta fereza.
 Nessa postura, enxergando as ilíacas vestes e o leito,
 pós recolher-se algum tempo, banhados de lágrimas os olhos [...]

[IV, 642-49]

Dois aspectos devem ser ressaltados nesta passagem: os olhos sanguíneos [*sanguinei*] e a palidez. Na fisiognomonía, os olhos cuja cor se aproxima do sangue representam irascibilidade:

79. Quando as veias do pescoço e das têmporas são patentes e os olhos são cor de sangue, mostram o ânimo irascível e violento, às vezes, também o insano.²⁵²

Os olhos injetados de sangue criam uma imagem mais impactante do que simplesmente dizer que estão avermelhados, pois a presença do sangue concentrado nesta parte é indício de que o temperamento dos humores está alterado e esta instabilidade se manifesta no corpo; lembremos que há ligação entre o equilíbrio dos humores e a fisiognomonía, já que distúrbios como epilepsia e apoplexia são resultado de seu desequilíbrio e há sinais físicos que nos fazem reconhecê-los. O termo que designa o olhar é *acies*, cuja acepção é de olhar agudo, intenso, e o próprio participio do verbo *uoluere* reforça a agitação dos olhos, porém, indica na verdade uma movimentação do ânimo. O adjetivo *furibunda* (v. 646) tem sentido ainda mais intenso em razão da descrição dos olhos.

O olho opõe-se às faces, pois ainda que haja furor, há também certo medo da morte que se reflete na palidez, mais um indício da instabilidade emocional transmitida pelos humores, visto que as faces são manchadas pelo sangue, assim como os olhos, mas a palidez toma conta de sua expressão logo em seguida, já antevendo seu fim. A palidez é outro extremo, indicadora da covardia como característica ética, mas que assume aqui um *pathos* específico.

Cleópatra, no canto VIII, é esculpida na écfrase do escudo de Eneias fugindo por antever sua derrota, em sua descrição, a palidez é o aspecto predominante para indicar o medo diante do Nilo que recolhe os vencidos:

*ipsa uidebatur uentis regina uocatis
 uela dare et laxos iam iamque immittere funis.
 illam inter caedes pallentem morte futura
 fecerat ignipotens undis et Iapyge ferri [...]*
 Desanimada também a Rainha a chamar parecia

²⁵² Reveja cap. 27 em *De Physiognomonía Liber*.

todos os ventos, soltar para a fuga seus panos bojudos.
 O Ignipotente a pintara ao fugir dos destroços da pugna,
 pálida e trêmula, expulsa das ondas, dos zéfiros brandos.

[VIII, 707-10]

Elisabeth Evans²⁵³ relaciona o olhar como forma breve de descrever o estado dos personagens e chama a atenção para tal recurso como típico de poemas épicos. No canto II, ao narrar os eventos de Troia, Eneias enxerga a sombra de Heitor:

*in somnis, ecce, ante oculos maestissimus Hector
 uisus adesse mihi largosque effundere fletus [...]*

Vi, pareceu-me, ante os olhos a sombra de Heitor, desolada,
 a derramar quentes lágrimas pelo semblante tristonho [...]

[Eneida, II, 270-71]

Não há, na verdade, referência aos aspectos do olho de Eneias, mas eles refletem a visão do herói: a imagem de Heitor com olhos lacrimejantes. Se pensarmos nos olhos como reflexo do que se passa na alma, Eneias está igualmente *maestissimus* diante da lembrança de Heitor, a descrição deste serve também para compor a imagem de Eneias neste momento, intensificando seu *ethos* piedoso.

O gesto de Cassandra neste mesmo canto é transferido aos olhos, já que as mãos estão presas enquanto é arrastada:

*ecce trahebatur passis Priameia virgo
 crinibus a templo Cassandra adytisque Minervae*

405 *ad caelum tendens ardentia lumina frustra,
 lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.*

Eis que de súbito vemos a virgem Cassandra, de Príamo
 filha diletta, arrastada do templo, cabelos esparsos;

405 os belos olhos para o alto estendia, à procura de amparo;
 olhos, apenas, que as mãos delicadas os laços prendiam.

[II, 403-6]

Heuzé²⁵⁴ lembra que os braços erguidos da mulher são frequentes nas figurações de cena de rapto, contudo, a impossibilidade deste gesto faz com que Cassandra volte os olhos para o alto representando seu desespero. Os olhos, designados por *lumina*, estão acompanhados pelo adjetivo *ardens* revelando a vivacidade necessária ao apelo de Cassandra.

²⁵³ EVANS, E., op. cit., cf. capítulo VI “Epic”.

²⁵⁴ HEUZÉ, P., op. cit., cf. p. 610-11.

No terceiro canto, Eneias encontra Andrômaca e a descrição da expressão desta lembra a mesma de Dido, ao abaixar o rosto, mas aqui fica evidente o sofrimento por ter perdido Heitor e se tornado concubina de Neoptólemo:

deiecit uultum et demissa uoce locuta est [...]

“Rosto abatido, em voz baixa me deu a seguinte resposta [...]” [v. 320]

A palavra *uultus* é também empregada no canto II para designar o semblante de Príamo diante do filho morto:

fecisti et patrios foedasti funere uultus.

“com o sangue limpo do filho as feições de um pai velho manchaste.” [v. 539]

Mais adiante, nos versos 687-88 do mesmo canto, temos Anquises em situação oposta a de Príamo, pois ele pede a Júpiter que se confirme o bom augúrio, nesta cena, compõem o gesto as palmas das mãos (*palmas*) e os (*oculos*) olhos:

at pater Anchises oculos ad sidera laetus

extulit et caelo palmas cum uoce tetendit [...]

O pai Anquises, então, transbordante de júbilo os olhos

volve para o alto e elevando as mãos ambos alegre falou-nos [...]

Heuzé²⁵⁵ destaca a diferença entre *palmas* e *dextram* ao citar a imagem de Turno suplicante no canto XII, nos versos 930 e 936:

ille humilis supplex oculos dextramque precantem [...]

“Súplice, então, e humilhado, ele as mãos estendeu para Enéias [...]” [v. 930]

redde meis. uicisti et uictum tendere palmas [...]

“Venceste, sim, e os ausônios me viram a mão estender-te [...]” [v. 936]

Supõe-se que a palma da mão traga uma imagem de inferioridade e seja menos agressiva que o dorso da mão, que protege ou agride, portanto, mais eficiente na súplica e típico também da oração. Para Heuzé, em geral, as ocorrências de “*palmas*” cabem nos contextos mencionados.

²⁵⁵ HEUZÉ, P., op. cit., cf. p. 626-33.

Sacrifício de Ifigênia

Museu Arqueológico Nacional de Nápoles

Copyright ©2011 IAC - USP - Fotos de Paulo Martins

Na sequência desta passagem, o olhar de Eneias reforça seu *ethos* piedoso, revelando sua indecisão em matar Turno:

[...] *stetit acer in armis*

Aeneas uolens oculos dextramque repressit;

940 *et iam iamque magis cunctantem flectere sermo*
coeperat [...]

[...] Deteve-se Eneias um pouco;

os olhos volve para o alto; a direita reprime, indeciso.

940 E já se achava algum tanto abalado com aquelas palavras
do morituro guerreiro. [...]

[XII, 938-41]

O particípio *uolens* já descrevera o movimento agitado dos olhos de Dido (IV, 643) na cena de seu suicídio e nos lembra igualmente o capítulo 23 do tratado fisiognomônico, em que o movimento agitado reflete perturbação de espírito, condizente com a situação de Eneias, pois, indeciso diante de Turno, revolve os olhos e, com esse movimento, percebe os espólios de Palante, que lhe tira do estado de indecisão. Para Heuzé²⁵⁶, há nesta expressão de “*uoluere oculos*” certo tom trágico que nos lembra as encenações teatrais, cujas máscaras expressam as emoções, aqui o olhar substitui a máscara e traduz as disposições anímicas no semblante.

No último canto, temos ainda o retrato de Lavínia no diálogo entre sua mãe Amata e Turno:

accepit uocem lacrimis Lauinia matris

65 *flagrantis perfusa genas, cui plurimus ignem*
subiecit rubor et calefacta per ora cucurrit.

²⁵⁶ HEUZÉ, P., op. cit., cf. p. 577.

*Indum sanguineo ueluti uiolauerit ostro
si quis ebur, aut mixta rubent ubi lilia multa
alba rosa, talis uirgo dabat ore colores.*

A essas palavras de Amata, Lavínia enche os olhos de lágrimas,
que pelas faces lhe descem, com isso o rubor aumentando
do belo rosto, que logo abrasado se torna de todo.
Dessa maneira, de púrpura o belo marfim se colora
na Índia distante, ou o cândido lírio no meio de rosas.
Do mesmo modo, afogueadas as faces da virgem brilhavam.

[XII, 64-9]

Amata coloca-se a favor de Turno e a imagem de Lavínia lacrimosa é desenhada, realçando-se sua beleza, contudo, é difícil identificar a que sentimento se refere o rubor²⁵⁷. Lembremos a proposição de Quintiliano em XI, III, 78, de que o rubor se manifesta na pele delicada como indício de pudor, uma das possibilidades sugerida neste contexto, visto que o rubor de Lavínia é muito distinto da vermelhidão que se afigura em Dido, no quarto canto da *Eneida*. Além do rubor, temos uma descrição semelhante a de Eneias no primeiro canto, que já vimos, em que o poeta compara a pele ao marfim em meio ao símile de uma obra de arte:

um resplendor purpurino, a vivaz louçania dos moços.
Tal como infunde mais brilho ao marfim a mão sábia do artista,
E o ouro flavo encastoa na prata ou no mármore de Paros. [I, v. 591-93]

A aparência feminina de Lavínia é realçada pela imagem de um único lírio em meio às rosas. Embora o *pathos* de Lavínia não fique evidente, o *ethos* que se transmite parece muito distante da rainha Dido, esta foi descrita em situações diversas, manifestando diferentes sentimentos e apresentando um *ethos* complexo em que transparece os movimentos do ânimo.

No livro VI, a descrição de Caronte, o barqueiro do Aqueronte, revela a feia aparência do barqueiro e todo o semblante é desagradável, mas reside nos olhos certa luminosidade:

*portitor has horrendus aquas et flumina seruat
terribili squalore Charon, cui plurima mento
300 canities inculta iacet, stant lumina flamma,
sordidus ex umeris nodo dependet amictus*
Guarda estas águas e rios o horrendo barqueiro Caronte,
de sujidade espantosa e com barba grisalha até ao peito,

²⁵⁷ Heuzé afirma que Virgílio deixa deliberadamente a dúvida nesta passagem – Cf. p. 489.

300 sem tratamento nenhum; como chispas fagulham-lhe os olhos,
sórdido manto pendente dos ombros um nó mal sustenta.

[VI, 298-301]

Os olhos mais uma vez são designados por *lumina*, ressaltando-se ainda mais o aspecto luminoso; eles faíscam e se destacam em meio a uma imagem disforme, revelando o caráter divino, trata-se de uma tradição presente em Homero conforme afirmação de Heuzé²⁵⁸. Mesmo com inúmeros aspectos negativos, os olhos são sinais mais fortes, portanto, torna coerente a admiração mostrada na sequência, em que Eneias vislumbra a força de Caronte ao afastar as almas que se aproximam durante o trajeto. O verbo *sto* remete ao sentido diverso do que se observa no particípio *uolens* – adotados na descrição de Dido e Eneias – pois quer dizer que está fixo, não há aquela movimentação que nos revela agitação no espírito, mostra, na verdade, tranquilidade.

Percebemos que a consciência fisiognômica manifesta-se na *Eneida*, com frequência, por meio do olhar ou do gesto, com imagens construídas por ornamentos retóricos como a imagem, a efígie ou a notação, em que elementos físicos e éticos se reúnem.

Quintiliano, na exposição a respeito da *actio*, enuncia que os olhos devem acompanhar a direção dos gestos, em XI, III, 70, a não ser quando for necessário condenar ou expressar aversão e exemplifica com uma passagem da *Eneida*:

*hic me, dum trepidi crudelia limina linquunt,
immemores socii uasto Cyclopis in antro
deseruere. domus sanie dapibusque cruentis,
intus opaca, ingens. ipse arduus, altaque pulsat*

620 *sidera (di talem terris auertite pestem!)*

nec uisu facilis nec dictu adfabilis ulli;

No açodamento da fuga, na cova do imano Ciclope
meus companheiros deixaram-me, negra espelunca e espaçosa.
suja de sangue e com postas de carne por todos os cantos.

De tal altura é o seu dono, brutesco animal, sem medida,

620 que o céu alcança. – Poderes celestes, livrai nossa terra
desse flagelo! – Ninguém o conversa nem pode encará-lo.

[III, 616-21]

²⁵⁸ HEUZÉ, P., op. cit., cf. p. 551.

Ilíada, III: “Essas palavras revolta no peito de Helena espertaram./ Reconheceu logo a deusa, com ver-lhe o pescoço belíssimo,/ os seios ricos de encanto e os olhos inquietos e vivos.” [*Ilíada*, III, 395-97]

Aquemênides, abandonado por Odisseu na caverna do ciclope Polifemo²⁵⁹, encontra Eneias e não apenas destaca a estatura e o aspecto animalesco, como também descreve o comportamento do cruel gigante. A súplica aos deuses para livrar a terra de tal peste (v. 620) é o exemplo de Quintiliano para a fala em que se admite o olhar contrário ao gesto. O *ethos* do ciclope é sanguinolento, Aquemênides afirma que o gigante é rude e não se pode encará-lo, entendemos que sua monstruosidade é, ao mesmo tempo, uma ameaça e algo indigno de se olhar, por isso mantém uma atitude de aversão desde seu aparecimento na cena, preferindo a morte a retornar à caverna de Polifemo.

Ao nos remetermos à tradição dos tratados fisiognomônicos, lembremos que o mais antigo deles, da escola peripatética, ressalta a correspondência das emoções e do caráter com os gestos, em 806b 28-31²⁶⁰: o autor afirma que os gestos e as expressões faciais são interpretados pela semelhança com a afecção.

Em nossa análise da *Eneida*, observamos que os retratos dos personagens são elaborados por meio de aspectos distintivos, tal como a coloração, revelados brevemente, mas carregados de significado e que reforçam o *ethos* atribuído a cada personagem, bem como mostram as movimentações do ânimo. É preciso destacar ainda a representatividade do olhar que revela diferentes *pathé* e é para a fisiognomonía o cerne de toda a análise.

4.2. Suetônio

Destacaremos a descrição física de alguns livros do *De Vita Caesarum*. As *uitae* constituem um gênero historiográfico cujo objeto é discorrer acerca de um indivíduo, em razão disso é possível compor quadros que vão desde a disposição ética ao retrato físico.

Suetônio não segue necessariamente um modelo biográfico, é possível identificar na obra preocupações próprias da sociedade romana, tal como a preservação da imagem dos ancestrais por meio dos elogios, epitáfios, entre outras coisas, mas se mostra menos idealizante do que alguns modelos helenísticos. Lembremos a tradição das máscaras mortuárias que procuravam reproduzir o semblante do familiar falecido, produzindo um retrato, cuja prática é amplamente discutida por Paulo Martins²⁶¹:

O momento que segue a *conclamatio*, o momento, portanto, da morte, cerca-se de inúmeros procedimentos funerários que estendem a *repraesentatio*

²⁵⁹ Cf. episódio do ciclope Polifemo no livro IX na *Odisseia*.

²⁶⁰ τὰ δὲ σχήματα καὶ τὰ παθήματα τὰ ἐπιφαινόμενα ἐπὶ τῶν προσώπων κατὰ τὰς ὁμοιότητας λαμβάνεται τῷ [806b.30] πάθει. ὅταν γὰρ πάσῃ τι, γίνεται οἷον εἰ τοιοῦτον ἔχει ὅταν τις ὀργίζεται, ὀργίλον τὸ σημεῖον τοῦ αὐτοῦ γένους.

²⁶¹ Tese de Livre-Docência: *Pictura Loquens, Poesis Tacens. Limites da representação*. Cf. capítulo “*Imago privada versus pública*”, 2013.

ao ponto *post mortem* – confirmação do argumento de uma simbiose, que podemos predicar como diferenciada, já que ocorre entre o corpo e a alma da mesma pessoa. Nesse momento, por sua vez, era feita a máscara de cera, na qual se tinha a *imitação/impressão (figura/effigies)* da feição do morto, para que, muita vez, a partir dessa, fosse elaborada uma representação mais duradoura em mármore, bronze ou terracota. Contudo, duas possibilidades havia nesse momento.

A primeira, se o retrato fosse exposto fora da *domus* (uma *imago publica*, portanto), ele devia e/ou podia sofrer correção, nesse sentido, a peça estava sujeita à intervenção da *τέχνη* do artista, de seu talento ou *ingenium* de acordo com os padrões do *καλός* daquela sociedade que a observava, ou melhor, de acordo com o decoro que já estava estabelecido *a priori*. Penso aqui: quando a *imago* devesse sair de sua esfera privada de circulação e exposição nos funerais, ela teria seu efeito de sentido subvertido, sua condição de *effigies* passaria a ser fruída sob a tutela das regras do *simulacrum*, produzindo, pois, outro efeito. Tal interferência ou sobreposição da *ars/τέχνη* sobre a *φύσις/natura* indica a função argumentativa da imagem, tendo em vista a finalidade do discurso não verbal. [...]

A segunda possibilidade de continuidade de vida após a morte que o direito de imagem possibilita é o do uso mera e exclusivamente privado da própria *persona*, como forma de reverência do grupo social ao seu membro insigne. As gerações futuras verão no exemplo, no paradigma desse patriarca, não as qualidades físicas de potência e força, mas um escopo moral e ético a ser seguido pelos jovens, tendo em vista, por exemplo, o *mos maiorum* observado em valores como: a *fides*, a *pietas*, a *religio*, a *disciplina*, a *grauitas et constantia*, a *uirtus* e a *dignitas et auctoritas*. Assim a *repraesentatio*, simplesmente, se limitava ao uso do próprio molde no intuito de ser celebrado junto aos demais ancestrais da *gens* a que o defunto pertencia. Lembremos ainda que tais valores encontram claro contato com aspectos significativos da *uirtus* romana e da *ἀνδρεία* grega. (p. 241-43)

Margarida A. C. Rodrigues²⁶² defende em sua dissertação que existem três antecedentes essenciais na origem do retrato romano: a tradição etrusca, o retrato fisiognômico grego do período helenístico e as efígies dos antepassados.

Os retratos verbais nas biografias de Suetônio merecem ser avaliados levando-se em consideração esta multiplicidade de influências, já que o autor reúne referências diversas a respeito do indivíduo e discorre acerca da aparência, da família, das ações, das conquistas, do caráter, entre outras coisas.

²⁶² O RETRATO OFICIAL ROMANO NO TEMPO DA DINASTIA JÚLIO-CLÁUDIA. Mestrado de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, 1999. Cf. p. 4.

O estilo de Suetônio aproxima-se do *sermo*, como destaca Eugen Cizek²⁶³, pois ilustra um gênero mais reflexivo, realista e impessoal, em oposição ao estilo mais patético, dramático e artístico de Plutarco. Antonio da Silveira Mendonça²⁶⁴ afirma que tal simplicidade teria função pedagógica, para ele, a erudição atribuída a Suetônio não advém do estilo, mas resulta do trabalho minucioso para obtenção de informações, já que a natureza das informações é variada.

A leitura completa de cada biografia revela acontecimentos não apenas da vida pública dos retratados, como também da vida privada, a construção do *ethos* é contínua e se desenvolve sob facetas diversas. Ainda que Suetônio produza os retratos aparentemente de maneira impessoal, observamos que as *Vitae* seguem pressupostos típicos do gênero epidítico se nos voltarmos à teoria proposta na *Retórica a Herênio* de que há no elogio várias categorias de elementos a serem avaliados: as coisas externas, o corpo e o ânimo. O quadro geral composto ao longo da biografia transparece se o retratado é digno de elogio ou vitupério; façamos, contudo, a ressalva de que Suetônio não apresenta tom moralizante.

Segundo a teórica E. Evans²⁶⁵, embora não haja um paralelo exato entre a teoria fisiognomônica e os retratos nesta obra de Suetônio, o autor provavelmente conhecia os tratados fisiognomônicos e reflete alguns de seus princípios na descrição física dos imperadores, tal como a boa proporção entre as partes do corpo, uma vez que os retratados como viciosos não apresentam medidas proporcionais.

Há controversas entre os teóricos quanto à finalidade das descrições físicas em Suetônio. David Rohrbacher²⁶⁶ aponta uma interpretação de Friedrich Leo (1901) de que Suetônio teria incorporado os estilos alexandrino (literário) e peripatético (político/ ético) em suas obras, resultando em um estilo próprio em suas biografias políticas, nas quais os retratos físicos são detalhes realistas insignificantes; entretanto, esta tese não se tornou unânime entre os estudiosos de Suetônio.

²⁶³ *Structure et idéologie “Les Vies des Douze Césars” de Suétone*. Bucuresti: Editora Academiei/ Paris: Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1977. Cf. capítulo “Suétone et les traditions du genre”.

²⁶⁴ Ler “Introdução a Suetônio”. *O divino Júlio*. Trad. Antonio S. Mendonça. In: *Vidas de César*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

²⁶⁵ EVANS, E., op. cit., cf. p.53.

²⁶⁶ “Physiognomics in Imperial Latin Biography”. In : *Classical Antiquity*, v.29, nº1, 2010. Cf. p. 95.

J. Couissin²⁶⁷ afirma categoricamente que Suetônio adota a prática da fisiognomonia sistematicamente em *A vida dos doze Césares* e que ele é o primeiro historiador a introduzir na biografia o retrato físico ao lado do estudo moral.

Veremos que Suetônio preocupa-se em construir o retrato físico ao dedicar um capítulo de suas *Vitae* à aparência, logo, destacaremos as partes que Suetônio dedicou à descrição física dos imperadores selecionados para nosso estudo e avaliaremos em que medida se aproxima da análise fisiognomônica.

4.2.1. Divino Júlio

45. *Fuisse traditur excelsa statura, colore candido, teretibus membris, ore paulo pleniore, nigris uegetisque oculis, ualitudine prospera, nisi quod tempore extremo repente animo linqui atque etiam per somnum exterreri solebat. Comitali quoque morbo bis inter res agendas correptus est. Circa corporis curam morosior, ut non solum tonderetur diligenter ac raderetur, sed uelleretur etiam, ut quidam exprobrauerunt, caluitii uero deformitatem iniquissime ferret, saepe obtrectatorum iocis obnoxiam expertus. Ideoque et deficientem capillum reuocare a uertice adsueuerat et ex omnibus decretis sibi a senatu populoque honoribus non alius aut recepit aut usurpauit libentius quam ius laureae coronae perpetuo gestandae. Etiam cultu notabilem ferunt; usum enim lato clauo ad manus fimbriato nec unquam aliter ut supere eum cingeretur, et quidem fluxiore cinctura; unde emanasse Sullae dictum optimates saepius admonentis, ut male praecintum puerum cauerent.*

45. Diz-se que ele era de estatura alta, tez clara, membros bem proporcionados, faces um pouco mais cheias, olhos negros e vivos, de saúde privilegiada, só que nos últimos tempos, com frequência, esteve sujeito a súbitos desmaios e a pesadelos durante o sono. Por duas vezes, no exercício de suas funções sofreu também ataques de epilepsia. Exigente com relação aos cuidados corporais, caprichava no corte de cabelo e em raspar a barba, chegando até a se depilar, o que foi motivo de crítica de alguns; mas amargurava-se com a própria calvície, exposta amiúde às pilhérias de seus detratores. Por isso costumava puxar para a parte dianteira da cabeça de seus raros cabelos, e de todas as honras conferidas pelo Senado e o povo a nenhuma recebeu e utilizou com mais satisfação do que a que lhe dava o direito de portar permanentemente a coroa de louro. Também se diz que se fazia notar pela elegância: usava um laticlavo guarnecido de franjas até as mãos e sobre ele passava o cinto, por sinal, de maneira pouco apertada; daí a palavra de Sila a

²⁶⁷ "Suetone Physiognomiste dans *Les vies des XII Césars*". In: *Revue des Études Latines*, nº 31, p. 234-56, 1953. Cf. p. 234.

prevenir com bastante frequência os aristocratas que tivessem cuidado com o garoto de cinto frouxo. [Tradução: Antonio da Silveira Mendonça]²⁶⁸

No *Divino Júlio* de Suetônio, o capítulo 45 constitui um dos tópicos do discurso epidítico ao concentrar-se no corpo. A descrição é bem detalhada e revela qualidades como a estatura alta e membros proporcionais, mas menciona a calvície que é um traço negativo porque pode revelar senilidade ou mesmo problemas de saúde. Conforme explicamos, Suetônio escreve com certa imparcialidade e não procura elaborar uma imagem idealizada de César, caso se tratasse de um elogio dedicado a enaltecer apenas suas qualidades, as imperfeições físicas seriam excluídas, já que a aparência harmônica transmite uma impressão de *ethos* decoroso.

Ainda assim, Suetônio divide a descrição em partes e o foco não permanece nos aspectos inadequados, pois passa logo em seguida a descrever a vestimenta.

Os elementos são enumerados de maneira breve, tal como nos manuais de fisiognomonia, mas a riqueza de detalhes possibilita o exercício imaginativo, pois algumas partes são realçadas por alguma qualificação que a torna peculiar.

O tratamento fisiognomônico nas *Vitae* de Suetônio, questionado por alguns teóricos, parece ocorrer também na percepção de que a fisiognomonia é o reflexo de atributos morais, o que não quer dizer que seja possível analisar os retratos de forma sistemática sob a teoria proposta nos tratados de fisiognomonia. Dolorès Pralon²⁶⁹ é categórica ao afirmar que as descrições de Suetônio são muito mais complexas do que um simples catálogo de traços físicos oferecidos pelos manuais, mas reconhece que Suetônio pode estar de acordo com o “espírito” fisiognomônico, em que a descrição fundamenta-se no personagem real e o autor produz uma imagem física condizente com sua imagem moral.

De fato, ao avaliarmos o conjunto da biografia, Suetônio parece adequar a aparência ao caráter apresentado ao longo da biografia, mas a consciência fisiognomônica está presente em detalhes, não de maneira sistêmica. No entanto, à medida em que pressupomos ser esta descrição uma representação real, fiel à aparência de César, enfraquecemos a tese de que o retrato físico se constrói em afinidade com o retrato moral,

²⁶⁸ SUETÔNIO. *O divino Júlio*. In: *Vidas de César*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007. Adotamos esta edição para o texto em língua latina.

²⁶⁹ “La Physiognomonie dans la *Vita Caesarum* de Suétone”. 2008. In: http://agap.mmsh.univ-aix.fr/06pedago/doc/stage2008_dolores_pralon_suetone_physiognomonie.pdf (Association pour le Grec et le Latin à Aix et en Provence). Data de acesso : 1/4/2010. Cf. p. 4.

visto que ele é, dentre os retratados, um dos que apresentam as melhores características morais.

Cizek²⁷⁰ destaca o fato de Suetônio ser contemporâneo de Polemão, portanto, conhecedor de seu tratado, lembremos ainda que o próprio Suetônio menciona a prática fisiognomônica, em *Tito*, II, sob a designação de *metoposcopus*, como mecanismo de adivinhação. Para J. Couissin²⁷¹, como há pouco mencionamos, Suetônio vê na aparência física um reflexo do caráter em razão da descrição física ser sistemática no sentido de representar um tipo preciso em cada um dos imperadores retratados, não há dúvida para o teórico de que cada aspecto tem um significado preciso; além disso, é preciso recorrer ao que se conhece a respeito dos imperadores, fazendo com que o autor apresente qualificações que lhes foram atribuídas pela iconografia e tornaram-se notáveis.

O corpo de estatura elevada remete ao corpo masculino, menos delicado que o feminino, em geral, nos manuais fisiognomônicos o gênero masculino é robusto e forte. A boa proporção dos membros revela a harmonia entre as partes do corpo, princípio fundamental da fisiognomonia porque os melhores modelos de caráter são refletidos na boa proporção e moderação.

A pele clara, cujo adjetivo é *candidus*, nos remete ao ânimo feminino que vimos em *De Physiognomonia Liber* (cap. 6); a cor intensamente branca é tida como sinal de covardia (cap.79), uma qualidade tipicamente feminina. Tal aspecto não parece condizente com a imagem de César, contudo, se voltarmos ao capítulo 2 do *Divino Júlio*, Suetônio conta o rumor de que ele teria se prostituído ao rei da Bitúnia, é um aspecto, portanto, que pode ser considerado verossímil.

A imagem que vai se construindo diante do leitor, portanto, não é o modelo exato de *ethos* masculino da teoria fisiognomônica. Se considerarmos *candidus* como uma variação para *albus*, é possível supor que haja equilíbrio com a vermelhidão que está presente no corpo masculino como indicativo de força e coragem, tal como mencionado na nossa análise da *Eneida*, acerca da representação de Eneias. André²⁷² distingue *candidus* de *albus* no sentido de que este último engloba matizes diversas, ao passo que *candidus* prende-se à luminosidade – por isso frequente em descrições de heróis e divindades –, embora possa surgir como sinônimo de *albus*.

²⁷⁰ CIZEK, E., op. cit., cf. p. 139-41.

²⁷¹ COUISSIN, J., op. cit., cf. p. 235.

²⁷² *Étude sur les termes de couleur dans la langue latine*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1949. *Passim*.

A expressão “*ore paulo pleniore*” levanta alguns questionamentos, o teórico Monroe²⁷³ afirma que a tradução “rosto um pouco mais cheio” não condiz com as representações imagéticas conhecidas, tais como moedas e esculturas que o figuram com aspecto magro. O autor propõe que poderia significar “expressão” em vez de “face, rosto” e o adjetivo seria, na verdade, “*leniore*”, mudando o sentido para algo como “gentil”. Couissin explica tal expressão por meio da teoria fisiognomônica: quando o rosto inteiro é cheio e grosso (*Omnis uultus cum est plenus et crassus* – cap. 50) indica pessoa ociosa e dedicada aos prazeres e a característica oposta é do pensador, pérfido, medroso e estúpido; na verdade, dentre os aspectos apresentados pela teoria fisiognomônica, o rosto mais cheio é indicativo do *ethos* menos vicioso.

Entretanto, se pensarmos o vocábulo *os* como sinônimo de “boca”, vemos no capítulo 48 do tratado fisiognomônico que os lábios finos numa boca maior (*Labia tenuia in ore maiore*), com o lábio superior sobreposto ao inferior, assemelham-se ao leão – símile comum no *ethos* corajoso –, revelando magnanimidade e força.

Os olhos pretos, em geral, não revelam virtudes, observando-se o capítulo 27 do *De Physiognomonia Liber*, mas os olhos típicos do ânimo masculino são *subnigri*, e ainda temos o adjetivo *uegetus* na descrição de César que indica vivacidade. O olhar vívido ganha destaque no estudo fisiognomônico (cap. 36) sob a designação de “*oculi acriter intuentes*”, olhos que observam de forma intensa, quando úmidos – aspecto que usualmente torna as espécies de olho em sinais positivos – mostram a pessoa combatente, que diz a verdade, veloz nas ações, improvidente e inócuo.

Com relação aos cabelos, tomamos conhecimento da calvície, um aspecto que vimos ser ruim nos capítulos 14 e 73, mas neste retrato pode ser uma condição associada à saúde. A saúde recebe bastante atenção de Suetônio na descrição de César e revela alguns problemas constantes, tais como desmaios súbitos, pesadelos e ataques de epilepsia. A saúde corpórea se reflete na fisiognomonia, pois o desequilíbrio se reflete na aparência e mesmo no caráter, no caso de César, enfraquece o *ethos* tipicamente masculino e forte.

²⁷³ MONROE, E. D. “Concerning Caesar’s Appearance”. In: *The Classical Journal*, v. 12, nº4, p. 247-253, 1917. Este comentário já foi discutido em RODOLPHO, M., op. cit., cf. p. 321.

A calvície serve ainda como pretexto para a anedota que justifica o uso da coroa de louro, que disfarçava esta condição, com a qual é muito representado na iconografia.

Retrato de Júlio César

Museu Nacional Romano

Copyright ©2011 IAC - USP - Fotos de Paulo Martins

O cuidado com a aparência desenha também qualidades do seu *ethos*, que é criticado porque além de barbear-se, depilava-se. A ausência de barba não remete ao indivíduo tipicamente masculino, já que o indivíduo animoso, quando adulto, deve ter a extremidade do queixo coberto por barba (cap. 84). A depilação é um hábito que pode ser atribuído aos homens de comportamento sexual inapropriado, pois se aproxima da aparência feminina, lembrando-nos o *cinaedus*; e, de maneira geral, não é um aspecto decoroso ao *ethos* masculino²⁷⁴, visto que a presença de pelos em determinadas partes do corpo é natural ao homem corajoso, contudo, o excesso de pelos também não é um bom sinal (cap. 73).

Considerando os exercícios retóricos, a descrição de César enquadra-se na teoria da écfrase de personagem, indo além do que propõe a fisiognomonía em razão do

²⁷⁴ Cf. CÍCERO. Catilinárias II, 22-3: *quod proprium Catilinae est, de eius dilectu, immo uero de complexu eius ac sinu; quos pexo capillo, nitidos, aut imberbis aut bene barbatus uidetis, manicatis et talaribus tunicis, uelis amictos, non togis; quorum omnis industria uitae et vigilandi labor [2.23.1] in antelucanis cenis expromitur. In his gregibus omnes aleatores, omnes adulteri, omnes impuri impudicique uersantur. Hi pueri tam lepidi ac delicati non solum amare et amari neque saltare et cantare sed etiam sicas uibrare et spargere uenena didicerunt.* “[...] o que convém a Catilina: é composta dos seus favoritos, mais ainda, dos da sua afeição e da sua intimidade; são esses que por aí vedes de cabeleira penteada, bem penteada, todos janotas, uns imberbes, outros de barba bem cuidada, vestidos com túnicas de longas mangas e até aos pés, envoltos em véus, e não em togas; esses que exibem todo o esforço da sua vida e toda a sua resistência à falta de sono nas ceias até de madrugada. 23. É nestes rebanhos que passam a vida todos os viciados do jogo, os adúlteros, toda a gente corrompida e sem pudor. Estes meninos tão elegantes e efeminados aprenderam não apenas a amar e a ser amados, não somente a dançar e cantar, mas até a brandir o punhal dos salteadores e a espalhar venenos [...]”. [Tradução: Sebastião T. de Pinho. In: *As Catilinárias*. Lisboa: Edições 70]

detalhamento da vestimenta, outro pretexto para atribuir mais uma característica viciosa: era elegante, vestia o laticlavo, uma túnica com faixa púrpura destinada aos senadores, apesar disso, a mantinha frouxa, hábito indecoroso aos homens.

Figura notável da história romana, César é figurado por outros autores. Em Plutarco (I d.C.), cuja obra difere do estilo de Suetônio, de natureza mais filosófica, temos a βίος de Júlio César:

17. [...] ἐνδεικνύμενος ὅτι τὸν πλοῦτον οὐκ εἰς τρυφὴν ἰδίαν οὐδ' ἰδίας ἡδυπαθείας ἐκ τῶν πολέμων ἀθροίζει, κοινὰ δ' ἄθλα τῆς ἀνδραγαθίας παρ' αὐτῷ φυλασσόμενα ἀπόκειται καὶ μέτεστιν ἐκείνῳ τοῦ πλουτεῖν ὅσα τοῖς ἀξίοις τῶν στρατιωτῶν δίδωσιν· ἔπειτα τῷ πάντα μὲν κίνδυνον ἐκὼν ὑφίστασθαι, πρὸς μηδένα δὲ τῶν πόνων ἀπαγορεύειν. τὸ μὲν οὖν φιλοκίνδυνον οὐκ ἐθαύμαζον αὐτοῦ διὰ τὴν φιλοτιμίαν· ἡ δὲ τῶν πόνων ὑπομονὴ παρὰ τὴν τοῦ σώματος δύναμιν ἐγκαρτερεῖν δοκοῦντος ἐξέπληττεν, ὅτι καὶ τὴν ἔξιν ὦν ἰσχνός, καὶ τὴν σάρκα λευκὸς καὶ ἀπαλός, καὶ τὴν κεφαλὴν νοσώδης, καὶ τοῖς ἐπιληπτικοῖς ἔνοχος (ἐν Κορδύβῃ πρῶτον αὐτῷ τοῦ πάθους ὡς λέγεται τούτου προσπεσόντος), οὐ μαλακίας ἐποιήσατο τὴν ἀρρωστίαν πρόφασιν, ἀλλὰ θεραπείαν τῆς ἀρρωστίας τὴν στρατείαν, ταῖς ἀτρύτοις ὁδοιπορίαις καὶ ταῖς εὐτελέσι διαίταις καὶ τῷ θυραυλεῖν ἐνδελεχῶς καὶ ταλαιπωρεῖν ἀπομαχόμενος τῷ πάθει καὶ τὸ σῶμα τῆρῶν δυσάλωτον. [...]

17. [...] mostrando que acumulava riquezas das guerras não para seu próprio luxo nem para certos prazeres, mas elas eram postas de reserva e conservadas junto dele, como prêmios comuns para ações de bravura, e sua parte nas riquezas não superava a que concedia aos soldados de mérito; em segundo lugar, com o expor-se voluntariamente a todo risco, e com o não recuar diante de nenhuma fadiga. Não admiravam seu amor ao perigo, em virtude de sua ambição, mas o que surpreendia era sua resistência às fadigas, pois que parecia ser forte além de sua capacidade física; com efeito, mesmo sendo franzino de constituição, de pele branca e delicada, achacado de dores de cabeça e sujeito a ataques epiléticos (em Córdoba pela primeira vez, como se diz, esse mal o atacou), não fez de sua debilidade pretexto para a indolência, mas, ao contrário, de seu serviço militar fez a cura de sua debilidade, visto que, por intermináveis marchas, por vida sóbria, por dormir continuamente ao ar livre e por suportar a fadiga, combatia a doença e mantinha seu corpo dificilmente sujeito a seus ataques. [...] [Tradução: Ísis Borges da Fonseca]²⁷⁵

Ainda que a descrição física seja tratada de maneira distinta, em meio a um retrato menos objetivo, a relação entre o *ethos* e sua aparência ocorre de modo diverso, pois seu

²⁷⁵ PLUTARCO. *César*. In: *Vidas de César*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

físico é frágil e ele sofre de crises epilépticas, mas vence a fragilidade e os problemas de saúde por meio de atividades físicas. Deste modo, o *ethos* desenhado é de uma pessoa forte, apesar da debilidade da saúde, já que César luta para superar tais problemas – as qualidades éticas sobrepõem-se às qualidades negativas.

Em Salústio, na *Conjuração de Catilina*, o *ethos* de César é construído em contraste ao de Catão nos respectivos discursos e na sequência em que as virtudes de cada um são expostas (capítulos 53-4) sem produzir um retrato físico. Trata-se de uma monografia histórica em que a etopeia é essencial na confecção do retrato moral, em razão do caráter exemplar da obra de Salústio que opõe virtude e vício. Na *uita* de Suetônio, com base no que vimos a respeito de César, reconhece-se ser a aparência um elemento importante na composição do retrato físico e também moral.

4.2.2. Divino Augusto

79. *Forma fuit eximia et per omnes aetatis gradus uenustissima, quamquam et omnis lenocinii neglegens; in capite comendo tam incuriosus, ut raptim compluribus simul tonsoribus operam daret ac modo tonderet modo raderet barbam eoque ipso tempore aut legeret aliquid aut etiam scriberet. Vultu erat uel in sermone vel tacitus adeo tranquillo serenoque, ut quidam e primoribus Galliarum confessus sit inter suos, eo se inhibitum ac remollitum quo minus, ut destinarat, in transitu Alpium per simulationem conloquii propius admissus in praecipitium propelleret. Oculos habuit claros ac nitidos, quibus etiam existimari uolebat inesse quiddam diuini vigoris, gaudebatque, si qui sibi acrius contuenti quasi ad fulgorem solis uultum summitteret; sed in senecta sinistro minus uidit; dentes raros et exiguos et scabros; capillum leuiter inflexum et subflauum; supercilia coniuncta; mediocres aures; nasum et a summo eminentiorem et ab imo deductiorem; colorem inter aquilum candidumque; staturam breuem – quam tamen Iulius Marathus libertus et a memoria eius quinque pedum et dodrantis fuisse tradit, – sed quae commoditate et aequitate membrorum occuleretur, ut non nisi ex comparatione astantis alicuius procerioris intellegi posset.*

80. *Corpore traditur maculoso dispersis per pectus atque aluum genetiuis notis in modum et ordinem ac numerum stellarum caelestis ursae, sed et callis quibusdam ex prurigine corporis adsiduoque et uehementi strigilis usu plurifariam concretis ad impetiginis formam. Coxendice et femore et crure sinistro non perinde ualebat, ut saepe etiam inclaudicaret; sed remedio harenarum atque harundinum confirmabatur. Dextrae quoque manus digitum salutarem tam imbecillum interdum sentiebat, ut torpentem contractumque*

frigore uix cornei circuli supplemento scripturae admoueret. Questus est et de uesica, cuius dolore calculis demum per urinam eiectis leuabatur.

81. *Graues et periculosas ualitudines per omnem uitam aliquot expertus est; praecipue Cantabria domita, cum etiam destillationibus iocinere uitiato ad desperationem redactus contrariam et ancipitem rationem medendi necessario subiit; quia calida fomenta non proderant, frigidis curari coactus auctore Antonio Musa. Quasdam et anniversarias ac tempore certo recurrentes experiebatur; nam sub natalem suum plerumque languebat; et initio ueris praecordiorum inflatione temptabatur, austrinis autem tempestatibus grauedine. Quare quassato corpore neque frigora neque aestus facile tolerabat.*

82. *Hieme quaternis cum pingui toga tunicis et subucula et thorace laneo et feminalibus et tibialibus muniebatur [...].*

79. Era de uma beleza notável, cujo encanto extraordinário manteve em todas as fases da sua vida. Entretanto, vivia tão alheio à vaidade e tão pouco cuidadoso da sua cabeleira que a entregava, às pressas, a vários cabelereiros de uma só vez e se deixava, ao mesmo tempo, cortar o cabelo e raspar a barba enquanto lia ou escrevia. Conversando ou em silêncio, seu rosto era tranquilo e sereno a ponto de um chefe gaulês confessar aos seus que essa serenidade o retivera e impedira de jogá-lo num precipício, como era sua intenção, quando, na passagem dos Alpes, sob o pretexto de uma entrevista, conseguira acercar-se dele. Tinha os olhos claros e brilhantes. Queria, mesmo, que se acreditasse existir neles um quê de força divina. Ficava contente se, ao fixar alguém, obrigava-o a abaixar os olhos, como se baixa diante do sol. Na velhice, enxergava menos com o olho esquerdo. Seus dentes eram falhados, pequenos e desiguais. Cabelos ligeiramente ondulados e quase louros. Supercílios unidos, orelhas medianas, nariz proeminente na parte superior e afilado na ponta. Tez entre morena e branca. Talhe pequeno (embora o liberto Júlio Marato registre nas memórias que deixou sobre Augusto que ele atingia a cinco pés e nove polegadas de altura). Seus membros, porém, eram tão bem-feitos e tão bem proporcionados que sua baixa estatura só podia ser notada se fosse colocado junto de uma outra pessoa mais alta.

80. Ao que se diz, seu corpo era cheio de manchas. Seu peito e seu ventre apresentavam, aqui e ali, sinais naturais que faziam lembrar, pela forma, disposição e número, as estrelas da Ursa Celeste. Uma coceira contínua e o uso incessante e violento da almofada tinham-lhe produzido vivas esfoladuras. Possuía o quadril, a coxa e a perna do lado esquerdo fracos, pois claudicava deste lado. De tempos em tempos sentia enfraquecer-se também o indicador da mão direita que de tão fraco, quando o frio o entorpecia e contraía, apenas podia escrever com o uso de um anel de chifre. Da mesma forma, queixava-se

da bexiga e só conseguia aliviar sua dor depois de ter expelido os cálculos urinando.

81. Foi vítima durante sua vida, de numerosas moléstias graves e perigosas e principalmente depois da submissão dos Cantabros, quando um catarro no fígado levou-o ao desespero. Seguiu o arriscado método dos contrários, e como os tópicos quentes não lhe serviam nada, foi obrigado, por determinações de Antônio Musa, a recorrer aos frios. Estava, também, sujeito a afecções anuais que o atacavam em épocas determinadas. Ao aproximar-se o dia do seu aniversário natalício, normalmente ficava abatido. Ao começar a primavera, padecia sempre de um tumor no diafragma. O vento do meio-dia produzia-lhe constipações. Seu corpo, assim abalado, não suportava facilmente nem o frio nem o calor.

82. No inverno, usava uma toga larga e quatro túnicas de uma vez e, sob a última, um colete de lã. Usava faixas para enrolar as coxas e as pernas.
[...] [Tradução: Sady-Garibaldi]²⁷⁶

Mais de um capítulo é dedicado à descrição física de Augusto e os critérios são mais variados em relação ao Júlio César. Couissin distingue o retrato de César e Augusto pela complexidade, pois este apresenta características contraditórias²⁷⁷. Procuramos relacionar, sempre que possível, os sinais físicos mostrados à teoria exposta no *De Physiognomonia Liber*, outros teóricos, como Couissin e Evans, costumam estabelecer a ligação, sobretudo, com o pseudoaristotélico – tendo em vista que já provamos amplamente, no capítulo 2 desta tese, que o Anônimo de certa maneira compila a teoria de seus predecessores, inclusive do pseudoaristotélico, não é incoerente efetuar tal relação.

Por sua vez, Dolorès Pralon propõe o inverso, ela procura provar que os retratos em Suetônio não herdam nada da teoria fisiognomônica, no caso de Augusto²⁷⁸, o historiador insere o retrato numa trama narrativa que ilustra diversas anedotas e o vocabulário não é técnico, pois emprega termos de valor ideológico.

Afirmar categoricamente que a descrição se compõe apenas de preceitos fisiognomônicos seria incoerente, mas, com base no que já estudamos, é possível identificar alguns elementos fisiognomônicos.

²⁷⁶ Adotamos para o estudo de Augusto, Tibério e Calígula, a edição: SUETÔNIO. *A Vida dos Doze Césares*. Tradução: Sady-Garibaldi. São Paulo: Prestígio Editorial – Ediouro. 2002, 2ª ed. reform. (Clássicos Ilustrados). Fonte do texto em língua latina: www.thelatinlibrary.com – *Divus Augustus* - posted by William Carey from E.S. Shuckburgh, *Divus Augustus* (Cambridge University Press, 1896).

²⁷⁷ COUISSIN, J., op. cit., cf. p. 243.

²⁷⁸ EVANS, E., op. cit., cf. p. 4.

A parte dedicada à aparência de Augusto inicia-se com a expressão “*Forma fuit eximia*”, portanto, antes mesmo da exposição dos traços físicos, ressalta-se sua beleza. A descrição de fato vem apenas depois do relato de dois episódios anedóticos para ressaltar sua despreocupação com a vaidade, revelando o hábito de raspar a barba, embora de maneira descuidada, e o semblante sempre sereno, conversando ou em silêncio.

No fim da descrição física, ressalta-se a boa proporcionalidade dos membros do corpo, fazendo com que sua baixa estatura passe despercebida. A fisiognomonia pseudoaristotélica discorre acerca da estatura (813b6-35): homens anormalmente baixos são imprudentes porque o sangue tem uma área pequena para circular até o órgão da inteligência; o homem extremamente alto, ao contrário, é devagar já que o sangue tem uma área muito maior para circular; o meio-termo é o ideal, visto que o sangue não tem um longo percurso até a mente, assim, os sentidos são mais aguçados.

Apesar da boa proporção, o lado esquerdo de Augusto é mais fraco em relação ao direito, tanto que claudicava um pouco. Aristóteles afirma ser esta característica natural ao ser humano em *História dos animais*, 493b, mesmo que os lados sejam praticamente idênticos, o lado esquerdo é mais débil. No capítulo 7, o Anônimo declara que o lado direito é maior no gênero masculino, portanto, não nos parece que a debilidade no lado esquerdo de Augusto comprometa muito as qualidades físicas.

Os olhos claros e brilhantes (*claros ac nitidos*) revelam um *ethos* divino, empregando-se a *imago* entre Augusto e Apolo, visto que a luminosidade excessiva obriga as pessoas a desviarem os olhos como se faz diante do sol. O símile com Apolo é usual como instrumento de propaganda de Augusto²⁷⁹, bem como com outras divindades.

Observamos que os olhos se sobressaem sobre os demais sinais e Suetônio segue de maneira sequencial a descrição, nos remetendo a princípios básicos da fisiognomonia, pois o autor parece respeitar certa hierarquia dos sinais, os olhos com grande destaque no início já transmitem o caráter divino e sabemos tratar-se de um tópico do pensamento antigo, não apenas na fisiognomonia, de que os olhos são reflexo da alma.

²⁷⁹ Paulo Martins trata desta associação da figura de Augusto a Apolo na poesia e na iconografia antiga, op. cit. (2013) – Cf. capítulo “Poder, política, religião: texto e imagem”: “Assim, o *princeps senatus* e o deus da luminosidade, da lira, da paz imiscuem-se mais uma vez, e, daí, produzem efeitos que vão além da propaganda política, uma vez que passam a assomar ao príncipe valor divino pessoal, pois o familiar já lhe fora dado (*Caesar diui filius*). Otávio cumpre uma profecia de Atia, afinal fora ela mesma possuída por uma serpente no Templo de Apolo, então o *monumentum* que ora se propõe é o resultado da profecia, o resultado do *moneo, monere*.” (p. 276)

O olho *perlucidus* na fisiognomonía é adjetivo que remete ao aspecto de claridade e de bastante luminosidade. No capítulo 32, ao expor os olhos proeminentes, há apenas uma espécie boa, justamente a que se destaca pela luminosidade:

[...] Uma única espécie de olhos proeminentes é boa: se forem grandes, brilhantes [*nitentes*], bem claros [*perlucidi*] e úmidos, indicam o justo, dócil, cauteloso e amoroso. Julga-se que tais olhos eram os do filósofo Sócrates, quem Apolo Pítio anunciou ser o mais prudente dos homens. [...]

O mesmo ocorre nos olhos trementes, inquietos e salientes:

33. [...] Mas quando os olhos têm dimensão moderada, são úmidos e bem claros, indicam um homem magnífico, pensador e realizador de coisas grandes [...].

No manual fisiognomônico que estudamos, os olhos escurecidos são nocivos (cap. 34) e a conclusão do autor é de que os melhores tipos são opostos, portanto, bem claros (*perlucidi*), tais como os olhos do imperador Adriano; entretanto, a luminosidade dos olhos por si mesma não é um bom indício e combinada a outros elementos, em geral, representa *ethos* inadequado – apenas os cinza-azulados, úmidos, penetrantes, grandes e cheios de luz (*luminis plenos*) de Adriano são bons. Acerca dos olhos fechados (cap. 40), os claros (*lucidi*) junto a outros aspectos indicam bons pensamentos.

Apesar do destaque conferido por Suetônio aos olhos, não temos outras informações mais específicas que nos permitam analisá-los melhor, mas é notável a presença deste aspecto da luminosidade em espécies de olhos que representam disposições éticas virtuosas. Plínio (I d.C.) comenta na *História Natural*, XI, 54, 143, que os olhos de Augusto são esverdeados (*glauci*) tais como de alguns cavalos; os olhos esverdeados (*glauci*) na fisiognomonía (cap. 24) são típicos de boas pessoas, engenhosas e animosas quando forem úmidos, tranquilos, grandes e bem claros – com base na informação de Plínio, na qualidade conferida por Suetônio e na espécie de olhos esverdeados (a melhor, segundo o Anônimo) que traz os dois traços citados, conseguimos visualizar os olhos de Augusto.

O leão, no tratado, é representado, entre outras características, como homem de *oculis perlucidis*. Evans afirma a partir deste indício que Suetônio descreve as *imagines* dos imperadores de modo que possamos facilmente associá-los ao leão²⁸⁰, ela recorre ao pseudoaristotélico para provar seu ponto de vista, 809b, em que algumas das características do leão – como típico modelo apropriado para o *ethos* masculino – além dos olhos,

²⁸⁰ EVANS, E. op. cit., cf. p. 53-4.

apresenta uma juba que não é totalmente anelada, de tonalidade acastanhada, e um corpo bem proporcional e forte; tais aspectos não estão distantes da caracterização de Augusto, com cabelos ligeiramente ondulados e quase louros (*capillum leuiter inflexum et subflauum*) e boa proporção do corpo.

Os cabelos aloirados são sinal de um bom caráter, no capítulo 14 do tratado fisiognômico do Anônimo, e quando não é totalmente crespo ou liso é típico do engenhoso (cap. 92), condizente com os cabelos ligeiramente ondulados.

As orelhas de dimensão moderada (cap. 47) são decorosas, pois harmonizam-se com a cabeça e os extremos em relação ao tamanho não são sinais positivos.

O nariz de Augusto é proeminente na parte superior e afilado na ponta, lembra um formato aquilino, atribuído aos indivíduos magnânimos (cap. 51), consenso entre os fisiognomonistas.

Para Couissin²⁸¹, o símile essencial inerente ao retrato de Augusto é o da águia, não só pelo nariz, mas pelo conjunto, já que as sobrancelhas juntas compõem esta imagem semelhante ao do semblante da águia e refletem um olhar intenso, condizente com o de Augusto. Couissin ainda destaca o vocabulário empregado para a cor da pele de Augusto: “*colorem inter aquilum candidumque*” – a cor é adequada porque está no meio-termo entre dois opostos, indicativo do equilíbrio, conforme já comentamos no Anônimo (cap. 79), pois tanto o tom de pele excessivamente escuro ou branco e pálido não se referem a boas qualidades, mas é o branco-avermelhado indica força e animosidade. Pseudo-Aristóteles menciona ser o intermédio entre a cor negra e branca o indício da coragem (812a14-5). O adjetivo *aquilus* quer dizer cor parda, fusca, mas Couissin sugere o emprego de “*fuscus*” para designar a pele morena, portanto, ele não considera o uso de “*aquilus*” como circunstância fortuita, mas proposital para lembrar a imagem da águia e remeter à cor deste animal.

Polemão traz um catálogo dos animais em seu manual de fisiognomonía, no qual a águia é uma espécie forte, domesticável, mas feroz, pérfida e ambiciosa (cap. 2, livro B, 23a) e, segundo a versão latina de Polemão a qual Couissin se refere, há ainda outra qualidade, “*sublimis studiis*” que remete a ocupações elevadas. No capítulo 85 do *Divino Augusto*, Suetônio afirma que ele se dedicou à eloquência e às artes liberais. O *ethos* atribuído à águia é constituído por virtudes e vícios, é a partir disso que Couissin prova sua proposição de que a biografia de Augusto é complexa, visto trazer aspectos

²⁸¹ COUISSIN, J., op. cit. Couissin trata mais detalhadamente deste símile, cf. p. 244-45.

contrastantes. No entanto, Couissin ainda vê neste símile um presságio, pois a águia, tal como o leão, é um animal real, simbolizando na aparência de Augusto o que ele se tornaria; segundo esta lógica, Suetônio faz referência à faceta divinatória da fisiognomonia, a qual vimos ser considerada ao citar o *metoposcopus* na *uita* de Tito.

Apesar do símile com leão ser na teoria fisiognomônica o animal perfeito para representar o *ethos* essencialmente masculino, a águia é atribuída ao gênero masculino (cap. 8), embora não seja discutida individualmente. Devemos ainda efetuar uma segunda comparação que subjaz este símile, tal qual os olhos que remetem ao deus Apolo, a águia é um animal símbolo de Júpiter, divindade superior aos demais.

Augusto como Júpiter
Museu Hermitage

Copyright ©2011 IAC - USP - Fotos de Paulo Martins

Alguns traços físicos mostram-se um tanto inadequados para um retrato elogioso. As sobrancelhas próximas de Augusto, na teoria fisiognomônica (cap. 18), representam o homem triste e pouco sábio, porém, se retomarmos a ideia de Couissin a respeito da águia, as sobrancelhas ordenam-se apropriadamente na composição do olhar aquilino.

Os dentes de Augusto são enumerados por uma sequência de qualidades negativas, são “falhados, pequenos e desiguais” (*raros et exiguos et scabros*). Pouco se fala nos manuais de fisiognomonia acerca dos dentes, mas podemos lembrar que Aristóteles, em *História dos animais*, II, 3, 501b, em passagem que fala dos dentes de várias espécies animais, declara que os homens perdem naturalmente os dentes da frente.

Além disso, o corpo cheio de manchas, §80, aponta para problemas de saúde que são bem detalhados na sequência. Com base no que estudamos no *Divino Júlio*, percebemos a preocupação de Suetônio em discorrer acerca da saúde na composição do retrato, aqui ele dedica um espaço ainda maior para as enfermidades que acometiam Augusto e os expedientes médicos utilizados por ele. O retrato apresenta uma imagem de

Augusto bastante positiva e com *ethos* virtuoso, apesar de qualidades viciosas e limitações físicas, remetendo-nos às características da biografia de Suetônio, pois ele constrói biografias mais complexas e, mesmo com tais problemas de saúde, o *ethos* virtuoso se destaca ainda mais nas suas tentativas de superá-los, já que tais problemas não foram obstáculo para grandes conquistas militares.

4.2.3. Tibério

68. *Corpore fuit amplo atque robusto, statura quae iustam excederet; latus ab umeris et pectore, ceteris quoque membris usque ad imos pedes aequalis et congruens; sinistra manu agiliore ac ualidiore, articulis ita firmis, ut recens et integrum malum digito terebraret, caput pueri uel etiam adulescentis talitro uulneraret. Colore erat candido, capillo pone occipitium summissiore ut ceruicem etiam obtegeret, quod gentile in illo uidebatur; facie honesta, in qua tamen crebri et subiti tumores, cum praegrandibus oculis et qui, quod mirum esset, noctu etiam et in tenebris uiderent, sed ad breue et cum primum e somno patuissent; deinde rursum hebescebant. Incedebat ceruice rigida et obstipa, adducto fere uultu, plerumque tacitus, nullo aut rarissimo etiam cum proximis sermone eoque tardissimo, nec sine molli quadam digitorum gesticulatione. Quae omnia ingrata atque arrogantiae plena et animaduertit Augustus in eo et excusare temptauit saepe apud senatum ac populum professus naturae uitia esse, non animi. Valitudine prosperrima usus est, tempore quidem principatus paene toto prope inlaesa, quamuis a tricesimo aetatis anno arbitrato eam suo rexerit sine adiumento consiliorum medicorum.*

68. Tibério era possante e robusto, altura acima da mediana, espáduas largas e peito amplo. Tinha o resto dos membros, até as extremidades dos pés, iguais e bem proporcionados. Sua mão esquerda era mais ágil e mais forte do que a direita, cujas articulações eram tão vigorosas que ele furava com o dedo uma fruta verde e intacta, e com um piparote feria a cabeça duma criança e até mesmo a dum rapaz. Tez branca. Cabelos um pouco longos, atrás da cabeça, cobrindo-lhe o pescoço, uso esse que era um hábito de família. Rosto belo, mas sujeito a cobrir-se de erupções. Olhos muito grandes e – coisa estranha! – enxergavam mesmo de noite, nas trevas, mas durante pouco tempo e logo que se entreabriam, após o sono. Depois, tornavam-se menos penetrantes. Caminhava com o pescoço teso inclinado para trás, o ar habitualmente melancólico e, na maioria das vezes, silencioso. Não falava ou falava muito pouco com aqueles que o rodeavam. Falava vagarosamente e com uma gesticulação amaneirada dos dedos. Augusto notou nele todos estes modos desagradáveis e cheios de arrogância e tratou de desculpá-lo perante o Senado e o povo declarando “que eram defeitos de natureza e não de caráter”. Sua

saúde, que era excelente, conservou-se inalterável durante quase todo o tempo do seu reinado, se bem que a partir da idade de trinta anos dela tratasse a seu modo, sem a ajuda nem os conselhos dos médicos. [Tradução: Sady-Garibaldi]²⁸²

A *uita* de Tibério já se distingue no título, ao qual não mais se atribui o adjetivo *diuus*, sabemos que este imperador está entre os retratados cuja imagem não é muito favorável, ainda assim, Suetônio destaca as boas qualidades de Tibério²⁸³.

Retrato de Tibério

Museu Arqueológico de Nápoles

Copyright ©2011 IAC - USP - Fotos de Paulo Martins

Evans²⁸⁴ afirma que o retrato de Tibério é o exemplo mais notável da aplicabilidade da doutrina fisiognomônica porque há correspondência evidente entre as qualidades físicas e seus vícios e virtudes.

A descrição inicial em que se destaca a força corpórea é um tópico da fisiognomonía para o *ethos* masculino²⁸⁵; podemos subentender, portanto, que Tibério reúne qualidades típicas do indivíduo forte, tal como a coragem. A estatura excede um pouco a altura regular e a disposição da parte superior do corpo é condizente com modelo do *ethos* tipicamente masculino na fisiognomonía:

5. O pescoço deve ser de moderada grossura e um pouco mais alongado, a cabeça bem reta, as escápulas ingentes, os ombros e as partes superiores do corpo até o umbigo são mais largos [...]. Musculoso, de ossos largos, com as juntas e as articulações da extremidade dos pés e das mãos firmes que, todavia, não são rígidas, mas soltas, separadas e distintas junto à extremidade. O peito alto e proeminente, clavículas soltas, ventre largo e um pouco contraído para dentro, o peito formado por pouca carne, de corpo sólido e consistente, com os

²⁸² Op. cit. (2002).

²⁸³ Cf. CIZEK, E. op. cit.; ROLFE, J. C. "Suetonius and his biographies". In: *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 52, nº 209, p. 206-225, 1913.

²⁸⁴ EVANS, E., op. cit., cf. p. 55.

²⁸⁵ Citamos amplamente esta característica presente no cap. 5 de *De Physiognomonía Liber*.

ossos sob a bacia – que os gregos chamam *ischia* <ísquios> – bem secos e sólidos. O corpo masculino é igualmente forte e resistente aos trabalhos [...].

A proporcionalidade entre os membros do corpo é outro tópico frequente e é indicativo de um indivíduo animoso e cujos aspectos físicos são, em grande parte, da aparência masculina:

108. O homem animoso – que em grego é chamado *thymoeides* <impetuoso> – será assim: corpo reto, flancos sólidos, estreito e bem proporcional em todos os membros, quase vermelho; cujas escápulas são grandes, separadas, largas, as extremidades dos pés e das mãos grandes e compactas, o peito sem pelos, a virilha sem pelos, uma barba que cresce facilmente, a extremidade do cabelo caída para baixo, a fronte arredondada, o cabelo não é nivelado, mas fica levantado. Ele terá sobrancelhas ameaçadoras e erguidas e o começo do nariz, ou seja, a parte sobre a borda das pálpebras, um tanto mais baixo.

A cor da pele é designada por *candidus*, mesmo adjetivo empregado pelo Anônimo no tratado para citar a cor do ânimo tipicamente feminino (cap. 6); não podemos atribuir-lhe as características usualmente associadas ao *ethos* feminino que é medroso, pois muitos sinais indicam o contrário, além disso, já vimos que o adjetivo *candidus* pode ser equiparado a *albus* que apresenta matizações. Mesmo assim, com base na gesticulação de Tibério, podemos vislumbrar alguns indícios conflitantes.

A mão esquerda é mais ágil e forte e suas articulações são evidentes, esta boa disposição das articulações é um traço físico associado às qualidades tipicamente masculinas²⁸⁶. Curiosamente, o lado esquerdo no gênero masculino é mais fraco e revela os vícios (cap. 7), subvertendo o princípio, podemos supor, do ponto de vista fisiognomônico, que é mais um indício de feminilidade.

Os cabelos são longos, citado como um hábito de família, e parecem revelar um certo descuido com a aparência, principalmente pela informação na sequência de que o rosto cobria-se de erupções – o substantivo *tumor* tem ainda sentido figurado de cólera ou mesmo arrogância.

Os olhos excessivamente grandes (*praegrandibus oculis*) são indecorosos, o próprio adjetivo significa “desmedido, enorme”. Os olhos grandes são atribuídos ao boi, *De Physiognomonia Liber* (cap. 120), que são indóceis, imprudentes, sem energia, lentos, aptos a serem governados, porém, são fortes e não são desonestos ou injustos. Curiosamente, apesar de olhos inadequados, Tibério apresenta uma característica

²⁸⁶ Capítulos: 59, 72, 90, 105.

interessante, enxerga mesmo à noite por um breve momento, não temos imagem semelhante no *De Physiognomonia Liber*, mas nos lembra em certa medida o olhar que observa intensamente e é um sinal funesto, no capítulo 36, a não ser que outros sinais se interponham.

O pescoço era indecorosamente teso e inclinado para trás (*rigida et obstipa*). O Anônimo (cap. 54) atribui ao pescoço duro (*ceruix dura*) a indocilidade; em relação à posição do pescoço, se for caído (*infracta*), indica o indivíduo estulto ou afeminado (cap. 55). Na teoria fisiognomônica, a melhor espécie de pescoço apresenta imobilidade comedida, em geral, os manuais de fisiognomonia mostram que qualquer inclinação do pescoço é inadequada, bem como tentar mantê-lo fixo.

O semblante triste também é lembrado na fisiognomonia, se repensarmos o adjetivo *adductus* com outras acepções, podemos visualizar ainda uma expressão severa, sobretudo se considerarmos o verbo *adduco* que significa, dentre outras coisas, “enrugar, contrair” e imaginar inclusive o movimento da fronte e as sobrancelhas enrugando-se. O Anônimo, no capítulo 88, diz que os homens tristes apresentam o semblante inteiramente enrugado ou, como descreve no capítulo 97, a fronte enrugada com sobrancelhas voltadas para dentro. Os olhos tristes constituem uma categoria de olhos (cap. 38) que, quando são úmidos, indicam interesse nas melhores artes; Suetônio informa que Tibério cultivou as artes liberais, tanto nas letras latinas como nas gregas (§70) – neste aspecto se assemelha a Augusto.

Evans²⁸⁷ considera positiva a descrição dos gestos dos dedos ao falar vagarosamente, com delicadeza, fundamentando-se no que discorre o psedusoaristotélico: o homem prudente movimenta-se e fala de maneira ponderada, devagar (807b34-5). Em *De Physiognomonia Liber* (cap. 78), aquele que fala lentamente, se a voz for grave, revela um caráter justo. Quanto à movimentação mais evidente do corpo, é indício dos afeminados (cap. 76); a lentidão ao andar revela a preguiça, mas se for um aspecto simulado denuncia o orgulhoso, devasso e adúltero (cap. 75).

O uso da coroa de louros é mencionado por Suetônio, no capítulo 69, como um hábito para protegê-lo de raios, já que ele os temia.

O retrato de Tibério distingue-se de César e Augusto por não ter enfermidades, reforçando a boa disposição física citada no início de sua descrição.

²⁸⁷ EVANS, E., op. cit., cf. p. 56.

4.2.4. Calígula

50. *Statura fuit eminenti, colore expallido, corpore enormi, gracilitate maxima ceruicis et crurum, oculis et temporibus concauis, fronte lata et torua, capillo raro at circa uerticem nullo, hirsutus cetera. Quare transeunte eo prospicere ex superiore parte aut omnino quacumque de causa capram nominare, criminosum et exitiale habebatur. Vultum uero natura horridum ac taetrum etiam ex industria efferabat componens ad speculum in omnem terrorem ac formidinem.*

Valitudo ei neque corporis neque animi constitit. Puer comitali morbo vexatus, in adulescentia ita patiens laborum erat, ut tamen nonnumquam subita defectione ingredi, stare, colligere semet ac sufferre uix posset. Mentis ualitudinem et ipse senserat ac subinde de secessu deque purgando cerebro cogitauit. Creditur potionatus a Caesonia uxore amatorio quidem medicamento, sed quod in furorem uerterit. Incitabatur insomnia maxime; neque enim plus quam tribus nocturnis horis quiescebat ac ne iis quidem placida quiete, sed pauida miris rerum imaginibus, ut qui inter ceteras pelagi quondam speciem conloquentem secum videre visus sit. Ideoque magna parte noctis uigiliae cubandique taedio nunc toro residens, nunc per longissimas porticus vagus invocare identidem atque expectare lucem consuerat.

51. *Non inmerito mentis ualitudini attribuerim diuersissima in eodem uitia, summam confidentiam et contra nimium metum. Nam qui deos tanto opere contemneret, ad minima tonitrua et fulgura coniuere, caput obvoluere, at uero maiore proripere se e strato sub lectumque condere solebat. Peregrinatione quidem Siciliensi irrisis multum locorum miraculis repente a Messana noctu profugit Aetnaei uerticis fumo ac murmure pauefactus. Aduersus barbaros quoque minacissimus, cum trans Rhenum inter angustias densumque agmen iter essedo faceret, dicente quodam non mediocrem fore consternationem sicunde hostis appareat, equum ilico conscendit ac propere reversus ad pontes, ut eos calonibus et impedimentis stipatos repperit, impatiens morae per manus ac super capita hominum translatus est. Mox etiam audita rebellione Germaniae fugam et subsidia fugae classes apparabat, uno solacio adquiescens transmarinas certe sibi superfuturas prouincias, si uictores Alpium iuga, ut Cimbri, uel etiam urbem, ut Senones quondam, occuparent; unde credo percussoribus eius postea consilium natum apud tumultuantes milites ementiendi, ipsum sibi manus intulisse nuntio malae pugnae perterritum.*

52. *Vestitu calciatuque et cetero habitu neque patrio neque ciuili, ac ne uirili quidem ac denique humano semper usus est. Saepe depictas gemmatasque indutus paenulas, manuleatus et armillatus in publicum*

processit; aliquando sericatus et cycladatus; ac modo in crepidis uel coturnis, modo in speculatoria caliga, nonnumquam socco muliebri; plerumque uero aurea barba, fulmen tenens aut fuscina aut caduceum deorum insignia, atque etiam Veneris cultu conspectus est. Triumphalem quidem ornatum etiam ante expeditionem assidue gestauit, interdum et Magni Alexandri thoracem repetitum e conditorio eius.

53. *Ex disciplinis liberalibus minimum eruditioni, eloquentiae plurimum attendit, quantumvis facundus et promptus, utique si perorandum in aliquem esset. Irato et uerba et sententiae suppetebant, pronuntiatio quoque et uox, ut neque eodem loci prae ardore consisteret et exaudiretur a procul stantibus. [...]*

50. Era de alta estatura, tez palidíssima, corpo enorme, o pescoço e as pernas finos. Os olhos, assim como a têmporas, fundos. A fronte larga e carrancuda. Cabelos raros e o alto da testa desguarnecido. O resto do corpo, cabeludo. Constituía crime capital olhá-lo, quando ele passava, e pronunciar por qualquer motivo a palavra “cabra”. Seu rosto era naturalmente horrível e repelente. E ele procurava torná-lo ainda mais feroz, ensaiando diante dum espelho para inspirar terror e espanto. Não era são nem de corpo nem de espírito. Era vítima, desde a infância, de crises de epilepsia. Na juventude não podia suportar fadigas sem ser acometido de desmaios súbitos que a custo lhe permitiam caminhar, manter-se em pé, tomar fôlego e sustentar-se. Possuía plena consciência do seu estado mental e por mais duma vez imaginou curar-se, procurando a solidão. Acredita-se que sua mulher Cesônia lhe tivesse administrado alguma poção amorosa, cujo único efeito fosse torná-lo furioso. Era, sobretudo, atormentado pela insônia, pois não chegava a dormir mais de três horas por noite. Este repouso, longe de ser calmo, era ainda perturbado por estranhos fantasmas, a tal ponto, que certa vez, lhe pareceu ver a imagem do mar e conversar com ele. Também, durante a maior parte da noite, cansado de estar acordado na cama, tinha por hábito sentar-se no leito ou passear ao longo dos seus imensos pórticos, invocando e esperando a luz do dia.

51. Não sem razão, atribuirei, ao seu estado mental, defeitos tão incompatíveis como sua extrema confiança e sua excessiva timidez. Na realidade, ele, que desprezava todos os deuses, à queda dum simples raio e ao menor relâmpago fechava os olhos e cobria a cabeça. Se redobrava, saltava para cima da cama e se enrolava nas cobertas. Numa viagem à Sicília, depois de ter ridicularizado os milagres de que se gabavam muitas localidades, fugiu inesperadamente de Messina, em plena noite, assustado com a fumaça e o estrondo do Etna. Apesar das suas grandes ameaças contra os bárbaros, um dia em que marchava de carro, além do Reno, comprimido com suas tropas num desfiladeiro, ouviu alguém dizer “que o morticínio não seria pequeno, se o

inimigo aparecesse.” Montou a cavalo instantaneamente, voltou-se precipitadamente para as pontes. Como, porém, estas estivessem atravancadas com carroças e bagagens, não suportou a demora e fez-se transportar de mão em mão, por cima da cabeça de todos. Logo em seguida, à notícia da sublevação da Germânia, preparou a frota, que favorecia a sua fuga. A única consolação sobre a qual se apoiava era a de que restavam, pelo menos as províncias de além-mar, caso os vencedores se apossassem da passagem dos Alpes, como os Cimbros, ou até mesmo de Roma, como outrora fizeram os senônios. Creio que isso forneceu mais tarde aos seus matadores a ideia de dizer aos soldados revoltados que ele se suicidara, apavorado como estava, com a notícia duma derrota.

52. A roupa, o calçado e o resto do vestuário que ele sempre usou não eram de quirites nem mesmo de um homem, e, numa palavra, não tinham nada de humano. Muitas vezes aparecia um público envolto em casacões salpicados de diversas cores, cobertos de pedrarias, de mangas e braceletes. Outras, de vestido de seda com cauda. Ora de sandálias ou de coturnos, ora de botas militares ou de tamancos de mulher. Mais seguidamente, porém, se apresentava com barba de ouro, a segurar o raio, o tridente e o caduceu, insígnias dos deuses, e também em trajes de Vênus. Trazia consigo quase sempre os ornamentos triunfais, mesmo antes da sua expedição, e, de tempos em tempo, também a couraça de Alexandre, o Grande, que ele mandara retirar do seu sepulcro.

53. Das disciplinas liberais, foi pouco afeito à erudição e muito à eloquência. Possuía a palavra fácil e pronta, sobretudo quando falava contra qualquer pessoa. Na cólera, as palavras e as ideias lhe afluíam com abundância. Sua pronúncia e sua voz eram tão animadas que não podia ficar num lugar só: afastava-se da assistência para se fazer ouvir. [...] **[Tradução: Sady-Garibaldi]**

O retrato de Calígula procura transmitir, por meio da aparência, a confusão e a crueldade deste imperador. O estilo de Suetônio mantém-se o mesmo e, embora tenhamos em mente a aparente imparcialidade do autor, cada biografia revela o elogio ou o vitupério dos retratados e Calígula é, claramente, um modelo inadequado de imperador.

A estatura elevada, vimos na análise de Augusto, não é adequada para formar um bom temperamento porque reflete indolência. O corpo enorme (*enormis*) indica desproporcionalidade, um sinal negativo na fisiognomonía, mas que se torna ainda pior com a informação de que o pescoço e as pernas são extremamente finos (*gracilitate maxima ceruicis et crurum*), ampliando ainda mais a desproporção do corpo.

O pescoço longo e fino revela o medo e a maldade, no capítulo 53 do Anônimo; bem como as pernas finas que são próprias do indivíduo medroso e fraco (cap. 91) e também dos libidinosos (cap. 112). O tratado pseudoaristotélico apresenta as espécies do pescoço de maneira muito mais sucinta do que o Anônimo, mas encerra a mesma ideia de que o pescoço fino indica fraqueza típica das mulheres (811a10-2); quanto ao corpo desproporcional, é indicativo de desonestidade, tanto pelo critério da congruência, quanto por ser propriamente feminino (807b5-10).

A cor é de palidez excessiva, designada pelo adjetivo *expallidus*; em *De Physiognomonia Liber*, a palidez é uma tonalidade que se mistura à cor da pele porque não é natural:

79. A cor que é deformada pela palidez significa o imbele, medroso e também tergiversador, se a causa da palidez não for uma doença.

Podemos supor, a partir do que vem logo em seguida acerca do seu estado de saúde, que a palidez é nele uma condição permanente porque vivia sempre doente, já que sofria de crises de epilepsia desde a infância e, frequentemente, suas atitudes mostram que o estado mental estava também comprometido, pois a insônia o acometia e seu sono era povoado por pesadelos.

No capítulo 6 do tratado fisiognomônico, acerca do ânimo feminino, não apenas a cor branca é tipicamente atribuída a este gênero, como também uma coloração mais escura acompanhada de palidez, o que para os gregos é próxima do verde-oliva ou do mel. Portanto, não podemos depreender que haja coragem dentre as características éticas de Calígula, visto que reiteradamente é descrito com elementos tipicamente femininos.

Os olhos e as têmporas são côncavos: o pseudoaristotélico resume os olhos côncavos como sinônimo de vilania, tal como o caso dos macacos (811b15-20). O Anônimo indica a profundidade dos olhos entre os piores sinais (cap. 31) e todas as combinações representam *ethos* negativo.

A fronte de Calígula é larga e carrancuda, a grande dimensão desta parte representa indolência na fisiognomonia (cap. 17), onde é reiteradamente associada ao boi, que tem fronte larga e é pacato e indolente (caps. 16 e 120). A qualificação *toruus*, “ameaçador, severo, austero”, remete a um aspecto subjetivo que deve ser avaliado em conjunto e pode ser entendido como a expressão de seu semblante.

O rosto é descrito de maneira redundante: “*Vultum uero natura horridum ac taetrum*”. O adjetivo *horridus* remete ao que é “repugnante, horroroso” e também ao

“violento”; *taeter* implica tanto no aspecto físico, “feio, hediondo”, como no ético “cruel, terrível, atroz”.

O corpo é peludo, mas os cabelos são escassos e já desponta na coroa da cabeça a calvície. O homem peludo descrito pelo Anônimo (cap. 103) é dotado de bastante pelos, inclusive no rosto, sinal que denuncia loucura, libidinidade, interesse na pantomima e maledicência. Não é possível afirmar que Calígula tenha o rosto peludo, visto que os cabelos são escassos, mas a expressão “*hirsutus cetera*” podem subentender quaisquer partes do corpo. O lobo (cap. 126) tem dentre suas características físicas principais o corpo peludo e revela astúcia, impiedade, irascibilidade e perversidade. A escassez de cabelo anuncia também características negativas:

14. [...] Os cabelos macios e demasiadamente finos, ruivos e ralos indicam a escassez do sangue, um ânimo debilitado, sem coragem e feminino e, quanto mais ralos forem os cabelos, mais astucioso será o indivíduo. [...] Os cabelos finos e ralos perto das têmporas revelam um homem frígido e sem forças.

O interesse pela pantomima mencionado pelo Anônimo é algo que pode ser observado em Calígula, §54, relata-se o interesse dele pela dança e pelo teatro:

54. *Sed et aliorum generum artes studiosissime et diuersissimas exercuit. [...] canendi ac saltandi uoluptate ita efferebatur, ut ne publicis quidem spectaculis temperaret quo minus et tragoedo pronuntianti concineret et gestum histrionis quasi laudans uel corrigens palam effingeret. [...]*

54. Exerceu com paixão e talento outro gênero completamente diferente: quando queria, fazia o papel de auriga, cantor e dançarino. [...] O prazer de cantar e de dançar o entusiasmava de tal maneira que não podia deixar de, mesmo nos espetáculos públicos, acompanhar à meia voz a declamação do trágico e de imitar abertamente os gestos de histrião, para louvá-los ou corrigi-los. [...] [Tradução: Sady-Garibaldi]

Ele também manifestava interesse pelas artes liberais, sendo bastante eloquente, contudo, manifestava sua irascibilidade nos discursos – mesmo as qualidades positivas são detalhadas de maneira a manifestar o *ethos* colérico e desmedido de Calígula.

Evans²⁸⁸ acredita que a imagem de Calígula está muito próxima ao de dois animais: a pantera e a cabra. A pantera, ou leopardo como preferimos na nossa tradução do *De Physiognomonía Liber* para “*pardus*”, no capítulo 46, é dito ser insidioso, rígido, atroz e audaz, e é atribuído ao *ethos* feminino (cap.8). No manual pseudoaristotélico, é bem mais completa a descrição do leopardo que, dentre as espécies tipicamente

²⁸⁸ EVANS, E., op. cit., cf. p. 54-5.

femininas, é um animal corajoso: com execução das pernas, nos demais aspectos se assemelha ao gênero feminino, tem o rosto pequeno, boca grande, olhos pequenos, pálidos, côncavos e planos, a fronte longa e arredondada na região das orelhas, pescoço muito longo e fino, peito estreito e costas extensas, as pernas grossas, mas os ísquios e o ventre lisos, corpo manchado, mal articulado e desproporcional (809b35-810a8).

A cabra, por sua vez, não tem o mesmo destaque do leopardo, até por não representar o melhor tipo correspondente ao feminino, mas inúmeras referências são feitas a este animal nas descrições, como pudemos observar no *De Physiognomonia Liber*, remetendo a vícios do ânimo feminino. O *ethos* inadequado associado à cabra fica evidente em algumas passagens do tratado:

83. [...] Os olhos caprinos são os dedicados ao desejo: isto se refere ao bode [...]

84. [...] Aqueles que elevam o tom da voz de maneira que a enrouqueçam, tornando-a próxima do balido caprino, são loucos em relação ao sexo: isto se refere às cabras. [...]

104. [...] do mesmo modo que a ovelha é mansa, são assim também outros animais, tais como o asno, a cabra, o cavalo, o porco e muitos outros. Porém, aqueles que são mais mansos são também os mais delicados, mais afáveis e mais tranquilos; mas os que são mais ferozes são mais secos, mais bravos e mais violentos. [...]

No capítulo 22 da *uita* de Calígula, Suetônio destaca que vai tratar não mais de um príncipe, mas de um monstro (*monstrum*) referindo-se à tirania e crueldade que são retratados em inúmeros episódios relatados acerca de Calígula, tal como quando escolheu criminosos que deviam ser devorados pelas feras, já que o gado estava muito caro (§27).

Observa-se depois do retrato físico que, apesar de sua desordem mental refletida nas enfermidades antes enumeradas, ele era provido de extrema confiança e de medo, qualidades contraditórias. A vestimenta, bastante variável e, por vezes, excêntrica, revela ainda mais a inconstância de seu temperamento.

Suetônio destaca na sequência o desprezo pelos deuses que nos lembra um tipo de indivíduo exposto na teoria fisiognomônica:

73. [...] Se o ventre e o peito forem cobertos por uma quantidade excessiva de pelos, dão a conhecer o homem fútil e instável – quem os gregos chamam *alloprousalon* <inconstante> – além disso, este engenho é apresentado como sem religião e sem piedade.

A imagem acima é condizente com o *ethos* de Calígula e compatível com a descrição de Suetônio.

Rolfe²⁸⁹ ressalta o retrato do pai de Calígula, Germânico, no capítulo 3, completamente distinto do filho, mas Suetônio deixa para o leitor notar a distinção – este é um traço das *Vitae*, visto que Suetônio não faz comparação entre os retratados, o leitor pode naturalmente realizar esta tarefa.

Vejamos uma parte do retrato de Germânico para observarmos o contraste entre pai e filho:

3. Omnes Germanico corporis animique uirtutes, et quantas nemini cuiquam, contigisse satis constat: formam et fortitudinem egregiam, ingenium in utroque eloquentiae doctrinaeque genere praecellens, beniuolentiam singularem conciliandaeque hominum gratiae ac promerendi amoris mirum et efficax studium. Formae minus congruebat gracilitas crurum, sed ea quoque paulatim repleta assidua equi uectatione post cibum. Hostem comminus saepe percussit. Orauit causas etiam triumphalis; atque inter cetera studiorum monimenta reliquit et comoedias Graecas. Domi forisque ciuilis [...].

3. Sabe-se que Germânico reunia, como ninguém, num alto grau, todas as qualidades físicas e espirituais: beleza e bravura notáveis, gênio eminente na eloquência e na literatura latina e grega, benevolência rara, caráter maravilhosamente eficaz para conciliar o favor público e merecer o amor universal. Suas pernas delgadas discrepavam da perfeição de sua pessoa. Elas, porém, engrossaram, pouco a pouco, graças ao hábito que possuía de montar a cavalo, após as refeições. Muitas vezes matou inimigos em luta corpo a corpo. Defendeu causas, mesmo depois do seu triunfo, e, entre outros monumentos dos seus estudos, deixou algumas comédias gregas. Igualmente afável, tanto em Roma, como nos acampamentos [...]. [Tradução: Sady-Garibaldi]

É notável o elogio ou vitupério nas biografias de Suetônio que por meio de mecanismos retóricos tradicionais para compor os retratos, ainda assim, o fez de maneira diferenciada, inserindo inúmeras anedotas e buscando reproduzir imparcialmente as informações. Ao leitor cabe a tarefa de compreender o amplo retrato, a partir dos fatos e também das imagens produzidas pela aparência e pelo comportamento do retratado, sob as convenções retóricas da efígie ou da etopeia.

Para Misener²⁹⁰, Suetônio não está preocupado, nas descrições físicas, com a relação entre fisionomia e *ethos*, embora utilize o vocabulário técnico desta teoria, porque ele não pretende produzir um *eidos* de acordo com o caráter, este é, na verdade,

²⁸⁹ ROLFE, J. C., op. cit., cf. p. 214-15.

²⁹⁰ MISENER, G., op. cit., cf. p. 117-18.

um efeito natural do conjunto da biografia. Portanto, Suetônio não procura idealizar os retratados criando uma imagem que corresponda às características morais.

Ainda assim, conforme observamos, os preceitos fisiognômicos são úteis no efeito de realidade e, supondo o conhecimento por parte de Suetônio da iconografia tradicional de cada um dos biografados, inúmeras informações acerca da aparência destes já estariam impregnadas pela consciência fisiognômica. Independente do conhecimento prévio dos manuais de fisiognomonía por parte de Suetônio, a doutrina aristotélica e a teoria médica já partilhavam muito do conhecimento fisiognômico.

Neste capítulo, avaliamos quatro dos imperadores biografados por Suetônio e é possível reconhecer uma espécie de gradação, partindo de César e Augusto divinizados e chegando ao hediondo Calígula. Cizek²⁹¹ propõe que Suetônio tenha dividido os imperadores em quatro grupos: os melhores, os bons, os ruins e os piores – seguindo tal raciocínio, Augusto estaria entre os melhores, César entre os bons, Tibério entre os ruins e Calígula entre os piores. Contudo, não é uma categorização exata, mas é uma maneira de ler o quadro amplo das *Vitae* de Suetônio que apresenta modelos que vão desde exemplos de conduta moral a outro extremo de indivíduos sem nenhuma ou pouca virtude, que se anula diante de uma série de vícios. Couissin²⁹² coloca César e Augusto na série de gênios das *Vitae*, ao passo que Tibério e Calígula enquadram-se entre monstros ou doentes.

Na elaboração de seus retratos, a preocupação com as enfermidades expõe uma faceta da fisiognomonía, visto que os melhores indivíduos procuram meios para melhorar sua disposição física e, conseqüentemente, isto se reflete na própria sanidade, conforme observamos nos retratos analisados. A perfeição física não é um requisito para ser *diuus*, tal como César e Otávio, mas o equilíbrio e a boa proporção são, um princípio amplamente defendido na doutrina fisiognômica como a melhor disposição ética.

Couissin²⁹³, que reconhecidamente lê as *Vitae* sob a perspectiva fisiognômica, reconhece nas *Vitae* de Suetônio uma postura científica que recorre à teoria fisiognômica, em que não há narração histórica, considerações filosóficas ou morais, exploração dramática dos personagens ou situações, nem mesmo arte na composição; ocorre, portanto, uma concepção distinta do trabalho histórico, adotando a ciência

²⁹¹ CIZEK, E., op. cit., cf. p. 154.

²⁹² COUISSIN, J., op. cit., cf. p. 235.

²⁹³ COUISSIN, J., op. cit., cf. p. 253-55.

fisiognomônica como testemunho da matéria histórica, transformando esta obra em biografias de estatuto científico, não literário, como outros escritores fizeram.

4.3. Marcial – *Epigramas*

O Epigrama é um gênero em que é possível encontrar muitos indícios da teoria fisiognomônica, gênero este que apresenta grande variedade temática, mas cuja concisão é uma regra essencial, por esta razão, a consciência fisiognomônica é perceptível em pequenos elementos, os quais são trazidos aos olhos por meio de procedimentos descritivos que possibilitam o exercício imaginativo ou analogias que resultem no mesmo efeito. Faremos a análise de algumas epigramas de Marcial (I d. C.), nos quais observaremos um tom jocoso e torpe, satirizando os objetos de seus versos, portanto, ao estudá-los sob a perspectiva do discurso retórico, os epigramas são invectivas.

Alexandre Agnolon²⁹⁴, em sua dissertação, discorre acerca da fisiognomonia como umas das estratégias de invectiva nos epigramas de Marcial, já que os aspectos físicos apontados são elementos que revelam justamente as disposições morais de quem se quer vituperar, servindo-se de lugares-comuns da descrição de pessoas.

Inúmeros são os epigramas que podemos citar, estudaremos apenas uma mostra que nos permita avaliar a aplicação do conhecimento fisiognomônico neste gênero.

I, 24

*Aspicis incomptis illum, Deciane, capillis,
Cuius et ipse times triste supercilium,
Qui loquitur Curios adsertoresque Camillos?
Nolito fronti credere: nupsit heri*²⁹⁵.

Vês, Deciano, aquele tipo de cabelos desgrehados,
de quem até tu temes o austero cenho,
que fala dos Cúrios e dos Camilos libertadores?
Não te fies na cara: ainda ontem fez de noiva.

[Tradução: José Luís Brandão]²⁹⁶

O epigrama acima não adota princípios da fisiognomonia para compor um retrato, mas nos chama a atenção porque Marcial critica a aparência construída dos filósofos

²⁹⁴ *Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 d.C. – 104 d.C.)*. Dissertação de Mestrado – DLCV/ FFLCH/ USP. Orientador: Prof. Dr. João Angelo O. Neto. 2007. Cf. capítulo “A instância ‘instruída’ do vitupério em Marcial”.

²⁹⁵ Adotamos para os textos em língua latina de todos os epigramas: *M. Valerii Martialis Epigrammaton Libri*, ed. W. Heraeus; J. Borovskij.

²⁹⁶ *Marcial. Epigramas*. Lisboa: Edições 70. v. I – Clássicos Gregos e Latinos, 23 [Sem data]. Para todos os epigramas dos livros I e II, adota-se esta edição com a tradução de José Luís Brandão.

como forma de satirizar o costume de forjar uma seriedade que de fato não existe, já que os cabelos estão despenteados. O amigo Deciano não deve temer o semblante severo, designado pela expressão dos olhos, cuja referência ao *supercilium* associado ao adjetivo *tristis* remete à austeridade do semblante.

O poeta afirma que não se deve confiar nesta imagem que procura representar um *ethos* falso, declarando não ser confiável já que, na verdade, o indivíduo praticava relações homossexuais, assumindo o papel da noiva, pois o verbo *nubo* é mais frequentemente empregado em relação à mulher²⁹⁷. Crítica, portanto, ao indivíduo afeminado que é constantemente visto entre os piores na fisionomia, uma vez que dissimula suas verdadeiras características para não se revelar.

I, 31

*Hos tibi, Phoebe, uouet totos a uertice crines
Encolpos, domini centurionis amor,
Grata Pudens meriti tulerit cum praemia pili.
Quam primum longas, Phoebe, recide comas,
Dum nulla teneri sordent lanugine uoltus
Dumque decent fusae lactea colla iubae;
utque tuis longum dominusque puerque fruuntur
Muneribus, tonsum fac cito, sero uirum.*

A ti, Febo, consagra todos os cabelos da sua cabeça
Encolpo, dilecto do centurião seu amo,
quando Pudente obtiver a grata distinção, merecida, de primipilo.
Corta, Febo, quanto antes a longa cabeleira,
enquanto nenhuma penugem mancha o rosto tenro,
e enquanto as madeixas esparsas ficam bem ao lácteo colo;
e, para que senhor e escravo gozem por longo tempo
dos teus favores, torna-o cedo tosquiado, tarde um homem.

Outro poema que fala da relação homossexual, neste caso entre o jovem Encolpo (*puer delicatus*) e Pudente (*dominus*). O *puer delicatus* deve ter aspecto jovem, por isso é representado imberbe e de longos cabelos²⁹⁸, que devotará a Febo. O colo é branco como leite (*lactea colla*), realçando a delicadeza, pois a cor branca é essencialmente feminina.

Quando fizer a transição, o *puer* cortará o longo cabelo e terá barba, deixando de

²⁹⁷ Cf. exemplos citados no *Oxford Latin Dictionary*.

²⁹⁸ A figura do *puer dellicatus* designado pelo sinal dos cabelos longos é retomada em II, 57.

cumprir esse papel. Já vimos que o Anônimo atribui a presença de barba na extremidade do queixo aos homens jovens que são animosos (cap. 84).

No *De Physiognomonia Liber*, capítulo 14, o comprimento do cabelo é mencionado superficialmente, concentrando-se na parte em que fica a extremidade deste:

[...] Quando a extremidade do cabelo na parte detrás está caída sobre o meio do pescoço e termina num ponto mais distante, indica um ânimo ardente, insensato e libidinoso. Quando a extremidade do cabelo na parte detrás está distante do pescoço, indica um ânimo indolente, medroso, feminino e irascível.
[...]

O epigrama 77 do livro I reforça a pele clara como traço de vícios associados à libidinidade:

I, 77

Pulchre ualet Charinus, et tamen pallet.

Parce bibit Charinus, et tamen pallet.

Bene concoquit Charinus, et tamen pallet.

Sole utitur Charinus, et tamen pallet.

Tingit cutem Charinus, et tamen pallet.

Cunnum Charinus lingit, et tamen pallet.

Passa bem Carino e, mesmo assim, é pálido.

Pouco bebe Carino e, mesmo assim, é pálido.

Digere bem Carino e, mesmo assim, é pálido.

Apanha sol Carino e, mesmo assim, é pálido.

Tinge a pele Carino e, mesmo assim, é pálido.

Lambe conas Carino e, mesmo assim, é pálido.

Carino mostra-se pálido em quaisquer situações, a palidez é indício de uma aparência doentia, uma condição que ele não consegue disfarçar nem mesmo pintando a pele, expondo-se ao sol ou bebendo pouco.

Mark Bradley²⁹⁹ cita este epigrama para criticar, de certa maneira, a análise fisiognomônica, visto que Carino se esforça para diminuir sua palidez e afastar a imagem doentia. No último verso, faz-se referência aos hábitos sexuais de Carino, mas nem mesmo a prática sexual lhe provoca rubor. Na opinião de Bradley, as faces descoloridas ou ruborizadas constituem uma ideia consolidada da cultura romana, portanto, Marcial satiriza de certa maneira o filósofo que supõe sempre ser capaz de ler uma pessoa pela observação da face e ainda ataca o indivíduo cuja face é ilegível.

²⁹⁹ “The natural body”. In: *Colour and meaning in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

A palidez, para o tradutor, revela que Carino estaria doente porque se entrega a um *uitium*. O substantivo *cunnus* designa os órgãos genitais femininos e remete figurativamente à mulher desonesta, meretriz, o que evidencia ainda mais seus hábitos impudicos. A libidinidade na fisionomia, ainda que não esteja relacionada às práticas homossexuais, é exposta como vício mesmo em meio a boas qualidades, é, portanto, um comportamento reprovável.

II, 29

*Rufe, uides illum subsellia prima terentem,
Cuius et hinc lucet sardonichata manus
Quaeque Tyron totiens epotavere lacernae
Et toga non tactas uincere iussa nives,
Cuius olet toto pinguis coma Marcellano
Et splendent uolso bracchia trita pilo,
Non hesterna sedet lunata lingula planta,
Coccina non laesum pingit aluta pedem,
Et numerosa linunt stellantem splenia frontem.
Ignoras quid sit? splenia tolle, leges.*

Rufo, vês aquele tipo alapado na primeira fila,
de quem até daqui brilha a mão cheia de sardônicas,
cujo manto se embebeu várias vezes da púrpura de Tiro,
e a toga foi preparada para vencer as imaculadas neves,
cuja farta cabeleira enche de perfume o teatro de Marcelo,
e os polidos braços alvejam depilados,
e uma fivela nova se apoia sobre o sapato ornado de lúnula,
e um couro escarlate lhe orna, sem magoar, o pé,
e numerosos sinais lhe cobrem a fronte brilhante.
Não sabes o que é? Tira os sinais. Lerás.

O verso 6 destaca o costume de depilar-se³⁰⁰, com os braços livres de pelo, hábito dos afeminados e também de pessoas elegantes, como destaca José. L. Brandão, em nota à tradução, os quais brilham devido à delicadeza provida pela ausência total dos pelos.

O cabelo espesso, “*pinguis coma*”, em geral é um traço negativo na teoria fisionômica e indicador de diversas características e representa a libidinidade:

14. [...] Os cabelos densos e enormes perto das têmporas e ao redor das orelhas manifestam um engenho ardente e libidinoso. [...]

³⁰⁰ Cf. temática nos epigramas II – 36, 62; VI – 56, 64; IX, 27.

Observa-se que o retrato é construído essencialmente pela descrição da vestimenta e a presença de artefatos que auxiliam na construção de uma imagem falsa, aproximando o personagem de uma figura nobre. Marcial manda ler na fronte brilhante as marcas do escravo, escondidas por *splenia*, do substantivo *splenium*, é o termo que designa uma espécie de emplastro para ferimentos e que era utilizado também para disfarçar imperfeições no rosto.

II, 41

'Ride si sapis, o puella, ride'
Paelignus, puto, dixerat poeta.
Sed non dixerat omnibus puellis.
Verum ut dixerit omnibus puellis,
Non dixit tibi: tu puella non es,
Et tres sunt tibi, Maximina, dentes,
Sed plane piceique buxeique.
Quare si speculo mihi que credis,
Debes non aliter timere risum,
Quam uentum Spanius manumque Priscus,
Quam cretata timet Fabulla nimbum,
Cerussata timet Sabella solem.
Voltus indue tu magis seueros,
Quam coniunx Priami nurusque maior.
Mimos ridiculi Philistionis
Et conuiuia nequiora uita
Et quidquid lepida procacitate
Laxat perspicuo labella risu.
Te maestae decet adsidere matri
Lugentiue uirum piumve fratrem,
Et tantum tragicis uacare Musis.
At tu iudicium secuta nostrum
Plora, si sapis, o puella, plora.

‘Ri, se és esperta, ó moça, ri’
 dissera, creio eu, o poeta peligno.
 Mas não o dissera a todas as moças.
 E ainda que o tivesse dito a todas as moças,
 não o disse a ti: tu não és moça,
 e são só três, Maximina, os teus dentes,
 ainda por cima cor de pez e de buxo.
 Por isso, se acreditas no espelho e em mim,

deves temer o riso do mesmo modo
 que Espânio teme o vento e Prisco a mão,
 que, coberta de greda, Fabula teme a chuva,
 que, coberta de alvaiade, Sabela teme o sol.
 Tu reveste-te de um rosto mais austero
 que a esposa de Príamo e a sua nora mais velha.
 Os mimos do hilariante Filistião
 e os banquetes libertinos evita-os
 e o que quer que, com espirituosa audácia,
 abre os lábios num transparente riso.
 Convém que te sentes junto a uma mãe amargurada
 e a quem chora o marido ou um devotado irmão
 e que só tenhas tempo para as Musas da tragédia.
 Mas sobretudo, seguindo o meu conselho,
 chora, se és esperta, ó moça, chora.

Marcial cita constantemente expedientes utilizados para modificar a aparência e os critica porque disfarçam não apenas a imagem, como também o verdadeiro *ethos*. Neste epigrama, Marcial assume um tom de conselheiro em relação à aparência da moça e cita o poeta elegíaco Ovídio (v.2) que aconselhara as moças a rirem, em *Arte de Amar*, livro III:

*Cui grauis oris odor numquam ieiuna loquatur,
 Et semper spatio distet ab ore uiri.
 Si niger aut ingens aut non erit ordine natus*
280 *Dens tibi, ridendo maxima damna feres.*
*Quis credat? discunt etiam ridere puellae,
 Quaeritur aque illis hac quoque parte decor.
 Sint modici rictus, paruaeque utrimque lacunae,
 Et summos dentes ima labella tegant.*³⁰¹

a quem tem mau hálito nunca fale em jejum
 e guarde sempre distância do rosto do seu homem;
 se tens dentes negros ou grandes ou tortos,
280 enorme é o teu prejuízo quando te rires.
 Quem havia de acreditar? Até aprendem a rir as mulheres
 e conseguem, dessa forma, mais encanto.
 Haja modos a abrir a boca e fiquem pequenos ambos os cantos

³⁰¹ P. Ovidius Naso. P. Ovidius Naso. *Ars Amatoria* (Ovid in Six Volumes. Vol. 2, ed. J. H. Mozley; G. P. Goold, 1979). Adotamos esta edição para as demais citações em latim da *Arte de amar*.

e que os lábios cubram bem o cimo dos dentes;

[v. 277-84 – Tradução: Carlos Ascenso André]³⁰²

Ovídio aconselha vários tipos de riso, pois são muito úteis na conquista amorosa. Marcial, no entanto, adota o caráter sapiencial do outro poeta, e orienta Maximina a não sorrir já que ela tem apenas três dentes que, por sua vez, são comparados ao pez, uma resina escura, e à árvore buxo, produzindo uma imagem cômica de dentes sujos e deteriorados – o mesmo é aconselhado por Ovídio um pouco antes, a moça que tiver dentes escuros e muito grandes não deve rir.

Em seguida, Marcial enumera uma sequência de situações, todas associadas a artifícios para embelezamento, como símile do riso de Maximina, pois seu riso seria tão nocivo como o uso do alvaiade (pigmento branco de carbonato de chumbo, usado, dentre outras coisas, como cosmético³⁰³) no rosto que derrete sob o sol.

Por extensão de sentido, se a mulher apresenta os dentes nessa condição, entendemos que o estado físico em geral apresenta-se em estado semelhante; cabe a ela, portanto, não o papel da amante, mas dos personagens trágicos, como as troianas Hécuba e Andrômaca, pois neste gênero a ausência do riso é conveniente e o semblante é austero, Marcial aconselha-a a chorar.

Na teoria fisiognomônica não há destaque para o riso, expressão inserida em alguns contextos que indicam sempre características viciosas, condizentes com o *ethos* indecoroso da amante exposto neste poema de Marcial. De certa maneira, o autor propõe um elevamento, adequando-se ao papel que pode fazer em razão de sua aparência, insere-se na Tragédia, cuja tradição poética coloca em posição superior aos demais³⁰⁴.

Ao analisar este e outros epigramas, Agnolon³⁰⁵ destaca o emprego da notação por levantar traços distintivos das pessoas retratadas, associando-os a suas qualidades, recurso retórico que vimos ser necessário à fisiognomonia, já que seus manuais servem-se dos procedimentos descritivos para compor seu catálogo de imagens referentes às variedades do *ethos*, geralmente, tais imagens são concisas.

III, 43

*Mentiris iuvenem tinctis, Laetine, capillis,
Tam subito coruus, qui modo cycnus eras.*

³⁰² *Amores & Arte de amar*. São Paulo: Companhia das Letras. Penguin Companhia Clássicos, 2011.

³⁰³ Cf. *Houaiss*.

³⁰⁴ Cf. *Poética* de Aristóteles, 1461b-1462b, em que se conclui que a Tragédia é superior inclusive à Epopeia.

³⁰⁵ AGNOLON, A., op. cit., cf. capítulo “Uso de *Notatio*”.

*Non omnes fallis; scit te Proserpina canum:
Personam capiti detrahet illa tuo.*

Finges ser jovem, Letino, à custa dos cabelos pintados,
tão depressa corvo, tu que ainda há pouco eras cisne.
Não iludes toda a gente; conhece-te Prosérpina a canície:
e ela arrancará a máscara que te cobre a cabeça.

[Tradução: Paulo Sérgio Ferreira]³⁰⁶

O epigrama retoma o tema da dissimulação ao disfarçar a senilidade que transparece nos cabelos brancos, os quais foram tingidos, empregando a metáfora dos animais para figurar a coloração, na transformação do cisne para o corvo.

IV, 42

*Si quis forte mihi possit praestare roganti,
Audi, quem puerum, Flacce, rogare uelim.
Niliacis primum puer hic nascatur in oris:
Nequitias tellus scit dare nulla magis.
Sit niue candidior: namque in Mareotide fusca
Pulchrior est, quanto rarior, iste color.
Lumina sideribus certent mollesque flagellent
Colla comae: tortas non amo, Flacce, comas.
Frons brevis atque modus leuiter sit naribus uncis,
Paestanis rubeant aemula labra rosis.
Saepe et nolentem cogat nolitque uolentem,
Liberior domino saepe sit ille suo;
Et timeat pueros, excludat saepe puellas:
Vir reliquis, uni sit puer ille mihi.
'Iam scio, nec fallis: nam me quoque iudice uerum est.
Talis erat' dices 'noster Amazonicus.'*

Se, por acaso, alguém pudesse atender a minha prece,
escuta, Flaco, o rapaz que eu gostaria de pedir.
Antes de mais, que seja nascido nas margens do Nilo:
terra alguma sabe produzir volúpia maior.
Seja mais branco do que a neve, pois na negra Mareótis
esta cor é tanto mais bela quanto mais rara for.
Rivalizem seus olhos com os astros e batam-lhe os sedosos
cabelos no colo: não gosto, Flaco, de cabelos enriquecidos.

³⁰⁶ Adotamos o mesmo volume citado anteriormente para os livros I e II, com tradução de Paulo Sérgio Ferreira.

Seja de rosto pequeno e ligeira curvatura do nariz,
 o rubor dos seus lábios rivalize com as rosas de Pesto.
 Amiúde force o meu não querer e contrarie o meu querer;
 mais livre amiúde ele seja que seu próprio senhor;
 que tema os rapazes e afaste amiúde as raparigas:
 homem para os outros seja e menino para mim somente.
 ‘Já sei e não erras: é essa a verdade, a meu juízo também.
 Assim era’ – irás dizer – ‘o meu Amazónico’.

[Tradução: Delfim Ferreira Leão]³⁰⁷

Temos aqui mais um retrato do *puer delicatus*, já mencionado em outros epigramas, que traz elementos distintivos presentes em algumas proposições da fisiognomonia.

Ao descrever como seria o *puer* ideal, determina-se como requisito que seja nascido nas margens do Nilo, deve, portanto, ser egípcio. A justificativa vem no termo *nequitia*, aqui traduzido como “volúpia” e que significa desregramento, devassidão, perversidade, entre outras características viciosas. A teoria fisiognomônica apresenta o *ethos* egípcio sempre com algum vício, tal como vimos no *De Physiognomonia Liber*, no capítulo 9, ao tratar dos métodos da fisiognomonia, os egípcios são astutos, dóceis, fúteis, temerários e propensos ao sexo.

14. [...] Os cabelos crespos mostram um homem excessivamente astucioso, avaro, medroso e desejoso de lucro: tais cabelos são relacionados aos egípcios, que são medrosos. [...]

79. [...] A cor negra indica o fútil, imbele, medroso e esperto: relaciona-se aos habitantes da região meridional, tais como os etíopes, os egípcios e seus vizinhos. [...]

Apesar de nascer no Egito, o ideal é que tenha a pele clara, usando uma antítese entre *candidus* da neve e *fuscus*, típico dos habitantes da região; dessa maneira, tem-se a volúpia do egípcio, mas fisicamente se destaca com uma coloração incomum. Já comentamos inúmeras vezes que o branco intenso é sinal de covardia (cap. 79).

Os olhos designados por *lumina* revelam luminosidade, qualidade em que rivalizam com os astros; considerando, contudo, os olhos escuros dos egípcios nos remetem aos olhos rutilantes que são, em sua maioria, ruins:

35. [...] Os olhos rutilantes pretos são os mais hediondos entre todos: designam o medroso e astucioso. [...]

³⁰⁷ Mesma edição adotada para os livros anteriores de Marcial, vol. II.

É impossível não ler este epigrama sob a perspectiva do método etnológico, em razão da comparação com os egípcios, podemos concluir que o *ethos* adequado à relação homossexual aqui descrita é semelhante ao da população egípcia, pois são caracterizados como delicados e medrosos. Embora Marcial desconstrua a imagem típica atribuída ao habitante natural dessa região quando prefere a cor clara, própria do afeminado, em vez da cor típica, ele aprecia os cabelos longos, como convém ao *puer*, mas não os quer crespos (*tortas...comas*).

A fronte deve ser pequena (*brevis*) para harmonizar-se com o nariz levemente curvo (*leuiter... uncis*) e compor um quadro delicado, mas a fronte estreita (*angusta*) significa o indócil, vil e voraz (cap. 17) e o nariz arqueado poderia representar um *ethos* menos negativo do que se propõe, já que é sinal de pessoa magnânima (cap. 51). O rubor dos lábios não é tema dos manuais de fisiognomonia, mas sua coloração é importante nesse contexto para revelar uma boa compleição, com saúde equilibrada, visto que mesmo de tez branca, não apresenta tonalidade doentia, pois os lábios estariam descorados.

Observados o epigrama II, 41 e este, constata-se que a saúde corpórea é tida como reflexo de vícios ou virtudes, um conceito presente na fisiognomonia, visto que algumas enfermidades afetam o comportamento, ideia que se destaca entre os preceitos hipocráticos, ainda que não sejam muito discutidos nos manuais de fisiognomonia.

Embora a relação homossexual, conforme exposta nos epigramas de Marcial, constituíssem uma prática comum da cultura antiga, o poeta exagera em elementos que ressaltam o caráter vicioso desses indivíduos. Os tratados fisiognomônicos falam da homossexualidade em sentido diverso, já que não expõem a relação com o *puer*, mas descrevem os homens cujo comportamento é lascivo, obsceno, adúltero e afeminado (*cinaedus*), indivíduos que procuram disfarçar seu *ethos*, inadequado à sociedade da época. Observa-se que Marcial mostra haver um momento de transição para a vida adulta, quando corta os cabelos e cresce a barba, em que o *puer* não pode mais cumprir este papel na relação estabelecida.

V, 4

*Fetere multo Myrtale solet uino,
Sed fallat ut nos, folia deuorat lauri
Merumque cauta fronde, non aqua miscet.
Hanc tu rubentem prominentibus uenis
Quotiens uenire, Paule, uideris contra,
Dicis licebit 'Myrtale bibit laurum.'*

Muito costuma feder Mírtale por causa do vinho,
 mas, para nos enganar, devora folhas de louro
 e o vinho com prudente folhagem, não com a água, o mistura.
 Sempre que a vires, Paulo, aproximar-se,
 com a cara vermelhusca e as *venhas inchadas,
 bem podes dizer: 'Mírtale bebeu do louro.'

[Tradução: Paulo Sérgio Ferreira]³⁰⁸

Marcial satiriza o hábito de mascar folhas de louro para disfarçar o hálito do vinho puro, sem adição de água, o *merum*, reforçando o estado de embriaguez. No entanto, é impossível para Mírtale mascarar os efeitos da embriaguez, pois o semblante fica rubro e as veias proeminentes; com o reconhecimento destes aspectos, é possível identificar pela aparência que a pessoa está embriagada.

O *ethos* do vinolento é bastante mencionado em *De Physiognomonia Liber*, dentre os quais destacam-se a borda inferior dos olhos inflada como uma veia que indica o vício em vinho (cap. 19). Os olhos virados para cima, vermelhos e grandes mostram os vinolentos, dedicados ao jogo, loucos com as mulheres, de língua destemperada e os mais dispostos à gritaria (cap. 29), um retrato extremamente vicioso. Na parte dedicada às cores, o rosto que enrubesce manifesta uma pessoa pudica ou vinolenta, na verdade, não parece representar um *ethos*, mas um *pathos*.

V, 68

*Arctoa de gente comam tibi, Lesbia, misi,
 ut scires, quanto sit tua flava magis.*

Mandei-te, Lésbia, esta cabeleira de uma tribo do norte,
 Para saberes quanto a tua é mais loura.

Marcial trata, possivelmente, de outro tema recorrente em seus epigramas³⁰⁹ que é a calvície feminina e o consequente uso da peruca por mulheres para disfarçar esta condição. Porém, há ainda outra interpretação possível, como destaca Agnolon em nota a sua tradução³¹⁰, Lésbia – figura feminina presente na poesia de Catulo – apresenta um tom ainda mais intenso em seus cabelos loiros, cor apreciada pelas romanas, do que o loiro da peruca feita com cabelos de povos do Norte, denunciando-se que ela pinta o cabelo para disfarçar a canície.

Vejamos o que se diz a respeito do cabelo loiro na fisiognomonia:

³⁰⁸ Mesma edição adotada para os livros anteriores de Marcial, vol. II.

³⁰⁹ Cf. III, 93; VI, 12; IX, 37; XII, 7; XIV, 26.

³¹⁰ AGNOLON, A. (2007), op. cit., cf. pp. 142.

14. [...] Os cabelos loiros, espessos e bem descorados dão a conhecer o caráter indócil e indômito; logo, são relacionados aos germanos. [...] Os cabelos loiros e finos mostram o bom caráter, caso sejam menos densos. Os cabelos aloirados, finos e um tanto mais densos significam um bom caráter.

Os cabelos de tonalidade intensa – *Capilli flavi et crassi et albidiores* – revelam a indocilidade, tipicamente atribuída aos germanos³¹¹, portanto, não deveria ser um aspecto almejado por Lésbia; contudo, o cabelo loiro que não seja totalmente crespo ou liso é ainda sinal de engenhosidade (cap. 92), uma característica ética que é variável na fisionomia, pois ora está elencada entre outras qualidades positivas, ora em *ethos* criminoso³¹².

VI, 39

*Pater ex Marulla, Cinna, factus es septem
Non liberorum: namque nec tuus quisquam
Nec est amici filiusue uicini,
Sed in grabatis tegetibusque concepti
Materna produnt capitibus suis furta.
Hic, qui retorto crine Maurus incedit,
Subolem fatetur esse se coci Santrae.
At ille sima nare, turgidis labris
Ipsa est imago Pannychi palaestritae.
Pistoris esse tertium quis ignorat,
Quicumque lippum nouit et uidet Damam?
Quartus cinaeda fronte, candido uoltu
Ex concubino natus est tibi Lygdo:
Percide, si uis, filium: nefas non est.
Hunc uero acuto capite et auribus longis,
Quae sic mouentur, ut solent asellorum,
Quis morionis filium negat Cyrtae?
Duae sorores, illa nigra et haec rufa,
Croti choraulae uilicique sunt Carpi.
Iam Niobidarum grex tibi foret plenus,
Si spado Coresus Dindymusque non esset.*

Sete vezes pai, Cina, por Marula te tornaste,
não de homens livres: pois nem um é teu
nem de um amigo ou filho do vizinho,
mas, em catres e esteiras concebidos,

³¹¹ Cf. descrição de Tácito a respeito dos germanos no subtítulo 4.5. “Outros exemplos” de nossa tese.

³¹² Cf. capítulos: 27, 28, 51, 53, 92, 111, 122.

mostram na cara as escapadas da mãe.
 Este que aqui vem, mouro de carapinha,
 confessa-se rebento do cozinheiro Santra;
 e aquele de nariz chato, com lábios inchados,
 é a cara chapada do lutador Pânico.
 O terceiro é do padeiro, quem o não sabe,
 ao vê-lo remeloso e conhecendo Dama?
 O quarto, de rosto pálido, com ar de panasca,
 para ti nasceu do amante Ligdo:
 enraba esse filho, se queres: não é impiedade.
 Este de cabeça aguçada e orelhas compridas,
 que se movem como as dos jumentos,
 quem nega que é filho de Cirta, o bufão?
 As duas irmãs, a morena e a ruiva,
 são do flautista Croto e do caseiro Carpo.
 Já terias lá a trupe inteira dos Nióbidas,
 se Coreso e Díndimo não fossem castrados.

[Tradução: José Luís Brandão]³¹³

Neste epigrama, o adultério da mulher comprova-se nas feições dos filhos, visto que lembram a aparência de vários homens, mas não do próprio marido. Agnolon³¹⁴ analisa o vitupério deste poema sob a perspectiva fisiognomônica, enquadrando-se nos lugares-comuns de descrição de pessoas prescritos por Quintiliano nas *Instituições Oratórias*, V, 10, 23-27, tais como a origem, já que o filho se assemelha ao pai ou aos antepassados, e a constituição física, pois os aspectos são geralmente associados a determinadas características éticas.

A censura não se estende à aparência da mulher porque seu comportamento sexual já é repreendido e nisto reside o rebaixamento, pois seus parceiros são de camadas sociais inferiores, proposição bem discutida por Agnolon no artigo “*Images Physiognomonicae*”:

Portanto, a prova irrefutável do adultério da mulher são os próprios filhos, que carregam em suas feições os traços dos verdadeiros pais, de origem servil, constituindo-se, pois, crimes contra sua *gens*, supondo, evidentemente, que a personagem seja proveniente de extrato elevado – nada é inferido a esse respeito, mas é de se supor que assim seja, uma vez que, no plano da

³¹³ Mesma edição adotada para os livros anteriores de Marcial, vol. II.

³¹⁴ AGNOLON, A., op. cit., cf. capítulo “Práticas fisiognomônicas em Marcial”; AGNOLON, A. *Images Physiognomonicae*: a repercussão de lições de fisiognomonia em epigramas de Marcial. In: *Algumas Visões da Antiguidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Faperj, Coleção Estudos Clássicos v.2, p.14-30, 2011.

composição, a descrição dos filhos bastardos de Marula segue de perto a de um busto romano tradicional. Ora, incorporando o retrato romano, restrito pelo menos no período republicano aos *optimates*, o que se associaria também à categoria de “estirpe” de gênero epidítico para a caracterização de pessoas, o poeta amplifica o vício na medida em que a representação burlesca, paródica mesmo dos bustos tradicionais, só faz torná-la mais viciosa, pois a fala epigramática põe em cena, de um lado, a origem patrícia de Marula – e consequentemente as *uirtutes* próprias da aristocracia – e, de outro, a impudícia da mulher que, enganando o marido, mancha a honra da *gens*. (p. 16-7)

O primeiro a ser descrito é filho de um cozinheiro mouro, visualizamos então dois sinais distintivos, a pele escura e os cabelos crespos, traços que são tratados na fisiognomonia, como já vimos acerca do cabelo crespo (cap. 14) e na passagem dedicada à cor da pele:

14. [...] Os cabelos crespos mostram um homem excessivamente astucioso, avaro, medroso e desejoso de lucro: tais cabelos são relacionados aos egípcios, que são medrosos, e aos sírios, que são avaros. [...]

79. [...] A cor negra indica o fútil, imbele, medroso e esperto: relaciona-se aos habitantes da região meridional, tais como os etíopes, os egípcios e seus vizinhos. [...]

As disposições éticas elencadas referem-se ao filho e, consequentemente, ao pai que lhe é semelhante. Marcial descreve-o de forma a subentender aspectos usualmente relacionados ao *ethos* de povos com essa cor característica, vistos na fisiognomonia como indivíduos em que predominam vícios da astúcia e da covardia.

O segundo filho é do lutador Pânico, logo, imaginamos ser de porte atlético, representando um ânimo masculino, corajoso, e distinto do anterior. O nariz chato é relacionado como aspecto próprio dos libidinosos. Quanto aos lábios, a descrição na teoria fisiognomônica traz descrições mais completas, mas podemos imaginá-los como grossos ou proeminentes:

48. [...] a [boca] protuberante confere estultícia, loquacidade e audácia. [...] Quando a boca é longamente proeminente, redonda com lábios grossos e retorcida, mostra o sórdido, voraz e estulto; são estes, portanto, os sinais dos porcos. [...]

A imagem do porco nos traz à mente uma figura indecorosa, animal que na fisiognomonia implica sempre em qualidades negativas, como vimos no primeiro capítulo desta tese.

O terceiro é filho do padeiro, cuja caracterização é sucinta e não nos remete aos preceitos dos manuais fisiognômicos. Marcial fez como nos retratos femininos que analisamos, zombando de indícios associados aos cuidados com o corpo. O poeta nos leva aqui a produzir a imagem de indivíduo sujo e desleixado, com a menção de um único adjetivo, *lippus* (remelento) e denuncia o *ethos* servil e humilde ao citar o ofício de padeiro do pai.

O quarto filho tem a fronte, por extensão de sentido, o semblante de um *cinaedus*, ou seja, a aparência de um homem afeminado, o tom da pele é designado por *candidus*, intensificando a coloração branca que é própria das mulheres e dos afeminados, conforme citamos reiteradamente. Ele seria filho de Ligdo, também amante de Cina, o poeta diz ser lícito a Cina relacionar-se sexualmente com este, já que o filho tem o mesmo *ethos* do pai.

O quinto filho é comparado ao filhote do asno, ou jumento, já que o termo usado é *asellus*, diminutivo de *asinus*. Não temos na teoria fisiognômica um correspondente exato à cabeça fina, em ponta (*acutum*), o que mais se aproximaria seria a cabeça alongada (*prolixum*) que é sinal de imprudência (cap. 16); não há informações mais detalhadas acerca da dimensão da cabeça, o que facilitaria a análise fisiognômica, ainda assim, as orelhas longas (*auribus longis*) demonstram certa desproporção entre as partes, já que sabemos que orelhas grandes indicam estultícia e impudência, e, as oblongas e estreitas, inveja – o ideal seria o tamanho moderado (cap. 47). A analogia com o asno é um rebaixamento que cabe bem ao ofício de bufão, cuja designação *morio* quer dizer “louco, estúpido, idiota”, assim é descrito o asno em *De Physiognomonía Liber*:

119. O asno é um animal inerte, frígido, indócil, lento, insolente e de voz desagradável. Os homens que são relacionados a esta espécie animal forçosamente têm pernas grossas, cabeça longa, orelhas grossas e longas, lábios caídos e uma voz feia; eles são lentos, frígidos e desprezam a penúria e a injúria.

Trata-se de um epigrama que reflete, portanto, várias facetas da fisiognomonía presentes no pensamento antigo, pois não só adota a descrição física, como também mostra estereótipo ético de uma população e o símile com uma espécie animal, ambos como representações de um determinado caráter.

As duas últimas irmãs são brevemente citadas por meio de adjetivos que remetem, a um só tempo, à pele e ao cabelo, elaborando uma imagem geral do semblante: uma é negra (*nigra*), filha do flautista, e a outra ruiva (*rufa*), do caseiro. Estabelecendo o paralelo

com a teoria fisiognomônica, a tez escura é relacionada ao *ethos* egípcio e aos povos vizinhos e revelam uma pessoa fútil, imbele, medrosa e esperta (cap. 79); os cabelos pretos, por sua vez, são os excessivamente medrosos e avaros, em conformidade com os cabelos crespos que revelam a covardia (cap. 73). Os cabelos ruivos dependem da combinação com outros aspectos:

14. Os cabelos duros, também pretos ou de um ruivo sem brilho e aguado e espessos indicam um homem violento: são relacionados ao porco. Os cabelos macios e demasiadamente finos, ruivos e ralos indicam a escassez do sangue, um ânimo debilitado, sem coragem e feminino e, quanto mais ralos forem os cabelos, mais astucioso será o indivíduo. [...]

O cabelo ruivo é atribuído ao cavalo entre outros aspectos distintivos (cap. 118), cujas características serão de indivíduo ardente no sexo, jactante, excessivamente contencioso e pouco sábio; além disso, é um cabelo próprio do ânimo masculino (cap. 5). No que concerne à pele, supomos que a coloração avermelhada seja possível na composição da menina ruiva, cuja vermelhidão evidente no corpo inteiro é sinal de dolo e esperteza, porém, se for muito intensa, é indício de insanidade; entretanto, também podemos supô-la branca, neste caso, indica covardia (cap. 79).

Ao colocar lado a lado as irmãs que são fisicamente opostas, evidencia-se ainda mais a promiscuidade de Marula, pois cada filho distingue-se dos demais em sua semelhança com o verdadeiro pai – a variedade dos aspectos dos filhos revela também a quantidade de homens com os quais ela se relacionou.

Misener³¹⁵ discute o emprego de *eikonismos*, ou efígie, em diversos gêneros e constata que este tropo é adequado aos retratos satíricos porque produz brevidade e pelo efeito de acumulação, tornando a descrição mais incisiva. O *eikonismos*, portanto, está presente nos gêneros satírico e epigramático latino, segundo o teórico. No caso de Marcial, identificamos o *ethos* a partir de breves descrições, tal como vimos nos exemplos selecionados, parece-nos que usa também a etopeia, ou notação, em que sinais distintivos servem para relatar o comportamento.

³¹⁵ MISENER, G., op. cit., cf. p. 114-15.

4.4. Filóstrato – *Panteia*³¹⁶

Filóstrato produz, por meio da descrição detalhada, ou seja, da écfrase, um quadro que quase se apresenta aos olhos, efeito que na tradição retórico-poética chama-se enargia (*enargeia*). Interessa-nos, assim como nas análises dos demais gêneros, especialmente, a écfrase de personagem (*prosopa*) para verificar a aplicação da fisiognomonía entre os elementos constituintes da écfrase, bem como sua contribuição para produzir enargia. Tentaremos estabelecer tal relação analisando uma das écfrases de Filóstrato, o Velho (II-III d. C.): Panteia, do livro II, 9, em *Imagens* (*EIKΩNEΣ*), texto em que ele procura pintar a aparência de Panteia por meio do *ethos* já conhecido do personagem.

A écfrase, comumente associada à *descriptio* latina, é tida por alguns teóricos³¹⁷ como gênero de descrição de obras de arte; *Imagens* seria um exemplo clássico de écfrase neste sentido, se admitirmos a existência real das obras descritas por Filóstrato, fato discutível já que alguns estudiosos propõem serem imaginárias³¹⁸. Ainda assim, a écfrase se mostra muito mais ampla quando estudada sob a teoria dos *progymnasmata*, já que envolve diversas categorias – personagens, ações, lugares, épocas, modos³¹⁹ – dentre as quais destacamos a de personagens, pois a écfrase é um mecanismo amplificativo adotado na fisiognomonía para elaborar retratos físicos.

Panteia é personagem da obra *Ciropédia* de Xenofonte (V-IV a.C.), onde não nos é apresentada uma descrição física, em Filóstrato, por sua vez, ela é descrita de acordo com o *ethos*. Ele produz uma imagem que apenas a habilidade do pintor é capaz, a beleza de Panteia é visível através do *ethos* porque ele reconhece os traços físicos nos sinais de sua alma. Na verdade, os fisiognomonistas fazem o oposto em seus tratados.

O retrato de Panteia apresenta algumas conexões com a teoria fisiognomônica, considerando que Filóstrato a “pinta” com sinais do *ethos* apresentado antes por Xenofonte, relação que claramente permeia a análise fisiognomônica:

³¹⁶ O conteúdo deste subtítulo é uma adaptação da comunicação em inglês no “IV Colóquio Internacional Visões da Antiguidade – Luzes sobre *Enargeia* e *Evidentia*”, cuja apresentação foi dividida em duas partes, a primeira de Rosângela S. S. Amato que discorreu acerca da enargia e da écfrase no quadro de Panteia, a segunda, proferida por mim, acerca dos aspectos fisiognomônicos no mesmo texto, sob o título único “*Pantheia, a verbal picture: Enargeia, Ekphrasis and Physiognomy*”.

³¹⁷ Acerca da écfrase e da descrição, recomenda-se a leitura de HANSEN, J. A. “As categorias epidíticas da ekphrasis”. In: *Revista USP*, n°71, p. 85-105, 2006; WEBB, R. *Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*. Surrey: Ashgate, 2009; RODOLPHO, M., op. cit.

³¹⁸ AMATO, R. S. S. *Amores e outras imagens*. São Paulo: Hedra. 2012; MILES, G. “Genres of painting and genres of text in the *Imagines* of Philostratus”. In: *Approaches to Genre in the Ancient World Edited by Michelle Borg and Graeme Miles*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

³¹⁹ Dentre os autores de *progymnasmata*, Hélio Teão discorre acerca dessa classificação da écfrase, §118-19 (I d.C.).

4-6. [...] τὸν μὲν δὴ ἀκινάκην διελήλακεν ἤδη τοῦ στέρνου, ἀλλ' οὕτω τι ἐρρωμένως, ὥς μηδὲ οἰωγὴν ἐπ' αὐτῷ ῥήξαι. κεῖται γοῦν, τὸ στόμα ζυμμετρίαν τὴν ἑαυτοῦ φυλάττον καὶ νῆ Δί' ὥραν, ἧς τὸ ἄνθος οὕτω τι ἐπὶ χεῖρεσιν, ὥς καὶ σιωπῶσης ἐκφαίνεσθαι. ἀπήρηται δὲ οὐπω τὸν ἀκινάκην, ἀλλ' ἐνερεῖδει ἔτι ξυνέχουσα τῆς κόπης αὐτόν – ἡ δὲ κόπη ῥοπάλῳ χρυσῷ εἴκασται σμαραγδίνῳ τοὺς ὄζους, ἀλλ' ἡδίους οἱ δάκτυλοι – μεταβέβληκέ τε οὐδὲν τοῦ εἶδους ὑπὸ τοῦ ἀλγεῖν, ἢ γε μηδὲ ἀλγεῖν ἔοικεν, ἀλλ' ἀπιέναι χαίρουσα, ὅτι αὐτὴν πέμπει. ἅπεισι δὲ οὐχ ὥσπερ ἡ τοῦ Πρωτεσίλεω καταστεφθεῖσα οἷς ἐβάκχευσεν, οὐδ' ὥσπερ ἡ τοῦ Καπανέως οἶον † θυσίας ἀρθεῖσα, ἀλλ' ἀσκεύαστον τὸ κάλλος καὶ οἶον ἐπὶ τοῦ Ἀβραδάτου ἦν φυλάττει αὐτὸ καὶ ἀπάγει, χαίτην μὲν οὕτω μέλαινάν τε καὶ ἀμφιλαφῇ περιχέασα τοῖς ὤμοις καὶ τῷ αὐχένι, δέρην δὲ λευκὴν ὑπεκφαίνουσα, ἣν ἐδρύσατο μὲν, οὐ μὴν ὥς αἰσχῦναι· τὰ γὰρ σημεῖα τῶν ὀνύχων ἡδίῳ γραφῆς.

τὸ δὲ ἐν τῇ παρειᾷ ἔρευθος οὐδὲ ἀποθνήσκουσιν διαφεύγει, χορηγοὶ δὲ αὐτοῦ ἢ τε ὥρα καὶ ἡ αἰδώς. ἰδοὺ καὶ μυκτῆρες ἀνεσταλμένοι τὸ μέτριον καὶ βάσιν τῇ ῥίνι πράττοντες, ἧς ὥσπερ πτόρθοιμνοειδεῖς αἱ ὀφρύες ὑπὸ λευκῷ τῷ μετώπῳ μέλαιναι. τοὺς δὲ ὀφθαλμούς, ὧ παῖ, μὴ ἀπὸ τοῦ μεγέθους μὴδ' εἰ μέλανες, ἀλλὰ τόν τε νοῦν θεωρῶμεν, ὅσος ἐν αὐτοῖς ἐστὶ καὶ νῆ Δία ὀπόσα τῶν τῆς ψυχῆς ἀγαθῶν ἔσπασαν ἐλεεινῶς μὲν διακείμενοι, τοῦ δὲ φαιδρῶς ἔχειν οὐκ ἀπηλλαγμένοι, καὶ θαρσαλέοι μὲν, λογισμοῦ δὲ εἴσω μᾶλλον ἢ τόλμης, καὶ τοῦ μὲν θανάτου ξυνιέντες, οὐπω δὲ ἀπίοντες. ὁπαδὸς δὲ ἔρωτος ἥμερος οὕτω τι ἐπικέχυται τοῖς ὀφθαλμοῖς, ὥς ἐπιδηλότατα δὴ ἀπ' αὐτῶν ἀποστάζειν.

Γέγραπται καὶ ὁ Ἔρως ἐν ἱστορίᾳ τοῦ ἔργου, γέγραπται καὶ ἡ Λυδία τὸ αἶμα ὑποδεχομένη καὶ χρυσῷ γε, ὥς ὀρᾷς, τῷ κόλπῳ.

[...] O punhal já cravado no peito, mas com tal determinação que nem mesmo um gemido lhe escapa com o golpe. Ela jaz, a boca mantendo seu desenho perfeito e, por Zeus, a graça, cujo brilho em seus lábios, mesmo silentes, se revela. Ainda não soltou o punhal, e o empurra ainda caindo sobre o cabo: o cabo se assemelha a um tronco dourado com ramos em esmeralda, mas ainda mais belos são seus dedos!

Não se alterou em nada sua beleza com a dor, nem ela parece sofrer, mas partir radiante, pois a si própria envia. E não parte como a esposa de Protesilau, com as guirlandas dos ritos báquicos, nem como a de Capaneu, ataviada como para um sacrifício, mas com sua beleza sem adornos, como se mostrava a Abradates e assim a conserva e leva, os cabelos negros soltos e espessos derramados sobre as espáduas e a nuca, deixando entrever apenas o branco colo, que ela arranhou, sem enfear, porém. As marcas das unhas são mais encantadoras que uma pintura.

O rubor em suas faces, nem mesmo depois de morta desapareceu, a graça e o pudor o sustêm. Olhe as narinas, levemente abertas, formando a base para o nariz de onde, como dois ramos em crescente, surgem as sobrancelhas negras, sob a fronte branca. E os olhos, menino, vamos contemplar não o seu tamanho, nem se negros, mas sua inteligência, quanta existe neles e, por Zeus, quanto da nobreza da alma sorveram. Despertando piedade, não deixaram de mostrar seu brilho jubilante e são corajosos, mais por resolução do que por temeridade. E, apesar de sabedores da morte, ainda não partiram. Companheiro do amor, o desejo sobeja nos olhos, a tal ponto que visivelmente deles transborda.

Eros está pintado na trama das ações, e também a Lídia recolhendo o sangue, como você vê, nas pregas de sua veste dourada.

[Tradução: Rosângela S. S. Amato]³²⁰

O foco da descrição está na cabeça: primeiro, somos apresentados ao denso cabelo negro, solto e não tão curto, já que cai sobre a nuca e os ombros, podemos também ver sua pele alva.

Panteia já está morta na descrição de Filóstrato, mas sua imagem ainda é vívida, não apenas aos “olhos do leitor”, mas ela ainda tem algum brilho, como se não estivesse morta. A boca mantém um formato perfeito, não desfigurado pela morte, e os lábios brilhantes mostram sua juventude, embora estejam em silêncio. Os dedos, ainda segurando a adaga, são mais bonitos do que o cabo dourado cheio de esmeraldas.

O tratado pseudoaristotélico *Physiognomonica* menciona dois tipos de cabelo (806b6): finos mostram covardia, se grossos, coragem. Polemão compara as pessoas com cabelo abundantemente grosso ao animal selvagem, mas a falta de cabelo é sinal de deslealdade e maldade, portanto, o ideal é o meio-termo; ele ainda menciona que o cabelo ondulado indica covardia e cupidez (B, 37, 39a). Polemão atribui os cabelos finos às mulheres e aos homens o aspecto contrário (B, 2, 24a-25a).

Sabemos que a cor preta dos cabelos não é um bom sinal para o Anônimo, pois ele caracteriza como um sinal feminino a coloração escura (cap. 6); entretanto, ao analisar as variedades de cabelo (cap. 14), o Anônimo considera o cabelo um pouco escuro como sinal de bom caráter, se forem finos, o que também ocorre com outras tonalidades, o sinal distintivo parece então ser a espessura, visto que as mesmas cores em cabelos espessos indicam disposições éticas no âmbito da ferocidade. Sabemos que o *ethos* masculino na

³²⁰ A tradução faz parte de pesquisa não concluída: *Écfrase e fantasia: Pintura e(m) Palavras, Filóstrato, o velho*. Agradeço à autora Rosângela S. S. Amato, bacharel em Latim, que disponibilizou o texto e autorizou a citação.

teoria fisiognomônica é sempre considerado melhor que o feminino, portanto, o cabelo grosso é em geral um sinal positivo, já que costuma ser atribuído ao homem, como observam Polemão (B, 37, 39a) e o Anônimo:

5. Vamos para as características do corpo masculino. A cabeça grande e o cabelo mais espesso, ruivo ou preto avermelhado, duro, moderadamente anelado [...].

90. Vamos à constituição do homem forte. Ele deve ser um homem de corpo reto, os flancos, as articulações, as extremidades dos pés e das mãos são sólidos, os ossos grandes, o cabelo mais duro, o ventre largo, um tanto côncavo, os ombros fortes [...].

Em geral, já vimos que a vermelhidão da face pode indicar várias disposições anímicas: alguns escritores adotam a coloração vermelha para mostrar algum *pathos* específico como raiva, vergonha, insanidade ou paixão; na éfrase de Panteia seu uso é um recurso para mostrar como ela parece vívida mesmo em sua morte. Na teoria fisiognomônica, o sangue é usualmente associado a um *ethos* furioso, como temos ressaltado em nossas análises, tal como descreve o Anônimo (cap. 79) a respeito da pessoa de olhar sangrento e veias patentes no pescoço e têmporas, este quadro representa uma pessoa irada, violenta e insana; o vermelho muito intenso (*ignitus*) é sinal de insanidade; o enrubescimento do rosto é tanto sinônimo de pudicícia como de vinolência.

As características extremas jamais são consideradas boas pelos fisiognomonistas, podemos então afirmar que a cor branca da pele de Panteia com a vermelhidão de sua face é também um sinal virtuoso, uma vez que a tez branco-avermelhada é típica dos indivíduos fortes e animosos (cap. 79), mas apenas a cor branca é típica de mulher (cap. 6) e, como já vimos, os sinais femininos são mostrados de maneira negativa se comparados aos masculinos. O tratado pseudoaristotélico declara que, entre outros sinais, semblante pálido e cabelos finos pertencem ao covarde (807b5-6).

O rosto de Panteia, portanto, corrobora um *ethos* corajoso, refletido em suas ações – conhecidas provavelmente a partir da *Ciropédia*, pois ela é fiel ao marido e não teme a morte.

Quintiliano, como já dissemos, nas *Instituições Oratórias*, XI, III, 78, afirma ser o sangue muito expressivo, pois o equilíbrio do sangue reflete-se no semblante, sendo capaz de revelar vergonha ou pusilanimidade.

Filóstrato diz que Panteia é naturalmente bonita, sem adornos, destacando-se não só sua beleza física, mas um *ethos* igualmente belo. Seu nariz é delicado, com narinas levemente abertas, aqui Filóstrato adota uma metáfora para tornar visível a imagem

descrita: o nariz é a estrutura para dois ramos crescentes, em outras palavras, as sobrancelhas. O *ethos* virtuoso de Panteia é constantemente representado por uma aparência harmoniosa, onde as sobrancelhas e o nariz estão graciosamente unidos.

O nariz muito estreito, redondo e fechado manifesta estultícia em *De Physiognomonía Liber*; o nariz bem aberto manifesta vivacidade e força (cap. 51). Logo, uma vez que o equilíbrio fornece os sinais ideais e há, no manual fisiognomônico, exemplos de animais com nariz mais aberto ou largo representando, ao mesmo tempo, qualidades e defeitos, como o cavalo (cap. 118) e o boi (cap. 120), podemos concluir que Panteia tem o nariz perfeito para indicar uma pessoa virtuosa pela perspectiva fisiognomônica, de narinas levemente abertas.

O objeto da descrição de Filóstrato é o rosto, o foco, porém, está nos olhos. A forma como Filóstrato descreve aqui não é clara a respeito dos aspectos físicos dos olhos, podemos pensar que eram provavelmente grandes (μεγέθους) e pretos (μέλανες), mas estes traços não são mencionados com certeza; o que realmente sabemos é que são olhos brilhantes (φαιδρῶς) e ainda podemos ver neles algumas características do *ethos*, pois transparecem sua inteligência, coragem e nobreza.

De acordo com os fisiognomonistas, a essência da fisiognomonía reside nos olhos porque eles são portas da alma (cap. 10), além de serem considerados os melhores sinais; entretanto, como já dissemos, é preciso analisar os sinais de todo o corpo junto aos olhos. Tais afirmações mostram a importância da aparência dos olhos para a teoria fisiognomônica, uma vez que todos os sinais devem ser confirmados por eles.

O tratado pseudoaristotélico expõe o χαροπός, que traduzimos como cinza-azulado, como típico do homem corajoso (807b1) e do *ethos* leonino (809b19), neste contexto, podemos lembrar a acepção do *Greek-English Lexicon* de olhos providos de luz brilhante; no Anônimo, esta cor é própria do ânimo masculino (cap. 5). Polemão diz que os olhos brilhantes e luminosos são sinal de uma pessoa boa (A, 5). O Anônimo, no capítulo 21, escreve: “Os olhos que brilham como gotículas de um líquido resplandecente indicam um caráter muito suave e muito agradável”. No capítulo 34, ao falar de olhos escurecidos, o Anônimo cita Polemão ao dizer que os melhores olhos são “cinza-azulados, úmidos, penetrantes, grandes, cheios de luz”.

É muito difícil estabelecer qual cor seja, de fato, um sinal bom ou ruim, porque há muitos elementos relacionados. Geralmente, em todos os tratados, o *ethos* correspondente aos olhos escuros não é bom (caps. 27 e 28), pois quando verdadeiramente pretos representam a fraqueza e a covardia; no entanto, há sempre um tipo como exceção, no

pseudoaristotélico, por exemplo, os olhos que não chegam a ser pretos, mas de tonalidade acastanhada (ξανθός) indicam os corajosos, os olhos claros e manchados, as pessoas covardes – o autor explica que a característica relativa às manchas ocorre quando as pessoas estão com medo, pois os olhos empalidecem, mas ficam com manchas coloridas (812b1-12).

Os olhos de Panteia movem o espectador na cena de sua morte, entretanto, eles ainda brilham e mostram coragem, cuja ação não parece influenciada por algum vício, tal como a imprudência; seu *ethos* é amoroso, mas também leal e corajoso, sob esta perspectiva o suicídio é condizente com o caráter de Panteia. Os olhos proeminentes reunidos a elementos da figuração de Panteia revelam o caráter justo e amoroso sob a perspectiva fisiognomônica:

32. [...] Uma única espécie de olhos proeminentes é boa: se forem grandes, brilhantes, bem claros e úmidos, indicam o justo, dócil, cauteloso e amoroso. [...]

Mais uma vez, apesar de sua morte, a aparência de Panteia parece vívida porque seus olhos ainda estão vivos, mesmo o desejo, parceiro do amor, ainda transborda deles – esta vividez já fora sugerida antes, mas os olhos contribuem para destacá-la ainda mais.

No excerto acima citado, Filóstrato pede ao garoto (e ao leitor) para não observar apenas a beleza, mas a alma, que aparece em seus próprios olhos. Novamente, a descrição física está de acordo com o *ethos* virtuoso, pois caracteriza uma mulher bela, inteligente e companheira fiel.

Refletindo a respeito da éfrase e da enargia, entendemos a primazia da visão sobre os demais sentidos porque o propósito de tais procedimentos é fazer visível algo que, na verdade, está ausente; desta maneira, é possível deleitar, ensinar e comover de modo mais eficiente. A fisiognomonía procura, por sua vez, tornar inteligível o caráter, que é invisível aos olhos, por meio da observação dos sinais físicos³²¹. O recurso da éfrase no retrato de Panteia contribui para sua elaboração à medida em que se constrói uma imagem física simultaneamente ao *ethos*. O olhar de Panteia é extremamente significativo neste complexo contexto em que Filóstrato nos faz crer que de fato vemos o quadro (provavelmente imaginário) com olhos incorpóreos, cuja vitalidade do personagem reside sobretudo nos olhos, pelos quais acreditamos ver além do que o quadro propõe, revelando-nos suas qualidades morais.

³²¹ Assim como o médico que avalia os sinais aparentes e os sintomas para diagnosticar a doença.

Antes no texto, Filóstrato já afirmara que mesmo a dor não levou a beleza de Panteia, outra informação que fortalece sua imagem harmoniosa; a écfrase aqui poderia expressar dor e desespero por meio das reações exageradas do corpo³²², porém, temos uma imagem serena.

Xenofonte, por sua vez, descreve Panteia na *Ciropédia* destacando somente suas virtudes e acerca da aparência há apenas menção à grande beleza. No livro 5, Araspas – que é responsável pela proteção de Panteia – fala a respeito dela para Ciro: ela está sentada entre suas criadas e vestida como elas, indicio de modéstia e humildade, sendo então identificada por seu véu porque as roupas eram simples e ela olhava fixamente o chão. Quando ela se levanta, temos uma breve enumeração de alguns aspectos que chamam atenção e a diferenciam de outras mulheres na cena: estatura, força, honestidade e beleza. Ela chorava copiosamente a ausência do marido, que estava na guerra, ao ponto de umedecer sua vestimenta. Durante esta cena, ela tirou o véu e Araspas pôde ver seu rosto, pescoço e mãos, e, a partir desta visão, ele considerou que ninguém jamais vira uma mulher tão bonita em toda a Ásia, declaração de Araspas a Ciro em sua descrição da cena.

No livro 6, Araspas está completamente apaixonado por Panteia, mas ela se manteve leal ao marido, relatando isso a Ciro apenas após ser ameaçada com violência. Abradates, seu marido, retorna e ela ainda o ajuda com os preparativos de sua nova partida à guerra, em que ele luta por Ciro. No fim, quando Abradates morre, ela comete suicídio para ficar com ele, o evento que vemos pintado no quadro de Filóstrato.

Abradates é representado por Filóstrato de modo que seu *ethos* não é figurado, visualizamos uma imagem triste: há sangue sobre ele, manchando o corpo cheio de feridas e sua vestimenta, a armadura feita com ornamentos de Panteia, segundo informação observada no livro 6 da *Ciropédia*. Há apenas um aspecto sobre a aparência de Abradates: uma barba rala, destacando sua juventude, aspecto que pouco vemos no manual aqui estudado:

84. [...] são animosos aqueles cujas faces, depois do começo da juventude, são de certo modo mais duras e imberbes, porém, na extremidade do queixo é coberta por barba. [...]

Podemos dizer que seu *ethos* também é pintado se considerarmos o conhecimento da obra de Xenofonte, mas mesmo sem esse conhecimento prévio, a impressão

³²² Cf. RODOLPHO, M., op. cit., p. 212-21, análise da écfrase do episódio de Laocoonte na *Eneida*, II, v.199-224.

transmitida ao leitor é de que Abradates é um homem corajoso e virtuoso, porque ele é digno do amor da virtuosa Panteia.

É impossível para um pintor mostrar todos os elementos desta história, se a pintura realmente existiu, o artista representou o momento que resume não apenas a história, mas, acima de tudo, o *ethos* de Panteia, o que a conduziu ao suicídio. Tratando-se de uma imagem verbal – não importa se a pintura é real ou imaginária –, Filóstrato é também limitado a este mesmo momento e deve dar todo tipo de informação acerca da imagem para compô-la.

Ao retomarmos o conceito da *écfrase*, é inevitável associar a imagem de Panteia à categoria de *prosopa*, ou prosopografia, que consiste na descrição de personagens cujos exemplos dos *progymnasmata* são apenas de descrições físicas. O que essa *écfrase* de Filóstrato faz é descrever o *ethos*, construindo uma *etopeia*, uma modalidade descritiva presente na teoria retórica; a *écfrase* de Panteia é uma combinação de descrição moral e física numa tentativa de mostrar seu *ethos* virtuoso em harmonia com sua bela aparência. A *enargia* aqui opera de duas maneiras: nós vemos a ação de Panteia suicidando-se capturada na pintura e, concomitantemente, seu retrato.

Em *De Physiognomonia Liber*, o Anônimo, ao introduzir sua obra, ensina ser indispensável observar as características do corpo para entender a alma (cap. 2), porque a alma assume a aparência do corpo assim como o ar toma a forma dos instrumentos de sopro. Podemos inferir, portanto, que Filóstrato descreve a aparência de Panteia, de beleza notável na alma e na face, a partir do seu *ethos*, estabelecendo assim relação intrínseca entre ambos.

4.5. Outros exemplos

Acreditamos que por meio dos exemplos estudados ao longo deste capítulo, de gêneros distintos, é possível entrever um saber fisiognomônico na construção dos retratos, quer sejam físicos ou éticos; mesmo que a teoria dos manuais não se reflita de maneira sistemática nos textos, há consciência dos lugares-comuns da fisiognomonia que são empregados segundo a finalidade de cada texto.

Embora tenhamos delimitado nosso *corpus*, há ainda uma extensa lista de exemplos que poderíamos mencionar, logo, a exemplo do que Foerster fez na compilação de referências fisiognomônicas em *Scriptores Physiognomici Graeci et Latini* (volume II), faremos um breve inventário a seguir para reforçar nosso ponto de vista.

Ovídio (I a.C. – I d.C.) traz inúmeras referências à aparência em meio à temática amorosa. No segundo livro de *Amores*, no poema 12, ele conta o motivo da nova guerra dos troianos, novamente uma mulher, ao descrever Lavínia, o motivo da briga entre Turno e Eneias, que já observamos ter sido descrita na *Eneida*. Lavínia é assim lembrada nos versos de Ovídio:

*femina Troianos iterum noua bella mouere
inpulit in regno, iuste Latine, tuo;
femina Romanis etiamnunc urbe recenti
inmisit soceros armaque saeua dedit.*

25 *Vidi ego pro niuea pugnantes coniuge tauros;
spectatrix animos ipsa iuuenca dabat.*³²³

foi uma mulher que aos Troianos, uma vez mais, os levou a
desencandear
guerras terríveis contra o teu reino, ó Latino;
foi a mulher que, contra os Romanos, ainda então a cidade acabara de
nascido,
lançou os seus sogros e lhes deu armas temíveis.

25 Vi eu touros combaterem por uma esposa alva como a neve
e a vitela, que a tudo assistia, ela mesma lhes dava coragem.

[Tradução: Carlos Ascenso André]³²⁴

Lavínia é *niuea*, cuja tradução literal é “de neve”, sua tez bastante clara realça a delicadeza feminina, imagem que contrasta com o furor da guerra. Os combatentes lutam tal qual touros em disputa pela novilha.

Virgílio desenha uma imagem mais detalhada de Lavínia do que Ovídio, no livro XII da *Eneida*, da qual já falamos neste capítulo. Virgílio a compara ao marfim tingido de púrpura e ao lírio branco no meio das rosas para comunicar um *pathos*, vemos Lavínia corar por causa de mudança de emoções, ao enrubescer, fica evidente sua tez clara nas comparações que revelam a beleza e delicadeza do marfim e do lírio. Ovídio revela apenas um aspecto distintivo da *puella* em relação aos pretendentes, trata-se do símile entre touro e novilha que aqui remete ao teor bélico deste poema, retomando os primeiros versos em que ele se vangloria de ter sido vencedor ao conquistar sua Corina; o mesmo símile é empregado em II, 5.

³²³ P. Ovidius Naso. *Amores* (Ovid in Six Volumes. Vol. 1, ed. G. Showerman; G. P. Goold, 1977).

³²⁴ Adotamos, para todas as citações dos poemas de Ovídio, a edição: *Amores & Arte de amar*. São Paulo: Companhia das Letras. Penguin Companhia Clássicos, 2011. Todos os poemas de Ovídio citados são desta tradução de Carlos A. André.

Em razão da temática amorosa da poesia elegíaca de Ovídio, as descrições físicas estão presentes para realçar a beleza da mulher retratada e transparecer o *ethos* amoroso.

I, 5

ecce, Corinna uenit, tunica uelata recincta,

- 10** *candida diuidua colla tegente coma –
qualiter in thalamos famosa Semiramis isse [...]
quos umeros, quales uidi tetigique lacertos!*
- 20** *forma papillarum quam fuit apta premi!
quam castigato planus sub pectore uenter!
quantum et quale latus! quam iuuenale femur!*

Eis que surge Corina, resguardada e envolta na sua túnica,

- 10** os cabelos caídos de ambos os lados do colo resplandecentes;
assim formosa entrava Semíramis no quarto [...]
Que ombros! Que braços eu vi e toquei!
- 20** A beleza dos seios, como se pôs ao meu dispor dos meus afagos!
Como era liso, abaixo da linha do peito, o ventre!
Que grandiosidade e perfeição nas coxas! Que frescura nas pernas!

I, 10

- 13** *donec eras simplex, animum cum corpore amaui;
nunc mentis uitio laesa figura tua est.*

- 13** Enquanto eras simples, o teu espírito, com o teu corpo, foi o que amei;
agora, por força de um coração perverso, está manchada a tua beleza.

Neste segundo exemplo, a beleza é corrompida junto com a mudança de comportamento da *domina* que exige presentes em troca de seu amor – a relação entre caráter e aparência é feita em outros poemas, tal como em III, 11, em que o autor declara não combinar com tão grande formosura um caráter tão reles (v. 41).

Em *Arte de amar*, a beleza feminina é retomada nas descrições físicas, seguindo a mesma estratégia da brevidade, trazendo tópicos que transmitem a delicadeza feminina.

Com relação à cor, Ovídio dedica uma parte às cores ideais dos amantes na *Arte de amar*, livro I, entre os versos 723-738:

Candidus in nauta turpis color, aequoris unda

Debet et a radiis sideris esse niger:

- 725** *Turpis et agricolae, qui vomere semper adunco
Et grauibus rastris sub Ioue uersat humum.
Et tibi, Palladiae petitur cui fama coronae,*

- Candida si fuerint corpora, turpis eris.*
Palleat omnis amans: hic est color aptus amanti;
730 *Hoc decet, hoc stulti non ualuisse putant.*
Pallidus in Side siluis errabat Orion,
Pallidus in lenta naïde Daphnis erat.
Arguat et macies animum: nec turpe putaris
Palliolum nitidis inposuisse comis.
735 *Attenuant iuuenum uigilatae corpora noctes*
Curaque et in magno qui fit amore dolor.
Vt voto potiare tuo, miserabilis esto,
Vt qui te videat, dicere possit 'amas.'

Brancura na cor da pele dá mau aspecto ao marinheiro; à custa da água
do mar

e dos raios do sol, o que deve é estar tisonado;
dá mau aspecto, também, ao lavrador, sempre agarrado à relha recurva
do arado e ao peso da enxada, a revolver a terra sob o sol de Júpiter;
e tu, que lutas pela coroa de Palas,
se branca for a pele de teu corpo, darás mau aspecto.

Quem deve ter um tom pálido é todo o amante! Esta é a cor própria de
quem ama;
é esta que lhe fica bem, ainda que muitos acreditem que isso de nada
vale.

Pálido, do amor por Sida, vagueava nos bosques Órion,
pálido, do amor por uma Náíade indiferente, estava Dáfnis.
Deve, também, desvendar o que te vai na alma a magreza, e não julgues
que é vergonha
usar uma mantilha a cobrir o brilho dos cabelos.
Debilitam o corpo dos jovens noites de vigília
e cuidados e a dor que nasce de um grande amor.
Para concretizares o teu desejo, suscita pena,
de forma a que possa dizer quem te vir: “Está apaixonado”.

Ovídio explica que a palidez é própria dos amantes, mas inadequada às pessoas que trabalham sob o sol, como marinheiros, lavradores e atletas, pois estes devem mostrar uma compleição saudável. Os amantes, por sua vez, devem ser pálidos e magros, porque a aparência debilitada suscita pena e revela o amor.

No segundo livro, a mulher que flagra seu marido em adultério transparece a raiva por meio da mudança de coloração do rosto, no verso 378:

[...] *Ardet et in uultu pignora mentis habet.*

[...] se inflama de raiva e exhibe no rosto o tumulto que lhe vai na alma.

Propércio (I a.C.) também ressalta a beleza física de Cíntia em suas elegias:

I, 1

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,
contactum nullis ante cupidinibus.
tum mihi constantis deiecit lumina fastus
et caput impositis pressit Amor pedibus [...]*

Cíntia foi a primeira que me capturou, mísero, com seus olhos;
eu nunca antes atingido por qualquer desejo.
Então, o Amor arrebatou-me meu olhar de arrogância inabalável
e debaixo de seus pés, pressionou minha cabeça [...]

[v. 1-4 – Tradução: Paulo Martins]³²⁵

II, 2

*Liber eram et uacuo meditabar uiuere lecto;
at me composita pace fefellit Amor.
cur haec in terris facies humana moratur?
Iuppiter, ignosco pristina furta tua.*

- 5 *fulua coma est longaeque manus, et maxima toto
corpore, et incedit uel Ioue digna soror,
aut cum Dulichias Pallas spatiat ad aras,
Gorgonis anguiferae pectus operta comis;
qualis et Ischomache Lapithae genus heroine,*
- 10 *Centauris medio grata rapina mero;
cedite iam, diuae, quas pastor uiderat olim
idaeis tunicas ponere uerticibus!
hanc utinam faciem nolit mutare senectus,
etsi Cumaeae saecula vatis agat!*

Eu era livre e pensava viver em solitário leito
mas o Amor, sepultada a paz, me enganou.
Por que esta beleza humana habita a terra?
Júpiter, perdoo teus priscos ardis.
Fulva é a coma; as mãos, longas; sublime
em todo corpo e caminha como digna irmã de Jove,
como Palas quando avançava até altares dulíquios,
oculta no seio pela de Górgona anguífera.

³²⁵ Adotamos, para todas as traduções de Propércio e texto em latim, o livro: Martins, P. *Elegia Romana*. São Paulo: Humanitas, 2009.

Qual iscomaca heroína, prole de Lápitás,
 grata presa para os Centauros, em meio a sua embriaguez.
 Como Brimo, diz-se ter abandonado nas ondas do Bebe
 flanco virginal a Mercúrio.
 Cedei já, ó divas, que o pastor virá um dia
 depor túnicas no cume do Ida!
 Que a velhice não queira mudar esta beleza
 ainda que ela viva eras, como a sibila de Cumas!

Na primeira elegia, o amante subjuga-se pelo simples olhar da amada, Propércio adota *ocellus* para “olhos”, substantivo que é o diminutivo de *oculus* e cujo sentido figurado remete a algo bonito, precioso, encantador. O olhar é tão poderoso que conquista o homem que jamais se rendera aos encantos do Amor.

Na elegia II, 2, constrói-se uma imagem mais completa da amada, reunindo-se elementos de sua aparência e estabelecendo associações com divindades que a tornam ainda mais bela³²⁶. Os cabelos de um tom aloirado, cor que já vimos ser apreciada entre as mulheres, parece realçar certo brilho divino. As mãos alongadas são o melhor tipo, segundo o que propõe o Anônimo (cap.59), pois evidenciam uma boa compleição e força. Propércio lembra, inclusive, o episódio de Páris que nos remete ao mito de Helena, a mais bela dentre as mortais.

E. Evans³²⁷ propõe que Catulo (I a.C.) constrói a imagem de Lésbia, sua amada, por meio de expressões que destacam suas qualidades ao longo dos poemas, elogiando constantemente sua beleza. No poema 51, por exemplo, ele destaca o riso de Lésbia, já vimos no terceiro livro d’*Arte de amar*³²⁸ que o riso é um comportamento eficiente aos amantes:

*qui sedens aduersus identidem te
 spectat et audit*

5. *dulce ridentem, misero quod omnis
 eripit sensos mihi; nam simul te,
 Lesbia, aspexi, nihil est super mi
 uocis in ore [...]*

³²⁶ P. Martins interpreta este poema, op. cit. nota anterior, e explica o uso das comparações com figuras lendárias e divinas na composição do *ethos* de Cíntia: “Destarte, ao comparar tal *persona* à irmã de Júpiter ou à Palas em seu caminhar, iguala-a às divindades, trazendo à argumentação a força que lhes é inerente. Por outro lado, vale lembrar que a similaridade à Palas realiza-se desde o Livro I, quando Propércio indica Cíntia como “*docta puella*”. Portanto, Cíntia não tem apenas os predicados físicos de Palas; possui também sua capacidade intelectual.” (p. 101)

³²⁷ EVANS, E., op. cit., cf. p. 68-9.

³²⁸ Cf. análise dos epigramas de Marcial.

esse que todo atento o tempo todo
contempla e ouve-te

5. doce rir, o que pobre de mim todo
sentido rouba-me, pois uma vez
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou
DE VOZ NA BOCA [...]

[Tradução: João Angelo O. Neto]³²⁹

No poema 43, temos uma descrição de Quintia que traz uma aparência pouco delicada, tratando-a de maneira ridícula por ser comparada à Lésbia:

43

*Salve, nec minimo puella naso
nec bello pede nec nigris ocellis
nec longis digitis nec ore sicco
nec sane nimis elegante lingua,
decoctoris amica Formiani.
Ten prouincia narrat esse bellam?
Tecum Lesbia nostra comparatur?
O saeculum insapiens et infacetum!*

Salve, menina de nariz tão mínimo,
de pés não belos, não escuros olhos,
dedos não longos, boca nada límpida,
e fala nem um pouco refinada,
amante do falido Formiano.
Por acaso a província te acha bela?
És tu que és comparada à minha Lésbia?
Que estúpido, que século sem graça!

Na fisiognomonía, os olhos pretos pertencem aos que tem ânimo fraco e são covardes (cap. 27), fazem parte também da descrição do misericordioso (cap. 110), além de pertencer ao ânimo feminino (cap. 6). Os olhos “não negros” simbolizam o distanciamento do *ethos* feminino, bem como os demais aspectos que reforçariam a delicadeza que é próprio deste gênero.

Catulo desenha a imagem de Ariadne sendo abandonada por Teseu no poema 64, um epílio que também apresenta elementos de epitalâmio e no qual se celebra a união da divindade Tétis e do mortal Peleu, mas o grande destaque é a écfrase presente no manto do leito nupcial, cujos desenhos narram o abandono de Ariadne.

³²⁹ Adotamos, para todas as traduções de Catulo e texto em latim, a tradução de João Angelo Oliva Neto: *O livro de Catulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

Há poucas citações a respeito da aparência geral de Ariadne, mas os olhos recebem bastante destaque numa descrição que não é exatamente física, pois gira em torno do estado emocional, já que os olhos revelam o que se passa na alma.

Catulo assim descreve os olhos de Ariadne: tristes, *maestis ... ocellis* (v. 60), em que emprega o diminutivo *occelus*, como no poema 43, e que já vimos ter acepção mais afetuosas; olhos candentes, *lumina* (v. 92), vocábulo a respeito do qual já falamos e que transmite um aspecto de luminosidade; olhos que não ficarão lânguidos, *non...languescant lumina* (v. 188), mesmo diante da morte, antes ela roga aos deuses que a vinguem pelo abandono de Teseu. Temos, portanto, associação constante entre o semblante e o *pathos*. Ariadne inflama-se diante da traição, como prescreve Ovídio em sua *Arte*:

Saepe illam perhibent ardenti corde furem
125 *clarisonas imo fudisse e pectore voces,*
ac tum praeruptos tristem conscendere montes,
unde aciem in pelagi vastos protenderet aestus,
tum tremuli salis adversas procurrare in undas
mollia nudatae tollentem tegmina surae,
130 *atque haec extremis maestam dixisse querellis,*
frigidulos udo singultus ore cientem.

Contam que em fúria seio em brasa, gritos ela
125 gritava altíssimos do fundo de seu peito,
e ora, triste, subia montes eminentes,
de onde lançava o olhar ao vasto mar vazio,
ora cortava adversas ondas de água trêmula,
erguendo o mole véu até as nuas pernas,
130 e, mesta, últimos queixumes, faces úmidas,
estas palavras disse, dando frios soluços [...]

Um pouco antes, um breve retrato é apresentado que destacam suas qualidades físicas, cuja tez é clara e os cabelos loiros, em meio à aparência de incredulidade por ter sido abandonada:

60 *Quem procul ex alga maestis Minois ocellis,*
saxea ut effigies bacchantis, prospicit, eheu!
prospicit et magnis curarum fluctuat undis,
non flauo retinens subtilem uertice mitram,
non contexta leui uelatum pectus amictu,
65 *non tereti strophio lactentis uincta papillas,*

- 60 Das algas, longe, olhinhos tristes, pétrea efígie
de bacante, ai! remira-o a filha de Minos.
Remira e em grandes vagas de aflição flutua:
não prende a tênue mitra seus cabelos loiros,
não usa vestes, só no corpo um véu bem leve,
65 não levam lisa faixa os seus seios de leite.

No capítulo 21 do *De Physiognomonia Liber*, o autor descreve um tipo de olho cuja pupila gira uniformemente e o relaciona ao indivíduo capaz de cometer os crimes mais ímpios, tais como homicídios domésticos, alimentos ou matrimônios infandos, dentre os exemplos citados está Édipo, personagem trágico conhecido pelo casamento com a própria mãe. Édipo, na tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, cega a si mesmo após o suicídio de Jocasta – a ação não se passa diante do leitor, mas o arauto descreve a cena transmitindo o sofrimento de Édipo e a insanidade de seu ato, com os olhos mergulhados em sangue que banham o rosto inteiro.

Em *Sobre a ira*, Sêneca (I d.C.) descreve detalhadamente o retrato da pessoa tomada pela ira, afecção que constitui um arrebatamento nocivo à pessoa que pretende vingar-se e aos outros. Notamos na descrição da ira que o semblante mostra grande confusão reunido à movimentação inquieta do corpo e ao desequilíbrio humoral, refletindo o *pathos* por meio do conjunto de pequenos indícios:

I, I, 3. *Vt scias autem non esse sanos quos ira possedit, ipsum illorum habitum intueri; nam ut furentium certa indicia sunt audax et minax uultus, tristis frons, torua fácies, citatus gradus, inquietae manus, color uersus, crebra et uehementius acta suspiria, ita irascentium eadem signa sunt: 4. flagrant ac micant oculi, multus ore toto rubor exaestuante ab imis praecordiis sanguine, labra quatiuntur, dentes comprimuntur, horrent ac surriguntur capilli, spiritus coactus ac stridens, articulorum se ipsos torquentium sonus, gemitus mugitusque et conplosae saepius manus et pulsata humus pedibus et totum concitum corpus magnasque irae minas agens, foeda uisu et horrenda facies deprauantium se atque intumescantium – nescias utrum magis detestabile uitium sit an deforme.*

3. Ora, para que saibas que não estão sãos os que a ira se apossou, fita o próprio semblante dos mesmos. De fato, como são indícios certos daqueles que enlouquecem o vulto audacioso e ameaçador, a fronte triste, o ar terrível, o passo apressado, as mãos inquietas, a aparência perturbada, a respiração feita densa e mais impetuosa, assim também são os mesmos sinais daqueles que se iram: **4.** os olhos ardem e faíscam, um excessivo rubor em todo o rosto proveniente das vísceras ferventes em sangue, os lábios tremem, os dentes se comprimem, os cabelos se erguem e se arpejam, a respiração forçada e

estridente, o som das articulações dos membros torcendo-se, gemidos e mugidos, a fala intercalada por ditos ininteligíveis, as mãos freqüentemente se espalhando, o chão batido com os pés, o corpo inteiro agitado trazendo as magnas ameaças da ira, a face repugnante e horrível de se ver daqueles que se deformam e se inflamam. Não conhecerias outro vício mais detestável ou degradante que a ira. [Tradução: Hermes Orígenes Duarte Vieira]³³⁰

Sêneca é autor de obras filosóficas e também de tragédias cujos temas são herdados do teatro grego, em que não há a mesma preocupação com a aparência física; ele parece seguir ideias da teoria fisiognomônica e da filosofia estoica, adotando em suas obras preceitos fisiognomônicos para mostrar as mudanças anímicas dos personagens na aparência destes, desenhando um “perfil” do *pathos*. Para compor o quadro do *pathos*, o autor utiliza procedimentos retóricos ao longo da tragédia que servem na construção do retrato, os quais já estudamos aqui, tais como a efígie, que engloba os conceitos gregos de *characterismos* e *eikonismos*, e a notação, equivalente à etopeia³³¹.

Medeia, por exemplo, é permeada de descrições que remetem à expressão de raiva da protagonista. O coro a descreve como uma mulher furiosa e que está prestes a matar seus filhos (v. 849-69). Em dado momento, ela passa de vermelha à pálida (v.858-59), mas a cor continua mudando.

{CHORVS} Quonam cruenta maenas
 850 *praeceps amore saeuo*
 rapitur? quod impotenti
 facinus parat furore?
 uultus citatus ira
 riget et caput feroci
 855 *quatiens superba motu*
 regi minatur ultro.
 quis credat exulem?
 Flagrant genae rubentes,
 pallor fugat ruborem.
 860 *nullum uagante forma*
 seruat diu colorem.
 huc fert pedes et illuc,
 ut tigris orba natis
 cursu furente lustrat

³³⁰ *Uma Leitura Estóica da Tragédia Medéia de Sêneca*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior, 2008. Cf. capítulo 3 “A ira em Medéia: algumas considerações”.

³³¹ Evans analisa as obras de Sêneca sob o viés fisiognomônico – Cf. op. cit. capítulo “III. Drama”.

865 *Gangeticum nemus.*
Frenare nescit iras
Medea, non amores;
nunc ira amorque causam
*iunxere: quid sequetur?*³³²

O CÔRO

Aonde se precipita a sangrenta mênade, levada pelo seu cruel amor? Qual crime prepara em seu impotente furor? Seu rosto inflamado pela cólera se torna feroz: agitando com arrogância a cabeça, ameaça abertamente o rei. Quem poderia crer que ela foi exilada? Suas faces são avermelhadas e ardentes; depois a palidez afasta o rubor e seu rosto não mantém durante muito tempo a mesma cor. Ela vagueia ao acaso, como uma tigre privada de seus filhos corre furiosamente a floresta do Ganges. Medéia não sabe moderar suas cóleras nem seus amôres. Agora seu ódio e seu amor se juntaram: que vai acontecer?

[Tradução: G. D. Leoni]³³³

O descontrole patético transpassa a constante mudança de coloração do rosto, refletindo a ligação entre desequilíbrio físico e emocional: ora ruborizada, ora pálida, revela-se a ira e, possivelmente, o medo que a acomete pela vingança planejada. Já vimos que a teoria no livro de fisiognomonía expõe que o vermelho-fogo mostra inclinação à insânia (cap. 79) e a palidez já comentamos reiteradamente manifestar covardia.

Em diálogo com Jasão, ele percebe, na expressão de Medeia, sua raiva ao vê-lo:

constituit animus precibus iratam aggredi –
 445 *atque ecce, uiso memet exiluit, furit,*
fert odia prae se: totus in uultu est dolor.

Resolvi desarmar sua ira com as súplicas. [Aproximando-se] E, justamente, ei-la: à minha vista, estremeceu, furiosa. Ela transpira ódio: todo o seu desgosto lhe está pintado no rosto.

Segundo o estudo de Hermes Orígenes³³⁴, a descrição que Sêneca faz da ira em *Sobre a ira* coincide em vários pontos com a descrição que ele faz dos personagens em suas tragédias.

A *Medeia* de Eurípides (V a.C.), por sua vez, manifesta uma Medeia angustiada e furiosa, mas pouco vemos de suas expressões, revelando o que vai em sua alma por meio

³³² Texto em latim: L. Annaeus Seneca iunior. *Medea* (L. Annaei Senecae Tragoediae, Incertorum Auctorum Hercules [Oetaeus], Octavia, ed. O. Zwielerlein, 1987).

³³³ Adotamos esta edição para todas as citações da *Medeia* de Sêneca: L. Aneu Sêneca. *Obras*. São Paulo: Athena Editora, 2ª ed., 1957.

³³⁴ Orígenes, H., op. cit., cf. p. 43.

da fala de outros personagens, ao passo que Sêneca se preocupa em elaborar um retrato mais complexo do sentimento que consome Medeia, a ira.

{Τρ.} δράσω τάδ'· ἀτὰρ φόβος εἰ πείσω
185 δέσποιναν ἐμήν·
 μόχθου δὲ χάριν τήνδ' ἐπιδώσω.
 καίτοι τοκάδος δέργμα λεαίνης
 ἀποταυροῦται δμωσίν, ὅταν τις
 μῦθον προφέρων πέλας ὀρμηθῇ.

NUTRIZ

Temo não convencê-la,
185 mas não me furto ao encargo,
 apesar do olhar de toura
 feito leoa que mira o avanço dos servos no pós-parto,
 na hipótese de um terceiro
 que lhe queira aconselhar.

[Eurípides. *Medeia*. Tradução: Trajano Vieira]³³⁵

Evans³³⁶ afirma que a Tragédia grega não se preocupa efetivamente com a expressão facial ou corporal, mas que Eurípides se preocupa em alguns momentos com a descrição momentânea de seus personagens de modo incisivo, contudo, são menos frequentes do que se observa em Sêneca.

Na historiografia grega, as descrições físicas são pouco empregadas na caracterização, embora Heródoto (V a.C.) associe levemente as características das populações com os aspectos da região em que vivem, lembrando o que é teorizado na obra hipocrática.

VII. 70. Ἀραβίων ἦρχε Ἀρσάμης, οἱ δὲ ἀπὸ ἡλίου ἀνατολέων Αἰθίοπες (διξοὶ γὰρ δὴ ἐστρατεύοντο) προσετέταχτο τοῖσι Ἰνδοῖσι, διαλλάσσοντες εἶδος μὲν οὐδὲν τοῖσι ἐτέροισι, φωνὴν δὲ καὶ τρίχωμα μόνον· οἱ μὲν γὰρ ἀπὸ ἡλίου Αἰθίοπες ἰθύτριχες εἰσι, οἱ δ' ἐκ τῆς Λιβύης οὐλότατον τρίχωμα ἔχουσι πάντων ἀνθρώπων. [...]

70. Os etíopes habitantes além do Egito e os árabes eram portanto comandados por Arsames, enquanto os etíopes orientais (havia realmente duas espécies deles no exército) estavam incorporados aos indianos; eles não se distinguiam em coisa alguma de outros etíopes, a não ser pela língua que falam e pelos cabelos, pois os etíopes têm os cabelos mais lisos e os etíopes da Líbia são entre todos os homens os de cabelos mais crespos. [...]

³³⁵ Eurípides. *Medeia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

³³⁶ Para outros exemplos das tragédias de Sêneca, cf. artigo de EVANS, E., op. cit., capítulo III “Drama”.

Políbio (II d.C.), em suas *Histórias*, IV, 21, retoma a relação estabelecida na doutrina hipocrática ao falar da população da Arcádia, relacionando seu caráter às condições climáticas da região: a dureza do caráter e a resistência se revelam como resultado de um clima frio e rigoroso (§1).

Tácito emprega descrições físicas de maneira sucinta em contexto que exponha vícios e virtudes; podemos ainda destacar o retrato etnológico que Tácito elabora em *Da origem e sítio dos germanos*³³⁷, onde temos a descrição dos povos germânicos no capítulo IV:

IV. *Ipse eorum opinionibus accedo qui Germaniae populos nullis [aliis] aliarum nationum conubiis infectos propriam et sinceram et tantum sui similem gentem extitisse arbitrantur. 2. unde habitus quoque corporum, tamquam in tanto hominum numero, idem omnibus: truces et caerulei oculi, rutilae comae, magna corpora et tantum ad impetum valida. 3. laboris atque operum non eadem patientia, minimeque sitim aestumque tolerare, frigora atque inedia caelo solove adsueverunt.*

IV. Eu mesmo concordo com as opiniões daqueles que julgam que os povos da Germânia aparentam não ter sido maculados por quaisquer outras uniões com outras nações, gente peculiar e pura e símile apenas a si mesma; **2.** daí também a aparência dos corpos, tão quanto em tamanho número de pessoas, a mesma em todos: olhos ferozes e azuis, cabeleira louro-avermelhada, corpos grandes e robustos somente para o ataque; **3.** Ao labor e exercício tolerância outra, e pouco se habituaram a suportar sede e calor; frio e fome, sim, por clima ou solo.

Os germanos são vistos na teoria fisiognomônica como indóceis, fortes e ferozes (cap. 9) e os cabelos de loiro intenso são típicos deste povo (cap. 14). A aparência apresentada por Tácito manifesta a força e indocilidade dos germanos e que lembra o ânimo masculino retratado nos manuais de fisiognomonia, cujos olhos são ameaçadores e o corpo robusto (cap. 5).

Nas monografias de Salústio (I a.C.), como já comentamos, o retrato físico se constitui em meio à composição ética dos personagens, seguindo critérios retóricos que vimos estabelecidos entre os tópicos do elogio ou do vitupério na *Retórica a Herênio*, elencando as coisas externas, do corpo e do ânimo. Citamos a seguir o retrato de Jugurta:

³³⁷ Dissertação de Mestrado de Henrique Verri Fiebig: *Para além do limes: A Germania de Tácito em gênero e germano*. Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins. FFLCH – USP/ SP, 2014. Cito a tradução, objeto da pesquisa de mestrado recentemente defendida, sem publicação, portanto, agradeço ao autor pela disponibilização do texto antes mesmo da defesa.

6. *Qui ubi primum adoleuit, pollens uiribus, decora facie, sed multo maxime ingenio ualidus, non se luxu neque inertiae corrumpendum dedit, sed, uti mos gentis illius est, equitare, iaculari, cursu cum aequalibus certare; et cum omnis gloria anteiret, omnibus tamen carus esse; ad hoc pleraque tempora in uenando agere, leonem atque alias feras primus aut in primis ferire: plurimum facere, minimum ipse de se loqui. Quibus rebus Micipsa tametsi initio laetus fuerat, existumans uirtutem Iugurthae regno suo gloriae fore, tamen postquam hominem adulescentem exacta sua aetate et paruis liberis magis magisque crescere intellegit, uehementer eo negotio permotus, multa cum animo suo uolebat. Terrebat eum natura mortalium auida imperi et praeceps ad explendam animi cupidinem, praeterea opportunitas suae liberorumque aetatis, quae etiam mediocris uiros spe praedae transuorsos agit; ad hoc studia Numidarum in Iugurtham accensa, ex quibus, si talem uirum dolis interfecisset, ne qua seditio aut bellum oriretur anxius erat.*

Logo que ele [Jugurta] cresceu, superior nas forças, de bela aparência, mas, sobretudo, muito rico em engenho, não se entregou à corrupção do luxo, tampouco da inércia, mas, como é de costume daquele povo, cavalgava, lançava o dardo, disputava na corrida com os da mesma idade; e excedia a todos em glória, era, contudo, querido por todos; além disso, levava a maior parte do tempo caçando, era o primeiro ou estava entre os primeiros a ferir o leão e outras feras: fazia o máximo e falava o mínimo de si. Ainda que Micipsa estivesse satisfeito com essas coisas no começo, considerando que a virtude de Jugurta seria a glória de seu reino, contudo, depois de compreender que o jovem homem crescia mais e mais, [Micipsa] na sua idade avançada e de filhos pequenos, veementemente perturbado com essa situação, revolia muitas coisas no ânimo. Ele temia a natureza dos mortais, ávida por poder e pronta a satisfazer a cobiça da alma, além disso, havia a oportunidade que sua idade e a dos seus filhos oferecia, isso desencaminha até os homens moderados na esperança dos despojos; além disso, o animado interesse dos númidas em relação à Jugurta, razão pela qual lhe afligia que, se caso matasse tal homem com dolos, surgisse uma revolta ou uma guerra. [Tradução nossa]³³⁸

O retrato de Jugurta elenca suas virtudes do ânimo e do corpo, mas não trata de sua ascendência, oriundo de relação ilegítima, o que temos na verdade é um retrato de um homem com o qual o rei deve preocupar-se em razão de sua popularidade com o povo da Numídia.

³³⁸ Excerto publicado em RODOLPHO, M., op. cit., p. 277-78.

G. Misener refere-se ao estilo de descrição dos historiadores romanos, tais como Tácito, Suetônio e Salústio, como assindético e antitético³³⁹, que tende a ser idealista, vago e raramente se aproxima de um retrato detalhado.

Ainda que o estilo esteja distante de uma imagem fiel dos personagens retratados, é possível compor a um só tempo o retrato físico e ético em que os aspectos físicos ligam-se aos éticos para reforçar o *ethos* – temos a imagem de Jugurta como homem forte e corajoso, cuja aparência é bela e o corpo bem disposto para diversas atividades. O predomínio do retrato moral sobre o físico, em que a condição física é mais um elemento compositivo do retrato, é percebido em outros personagens das obras de Salústio, tais como Catilina e Semprônia. Considerando-se a oposição entre vício e virtude dos personagens nas monografias de Salústio, dessa maneira, além de apresentar um elogio ou vitupério para compreensão das ações dos personagens históricos, há certo caráter exemplar, revelando funções típicas do discurso retórico³⁴⁰.

Podemos ainda lembrar da digressão na *Guerra de Jugurta* que discorre acerca da África e de suas populações, entre os capítulos 17 e 19, assim como vimos em Heródoto, Políbio e Tácito, os quais dedicam uma parte à descrição de um povo. No capítulo 17, Salústio resume os povos da África sob a descrição da aparência de corpo sadio, ágil e que suporta o trabalho.

Na *Conjuração de Catilina*, Barbara W. Boyden³⁴¹ propõe que Salústio relacione a corrupção moral aos valores adquiridos em outras regiões, tal como Sila que, para conquistar a fidelidade de seu exército na Ásia, permitia que vivessem na luxúria, nos lugares amenos e voluptuosos, de modo que os ânimos dos soldados amoleceram; a corrupção do caráter se dá, portanto, pela influência do ambiente. Observa-se que a etnografia estava presente na historiografia antiga para desenhar o *ethos* de uma população.

Os autores de Sátira romana parecem compartilhar da consciência da relação entre aparência e caráter. Da mesma maneira que vimos nos epigramas de Marcial, Juvenal (I d.C.) censura os costumes da época e a descrição física pode revelar um caráter funesto e dissimulado:

³³⁹ MISENER, G., op., cit., cf. pp. 116-17.

³⁴⁰ Recomenda-se a leitura do livro: AMBROSIO, Renato. *De Rationibus Exordiedi. Os princípios da história em Roma*. São Paulo: Humanitas/ Fapesp, 2005. “Os três subgêneros do gênero história, os *comentarii*, as *uitae*, e a monografia histórica, estão ligados ao gênero demonstrativo, também se apóiam nos outros gêneros de discursos [...]”. (pp. 152)

³⁴¹ *Virtus Effeminata and Sallust's Sempronia*. In: *Transactions of the American Philological Association*, v. 117, p. 183-201, 1987. Cf. I. “The Theme: *Virtus*, *Luxuria*, and Rome's Decline.”

II

- 10 *inter Socraticos notissima fossa cinaedos?*
hispida membra quidem et durae per brachia saetae
promittunt atrocem animum, sed podice leui
caeduntur tumidae medico ridente mariscae.
rarus sermo illis et magna libido tacendi
- 15 *atque supercilio breuior coma. [...]*³⁴²

O vício, entre os Socráticos, sentina
 Do vício, mais infrene? Híspidos membros,
 Braços setosos, alma austera indicam;
 Mas do crime os efeitos, corta o ferro
 Do Cirurgião, que ri quando os opera,
 Dão poucas falas, um silêncio afetam,
 Carregado o sobrolho, olhos côvados,
 Eis o caráter seu! [...] [Tradução: Francisco Antônio Martins]³⁴³

Nesta sátira, Juvenal³⁴⁴ faz crítica ao falso filósofo que cultivava uma aparência austera e, mais adiante, menciona o comportamento homossexual; verifica-se o uso do adjetivo *cinaedus* logo no início, mas a sátira se estende ainda em muitas críticas à sociedade romana, a crítica aos afeminados é apenas uma forma de atacar a dissimulação.

Horácio (I a.C.) utiliza preceitos fisiognomônicos não apenas para a descrição da aparência, mas também para mostrar mudanças patéticas, tal como no epodo X em que deseja uma árdua viagem a Mévio e que ele se assuste durante as intempéries da viagem no mar, empalidecendo e comportando-se como homem afeminado:

X

- 15 *o quantus instat nautis sudor tuis*
tibique pallor luteus
et illa non uirilis heiulatio
- 15 Ó quanto suor aos teus marujos! Que
 lívida palidez te espera! E quantas
 efeminadas queixas, quantas preces [...]
- [Tradução: Bento Prado de Almeida Ferraz]³⁴⁵

³⁴² D. Iunius Iuvenalis. *Saturae* (A. Persi Flacci et D. Iuni Iuvenalis *Saturae*, ed. W. V. Clausen, 1959).

³⁴³ JUVENAL. *Sátira*. São Paulo: Edições Cultura. Série Clássica Universal, v. 30, 1943.

³⁴⁴ Recomendamos para uma análise mais aprofundada da obra de Juvenal o livro: VITORINO, M. Costa. *Juvenal. O satírico indignado*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

³⁴⁵ Horácio. *Odes e epodos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Vale mencionar o bode, objeto de imolação, que é libidinoso (*libidinosus caper* – v. 23), uma característica que parece ser consenso no pensamento da época e vemos reforçado nos manuais de fisiognomonía³⁴⁶.

O reflexo das disposições anímicas no semblante, bem como o caráter, já vimos ser explorado por Virgílio, o que também pode ser encontrado nas *Bucólicas*.

VI

Pergite, Pierides. Chromis et Mnasyly in antro

Silenus pueri somno uidere iacentem,

15 *inflatum hesternis uenas, ut semper, Iaccho;*

[...]

20 *addit se sociam timidisque superuenit Aegle,*

Aegle Naiadum pulcherrima, iamque uidenti

*sanguineis frontem moris et tempora pingit.*³⁴⁷

Musas, presto. A dormir, Mnasilô e Crômis

No antro acharam Sileno, as cordoveias

15 Do vinho de ontem, como sempre, inchadas;

[...]

20 Egle aos tímidos se une, Egle os ajuda

Náíade a mais gentil, e ao vate pinta

De sanguíneas amoras testa e fontes.

[Tradução: Odorico Mendes]³⁴⁸

A primeira imagem, ainda que breve, identifica o indivíduo embriagado em razão das veias salientes, completada depois pela fronte e têmporas de cor sanguínea.

VII

37 *Cor. Nerine Galathea, thymo mihi dulcior Hyblae,*

Candidior cygnis, hedera formosior alba [...]

Cor. Nerina Galatéia, que alvacentas

Heras passas mimosa, névea o cisne [...]

³⁴⁶ Para uma análise detalhada deste epodo, recomenda-se: HASEGAWA, A. Pinheiro. “O Epodo X de Horácio e a recusa do gênero épico”. In: Cadernos de literatura em tradução, v. 1, p. 77-103, 2003; SALEMA, V. de Azevedo Garcia. “Análise do epodo X de Horácio”. In: *Principia*. Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras - LECO - INSTITUTO DE LETRAS - CEH - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nº 27, 2013.

³⁴⁷ Para as citações em latim das *Bucólicas* de Virgílio: P. Vergilius Maro. *Eclogae* (P. Vergili Maronis *Opera*, ed. R. A. B. Mynors, 1972).

³⁴⁸ Adotamos para as citações a edição: VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Edição comentada e anotada pelo Grupo de Trabalho de Odorico Mendes. Campinas: Ateliê Editorial, 2008.

Na écloga VII, temos uma breve descrição que destaca a tez intensamente branca ou mesmo radiante (*candidus*), ressaltando a delicadeza da ninfa Galateia – cor que temos citado reiteradamente como um sinal do gênero feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a fisiognomonia abrange inúmeras áreas de estudo e sua conceituação é ainda discutível nos dias de hoje. O Anônimo atribui à fisiognomonia, logo no começo do tratado, uma função que, embora pareça simples, mostra a complexidade de tal tarefa: “ela se propõe a observar e reconhecer a natureza da alma a partir da natureza do corpo”. Portanto, para a compreensão da teoria fisiognomônica, é imprescindível o estudo de diversas áreas do conhecimento, visto que o caráter dos homens é complexo, tal como ressalta o próprio autor ao declarar que o homem é multiforme e os animais são simples.

Procuramos, principalmente, levantar os pontos interessantes ao estudo do *ethos* na retórica e na poética; destaca-se ainda o parentesco com a medicina antiga que se evidencia na análise dos elementos corpóreos; de menor prestígio, a fisiognomonia permeia a prática da adivinhação, associação pouco relevante na Antiguidade Clássica, porém, isto não significa que não era utilizada, visto haver alguns registros de análise fisiognomônica em fontes antigas. Poderíamos ainda considerar sua influência no âmbito da arte escultórica, cuja finalidade é a representação de um *ethos*. Jaś Elsner³⁴⁹ estabelece esta relação exemplificando por meio da estátua de Alexandre, o Grande, cujo retrato se insere numa tradição da estatuária helenística e de quem encontramos a descrição dos olhos em Polemão (A, 14) e no *De Physiognomonia Liber* (capítulo 33).

Ainda que a fisiognomonia não tenha, historicamente, um estatuto definido, o intercâmbio com diversas práticas é evidente e a aproxima da ideia de *techne*, cujos pressupostos teóricos, ainda que questionáveis na cultura clássica, constituem um saber que tem sido construído e reformulado ao longo do tempo.

Dedicamo-nos, sobretudo, à avaliação das descrições fisiognomônicas do *De Physiognomonia Liber*, mas o Anônimo traz relativizações importantes para a aceitação da fisiognomonia, dentre as quais destacamos a *epiprepeia*, conceito simples que se refere à harmonia dos elementos analisados, pois os sinais devem ser avaliados em conjunto, de modo que nenhum sinal seja contraditório. No capítulo 132 do tratado, o Anônimo ressalta que os elementos externos à aparência interferem na análise, possivelmente uma justificativa para a dificuldade de aplicação dos ensinamentos do manual, já que, como vimos, não são expostos sequencialmente e inúmeros tipos ficam subentendidos:

³⁴⁹ “Physiognomics: Art and Text”. In: SWAIN, S., op. cit., p.203-223.

[...] Contudo, é certo que esta análise dos homens é difícil porque cada homem se esforça em esconder seu próprio vício. No entanto, também a educação e o convívio social obscurecem bastante o engenho humano [...].

O pensamento fisiognomônico traz mais racionalidade à elaboração dos retratos por meio de fórmulas estabelecidas, ainda que se pretenda construir um retrato icônico, pois, como afirma E. Villari³⁵⁰, é preciso compreender as características morais para ser capaz de elaborar a figuração ética, uma prática que remonta à antiga estatuária grega.

No que concerne à *actio* ou *pronuntiatio* retórica, os preceitos fisiognomônicos estão presentes em meio às orientações dos manuais de retórica, sem que pareça haver uma relação direta com os manuais de fisiognomonía, o que reforça a ideia da “consciência fisiognomônica” na cultura da Antiguidade. Na *actio* retórica, o que se pretende é simular um *ethos* e aparentar certas disposições patéticas para fortalecer o discurso e auxiliar na comoção do ouvinte. Ao orador, é preciso exercitar a voz, os gestos, e mesmo os olhos podem ser controlados, conforme declara Cícero em *Do Orador*, III, 220-25³⁵¹.

Rohrbacher³⁵², em seu artigo acerca do emprego da fisiognomonía nas *uitae*, tece uma conclusão interessante a respeito dos manuais de fisiognomonía: ele afirma tratarem-se de obras retóricas com a finalidade de convencer uma audiência hostil, tal como os demais tratados científicos e técnicos da época; portanto, os manuais seriam intencionalmente complexos e contraditórios, pois se fosse, de fato, uma ciência simples, o prestígio seria diminuído. A proposição é coerente se levarmos em consideração um dos objetivos da fisiognomonía que é o de prever o futuro, tarefa que obviamente, se possível, não seria simples de aprender. Lembremos que o Anônimo discorre brevemente acerca do caráter divinatório da fisiognomonía apenas no último capítulo, não fornecendo qualquer ensinamento concernente à tarefa de divinação.

A medicina, sabemos, tinha seu estatuto questionado na Antiguidade, uma vez que as pessoas conseguiam curar-se de doenças sem a assistência do médico, contudo, o *corpus* hipocrático³⁵³ defendia a medicina como *techne* já que os enfermos deviam seguir um sistema estabelecido de regras, adotadas pelos médicos, ainda que sem sua presença. Segundo esta lógica, mesmo que não houvesse o reconhecimento da fisiognomonía como *techne* ou *episteme*, constata-se a presença de elementos fisiognomônicos em diversos

³⁵⁰ VILLARI, E., op. cit., cf. p. 89-90.

³⁵¹ Cf. citação no cap. “Fisiognomonía e retórica”.

³⁵² ROHRBACHER, D., op. cit., cf. p. 94.

³⁵³ *Sobre a arte médica*, IV-VI.

gêneros literários, entretanto, isto não é consenso entre os teóricos, apesar dos exemplos serem numerosos e nos seja lícito afirmar que a consciência fisiognomônica precedeu sua sistematização.

Nosso estudo teve como cerne a fisiognomonia da Antiguidade e sua retomada por alguns autores de outros períodos, porém, evitamos estabelecer comparações com as vertentes modernas deste sistema, visto que resultam em práticas discriminatórias. O método etnológico, por exemplo, visto com tanta naturalidade nos manuais e fundamentado em estereótipos conhecidos da época e em pressupostos médicos (com base na teoria dos humores), representaria hoje uma teoria controversa, servindo de base para ideias preconceituosas. Fazemos tal ressalva porque é impossível discorrer a respeito da fisiognomonia antiga sem mencionar os três métodos principais que compõem o repertório fisiognomônico, ainda que, atualmente, pareçam incoerentes.

Apesar das irregularidades nos manuais de fisiognomonia, a teoria dos tratados de que temos conhecimento apresentam muitos elementos em comum e afirmam reiteradamente que o caráter e as emoções são visíveis no semblante, sobretudo nos olhos que são a sede da alma.

O *De Physiognomonia Liber*, que aqui traduzimos e analisamos, reúne a teoria de estudiosos reconhecidos como autoridades na área, dentre os quais destacam-se o Pseudo-Aristóteles e o próprio Aristóteles, cujas obras acerca dos animais trazem muitas contribuições à teorização da fisiognomonia, principalmente no método zoológico; portanto, o Anônimo é um autor indispensável para o levantamento das teorias antigas da fisiognomonia, pois sofre a influência do tratado mais antigo de Pseudo-Aristóteles, inserido na tradição peripatética, de Polemão, cuja obra é marcada pela divinação, e, além disso, constitui uma fonte indireta do médico Loxo. Numa obra cuja sistematização é, a exemplo do que se observa em Polemão, irregular, somente pela leitura do texto integral é possível compor um quadro em que os preceitos básicos perpassam constantemente as descrições.

Ao observarmos os desdobramentos que a fisiognomonia produziu no decorrer do tempo, percebemos ter sido um instrumento básico para a compreensão das expressões humanas, conhecimento necessário ao artista, como reconhece Leonardo da Vinci – ele a coloca ao lado da quiromancia porque não é possível identificar o caráter do homem, porém, reconhece que a fisiognomonia é necessária na representação das alterações emocionais. Portanto, ainda que perdurem as dúvidas com relação ao reconhecimento do

ethos, é inegável que haja algumas lições concernentes ao *pathos* que podemos de fato concluir a partir da observação fisiognomônica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDIÇÕES – *De Physiognomonica Liber*

Anonyme Latin. *Traité de Physiognomonie*. Tradução: Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

FOERSTER, R. *Scriptores Physiognomici Graeci et Latini*. Teubner, Leipzig, v. II, 1994. [1893 – 1ª edição].

Pseudo Aristotle – *Fisiognomica*. Anonimo Latino – *Il Tratado di Fisiognomica*. Tradução de Giampiera Raina. Milão: Rizzoli Libri, 1993.

Anonymus Latinus. *Book of Physiognomy*. In: SWAIN, S. (ORG.) *Seeing the Face, Seeing the Soul. Polemon's Physiognomy from Classical Antiquity to Medieval Islam*. New York: Oxford University Press, 2007.

ROSE, V. *Anecdota Graeca et Graecolatina*, I, Berlin, Dümmler, 1864.

DICIONÁRIOS

BAILLY, A. *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1901.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Paris: Kincklisieck, v. I, 1968.

FARIA, E. *Dicionário Escolar Latino-Português*. Ministério Da Educação E Cultura — Departamento Nacional De Educação, 3ª ed., 1962.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin Français*. Paris: Hachette, 1934.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de SALLES. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. Tradução: Fátima Sá Correa *et alii*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEWIS & SHORT. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 9ª ed., 1996.

SARAIVA F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 11ª ed., 2000.

FONTES ANTIGAS

ANACREONTE. *Odes de Anacreonte*. Trad. Almeida Cousin. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

[ANÔNIMO]. *Retórica a Herênio*. Trad. Adriana Seabra & A. P. Celestino Faria. C. São Paulo: Hedra, 2005.

ARISTÓTELES. *História dos Animais VII-X*. Trad. Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008.

_____. *História dos Animais I-VI*. Trad. Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.

_____. *De Anima. Livros I, II e III*. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. *Ética a Nicômaco*. Trad. Antônio de Castro Caeiro. Lisboa: Quetzal, 2006.

_____. *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora UNB, 3ª ed., 1999.

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo F. Alberto e Abel do N. Pena. Lisboa: Casa da Moeda, 1998.

_____. *History of animals*. Trad. D. M. Balme. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. XI, 1991.

_____. *Posterior analytics. Topica*. Trad. Hugh Tredennick; E. S. Foerster. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1989.

- _____. *Prior analytics*. Trad. Robin Smith. Indianapolis/ Cambridge: Hackett, 1989.
- _____. *Prior analytics*. Trad. Hugh Tredennick. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. I, 1983.
- _____. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1973.
- _____. *La métaphysique*. Trad. J. Tricot. Paris: Librairie Philosophique, v. I/II, 1962.
- _____. *Aristotle. Minor Works. Physiognomics*. Trad. W. S. Hett. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1953.
- _____. *Generation of animals*. Trad. A. L. Peck. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1953.
- _____. *Metaphysics*. Trad. Hugh Tredennick. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. XVII (I-IX), 1947.
- _____. *Metaphysics. Oeconomica. Magna moralia*. Trad. Hugh Tredennick; G. Cyril Armstrong. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. XVIII (X-XIV), 1935.
- ARISTÓFANES. *As Nuvens, Só pra mulheres, Um Deus chamado dinheiro*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Comédia Grega, v. 1, 3ª ed., 2003.
- ARTEMIDORO. *Sobre a interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.
- AULO GÉLIO. *Noites Áticas*. Tradução e notas: José R. Seabra/ Introdução: Bruno Fregni Basseto. Londrina: Eduel, vol. 1, 2010.
- _____. *Les Nuits Attiques*. Trad. Maurice Mignon. Paris: Librairie Garnier Frères, v. I, 1934.
- [CATULO] *O Livro de Catulo*. Trad. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.
- CÍCERO. *Do sumo bem e do sumo mal*. Trad. Carlos. A. Nougé. São Paulo: 2005.
- _____. *Sobre el orador*. Trad. José Javier Isso. Madri: Gredos. 2002.
- _____. *De finibus bonorum et malorum*. Trad. H. Rackam. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1999.
- _____. *As Catilinárias*. Trad. Sebastião T. de Pinho. Lisboa: Edições 70, 1990.
- _____. *De re publica. De legibus*. Trad. Clinton W. Keyes. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1988.
- _____. *De senectute, De amicitia, De diuinatione*. Trad. William A. Falconer. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. XX, 1979.
- _____. *De natura deorum. Academica*. Trad. H. Rackam. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1979.
- _____. *De Oratore – Book III. De Fato. Paradoxa Stoicorum. De Partitione Oratoria*. Trad. H. Rackam. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1977.
- _____. *De Legibus. Cicéron: Traité des Lois*, ed. G. de Plinval, 1968.
- _____. *Das Leis*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- _____. *Brutus. Orator*. Trad. G. L. Hendrickson. H. M. Hubbell. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1962.
- _____. *The Speeches*. Trad. N. H. Watts. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1931.
- _____. *Tusculan disputations*. Trad. J. E. King. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1927.
- _____. *M. Tulli Ciceronis Orationes*. Vol. 4, ed. A. C. Clark, 1909.
- _____. *De Oratore. M. Tulli Ciceronis Rhetorica*. v.1, ed. A. S. Wilkins, 1902.
- _____. *De Divinatione. M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*. Part 4, v. 2, ed. C. F. W. Mueller, 1890.
- CORNÉLIO TÁCITO. *Da origem e sítio dos germanos*. Trad. Henrique Verri Fiebig, 2012.
- [DIVERSOS] *Rhetores Latini Minores*. Códice de Carolus Halm.
- EURÍPIDES. *Hipólito*. Trad. Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2007.

- _____. *Medeia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- GALENO. *Tratados filosóficos y autobiográficos*. Trad. Teresa M. Manzano. Madri: Gredos, v. 301, 2002.
- _____. *Galien. L'âme et ses passions*. Trad. Vincent Barras, Terpsichore Birchler & Anne-France Morand. Paris: Les Belles Lettres, 1995.
- _____. *On the natural faculties*. Trad. Arthur John Brock. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1991.
- GÓRGIAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. Manuel Barbosa & Inês Ornellas e Castro. Lisboa: Edições Colibri. Coleção *Mare Nostrum*, 1993.
- HERÓDOTO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- _____. *Herodotus*. Trad. A. D. Godley. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, v. III, 1957.
- HIPÓCRATES. CAIRUS, H. F. & RIBEIRO Jr., W. A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- _____. *Tratados Hipocráticos V – Epidemias*. Tradução: ESTEBAN, A., NOVO, E. G. & CABELLOS, B. Madri: Gredos. Biblioteca Clásica Gredos, v. 126, 1983.
- _____. *Oeuvres complètes d'Hippocrate. Des airs, des eaux et des lieux*. Trad. Émile Littré. Amsterdam: Adolf M. Hakkert, 1961.
- _____. *Hippocrates – Vol. IV. Heracleitus – On the universe*. Trad. W. H. S. Jones. Cambridge, Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb Classical Library, 1959.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro. Ediouro, 2009.
- _____. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro. Ediouro, 2009.
- HORÁCIO. *Horácio. Odes e epodos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Arte Poética*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.
- JUVENAL. A. *Persi Flacci et D. Iuni Iuvenalis Saturae*, ed. W. V. Clausen, 1959.
- _____. *Sátira*. São Paulo: Edições Cultura. Série Clássica Universal, v. 30, 1943.
- LAERTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1988.
- LONGINO. *Do Sublime*. Trad. Filomena Hirata. Martins Fontes: São Paulo, 1996.
- LUCILIUS. *Remains of old Latin. The twelve tables*. Trad. E. H. Warmington. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. III, 1979.
- MARCIAL. M. *Valerii Martialis Epigrammaton Libri*, ed. W. Heraeus; J. Borovskij.
- _____. *Epigramas*. Trad. José L. Brandão. Lisboa: Edições 70. Clássicos Gregos e Latinos, v. I-IV, 2000-2004.
- OVÍDIO. *Amores & Arte de amar*. Trad. Carlos Ascenso André. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Ars Amatoria. Ovid in Six Volumes*. v. 2, ed. J. H. Mozley; G. P. Goold, 1979.
- _____. *Amores. Ovid in Six Volumes*. v. 1, ed. G. Showerman; G. P. Goold, 1977.
- PLATÃO. Platão. *Fédon*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2011.
- _____. *Timeu – Crítias*. Trad. Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra, 2011.
- _____. *A República*. Trad. Eleazar M. Teixeira. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- _____. *DIÁLOGOS. Timeu – Crítias. O Segundo Alcibíades. Hípias Menor*. Trad. Carlos A. Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 3ª ed. rev., 2001.
- _____. *DIÁLOGOS. A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Coordenação de Benedito Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 3ª ed. rev., 2000.
- _____. *Laches and Charmides*. Trad. Rosamond K. Sprague. Indianapolis/ Nova York: The Bobbs-Merrill Company, 1973.

- _____. *Plato. Timaeus. Critias. Cleitophon. Menexenus. Epistles*. Trad. R. G. Bury. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. VII, 1952.
- _____. *Plato. The Statesman. Philebus*. Trad. H. N. Fowler & W. R. M. Lamb. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. III, 1952.
- _____. *Lysis. Symposium. Gorgias*. Trad. W. R. M. Lamb. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1925.
- _____. *Plato. Theaetetus. Sophist*. Trad. Harold N. Fowler. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. VII, 1921.
- PLÍNIO. *PLINY. Natural History*. Trad. H. Rackham. London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. II-III, 1983-89.
- _____. *Historia Natural VII-XI*. Trad. E. Del Barrio Sanz *et alii*. Madri: Gredos, 2003.
- PLUTARCO. *As vidas dos homens ilustres. Alexandre e Cesar*. São Paulo: Athena. Biblioteca Clássica, v. IV, 1939.
- PLUTARCO. *César*. In: *Vidas de César*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- POLYBIUS. *The Histories*. Trad. W. R. Paton. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. II, 1960.
- PROPÉRCIO. *The elegies of Propertius*. Trad. G. P. Goold. London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1990.
- QUINTILIANO. *Quintilian. The Institutio Oratoria*. Trad. H. E. Butler. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1979.
- _____. *Institutio Oratoria. M. Fabi Quintiliani Institutionis Oratoriae Libri Duodecim*. Vols. 1-2, ed. M. Winterbottom, 1970.
- SALÚSTIO. *A Conjuração de Catilina / A Guerra de Jugurta*. Trad. Antonio S. Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.
- SÊNECA. *Medea. L. Annaei Senecae Tragoediae, Incertorum Auctorum Hercules [Oetaeus], Octavia*, ed. O. Zwiernlein, 1987.
- _____. *Moral essays*. Trad. John W. Basore. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. I, 1985.
- _____. *Obras*. Trad. G. D. Leoni. São Paulo: Athena Editora, 2ª ed., 1957.
- SÊNECA, O VELHO. *The Elder Seneca. Controversiae*. Trad. M. Winterbottom. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. I-II, 1974.
- SEXTUS EMPIRICUS. *Against the professor*. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, v. IV, 1987.
- _____. *Outlines of Pyrrhonism*. Trad. R. G. Bury. Cambridge, London: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1933.
- SÓFOCLES. *Antígone*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. *Édipo Rei*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- _____. *Théâtre de Sophocle*. Trad. Roberto Pignarre. Paris: Librairie Garnier Frères, 1947.
- SUETÔNIO. *O Divino Júlio*. Trad. Antonio S. Mendonça. In: *Vidas de César*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- _____. *A Vida dos Doze Césares*. Trad. Sady-Garibaldi. São Paulo: Prestígio Editorial – Ediouro, 2ª ed. reform., 2002 (Clássicos Ilustrados).
- _____. *Divus Augustus*. Cambridge University Press, 1896.
- TEOFRASTO. *Os Caracteres*. Trad. Daisi Malhadas & Haiganuch Sarian. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1978.
- TEÓN, HERMÓGENES, AFTONIO. *Ejercicios de Retórica*. Trad. Maria Dolores Madri: Gredos, 1991.
- VIRGÍLIO. VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad. Odorico Mendes. Unicamp: Ateliê Editorial. Ed. anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes, 2008.
- _____. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Brasília: EDUNB, 1981.

- _____. *P. Vergili Maronis Opera*, ed. R. A. B. Mynors, 1972.
- _____. *Eclogae. P. Vergili Maronis Opera*, ed. R. A. B. Mynors, 1972.
- VITRÚVIO. *Tratado de Arquitetura*. Trad. M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- XENOFONTE. *Banquete. Apologia de Sócrates*. Tradução: Ana Elias Pinheiro. São Paulo: Annablume, 2011.
- _____. *Memoráveis*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra, 2009.
- _____. *Ciropedia – A educação de Ciro*. Tradução de João F. Pereira. Rio de Janeiro : Clássicos Jackson, 1956 – Versão para eBook : eBooksBrasil, 2006.
- _____. *Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology*. Trad. E. C. Marchant; O. J. Todd. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1997.
- _____. *Xenophon*. Trad. Walter Miller. Cambridge, Londres: Harvard University Press, v. 5/ 6, 1914.

TEXTOS MODERNOS

- AGNOLON, Alexandre. *Imagines Physiognomonica: a repercussão de lições de fisiognomonia em epigramas de Marcial*. In: *Algumas Visões da Antiguidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Faperj, Coleção Estudos Clássicos, v.2, p.14-30, 2011.
- _____. *Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial (40 d.C. – 104 d.C.)*. Dissertação de Mestrado – DLCV/ FFLCH/ USP. Orientador: Prof. Dr. João Angelo O. Neto, 2007.
- AMATO, R. S. S. *Amores e outras imagens*. São Paulo: Hedra, 2012.
- _____. [sem publicação]. *Écfrase e fantasia: Pintura e(m) Palavras, Filóstrato, o velho*. São Paulo: FFLCH/ USP.
- AMBROSIO, Renato. *De Rationibus Exordiedi. Os princípios da história em Roma*. São Paulo: Humanitas/ Fapesp, 2005.
- AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu & Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.
- ANDRÉ, J. *Étude sur les termes de couleur dans la langue latine*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1949.
- ANGIER, T. *Techne in Aristotles. Ethics Crafting the Moral Life*. Nova York: Continuum, 2010.
- ARGAN, G. C. *História da arte italiana*. Trad. Vilma de Katinszky. São Paulo: Cosac & Naify, v. 1, 2003.
- ARMSTRONG, A. MacC. “The Methods of the Greek Physiognomists”. In: *Greece & Rome*, v.5, nº1, p. 52-6, 1958.
- AUBERT, Jean-Jacques. *La méthode zoologique dans les traités de physiognomonie*. Université de Neuchâtel – Faculté des lettres et sciences humaines/ Sciences de l’Antiquité, 2004.
- BALANSARD, A. *Technè dans les dialogues de Platon. L’empreinte de la Sophistique*. International Plato Society. Sankt Augustin: Academia – Verl, 2001.
- BALTRUŠAITIS, J. “Fisiognomonia animal”. In: *Aberrações – Ensaio sobre a lenda das formas*. Trad. Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- BARBOSA, D. F. & LEMOS, P. C. P. “A medicina na Grécia antiga”. In: *Rev Med*, São Paulo, 86(2), p. 117-9, 2007.
- BARIDON, L. & GUÉDRON, M. *CORPS ET ARTS: Physionomies et physiologie dans les arts visuels*. Paris: L’Harmattan, 1999.
- BAROJA, Julio Caro. *Historia de la Fisiognómica. El rostro y el Carácter*. Madri: Istmo, Colección Fundamentos, 96, 1988.
- BARTON, T. S. *Power and knowledge: astrology, physiognomics, and medicine under the Roman Empire*. Michigan: Tue University Michigan Press, 4ª ed. paperback, 2005.

- BELHADDAD, A. Departamento de Letras Orientais. Orientador: Dr. Mamede Mustafa Jarouche – FFLCH/ USP, 2012.
- BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. “Fisiognomia: Arte de escrever história com imagens”, 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- BOTTÉRO, J. *Mésopotamie. L’écriture, la raison et les dieux*. Paris: Gallimard, 1987.
- BOYD, B. W. Virtus Effeminata and Sallust's Sempronia. In: *Transactions of the American Philological Association*, v. 117, p. 183-201, 1987.
- BRADLEY, M. “The natural body”. In: *Colour and meaning in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- BRANHAM, R. B. & GOULET-CAZÉ, M.-O. (Org.) *Os cínicos – O movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Tradução: Cecília C. Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BREED, B. W. “Portrait of a Lady: Propertius 1.3 and Ecphrasis”. In: *The Classical Journal*, v. 99, nº1, p. 35-56, 2003.
- BÜHLER, K. *Teoría de la expresión*. Trad. Hilário Rodrigues Sanz. Madri: Alianza Editorial, 1980.
- CAIRUS, H. “A arte de curar na cura pela arte: ainda a catarse”. In: *Anais de Filosofia Clássica*, v. 2, nº 3, 2008.
- _____. “O Hipócrates de Littré”. Trabalho apresentado no Congresso da ANPUH, 1999. Disponível em: http://www.academia.edu/342528/O_Hip%C3%B3crates_de_Littr%C3%A9
- CAMPANHOLO, P. O. *Os Comentários de Sêrvio Honorato ao “canto VI” da Eneida*. Dissertação de Mestrado – DLCV/ FFLCH/ USP. Orientador: Prof. Dr. Marcos M. dos Santos, 2008.
- CARVALHO, L. de F. & AMBIEL, R. A. M. “Considerações Gerais Acerca da Proposta de Teofrasto para o Estudo da Personalidade”. In: *Revista Psicologia e Saúde*, v. 2, n. 2, p. 76-80, 2010.
- CASSIN, B. & LABARRIÈRE. (Org.) *L’animal dans l’Antiquité*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1997.
- CERDAS, E. *A Ciropedia de Xenofonte. Um romance de formação na Antiguidade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- CIZEK, E. *Structure et idéologie “Les Vies des Douze Césars” de Suétone*. Bucuresti: Editora Academiei/ Paris: Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1977.
- CLARKE, M. L. *Rhetoric at Rome: a historical survey*. Londres: Routledge, 1996.
- COUISSIN, J. “Suetone Physiognomiste dans *Les vies des XII Césars*”. In: *Revue des Études Latines*, nº 31, p. 234-56, 1953.
- CRAWFORD, J. “Physiognomy in Classical and American Portrait Busts”. In: *American Art Journal*, v. 9, nº 1, p. 49-60, 1977.
- DA VINCI, L. *Trattato della pittura*. Milano: TEA, 1995.
- DESJARDINS, L. *Le corps parlant: savoirs et représentation des passions au XVIIe siècle*. Paris: L’Harmattan, 2001.
- DINUCCI, A. L. “SÓCRATES VERSUS GÓRGIAS: As noções de *téchne* e *dýnamis* aplicadas à retórica”. In: *Anais de Filosofia Clássica*, v. 2, nº 4, 2008.
- DOMENICO, L. *De figura umana fisiognomica, anatomia e arte in Leonardo*. Firenze: Leo S. Olschki, 2001.
- D’ONOFRIO, S. *Os motivos da sátira romana*. Departamento de Letras/ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1968.
- DUBOIS, P. & WIKIN, Y. *Rhétoriques du corps*. Bruxelas: DeBoeck Université, p. 13-24, 1988.

- DUMONT, M. "Le succes mondain d'une fausse science: la physiognomonie de Johann Kaspar Lavater". In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 54, p. 2-30, 1984.
- DURLING, R. M. "Ovid as Praeceptor Amoris". In: *The Classical Journal*, v. 53, n° 4, p. 157-167, 1958.
- DUMORTIER, J. *Le vocabulaire médical d'Eschyle et les écrits hippocratiques*. Paris: Les Belles Lettres, 12^a ed., 1975.
- DYNES, W. R. & DONALDSON, S. *Homosexuality in the Ancient World*. Nova York/ Londres: Garland Publishing, v. I, 1992.
- DYSSON, J. T. "Lilies and Violence: Lavinia's Blush in the Song of Orpheus". In: *Classical Philology*, v. 94, n° 3, p. 281-288, 1999.
- GRINWIS, M. J. *Reading faces*. Tese – Universidade de Utrecht (Utrecht/ Alemanha), 2007.
- ENTERLINE, L. *The Rhetoric of the Body from Ovid to Shakespeare*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- EVANS, E. C. "Physiognomics in the Ancient World". In: *Transactions of the American Philosophical Society, New Series*, v. 59, n° 5, p. 1-101, 1969.
- _____. "Physiognomics in the Roman Empire". In: *The Classical Journal*, v. 45, p. 277-82, 1950.
- _____. "Literary Portraiture in Ancient Epic: A Study of the Descriptions of Physical Appearance in Classical Epic". In: *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 58, p. 189-217, 1948.
- _____. "Galen the Physician as Physiognomist". In: *Transactions and proceedings of the American Philological Association*, p. 287-98, v. 76, 1945.
- _____. "The Study of Physiognomy in the Second Century A.D." In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 72, p. 96-108, 1941.
- _____. "Roman Descriptions of Personal Appearance in History and Biography". In: *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 46, p. 43-84, 1935.
- FIEBIG, H. V. *Para além do limes: A Germania de Tácito em gênero e germano*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins. FFLCH – USP/ SP, 2014.
- FRANK, A. W. "Asking the Right Question about Pain: Narrative and Phronesis". In: *Literature and Medicine*, v. 23, n° 2, p. 209-25, 2004.
- FREDE, M. & STRIKER, G. *Rationality in Greek Thought*. Nova York: Clarendon Press, 1996.
- FREIJEIRO, A. B. "Deciano de Merida, el amigo extremeño de Marcial". In: *Anas*, I, p. 11- 17, 1988.
- GLEASON, M. W. "The semiotics of gender: Physiognomy and self-fashioning in the second century C.E.". In: HALPERIN, D. M., WINKLER, J. J. & ZEITLIN, F. I. *Before sexuality. The construction of erotic experience in the Ancient Greek*. New Jersey: Princeton University Press. 1990.
- GLIDDEN, D. "Skeptic Semiotics". In: *Phronesis*, v. 28, n° 3, p. 213-255, 1983.
- GOMBRICH, E. H. *The image and the eye: Further studies in the psychology of pictorial representation*. Michigan: Phaidon, 1994.
- GONZÁLES, J. M. "The Catalogue of Women and the End of the Heroic Age (Hesiod fr. 204.94-103 M-W)". In: *Transactions of the American Philological Association*, v. 140, n° 2, p. 375-422, 2010.
- GRATTI, B. R. *Sobre a adivinhação, de Marco Túlio Cícero*. Orientador: Dr. Paulo S. de Vasconcellos. Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP, 2009.
- GRAUMANN, L. A. "Monstruous Births and Retrospective Diagnosis: The Case of Hermaphrodites in Antiquity". In: *Disabilities in Roman Antiquity: Disparate Bodies A Capite ad Calcem*. Christian Laes & Chris Goodey, M. Lynn Rose. Leiden/ Boston: Brill, 2013.

- GRINWIS, M. *Reading faces. Translation of a Latin text and translation and edition of a Middle English text concerning physiognomy*. Utrecht Universiteit, 2005.
- HALLET, J. P. & SKINNER, M. B. (Edit.) *Roman Sexualities*. Nova Jersey: Princeton University Press, 1997.
- HANCHER, M. "The Science of Interpretation, and the Art of Interpretation". In: *MLN*, v. 85, nº 6, Comparative Literature, p. 791-802, 1970.
- HANSEN, J. A. "As categorias epidíticas da ekphrasis". In: *Revista USP*, nº71, p. 85-105, 2006.
- HAROCHE, J.-Jacques C. C. *Histoire du visage. Exprimer et taire ses émotions, XVIe-début XIXe siècle*. Paris: Rivages, 1988.
- HARRINGTON, K. P. *The Roman Elegiac Poets*. Londres: Anthem Press, 2002.
- HASEGAWA, A. P. "O Epodo X de Horácio e a recusa do gênero épico". In: *Cadernos de literatura em tradução*, v. 1, p. 77-103, 2003.
- HEIDEN, B. "Common People and Leaders in Iliad Book 2: The Invocation of the Muses and the Catalogue of Ships". In: *Transactions of the American Philological Association*, v.138, nº1, p. 127-154, 2008.
- HEUZÉ, P. *L'image du corps dans l'oeuvre de Virgile*. Paris: École française de Rome. Collection École française de Rome, v. 86, 1985.
- HUNTER, R. L. *A Comédia Nova da Grécia e de Roma*. Organizador da tradução: Rodrigo Tadeu Gonçalves. Curitiba: UFPR, 2010.
- IRWIN, T. *Classical Thought. A history of Western philosophy: 1*. Oxford, Nova York: Oxford University Press, 1989.
- JOLY, R. "La caractérologie antique jusqu'à Aristote". In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, v. 40, fasc. 1, p. 5-28, 1962.
- KEITH, A. M. "Corpus Eroticum: Elegiac Poetics and Elegiac Puellae in Ovid's *Amores*". In: *The Classical World*, v. 88, nº 1, p. 27-40, 1994.
- KOIKE, K. & MATTOS, P. L. "Entre a *epistêmê* e a *phrónesis*: antigas lições para a moderna aprendizagem da administração". In: *Perspectiva Filosófica*, v. VII, nº 13, 2000.
- KRITZMAN, L. D. "The Socratic Makeover: Montaigne's "De la physionomie" and the Ethics of the Impossible". In: *L'Esprit Créateur*, v. 46, nº 1, p. 75-85, 2006.
- LAURENZA, D. *De Figura Humana. Fisiognomica, anatomia e arte in Leonardo*. Instituto e Museo di Storia della Scienza. 2001.
- LAUSBERG, H. *Manual de Retórica Literaria*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fund. Caloust Gulbenkian. 1966, vols.1/ 2.
- LAVATER, J. C. *Essays on Physiognomy*. Trad. Thomas Holcroft. Londres: C. Whittingham, v. II, 1804.
- _____. *Essays on Physiognomy*. Trad. da edição anterior de Paris pelo Rev. C. Moore. Londres: W. Locke, v. I, 1797.
- LEÃO, D. F. "Trimalquião à luz dos *Caracteres* de Teofrasto". In: *HVMANITAS*. 1997, v. XLIX, p. 147-166, 1997.
- LE BRUN, C. *L'expression des passions & autres conférences – Correspondance*. Éditions Dédale. 1994.
- LESSING, G. E. *Laocoonte ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- LICHTENSTEIN, J. *A pintura – Volume 6: A figura humana*. Coord. Da tradução: Magnólia Costa. São Paulo: Editora 34, 2004.
- LLOYD, G.E.R. *Science, Folklore and Ideology. Studies in the Life in Ancient Greece*. London: Bristol Classical Press, 2ª ed., 1999.
- LONGRIGG, J. *Greek Medicine From the Heroic Age to the Hellenistic Age. A Source Book*. Londres: Duckworth, 1998.

- LOUSA, M. T. V. *Francisco de Holanda: Ecos do Classicismo em Portugal*. Dissertação de Mestrado – Teorias da Arte/ Faculdade de Belas Artes/ Universidade de Lisboa. Orientador: Prof. Dr. José Fernandes Pereira, 2004.
- LYON, J. B. “The Science of Sciences”: Replication and Reproduction in Lavater’s Physiognomics. In: *Eighteenth-Century Studies*, v. 40, nº 2, p. 257-77, 2007.
- MANOEL, R. G. *Teoria e prática: estudo e tradução das Epístolas e Inectivas de Pseudo-Salústio e Pseudo-Cícero à luz dos Progymnasmata*. Dissertação de mestrado – DLCV/ FFLCH/USP. Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto, 2014 (Versão revisada).
- MANTEGAZZA, P. *La physionomie et la expression des sentiments*. Paris: Félix Alcan, 3ª ed., 1897.
- MARQUES, J. B. “As faces de Roma e os centros do poder em Amiano Marcelino”. In: *Dimensões*, Revista de História da Ufes, v. 26, p. 173-188, 2011.
- MARTIN, R. & GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.
- MARTIN, T. M. *Tradução anotada e comentários da Ars rhetorica de Caio Júlio Vítor*. Dissertação de Mestrado – DLCV/ FFLCH/ USP. Orientador: Prof. Dr. Marcos M. dos Santos, 2010.
- MARTINS, P. Tese de Livre-Docência: *Pictura Loquens, Poesis Tacens. Limites da representação*. Cf. capítulo “Imago privada versus pública”, 2013.
- _____ & AMATO, R. S. S. “Imagens antigas retoricamente referenciadas”. In: *Retórica – IEB/ USP*. São Paulo: Annablume Clássica, 2012.
- _____ *Imagem e Poder*. São Paulo: Edusp. 2011.
- _____ *Elegia Romana. Construção e efeito*. São Paulo: Humanitas, 2009.
- _____ “Duas visualidades bucólicas: Verg., *Ecl.* 2. 45-55 e 6. 13-26”. In: *Phaos*. Campinas, nº11, p.43-66, 2011.
- MATOS, M. I. S. “Espelhos da alma: fisiognomonía, emoções e sensibilidades”. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Associação Nacional de História (ANPUH), ano V, n. 14, 2012.
- MAXWELL-STUART, P. G. *Studies in Greek colour terminology: Χροπός*. Leiden: Brill, v. 2, 1981.
- McLEAN, D. R. “The Socratic corpus: Socrates and physiognomy”. Cf. p. 75. In: *Socrates from Antiquity to the Enlightenment and Socrates in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Londres: Ashgate (Centre for Hellenic Studies, King’s College), v. 1, p. 65-88, 2007.
- McLEAN, I. *Logic, Signs and Nature in the Renaissance: The Case of Learned Medicine*. Nova York: Cambridge University Press, 2007.
- MILES, G. “Genres of painting and genres of text in the *Imagines* of Philostratus”. In: *Approaches to Genre in the Ancient World Edited by Michelle Borg and Graeme Miles*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2013.
- MISNER, G. “Loxus, Physician and Physiognomist”. In : *Classical Philology*, v. XVIII, nº1, p.1-22, 1923.
- MOKHTAR, G. (Ed.) *História Geral da África II – África antiga*. Brasília/ São Carlos: UNESCO/ Ministério da Educação/ Universidade Federal de São Carlos, 2010.
- MONROE, E. D. “Concerning Caesar’s Appearance”. In: *The Classical Journal*, v. 12, nº4, p. 247-253, 1917.
- PACK, R. A. “Artemidorus and the Physiognomists”. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 72, p. 321-334, 1941.
- PARRY, Richard, “*Episteme and Techne*”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2014 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/fall2014/entries/episteme-techne/>.
- PENDER, S. “Between Medicine and Rhetoric”. In: *Early Science and Medicine*, v. 10, nº 1, p. 36-64, 2005.

- POINSOT, M. C. [Introdução] *The Encyclopedia of occult sciences*. Nova York: Robert M. McBride and Company, 1939.
- PORTA, G. D. *La fisionomia dell'uomo et la celeste*. Veneza: Cristoforo Tomasini, 1644.
- PRADO, J. B. T. Por que cantam os pastores? Uma interpretação do gênero bucólico latino, sob a perspectiva da prosódia e da métrica. In: *Itinerários*, Araraquara, nº 25, p. 235-244, 2007.
- PRALON, D. "La Physiognomonie dans la *Vita Caesarum* de Suétone", 2008. Disponível em: http://agap.mmsh.univaix.fr/06pedago/doc/stage2008_dolores_pralon_suetone_physiognomonie.pdf (Association pour le Grec et le Latin à Aix et en Provence)
- PUTNAM, M. C. J. Ganymede and Virgilian Ekphrasis. In: *The American Journal of Philology*, v. 116, nº 3, p. 419-440, 1995.
- REBOLLO, R. A. "Galeno de Pérgamo (129-200 d.C.): a saúde da alma depende da saúde do corpo". I Simpósio Internacional de Estudos Antigos/IV Seminário Internacional Archaia "A Saúde do homem e da cidade na Antiguidade Greco-Romana". Parque Natural do Caraça (MG), 2007. Disponível em: <http://www.scientiaestudia.org.br/associac/regina.asp> - Março/ 2014.
- _____. "O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno". *Passim*. In: *Sci. stud.*, São Paulo, v.4, nº1, março/ 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167831662006000100003&lng=en&nrm=iso Data de acesso: 9/ 9/ 2013.
- _____. "Considerações sobre o estabelecimento da medicina no tratado hipocrático *Sobre a arte médica*. In: *Scientiae Studia*, v. 1, nº3, p; 275-97, 2003.
- RIEMENSCHNEIDER, F. *Da histeria para além dos sonhos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- ROCCA-SERRA. "Homme et animal dans la physiognomonie antique". In: CASSIN, B. & LABARRIÈRE. *L'animal dans l'Antiquité*. Paris: Librairie Philosophique. 1997.
- RODOLPHO, M. *Écfrase e Evidência nas letras latinas: Doutrina e prática*. São Paulo: Humanitas, 2012.
- ROLFE, J. C. "Suetonius and his biographies". In: *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 52, nº 209, p. 206-225, 1913.
- POPOVIĆ, M. *Reading the Human Body*. Leiden-Boston: Brill, 2007.
- PORTER, M. *Windows of the soul. The Art of Physiognomy in European Culture 1470-1780*. Oxford: Clarendon Press, 2005.
- RAWLINS, F. I. G. "Episteme and Techne". In: *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 10, nº 3, p. 389-397, 1950.
- RIBEIRO Jr., W. R. Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates, o "pai da medicina". *Jornal Brasileiro de História da Medicina*, v. 6, nº1, p. 8-10, 2003. Disponível em <http://warj.med.br/pub/pdf/hipocrates.pdf>.
- RODRIGUES, M. A.C. *O Retrato Oficial Romano no Tempo da Dinastia Júlio-Cláudia*. Mestrado de História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa, 1999.
- ROHRBACHER, D. "Physiognomics in Imperial Latin Biography". In: *Classical Antiquity*, v.29, nº1, 2010.
- ROOCHNIK, D. *Of Art and Wisdom. Plato's Understanding of Techne*. Pennsylvania: State University Press, 1996.
- ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE OF GREAT BRITAIN AND IRELAND. *Anthropological Review*, v. 6, nº. 21, p. 137-154, 1968.
- SALEMA, V. de Azevedo Garcia. "Análise do epodo X de Horácio". In: *Principia*. Revista do Departamento de Letras Clássicas e Orientais do Instituto de Letras - LECO -

- INSTITUTO DE LETRAS - CEH - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nº 27, 2013.
- SAMMONS, Benjamin. *The Art and Rhetoric of the Homeric Catalogue*. Nova York: Oxford University Press, 2010.
- SCATOLIN, A. *A invenção no Do Orador de Cícero: Um estudo à luz de Ad Familiares, I, 9, 23*. Tese de Doutorado – DLCV/ FFLCH/ USP. Orientador: Prof. Dra. Zélia L. V. de Almeida Cardoso, 2009.
- SCHALLER, C. *L'expression des passions au XIXe siècle*. Tese de Doutorado – Faculté des Lettres de l'Université de Fribourg (Suíça). Orientadores: Victor Stoichita et Sergiusz Michalski. Saint-Antoine (FR) 2003.
- SILVA, R. C. *O Mambembe: Uma experiência de criação de maquiagem na formação de atores*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/ UFBA. Orientador: Prof. Dra. Angela de Castro Reis. Salvador, 2008.
- SIRAIISI, N. G. “The Fielding H. Garrison Lecture: Medicine and the Renaissance World of Learning”. In: *Bulletin of the History of Medicine*, v. 78, nº 1, p. 1-36, 2004.
- SMITH, A. D. *The ethnic origins of nations*. Oxford: Blackwell, 1986.
- SMITH, R. R. R. “Greeks, Foreigners, and Roman Republican Portraits”. In: *The Journal of Roman Studies*, v. 71, p. 24-38, 1981.
- SPINELLI, M. “O Daimónion de Sócrates”. In: *Hypnos*. São Paulo: ano 11/ nº16, p. 32-61, 2006.
- STEMMLER, J. K. “The Physiognomical Portraits of Johann Caspar Lavater”. In: *The Art Bulletin*, v. 75, nº 1, p. 151-168, 1993.
- STONE, J. & DENNIS, R. (Org.) *Race and Ethnicity. Comparative and theoretical approaches*. Malden: Blackwell, 2003.
- STREET, B. “Reading Faces: Physiognomy Then and Now”. In: *Anthropology Today*, v. 6, nº 6, p. 11-12, 1990.
- SWAIN, S. (ORG.) *Seeing the Face, Seeing the Soul. Polemon's Physiognomy from Classical Antiquity to Medieval Islam*. New York: Oxford University Press. 2007.
- THORNDIKE, L. Buridan's Questions on the Physiognomy Ascribed to Aristotle. In: *Speculum*, v. 18, nº1, p. 99-103, 1943.
- TSOUNA, V. “Doubts about Other Minds and the Science of Physiognomics”. In: *The Classical Quarterly*, New Series, v. 48, nº 1, p. 175-86, 1998.
- VERGER, A. R. “Uma juntura literária de la *puella pudica* em Ovidio, *Amores* 2.4.11. In: *Exemplaria* 4, 2000, 249-255, ISSN 1138-1922. © Universidad de Huelva.
- VERNANT, J. P. et alii. *Divination et Rationalité*. Paris: Éditions du Seuil, 1974.
- _____. *Poikilia: études offertes*. Paris: Editions de l'Ecole des hautes études en sciences sociales, 1987.
- VIEIRA, H. O. D. *Uma Leitura Estóica da Tragédia Medéia de Sêneca*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba. Orientador: Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior, 2008.
- VILLARI, E. “La physiognomonie comme technè”. In: *Ars et Ratio*. Org. C. Lévy, B. Besnier & A. Gigandet. Bruxelles, v. 273, p. 89-101, 2003.
- VITORINO, M. Costa. *Juvenal. O satírico indignado*. Belo Horizonte: UFMG. 2003.
- ZANKER, P. *The Mask of Socrates: The Image of the Intellectual in Antiquity*. Trad. Alan Saphiro. Berkley/ Los Angeles: University of California Press, 1995.
- ZUCKER, A. “La physiognomonie antique et le langage animal du corps”. In: *Rursus*, nº 1, 2006.
- WARDMAN, A. E. “Description of Personal Appearance in Plutarch and Suetonius: The Use of Statues as Evidence”. In: *The Classical Quarterly*, New Series, v. 17, nº 2, p. 414-420, 1967.
- WEBB, R. *Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*. Surrey: Ashgate, 2009.

- WHITNEY, E. "What's Wrong with the Pardoner?: Complexion Theory, the Phlegmatic Man, and Effeminacy". In: *The Chaucer Review*, v. 45, n° 4, p. 357-389, 2011.
- WILD, J. *Plato's Theory of Man. An introduction to the realistic philosophy of culture*. Cambridge, Massachussetts: Harvard University Press, 1946.
- WILSON, E. O. *Da natureza humana*. Trad. Geraldo Florsheim & Eduardo D'Ambrosio. 1981. São Paulo: T. A. Queiroz.
- WILLIAMS, C. A. *Roman Homosexuality*. Nova York: Oxford University Press, 2^a ed., 2010.
- WOERTHER, F. *L'èthos aristotélicien. Genèse d'une notion rhétorique*. Paris: Vrin, 2007.

PARTE II – TRADUÇÃO

Introdução

Em razão da dificuldade inicial para encontrar a edição de Foerster³⁵⁴, que integra a compilação *Scriptores Physiognomici Graeci et Latini*, volume II, e é amplamente utilizada pelos estudiosos do assunto, fizemos uso do texto latino estabelecido por J. André³⁵⁵, edição da *Les Belles Lettres*; posteriormente, já com a coletânea de Foerster em mãos, nossa tradução foi revisada cotejando tais edições, mas preservando o texto em latim oriundo da *Les Belles Lettres*. A rigor, poucas são as diferenças entre ambas as edições, contudo, em dados momentos, elas são significativas para a compreensão do texto e por isso procuramos destacá-las ao longo da tradução. Há ainda outras duas edições igualmente importantes, pois trazem comentários a respeito do texto original e a comparação com outros manuais de fisiognomonía, método que também empregamos, trata-se da tradução inglesa de Ian Repath³⁵⁶ e da italiana de Giampiera Raina.

A finalidade de nossa tradução é manter a clareza, seguindo a norma culta da língua portuguesa, mas respeitando as características do texto que se apresenta numa linguagem simples, já que o autor busca apresentar um extenso catálogo das fisiognomonias, mas com descrições muitas vezes sucintas. Há lacunas em algumas passagens, portanto, mais de uma edição foi consultada na tentativa de compreendê-las no contexto.

Apesar da simplicidade, em alguns excertos, a descrição torna-se obscura ou de difícil compreensão porque os elementos não são suficientes para compor a imagem completa da parte do corpo.

Os vocábulos em grego estão traduzidos para esclarecimento e transliterados da mesma forma em que aparecem no texto original, com exceção de termos que aparecem com frequência para os quais adotamos o nominativo, também transliterado do grego³⁵⁷. Os dicionários adotados para as traduções em grego são *A Greek-English Lexicon*, de Liddell & Scott, e o *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français*, de A. Bailly.

As notas que acompanham a tradução variam de acordo com as necessidades de compreensão do texto e são, portanto, variáveis, discorrendo principalmente acerca de

³⁵⁴ FOERSTER, R. *Scriptores Physiognomici Graeci et Latini*. Teubner, Leipzig, v.II. 1994. [1893 – 1ª edição].

³⁵⁵ ANDRÉ, J. *Anonyme Latin. Traité de Physiognomonie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

³⁵⁶ In: SWAIN, S., op. cit.

³⁵⁷ Agradeço a colaboração de Rosângela S. S. Amato que me auxiliou na interpretação de algumas palavras em grego, diante das quais tive dificuldade devido ao meu escasso conhecimento dessa língua.

questões linguísticas, mas também englobam questões do âmbito poético, retórico, cultural, histórico e mitológico.

É interessante observar que inúmeras passagens são redundantes, as quais procuramos manter para ficarmos próximos do texto original. O Anônimo realiza comparações constantes, adotando a forma comparativa dos adjetivos sem que haja explicitamente um segundo termo da comparação, pois deixa subentendido alguma categoria anterior ou posterior, é o que ocorre, por exemplo, já nos capítulos 5 e 6 em que são contrapostos o ânimo masculino e feminino.

O autor dirige-se com certa frequência ao seu leitor, empregando verbos na segunda pessoa, por exemplo, “*scias*” (cap. 33) ou mesmo o imperativo futuro “*scito*” (caps. 7 e 21), além de outros verbos como “*putes*” (cap. 44) e “*pronuntiabis*” (caps. 46, 53, 57). Trata-se de uma característica próxima do texto de Polemão, pois o tratado pseudoaristotélico é mais direto nas descrições, já em Polemão há espaço para discorrer acerca dos exemplos, o Anônimo, contudo, o faz de maneira muito mais breve. Essa interação com o leitor é também um recurso que reforça o princípio defendido pelo autor de que o leitor possa fazer suas próprias análises fisiognômicas ao entender as lições do manual.

Nota-se o emprego de várias palavras com o mesmo significado, o que nos obrigou a traduzir por sinônimos para não tornar o texto repetitivo, tal como *stolidus* e *stultus*, os dois adjetivos se referem a pessoas estúpidas, designação usual em língua portuguesa, contudo, a frequência com que ambos aparecem nos obrigou a considerar *stultus* como “estulto”, menos frequente em português. As sequências de adjetivos com significados muito próximos são frequentes e, embora pareçam redundantes em dados momentos, servem para amplificar as qualidades descritas, corroborando o caráter vicioso ou virtuoso.

Quanto ao caráter dos tipos descritos, o autor usa diversas palavras para designá-lo e não aparenta haver qualquer critério para a escolha, são elas: *animus*, *ingenium*, *mores*, *mens*. Adotamos a tradução próxima do termo em latim, já que em algumas passagens dois destes termos aparecem indiscriminadamente e não seria apropriado traduzi-los de forma igual no mesmo capítulo; apenas “*mores*” traduzimos sempre por “caráter” já que os demais abrangem ainda outras acepções dependendo do contexto em que foram inseridos.

Há ainda uma característica do texto nas descrições que vale mencionar: por vezes, o Anônimo adota, ao longo da obra, o caso nominativo para qualificar o indivíduo,

mas também utiliza o ablativo de qualidade e o genitivo de qualidade; o autor emprega algumas vezes mais de um caso na descrição (por exemplo, cap. 124). Podemos supor que é uma escolha estilística do Anônimo, como comenta G. Raina, visto ser o primeiro livro conhecido de fisiognomonía em língua latina.

Quanto ao vocabulário técnico, a terminologia é constantemente apresentada em grego e alguns dos termos não se referem apenas às características físicas – tal como a cor de olhos *χαροπός* – constituindo, portanto, um repertório de termos citados pelos demais autores de fisiognomonía que são, na verdade, conceitos indispensáveis à teorização da prática fisiognomônica, é o caso da *ἐπιπρέπεια*. Os vocábulos em grego são provenientes dos demais tratados fisiognomônicos, conforme se observa em Pseudo-Aristóteles e Adamantio. Optamos por não traduzir os termos técnicos, apenas transliteramos e explicamos o significado em nota, pois a tradução em língua portuguesa poderia enfraquecer a ideia do termo.

DE PHYSIOGNOMONIA LIBER

LIVRO DE FISIOGNOMONIA

1) *Ex tribus auctoribus quorum libros prae manu habui, Loxi medici, Aristotelis philosophi, Polemonis declamatoris, qui de physiognomonia scripserunt, ea elegi quae ad primam institutionem huius rei pertinent et quae facilius intelligantur. Sane ubi difficilis mihi translatio uel interpretatio fuit, graeca ipsa nomina et uerba posui.*

2) *Primo igitur constituendum est quid physiognomonia profiteatur. <Profitetur> itaque ex qualitate corporis qualitatem se animi considerare atque perspicere. Et Loxus quidem sanguinem animae habitaculum esse constituit, corpus autem omne et partes eius quae signa dant, pro uiuacitate uel inertia sanguinis et prout tenuis seu crassus magis fuerit uel cum liberos habuerit ac directos meatus uel cum peruersos et angustos, dare signa diuersa. Ceteri autem tam figuratricem corporis animam esse arbitrantur <per συμπάθειαν> quam ex qualitate corporis animam speciem*

1) Tive em mãos os livros de três autores que escreveram a respeito de fisiognomonia³⁵⁸: do médico Loxo, do filósofo Aristóteles e do orador Polemão. Selecionei os temas que dizem respeito à doutrina principal dessa matéria e que são mais facilmente compreendidos. Nos casos em que a tradução ou a interpretação foram difíceis para mim, empreguei os nomes e as palavras em grego mesmo.

2) Deve-se então, em primeiro lugar, estabelecer o que a fisiognomonia se propõe a fazer. Assim, ela se propõe a observar e reconhecer a natureza da alma a partir da natureza do corpo. Loxo, de fato, ensinou que o sangue é a morada da alma³⁵⁹ e, além disso, o corpo inteiro e cada uma de suas partes que dão os sinais, dão-nos diversos de acordo com a vitalidade ou a inércia do sangue, ou se for ele mais fino ou mais espesso, ou quando tiver os canais livres e diretos ou os tiver irregulares e estreitos. Os outros autores, contudo, julgam que a alma é

³⁵⁸ O termo “fisiognomonia” é menos usual do que “fisionomia”, porém, “fisiognomonia” é reconhecido pelo *Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras* e pelo *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Opta-se aqui pelo emprego da palavra mais próxima da sua forma latina, de acordo com a recomendação da banca de qualificação, pois nos parece mais apropriada para diferencia-lá do sentido da fisionomia como aparência física.

³⁵⁹ Ian Repath (2007) destaca que o termo *anima* é empregado apenas três vezes: neste capítulo e no 12, ao citar a teoria de Loxo, e no capítulo 10, na emblemática afirmação de que os olhos são como “portas da alma”. O mesmo sentido é atribuído a *animus* nos capítulos 5, 9, 21, 56; contudo, *animus* é usualmente adotado pelo Anônimo como sinônimo de “princípio moral, caráter, índole”.

mutuari, sicuti humor constitutus in uasculo tanto figuradora³⁶⁰ do corpo <por
qui speciem ex uasculo mutuatur et sicut *sympatheian*>³⁶¹, como também
spiritus infusus in fistulam uel in tibiam uel in empresta a aparência da natureza
tubam; nam cum uniformis sit spiritus, corpórea; do mesmo modo que o
diuersum tamen sonat tuba, fistula, tibia. líquido³⁶² colocado em um pequeno vaso
 empresta a aparência deste e como o ar
 insuflado na flauta de Pan, na antiga
 flauta ou na tuba; pois ainda que o ar seja
 uniforme, ele, no entanto, produz som
 diferente em cada um dos tipos de
 flauta³⁶³.

3) Prima igitur diuisio obseruationis **3) A primeira divisão e distinção**
huius atque discretio ea est ut alterum dessa prática é de que exista um gênero
masculinum genus sit, alterum femininum. masculino e um outro feminino. O que
Quod non ea ratione accipiendum est qua não se deve compreender no sentido de
naturaliter sexus et genera discreta sunt, sed que haja uma distinção natural entre os
ut plerumque etiam in feminino masculinum sexos e os gêneros, mas que, geralmente,
genus et in masculino femininum também o gênero masculino seja
deprehendatur. Denique quod masculinum encontrado no feminino e o feminino no
nos dicimus, <ἀρσενικόν>, quod femininum, masculino. Então, os fisiognomonistas
<θηλυκόν> physiognomones dicunt. Primo chamam *arsenikon* o que chamamos
igitur constituendus est animus masculini et “masculino” e *thelykon* o que chamamos
econtra feminini, deinde corporis utriusque “feminino”. Portanto, deve-se
designanda indicia sunt et, si non omnia, ea primeiramente estabelecer o ânimo do
tamen quae uiam dare considerationis gênero masculino em oposição ao do

³⁶⁰ *Figuratrix* pertence ao campo lexical do verbo *figurare*, cujo sentido apropriado ao contexto é de “moldar, dar forma”; portanto, a alma é a agente que molda, por assim dizer, a aparência do corpo. Acerca de palavras no campo da representação, recomenda-se a leitura do livro: MARTINS, P. *Imagem e Poder*. São Paulo: Edusp, 2011. Cf. capítulo II. Subtítulo “FINGERE”.

³⁶¹ Συμπάθεια indica relação de afinidade. Elencamos algumas acepções do vocábulo em *Greek-English Lexicon*: fellow-feeling, sympathy. 2. [no epicurismo] affection or affinity (of body and soul); 3. affinity, concord of heavenly bodies; 4. Gramm: analogy; 5. Medic.: sympathetic affection of the body. Pseudo-Aristóteles, em *Physiognomonica*, traz esta proposição em 808b11: Δοκεῖ δέ μοι ἡ ψυχὴ καὶ τὸ σῶμα συμπαθεῖν ἀλλήλοις (“Soul and body seem to me to affect each other sympathetically.”) (Tradução: Ian Repath).

³⁶² *Humor* = *umor* apresenta aqui a ideia de “líquido, água”, mas também remete aos humores, fluidos corporais, os quais são importantes na teoria médica associada à fisiognomonía.

³⁶³ O som é distinto porque cada instrumento se diferencia em estrutura e espessura, logo, a mesma quantidade de ar imprime tonalidades variadas ao som produzido.

huiusce possint. Nam sicut in studio litterarum, cum sint uiginti quattuor elementa secundum Graecos quibus omnis uox et omnis sermo comprehenditur, ita et in physiognomonia propositis elementis latissima obseruationis huius uia panditur. Nam et si syllabas omnes in prima aetate didicimus, concepta ui syllabarum, prout quisque sermo prouenerit, mox litterarum ex quibus constat ordinem peruidemus.

feminino, em seguida, designar as marcas dos corpos de ambos e, se não todas, ao menos as marcas que possam abrir³⁶⁴ caminho para este exame. Pois, assim como no estudo do alfabeto que, de acordo com os gregos, constitui-se de vinte e quatro letras por meio das quais todos os sons e palavras são expressos, desse modo, também na fisiognomonia, determinando-se os elementos, revela-se um caminho mais amplo desta prática. Pois, se também tivermos aprendido todas as sílabas na juventude, conhecendo-se o valor das sílabas, conforme cada palavra surge, descobrimos imediatamente a disposição das letras nas quais ela consiste³⁶⁵.

4) *Masculus animus est uehemens, ad impetum facilis, odii immemor, liberalis, apertus, qui hebetari et circumueniri ingenio atque arte non possit, uincendi per uirtutem studiosus, magnanimus. Femininus animus est sollers, ad iracundiam pronus, tenax odii, idem immisericors atque inuidus, laboris impatiens, docilis, subdolus, amarus, praeceps, timidus.*

4) O ânimo³⁶⁶ masculino é vigoroso, propício à impetuosidade, esquecido do ódio, generoso, franco, que não pode ser enfraquecido ou enganado nem pela sagacidade nem pelo ardil, que busca vencer pela coragem³⁶⁷ e magnânimo. O ânimo feminino é ardiloso, propenso à ira, apegado ao ódio, é também impiedoso e invejoso, não

³⁶⁴ Sempre que houver divergência entre o texto em latim adotado e a edição de Foerster, indicaremos em nota a palavra ou expressão presente em Foerster, neste caso: *pandere considerationis*.

³⁶⁵ Acerca do processo de alfabetização: Cf. Quintiliano. *Inst. Oratórias*. I, 1, 25-37.

³⁶⁶ Conforme explicado na nota 1, *animus* é empregado com sentido de “caráter”, mas optamos pela tradução “ânimo” porque a palavra em português carrega também esta acepção.

³⁶⁷ *Virtus* tem acepção de “boas qualidades morais” se traduzirmos por “virtude” (como fizemos nos capítulos 53 e 66); significa “mérito” também, mas a opção por “coragem” serve para contrapor com o adjetivo *timidus* (medroso) do ânimo feminino e que é reforçado ao longo do tratado. A palavra *uirtus* provém de *uir* e a primeira definição trazida no *Oxford Latin Dictionary* é de que se refere às qualidades próprias do homem.

suporta trabalho penoso, dócil³⁶⁸, astucioso, amargo, precipitado e medroso.

5) *Veniamus ad indicia corporis masculini. Caput grande, capillus crassior, rubeus uel niger cum rubore, stabilis, modice inflexus, color rubeus non clari ruboris uel niger, suffusus tamen rubore, oculi paulo impressiores, minaces, subnigri, quos Graeci χαροπὸς uocant, uel glauci. Ceruix esse debet moderatae plenitudinis, aliquanto prolixior, uertex capitis subrectior, scapulae ingentes, humeri et superiores corporis partes usque ad umbilicum latiores, inferiores deductae paulatim plenitudine desinente, lacetuosus, ossibus magnis, nodis et articulis imorum pedum et summarum manuum firmis, non tamen rigidis, sed absolutis, prope imum seiunctis atque discretis, pectore alto et prominente, iugulis* 5) Vamos para as características do corpo masculino. A cabeça grande³⁶⁹ e o cabelo mais³⁷⁰ espesso, ruivo ou preto avermelhado, duro³⁷¹, moderadamente anelado; tez vermelha, não de uma vermelhidão clara, ou escura³⁷², todavia, avermelhada; os olhos um pouco mais afundados, ameaçadores, um tanto escuros – os quais os gregos chamam *charopoi* <cinza-azulados>³⁷³ – ou esverdeados. O pescoço deve ser de moderada grossura e um pouco mais alongado, a cabeça bem reta, as escápulas ingentes, os ombros e as partes superiores do corpo até o umbigo são mais largos; as partes inferiores afiladas, com a corpulência acabando gradativamente.

³⁶⁸ *Docilis* pode ser interpretado de maneira variável ao observarmos a caracterização típica do *ethos* feminino: que aprende com facilidade; instruído, hábil; brando, fácil de manejar. Em geral, o gênero feminino é caracterizado de maneira negativa, portanto, a docilidade é coerente com os demais atributos deste capítulo.

³⁶⁹ Traduzimos o adjetivo *grandis* por “grande” sempre que aparece nas descrições físicas, pois tal acepção parece adequada em todas as ocorrências, contudo, é preciso destacar que o adjetivo *magnus* é igualmente empregado com o mesmo sentido no decorrer do texto. Ambos ocorrem em capítulos distintos, contudo, são empregados simultaneamente neste capítulo; G. Raina (1993), o tradutor italiano, traduz os dois da mesma forma, mas preferimos diferenciá-los nessa passagem.

³⁷⁰ O Anônimo adota constantemente a forma comparativa para alguns adjetivos nas descrições, sem necessariamente haver um segundo elemento da comparação, entendemos que o autor deixa subentendido, no contexto, o elemento com o qual opera a analogia; neste caso, os adjetivos referentes ao corpo masculino contrapõem-se aos do corpo feminino que virá no capítulo seguinte.

³⁷¹ *Capillus stabilis* foi traduzido por I. Repath e J. André como “cabelo liso”, no entanto, parece uma contraposição ao cabelo feminino no capítulo 6 que será *flexibilis* e *mollis*; além disso, em outros capítulos, “liso” não parece ser a tradução mais apropriada para *stabilis*.

³⁷² O adjetivo *niger* é usado com duas acepções nesta mesma passagem, contudo, não é possível na tradução em português adotar o mesmo vocábulo.

³⁷³ Cf. a discussão acerca da tradução das cores dos olhos no cap. 2 desta tese. Adotamos para *χαροπός* a tradução “cinza-azulado” ao longo de nosso estudo, embora seja difícil precisar uma tradução exata. Em todas as ocorrências de *χαροπός*, empregamos a transliteração da forma nominal, visto que será frequente no tratado e sempre virá ao lado dos olhos.

absolutis, uentre lato, compresso paululum intrinsecus, pectus non nimia carne contectum, solido et spisso corpore, ossibus quae sunt sub ilibus, quae a Graecis <ἰσχία> dicuntur, siccioribus et solidis. Item masculinum corpus forte et tolerans laborum est, uocis solidae, aliquanto raucioris, interdum grauis tanquam ex abdito et concauo resonantis, ut est leonum, spiritus densior, multum aeris concipiens ac referens, passibus longis, motus corporis, cum tranquilluss est animus, tardior est, cuius minor sit pars inferior ab umbilico quam est a summo capite ad umbilicum.

Musculoso³⁷⁴, de ossos largos, com as juntas e as articulações da extremidade dos pés e das mãos firmes que, todavia, não são rígidas, mas soltas, separadas e distintas junto à extremidade. O peito alto e proeminente, clavículas soltas, ventre largo e um pouco contraído para dentro, o peito formado por pouca carne, de corpo sólido e consistente, com os ossos sob a bacia – que os gregos chamam *ischia* <ἰσQUIOS>³⁷⁵ – bem secos e sólidos. O corpo masculino é igualmente forte e resistente aos trabalhos, de voz firme³⁷⁶, um pouco mais rouca, às vezes mais grave como se retumbasse de um lugar oculto e côncavo, como é a dos leões; a respiração mais frequente, recebendo e expelindo muito ar; de passos longos, quando a alma³⁷⁷ está tranquila, o movimento do corpo é mais lento. A parte inferior, a partir do umbigo, é menor do que da extremidade da cabeça até o umbigo.

6) Veniamus ad indicia corporis feminini. Caput breue, capillus niger uel a rubeo fuscior, quem Graeci uocant <φαῖαν τρίχα>, rarior, idem flexibilior ac mollior,

6) Vamos para as características do corpo feminino. A cabeça é pequena, o cabelo preto ou uma cor mais escura que ruivo – que os gregos chamam *phaian tricha* <cabelo cinza>³⁷⁸ –, mais

³⁷⁴ Foerster: *lacertosus*.

³⁷⁵ Phillipe Heuzé diz que Homero adota este termo para designar o quadril. *L'image du corps dans l'oeuvre de Virgile*. Paris: École française de Rome. 1985. Collection École française de Rome, v. 86. Cf. p. 29.

³⁷⁶ A tradução “firme” para o adjetivo *solidus* encaixa-se melhor para qualificar a voz; contudo, referindo-se ao corpo em outras passagens, adotaremos “sólido” para não confundir com a tradução do adjetivo *firmus*.

³⁷⁷ Cf. cap. 1 e nota.

³⁷⁸ O adjetivo φαῖός quer dizer “marrom, escuro”, segundo Bailly, no dicionário *Grec-Français*. No *Greek-English Lexicon* (que doravante abreviaremos *GEL* sempre que citarmos esta fonte), a definição é “cinza,

ceruix exilior eademque longior, color candidus uel cum pallore nigrior, quem Graeci <μελάγχλωρον> uocant, pupillae, quas Graeci <κόρας> dicunt, subnigrae uel euidenter nigrae, uultus omnis lenis, inoffensus ac mollis, serenus, affabilis, labia compressa tamquam sint incisa, iuguli cohaerentes atque constricti, ab humeris usque ad umbilicum corpus angustius et breuis, ab umbilico usque ad genua prolixius ac plenius, a genibus usque ad pedum ima deductius, imae manus ac pedes subtiles et eleganter circumscripti, planta concaua et a reliquo uestigio elatior, uox tenuis, moderata, acceptissima auribus, sermo uolubilis ac facilis, incessus decens, breuibis passibus et accuratis.

fino, também mais maleável e mais macio. O pescoço mais delgado e também mais longo; a tez branca ou mais escura com palidez – o que os gregos chamam *melagchloron* <cor de mel>³⁷⁹; as pupilas³⁸⁰ – que os gregos chamam *koras* <pupilas> – um tanto escuras ou vividamente³⁸¹ pretas; o rosto inteiro suave, tranquilo e delicado, sereno, afável, os lábios cerrados como se fossem esculpidos. As clavículas são unidas e contraídas³⁸², o corpo mais estreito e menor dos ombros até o umbigo, mais alongado e mais grosso do umbigo até os joelhos, mais afilado dos joelhos até a extremidade dos pés; as extremidades das mãos e os pés esguios e elegantemente traçados, a planta do pé côncava e mais

qualquer cor misturada entre preto e branco”. Ian Repath afirma que esta cor não é mencionada nos demais tratados de fisiognomonía. Platão, em *Timeu*, 68c, cita esta cor ao tratar da mistura de cores: ἐρυθρὸν δὲ δὴ μέλανι λευκῷ τε κραθὲν ἄλουργόν· ὄρφνινον δέ, ὅταν τοῦτοις μεμειγμένοις καυθεῖσιν τε μᾶλλον συγκραθῇ μέλαν. πυρρὸν δὲ ξανθοῦ τε καὶ φαιοῦ κράσει γίγνεται, **φαιὸν** δὲ λευκοῦ τε καὶ μέλανος, τὸ δὲ ὥχρὸν λευκοῦ ξανθῷ μειγνυμένου. λαμπρῷ δὲ λευκὸν συνελθὸν καὶ εἰς μέλαν κατακορὲς ἐμπεσὸν κυανοῦν χρῶμα ἀποτελεῖται, κυανοῦ δὲ λευκῷ κεραννυμένου γλαυκόν, πυρροῦ δὲ μέλανι πράσιον. “O encarnado misturado com o preto e o branco dá púrpura ou bistro, quando esta mistura é queimada e lhe é acrescentado mais preto. O fulvo gera-se com a mistura de amarelo e cinzento, o cinzento com a mistura de branco e preto, e o ocre de branco misturado com amarelo. Quando se combina branco com brilhante e se mergulha esta mistura em preto carregado, produz-se o azul-escuro; o azul-escuro misturado com branco dá azul-claro, e o fulvo misturado com preto dá verde.” (Tradução: Rodolfo Lopes. 2011)

³⁷⁹ Μελάγχλωρος, variante de μελίχλωρος (amarelo na tonalidade do mel). Trata-se de uma coloração verde-oliva escura ou cor doentia (pálido), segundo *GEL. Physiognomonica*, de Pseudo-Aristóteles, μελίχλωρος está entre as cores das pessoas (812a19) – Simon Swain traduz como “honey-pale”.

³⁸⁰ A tradução “pupila” na verdade estende-se também à íris, visto que a pupila, por si só, não tem cor. A ideia da pupila como a parte do olho dotada de coloração é recorrente ao longo deste tratado.

³⁸¹ Interessante verificar a respeito das cores que o autor mostra haver matizações, por exemplo, ao dizer “*subnigrae uel euidenter nigrae*”, utilizando o advérbio *euidenter* realça-se o grau da cor preta, ao passo que o prefixo *sub-* enfraquece a tonalidade da mesma. O vocabulário parece remeter ainda ao campo retórico, pois o advérbio proveniente do adjetivo “*euidentis*” lembra-nos o conceito da *enargeia*, uma das virtudes do discurso retórico na teoria dos *progymnasmata*, que é a vivacidade, pois é preciso construir o discurso diante dos olhos. As descrições muito simplificadas são frequentes, no entanto, algumas expressões servem para representar traços distintivos e tornar um mesmo aspecto diversificado, elaborando um quadro do elemento descrito de maneira sucinta.

³⁸² Aspecto corresponde exatamente ao contrário do corpo masculino.

elevada do que o restante da sola³⁸³; a voz tênue, moderada, muito agradável aos ouvidos, a conversa³⁸⁴ fluente e fácil, o andar gracioso³⁸⁵, de passos pequenos e cuidadosos³⁸⁶.

7) *Accidunt praeterea species feminino generi quas quidem masculino assignauimus. Quae in quocumque sexu fuerint magis edent ex sese fetum generis masculini. Ea uero accidentia quae feminino generi assignata sunt, in quocumque sexu fuerint, edunt magis sobolem femininam. Item in quocumque*

7) Além disso, ocorrem no gênero feminino aspectos que, de fato, atribuímos ao masculino³⁸⁷. Qualquer que seja o sexo em que estejam tais aspectos, a partir deles, se originarão mais descendentes do gênero masculino. E certamente as qualidades³⁸⁸ que foram

³⁸³ Acepção de *uestigium* no *Oxford Latin Dictionary*: 3. sola [do pé].

³⁸⁴ Acepção de *sermo* é variável no decorrer do tratado; já apareceu no cap. 3 com sentido de “palavra”.

³⁸⁵ Os últimos aspectos descritos ressaltam características positivas do corpo feminino, mas sabemos que o ânimo feminino é marcado por qualidades dissimuladoras que serão reforçadas no restante da obra, tais características servem como recurso para disfarçar os vícios. O fim desta descrição pode ser comparado com a descrição de Semprônia na *Conjuração de Catilina* de Salústio: 25. [...] *Haec mulier genere atque forma, praeterea uiro, liberis satis fortunata fuit; litteris Graecis et Latinis docta, psallere, saltare elegantius quam necesse est probae, multa alia, quae instrumenta luxuriae sunt. Verum ingenium eius haud absurdum: posse uersus facere, iocum mouere, sermone uti uel modesto uel molli uel procaci; prorsus multae facetiae multusque lepos inerat.* “Essa mulher foi bastante afortunada pela origem e pela beleza, além disso, pelo marido e filhos; [era] douta em letras gregas e latinas, tocava cítara, dançava mais graciosamente do que era necessário a uma mulher honesta, além de muitas outras características, que são instrumentos da luxúria. [...] Seu engenho, na verdade, não era comum: sabia fazer versos, provocar o riso, com uma conversa discreta, agradável ou ousada; em resumo, tinha muita jovialidade e muito encanto.” (Tradução nossa. 2013)

³⁸⁶ Foerster: *acceleratis*. O adjetivo *accuratis* é também admitido por Foerster no aparato crítico e compõe bem a descrição do andar feminino que é gracioso (*incessus decens*).

³⁸⁷ O cap. 7 deste tratado fisiognomônico deixa evidente a oposição entre vícios, mais comuns no gênero feminino, e virtudes; embora não declare claramente tal oposição, é perceptível no conjunto das descrições que a fisiognomonia propõe modelos de indivíduos virtuosos. Uma passagem na *Conjuração de Catilina*, cap. 11, discorre acerca da ambição e a associa ao comportamento feminino: 11. *Sed primo magis ambitio quam auaritia animos hominum exercebat, quod tamen uitium propius uirtutem erat. nam gloriam honorem imperium bonus et ignauos aequae sibi exoptant; sed ille uera uia nititur, huic quia bonae artes desunt, dolis atque fallaciis contendit. auaritia pecuniae studium habet, quam nemo sapiens concupivit: ea quasi uenenis malis inbuta corpus animumque uirilem effeminat, semper infinita <et> insatiabilis est, neque copia neque inopia minuitur.* [ed. A. Kurfess, 1957] “No entanto, a princípio a ambição, mais do que a ganância, acossava as almas das pessoas, vício, porém, que está mais perto da virtude. Realmente, o bom e o mau anseiam igualmente pela glória, pelas honras, pelo poder; aquele esforça-se por alcançá-los, mantendo-se no bom caminho, este, porque lhe faltam as boas qualidades, luta com as armas do engano e da mentira. A cobiça tem a paixão pelo dinheiro e nenhum sábio o desejou. Ela, como que impregnada de veneno funesto, efemina o corpo e a alma viril; é sempre ilimitada, insaciável; não diminui nem com a fartura nem com a penúria.” (Tradução: Antônio da Silveira Mendonça. 1990)

³⁸⁸ A tradução de *accidentia* aqui corresponde à “qualidade” porque se refere às características próprias do gênero feminino, mas que podem manifestar-se no masculino – neste sentido, o termo é adequado para representar aspectos acidentais e que não constituem a essência do gênero masculino. Mais adiante, no cap. 11, “*ex accidentibus*” será traduzido de maneira distinta justamente por se tratar de características essenciais.

corpore pars aliqua dextra maior fuerit uel oculus uel manus uel mamilla uel testiculus uel pes, uel uertex capitis ad dextram magis se conferat, uel si ex duobus uerticibus uel tribus maior in dextris partibus fuerit, assignantur haec omnia indicia generi masculino. Si aliqua pars ex sinistris maior inuenta fuerit, assignatur his indiciis generi feminino. Et si uertex capitis ad sinistram partem magis conuersus fuerit uel ex duobus aut tribus maior sinister fuerit, assignabitur generi feminino. Sed et nares et labia cum ad dextram partem magis conuersa sunt, masculinum, cum ad sinistram, femininum genus profitentur. Si autem uel in femina dexteram partes maiores uel in masculo sinistras perspexeris, scito iactantem, qui graece <ἁλάζων> dicitur, ac mendacem esse huiusmodi personam; nam et uitia congruenti ratione protrahunt corpora. Nam in masculino quidem genere sinistrae partes magis infirmitatem concipiunt ac uitia, dextrae uero in genere feminino.

atribuídas ao gênero feminino, em qualquer sexo que estejam, originarão mais a linhagem feminina. Igualmente, em qualquer corpo em que alguma parte no lado direito seja maior – seja o olho, a mão, o seio, o testículo ou o pé –, ou que a cabeça fique mais voltada para a direita, ou se de duas ou três extremidades³⁸⁹ a maior esteja numa parte do lado direito, todas essas características são atribuídas ao gênero masculino. Se for descoberta alguma parte maior no lado esquerdo, de acordo com tais características, atribui-se ao gênero feminino. E a cabeça estiver voltada mais para a parte esquerda ou se de duas ou três extremidades a da esquerda for maior, isso será atribuído ao gênero feminino. Também quando o nariz e os lábios estão voltados mais para a parte direita, isso manifesta o gênero masculino, para a parte esquerda, o feminino. Porém, se perceberes na mulher que as partes do lado direito são maiores, ou no homem, do lado esquerdo, deves saber que uma pessoa desse tipo é jactante, – o que em grego se chama *alazon* <enganador>³⁹⁰ – e mentirosa; pois os corpos também revelam³⁹¹ os

³⁸⁹ Traduzimos, antes, *uertex* como “cabeça”, mas tem sentido distinto no mesmo capítulo, significando as demais extremidades do corpo; Ian Repath e Giampiera Raina também diferenciaram o vocábulo com diferentes traduções, J. André, por sua vez, manteve “*vertex*” em todas as ocorrências de *uertex*.

³⁹⁰ Personagem da Comédia Nova. *As nuvens*, 102-4: {Φε.} αἰβοῖ, πονηροί γ', οἶδα. τοὺς ἁλαζόνας, τοὺς ὠχρῶντας, τοὺς ἀνυποδήτους λέγεις, ὃν ὁ κακοδαίμων Σωκράτης καὶ Χαιρεφῶν. “FIDIPIDES: Agora eu sei quem são eles! Você está falando daqueles **vigaristas**, descalços e brancos, daquela turma onde estão o maldito Sócrates e o Cairefon maldito.” (Tradução: Mario da Gama Kury. 2013)

³⁹¹ Foerster: *contrahunt* em vez de *protrahunt*.

vícios de modo congruente. Com efeito, as partes do lado esquerdo no gênero masculino, certamente, reúnem mais fraqueza e vícios³⁹², no gênero feminino, seguramente, é o lado direito.

8) *Iuxta hanc generum diuisionem etiam animalia multa discreta sunt et terrena et pennata et aquatilia et serpentina. Nam leo, aper ad masculinum genus referuntur, pardus, ceruus, lepus ad femininum, aquila, accipiter ad masculinum genus, pauus, perdix, pica ad femininum.*

8) Consoante essa divisão dos gêneros, também são distinguidos muitos animais terrestres, alados, aquáticos e serpentin³⁹³. Com efeito, o leão e o javali são relacionados ao gênero masculino, o leopardo, o cervo e a lebre, ao feminino, a águia e o gavião³⁹⁴, ao gênero masculino, o pavão, a perdiz e a pega³⁹⁵, ao feminino.

9) *Denique tria genera ueteres instituerunt quibus physiognomoniam exercuerunt. Nam primo gentium uel prouinciarum propositis moribus ad similitudinem singulos quosque homines referebant, ut dicerent: “Hic Aegyptio est similis, Aegyptii autem sunt callidi, dociles, leues, temerarii, in uenerem proni; hic Celto,*

9) Os antigos então instituíram três métodos³⁹⁶ com os quais praticaram a fisiognomonía. Com efeito, tendo primeiro determinado o caráter dos povos ou das províncias³⁹⁷, relacionavam cada homem à semelhança daqueles, assim diriam: “Este é semelhante a um egípcio, ora, os egípcios são astutos, dóceis,

³⁹² A proposição de que o lado direito no corpo masculino é maior e o esquerdo representa as fraquezas e vícios pode ser fundamentado já na teoria aristotélica, em *História dos animais*, 493b: “Ἐχει δ’ ὁ ἄνθρωπος καὶ τὸ ἄνω καὶ τὸ κάτω, καὶ τὰ ἐμπροσθεν καὶ τὰ ὀπίσθια, καὶ δεξιὰ καὶ ἀριστερά. Τὰ μὲν οὖν δεξιὰ καὶ ἀριστερὰ ὅμοια σχεδὸν ἐν τοῖς μέρεσι καὶ ταῦτ’ 20. πάντα, πλὴν ἀσθενέστερα τὰ ἀριστερά.” “O ser humano tem portanto uma parte alta e outra baixa, uma anterior e outra posterior, um lado direito e um esquerdo. Os lados direito e esquerdo são praticamente idênticos nas partes que os constituem e em tudo o mais, exceção feita ao facto de o lado esquerdo ser mais débil.” (Tradução: Maria de Fátima S. e Silva. 2006)

³⁹³ Há apenas um exemplo de animal serpentino: a cobra, no cap. 128, sem que haja detalhes acerca de uma espécie específica.

³⁹⁴ Outra aceção para *accipiter* é “falcão” – de acordo com SARAIVA F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino-Português* –, ambos são aves de rapina. As aves de rapina são mencionadas no cap. 16 e a coruja ainda é tema do cap. 129; da águia, o Anônimo fala pouco, contudo, está bem presente na teoria fisiognomônica, principalmente na descrição do nariz aquilino.

³⁹⁵ Ave da família dos corvídeos.

³⁹⁶ Adota-se “método” para traduzir *genus* neste capítulo uma vez que a aceção aqui é distinta dos capítulos anteriores, nos quais se referia à oposição masculino e feminino e consideramos “gênero”; sempre que *genus* estiver relacionado às três vertentes conhecidas de prática fisiognomônica, a tradução mais apropriada é “método”.

³⁹⁷ Método etnológico. Cf. capítulos 1 da tese em que são explicados os três métodos.

id est Germano, est similis, Celti autem sunt indociles, fortes, feri; hic Thraci est similis, Thraces autem sunt iniqui, pigri, temulenti.” *Processu autem temporis etiam hoc genere physiognomoniam assecuti sunt homines, quod obseruarent quo quis esset uultu uel in quo corporis statu per singulos animi sui motus, id est quis esset uultus irati, quis cogitantis, quis timentis, quis in libidinem proni quisque furentis. Quemcumque igitur perspexissent physiognomones nulla existente furoris causa furenti habere proximum uultum nec existente ira irascenti nec proposita cogitatione cogitanti, uel furiosum uel iracundum uel cogitatorem pronuntiabant. Tertium accessit ut ad similitudinem animalium de animis hominum pronuntiaretur. Et certior ac facilius haec uia uisa est nec tamen omissae sunt priores. Denique signa plurima ad similitudinem animalium referuntur.*

fúteis³⁹⁸, temerários e propensos ao sexo³⁹⁹; este é semelhante ao celta, ou seja, germano⁴⁰⁰, ora, os celtas são indóceis, fortes e ferozes; este é semelhante ao trácio⁴⁰¹, ora, os trácios são iníquos, preguiçosos e beberrões”. Porém, com o passar do tempo, os homens entenderam a fisiognomonía também neste outro método: observavam como era o semblante ou a postura do corpo para cada movimento de sua alma, ou seja, um semblante que seria do irado, um do pensativo, um do temeroso, um do propenso ao desejo e um do enlouquecido⁴⁰². Logo, os fisiognomonistas reconheceriam quem quer que tivesse o semblante próximo do enlouquecido, sem que houvesse razão para loucura, ou do irado, sem ira existente, ou do pensativo, sem algum pensamento determinado, e os designavam enlouquecido, irado ou pensativo. Acrescentou-se um terceiro método para designar os ânimos dos homens conforme sua semelhança com

³⁹⁸ Outras acepções possíveis (Saraiva): ágil, leviano, vaidoso. Há ainda aspectos positivos entre as possibilidades de tradução, tais como “agradável, afável”, mas não se enquadram no *ethos* vicioso atribuído aos egípcios. Cf. Amiano Marcelino, XXII, 16, acerca das características dos egípcios.

³⁹⁹ O substantivo *uenus* é construído com outros vocábulos, tal como *pronus*, para designar a propensão ao sexo. Sempre que houver variação quanto ao significado, visto que *uenus* remete ao sentimento amoroso, traremos um comentário para elucidar a dúvida.

⁴⁰⁰ Como destacam I. Repath e J. André, o adjetivo *celtus* é raramente empregado e é possível encontrar seu correspondente grego também no tratado de Adamantio (B, 31) o vocábulo latino restringe-se aos gauleses, mas o Anônimo estende o sentido aos germanos, uso já presente em outros autores. Cf. Dissertação de Mestrado de Henrique Verri Fiebig: *Para além do limes: A Germania de Tácito em gênero e germano*. Orientador: Prof. Dr. Paulo Martins. FFLCH – USP/ SP. 2014. O capítulo IV da *Germania* de Tácito descreve os germanos, ressaltando-se sua força física (passagem citada no cap. 4 desta tese).

⁴⁰¹ A embriaguez dos trácios é mencionada por Horácio, por exemplo, nas odes I, 27, 1-4 e I, 36, 14.

⁴⁰² Método anatômico. Cf. capítulos 1 da tese em que são explicados os três métodos.

os animais⁴⁰³ – este parecia o caminho mais certo e mais fácil, mesmo assim, os anteriores não foram deixados de lado. Desse modo, vários sinais são relacionados conforme a semelhança com os animais.

10) *Haec praedicta sunt ad indicia utriusque speciei sincera et mera concipienda, quo discretio masculini et feminini generis intellectui clara et euidens esse monstretur. Verum sciendum permixtionem plurimam esse signorum tam in hominibus quam in animalibus ceteris, et quae generalia posuimus et quae mox specialia subsequuntur. Nec aliter ingenium bonum constat, nisi uirtutem ex masculina, sapientiam ex feminina specie conceperit. Vbi itaque multa compugnantia signa conuenerint, pronuntiandum quidem secundum ea quae uel plura sunt uel clariora uel potiora. Nam multa paucis praeponenda sunt, clara obscuris, potiora minoribus. Pro modo autem oppugnantium signorum quae obtinebunt mitigabuntur. Potissima autem signa iudicabuntur oculorum. Hos enim tamquam fores animae uidere uolunt; nam et animam dicunt per oculos emicare et solum hunc aditum esse per quem animus adiri atque introspecti possit, subsequi autem*

10) As características supracitadas devem ser recebidas como puras e sem mistura⁴⁰⁴ de ambas as espécies⁴⁰⁵, para que a distinção entre o gênero masculino e o feminino esteja clara e evidente ao intelecto. Deve-se saber que, na verdade, é numerosa a mistura de sinais tanto nos homens quanto nos outros animais, não apenas os gerais que expusemos como também os particulares que se seguirão⁴⁰⁶ em breve. Não existe um bom engenho a não ser que se reúna a coragem da espécie masculina e a sabedoria da feminina. Portanto, onde muitos sinais opostos estiverem reunidos, na verdade, deve-se designar o ânimo segundo aqueles que são mais numerosos, mais claros ou mais importantes. Com efeito, em relação aos sinais, deve-se preferi-los em grande número, claros e significativos, em vez de poucos, obscuros e insignificantes. Contudo, à medida que existam sinais

⁴⁰³ Método zoológico.

⁴⁰⁴ Os dois adjetivos, *sincerus* e *merus*, são redundantes e reforçam a ideia de que a princípio os sinais devem ser compreendidos de maneira isolada.

⁴⁰⁵ Optamos pela tradução de *species* de maneira distinta do capítulo 7 (“aspecto”), pois aqui quer dizer os dois gêneros que são o masculino e o feminino, conforme se evidencia na sequência.

⁴⁰⁶ A combinação de sinais, como se verá nas análises deste tratado, é um princípio da teoria fisiognômica, visto que alguns sinais são mais significativos do que outros.

indicia cetera quae in uultu et capite constituta sunt et prout est singularum dignitas corporis partium, ita et signorum uis habetur.

conflitantes, estes abrandarão os sinais prevaletentes. No entanto, os sinais dos olhos serão considerados os melhores; com efeito, prefere-se considerá-los como portas da alma⁴⁰⁷, pois dizem que a alma resplandece pelos olhos e existe somente esta entrada para que o ânimo possa ser exposto e investigado. Depois, seguem-se outros sinais estabelecidos no semblante e na cabeça, e a força dos sinais se obtém conforme o valor de cada uma das partes do corpo.

11) *Quicumque igitur physiognomoniam assequitur, primo memoriae mandare debet significationes signorum, secundo dignitates eorum cognitae habere, tertio quaecumque signa reppererit conicere atque ea inter se conferre, ut ita uerbi causa constituat: “Habet hic homo cilia quidem loquacis, frontem uero cogitatoris, oculos furiosi. Frons loquacem non in totum patitur esse una et cilia cogitationi et fronti derogant, rursum oculorum asperitas non nihil statum frontis infringit. Secundum haec minus importunae loquacitatis et calidi ingenii potius quam euidenter furiosus homo iudicabitur.” Sed non tam paruum interest*

11) Logo, quem quer que busque praticar a fisiognomonia, primeiramente, deve memorizar os significados dos sinais, em segundo lugar, conhecer seus valores, em terceiro, interpretar e comparar entre si quaisquer sinais que descobrir, para que assim se estabeleça, por exemplo: “Este homem tem, certamente, os cílios⁴⁰⁸ de um loquaz, no entanto, a aparência⁴⁰⁹ de um pensador e os olhos de um louco. A aparência só⁴¹⁰ não admite, no todo, que seja loquaz, e os cílios anulam também a aparência pensativa, por outro lado, a aspereza dos olhos enfraquece em certa medida a

⁴⁰⁷ Trata-se de um conceito muito difundido na cultura ocidental. Cf. CÍCERO. *Orador*, XVIII, 59-60 (explicamos esta proposição na Introdução de nossa pesquisa) – citamos, ao longo da tese, outros exemplos que corroboram esta afirmação.

⁴⁰⁸ “Cílio” pode ser adotado nesta passagem para *cilium*, pois a descrição é concisa, sem análise detalhada; contudo, veremos que o sentido de *cilium* é mais amplo, não remetendo apenas aos pelos das pálpebras, mas também à região em que ficam os pelos, a área externa da pálpebra; portanto, às vezes, a tradução como “cílio” será possível. No cap. 43, para designar apenas os pelos presentes nesta região, o autor emprega “*palpebrarum capilli*”.

⁴⁰⁹ *Frons* apresenta dupla interpretação no tratado, visto que remete tanto ao semblante, como neste capítulo, quanto à testa, uma parte que será analisada no cap. 17.

⁴¹⁰ Ausente em Foerster: *una*.

inter oculos furiosos et prope furiosos uel iratos quam uidetur, nec tam paruum interest inter frontem cogitantis et saeuientis quantum interesse facile aestimatur. Parua etenim haec magna sunt et effectus uehementes habent, quamquam ita pleraque obscura sint ut non oculis interdum, sed uix animo comprehendantur et ex accidentibus potius quam ex semet intelligantur. Nam multa signorum et casus fortuiti et conuersatio humana et propria industria nostrae facultatis obscurat et celat. Nam et aetates et aegritudines et dolor et iracundia et tristitia et sollicitudo temporalis licet non omnia signa, nonnulla tamen permiscunt atque permutant. Quare artifex rei huius et diutius considerabit, ut a temporalibus naturalia discernat, et non uni uel duobus indiciis se committet, sed plura et potiora saepius denotabit et ex improuiso nec praecauentem aut se praemunientem considerabit, quamuis et praecauentem attentus artifex detegat. Nam et maledicus qui se latere facilius posse credebat inducto ab aliis maledicendi initio libidinem suam lacrimis prodidit, ut uoraces, cum suauitatem cibi, temulenti, cum uini copiam nanciscuntur. Alium in balneis uox absque sermone profecta detexit libidinibus subiugatum, alius sternutamento subito uirum se non esse confessus est.

condição da aparência. Segundo tais características, o homem será menos considerado de importuna loquacidade e de ardente engenho do que de evidente loucura”. Mas não se diferencia tão pouco quanto parece os olhos do louco, os do quase louco ou do irado; nem tão pouco se diferencia a aparência do pensativo e do enraivecido quanto se julgue fácil diferenciá-las. De fato, tais detalhes são importantes e têm efeitos fortes, ainda que sejam obscuros em sua maioria de modo que, às vezes, não sejam percebidos pelos olhos, mas com dificuldade pelo ânimo, e sejam discernidos antes pelos aspectos acidentais do que por si mesmos. Com efeito, as circunstâncias fortuitas, o convívio humano e a própria atividade do nosso talento obscurecem e escondem muitos dos sinais. Com efeito, tanto a idade, as enfermidades, a dor, a irascibilidade, a tristeza como a preocupação, temporárias, misturam e alteram alguns sinais, embora não todos⁴¹¹. Portanto, o artífice⁴¹² da fisiognomonia também observará por muito mais tempo para distinguir os sinais naturais dos temporários, e não confiará em um ou dois indícios, mas

⁴¹¹ Diferente interpretação de J. André e G. Raina: “[...] un certain nombre de signes, sinon tous.”; “[...] se non tutti, almeno alcuni dei segni.”

⁴¹² *Artifex* pode ser traduzido por “aquele que exerce uma arte, artista” (Saraiva), escolhi manter o termo próximo do original porque remete, de certa maneira, à definição da própria fisiognomonia, reconhecida pelo autor como *ars*.

muito frequentemente⁴¹³ indicará inúmeros e melhores e examinará inesperadamente a pessoa sem que ela se previna ou se proteja, ainda que um artífice atento descubra quem se previne. Com efeito, também o maledicente que julgava poder ocultar-se muito facilmente, traiu seu desejo pelas lágrimas quando outros começaram a maldizer, assim como os vorazes quando encontram a suavidade do alimento e, os bebedores, a abundância do vinho. Um murmúrio, sem qualquer palavra, revelou um nos banhos públicos⁴¹⁴ subjugado pelo desejo, um outro confessou por meio de súbito espirro não ser ele um homem.

<p>12) <i>Sed priusquam ad singula ueniamus indicia uel signa, sciendum est quod sanguis, in quo sedem Loxus animae esse constituit, si quidem multus sit, corpori quidem praebet augmentum et ruborem et capillis soliditatem et densitatem, sensus tamen et intellectus humani acumen constringit et hebetat atque intercipit, si tenuis et paruus, corpus infirmat, colorem deformat, corporalia omnia extenuat et minuit, mentis autem ingenium confouet et acumen animi excitat nec intercludit mobilitatem eius ac motum, uelocitatem</i></p>	<p>12) Mas antes de irmos para cada indício ou sinal, deve-se saber que o sangue – estabelecido por Loxo como a morada da alma –, se de fato for abundante, certamente, proporciona crescimento e rubor ao corpo e também firmeza e densidade aos cabelos; contudo, essa abundância restringe, entorpece e também embarga os sentidos e a agudeza do intelecto humano. Se o sangue for fino e pouco abundante, debilita o corpo, deforma a cor, afina e</p>
--	--

⁴¹³ Foerster: *semper* em vez de *saepius*.

⁴¹⁴ Cf. Marcial a respeito do costume dos banhos públicos: **I, 96, 10-3: *Rogabit, unde suspicer virum mollem. / Vna lavamur: aspicit nihil sursum, / Sed spectat oculis devorantibus draucos/ Nec otiosis mentulas videt labris.*** [M. Valerii Martialis Epigrammaton Libri. ed. W. Heraeus; J. Borovskij.1294] “Ele perguntará donde me vem a suspeita de que o tipo é maricas. / Tomamos banho juntos: ele nunca olha para cima, / mas observa, com olhos devoradores, os sodomitas, / e não olha os seus membros com lábios indiferentes.” (Tradução: José Luís Brandão)/ **IX, 33: *Audieris in quo, Flacce, balneo plausum, / Maronis illic esse mentulam scito.*** “Quando ouvires, Flaco, em umas termas bater palmas/ fica a saber que ali está o vergalho de Marão.” (Tradução: José Luís Brandão)

denique confert omnibus sensualibus membris quae sunt in nostris uultibus constituta, ut sunt aures, oculi, lingua, nares et quaecumque uenae sunt sanguinis. Vnde medium temperamentum corporis perfectum animum indicat, is autem perfectus est animus qui pari uirtute est atque sapientia, et ita fit ut omne ingenium ex modo et temperamento sanguinis originem sumat.

reduz todas as partes do corpo; no entanto, fomenta o engenho da mente, desperta a agudeza do ânimo e não priva o indivíduo de sua mobilidade e movimento, por fim, confere rapidez a todos os órgãos sensoriais, os quais estão localizados em nosso rosto: são os ouvidos, os olhos, a língua, o nariz e quaisquer vasos sanguíneos. No corpo em que o temperamento⁴¹⁵ for moderado, indica-se um ânimo perfeito, logo, este ânimo que é perfeito apresenta-se igual em virtude e sabedoria. Desse modo, ocorre que todo engenho tem sua origem a partir da quantidade de sangue e de seu temperamento.

13) *Sciendum etiam quod de capillis his qui cum homine nascuntur certiora sint signa, ut capitis, superciliorum et oculorum.*

13) É preciso também saber que⁴¹⁶ dos pelos que nascem com o homem provém sinais bastante confiáveis, tais como os pelos da cabeça, das sobrancelhas e dos olhos.

Incipiamus a capite.

Começemos pela cabeça.

14) *Capilli stabiles idemque nigri uel sordidi et aquati ruboris et crassi uiolentum hominem indicant: referuntur ad suem. Capilli molles et ultra modum tenues, rubei et rari penuriam sanguinis, eneruem, sine uirtute ac femininum animum indicant et*

14) Os cabelos duros⁴¹⁷, também pretos ou de um ruivo sem brilho e aguado e espessos indicam um homem violento: são relacionados ao porco. Os cabelos macios e demasiadamente finos, ruivos e ralos⁴¹⁸ indicam a escassez do

⁴¹⁵ O *temperamentum* é um elemento da teoria médica que remete à combinação equilibrada dos humores corporais.

⁴¹⁶ *Quod* está ausente no texto de Foerster aqui, pois aparece adiante: “[...] nascuntur quod certiora sint signa [...]”.

⁴¹⁷ Cf. nota 14 (cap. 5 – descrição da aparência masculina).

⁴¹⁸ *Rarus* já foi traduzido como “fino” no cap. 6, opondo-se a *crassus* do cabelo masculino, no entanto, o adjetivo *tenuis* está presente nesta sequência do cap. 14 e aparece mais frequentemente no tratado com tal acepção; na verdade, há aqui uma descrição redundante, visto que tanto *rarus* como *tenuis* podem significar “pouco numeroso”, ademais, o cabelo fino traz como consequência sua escassez, pois tem menos força.

quanto rariores fuerint, tanto magis subdolum. Capilli crispini nimum subdolum, auarum, timidum, lucri cupidum hominem ostendunt. Referuntur autem tales ad gentem Aegyptiorum, qui sunt timidi, et ad Syrorum, qui sunt auari. Capilli densi imminentes fronti nimum ferum animum declarant, quia referuntur ad speciem ursi. Capilli supra medium frontis resupini ad cerebrum respicientes calidum et minus sapientem animum dicunt; referuntur enim ad gentes barbaras. Capilli rigidi et rari frigidum hominem et timidum profitentur. Capilli flauii et crassi et albidiores indociles et indomitos mores testantur; referuntur autem ad gentem Germanorum. Capilli densi et uasti iuxta tempora et circa aures calidum et libidinosum ingenium manifestant. Capilli iuxta tempora tenues et rari frigidum et sine uiribus hominem detegunt. Capilli subnigri, quos Graeci οἰνωπὸς dicunt, et tenues bonos indicant mores, si non sint nimis densi. Capilli flauii tenues bonos mores ostendunt, si sint minus densi. Capilli subflauii tenues, aliquanto densiores bonos mores significant. Cum autem ultima linea capillorum capitis fronti imminet, animosum ac semiferum indicat hominem. Cum autem a fronte recedit, minus calidum et parui intellectus animum

sangue, um ânimo debilitado, sem coragem e feminino e, quanto mais ralos forem os cabelos, mais astucioso será o indivíduo. Os cabelos crespos mostram um homem excessivamente astucioso, avaro, medroso e desejoso de lucro: tais cabelos são relacionados aos egípcios, que são medrosos, e aos sírios, que são avaros. Os cabelos densos e suspensos sobre a fronte mostram um ânimo excessivamente feroz porque são relacionados à espécie do urso. Os cabelos puxados para trás, sobre o meio da fronte, que se voltam para o topo da cabeça⁴¹⁹, dizem tratar-se de um ânimo ardente e menos sábio: com efeito, são relacionados aos povos bárbaros. Os cabelos eriçados⁴²⁰ e ralos manifestam um homem frígido e medroso. Os cabelos loiros, espessos e bem descolorados dão a conhecer o caráter⁴²¹ indócil e indômito; logo, são relacionados aos germanos. Os cabelos densos e enormes perto das têmporas e ao redor das orelhas manifestam um engenho ardente e libidinoso. Os cabelos finos e ralos perto das têmporas revelam um homem frígido e sem forças. Os cabelos um pouco escuros – os quais os gregos chamam

⁴¹⁹ Prefere-se aqui o significado atribuído no *Oxford Dictionary*: 2. *top of the head, skull*.

⁴²⁰ *Rigidus* poderia também ser traduzido como “duro, rijo, inflexível”, tal acepção, porém, já está presente em *stabilis*. Vale lembrar que *rigidus* também significa “enregelado, gelado” e na sequência do texto temos o adjetivo *frigidus* na caracterização deste tipo de indivíduo.

⁴²¹ Até agora o Anônimo só havia adotado *animus* para referir-se à índole natural, *mores* é adotado diversas vezes ao longo da obra com o tradicional significado de “caráter”.

declarat. Vltima linea capillorum ex parte posteriori cum per mediam ceruicem demittitur atque in acutum longius desinit, calidum, insipientem, libidinosum animum indicat. Vltima linea capillorum ex posteriori parte cum longe superior a ceruice est, tardum, timidum, femineum, iracundum animum indicat.

oinopous <escuros como vinho> – e finos, caso não sejam excessivamente densos, indicam um bom caráter. Os cabelos loiros e finos mostram o bom caráter, caso sejam menos densos. Os cabelos aloirados, finos e um tanto mais densos significam um bom caráter. Além disso, quando uma extremidade do cabelo⁴²² está suspensa sobre a fronte da cabeça, indica um homem animoso e meio selvagem. No entanto, quando está para trás da fronte, mostra um ânimo menos ardente e de pouca inteligência. Quando a extremidade do cabelo na parte detrás está caída sobre o meio do pescoço e termina num ponto mais distante, indica um ânimo ardente, insensato e libidinoso. Quando a extremidade do cabelo na parte detrás está distante do pescoço, indica um ânimo indolente, medroso, feminino e irascível.

15) *Cutis capitis rugosa uel laxior si fuerit, animum resolutum, mollem, femineum indicat; si dura uel densa uel astricta est, laudis appetentem et prope stolidum hominem demonstrat. Optimum ergo est in cute capitis temperamentum quod nec laxum satis neque satis strictum sit.*

15) Se a pele da cabeça for rugosa ou mais porosa indica um ânimo mole, delicado e feminino; se for áspera, densa⁴²³ ou contraída, demonstra um homem ávido por elogio e quase estúpido. Logo, a melhor combinação⁴²⁴

⁴²² *Vltima linea capillorum* é expressão de difícil tradução. J. André adotou “la dernière rangée de cheveux”; I. Repath traduz em inglês como “the fringe of the hair”; e G. Raina, em italiano, “l’attaccatura dei capelli”. Acreditamos que nenhuma dessas traduções são claras se considerarmos que *fringe*, quando se refere ao cabelo, se entende “franja”, a tradução italiana significa “couro cabeludo”, já em francês a tradução parece literal. Consideramos esta expressão como referência às extremidades do cabelo, compreendendo a franja e a ponta do cabelo na parte detrás, dependendo do contexto.

⁴²³ Foerster: *tensa* em vez de *densa*.

⁴²⁴ *Temperamentum* aqui remete à condição intermediária das características, diferentemente da acepção encontrada no cap. 12 a respeito do equilíbrio dos fluidos corporais.

16) *Caput cum aliquanto maius est quam exigit modus, sensibus uiget, sed et uirtutem et magnificentiam indicat. Caput breue sine sensu, sine sapientia est. Caput prolixum imprudentiae signum est. Caput humile, planum insolentiae nota est. Caput breue, prope rotundum impudentiae argumentum est: refertur ad rapaces aues. Caput moderatum ingenium indicat sapiens et uigens sensibus, aliquando tamen timidum et minus liberale. Caput immensum stultum et stolidum et indocilem uehementer ostendit. Caput obliquum impudentiam designat. Caput ex priori parte eminens insolentem notat. Caput ex posteriori parte concauum dolosum et iracundum indicat. Caput magnum cum fronte lata et omni uultu prominenti tardum, mansuetum, fortem, indocilem, hominem demonstrat: refertur ad bouem. Caput malleo simile ante ac retro impudentem monstrat. Caput rectum, quod sit in medio leniter humile ac prope planum, aliquanto maius quam si sit mediae magnitudinis, sensibus uigentem magnanimumque declarat.*

para a pele da cabeça é a que não seja muito porosa, nem muito obstruída.

16) Quando a cabeça é um tanto maior do que se estabelece como tamanho médio, é o notável nos sentidos, mas também indica coragem e grandeza. A cabeça pequena é desprovida de sentidos e de sabedoria. A cabeça alongada é sinal de imprudência. A cabeça achatada e plana é marca da insolência. A cabeça pequena, quase redonda, é indício de impudência: relaciona-se às aves de rapina. A cabeça de tamanho moderado indica um engenho sábio e notável nos sentidos, porém, às vezes, medroso e menos generoso. A cabeça imensa mostra veementemente o estulto, estúpido⁴²⁵ e indócil. A cabeça sinuosa designa a impudência. A cabeça saliente na parte da frente é marca do insolente. A cabeça côncava na parte detrás indica o doloso e irascível. A cabeça grande, com a fronte larga e o rosto inteiro proeminente, demonstra um homem indolente, pacato⁴²⁶, forte e indócil: relaciona-se ao boi. A cabeça semelhante ao martelo⁴²⁷, na frente e atrás, mostra o impudente. A cabeça reta, que seja levemente achatada no meio e quase plana, e um tanto maior

⁴²⁵ Passagem redundante.

⁴²⁶ *Mansuetus* pode ser entendido nesta passagem como “domado, doméstico”, próprio de animais, visto que é logo em seguida comparado ao boi, contudo, optamos pela tradução “pacato” para designar o homem desta espécie.

⁴²⁷ Foerster insere <prominens> antes de *impudentem*, condizente com a descrição do cap. 106 deste tratado.

do que a dimensão média apresenta alguém notável nos sentidos e magnânimo.

17) *Frons angusta indocilem, inquinatum, uoracem significat: refertur ad porcum. Qui frontem spatiosam nimium habent pigrioris ingenii sunt. Qui frontem oblongam habent sensibus praeualent et sunt dociles, ut canes. Humilem habere frontem uirile non est. Curua frons eadem alta et rotunda stoliditatis indicium est. Frons quadrata moderatae magnitudinis congruens corpori ac uultui magnae uirtutis, sapientiae et magnanimitatis indicium est. Qui frontem planam atque continuam habent plurimum honori suo uindicant et ultra meritum. Quibus frons tamquam obducta est capite imminente insolentes sunt. Quibus frons in medium tanquam obstricta conuenit iracundi sunt. Qui rugas frontis superius retractas habent et maxime eas quae sunt ad originem narium cogitatores sunt. Qui laxam atque diffusam frontis cutem proferunt et tamquam arridentem blandi quidem, non tamen innoxii sunt: referuntur ad speciem blandientium canum. Quibus frons aspera est, ut in ea existant sicut colles et caua quaedam tamquam defossa, uersuti et auari sunt, si non insani sint uel stulti. Qui tensam habent frontem securi sunt.*

17) A fronte estreita significa o indócil, vil e voraz: relaciona-se ao porco. Aqueles que têm a fronte demasiadamente extensa são de engenho preguiçoso. Aqueles que têm a fronte oblonga são superiores nos sentidos e dóceis, como os cães. Ter a fronte achatada não é um sinal viril. Uma fronte arqueada e ao mesmo tempo alta e redonda é sinal de estupidez. A fronte quadrada de dimensão moderada, em conformidade com o corpo e o rosto, é sinal de grande coragem, de sabedoria e de magnanimidade. Aqueles que têm a fronte plana e regular reivindicam demais a sua própria honra, além de seu merecimento. São insolentes aqueles cuja fronte parece escondida, com a cabeça pendente⁴²⁸. São irascíveis aqueles cuja fronte se junta no meio parecendo franzida. Aqueles que têm rugas repuxadas em cima da fronte, sobretudo as localizadas na origem do nariz, são pensadores. Aqueles que trazem a pele da fronte porosa e estendida, como se estivessem sorrindo, são carinhosos, todavia, não são inofensivos: relacionam-

⁴²⁸ *Obductus* poderia ser compreendido como “franzido”, mas o particípio *obstrictus* que aparece na espécie seguinte representa a fronte franzida; por essa razão, entendemos *frons obducta* como a fronte escondida numa cabeça saliente. Ainda é possível considerar como atributo subjetivo que transmite uma característica ética ou patética: “carregado, severo, sombrio, tristonho, melancólico, aflito, pesaroso (rosto)”, conforme definição em Saraiva (Cf. referência na nota 37).

se à espécie dos cães que afagam. Aqueles cuja fronte é áspera, como se nela se elevassem montes e alguns buracos que parecem ter sido cavados, são espertos e avaros, se não forem insanos ou estultos⁴²⁹. Aqueles que têm a fronte esticada são calmos⁴³⁰.

18) *Supercilia cum sunt directa atque prolixa, mollem atque imbecillem animum declarant: respondent generi feminino. Supercilia cum coeunt, tristem maxime hominem, sed et parum sapientem significant. Superciliorum capilli cum ad superna et ad frontem sunt retracti, animosum, iracundum, stultum demonstrant, ad tempora subrecti immundum. Supercilia quae imminent oculis, inuidiae arguunt. Supercilia quae contrahuntur parum et angustam mentem indicant. Supercilia quae ex altera parte ad oculos demersa sunt, ex altera ad tempora subrecta, immundum, stultum et insatiabilem indicant: referuntur ad porcum.*

18) Quando as sobrancelhas são retas e alongadas, mostram um ânimo delicado e fraco: correspondem ao gênero feminino. Quando as sobrancelhas são próximas, significam tanto um homem extremamente triste, como também pouco sábio. Quando os pelos das sobrancelhas são repuxados para cima, na direção da fronte, demonstram o animoso, irascível e estulto; quando erguidos para as têmporas, demonstram o sórdido. As sobrancelhas que estão suspensas sobre os olhos acusam a inveja. As sobrancelhas que se enrugam⁴³¹ indicam uma mente mesquinha e estreita. As sobrancelhas que são afundadas⁴³² na direção dos olhos numa parte e, na outra, erguidas para as têmporas indicam o

⁴²⁹ A construção sintática não deixa claro quais sejam as características éticas já que a insanidade e a estultícia opõem-se à esperteza, mas se recorremos a Polemão (B, 26) e Adamantio (B, 26), observa-se que o *ethos* depende ainda de outros sinais, portanto, parece que a aspereza da fronte por si mesma não é sinal distintivo de nenhuma das características citadas.

⁴³⁰ Ian Repath adotou “careless” para *securus*, o que nos parece contraditório à ideia do adjetivo. Este último tipo apresentado opõe-se ao anterior, pois a fronte cheia de irregularidades (*aspera*) é um sinal de *ethos* funesto, ao passo que a fronte esticada (*tensa*) nos remete à imagem da pele lisa nesta área e o *ethos* a ela associado é condizente com aparência calma.

⁴³¹ Saraiva atribui à expressão *contrahere supercilia* o sentido de §5. “enrugar as sobrancelhas, carregar o sobrolho” que indica um olhar severo.

⁴³² Foerster: *demissa* em vez de *demersa*.

sórdido, estulto e insaciável: relacionam-se ao porco.

19) *Cilium plerumque et quod eminet et quod subiacet oculo est inflatum tamquam uena. Quod cum ita est, somniculosum superius indicat, inferius uinolentum.*

19) A borda da pálpebra⁴³³ na parte de cima e a que está embaixo do olho, geralmente, é inflada como uma veia. Quando for assim na parte superior, indica o sonolento, na inferior, o vinolento⁴³⁴.

20) *Nunc de oculis disputandum est, ubi summa omnis physiognomoniae constituta est. Nam et aliarum partium signa si oculi affirmauerint, tunc rata magis et certa sunt. Ex oculorum enim indiciis physiognomones sententias suas confirmant et hic omnis eorum est auctoritas constituta. Denique et quae iam diximus et quae prosequemur indicia applicanda et adiungenda sunt indiciis oculorum, ut, si impugnata non fuerint nec in ambiguitatem deducta, sed potius per oculos confirmata, tunc rata sint.*

20) Agora é preciso discutir a respeito dos olhos, onde a essência de toda a fisiognomonía está estabelecida. Com efeito, se os olhos tiverem reafirmado os sinais de outras partes, então tais sinais são mais seguros e confiáveis⁴³⁵. Portanto, os fisiognomonistas confirmam suas proposições a partir dos indícios dos olhos e é nisso que se estabelece toda a autoridade deles. Em suma, os indícios dos quais já falamos e dos quais ainda trataremos devem ser justapostos e acrescentados aos indícios dos olhos, de modo que, se não forem contraditos, tampouco tomados como ambíguos, mas antes confirmados pelos olhos, são então seguros.

⁴³³ A definição de *cilium* no Saraiva é “a beira da capela do olho, da pálpebra, pestanas superiores; capela do olho, pálpebra.” O *Oxford Dictionary* traz “the upper eyelid”. Em momento algum temos “cílio”, no entanto, a descrição dos dicionários é compatível a este termo em português, por essa razão optamos por “cílio” no cap. 11. As demais edições que temos aqui mencionado não adotam o equivalente a cílio: a tradução francesa adota “le rebord des paupières”, a inglesa “the eyelid” e a italiana “le palpebre”. Os tradutores I. Repath e G. Raina optaram por “pálpebra”, o que faz sentido se considerarmos a sequência do texto que diz ser *inflatum*, contudo, a palavra *palpebra* aparecerá em outras passagens mais adiante na descrição dos olhos; portanto, entendemos aqui o *cilium* não simplesmente como o pelo, mas como a borda da pálpebra, tal como J. André, tornando a descrição coerente. No capítulo 43, ao tratar especificamente dos pelos, o autor designa “*palpebrarum capilli*”, deixando clara essa distinção.

⁴³⁴ Cf. descrição semelhante no tratado pseudoaristotélico, 811b13-18.

⁴³⁵ Cf. cap. 10 e nota.

21) *Oculi qui tamquam guttulae liquoris nitidi relucet mores suauissimos atque gratissimos indicant. Pupillae oculorum iacentes et porrectae uanitatem detegunt, breues malignitatem. Hoc utroque signo animalia approbantur: nam ubi moderati sunt orbes pupillarum, secura, innocentia, fortia animalia, designant, serpentes autem et ichneumones et simiae et uulpes pupillas paruas habent. Cum altera pupilla plus est maior, altera minor, iniquitatem significat. Quorum pupillae oculorum in gyrum aguntur tanquam rota axi suspensa, obseruandum est utrum uniformiter agantur an uarie. Si uniformiter, scito eum hominem sceleribus et facinoribus immanibus attineri atque impiis et aut homicidiis domesticis aut infandis cibus uel conubiis esse pollutum, quales Thyestae uel Terei cibi uel qualia Oedipodis conubia fuisse memorantur. Cum autem modo inuoluuntur, modo recurrunt oculi, modo interquiescunt, ab his nondum perpetrata sunt huiusmodi facinora, uerum in animo et in cogitatione uersantur. Si autem ad huiusmodi pupillarum turpitudinem*

21) Os olhos que brilham como gotículas de um líquido resplandecente indicam um caráter muito suave e muito agradável. As pupilas dos olhos estendidas⁴³⁶ e dilatadas revelam a vaidade; as pequenas, a maldade. Avaliam-se os animais por esses dois sinais: com efeito, quando os círculos das pupilas são moderados, designam os animais calmos, inofensivos e fortes, porém, as serpentes, os ratos-de-faraó⁴³⁷, os macacos e as raposas têm as pupilas pequenas. Quando uma pupila é muito maior e a outra menor, isto significa a iniquidade. Deve-se observar se as pupilas dos olhos daqueles que giram como uma roda suspensa ao eixo, acaso giram uniformemente ou com variação. Se giram uniformemente, debes saber⁴³⁸ que o homem é tido por crimes e atentados desumanos e ímpios, e é manchado por homicídios domésticos, ou por alimentos ou matrimônios infandos – relatam-se entre os alimentos os exemplos de Tiestes ou de Tereu⁴³⁹, ou

⁴³⁶ Foerster: *late iacentes*. O advérbio serviria para reforçar a amplitude da pupila.

⁴³⁷ Apenas o macaco é analisado posteriormente no capítulo 124; os demais animais aparecem também em Adamantio (A, 5), mas o Anônimo não apresenta exemplos de animais nas pupilas grandes, embora estejam presentes em Polemão (A,5) e Adamantio. *Ichneumon* é, como explica Saraiva, uma espécie de rato egípcio; a designação de “icnêumone” no dicionário *Houaiss* de Língua Portuguesa é de um pequeno mamífero devorador de ovos de crocodilos e que pode ser chamado “rato-de-faraó”.

⁴³⁸ O imperativo futuro de *scio*, *scito*, já ocorrera no cap. 7, este tempo do modo imperativo tem uso restrito, geralmente, aos textos de lei, pois postula ordem a ser cumprida posteriormente. Conforme destaca a *Gramática Latina* de A. CART, P. GRIMAL & Alii, §155. II, o imperativo futuro é empregado principalmente em textos de lei e preceitos e no lugar do presente com alguns verbos, tal como o verbo *scio*.

⁴³⁹ A sequência de exemplos remete a conhecidos mitos da cultura grega: Édipo, personagem da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, é conhecido por ter assassinado o pai e casado com a mãe; Tiestes alimentou-se

etiam obscuritas quaedam tamquam nubecula circa supercilia uersetur atque oculis ipsis immineat, hi graui perurgentur euentu et praesagiunt in rebus domesticis suis iram aliquam diuinitus imminentem.

matrimônios tal como o de Édipo. Porém, os atentados desta espécie ainda não foram executados quando os olhos ora rodam, ora retornam, ora descansam, entretanto, são revolvidos na alma e no pensamento. Se, porém, na torpeza dessa espécie de pupilas reside certa obscuridade⁴⁴⁰, como uma pequena nuvem ao redor das sobrancelhas, e que esteja suspensa sobre os próprios olhos, tais pessoas são perseguidas por um fim⁴⁴¹ penoso e pressagiam nos seus assuntos domésticos alguma ira iminente da parte dos deuses.

22) Pupillae defixae et status oculorum
propemodum defixus hic omnis ingratus hominem designat, sed si cum humore aliquo stabunt, timiditatis erunt indices, si cum siccitate, insaniae. Sed qui etiam pallent, horum non tam minus sanae mentes sunt quam potius attonitae. Qui autem cum stabilitate et pallore oculorum et supercilia erigunt et spiritum uiolentius contrahunt

22) As pupilas fixas e a posição⁴⁴²
inteira dos olhos quase fixa designam⁴⁴³ o homem desagradável⁴⁴⁴; mas se estão imóveis⁴⁴⁵ com alguma umidade⁴⁴⁶ serão indícios de medo, se há secura, é indício de insanidade. Porém, aqueles que também são pálidos têm espíritos mais amedrontados do que insanos. Aqueles que, além da imobilidade e da palidez dos

dos filhos em um banquete sem saber, ação de uma vingança de seu irmão; Tereu, rei da Trácia, também foi vítima de vingança da esposa e alimentou-se do próprio filho sem saber.

⁴⁴⁰ *Obscuritas* pode tanto ser interpretada como característica física de “escuridão”, pois o adjetivo *obscurus* apresenta este uso em alguns capítulos do tratado, como também a ideia subjetiva de “trevas” ou “incerteza”, visto que a descrição deste tipo de pupila refere-se a mitos trágicos.

⁴⁴¹ Foerster: *fato* em vez de *euentu*. No *Oxford Dictionary*, atribui-se a *euentus* a acepção de destino: 3. a.[...] fate.

⁴⁴² A descrição soa um tanto vaga no início, mas o cap. 23 discorre acerca dos olhos que se movimentam, portanto, este capítulo é dedicado aos olhos que apresentam imobilidade.

⁴⁴³ Os demais tradutores também preferem omitir *hic*, de acordo com sugestão de Foerster, assim o texto ficar mais claro.

⁴⁴⁴ *Ingratus* também poderia ser traduzido por “íngrato”, contudo, parece-nos mais apropriado adotar “desagradável” visto que seu antônimo, *gratus*, é utilizado pelo autor em contexto que a tradução é “agradável” (caps. 21 e 37).

⁴⁴⁵ Tanto I. Repath como J. André traduzem “olhos fixos” mesmo quando em vez de *defixus* aparece variações do verbo *sto*, indicador também da imobilidade.

⁴⁴⁶ *Cum humore aliquo* – entende-se *humor* como “umidade” nesta passagem, embora na teoria fisiognomônica remeta, muitas vezes, aos fluidos corporais.

atque concipiunt, inconsulti, immites, oculos, erguunt as sobancelhas e maledici, iracundi sunt. Oculi stantes contraem a respiração energicamente e subrubentes libidinosum et uoracem inspiram são imprudentes, cruéis, denuntiant. Si his signis accedat ut inferior maledicentes e irascíveis. Os olhos pars oculi, id est cilium inferius potius ad imóveis e avermelhados denunciam o malas uergat et separetur, cum libidine libidinoso e voraz. Se, além desses iniquitatem, auaritiam, inconditos et sinais⁴⁴⁷, a parte inferior do olho, isto é, a incomprehensos mores, uoracitatem etiam et borda da pálpebra inferior, se volte impudentiam indicant. Oculi stantes preferencialmente para as maçãs do perbreues auarum, lucrorum uehementer rosto⁴⁴⁸ e esteja bem dividida, indica a cupidum appetentemque declarant. Si autem iniquidade com desejo, a avareza, o cum breuitate et statu oculorum etiam caráter grosseiro e inexpressivo, e ainda frontem cum superciliis ad medium a voracidade e a impudência. Os olhos contrahat, multo est auarior et lucrorum imóveis e muito pequenos mostram o studiosior. Et si cum his signis accedat ut avaro, ardentemente desejoso e ávido por etiam ceterum corpus curuetur atque lucro. Se, além da pequenez e da posição conducatur, iracundus satis erit, fellitus et fixa dos olhos, o indivíduo ainda enrugar clamosus. Oculi stantes glauci sine splendore a fronte no meio com as sobancelhas, é indicant hominem dolis et audacia plenum, muito mais avaro e mais interessado no peruigilem et exquisitorem malitiae. Oculi lucro. E se com⁴⁴⁹ tais sinais, além disso, stantes parui humidi, frons relaxata, também o restante do corpo seja curvado palpebrae mobiles indicant hominem e contraído, será bastante irascível, docilem, cogitatorem, natura disputatorem: amargo⁴⁵⁰ e barulhento. Os olhos imóveis haec sola species stabilium oculorum e esverdeados, sem brilho, indicam um probatur. homem cheio de dolos e de audácia, sempre vigilante e que busca

⁴⁴⁷ Não é possível, por meio da expressão “*Si his signis accedat*”, identificar se devemos entender o acréscimo de sinais aos olhos imóveis de maneira geral ou ao tipo precedente na exposição – aspecto presente em outras passagens da obra.

⁴⁴⁸ *Mala* ou *malae* pode ser traduzido, de acordo com o dicionário de Saraiva, como “mandíbula, queixo superior”, contudo, considerar a acepção de “maçãs do rosto” é mais apropriada porque designa “a parte saliente da face, abaixo dos olhos, formada pelo osso malar” (*Houaiss*), ressalta, portanto, a proximidade com os olhos.

⁴⁴⁹ Ausente em Foerster: *cum*.

⁴⁵⁰ *Fellitus* quer dizer “amargo, de fel” (Saraiva), que nos remete não apenas à qualificação ética como também à bile, um dos quatro humores do corpo.

diligentemente a maldade⁴⁵¹. Os olhos imóveis, pequenos e úmidos, a fronte relaxada e as pálpebras móveis indicam um homem dócil, pensador, debatedor por natureza: aprova-se⁴⁵² somente esta espécie de olhos imóveis.

23) *Nunc de mobilitate oculorum dicemus. Oculi qui raptim et uelociter mouentur hominem perturbati animi indicant et suspicacem, uarium, in agendis rebus tardiozem. Est autem in his paruo indicio magna discretio. Nam quibus palpebrae tam uelociter quam pupillae mouentur, timidi ac sine uirtute sunt. Cum autem oculi multo uelocius quam palpebrae mouentur, in periculis audaces atque securi sunt. Qui autem tardos oculorum habent motus, pigros ac torpentes habent sensus, difficile incipientes et difficile desinentes. Vnde manifestatur etiam ex mobilitatis modo et temperamento mores optimos indicari. Oculi uagi et circumerrantes et obscuriores intemperantiam libidinis arguunt. Oculi tremantes magni cum pererrant, ut supra dictum est, et obscuri sunt, et uoracitatem et intemperantiam uini cum intemperantia ueneris et ἀποπληξίαν indicant. Oculi parui tremantes glauci sine pudore, sine fide, sine*

23) Agora falaremos da mobilidade dos olhos. Os olhos que se movem precipitada e velozmente indicam um homem desconfiado, de ânimo perturbado, inconstante e vagaroso ao fazer as coisas. Em tais olhos, porém, um pequeno sinal faz grande diferença; com efeito, aqueles cujas pálpebras se movem tão velozmente quanto as pupilas são os medrosos e sem virtude⁴⁵³. Porém, quando os olhos se movem muito mais velozmente do que as pálpebras, são os audazes e calmos nos perigos. Porém, aqueles que têm o movimento dos olhos vagaroso, têm os sentidos preguiçosos e entorpecidos e têm dificuldade para começar e terminar as coisas. A partir disso, manifesta-se também que o melhor caráter é indicado pela moderação e pela combinação equilibrada da mobilidade.

⁴⁵¹ *Malitia* em latim designa maldade, perversidade (Saraiva/ *Oxford Dictionary*), acepção também presente em “malícia” na língua portuguesa, de acordo com a primeira definição apresentada no *Dicionário Houaiss*: 1. aptidão ou inclinação para fazer o mal; má índole; malignidade, maldade. Contudo, em geral, entende-se a malícia como característica de conotação sexual, também admitida no dicionário: 5. fala ou interpretação maldosa, picante. Por essa razão, traduzimos “maldade”, tal qual o vocábulo “*malignitas*” presente em outros capítulos.

⁴⁵² Foerster: *approbatur* em vez de *probatum*.

⁴⁵³ Em geral, *uirtus* está presente em contexto que designa “coragem”, mas nesta passagem seria redundante.

iustitia sunt, aluntur autem malis alienis. Trementes uero parui cum glauci non sunt, sed secundum Graecos χαροποι uel nigri, χαροποι quidem ad insaniam magis ac dementia uergunt, nigri autem magis iracundi sunt, minus tamen impudentes quam glaucos diximus. Oculi autem fluctuantes et tamquam in aestu instabiles proni in uenerem et uoluptatem sunt, non tamen iniusti nec maligni nec indociles.

Os olhos vagos, que giram errantes⁴⁵⁴ e são mais escuros acusam a intemperança do desejo. Os olhos trementes, grandes, quando vagueiam, como citado acima, e são escuros indicam a voracidade, a intemperança do vinho com a intemperança sexual⁴⁵⁵ e a apoplexia⁴⁵⁶. Os olhos pequenos, trementes e esverdeados são indivíduos sem pudor, sem confiança, sem justiça e, além disso, são fortalecidos pelos males alheios. Os olhos trementes, pequenos e que não são esverdeados, mas são *charopoi* <cinza-azulados> segundo os gregos ou pretos; certamente, no caso dos *charopoi*, tendem mais à insânia e à demência, os pretos, porém, são mais irascíveis, ainda que menos impudentes do que dissemos dos olhos esverdeados. Os olhos oscilantes e instáveis, como na agitação da maré, são propensos ao sexo e à volúpia, contudo, não são injustos, malignos ou indóceis.

24) *Oculi glauci paruas habentes pupillas seruiles, doli plenos, auidos lucri pronuntiant mores. Glauci oculi multas habent species: nam sunt alii cyanei, alii felliti coloris, alii uariati diuersis coloribus, alii sicci. Qui quidem sicci, satis feros mores*

24) Os olhos esverdeados que têm pupilas pequenas designam o caráter servil, cheio de dolo e ávido por lucro. Os olhos esverdeados têm muitas espécies: pois uns são azulados, uns de coloração

⁴⁵⁴ A descrição é redundante, pois o verbo *circumerro* significa “vagar em roda”, de acordo com Saraiva.

⁴⁵⁵ Conforme mencionado na nota 42, *uenus* remete frequentemente à “relação sexual”, visto tratar-se de comportamento vicioso, neste capítulo, por exemplo, o termo é acompanhado de *intemperantia*.

⁴⁵⁶ Apoplexia é uma enfermidade já discutida no *corpus* hipocrático. Liddell & Scott esclarecem que remete tanto à ausência das faculdades sensoriais como também da razão, além de indicar, nas formas adjetivas, pessoa incapacitada por derrame ou acometida de paralisia.

aperiunt. Cyanei igitur, qui plerumque inueniuntur humidi, multo meliores sunt siccis. Glauci et albidum et fugacem uehementer hominem nuntiant. Secundum ea igitur omnia erit nobis optima species glaucorum qui fuerint humidi, tranquilli, magni, perlucidi, uerum scias etiam in hac specie oculorum animosum esse ingenium. de fel⁴⁵⁷, uns matizados por diversas cores, outros secos⁴⁵⁸. Os secos, certamente, expõem um caráter bastante feroz. Logo, os azulados, que quase sempre se encontram úmidos, são muito melhores do que os secos. Os esverdeados e esbranquiçados⁴⁵⁹ anunciam um homem medroso e extremamente fugaz. Logo, segundo todas estas coisas, a melhor espécie⁴⁶⁰ de olhos esverdeados será, em nossa opinião, aqueles que forem úmidos, tranquilos⁴⁶¹, grandes, bem claros⁴⁶², porém, debes saber que mesmo nesta espécie de olhos o engenho é animoso⁴⁶³.

25) Nunc de uariis oculis disputandum. Sunt uarii interdum et glauci, magis tamen χαροποί. Sed prius de glaucis. In his uarietas huiusmodi est: guttae quaedam in pupillis peridentur ad magnitudinem milii, quarum partes rubeae et **25) Agora, deve-se discutir a respeito dos olhos matizados. Às vezes, até mesmo os esverdeados são matizados, contudo, os olhos charopoi são mais. Mas falemos antes a respeito dos esverdeados; sua matização é desta**

⁴⁵⁷ Fel é o mesmo que bile, cujo verbete do *Houaiss* é “substância amarelo-esverdeada secretada pelo fígado dos vertebrados e que atua no duodeno auxiliando esp. na emulsificação e absorção das gorduras”.

⁴⁵⁸ Embora numa sequência que menciona cores, o aspecto de *secura* estabelece uma oposição com a umidade, citada duas vezes depois neste capítulo.

⁴⁵⁹ Da maneira apresentada pelo autor (*glauci et albidum*), imagina-se que os olhos verdes tenham certa matização esbranquiçada; contudo, o texto grego do tratado pseudoaristotélico expõe as duas colorações em alternância, embora seja estranho imaginar os olhos completamente brancos, a não ser em caso de enfermidades, portanto, conclui-se que o tratado grego admite a possibilidade deste matiz não apenas para os olhos esverdeados: 812b4-5 οἷς δὲ οἱ ὀφθαλμοὶ γλαυκοὶ ἢ λευκοί, δειλοί· ἐφάνη γὰρ τὸ λευκὸν χρῶμα δειλίαν σημαίνειν.

⁴⁶⁰ A tradução “aparência” também poderia ser adotada (como faz I. Repath) para *species*, mas para manter o padrão neste capítulo, mantém-se o sentido “espécie”, pelo qual a palavra já fora traduzida.

⁴⁶¹ Não se trata de aspecto subjetivo de análise, pois está associado ao aspecto da movimentação, representando, portanto, olhos que não se movimentam com frequência.

⁴⁶² *Perlucidus* (= *pellucidus*) significa também “muito luminoso” (Saraiva), J. André e I. Repath adotaram “muito brilhante”, no entanto, esta característica parece subjetiva em relação às demais e não se encaixa no padrão da descrição, por essa razão, preferimos a ideia de claridade da cor.

⁴⁶³ O adjetivo *animosus* aqui aparece com conotação negativa, mas ao longo do tratado é empregado em meio a descrições positivas também; de fato, é uma palavra que remete à coragem, mas também à impetuosidade e ousadia, que podem estar presentes em qualificações excessivas, opondo-se ao comportamento comedido.

cyaneae sunt, in gyrum ordinatae. Hae turbidum animum et insidiosum, uerum in acumine ingenii praeualentem, sed minus audacem significant. Item cum glaucae et uariae fuerint pupillae, dementiae indicant. espécie: reconhecem-se algumas gotas⁴⁶⁴ nas pupilas da dimensão de um milho, com partes avermelhadas ou azuladas dispostas em círculos. Tais características significam⁴⁶⁵ um ânimo perturbado⁴⁶⁶ e insidioso, certamente superior na agudeza do engenho, mas menos audaz. Além disso, quando as pupilas forem esverdeadas e matizadas, indicam a demência.

26) *Inter oculos nigros et χαροποις hoc interest quod χαροποι uarietatem in se habent et ipsa uarietas discreta est. Nam partim guttulis tamquam granis milii sublucentibus insigniti sunt, quae guttulae diuersos colores habent: nam et pallidae sunt et cyaneae et rubicundae et tamquam scintillae ignis et sanguinei coloris et nigrae et albae, et singula quae praedicta sunt colorum genera uel magis uel minus clara sunt. Alia autem uarietas est, quam circuli suo colore ac suo tenore quique ambiunt. Inter se tamen idem circuli uarie ordinati sunt. Interdum enim exterior circulus niger est, sequens rubeus, interdum albidior. De* **26)** A diferença que há entre os olhos pretos e os *charopoi* é que os *charopoi* apresentam matização e a própria matização se distingue. Com efeito, em parte se fazem notar por meio de gotículas pouco luzentes semelhantes a grãos de milho, gotículas que têm diversas cores: podem tanto ser pálidas, azuladas, vermelhas, semelhantes às centelhas do fogo, da cor do sangue, pretas e brancas; e cada gênero das cores supracitadas pode ser mais ou menos vívida. Porém, há uma outra matização em que há círculos girando, cada um com uma cor própria e percurso. Contudo⁴⁶⁷,

⁴⁶⁴ Na verdade, a íris é a parte colorida do olho, pois a pupila é um orifício dentro da íris que sofre dilatação de acordo com a luminosidade do ambiente e não tem cor, mas passa a impressão de ser preta. O Anônimo traz uma descrição também presente em Polemão (A, 8) e Adamantio (A, 8), mas altera a localização das gotas que seriam na verdade ao redor das pupilas nestes outros autores e não propriamente nas pupilas, tornando a imagem mais coerente ao localizar as gotas coloridas na área da íris, ao redor da pupila. Opta-se pela tradução *ipsis litteris* “pupila” em vez de corrigir a incoerência para manter o conteúdo tal como apresentado pelo autor.

⁴⁶⁵ Foerster: *signant* em vez de *significant*.

⁴⁶⁶ Foerster: *subdolum* em vez de *turbidum*. Jacques André explica em nota que o texto grego de Polemão e de Adamantio consultados por Foerster, possivelmente, tinham erro feito por algum copista que pode ter gerado a dúvida no texto latino, mas seria um fato posterior ao tratado do Anônimo, portanto, o mais apropriado é manter *turbidum*.

⁴⁶⁷ Foerster: *enim* em vez de *tamen*.

hac igitur gemina uarietate χαροπῶν nunc disputabimus.

os mesmos círculos são ordenados entre si de maneira variada; ora o círculo exterior é preto, seguindo-se o vermelho, ora é mais esbranquiçado. Logo, discutiremos agora a respeito desta variedade dupla⁴⁶⁸ dos olhos *charopoi*.

27) *Primo igitur certus esse debes quia nigri qui ueri et meri sunt oculi imbecillem ac sine uirtute animum et lucrauidum indicant. Χαροποι cum penitus inspiciuntur, tunc uarietatem suam produnt. Verum αἰόλοι, quorum species ita est ut nigri pronuntiari possint, ubi guttulae rubicundi coloris non tamen expressi nec uehementer rubentes fuerint, quo intuenti nigra eius oculi species esse uideatur, generosum animum, iustum, probum, ingeniosum significant. Vbi guttulae fuerint rubicundae uehementer, interdum non rotundae, sed quae ad quadrati speciem subluceant tamquam ignis, et intrinsecus aliae guttulae praeter eas perpallidae permixtae sint et aliae glaucae, circuli autem forinsecus easdem pupillas ambient sanguinolenti uel cyanei, et magnitudo sit oculorum et nitor, et pupillae quidem ita moueantur ut ira moueri solent, palpebrae autem pateant, in huiusmodi oculis inhabitat animus qui ferarum omnem*

27) Logo, primeiramente deves ter como certo que os olhos verdadeiramente pretos e puros indicam um ânimo fraco, sem coragem e ávido por lucro. Quando os olhos *charopoi* são examinados profundamente, manifestam então sua matização. Contudo, os *aioloi* <de cor cambiante>⁴⁶⁹ – cujo aspecto possa ser designado como preto onde as gotículas são de cor vermelha, mas não de uma cor bem definida nem intensamente avermelhada, por isso parece ao observador que esses olhos têm um aspecto preto – significam um ânimo nobre, justo, probo e engenhoso. Onde as gotículas forem intensamente vermelhas, algumas vezes não serão redondas, mas serão de aspecto quadrado que reluzam um pouco, tal como o fogo e, na parte de dentro, além dessas há outras gotículas que se misturam a elas, umas muito pálidas e outras esverdeadas, mas se há

⁴⁶⁸ A passagem é confusa, visto que a matização não se constitui de apenas dois tipos, portanto, o que podemos compreender, tomando como base os capítulos seguintes, é que a divisão principal consiste nas gotas e nos círculos.

⁴⁶⁹ Tradução para αἰόλος no *GEL*: quick-moving, nimble; as *epith.* of armour, *glittering*; chequered; changeful. O adjetivo é também citado por Adamantio (A, 8) em seu tratado, traduzido por Ian Repath como “changeable in colour”. Já Elsner discorre acerca da dificuldade de se traduzir as cores dos olhos nas obras fisiognômicas e afirma que αἰόλος remete ao matizamento, conforme adotamos aqui, mas pode também indicar variação quanto ao grau de brilho ou opacidade da cor.

immanitatem excedit. Nam quicquid infandum cogitari uel non cogitari potest, huiusmodi oculis perpetrabile est: non a domestico sanguine, non ab impietate ulla, non ab iniuria hominum uel deorum hi oculi abstinebunt. Polemon auctor huius speciei exemplum ex homine temporis sui posuit quem sceleratissimum fuisse asseueravit. In huiusmodi igitur oculis guttulae quanto magis rubicundae fuerint et minutae, tanto magis iracundum, iniuriosum, adulterum indicabunt, maiores autem et obscuriores uitia haec leniunt. Guttulae sanguinolentae uel pallidae in nigris pupillis uel utraeque permixtae maleficos et uenenarios indicant, sed pallidae dolis et obscuriori malignitati magis studentes, sanguineae audaces magis indicant. Summa obseruationis huius ista est: quanto certiores et uehementius clari colores guttularum fuerint, tanto uehementiora designant uitia.

círculos cor de sangue ou azulados que rodeiam externamente as mesmas pupilas⁴⁷⁰, se os olhos tiverem grande dimensão e brilho, e as pupilas certamente se movam como costumam ser movidas pela ira e, além disso, se as pálpebras forem extensas, habita nos olhos desta espécie um ânimo que excede toda a desumanidade das feras. Com efeito, qualquer coisa infanda, pensável ou impensável, pode ser feita por olhos dessa espécie: tais olhos não se absterão do sangue familiar, de alguma impiedade ou da injúria aos homens ou aos deuses. O autor⁴⁷¹ Polemão citou um exemplo dessa espécie, um homem de sua época⁴⁷², quem ele asseverou ter sido o mais criminoso. Logo, quanto mais vermelhas e diminutas forem as gotículas destes olhos, mais indicarão o iracundo, injurioso e adúltero; no entanto, quando maiores e mais escuras, abrandam tais vícios. As gotículas cor de sangue ou pálidas nas pupilas pretas ou ambas misturadas indicam os maléficos e os envenenadores, mas as pálidas indicam mais os inclinados aos dolos e à maldade bem disfarçada, as de cor de sangue indicam mais os audazes. Assim podemos resumir a presente observação:

⁴⁷⁰ Relembramos que a menção à pupila é, na verdade, a íris.

⁴⁷¹ Dentre as acepções 8 e 9 do *Oxford Dictionary*, observa-se que a palavra *auctor* encerra o sentido de “autoridade”. Como Polemão é um dos três autores mencionados no primeiro capítulo, optamos por “autor”.

⁴⁷² Polemão exemplifica alguns sinais com pessoas que ele teria conhecido, citando-as de maneira indireta, sem nomeá-las.

quanto mais certas e mais intensamente vívidas forem as cores das gotículas, tanto mais designam maior intensidade dos vícios.

28) *Veniamus ad uarietatem χαροπῶν quae ex circulis constat. Si niger circulus, <alius> si fuerit rubeus in humidis oculis et nulla alia asperitas interueniat, magnanimum hominem et sapientem, iustum, ingeniosum declarat, iuxta pueros <prunum>. Hoc solo uitio non carebit. Si autem post nigrum circulum pallidus insequatur, fallacem, furem, pecuniae deditum dicit, iniustum, turpiter cum mulieribus conuenientem. Sunt interdum circuli tam uarii quam est arcus in nubibus, quem Graeci irin uocant. Haec uarietas si in siccis oculis fuerit, insaniam profitetur, si in humidis, non eos quidem longe ab insania constituit, uerum magnificentiam, sapientiam, ueritatem, uirtutem ostendit, iracundiores tamen et iuxta uenerem proniores sunt.*

29) *Nunc de statu oculorum disputandum est. Cum sine ulla prauitate sunt oculi et statum [non] obtinent rectum,*

28) Vamos para a matização do olho *charopos* que consiste em círculos. Se um círculo for preto e o outro⁴⁷³ for vermelho em olhos úmidos e nenhuma outra irregularidade interfira, isto mostra um homem magnânimo, sábio, justo, engenhoso e inclinado⁴⁷⁴ aos meninos – ele não será privado deste único vício. Se, porém, depois do círculo preto se siga o pálido, trata-se do falaz, ladrão, dedicado ao dinheiro, injusto e que mantém relações torpes com as mulheres. Às vezes, os círculos são tão matizados quanto o arco-íris nas nuvens, o que os gregos chamam *irin*. Se esta matização ocorrer nos olhos secos, manifesta a insânia, nos úmidos, na verdade, não constitui homens longe da insânia, mas mostra a grandeza, a sabedoria, a sinceridade e a coragem, contudo, são mais iracundos e mais inclinados ao sexo.

29) Deve-se agora discutir acerca da posição dos olhos. Quando os olhos não apresentam qualquer anomalia e [não]⁴⁷⁵ conservam uma posição reta,

⁴⁷³ Em Foerster: *secundus* em vez de *<alius> si*.

⁴⁷⁴ Em Foerster há uma lacuna, dentre as possibilidades no aparato crítico temos *dementem* e também *furiosum*, mas adotamos a opção de J. André que estabelece *prunum* devido à frase final do capítulo, de significado semelhante.

⁴⁷⁵ Supomos (cf. cap. 2 da tese) que Foerster mantém a palavra entre colchetes apenas como indicação e não deve ser considerada na tradução, já que isso causa um problema de compreensão. Foerster indica no aparato crítico tê-la excluído da edição de Valentin Rose (1864): “*statum non obtinent certum*”. Os demais

optimum mentis indicant statum. Oculi ad superiorem partem conuersi insaniam declarant, sed et uoracem uenerique ac uino deditum ostendunt. Praeterea si et tremor eos exagitet, quae praedicta sunt uitia erunt in his uehementiora. Nam et ἐπιληψία non carebunt. Idem oculi qui ad superna uersi sunt, si etiam pallidi fuerint, immites, homicidas faciunt; si subrubeant et magni sint, uinolentos, aleae deditos, furiosos in mulieribus, intemperatos lingua, promptissimos ad clamorem ostendunt. Summa autem horum omnium uitiorum in huiusmodi oculis insania est. Oculi deorsum conuersi tamquam occidentes eo accedunt quod immites faciant et implacabiles. Si autem ad superna conuersus fuerit alter – nam et huiusmodi species oculorum plerumque reperta est – et accedat huic tremor ac supercilia subrigantur et anhelitus sit asperior ac spissior, de hoc pronuntiandum est quod sit ἐπιληπτικός.

indicam a melhor disposição de caráter⁴⁷⁶. Os olhos voltados para a parte superior apresentam a insânia, mas também mostram o voraz e dedicado ao sexo e ao vinho. Além disso, os vícios supracitados serão mais fortes se também um tremor revolvê-los; com efeito, tais pessoas também não estarão isentas da epilepsia⁴⁷⁷. Os mesmos olhos que são virados para cima, se também forem pálidos, fazem os cruéis e homicidas; se forem um pouco vermelhos e grandes, mostram os vinolentos, dedicados ao jogo, loucos com as mulheres, de língua destemperada e os mais dispostos à gritaria. Porém, a insânia é o principal dentre todos esses vícios nesta espécie de olhos. Os olhos voltados para baixo como se caíssem, fazem, além do que já vimos⁴⁷⁸, os cruéis e implacáveis. Se, porém, um dos dois estiver voltado para cima – pois é um aspecto que geralmente se encontra nesta espécie de olhos –, junte-se a isso um tremor, que as sobrancelhas sejam erguidas e a respiração seja mais irregular e mais pesada⁴⁷⁹, a respeito de tal pessoa deve-se dizer que seja epilético.

tradutores ignoram o *non*, pois em comparação com o restante do capítulo, de fato, parece-nos que o olhar fixo, sem desvio, é o mais adequado uma vez que os demais apresentarão vícios.

⁴⁷⁶ Em algumas passagens, a palavra *mens* apresenta a acepção de “caráter, índole”.

⁴⁷⁷ Assim como a apoplexia, a epilepsia é um distúrbio que aparece no *corpus* hipocrático em que se procura eliminar a ideia de que seja uma doença sagrada.

⁴⁷⁸ Foerster: *addunt* em vez de *accedunt*.

⁴⁷⁹ Na caracterização da respiração, I. Repath prefere “harsh and frequent” e J. André “rauque et précipitée”, apesar de nossa tradução ser um tanto distinta, importa na seleção lexical destacar a respiração difícil.

30) *Oculi prauī si ad dextram se conferant, stultitiae, si ad sinistram, libidini deditum arguunt. Cum autem prauī sunt oculi, si inter se conueniunt et iuxta nares utrique sibimet occurrunt, uenerium signum est. Et quanto magis humidi fuerint et si plerumque palpebras iungunt, ueneri et amori gratos et obnoxios profitentur; si autem sicciore et patuli fuerint, impudentiae et iniquitatis esse designant. Si trementes fuerint, nihil non audebunt quod iniquum sit et improbum.*

31) *Cauī igitur nimium oculi, quantum ad generalem regulam pertinet, in deterioribus signis habentur. Verum si idem submoueantur ut aqua conceptaculo semipleno mouetur, et magna sint, si nullum signum aliud molestum interueniat, non sunt recusandi. Nam quod caui sunt mali nota est; quod maiores et humidi sunt reuocat ac reformat uitium. Oculi caui, parui subdoli sunt atque inuidi; si accedat et siccitas, etiam infideles facit et proditores et sacrilegos; sed cum rigidi sunt, insaniae arguunt. Diffluentes similiter doli et malignitatis signa sunt. Qui in obscuritate diffluunt stulti sunt. Oculi caui nimium mediae magnitudinis, χαρποί, sicci, rigidi, praeterea si habeant supercilia lata*

30) Se os olhos tortos voltam-se para a direita, acusam o dedicado à estultícia, para a esquerda, o dedicado ao desejo. Quando, além de tortos, os olhos encontram-se e aproximam-se entre si perto do nariz, é um sinal de apetite sexual. E, quanto mais úmidos forem e se na maior parte do tempo as pálpebras se unem⁴⁸⁰, manifestam os que são agrados pelo sexo e pelo amor⁴⁸¹ e dependentes dos mesmos; se, porém, forem mais secos e abertos, designam os impudentes e iníquos. Se forem trementes, nada há de iníquo e ímprobo que não ousarão.

31) Os olhos excessivamente côncavos, segundo a regra geral, são considerados sinais piores. Se, porém, moverem-se um pouco da mesma maneira que a água se move no recipiente cheio até a metade, sejam grandes e se nenhum outro sinal funesto existir, eles não devem ser rejeitados. Com efeito, quando os olhos são côncavos, isto é uma marca do mal; mas anulam e transformam o vício se forem maiores e úmidos. Os olhos côncavos e pequenos são os astuciosos e invejosos; se também juntar-se a segura, ela os torna infieis, traidores e sacrílegos; mas, quando são

⁴⁸⁰ Imagem corresponde à ação dos olhos se fechando constantemente.

⁴⁸¹ O autor emprega *amor* e *uenus* como par, o que reforça a adoção de “sexo” para tradução de *uenus* na maior parte das passagens em que a palavra aparece.

tamquam genis imminetia et circa oculos pallorem atque liuorem, impudentem, malignum, potentibus inimicum, concinnatorem negotiorum atque causarum, numquam quietum, numquam non mali aliquid cogitantem declarant. Polemon auctor etiam hac de causa huius <speciei> exemplum in libro suo extulit ex homine suorum temporum.

rígidos⁴⁸², acusam a insânia. Olhos lacrimejantes são igualmente sinais de dolo⁴⁸³ e de maldade. Aqueles que lacrimejam na escuridão⁴⁸⁴ são os estultos. Os olhos excessivamente côncavos de dimensão média, *charopoi*, secos, rígidos e se, além disso, tiverem sobranceiras largas como se estivessem pendentes sobre as pálpebras⁴⁸⁵ e há palidez e lividez⁴⁸⁶ ao redor dos olhos, mostram o impudente, maligno, inimigo dos poderosos, forjador de processos e demandas, sempre inquieto e nunca pensando algo que não seja do mal. O autor Polemão também divulgou em seu livro um exemplo a respeito de um homem deste tipo, da sua época.

32) *Alti atque elati oculi in deterioribus signis habendi sunt, sed ubi tumor circum oculos paulatim attollitur,* **32)** Os olhos altos e eminentes⁴⁸⁷ devem ser considerados entre os piores sinais, mas quando se levanta

⁴⁸² Mais um adjetivo que designa a imobilidade dos olhos; também remete a qualidades subjetivas, tais como “severidade, austeridade” (Saraiva), que não se encaixam neste *ethos*, mas significa também “cruel, atroz” que está em conformidade com a insânia.

⁴⁸³ Foerster: *dolorum* em vez de *doli*.

⁴⁸⁴ A expressão “*in obscuritate*” é provavelmente baseada no termo grego ὀμυρότης, segundo informação de Foerster, de ὀμυρότης (escuridão), estabelecendo a relação com o tratado de Polemão; contudo, no texto de Adamantio (A, 12), que reconhecidamente adota o texto de Polemão, temos ἄμα ὕγρότης, de ὕγρότης (umidade). Acreditamos que *obscuritas* se enquadra bem neste caso porque a umidade seria redundante na imagem dos olhos lacrimejantes; a tradução por “escuridão” está de acordo com o emprego do adjetivo *obscurus* que aparece algumas vezes com sentido de aspecto “escuro” nesta obra, no entanto, *obscuritas* remete também à vista turvada e a ideias abstratas, tais como mistério e dúvida.

⁴⁸⁵ *Gena*, em geral, designará as faces ao longo das descrições em que estiver presente, porém, neste contexto, “pálpebras” é uma tradução mais apropriada, uma vez que as sobranceiras pendem sobre as *gena*, embora os demais tradutores prefiram manter o significado referente às faces.

⁴⁸⁶ A coloração aqui apresenta ao mesmo tempo *pallor*, palidez, e *liuor*, lividez, podemos visualizar como uma descrição redundante se considerarmos a lividez como uma palidez excessiva (*Houaiss*), mas a acepção em latim de *liuor* é “cor de chumbo, azeitonado, denegrada” (Saraiva), provocando certa confusão ao elaborarmos a imagem com a presença de palidez e lividez ao mesmo tempo, já que a palidez tem tom amarelado; contudo, se recorrermos a Polemão, ele explica que o tom esverdeado lembra a mancha de um machucado (A, 12).

⁴⁸⁷ Jacques André defende que a expressão *alti atque elati* denota um único termo grego: ἐξέχοντες, presente em Adamantio (A, 13), particípio perfeito do verbo ἐξέχω, que significa projetar-se para fora, ser proeminente, segundo Bailly.

insania inhabit; ubi ambitus oculi cauus tamquam fossa est, subdolam mentem insidiosamque declarat. Prominentes oculi sanguinolenti temulentum hominem asseuerant, glauci iniustum et stolidum et plus quam stolidum, si superioribus ciliis onerentur ac prae grauentur. Si autem promineant et sicci sint <.....> Vna species prominentium bona est oculorum: si magni sint nitentes, perlucidi, humidi, iustum, docilem, prouidentem, amatorem indicant. Tales existimantur oculi Socratis philosophi fuisse, quem Apollo Pythius prudentissimum pronuntiauit. Oculi nimium prominentes, rubicundi, parui incompetem mentis hominem et linguae effrenatae, sed nec corpore stabilem esse declarant. Hoc exemplum tamquam a se cognitum Polemon posuit.

gradativamente um inchaço ao redor dos olhos, ainda habita neste tipo a insanidade; quando a circunferência do olho é côncava como uma fossa⁴⁸⁸ mostra a mente astuciosa e insidiosa. Os olhos proeminentes de cor de sangue asseveram o homem ébrio; os olhos esverdeados, o injusto e estúpido; se forem cobertos e sobrecarregados pelos cílios⁴⁸⁹ superiores, é mais que estúpido. Se, porém, forem proeminentes e secos <.....>⁴⁹⁰. Uma única espécie de olhos proeminentes é boa: se forem grandes, brilhantes, bem claros e úmidos, indicam o justo, dócil, cauteloso⁴⁹¹ e amoroso. Julga-se que tais olhos eram os do filósofo Sócrates, quem Apolo Pítio anunciou ser o mais prudente dos homens⁴⁹². Os olhos excessivamente proeminentes, vermelhos e pequenos mostram o homem que não está em seu juízo⁴⁹³, de língua desenfreada, mas que não tem firmeza no corpo. Polemão citou

⁴⁸⁸ Definição de “fossa” em língua portuguesa designa também um termo próprio da anatomia humana, conforme o dicionário *Houaiss*, e não apenas como buraco, cova, acepção própria na língua latina: **3.** Rubrica: anatomia geral. depressão ou cavidade do corpo humano ou dos animais. **4.** pequena reentrância no rosto, esp. no queixo; covinha.

⁴⁸⁹ Como já explicamos, a descrição de *cilium* remete, em alguns momentos, apenas aos pelos da pálpebra, por essa razão preferimos a tradução “cílio” aqui em vez de “borda da pálpebra”, designação mais coerente nos capítulos 19 e 22.

⁴⁹⁰ Para G. Raina, tradutor italiano, não é possível fazer suposição acerca desta lacuna, no entanto, Foerster indica no aparato crítico o excerto de Adamantio (A, 13): *πατροφόνται καὶ μητροφόνται παιδοκτόνοι τε καὶ φαρμακεῖς* (“são os parricidas, matricidas, assassinos de crianças e envenenadores” – tradução indireta do grego com base na versão inglesa de Ian Repath).

⁴⁹¹ Foerster: *prudentem* em vez de *prouidentem* – ambos apresentam significado igual.

⁴⁹² Na versão árabe de Polemão (A, 13), temos esta descrição dos olhos de Sócrates e a referência ao oráculo de Apolo; Adamantio omite a informação acerca do oráculo (A, 13).

⁴⁹³ Não encontramos *incompetem* nos dicionários; trata-se da composição de *in* como partícula negativa e o adjetivo *compos*, possivelmente acompanhado de *mens* ou *animus*, significa “que está em seu juízo, que está senhor de si” (Saraiva). O *Oxford Latin Dictionary* (2006) traz: *compos* 1. C. (com *animi* ou *mens*) “sound in mind; having possession of one’s senses; having command of one’s faculties or feelings.

um exemplo deste tipo, como se fosse conhecido dele⁴⁹⁴.

33) *Addidit praeterea quod trementes micantesque oculi et salientes, quos Graeci παλλομένους dicunt, si parui, dolos et uersutias ostendunt, si magni, stultitia ac furiis attinentur. At ubi moderatae magnitudinis et humidi sunt atque perlucidi, magnificum hominem, magnarum rerum cogitorem atque perfectorem indicant; sane iracundum et uino deditum et iactantem sui et cupidum gloriae ultra condicionem humanam ostendunt, cui huiusmodi oculorum signa contigerint. Scias quia his oculis aestimatur etiam Alexander Magnus fuisse. Circumtumentes oculi immites, sine pietate, uentri et ueneri studentes et aliis uoluptatibus dediti; qui quod per aures et oculos insipiunt, etiam sola ratione molliuntur atque*

33) Acrescenta-se⁴⁹⁵, além disso, que os olhos trementes, irrequitos⁴⁹⁶ e salientes – os quais os gregos chamam *pallomenous* <agitados> –, se forem pequenos, mostram os dolos e os artifícios, se forem grandes, dizem respeito à estultícia e à loucura. Mas quando os olhos têm dimensão moderada, são úmidos e bem claros, indicam um homem magnífico, pensador e realizador de coisas grandes; mas, sem dúvida⁴⁹⁷, a quem couber os sinais desta espécie de olhos, mostram o iracundo, dedicado ao vinho, jactante e desejoso de uma glória além do que convém ao ser humano. Deves saber que tais olhos, acredita-se, foram os de Alexandre, o Grande⁴⁹⁸. Os olhos inchados no

⁴⁹⁴ Polemão afirma ter conhecido um homem cujos olhos eram pequenos, vermelhos e arregalados como os de um caranguejo; este homem seria de uma região chamada Lícia (A, 13).

⁴⁹⁵ Grande parcela deste tratado é uma paráfrase da teoria apresentada em Polemão, o que se evidencia nas constantes citações que o autor faz. Neste capítulo, a expressão *addidit praeterea* pode ter um uso impessoal, mas é também possível que estabeleça relação com a sequência do texto de Polemão (A, 14), embora o Anônimo não o cite no restante do capítulo, as descrições são compatíveis. Optamos por manter o tom impessoal, já que nem sempre o leitor tem acesso ao tratado de Polemão.

⁴⁹⁶ *Micans* pode ser traduzido como “brilhante, luzente”, mas no contexto de olhos agitados parece encaixar-se melhor a acepção de “irrequieto”, tendo como base o verbo do qual é particípio, *mico*, que significa “agitar-se, mexer-se, tremer” (Saraiva).

⁴⁹⁷ *Sed et*, admitido no aparato crítico de Foerster, parece fazer mais sentido do que *sane* no contexto.

⁴⁹⁸ Alexandre, o Grande, (356 a.C - 323 a.C.) é até hoje uma figura histórica conhecida, teve como preceptor Aristóteles, foi rei da Macedônia e responsável pela conquista de inúmeros territórios. Plutarco descreve a aparência de Alexandre em sua biografia: **IV**. As estátuas que melhor representam a forma corporal de Alexandre são as de Lisipo, o único escultor ao qual ele teria permitido a reprodução de sua imagem. Com efeito, este artista exprimiu perfeitamente aquele garbo que, depois, diversos sucessores e amigos de Alexandre procuraram imitar com afetação, com a atitude do pescoço, que ele inclinava um pouco sobre o ombro esquerdo, e a vivacidade dos olhos. Apeles, que o pintou representando Júpiter tonante, não soube reproduzir-lhe a cor da pele: fê-la mais morena e mais escura do que na realidade o era, pois Alexandre – dizem – tinha a pele branca, duma alvura que ressaltava por um leve rosado, especialmente no rosto e no peito. Li, nas *Memórias* de Aristoxeno, que sua pele era perfumada, exalando-se-lhe da boca e de todo o corpo um odor agradável, que lhe perfumava a roupa. Talvez isso se devesse ao calor de seu temperamento, que era ardentíssimo; pois o bom odor é – como diz Teofrasto – o produto da cocção dos humores, mediante

mitigantur. Sunt oculi plerumque liuore circumdati; qui si interiora signa non meliora habuerint, inter malarum partium indicia accipito. Nam et audaces et infideles et iniusti sunt.

contorno são os cruéis, sem piedade, dedicados à gula, ao sexo e a outros prazeres; porque estes⁴⁹⁹ agem insensatamente pelos ouvidos e olhos, são abrandados e acalmados unicamente por meio da razão⁵⁰⁰. Há olhos que geralmente são rodeados por lividez, os quais, se tiverem sinais na parte interior que não sejam melhores, são compreendidos entre os indícios ruins; com efeito, representam os audazes, infiéis e injustos.

34) Oculi qui tamquam tenebrosi sunt nocentes sunt, tanto magis si fuerint sicci, nec interest an magni uel parui sint, nisi quod maiorem nequitiam cum parui sunt profitentur. Supradicta species oculi, id est tenebrosi, si cauus, temperatae magnitudinis et quietus fuerit, sollicitum, docilem, discendi cupidum, maturum, uerum timidum et satis parcum ac minus continentem significat. Oculi caligine obsiti malis artibus imbuti sunt, infideles, intemperantes. Vnde intelligendum est optimos esse contrarios, id est perlucidos oculos, si nullum extat aliud

34) Os olhos como se fossem escurecidos⁵⁰¹ são os nocivos, ainda mais se forem secos, nem interessa que sejam grandes ou pequenos, a não ser pelo fato de que quando são pequenos manifestam uma perversidade maior. Os olhos da espécie supracitada, ou seja, escurecidos, se forem côncavos, de dimensão moderada e quietos, significam uma pessoa ansiosa, dócil, desejosa de aprender⁵⁰², madura⁵⁰³, porém medrosa, bastante sóbria e menos⁵⁰⁴ frugal. Os olhos carregados de escuridão são os

o calor natural. Aliás, os países mais secos e mais quentes da terra são os que produzem, em maior abundância os aromas melhores, de vez que o sol atrai, como substância corruptível, toda umidade que flutua na superfície dos corpos. Provinham, decerto, desse calor natural a coragem de Alexandre e o seu gosto pelo vinho. (Tradução: Hélio Vega) – Cf. texto em grego e comentários no cap. 2 da tese.

⁴⁹⁹ Qui ausente em Foerster.

⁵⁰⁰ Passagem ausente em Polemão e também em Adamantio.

⁵⁰¹ *Tenebrosus* indica a escuridão dos olhos, mas não exatamente que a cor dos olhos seja escura, é possível que seja um aspecto em torno dos olhos, mas as descrições não esclarecem tal dúvida; o adjetivo indica ainda uma característica do *ethos*, já que significa também “sombrio”. Há outros adjetivos que se referem à característica de escuridão (*fuscus*, *obscurus*, *subniger*) no tratado como característica física.

⁵⁰² Foerster prefere: *uisendi cupidum*.

⁵⁰³ Foerster: *cautum*.

⁵⁰⁴ Em Foerster temos *nimis*, que é exatamente o contrário, apesar de se admitir a opção *minus*. *Minus* parece contradizer a característica anterior “*satis parcum*”.

indicium quod impugnet. Tales Polemon auctor refert fuisse oculos Hadriani imperatoris: χαροπούς, humidos, acres, magnos, luminis plenos.

35) *Lumen autem <non> ita bonum est, si corusci sint. Oculi autem corusci si quidem glauci sint et sanguinolenti, temeritatem indicant et prope insaniam, χαροποι autem suspicacem in omnibus rebus hominem declarant. Nigri corusci taeterrimi oculi: timidum ac subdolum designant. Cum autem risui permixti sunt, summam notam impudentiae ac malitiae proferunt.*

36) *Oculi acriter intuentes, <id est γοργόν>, ut a Graecis dicitur, molesti sunt, sed qui humidi sunt bellatorem indicant, ueredicum, uelocem in agendis rebus, improvidum, innoxium. Qui autem intendunt acriter et sunt idem caui, parui, sicci, saeuos, insidiosos atque ex occulto nocentes, omnia audentes, omnia perpetrantes indicabunt, eo*

impregnados de ardis ruins, infíeis e intemperados. A partir desta descrição, deve-se compreender que os melhores olhos são o oposto, ou seja, os olhos bem claros, se nenhum outro sinal existir para contradizê-lo. O autor Polemão relata que tais olhos pertenceram ao imperador Adriano: *charopoi*, úmidos, penetrantes, grandes, cheios de luz⁵⁰⁵.

35) A luz, porém, não⁵⁰⁶ é boa se forem rutilantes. Pois⁵⁰⁷ se os olhos rutilantes, certamente, forem esverdeados e de cor de sangue, indicam temeridade e quase insânia; os *charopoi*, no entanto, mostram o homem desconfiado de tudo. Os olhos rutilantes pretos são os mais hediondos entre todos: designam o medroso e astucioso. Quando, porém, misturam-se ao riso, trazem a marca suprema⁵⁰⁸ da impudência e da maldade.

36) Os olhos que observam de forma intensa – ou seja, *gorgón*⁵⁰⁹ <terrível>, como dizem os gregos – são funestos, mas aqueles que são úmidos indicam o combatente, que diz a verdade, veloz nas ações, improvidente e inócuo. Porém, aqueles que dirigem o olhar de forma intensa e são também côncavos,

⁵⁰⁵ Exemplo citado por Polemão (A, 16).

⁵⁰⁶ <non> inserido por Foerster.

⁵⁰⁷ Foerster: *enim* em vez de *autem*.

⁵⁰⁸ Foerster: [...] *summae notam* [...].

⁵⁰⁹ Expressão inserida por Foerster e que está de acordo com a descrição apresentada em Adamantio (A, 16).

magis quo superficiem idem oculi habuerint leuiorem. Praestat enim iuxta huiusmodi oculos frontem obduci, palpebras erigi, supercilia exasperari. Est enim haec circumstantia fortitudinis, audaciae, animositatis index, inconsultos tamen ac minus nocentes significat. At ubi frons, supercilia, palpebrae tranquilla et leuia fuerint, aciem autem intrinsecus amaram, truce[m], asperam idem oculi continuerint, crudelitatem et immanitatem atque saeuitiam supradictam et dolos omnes his oculis adiudicabis.

pequenos e secos indicarão os atrozes, insidiosos e dissimuladamente nocivos, ousando e executando tudo, e ainda mais quando a área dos olhos for também mais suave⁵¹⁰. Com efeito, é preferível que perto desta espécie de olhos a fronte seja franzida, as pálpebras erguidas e as sobrancelhas desiguais. De fato, esta circunstância é indicadora de força, audácia e animosidade, todavia, significa os imprudentes e menos nocivos. No entanto, quando a fronte, as sobrancelhas e as pálpebras forem tranquilas⁵¹¹ e suaves, esses mesmos olhos, no entanto, sustentem um olhar intrinsecamente amargo, ameaçador e áspero, atribuirás a tais olhos a crueldade, a desumanidade e também a atrocidade supracitada e todos os dolos.

37) *Oculi cum risui uoluptatique permixti sunt, non omnes laudabiles. Nam qui sicci sunt et subterintendunt malitiae sunt indices. Sed et caui oculi qui arrident tamquam in insidiis constituti habendi sunt, multo magis si genae et supercilia et labella commoueantur; nam hic risus aut cogitationes rerum nefandarum aut conceptos dolos indicat. Et si quidem cum his*

37) Quando riso e volúpia misturam-se aos olhos, estes não são totalmente louváveis; com efeito, aqueles que são secos e dirigem o olhar furtivamente⁵¹² são indicadores da maldade. No entanto, também devem ser considerados os olhos côncavos que sorriem como se fossem constituídos em

⁵¹⁰ Conforme se observa na sequência a respeito da fronte franzida, a suavidade indica ausência de linhas de expressão nesta parte.

⁵¹¹ Descrição remete à regularidade, retomando à descrição do início do capítulo e contrapondo-se à descrição anterior.

⁵¹² Dentre os dicionários consultados, não há o verbo *subterintendo* no dicionário. A acepção de *subter* de “debaixo de, abaixo de, sob” (Saraiva) tornaria a passagem obscura. Consideramos em português expressões como “olhar de soslaio, de viés” neste contexto, mas indicam uma mudança na direção do olhar incompatível com *subter*, por essa razão preferimos considerar um olhar furtivo, dissimulado.

signis etiam palpebrae interdunt coeant, interdum separentur atque interdum oculus commoueantur, detegunt intra cogitationem adhuc esse iniquam. Si uero propateant oculi cum risu et errent, perpetrata iniquitatem esse declarant. Quanto igitur oculi magis arridere uidebuntur, sicci dumtaxat, tanto erunt magis perniciosi. Si uero arrideant et sint humidi, innocentem quidem animum, uerum stolidum, sine sensu perspicaci, sine affectu, sine prudentia, sine continentia addicunt. Cum subrident molliter oculi atque humidi sunt, ubi totius uultus aperta atque absoluta laetitia fuerit remissis palpebris, fronte molli, ciliis aliquanto laxioribus, in hoc statu oculorum ingenium magnificum, iustum, mansuetum, religiosum, hospitale, gratum, prudens, docile, amatorium erit.

insídias, muito mais se as faces⁵¹³, as sobrancelhas e os lábios se movimentarem; com efeito, este riso indica os pensamentos de coisas execráveis ou dolos concebidos. Contudo, se junto a estes sinais, as pálpebras ora se juntem, ora se separem e ora o olho se movimente, revelam ainda que, no íntimo, o pensamento é iníquo. Se os olhos são bem abertos, com riso e vagam, mostram que a iniquidade foi perpetrada. Logo, quanto mais os olhos parecerem sorrir, contanto que sejam secos, serão ainda mais perniciosos. Se, ao contrário, os olhos sorrirem e forem úmidos, atestam certamente o ânimo inofensivo, porém estúpido, sem sentido perspicaz⁵¹⁴, sem sentimentos, sem prudência e sem comedimento. Quando os olhos sorriem⁵¹⁵ delicadamente, são úmidos, se a alegria do rosto inteiro for franca e absoluta, com as pálpebras relaxadas, a fronte delicada e os cílios um tanto mais extensos, com esta disposição dos olhos, o engenho será magnífico, justo, pacato, religioso, hospitaleiro, agradável, prudente, dócil e amoroso.

⁵¹³ A partir deste capítulo, o vocábulo *gena* será empregado com sentido de “faces” e não “pálpebras” como no cap. 31.

⁵¹⁴ J. André e G. Raina consideram “perspicácia”, mas a tradução literal remete à relação com os sentidos em geral.

⁵¹⁵ O verbo *subrideo* aparece pouco depois do autor empregar *arrideo* mais de uma vez no capítulo com o mesmo significado, adotar tradução distinta para *arrideo* não parece apropriado, dado o contexto, portanto, aproveitamos a aceção de “*sub*” como partícula de composição e traduzimos por “sorrir delicadamente”.

38) *Tristes oculi non omnes timendi sunt. Nam qui humidi sunt in cogitatione constituti sunt et studia optimarum artium inesse indicant. Et si supercilia laxiora sint et frons laxior cumque tranquillitate coniueant palpebrae et sint laudabiles, ingenium indicabunt fidum, benignum, pensum, grauitate praeditum Si autem tristes oculi etiam sicci sint et accedat ad hoc frontis asperitas, aciei intentio, palpebrae subrectae, sunt nocentes, feri, nihil intemptatum facinus, nihil inausum relinquentes.*

38) Os olhos tristes⁵¹⁶ não devem ser totalmente temidos. Com efeito, aqueles que são úmidos constituem-se por meio da reflexão e indicam existir interesse pelas melhores artes. E se as sobrancelhas e a fronte forem mais extensas e as pálpebras se fecharem⁵¹⁷ tranquilamente, são também⁵¹⁸ louváveis, indicarão o engenho leal, benigno, ponderado e dotado de seriedade⁵¹⁹. Se, porém, os olhos tristes forem também secos e junte-se a isto a aspereza da fronte, a intensidade do olhar e as pálpebras erguidas, são⁵²⁰ os nocivos, ferozes e que não deixam qualquer crime sem tentar, nem qualquer coisa sem ousar.

39) *Oculi subclausi et coniungentes palpebras si quidem frequenter concluduntur et reserantur, malignos mores et insidiosos et nocentes dant intelligendos. Si autem humidi fuerint, bonae artis studiis indicant hominem occupatum. Et cum humidi non sunt, sed tremore et pallore permixti, ἀποπληξίαν uel certe insaniam nuntiant. Quibus autem status*

39) Os olhos um tanto fechados⁵²¹ e cujas pálpebras se unem, caso fechem e abram frequentemente, apresentam o caráter que deve ser compreendido como maligno, insidioso e nocivo. Se, porém, os olhos forem úmidos, indicam o homem ocupado no estudo de uma boa arte⁵²². E quando não são úmidos, mas

⁵¹⁶ *Tristis*, apesar de ser aspecto subjetivo, contrapõe-se aos olhos do capítulo anterior que transpareciam o riso.

⁵¹⁷ Foerster: *conueniant* em vez de *coniueant*.

⁵¹⁸ *Et* segundo J. André poderia ser suprimido, visto que “*sint laudabiles*” se refere aos olhos dignos de elogio e não às pálpebras.

⁵¹⁹ Em Foerster: [...] *pensum grauitate, prudens*. Apesar da diferença, as características se mantêm.

⁵²⁰ Foerster: <*erunt*>.

⁵²¹ Dentre os dicionários consultados, não há *subclausus* ou verbo correspondente. Foerster comenta que o códice *Harleianus* apresenta o título *De oculis clausis*, além da possibilidade da forma verbal ser *obclausi* ou *occlausi*, de *occludo/occludo* que significa “fechar, cerrar”. Considerando-se, portanto, tais indícios e a partícula *sub* adicionada ao verbo *claudo*, optamos por “um tanto fechados”, sobretudo se pensarmos na imagem dos olhos fechados, eles devem estar na maior parte do tempo, na verdade, entreabertos.

⁵²² J. André e G. Raina preferem “artes liberais” na tradução.

suus permanet, cum palpebras quidem propemodum coniungunt, ipsi autem superius extolluntur, insaniam <.....>. At hi potius feminae quam uiri sunt, sed celare uitium gestiunt atque hoc ipso magis apud experientes deteguntur.

misturados com tremor e palidez, anunciam a apoplexia ou certamente a insânia. Porém, os olhos cuja posição permanece quando quase unem as pálpebras e eles próprios erguem-se para cima, <...> [indicam]⁵²³ a insânia. No entanto, tais olhos são mais típicos da mulher do que do homem, mas anseiam esconder o vício e por isso mesmo são descobertos na presença dos mais experientes.

40) *Satis de conclusis. Nunc de patentibus disputemos. Oculi cum frequenter et late patescunt atque consistunt, cogitationem quidem indicant, uerum bona necne sit cogitatio ex supra memoratis qualitatibus colligendum erit. Constat enim, si humidi, si lucidi, si maiores, si profundi, si molles fuerint, meliores cogitationes continere, si autem sicci, si obscuri, si parui, si alti, si duri, si directi fuerint, malas cogitationes et male cogitatae rei paenitentiam eos profiteri. Sin autem patentes oculi <.....>, uanum et attonitum faciunt. Oculi late patentes micantes leniter intendentis tamquam concinnati ad suauitatem et gratiam <....> congruunt*

40) Acerca dos olhos fechados já tratamos o suficiente. Agora, vamos discutir a respeito dos olhos abertos. Quando os olhos abrem largamente com frequência e se detêm, certamente, indicam um pensamento, se for um bom pensamento ou não, isso deverá ser examinado a partir das qualidades relatadas acima. Consta que se forem úmidos, claros, maiores, profundos e delicados, contêm os melhores pensamentos; porém, se forem secos, escuros, pequenos, altos⁵²⁴, duros e imóveis, contêm os maus pensamentos e declaram o arrependimento por tê-los. Mas se⁵²⁵ os olhos são abertos <.....>,

⁵²³ Poderíamos presumir a presença de algum verbo empregado com frequência na obra, tal como *indico*, para completar a oração, deste modo, a sentença seguinte refere-se a esta descrição. No entanto, Foerster admite que haja inúmeras palavras nesta passagem, portanto, a lacuna pode constituir a descrição inteira de outro tipo que é atribuído essencialmente às mulheres na sequência. Mesmo recorrendo aos textos de Polemão e Adamantio, não é possível preencher a lacuna.

⁵²⁴ Foerster: *caui* em vez de *alti*. Preferimos a escolha de J. André pois os olhos da segunda descrição contrastam com a anterior em suas características, portanto, *alti* contrastam com *profundi*, a adoção de *caui* elimina o contraste.

⁵²⁵ Foerster não insere esta lacuna, admitindo *semper* em vez de *sin*, o que daria sentido completo à frase: “*Semper autem patentes oculi uanum et attonitum faciunt*”. Foerster baseou-se na versão árabe de Polemão

<.....> a Polemone quidem auctore referuntur, qui eunuchum sui temporis fuisse hunc hominem descripsit. Nomen quidem non posuit, intelligitur autem de Favorino eum dicere. Huic cetera corporis indicia huiusmodi assignat: *tensam frontem, genas molles, os laxum, ceruicem tenuem, crassa crura, pedes plenos tamquam congestis pulpis, uocem femineam, uerba muliebria, membra et articulos omnes sine uigore, laxos et dissolutos. Hunc dicit impatientia libidinum quae turpia sunt omnia passum esse et egisse quae passus est, praeterea maledicum, temerarium, sed et maleficiis studentem; nam et letiferum uenenum dicebatur clanculo uenditare.* fazem o fútil e amedrontado. Os olhos largamente abertos, reluzentes, lançando um olhar suave como se fossem arranjados para a doçura e graça <se os demais sinais>⁵²⁶ concordam, <tais são os olhos de um certo celta>⁵²⁷ relatados pelo autor Polemão que descreveu um homem deste tipo, de sua época, que foi um eunuco. Ele não citou um nome, porém, compreende-se que ele falava de Favorino⁵²⁸. Polemão atribui a este os sinais do resto do corpo: fronte esticada, faces delicadas, boca larga, pescoço delgado, pernas grossas, pés cheios como se tivesse carne acumulada, voz feminina, vocabulário de mulher, os membros e todas as articulações sem vigor, largas e frouxas. Ele diz que este homem, por causa do arrebatamento de seus desejos, sofreu todas as coisas torpes e fez estas mesmas coisas que sofreu, além de ser maledicente, temerário, mas também inclinado a fazer o mal, pois diziam que ele vendia às escondidas um veneno mortal.

41) *Oculi qui frequenter clauduntur atque reserantur timidum atque imbecillem declarant; sed cum etiam sicci sunt, dolos uersare atque ex occulto insidias tendere, si autem peruersi sunt uel pallidi, stultitiam*

41) Os olhos que frequentemente fecham e abrem mostram o medroso e o fraco; mas quando são também secos, sabe-se que revolvem dolos e secretamente buscam as insídias, se,

e grega de Adamantio, mas J. André refuta esta possibilidade, uma vez que não há correspondência com os adjetivos *uanum* e *attonitum* nos outros tratados.

⁵²⁶ Foerster sugere inserir na lacuna antes do verbo: “*si cetera signa*”

⁵²⁷ Foerster sugere na lacuna: “*tales fuisse oculi Celti cuiusdam*”. Cf. edição árabe de Polemão, A, 20.

⁵²⁸ O rétor é Favorino de Arles (I-II d.C.) – cf. cap. 2 da tese a respeito deste exemplo.

indicare noscuntur. Cum autem non coniunguntur oculi, sed, ut [hoc] Graeci aiunt, ἄσκαρδάμυκτοι sunt praetereaque aciem terribiliter intendunt, hi iniquis cogitationibus attinentur. Si uero status oculorum sit mansuetus et habeant aliquid humoris, cogitatores sunt, studiosi, mansueti, amatores. At si immobiles idem pallidi uel rubicundi erunt cum siccitate, sit certum his iras et furias inesse et diuinitatis iram imminere. Si autem cum supradictis signis etiam in tempore semet ipsos tamquam in gyrum torqueant, insaniam uehementissimam produnt.

porém, são irregulares ou pálidos, indicam a estultícia. Quando, porém, os olhos não se juntam, mas, como dizem os gregos, são *askardamyktoi* <que não piscam> e, além disso, lançam o olhar de modo terrível, estes são tidos por pensamentos iníquos. No entanto, se a posição dos olhos for pacata e tiverem alguma umidade, são os pensadores, estudiosos, pacatos e amorosos; porém, se forem imóveis e também pálidos ou vermelhos com secura, será certo que nestes existem a ira e a loucura e a ira divina os ameaça⁵²⁹. Se, além destes sinais supracitados, eles também se movimentem, em algum momento, de forma circular em torno de si mesmos, eles dão a conhecer a mais violenta insânia.

42) *Oculi citi perturbati rapacem dicunt. Qui autem incertas palpebras permouent atque coniungunt sub diuersis motibus pupillarum ac superius cilium molliter oculis superducunt, cinaedi sunt. Qui autem alteram ex superioribus palpebris paulatim deprimunt et molliter reuocant et*

42) Os olhos rápidos⁵³⁰ e perturbados compõem o rapinante. Aqueles, porém, que agitam e unem as pálpebras vacilantes sob movimentos diversos das pupilas e lançam o cílio⁵³¹ superior delicadamente sobre os olhos são os afeminados⁵³². Porém, aqueles que

⁵²⁹ O verbo *imminere* é deslocado por Foerster para substituir *in esse* em sua edição. Temos nessa passagem uma referência, ainda que indireta, ao aspecto premonitório da fisiognomonia, estabelecendo relação entre a aparência e o destino das pessoas.

⁵³⁰ Foerster relata outra possibilidade para o começo deste capítulo: “*ueloces oculi qui contemplantur acute.*”

⁵³¹ No contexto em que se descreve as pálpebras, a tradução por “cílio” (*cilium*) parece apropriada para evitar a redundância.

⁵³² Traduzir o termo *cinaedus*, do grego κίναϊδος, é uma tarefa complexa, pois representa um indivíduo de comportamento depravado e também se refere, na poesia, aos homens afeminados. Cf. discussão a respeito deste vocábulo no cap. 2 da tese. O Anônimo emprega ainda *effeminatus* em outras passagens, cuja acepção é muito próxima de *cinaedus*, embora parece haver uma conotação mais pejorativa neste vocábulo de origem grega.

aciem dirigunt, affectatores pulchritudinis sunt, sed moechos et adulteros se profitentur. Interdum palpebra superior ad medium ita deducitur ut hinc atque illinc reflexis atque retractis angulis subluceat oculus simulque incertas palpebras agunt. Haec etiam signa moechis et adulteris attributa sunt.

43) *Palpebrarum capilli cum sunt nigri ac rigidi ac solidiores in eo capite cuius deteriora sunt signa, meliorem ac fortiozem animum indicant. Rari autem et tenues et rubicundi infirmitatem animi declarant et prorepere senectutem, sed nec perseuerant huiusmodi capilli: facile enim defluunt.*

44) *Haec de oculis. Nec putes ea sola signa in oculis inueniri quae enumerata sunt, sed multo plura et quae artius considerari queant et debeant. Sed si quis imbutus his quae dicta sunt fuerit, sunt enim prope generalia, etiam meliora perspiciat atque perpendat, et nimirum debet esse perspicuus, nam his quae exposita sunt deteriora quam bona signa sunt comprehensa. Nam et maiorem partem in rebus humanis ueteres posteriorem esse dixerunt, quod est*

abaixam uma das pálpebras superiores vagarosamente, fazem-na voltar delicadamente e fixam o olhar, são os que ambicionam a beleza, mas mostram tanto os devassos como também os adúlteros. Às vezes, a pálpebra superior desce em direção ao meio de maneira que, de um lado e de outro, com cantos revirados e repuxados, o olho reluz um pouco e, ao mesmo tempo, agitam-se as pálpebras vacilantes. Estes sinais também são atribuídos aos devassos e adúlteros.

43) Quando os cílios⁵³³ são pretos, eriçados e bem firmes no indivíduo cuja cabeça tem os piores sinais, indicam um ânimo melhor e mais forte. Porém, os ralos, finos e vermelhos mostram a fraqueza do ânimo e a velhice avançando; mas os cílios desta espécie não duram, pois facilmente caem.

44) Estes são os sinais referentes aos olhos. Não debes julgar que somente os sinais que foram aqui enumerados são encontrados nos olhos, mas há muitos outros que podem e devem ser examinados mais detidamente⁵³⁴. Porém, se alguém estiver instruído a respeito destes sinais que foram ditos, porque são praticamente gerais, também deve reconhecer e ponderar os melhores e deve, seguramente, ser perspícuo, pois,

⁵³³ Literalmente seria “pelos/ cabelos das pálpebras”. Rever capítulo 19 e nota correspondente acerca da tradução de *cilium*.

⁵³⁴ Foerster: *accuratius* em vez de *artius*.

potissimum. Nam malitiae res multiformis est, ut, etiam si non latius tendatur, constet tamen per multas diuersitates. Denique et fabulae quae hydras et chimaeras et gigantes ex uariis corporibus fingunt atque constituunt malitiam multiformem intelligi uolunt. At si quis ad diffinitionem signorum respiciat, signa quidem malitiae, quae tamen ex signis his colliguntur atque intelliguntur, non adeo multa esse percipiet. Nam et multis et uariis signis feritas et immanitas, diuersis inhumanitas, imbecillitas et auaritia deputantur. Igitur non tam malitiae indicia multa atque diuersa sunt.

acerca dos que foram expostos, compreendem-se⁵³⁵ mais sinais piores do que bons. Com efeito, os antigos disseram que, no que diz respeito às coisas humanas, o mais importante é o que está em último lugar⁵³⁶, por isso é melhor. A maldade é um assunto multiforme e ainda que não se estenda mais amplamente, todavia, consiste em inúmeras variedades. Assim, as fábulas que imaginam e compõem as hidras, as quimeras e os gigantes a partir de corpos variados querem que a maldade seja compreendida como multiforme. No entanto, se alguém voltar a olhar a definição dos sinais, certamente poucos sinais da malícia⁵³⁷, reunidos e compreendidos em meio a eles, serão notados neste ponto. Com efeito, a ferocidade e a desumanidade são reputadas a partir de inúmeros e variados sinais, também por meio de sinais diversos, a inumanidade⁵³⁸, a fraqueza e

⁵³⁵ Foerster: <potius> deteriora.

⁵³⁶ I. Repath prefere adotar *deteriorem* em vez de *posteriorem*, opção apresentada por Foerster no aparato. Tanto J. André como G. Raina apontam para um provérbio presente em *Hipólito* de Eurípides, citado também em *Filípicas*, de Cícero, contudo, Repath considera fraca tal justificativa. *Hipólito*: δέσποινα', ἐμοί τοι συμφορὰ μὲν ἀρτίως/ ἢ σὴ παρέσχε δεινὸν ἐξαίφνης φόβον·/ νῦν δ' ἐννοοῦμαι φαῦλος οὖσα, κὰν βροτοῖς/ αἱ δεῦτεραί πῶς φροντίδες σοφώτεραι. “Senhora, tua desgraça me provocava,/ ainda há instantes, um terrível medo;/ percebo que fui tola: entre os mortais/ as segundas idéias podem ser mais sábias.” (v. 433-36) – Tradução: Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras. 2007. *Filípicas: Posteriores enim cogitationes, ut aiunt, sapientiores solent esse*. “Com efeito, os pensamentos amadurecidos costumam ser, como dizem, os mais sábios.” (XII, II, 5 –Tradução nossa)

⁵³⁷ Foerster insere <multa> depois de *malitiae*, da edição de V. Rose, mudando um pouco o sentido da oração, pois se afirmaria que há muitos sinais da malícia, ainda que não estejam reunidos aqui.

⁵³⁸ Foerster cita a possibilidade de ser *humanitas* em vez de *inhumanitas*, o que eliminaria a redundância, no entanto, a oração lista apenas qualidades negativas e não faria sentido no contexto; este capítulo é próprio do Anônimo, portanto, não há em outros tratados com os quais poderíamos comparar. Preferimos manter a similaridade na tradução de *immanitas* e *inhumanitas* para evidenciar a redundância.

a avareza. Logo, os indícios da malícia não são tantos e nem tão diversos⁵³⁹.

45) *Post oculos igitur uis signorum est quae iuxta oculos et in uultu sunt; nam prout quaeque signa proxima sunt oculis, potiora sunt ceteris. Nam post oculos frontis et narium, oris et genarum ipsiusque capitis idonea signa atque officiosa sunt. Sequuntur autem ceruicis signa et pectoris et post haec humerorum, manuum, crurum ac pedum. Postrema autem sunt signa, ut Polemoni uidetur, quae iuxta uentrem sunt. Et maxima uis <est> et coloris et uocis et spiritus, sed multo <...Motus> magnum est indicium tam totius corporis quam etiam singularum partium, sed et omnis aspectus qui ex omni circumstantia et qualitate corporis occurrit, quem Graeci ἐπιπρέπειαν dicunt, in quo auctores omnes physiognomoniae maximam partem constituunt. Eius nominis significatio concipienda tibi est atque dinoscenda. Frequenter enim ad eam signa referuntur. Nam timidum et audacem, mitem et impium, apertum et subdolum uniuersi corporis facies indicabit, et singula quae minuta sunt et paruula in unam speciem conueniunt ita ut*

45) Depois dos olhos, portanto, a força dos sinais é aquela que está perto dos olhos e no rosto; pois, conforme os sinais estão mais próximos dos olhos, são melhores do que os demais. Com efeito, depois dos olhos, os sinais da fronte, do nariz, da boca, das faces e da própria cabeça são idôneos e úteis⁵⁴⁰. Seguem-se os sinais do pescoço e do peito e depois os dos ombros, das mãos, das pernas e dos pés. Os últimos sinais são aqueles que estão próximos do ventre, segundo parece a Polemão. Também a força da cor, da voz e da respiração é muito grande, mas muito⁵⁴¹... O movimento é um grande indício, tanto do corpo inteiro quanto das partes individualmente, mas o conjunto da aparência surge de cada particularidade e qualidade do corpo, é o que os gregos chamam *epiprepeian*⁵⁴² <harmonia>, em torno da qual todos os autores de fisiognomonía estabelecem como o princípio mais importante. Deves compreender e discernir o significado

⁵³⁹ Foerster: *igitur non tam malitia quam malitiae indicia multa atque diuersa sunt.*

⁵⁴⁰ Foerster: *efficacia* em vez de *oficiosa*.

⁵⁴¹ Foerster opta pela exclusão de “*sed multo*”, eliminando a lacuna, ainda assim, ele aponta para esta possibilidade. J. André acredita tratar-se de uma expressão comum no tratado que destaca a conformidade dos sinais, coerente com a continuação do capítulo.

⁵⁴² Acepção do vocábulo ἐπιπρέπεια em GEL: “congruity, suitableness”. Em Bailly temos o adjetivo ἐπιπρεπής: “convenable”, cujo emprego substantivado significa “grâce, décence”. Embora tenhamos traduzido *epiprepeia* por “harmonia”, esta palavra em português não mostra a complexidade deste princípio que é fundamental à fisiognomonía e representa certa correspondência harmônica entre os sinais na análise fisiognomônica; portanto, adotaremos a transliteração do termo grego sempre que for citado. Adotaremos daqui em diante a transliteração do termo grego na forma do nominativo. Cf. discussão a respeito deste princípio no cap. 2 da tese.

aspicienti faciem occurrat proprietas aliqua quae in eodem corpore conspicitur constituta, quae mentem et animi incerta declarat.

deste nome, pois, frequentemente, os sinais referem-se a ele. Com efeito, o semblante do corpo inteiro indicará o medroso e o audaz, o pacífico e o ímpio, o franco e o astucioso; e cada um dos sinais que são pequenos e insignificantes⁵⁴³ juntam-se como uma única imagem, de modo que, observando o semblante, apresente-se alguma característica que se considera ter sido constituída nesse mesmo corpo e que mostra o caráter e os aspectos incertos do ânimo.

46) <.....> *nam mox etiam ad similitudinem animalis alicuius inspicienti ea quae diximus occurret ita in animo alium leoni, alium pardo, alium aquilae, alium perdisci esse similem, ubi maxime clara est masculini et feminini distantia, quorum discretionem supra prosecuti sumus. Nec dubium erit pronuntiare de eo qui ursae est similis crudelem quidem esse et insidiosum; de eo autem qui leoni est similis, quod uiolentus, quod fortis, quod simplicior; qui*

46) <.....> pois, em seguida⁵⁴⁴, examinando as coisas que dissemos a respeito da semelhança com algum animal, desse modo, imaginaremos⁵⁴⁵ que um é semelhante ao leão no ânimo, um ao leopardo⁵⁴⁶, um à águia, outro à perdiz, principalmente quando a distância entre masculino e feminino é evidente, cuja diferença tratamos acima. Nem será duvidoso anunciar acerca da pessoa semelhante ao urso⁵⁴⁷ que,

⁵⁴³ Mais uma passagem redundante.

⁵⁴⁴ Embora o sentido da passagem não tenha sentido comprometido, a lacuna decorre não apenas da ideia de que algo já foi dito a respeito do assunto neste capítulo, como também da presença de uma introdução presente em Polemão, conforme se observa na edição árabe (B, 2).

⁵⁴⁵ Foerster: “[...] *occurret tibi in animo* [...]”.

⁵⁴⁶ Na teoria fisiognômica, o leão é mostrado como o animal mais próximo do *ethos* masculino, representando igualmente os defeitos e qualidades. O leopardo, segundo o tratado pseudoaristotélico, seria o animal que representa o gênero feminino detentor de boas qualidades, visto que, em geral, as características femininas são frequentemente negativas (809b15-810a14). Ambos são citados já no cap. 8 do *De Physiognomonia Liber*.

⁵⁴⁷ O autor emprega a palavra do gênero feminino *ursa*, que também comporta a acepção da espécie em geral, no entanto, há *ursus* nos capítulos 14 e 88. Podemos supor que o autor tenha preferido adotar o feminino no lugar do masculino em razão da caracterização negativa, sempre atribuída ao gênero feminino na teoria fisiognômica, uma vez que aqui se enfatiza a distinção entre os gêneros; contudo, o urso também é descrito nos outros capítulos de maneira negativa, de qualquer forma, a tradução por “ursa” parece inadequada, pois o autor remete à espécie animal em toda a sequência, sem distinguir o gênero.

pardo est similis, insidiosus, rigidus, saeuus, audax; qui equo est similis, erectus, iactans, honoris et laudis cupidus. Quotquot sunt species animalium, proprietates suas quaeque habent, ad quas similitudo singulorum hominum referenda est. Quare discernes utrum masculino an feminino respondeat et cui animalium sit propinquius similis, et iuxta animalis ingenium pronuntiabis tam ex consideratione singularum partium quam ex uniuersitate quam frequenter nominauimus.

certamente, é cruel e insidioso; daquele que semelhante ao leão⁵⁴⁸ é violento, forte e mais sincero; daquele que semelhante ao leopardo é insidioso, rígido, atroz e audaz; daquele que semelhante ao cavalo⁵⁴⁹ é nobre, vaidoso e desejoso de honra e elogio. Todas as espécies de animais têm suas próprias características, com as quais a semelhança de cada homem deve ser relacionada. Portanto, discernirás se a pessoa corresponde ao tipo masculino ou feminino e a qual dos animais se assemelha mais, e anunciarás, depois da índole do animal, acerca tanto do exame de cada parte como de sua totalidade, o que citamos frequentemente.

47) Nunc de auribus disputandum est.

Magnae aures stultitiae uel impudentiae, paruae malignitatis sunt indices. Aures perbreues tamquam praecisae ad stultitiam referuntur. Esse autem quadratae propemodum et mediae magnitudinis debent et quae uideantur figuratae atque formatae et quae decenter capiti adhaereant. Aures nimium rotundae indociles significant, aures oblongae et angustae inuidiae indicium habent.

47) Agora, deve-se discutir acerca das orelhas. Orelhas grandes são indicadores de estultícia ou impudência, pequenas, de maldade. Orelhas muito pequenas, como se estivessem cortadas, relacionam-se à estultícia. Porém, as orelhas devem ser quase quadradas e de dimensão moderada, que pareçam esculpidas e modeladas e que estejam graciosamente presas à cabeça. Orelhas excessivamente redondas significam os indóceis; orelhas oblongas e estreitas trazem o sinal da inveja.

⁵⁴⁸ Foerster indica possibilidade de *lupo* em vez de *leoni* no aparato crítico. Vale lembrar que a caracterização do lobo, no cap. 126, é de um animal rapinante, irascível, insidioso, audaz e violento – diverso da descrição do leão que é tomado como modelo masculino.

⁵⁴⁹ Foerster indica possibilidade de *leoni* em vez de *equo* no aparato crítico. A descrição ética combina mais com a análise do cavalo, no cap. 118.

48) Nunc de labiis et ore disputandum
est. Labia tenuia in ore maiore, si aliquanto labium superius sit promptius tamquam superpositum inferiori, magnanimum, fortem indicant: refertur ad leonem. Paruo ori cum tenuia sunt labia, imbellem, timidum, uersutum ostendunt. Optimus autem oris status est quod nec nimis prominens nec nimis humile est. Nam humilitas timidi est et malignitatis arguit, pronitas stultitiam, loquacitatem tribuit et audaciam. Os paruum muliebre est potius et tam uultibus quam animis muliebribus conuenit; quod maius est, uirilibus animis et uultibus conuenit. Cum autem ultra modum recisum os ac reductum est, uoracem, imitem, impium indicat. Ita enim et maris beluae sunt. Quando eminent labia super eos dentes quos κυνόδοντας Graeci uocant, maledicum, iracundum, clamorosum atque ad inferendam iniuriam promptum declarat. Canibus enim proxima est huiusmodi species. Quando os longe prominet et est rotundum cum crassitate labiorum et retortum, immundum, uoracem, stultum ostendit. Porcorum enim haec signa sunt. Si labium inferius forinsecus excedat, non quidem malignum, uerum non prudentem

48) Agora, deve-se discutir acerca
 dos lábios e da boca. Os lábios finos numa boca maior, com o lábio superior um tanto mais exposto⁵⁵⁰ como se estivesse sobreposto ao lábio inferior, indicam o magnânimo e forte: tal homem relaciona-se ao leão⁵⁵¹. Quando os lábios são finos numa boca pequena mostram o imbele, medroso e esperto. Porém, a melhor condição da boca é quando não é excessivamente proeminente nem baixa. Com efeito, uma boca baixa pertence ao medroso e acusa maldade; a protuberante⁵⁵² confere estultícia, loquacidade e audácia. A boca pequena é típica de mulher e convém tanto ao rosto quanto ao ânimo das mulheres; quando a boca é maior, convém ao rosto e ânimo dos homens. Porém, quando a boca é demasiadamente fendida e recuada, indica o voraz, cruel e ímpio; portanto, são desta maneira os monstros do mar. Quando os lábios elevam-se sobre os dentes que os gregos chamam kynodontas <caninos>, mostra-se o maledicente, irascível, barulhento e disposto a cometer injustiças; portanto, a

⁵⁵⁰ Foerster: *prominentius* em vez de *promptius*.

⁵⁵¹ Possivelmente, a comparação com o leão foi extraída do tratado pseudoaristotélico (811a18-22), mas o tamanho não aparece como critério, então não há uma descrição que se oponha e indique o contrário, como ocorre aqui: οἷς τὰ <χείλη> λεπτὰ καὶ ἐπ' ἄκραις ταῖς συγχειλίαις χαλαρά, ὥς ἐπὶ τοῦ ἄνω χείλους πρὸς τὸ κάτω ἐπιβεβλήσθαι [811a.20] τὸ πρὸς τὰς συγχειλίας, μεγάλῳ ψυχῷ ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς λέοντας. ἴδοι δ' ἂν τις τοῦτο καὶ ἐπὶ τῶν μεγάλων καὶ εὐρώστων κυνῶν. οἷς τὰ χεῖλη λεπτὰ σκληρά, κατὰ τοὺς κυνόδοντας τὸ ἐπανεστηκός, οἱ οὕτως ἔχοντες εὐγενεῖς. Este capítulo do Anônimo adota o mesmo critério dos demais tratados, tal como Pseudo-Aristóteles e Polemão (B, 24), o autor concentra-se na análise anatômica, mas relaciona também às espécies animais, empregando o método zoológico.

⁵⁵² Foerster levanta a possibilidade de ser *prominentia*, que faria par com a característica *prominens* da oração anterior, assim como temos *humilitas* correspondendo a *humile*.

designat. Loxus dicit cum inferius labium excedit, etiam studiosum laudis uel honoris ostendere. Cum paruum os sit <.....>. Declarat idem et cum oris situs in concauo tamquam in defosso est. Nam et haec species pariter malignitatis et inuidiae et intemperantiae nota est. Aristoteles huiusmodi oris homines, id est concaui, libidinosos magis ostendit. Labia cum soluta dependent, inertem significant. In asinis et in equis senibus hoc signum est.

imagem desta espécie é mais próxima dos cães. Quando a boca é longamente proeminente, redonda com lábios grossos e retorcida, mostra o sórdido, voraz e estulto; são estes, portanto, os sinais dos porcos. Se o lábio inferior se sobressair exteriormente designa, certamente, não um homem maligno, mas imprudente. Loxo diz que quando o lábio inferior se sobressai também mostra o interessado em elogio ou honra. Quando a boca for pequena <.....>⁵⁵³. Mostra o mesmo também quando a posição da boca for escavada, como se estivesse enterrada; com efeito, esta espécie é igualmente marca de maldade, inveja e intemperança. Aristóteles⁵⁵⁴ mostrou que os homens deste tipo, ou seja, de boca côncava, são mais libidinosos. Quando os lábios pendem moles, significam o inerte: este é o sinal dos asnos e cavalos senis⁵⁵⁵.

49) *Qui genas crassiores habent ignaui et uinolenti sunt, qui nimium tenues habent maligni sunt. Quorum malae tamquam ab oculis abscisae sunt plenitudine ac pondere suo prae-grauatae et sunt rotundae,*

49) Aqueles que têm as faces mais grossas são os ociosos e vinolentos, aqueles que as têm excessivamente finas são os malignos. As maçãs do rosto daqueles que parecem separadas dos olhos, sobrecarregadas em grossura e

⁵⁵³ Foerster cita uma possibilidade para completar a descrição: “*et longe promineat*”. Observa-se que Polemão (B, 24) e Adamantio (B, 24) trazem na descrição posterior à boca pequena e proeminente uma caracterização semelhante ao que temos na sequência do Anônimo.

⁵⁵⁴ Apesar da afirmação, esta descrição não está presente no tratado pseudoaristotélico na passagem correspondente aos lábios.

⁵⁵⁵ Foerster insere <*enim*> depois de *asinis*. I. Repath prefere atribuir o adjetivo *senibus* apenas aos cavalos, no entanto, parece fazer sentido a atribuição aos dois animais, pois os lábios pendentes e moles parecem condizentes com a idade avançada; porém, também é possível relacionar apenas ao cavalo se compararmos os lábios de ambos, visto que o asno tem lábios mais pendentes.

inuidiae arguuntur. Leues malae et prolixae importunam loquacitatem designant.

50) *Omnis uultus cum est plenus et crassus, ignauum significat et uoluptatibus deditum, deductus cogitorem, subdolum, timidum, astutum asseuerat. Vultus paruus paruum et angustum ingenium, enormis stultitiam et ignauiam testatur.*

Σπασμοὶ labiorum et genarum et frontis si truces uultus exagitent, insaniam uel stultitiam indicabunt, si laetis uultibus contingant, libidinosum ostendunt. Palam est autem peruidere tristem uultum et laetum, item liberalem atque obscurum et malignum discernere, item peruigilem et eum qui somno est deditus.

51) *Nares cum extimae [et] acutae sunt, facilem ad iracundiam hominem ostendunt. Crassae nares immundum hominem dant intelligi. Porci uero et aues*

peso e redondas acusam os invejosos. As maçãs do rosto suaves⁵⁵⁶ e alongadas designam a loquacidade importuna.

50) Quando o rosto inteiro é cheio e grosso significa uma pessoa ociosa e dedicada aos prazeres; o afilado assevera uma pessoa pensadora, pérfida⁵⁵⁷, medrosa e astuta. O rosto pequeno dá a conhecer um engenho pequeno e estreito; o rosto enorme, a estultícia e a ociosidade.

Se os espasmos⁵⁵⁸ dos lábios, das faces e da fronte revolvem rostos ameaçadores⁵⁵⁹, indicarão a insânia ou a estultícia; se os espasmos acontecem em rostos alegres, mostram o libidinoso. Ora, todos sabem como reconhecer o rosto triste⁵⁶⁰ e o alegre, do mesmo modo, diferenciar o generoso, o dissimulado e o maligno e também o que é sempre vigilante e o que é dedicado ao sono.

51) Quando o nariz tem extremidade pontuda⁵⁶¹, mostra o homem propício à irascibilidade. O nariz grosso permite reconhecer o homem sórdido;

⁵⁵⁶ Foerster: *lenes* em vez de *leues*. O significado de *lenis* é o mesmo de *leues*, contudo, I. Repath prefere adotar uma sugestão de Foerster, “*longae*”, comparando com a versão de Adamantio (B, 27), mas não parece a opção mais adequada, pois a descrição das faces é um tanto distinta no texto de Adamantio, apesar dos elementos em comum e também porque o Anônimo cita na sequência “*prolixae*”, cuja acepção é “alongadas”.

⁵⁵⁷ Mais uma passagem redundante; traduzimos *subdolum*, até agora, como astucioso, porém, na sequência temos *astutus* e optamos pela tradução “pérfido”, que mantém a redundância no sentido.

⁵⁵⁸ Σπασμός é mais um elemento da teoria médica presente na análise fisiognomônica, trata-se de convulsão ou contração involuntária dos músculos e, segundo *GEL*, encaixa-se no quadro da epilepsia.

⁵⁵⁹ Uma das possibilidades comentadas por Foerster é *tristes* em vez de *truces* (I. Repath prefere *tristes*) e, considerando-se o contexto, faria sentido para formar a oposição com o rosto alegre (*laeti*) na sequência.

⁵⁶⁰ A conclusão do capítulo cita o rosto triste e alegre, o que reforça ainda mais a sugestão de *tristes*, conforme citado na nota anterior.

⁵⁶¹ Foerster: *Nares extimae cum <tenuae> et acutae sunt [...]*.

sordidae ita sunt. Cum imae nares solidae tamquam obtusae et rotundae sunt, fortem et magnanimum dicunt. Huiusmodi nares sunt leonibus et canibus generosis. Nares longae et tenues auibis sunt proximae et mores huiusmodi dabunt. Narium pars quae iuxta frontem est, si a fronte disposita sit honeste et seiuncta, <quod Graeci dicunt διηρθρωμένον>, uirile signum est. Refertur enim ad leonem nec non et prudentiae notam tribuit. Si origo narium indiscreta atque indisposita sit, stultitiam et imbecillitatem animi indicat. Nam signum est femininum. Cum directae sunt nares, linguae intemperantiam produnt. Nares maiores esse melius signum est quam minores. Minores enim seruilibus ingeniis et furibus et tergiuersatoribus assignantur. Curuae nares, quas Graeci γρυπὰς uocant, magnanimis attributae sunt, humiliores, quas Graeci σιμὰς dicunt, libidinosas. Nares patulae alacritatis et fortitudinis indicium produnt. Cum autem perangustae sunt et rotundae et conclusae, stultitiam profitentur. Nares peruersae peruersam etiam mentem esse demonstrant.

certamente⁵⁶², são assim os porcos e as aves sujas. Quando o nariz tem base firme, parecendo obtusa e redonda, dizem respeito ao forte e magnânimo; o nariz desta espécie é o dos leões e dos cães de raça nobre⁵⁶³. O nariz longo e fino é semelhante ao [bico] das aves e apresentará o caráter desta espécie. Se a parte do nariz que está perto da fronte for convenientemente disposta e separada da fronte – o que os gregos chamam *dierthromenon* <bem articulado>⁵⁶⁴ – é um sinal viril; relaciona-se, portanto, ao leão e confere a marca da prudência. Se o começo do nariz for indistinto e confuso, indica a estultícia e a fraqueza do ânimo; com efeito, é um sinal feminino. Quando o nariz é reto, dá a conhecer a intemperança da língua. O nariz maior é um sinal melhor do que o nariz menor, porque o menor é atribuído aos engenhos servis, aos ladrões e aos tergiversadores. O nariz arqueado⁵⁶⁵, que os gregos chamam *grypas* <adunco>, é atribuído ao magnânimo; o nariz mais baixo, que os gregos chamam *simas* <achatado>⁵⁶⁶, é atribuído aos libidinosos. O nariz bem aberto dá a conhecer o indício de

⁵⁶² Foerster: *enim* em vez de *uero*.

⁵⁶³ Os tradutores J. André e G. Raina compreendem como cães de raça, expressão também usada em língua portuguesa, mas é adequado manter “nobre” na tradução para mostrar que nem todas as raças de cão podem ser colocadas ao lado do leão.

⁵⁶⁴ Encontramos no *GEL* somente o advérbio *διηρθρωμένως*: articulately, distinctly. *Διηρθρωμένος* parece corresponder à forma adjetiva do advérbio.

⁵⁶⁵ A imagem remete ao nariz aquilino, típico das águias. Cf. cap. 8.

⁵⁶⁶ Dentre as definições apresentadas no *Greek-English Lexicon* para *σιμός* nos chama a atenção por relacionar à população etíope: *snub-nosed, flat-nosed, of the Ethiopians and their gods*.

vivacidade e força. Quando, porém, é muito estreito, redondo e fechado, manifesta a estultícia. O nariz torto demonstra uma mente também torta.

52) *Mentum cum prolixius est, minus iracundum et minus perturbatis moribus esse manifestat hominem, aliquanto tamen loquacem, aliquanto sui iactantem ostendit. Qui paruum habent mentum uitandi sunt. Nam praeter cetera immites et insidiosi sunt. Referuntur ad serpentes. Si in rotundum desinat mentum, muliebres mores indicat; nam et signum femininum est. Virile autem mentum prope quadratum esse debet. Mentum cum in ultimo diuisum est ita ut tamquam duos uertices habeat, si quidem longe atque in prolixum discernatur [mentum], dolis assuetam mentem indicat, sed si non nimium medietas depressa sit, ueneris et gratiarum signum est.*

52) Quando o queixo é mais alongado, manifesta um homem menos irascível e com caráter menos perturbado, contudo, mostra o homem um tanto loquaz e jactante. Aqueles que têm o queixo pequeno devem ser evitados, pois, entre outras coisas, são cruéis e insidiosos; relacionam-se às serpentes. Se o queixo termina com formato redondo, isto indica o caráter de mulher, com efeito, é um sinal feminino. Logo, o queixo viril deve ser quase quadrado. Quando o queixo é dividido na extremidade, parecendo assim ter duas pontas, caso seja extensamente dividido e alongado, indica a mente acostumada ao dolo; contudo, se a parte do meio não for excessivamente baixa, é sinal de amor⁵⁶⁷ e graça.

53) *Ceruix longa et tenuis timiditatem et malignitatem declarat. Vasta ceruix cum prolixitate animosum, iactantem, superbum asseuerat. Quae ergo moderate et proluxa et uasta ceruix est ac minus rotunda et uirtutem animi approbat et habilis est corpore. Ceruix quae soluta et inualida est nocentes et insidiosos homines praedicat. Ceruix quae*

53) O pescoço longo e fino mostra o medo e a maldade. O pescoço largo e de grande extensão assevera o animoso, jactante e orgulhoso. Logo, o pescoço que é tanto moderadamente alongado como largo e menos redondo

⁵⁶⁷ A tradução da palavra *uenus* é distinta aqui, até agora associamos à relação sexual porque, de acordo com o contexto nas demais passagens, compõe o comportamento vicioso; porém, a última descrição deste capítulo é bem qualificada e não viciosa.

neruis euidentibus tenta est ineptum atque indocilem demonstrat et si alia signa conueniant, insanum etiam ex claritate neruorum pronuntiabis. Sed et uenae clarae et enormes intextae ceruici idem quod nerui indicabunt. Qui uastam nimium ceruicem habent, iracundi et indociles sunt. Sceleri proxima sunt huiusmodi ingenia: sues huiusmodi sunt. Breuis ceruix re atque exemplis cognita est quod sit indicium hominis cum timiditate audacis, qui graece θρασύδειλος dicitur. Cum autem inter coniunctionem scapularum et ceruicis originem uerticulus eminet nec ceteri leniter sibimet conueniunt, sed per interualla cohaerent, ut sit nodorum superficies aspera, superbi et insolentes sunt.

comprova a virtude⁵⁶⁸ do ânimo e mostra o corpo de boa compleição. O pescoço que é mole e fraco anuncia os homens nocivos e insidiosos. O pescoço que é retesado, com nervos evidentes, demonstra o inepto e indócil e, se outros sinais convierem, o anunciarás também como insano de acordo com a visibilidade dos nervos. Entretanto, as veias visíveis e desproporcionais, entrançadas no pescoço, indicarão o mesmo que os nervos. Aqueles que têm o pescoço excessivamente largo são os irascíveis e indóceis; os engenhos deste tipo estão mais próximos do crime: são como os porcos⁵⁶⁹. Sabe-se, por meio de fatos e exemplos, que um pescoço pequeno é sinal do homem audaz com medo⁵⁷⁰ que, em grego, se diz *thrasydeilos*. Porém, quando entre a ligação das escápulas e o começo do pescoço, salienta-se uma vértebra e as outras não se juntam suavemente, mas se ligam por intervalos, de modo que a superfície das juntas seja irregular, são os orgulhosos e insolentes.

⁵⁶⁸ De acordo com o contexto, a palavra *uirtus* foi traduzida de forma distinta das demais passagens em que aparece – quando adotamos “coragem” –, visto que faz contraponto do ânimo virtuoso com uma boa constituição física.

⁵⁶⁹ Foerster insere este exemplo entre colchetes e sugere omiti-lo, ausente nos tratados de Polemão (B, 21) e Adamantio (B, 21).

⁵⁷⁰ Personalidade parece contraditória, mas a acepção do termo grego θρασύδειλος comporta as duas ideias, que pode ser traduzido “fanfarrão” em português. Definição do *Greek-English Lexicon*: impudent coward, braggart, poltroon.

54) *Ceruix dura indocilem hominem ostendit, ceruix ὑγρὰ docilem, ὑγρὸν autem in corporibus Graeci molle quidem et flexibile, non tamen euisceratum nec enerue uideri uolunt, eliminanda uero ac retinenda est huiusmodi significatio nominis eo magis quod et a Graecis per metaphoram dicitur, erit enim frequenter necessaria. Aspera ceruix eaque cristata non solum indocilem, sed etiam insolentem declarat. Rigida ceruix et tamquam defixa indoctum et insolentem significat. Interdum et stultis hoc signum cohaeret. Ceteris igitur signis discernes utrum per stultitiam an per insolentiam stabilis ac defixa sit ceruix. Sed dum quidam student et affectant intendere atque rigore quodam firmare ceruicem, cum intelligant se fluxae ac dissolutae esse ceruicis, eo magis deteguntur. Nam et labiorum spasmō et conuersione oculorum et incongruis ac dissonis translationibus pedum et statu lumborum et manuum inconstantia et uocis tremore quae conatu proficiscitur facillime effeminati deteguntur; sed nec ipsarum ceruicum in his status certus est, sed si diligenter consideres, interdum contremiscere eos ceruicibus peruidebis: facile enim labat ac deficit omnis imitatio.*

54) O pescoço duro mostra o homem indócil, o pescoço *hygros*⁵⁷¹ <flexível>, o dócil; os gregos querem dizer que *hygros* aparente um corpo delicado e flexível, contudo, sem ser esgotado ou debilitado; certamente, deve-se polir e conservar o significado do nome desta espécie, ainda mais porque é dita pelos gregos por meio de metáfora⁵⁷², portanto, seu significado será frequentemente necessário. O pescoço áspero e também⁵⁷³ cristado mostra não apenas o indócil como também o insolente. O pescoço rígido e como se fosse fixo significa o indouto e insolente, às vezes, este sinal pertence⁵⁷⁴ aos estultos. Logo, distinguirás por meio de outros sinais se o pescoço é imóvel e fixo por qual destes dois, pela estultícia ou pela insolência. Mas enquanto alguns desejam e procuram entesar e firmar o pescoço com certo rigor, embora reconheçam que seu pescoço é instável e frouxo, com isso mais se revelam. Com efeito, com o espasmo dos lábios, o giro dos olhos, as mudanças incongruentes e confusas dos pés, a posição⁵⁷⁵ da

⁵⁷¹ Empregamos a transliteração da forma do nominativo porque o Anônimo, diferentemente de outras ocorrências em grego, utiliza o adjetivo para qualificar o substantivo em latim sem intermediar com expressão declarativa.

⁵⁷² As primeiras acepções de ὑγρὸς, conforme se observa em Bailly, significa “úmido”, mas tal aspecto não faria sentido no contexto, portanto, adota-se o sentido figurado do termo.

⁵⁷³ Foerster: *tamquam* em vez de *eaque*.

⁵⁷⁴ Foerster: *conuenit* em vez de *cohaeret*.

⁵⁷⁵ Foerster: *motu* em vez de *statu*. *Motus* é um termo oposto já que *status* indica uma condição, situação, portanto, remete ao repouso.

coluna⁵⁷⁶, a inconstância das mãos e o tremor da voz, que sai com esforço, muito facilmente se revelam os efeminados; mas a posição dos próprios pescoços em tais homens não é certa, se examinas cuidadosamente, perceberás que eles às vezes tremem o pescoço: porque toda representação facilmente vacila e falha.

55) *Cum autem infracta est ceruix, palam esse debet quod uel stultus uel effeminatus sit qui eam gerit; cetera enim signa intellectum dirigent. Stabilitas ergo cum temperata est, tunc ostendit optimos mores. Ceruix superius retorta insolentem, imitem, stultum et inanem indicat, sed considerandum iterum atque iterum est et ceteris signis discernendum an per insaniam an per insolentiam retorta sit ceruix. Cum inflexa est ceruix ad pectoris partes, potest a cogitationibus occupatum animum ostendere, potest ad parsimoniam, potest ad malignitatem pertinere, prout cetera signa congruerint, certum autem sit nihil simplex huiusmodi, nihil securum, nihil remissum continere. Ceruix in sinistram partem declinata stultum aliquatenus ac cinaedum magis significat. Aristoteles etiam ad dexteram partem declinationem capitis* 55) Além disso, quando o pescoço é penso, deve ser evidente que aquele que o tem seja estulto ou efeminado, certamente, outros sinais guiarão a compreensão. Portanto, quando a imobilidade é comedida, mostra o melhor caráter. O pescoço retorcido para cima indica o insolente, cruel, estulto e inútil, mas é preciso examinar muitas e muitas vezes e distinguir, com os demais sinais, se o pescoço é retorcido por causa da insânia ou da insolência. Quando o pescoço é curvado sobre a região do peito pode mostrar um ânimo ocupado por pensamentos, que pode tender à parcimônia ou à maldade, conforme os demais sinais combinarem; porém, é certo que nada há nesta espécie que contenha o simples, calmo, relaxado⁵⁷⁷. O pescoço inclinado para a esquerda

⁵⁷⁶ *Lumbus*, em geral, quer dizer “lombos”, mas também pode ser traduzido como “espinha dorsal” (Saraiva), por extensão de sentido, traduzimos “coluna” – no cap. 67, cita-se um termo grego, ὄσφυς, que remete especificamente à região lombar. É importante mencionar que *lumbus* é designado como a sede do prazer sexual, conforme se observa em Saraiva e no *Oxford Dictionary*, acepção que faz sentido nesta descrição, pois representa os homens afeminados.

⁵⁷⁷ Foerster insere uma lacuna aqui, provavelmente a sentença correspondia à inclinação para o lado direito, já que temos o lado esquerdo na sequência.

cinaedis attribuit. Solida ceruix et uasta et quae difficile flectatur rapaces <et θρασυδείλους facit>: refertur ad lupum et simiam.

56) *Guttur asperum leuitatem animi significat et loquacitatem: refertur ad aues. Si singularis uertex tamquam nodus gutturis eminet, leuitatem quidem pari modo indicat, non tamen audacem nec maledicum ostendit; tristem quoque atque tristificum et suspicacem asseuerat.*

57) *Si iuguli conclusi sunt et compressi ad humeros et pectus, tarditatem sensuum et stoliditatem animi indicant nec operi uel arti idoneas manus. Iuguli qui longe ab humeris separati sunt et largum ac latum sinum faciunt imbecillitatem animi declarant. Secundum haec quoque medietas erit optima et ad uirtutem et ad prudentiam.*

significa, até certo ponto, o estulto e mais o afeminado. Aristóteles também atribuiu aos afeminados a inclinação da cabeça para a direita⁵⁷⁸. O pescoço sólido, largo e que dificilmente se curva faz os rapinantes <e *thrasydeilor*⁵⁷⁹>: relaciona-se ao lobo e ao macaco.

56) A garganta áspera significa a leveza do ânimo e a loquacidade: relaciona-se às aves. Se um único ponto é saliente como se fosse um nó da garganta, certamente, indica leveza na mesma medida, contudo, não mostra o audaz⁵⁸⁰ e tampouco o maledicente; assevera também o triste, o contristador e desconfiado.

57) Se as clavículas são fechadas e comprimidas em direção aos ombros e ao peito, indicam a lentidão dos sentidos, a estupidez do ânimo e mãos inaptas ao trabalho e à arte⁵⁸¹. As clavículas que são muito separadas dos ombros e fazem uma curvatura extensa e larga mostram a fraqueza do ânimo. Conforme estes sinais, também o meio-termo será o melhor sinal para a coragem e a prudência.

⁵⁷⁸ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a12-6: <κιναιίδου> σημεῖα ὄμμα κατακεκλασμένον, γονύκροτος· ἐγκλίσεις τῆς κεφαλῆς εἰς τὰ δεξιὰ· αἱ φοραὶ τῶν χειρῶν ὕπτιαι καὶ ἐκλυτοί, καὶ βαδίσεις διτταί, ἢ [808a.15] μὲν περινεύοντος, ἢ δὲ κρατοῦντος τὴν ὀσφύν· καὶ τῶν ὀμμάτων περιβλέψεις, οἷος ἂν εἴη Διονύσιος ὁ σοφιστής.

⁵⁷⁹ “Fanfarrões” – Cf. cap. 53.

⁵⁸⁰ Foerster insere <lingua> antes de *audacem*.

⁵⁸¹ Cícero, em *De Fato*, V, 10, fala a respeito de Sócrates, tendo como base as clavículas e percebemos que a análise é compatível com a teoria fisiognomônica. Cf. citação desta passagem no cap. 1 da tese.

58) *Humeri non crassi, sed solidi uirtutem indicant. Laxi enim infirmitatem animi et timiditatem ostendunt. Humeri tenues et qui in acutum erecti sunt insidiosum hominem indicant. Si autem indiscretis articulis et nodis sunt, ad stultitiam referuntur. Humeri faciles, bene discreti et absoluti honestatem indicant. <Referuntur ad ἐπιπρέπειαν>. Humeri enim fracti et impliciti incongruenter <inhonesti. Referuntur ad ἐπιπρέπειαν>.*

59) *Manus cum ita sunt prolixae ut, cum demittuntur erecto corpore cetero, genibus propinquent, habiles homines aperiant et fortitudinis sunt indices. Cum autem breues <sunt> et intra medium femur desinunt, maliuolos homines ostendunt, gaudentes alienis malis. Vt autem de huiusmodi homine pronuntiare possis, quicumque cibos appetentes protendunt os et caput ut occurrant manui, paruas habent manus et maliuoli sunt, gaudentes aliorum malis.*

58) Os ombros que não são grossos, mas sólidos, indicam a coragem. Porém⁵⁸², os ombros relaxados mostram a fraqueza do ânimo e o medo. Os ombros finos e que se erguem pontudos indicam o homem insidioso. Se, porém, têm articulações e juntas indistintas, relacionam-se à estultícia. Os ombros flexíveis, bem divididos e soltos indicam a honestidade – referem-se à *epiprepeia*. Os ombros amolecidos⁵⁸³ e inconvenientemente entrelaçados são os desonestos – referem-se à *epiprepeia*.

59) Quando as mãos são alongadas de modo que se aproximem dos joelhos quando estão caídas, com o resto do corpo erguido, manifestam homens de boa compleição e são indícios de força. Porém, quando são curtas e terminam até o meio da coxa, mostram homens malévolos que se alegram com os males alheios. Para que possas enunciar a respeito deste tipo de homem: são todos aqueles que estendem a boca e a cabeça ao buscar alimentos para que

⁵⁸² Foerster: *uero* em vez de *enim*. J. André interpreta a correção de Foerster como um equívoco, já que existia o uso adversativo de *enim* na época do autor. O uso do *enim* adversativo é mencionado no *Oxford Latin Dictionary*: 6. (introducing a slight contrast).

⁵⁸³ Foerster: *humeri contracti et impliciti incongruentes. referuntur ad ἐπιπρέπειαν*. As correções são baseadas na oposição apresentada no tratado pseudoaristotélico acerca dos aspectos dos ombros, 811a1-5: ὅσοις ὤμοι εὐλυτοὶ εἰσιν, ἐλεύθεροι τὰς ψυχὰς· ἀναφέρεται δὲ ἀπὸ τοῦ φαινομένου, ὅτι πρέπει τῇ φαινομένη μορφῇ ἐλευθερίότης. ὅσοις δὲ οἱ ὤμοι δύσλυτοι συνεσπασμένοι, ἀνελεύθεροι [811a.5] ἀναφέρεται ἐπὶ τὴν ἐπιπρέπειαν. Portanto, se adotarmos a sentença como determina Foerster, o contraste entre a aparência física dos ombros é coerente, mas se perde a oposição das qualidades éticas (honestidade – desonestidade); mantivemos então uma imagem que transmite um aspecto excessivo dos ombros, pois não são flexíveis, mas extremamente amolecidos, tornando coerente também as qualidades contrastantes. Não nos parece que a correção de Foerster seja coerente, pois ele não sugere as mesmas qualidades do caráter encontradas no pseudo-aristotélico.

Tenues cubiti imbecilles, pleni nimium indociles ostendunt. Cum autem mediae soliditatis sunt et articulis et musculis insigniti, fortem animum et habile corpus ostendunt. Referuntur <ad ἐπιπρέπειαν>. Manus cum molles sunt, docilem hominem significant, cum durae, fortem, sed indocilem demonstrant. Nimium breues manus et exiguae furtis opportunae et sagaces sunt. Crassae quoque manus et exiguae, si digitos ultra modum breues habeant, tergiuersatorem, insidiosum et furem indicant. Manus tenues et intortae loquacem demonstrant et uoracem.

encontrem a mão, têm mãos pequenas e são malévolos, alegrando-se com os males dos outros.

Os antebraços⁵⁸⁴ finos mostram os fracos; os excessivamente grossos, os indóceis. Porém, quando sua grossura é moderada e tem articulações e músculos notáveis⁵⁸⁵, mostram o ânimo forte e o corpo de boa compleição – referem-se⁵⁸⁶ à *epiprepeia*. Quando as mãos são delicadas, significam um homem dócil; quando são ásperas, demonstram o forte, mas indócil. As mãos excessivamente curtas e miúdas são oportunas e hábeis⁵⁸⁷ para furtos. As mãos espessas e também miúdas se tiverem dedos curtos demais indicam o tergiversador, insidioso e ladrão. As mãos finas e torcidas demonstram o loquaz e o voraz.

60) *Vngues albi, lati, subrubentes optimi ingenii dant indicium, angusti autem et oblongi stoliditatis et feritatis indices sunt. Qui inflexi et curui sunt, impudentes et rapaces sunt. Refertur ad aues et feras quae uiolentae sunt. Vngues qui impressi sunt et nimium accorporati, magis feri et stolidi sunt. Nimium breues ungues malignum hominem declarant. Hoc idem significant pallidi et*

60) As unhas largas, claras e avermelhadas dão indício do melhor engenho, mas as estreitas e compridas são indicadores de estupidez e de ferocidade. Aquelas que são curvadas e arqueadas são os impudentes e rapinantes; relaciona-se este tipo às aves e às feras que são violentas. As unhas que são afundadas e excessivamente

⁵⁸⁴ *Cubitus* pode ser traduzido também como cotovelo (Saraiva/ Faria), tal como faz o tradutor I. Repath ('elbows'), no entanto, a descrição enquadra-se melhor com a imagem dos antebraços, uma das acepções admitidas no *Oxford Dictionary*.

⁵⁸⁵ Foerster: *insignes* em vez de *insigniti*.

⁵⁸⁶ Foerster: *refertur* em vez de *referuntur*.

⁵⁸⁷ Foerster: *rapaces* em vez de *sagaces*. Na sequência, Foerster apresenta outra diferença: *crassae quoque manus si digitos [...]*. As descrições em Polemão e Adamantio não são exatamente iguais, pois julgam que a mão grossa com dedos curtos é apta ao roubo (B, 20), como se verá adiante neste capítulo do Anônimo, em ambos, as mãos pequenas indicam estupidez.

nigri et asperi. Vngues qui perrotundi sunt in uenerem proni sunt. Haec signa quae unguibus attributa sunt per semet ipsa non sunt satis idonea, uerum coniuncta potioribus nonnullam habent efficaciam.

Item digiti cum coniuncti sunt et cohaerent, immundum hominem significant. Qui collecti sunt et conglobati malignum et auarum indicant. Parui et tenues stultum, parui et crassi improuidum, audacem, ferum hominem declarant. Qui nimium prolixi et nimium tenues sunt longe a sapientia sunt. Qui immoderato spatio inter se distant leues et loquaces sunt. Qui autem moderatae magnitudinis sunt et honestae speciei mores optimos indicant.

Haec tam de manuum quam pedum unguibus ac digitis dicta sint.

grudadas na carne⁵⁸⁸ são mais os ferozes e estúpidos. As unhas excessivamente curtas mostram um homem maligno. Significam o mesmo as unhas pálidas, escuras ou ásperas. As unhas que são muito redondas são dos propensos ao sexo. Não são suficientes por si mesmos estes sinais que são atribuídos às unhas, porém, junto a sinais mais importantes têm alguma eficácia.

[Dedos] Do mesmo modo, quando os dedos estão juntos e sem divisão entre si significam o homem sórdido. Aqueles que estão reunidos e aglomerados indicam o maligno e avaro⁵⁸⁹. Os dedos pequenos e finos mostram um homem estulto, os pequenos e grossos mostram o improvidente, audaz e feroz. Aqueles que são excessivamente alongados e excessivamente finos estão bem longe da sabedoria. Aqueles que têm entre si uma grande distância são os fúteis⁵⁹⁰ e loquazes. Porém, aqueles que são de dimensão moderada e de aspecto nobre indicam o melhor caráter.

Tais coisas que foram mencionadas a respeito das unhas e dos dedos dizem respeito tanto às mãos como aos pés.

⁵⁸⁸ Foerster menciona *incorporati* dentre as possibilidades.

⁵⁸⁹ As duas descrições são redundantes e a imagem pode referir-se à mão grossa, já que os dedos estão muito juntos e não apresentam boa divisão entre eles.

⁵⁹⁰ O adjetivo *leuis* é traduzido de maneira diversa em alguns capítulos do tratado, de acordo com o contexto, pois remete à suavidade, à futilidade, à rapidez e à leveza. A descrição neste excerto indica as características morais que, reunindo futilidade e loquacidade, mostra o indivíduo com qualidades negativas, não cabem, portanto, as demais acepções do adjetivo utilizadas em nossa tradução.

61) *Pectus latum, dispositum et discretum, cuius clarae sunt singulae partes, <quod Graeci dicunt διηρθρωμένον> optimum est. Pectus tenue et inualidum etiam animi imbecillitatem significat. Quod autem congestum est carnibus indociles et ignauos indicat. Quibus mamillae dependent et molli carne circumdatum pectus est, his uinolentia et intemperantia ueneris assignatur.*

62) *Ea quae de pectore dicta sunt etiam de metaphreno dicta sint, quae pars est dorsi opposita pectori. Nam solidum metaphrenum uirile est, tenue <et> infirmum timidum. Et caro si nimia sit in hac parte dorsi, stultitiae index erit, sed si parui spatii metaphrenum fuerit, idem indicabit. Latum igitur esse metaphrenum uiris conuenit. Sed etiam si rotundum leniter fuerit, non est recusandum, nam praesentis ingenii hominem indicat, habentem aliquid*

61) O peito largo, bem disposto e dividido, no qual cada parte é evidente – o que os gregos chamam *dierthromenon* <bem articulado>⁵⁹¹ – é o melhor. O peito franzino e frágil também significa a fraqueza do ânimo. Aquele, porém, acumulado de carne indica os indóceis e ociosos⁵⁹². Àquelas pessoas cujas mamas são caídas e o peito é envolvido por carne flácida⁵⁹³, é atribuída vinolência e intemperança sexual.

62) Tais coisas que foram ditas a respeito do peito também devem ser ditas a respeito do *metaphrenon*⁵⁹⁴, que é a parte das costas oposta ao peito. Com efeito, o *metaphrenon* sólido representa o viril; o franzino e debilitado, o medroso. E, se há carne excessiva nesta parte das costas, será indicador de estultícia, mas se o *metaphrenon* tiver extensão pequena, indicará o mesmo. Logo, convém aos homens que o *metaphrenon*

⁵⁹¹ A obra pseudoaristotélica traz a descrição unicamente deste peito, portanto, reafirma-se ser o tipo mais adequado, já que o autor não traz outras descrições, 810b23-4: ὅσοι δὲ τὰ <στηθία> ἔχουσι μεγάλα καὶ διηρθρωμένα, εὐρωστοὶ τὰς ψυχὰς· ἀναφέρεται ἐπὶ τὸ ἄρρεν. “O peito largo, bem articulado, significa força de caráter, como no gênero masculino” (Tradução indireta da versão em inglês de Simon Swain).

⁵⁹² Foerster: *ignaros* em vez de *ignauos*. J. André considera desnecessária a correção de Foerster e ressalta que o adjetivo *ignauus* foi associado a partes do rosto mais carnudas nos capítulos 49 e 50.

⁵⁹³ Adotamos, até agora, “delicado” ou “macio” para traduzir o adjetivo *mollis*, no entanto, a caracterização aqui sugere um indivíduo de aparência indecorosa que se reflete no caráter e compõe um quadro coerente com a imagem das mamas caídas.

⁵⁹⁴ Preferimos adotar o termo grego transliterado como fez o Anônimo, sem traduzi-lo, pois o autor explica seu significado, trata-se da parte superior das costas; mais adiante, o capítulo 66 concentra sua análise especificamente nas costas (*dorsum*). Saraiva define *metaphrenon* como “costas, dorso”, contudo, os tratados evidenciam ser a área das costas oposta ao peito; o dicionário *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français* de Bailly traz tal diferenciação, pois μετάρφρενον é a “partie supérieure du dos entre les épaules, dos”. Os demais tradutores do *De Physiognomonía Liber* que temos citado até agora preferem adotar seu significado completo. No tratado pseudoaristotélico, o tradutor S. Swain evidencia que o μετάρφρενον é a parte superior das costas, 81-b25-6: ὅσοι δὲ τὸ <μετάρφρενον> ἔχουσι μέγα καὶ εὐσαρκον καὶ ἀρθρωδες, εὐρωστοὶ τὰς ψυχὰς· ἀναφέρεται ἐπὶ τὸ ἄρρεν./ Giambattista Della Porta, em *La fisionomia dell'uomo et la celeste*, livro II, XVIII, opta pelo uso de “metafreno”.

gratiarum tam in sermone quam in factis. Quorum autem incuruum est metaphrenum et inflectit humeros ad pectus, malignitatem cum inuidia indicat, et tunc magis si omne corpus ita incuruum atque inflexum sit. Nam et lucrorum immoderatum studium cum his quae praedicta sunt indicat.

63) *Emetiendum quoque est spatium ab umbilico usque ad pectoris finem, item a pectoris fine usque ad originem colli. Si maior pars pectoris fuerit, prudentiam indicat, si quod infra pectus est usque ad umbilicum maius fuerit, uoracem hominem declarat.*

64) *Venter cum est magnus et congestis carnibus, si quidem mollibus et pendentibus, sine sensu hominem et uinolentum atque intemperantem, deditum luxuriae ac ueneri indicat. Si nimia caro, uerum solida sit, maliuolum hominem et malorum artificem declarat. Venter si nimio recessu est tamquam inanis, timidum, malignum et uoracem indicat. Venter aliquanto mollior atque impressior uirtutem animi et magnificentiam monstrat.*

seja largo; no entanto, também se for levemente arredondado, este tipo não deve ser rejeitado porque indica o homem com presença de espírito, que possui algum atrativo tanto na linguagem quanto nas ações. Porém, o *metaphrenon* daqueles que é dobrado e que curva os ombros em direção ao peito indica a maldade com inveja, e ainda mais se o corpo inteiro for assim dobrado e curvado. Com efeito, indica também a vontade desmedida por lucro, dentre estas coisas que foram ditas acima.

63) Deve-se também medir a distância do umbigo até a base do peito e, igualmente, da base do peito até o início do colo. Se a parte do peito for maior, indica a prudência; se a parte abaixo do peito até o umbigo for maior, mostra um homem voraz.

64) Quando o ventre é grande e com acúmulo de carne, se for flácida e estiver pendurada, indica o homem sem juízo, vinolento, intemperado e dedicado à luxúria e ao sexo. Se houver carne em excesso, mas firme, mostra um homem malévolo, artífice do mal. Se houver no ventre excessiva profundidade, como se estivesse vazio, indica o medroso, maligno e voraz⁵⁹⁵. O ventre um tanto mais flácido e mais afundado mostra um ânimo corajoso e a magnificente.

⁵⁹⁵ Plínio explica no livro XI da *História Natural*, 79, §200, a estrutura do sistema digestivo dos animais em geral: quanto mais longe for o ventre da entrada do alimento, mais ávido por alimento será o animal.

65) *Latera tenuia et angusta et depressa timiditatis arguunt, et quae referta sunt carnibus et dura indociles homines ostendunt. Quae autem rotunda sunt tamquam tumentia, loquacem, inanem declarant: nam refertur ad ranas.*

66) *Dorsum latum, solidum uirile est et contrarium muliebre. Quorum dorsum incuruum est, si in molli corpore fuerit, quod superius ὑγρόν a Graecis nominari diximus, non tam malum accipiendum est quam quod in spisso et solido corpore fuerit. Qui iuxta ilia angustiores sunt tamquam succincti, et in omni parte uirtutis excellent et uenationum studiosiores erunt.*

67) *Spinae pars inferior, quae ὀσφύς graece dicitur, si late iaceat et nimia sit et molli carne circumdata, femininum est: refertur ad ἐπιπρέπειαν. Quae proluxa est et in acutum desinit, intemperantiam libidinis et timiditatem ostendit. Virilis ergo est quae clara ossibus et moderata ac solida est.*

65) Os flancos finos, estreitos e cavados acusam os homens de covardia; aqueles que são cheios de carne e duros mostram os homens indóceis. Porém, os flancos que são arredondados, como se estivessem inchados, apresentam o loquaz e inane: com efeito, relaciona-se às rãs.

66) As costas largas e sólidas representam o viril, o contrário é próprio de mulher. Aqueles cujas costas são dobradas, se estiverem num corpo delicado – o que dissemos antes ser denominado *hygron*⁵⁹⁶ pelos gregos –, não deve ser compreendido como sinal tão ruim quanto aquelas que estejam num corpo consistente e sólido. Aqueles cujas costas são mais estreitas perto das ilhargas⁵⁹⁷ são mais estreitas, como se fossem cingidas, tanto se sobrepujarão em todas as virtudes como serão os mais interessados na caça.

67) Se a parte inferior da espinha dorsal, que em grego é chamada *osphys* <região lombar>, estende-se largamente, é enorme e envolvida por carne flácida, é um sinal feminino: refere-se à *epiprepeia*. Aquela que é alongada e termina pontuda mostra intemperança do desejo e medo. Logo, é um sinal viril a

⁵⁹⁶ Cf. nota 214.

⁵⁹⁷ Sinônimo de “flanco”, tradução de *latus* no cap. 65, portanto, adotamos para *ile* o vocábulo “ilharga” que comporta a mesma ideia – aqui se distingue por designar a lateral do corpo especificamente na região dos quadris.

espinha dorsal com ossos evidentes, moderada e firme.

68) *Ἰσχία sunt ossa concludentia uentrem, quibus etiam ossa femorum impressa sunt. Si igitur ἰσχία solida et dura et discreta ossibus fuerint, fortem et bellatorem hominem monstrant: refertur enim ad leones; si uasta et carne complexa, muliebri ingenium designant secundum ἐπιπρέπειαν. Quae autem nimium exesa sunt, rugosa et tenui cute circumdata, ut sunt simiarum, malignitatem indicabunt.*

68) *Ischia* <ískuos⁵⁹⁸> são ossos que fecham o ventre, nos quais também os ossos das coxas estão afundados. Logo, se os *ischia* forem sólidos, duros e de ossos distintos, mostram o homem forte e combatente: portanto, este tipo está relacionado aos leões. Se forem enormes e cercados por carne, designam o engenho feminino conforme a *epiprepeia*⁵⁹⁹. Porém, aqueles que forem excessivamente desgastados e envolvidos por uma pele rugosa e fina, como são os dos macacos, indicarão a maldade.

69) *Femur eadem erunt signa secundum Polemonem quae mox de superiori parte crurum dicuntur, quam Graeci κνήμην uocant, cuius prior pars tibia superior est, posterior uero usque ad pedes. Ea igitur repetemus quae Aristoteles aliter posuit: <κνήμη> ergo, id est pars cruris quae sub geniculo est posterior, id est infra suffraginem, quotiens plena est tamquam grauida, sordidum hominem, intemperantem impudentemque significat, seruales etiam mores comprehendit. Cum autem moderatae*

69) Os sinais das coxas serão os mesmos segundo Polemão, os quais serão mencionados a seguir a respeito da parte superior das pernas, o que os gregos chamam *knémen* <canela>, cuja parte dianteira é a tíbia superior e, certamente, a parte posterior é a que vai até os pés. Logo⁶⁰⁰, repetiremos os sinais que Aristóteles expôs de modo diferente: pois *knéme*, ou seja, a parte posterior da perna que está sob o joelho⁶⁰¹, isto é, embaixo do jarrete, todas as vezes que estiver tão

⁵⁹⁸ Definição de “ískuio” no dicionário Houaiss é “porção inferior e posterior do osso ilíaco; ískuion”. Vejamos então “ilíaco”: 1. relativo à bacia, aos flancos; 1.1. relativo a ou próprio do osso ilíaco; 2. diz-se de ou cada um dos dois ossos resultantes da soldadura do ílio, ískuio e púbis, que formam a cintura pélvica; 3. diz-se de ou osso atualmente denominado osso do quadril.

⁵⁹⁹ Depois de ter exposto o conceito da *epiprepeia* no cap. 45, o autor passa a retomá-lo com certa frequência de maneira a lembrar que é preciso haver concordância entre os demais sinais, o que se fazia por meio de outras expressões no início do tratado.

⁶⁰⁰ Foerster: *Postea* em vez de *Ea*.

⁶⁰¹ Apesar de empregar o diminutivo *geniculum*, o sentido é claramente de *genu* – “joelho”.

plenitudinis sunt <κνήμῃ> moderataeque magnitudinis, solidae et discretæ – <quod Graeci appellant διηρθρωμένον> – optimi ingenii sunt indices. Molles autem <et ἄναρθροι> muliebri sexui assignandae sunt. cheia como numa gravidez⁶⁰², significa um homem sujo, intemperado e impudente, compreende também o caráter servil. Quando, porém, <*knemai*> são de grossura e dimensão moderadas, firmes e distintas – o que os gregos denominam *dierthromenon* <bem articulado> – são indicadores do melhor tipo de engenho. Porém, moles e *anarthroi* <sem articulações visíveis> devem ser atribuídas ao sexo feminino.

70) *Genicula cum in se conversa sunt atque colliduntur, ad femineam speciem referuntur.*

71) *<Σφυρὰ> sunt crurum partes imae proximae talis. <Σφυρὰ> igitur et imi pedes et calcanea cum nimium uasta sunt et referta carnibus, stultum hominem indicant uel insanum, hoc a se obseruatum esse diligenter Polemon refert, et eo magis si et humiles digitos et <κνήμας> uastas in isdem pedibus esse contigerit. <Σφυρὰ> solida, quorum ambitus certus, circumscriptus et honestus est et qui non offendat oculos, uirum sanctum demonstrant. Tenuitas timidum et intemperantem declarat.*

70) Quando os joelhos são voltados um para o outro e colidem, estão relacionados à imagem feminina.

71) *Sphyræ* <tornozelos> são partes da extremidade das pernas, próximas aos ossos dos calcanhares⁶⁰³. Logo, quando os *sphyræ*, as extremidades dos pés e os calcanhares são excessivamente grandes e cheios de carne, indicam o homem estulto ou insano; Polemão relata ter observado este tipo cuidadosamente e que será ainda mais assim se, nestes mesmos pés, acontecer dos dedos serem curtos e as <*knemas*> enormes. Os *sphyræ* sólidos, cuja circunferência é certa, traçada, proporcional e que não incomode os olhos, demonstram um homem

⁶⁰² J. André e G. Raina não optam pela tradução de *gravidus* como algo relacionado à gravidez; contudo, a comparação é importante para a composição da imagem, por essa razão, os adjetivos que poderiam ser atribuídos na tradução, tais como “carregado, cheio”, não sustentam o quadro elaborado em latim.

⁶⁰³ *Talus* também significa “tornozelo” ou “calcanhar”, as duas opções devem ser eliminadas porque o texto traz o termo grego correspondente a tornozelo como uma parte diferente de *talus* e, logo em seguida, *calcaneum* para calcanhar. O *Oxford Dictionary* traz além da definição de “ankle” para *talus*, “the ankle-bone”.

venerável. A finura mostra o medroso e intemperado.

72) *Pedes imi discreti neruis et articulis clari generosum et uirile ingenium declarant. Molles et ampla carne circumdati molle ingenium et femininum ostendunt. Crassi pedes et breues admodum ferinos mores indicant. Nimium proluxiores inuigilantem dolis hominem multis ac perniciem cogitantem demonstrant. Pertenues et breues malignum produunt. Curui pedes et qui plantam longe cauam ac reductam habent improbandi sunt. Qui aequaliter plani sunt et nullum habent recessum in medios pedes, sed cruribus ambulant et ex interiori parte calciamenta atterunt, uersutam et malignam mentem ostendunt. Aristoteles addit etiam hos esse uersutos qui habent inflexa supercilia, sicut sunt in personis senum comicorum.*

72) As extremidades dos pés com nervos distintos e articulações evidentes apresentam o engenho nobre e viril. Os pés delicados e envolvidos por considerável quantidade de carne mostram o engenho delicado e feminino. Os pés grossos e curtos indicam o caráter extremamente⁶⁰⁴ selvagem. Os pés demasiadamente alongados mostram o homem que se ocupa de muitos dolos e concebe desgraças. Pés muito finos e curtos dão a conhecer o homem maligno. Os pés arqueados e que têm a sola muito côncava e recuada devem ser condenados. Aqueles que são uniformemente planos e sem nenhuma concavidade no meio dos pés, mas que andam sobre os tornozelos⁶⁰⁵ e gastam os sapatos na parte interior, mostram uma mente esperta e maligna. Aristóteles acrescenta que também são espertos aqueles que têm as sobrancelhas arqueadas, assim como nas máscaras dos velhos cômicos⁶⁰⁶.

⁶⁰⁴ J. André prefere usar o advérbio *admodum* associado aos pés curtos.

⁶⁰⁵ A tradução literal de “*cruribus ambulant*” não faria sentido, já que *crus* é a perna na totalidade. Conforme destacam I. Repath e J. André, o Anônimo pode ter se baseado na expressão grega “ὥς τοῖς σφυροῖς βαίνοντες” (presente em Adamantio, B, 6), neste caso, entendemos como “tornozelos” (σφυρὰ), o que indica um movimento errado ao andar, já que o tornozelo não é um dos pontos de contato do pé com o chão, imaginamos então que “andar sobre os tornozelos” indica certo desequilíbrio no movimento.

⁶⁰⁶ Não está presente esta passagem no tratado de fisiognomonía atribuído a Aristóteles, mas uma informação semelhante é dada em uma obra dele, na *História dos animais*, 491b: Ὑπὸ δὲ τῷ μετώπῳ ὀφρύες διφυεῖς· ὧν αἱ μὲν εὐθεῖαι μαλακοῦ ἤθους σημεῖον, αἱ δὲ πρὸς τὴν ῥῖνα τὴν καμπυλότητ' ἔχουσιν στρυφνοῦ, αἱ δὲ πρὸς τοὺς κροτάφους μωκοῦ καὶ εἰρωνος, αἱ δὲ κατεσπασμέναι φθόνου. “9. Abaixo da fronte ficam as sobrancelhas. Se dispostas em linha recta, são sinal de moleza, se forem arqueadas na direção do nariz

73) *De capillorum uarietate haec superius quidem discretio facta est, quod crispum timidum ostendant, quod directum ferum, hoc idem et spissi, quod rari insidiosum, quod molles nimium effeminatum, quod nigri timidum nimium et auarum, quod rubei subalbi auaros mores et quod harum omnium contrarietatum medietas optima sit, sed qui uehementer rubicundi sunt, ut flos mali granati, repudiandi sunt: nam et auarum et ferum et indocilem significant. Sed quoniam et praeter caput et supercilia et oculos in aliis etiam partibus corporis exoriuntur capilli, retinenda est quidem in his partibus regula de capillis superius dicta, sed et specialiter assignandae proprietates ceteris partibus sunt. Crura densis et longis capillis obsita indocilem et ferum hominem indicant. <Ὅσφὺς, id est> ima pars spinae, et femora similiter capillosa idem indicant. Venter et pectus si nimio capillo circumtecti fuerint, leuem et instabilem hominem produnt, <quem Graeci ἄλλοπρόσαλλον uocant>; praeterea sine religione, sine pietate esse hoc ingenium declaratur. Cum solum pectus capillos praefert, calidum et animosum significat. Cum humeri et metaphrena capillis*

73) A respeito da variedade de cabelos, esta distinção certamente foi feita anteriormente⁶⁰⁷. Os cabelos crespos mostram o medroso⁶⁰⁸; os lisos, o feroz, e os encorpados mostram o mesmo; os que são ralos⁶⁰⁹, o insidioso; os cabelos macios mostram o excessivamente efeminado; os pretos, o excessivamente medroso e avaro; os ruivos e um pouco esbranquiçados, o caráter avaro; e, dentre todas estas oposições, o meio-termo é o melhor tipo, pois devem ser censurados aqueles cabelos que são intensamente vermelhos, como uma flor de romã: com efeito, significam o avaro, feroz e indócil. Porém, visto que os pelos também aparecem em outras partes do corpo além da cabeça, das sobrancelhas e dos olhos, deve-se manter, certamente, a regra acerca dos cabelos dita anteriormente para estas partes, mas também devem ser atribuídas suas características particulares. As pernas carregadas de pelos densos e longos indicam o homem indócil e feroz. *Osphys* <região lombar>, isto é, a parte na extremidade da espinha,

exprimem rispidez, na direção das têmporas um espírito trocista e dissimulado.” (Tradução: Maria de Fátima S. e Silva)

⁶⁰⁷ Cf. capítulo 14.

⁶⁰⁸ Aspecto associado aos egípcios no cap. 14, em que a covardia é também uma das características elencadas.

⁶⁰⁹ Cf. cap. 14 e nota. Em vez de traduzir *rarus* por “fino”, como já fizemos no capítulo 6, passamos a traduzir como “ralo” a partir do cap. 14: aqui a oposição refere-se a *spissus*, que, por sua vez, não consideramos “grosso” ou “espesso”, uma vez que *crassus* já se enquadra nestas duas acepções ao longo do tratado, na verdade, são aspectos muito próximos e consideramos como “encorpado”, pois parece que se destaca não apenas a espessura do cabelo, como também seu volume na oposição a *rarus*. Neste sentido, não se discorre acerca da característica do fio de cabelo propriamente, mas de sua condição geral.

circumdata sunt, auium mores id est leues et instabiles indicant. Cum omne corpus contectum est capillis, animum quadrupedis potius quam hominis indicat. Cum ceruix a capite capillosa est, fortem et animosum indicat: refertur enim ad leonem. Et cum ad mediam frontem capillus decurrit, ex utraque autem parte repressus uel reflexus est, ad equi speciem refertur

e as coxas igualmente peludas indicam o mesmo⁶¹⁰. Se o ventre e o peito forem cobertos por uma quantidade excessiva de pelos, dão a conhecer o homem fútil e instável – quem os gregos chamam *alloprosallon* <inconstante> – além disso, este engenho é apresentado como sem religião e sem piedade. Quando apenas o peito apresenta pelos, isto significa um homem ardente e animoso. Quando os ombros e o *metaphrenon* são rodeados por pelos, indicam o caráter das aves, ou seja, fúteis e instáveis. Quando o corpo inteiro é repleto de pelos, indica antes o ânimo de um quadrúpede do que do homem. Quando o pescoço, na parte abaixo da cabeça, é peludo, indica o forte e animoso: com efeito, relaciona-se ao leão. E quando o cabelo desce para o meio da frente, porém, fica parado ou revirado nos dois lados, relaciona-se à espécie do cavalo⁶¹¹.

⁶¹⁰ Foerster indica no aparato a possibilidade de *libidinosum* em vez de *idem*, característica semelhante às descrições em Polemão (B, 37, 39b40a) e Adamantio (B, 37, 17-9).

⁶¹¹ O capítulo 73 apresenta muitos elementos em comum com a análise do tratado de fisiognomonía pseudoaristotélico, 812b13-813a1: Οἱ δασείας ἔχοντες τὰς κνήμας λάνιοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς τράγους. οἱ δὲ περὶ τὰ στήθη καὶ τὴν κοιλίαν ἄγαν δασέως ἔχοντες οὐδέποτε πρὸς τοῖς αὐτοῖς διατελοῦσιν· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς ὄρνιθας, ὅτι ταῦτα τὰ στήθη καὶ τὴν κοιλίαν δασυτάτην ἔχουσιν. οἱ τὰ στήθη ψιλὰ ἄγαν ἔχοντες ἀναιδεῖς· ἀναφέρεται ἐπὶ τὰς γυναῖκας. ἐπειδὴ οὖν οὔτε ἄγαν δασέα δεῖ εἶναι οὔτε ψιλὰ, ἡ μέση ἕξις κρατίστη. οἱ τοὺς ὤμους δασεῖς ἔχοντες οὐδέποτε πρὸς τοῖς αὐτοῖς διατελοῦσιν· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς ὄρνιθας. οἱ τὸν νῶτον δασὺν ἔχοντες ἄγαν ἀναιδεῖς· ἀναφέρεται ἐπὶ τὰ θηρία. οἱ δὲ τὸν αὐχένα ὀπισθεν δασὺν ἔχοντες ἐλευθέριοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς λέοντας. οἱ δὲ ἀκρογένειοι εὐψυχοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς κύνας. οἱ δὲ συνόφρυες δυσάνιοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τὴν τοῦ πάθους ὁμοιότητα. οἱ δὲ τὰς ὀφρὺς κατεσπασμένοι πρὸς τῆς ῥινός, ἀνεσπασμένοι δὲ πρὸς τὸν κρόταφον εὐήθεις· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς σῦς. οἱ φριζὰς τὰς τρίχας ἔχοντες ἐπὶ τῆς κεφαλῆς δειλοί· ἀναφέρεται ἐπὶ τὸ πάθος, ὅτι καὶ οἱ ἐκφοβοὶ γιγνόμενοι φρίσσουσιν. οἱ τὰς τρίχας σφόδρα οὐλας ἔχοντες δειλοί· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς Αἰθίους. ἐπειδὴ οὖν αἱ τε φριζαὶ καὶ αἱ σφόδρα οὐλαὶ δειλίαν ἀναφέρουσιν, αἱ ἄκρουλοι ἂν εἶεν πρὸς εὐψυχίαν ἄγουσιν· ἀναφέρεται δὲ καὶ ἐπὶ τὸν λέοντα. οἱ τοῦ μετώπου τὸ πρὸς τῇ κεφαλῇ ἀναστεῖλον ἔχοντες ἐλευθέριοι· ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς λέοντας. οἱ ἐπὶ τῆς κεφαλῆς προσπεφυκυῖας ἔχοντες τὰς τρίχας ἐπὶ τοῦ μετώπου κατὰ τὴν ῥίνα ἀνελεύθεροι· ἀναφέρεται ἐπὶ τὴν ἐπιπρέπειαν, ὅτι δουλοπρεπὲς τὸ φαινόμενον.

74) *Motus corporis alius est naturalis, alius affectatus. Affectati tres sunt species. Vna cum homo honorem uel potestatem uel lucrum uel nuptias captans, prout acceptissimum esse potioribus arbitratur, ita se constituit. Nam et luxuriae et bonitatis similitudinem induit et erectus et deiectus et squalidus et ignauus est et misericors et industrius, ubi pauperiem, rusticitatem, parsimoniam, paruitatem et misericordiam imitandam putat. Secunda species est affectationis eorum qui ad pulchritudinem student quique uultum et omne corpus ita informant ut aut uirginibus insidientur aut matrimonia perturbent; sed et qui in pueros dementes sunt aut mulierum loco se ipsos constituunt, quo uiros in se prouocare possint, affectatum atque elaboratum corporis motum habent. Tertia species est eorum qui cinaedi quidem certa fide sunt, uerum suspicionem a se remouere conantes uirilem sumere speciem sibimet laborant. Nam et incessum pedum iuuenilem imitantur et semet ipsos rigore quodam confirmant et oculos uocemque intendunt atque omne corpus erigunt, sed facile deteguntur uincente se ac nudante natura. Nam et collum et uocem plerumque submittunt et pedes manusque relaxant aliisque temporariis indiciis facile*

74) Há o movimento do corpo natural e outro afetado; existem três espécies de movimento afetado⁶¹². Um é quando o homem ambiciona a honra, o poder, o lucro ou o casamento, dessa maneira, ele se constitui conforme o que julgar ser o mais agradável às melhores pessoas. Com efeito, veste-se à semelhança da luxúria e da bondade e ao que é que é nobre, abatido, esqualido, ocioso, misericordioso e laborioso quando ele julga que devem ser imitadas a pobreza, a rusticidade, a parcimônia, a insignificância e a misericórdia⁶¹³. A segunda espécie de afetação pertence àqueles que se dedicam à beleza, moldam o rosto e o corpo inteiro de modo que possa seduzir virgens ou perturbar matrimônios; mas também são aqueles que são loucos por rapazes ou se constituem, eles próprios, como mulheres para que possam provocar os homens, estes também têm o movimento do corpo afetado e elaborado. A terceira espécie pertence aos que são afeminados com toda certeza, no entanto, trabalham para afastar a suspeita de si, esforçando-se em assumir uma imagem viril. Com efeito, estes imitam o modo de andar

⁶¹² O autor traz apenas a descrição dos movimentos afetados e não explica a razão de excluir o movimento natural, mas podemos observar em Polemão e Adamantio que existe necessidade apenas de estudar os movimentos simulados, pois reconhecemos a movimentação natural. Acerca do tema dos movimentos na fisiognomonia, cf. cap. 3 da tese.

⁶¹³ Foerster menciona no aparato a possibilidade de haver lacuna nesta passagem, o que é coerente para I. Repath, pois os tipos que o indivíduo pretende representar não correspondem extamente às características elencadas na sequência.

produntur; nam et timor subitus et gaudium improvisum ab imitatione procurata eos excutit atque ad suum ingenium reuocat. Plerumque etiam oscitantes detecti sunt. Signa igitur omnia quae ex motibus corporis colliguntur ad quattuor has species referenda sunt: ad unam quae uera et naturalis est, ad tres quas fictas et simulatas esse constituimus.

juvenil, corroboram por meio de certa rigidez, intensificam os olhos e a voz e endireitam o corpo inteiro, mas são facilmente descobertos quando a natureza vence e se revela; porque geralmente abaixam o colo e a voz, relaxam os pés e as mãos e dão-se a conhecer facilmente por meio de outros indícios passageiros, visto que o temor súbito e a alegria repentina os arrancam da imitação trabalhada e os fazem voltar para seu próprio engenho. Geralmente, os afeminados também são descobertos ao bocejar. Logo, todos os sinais que são reunidos a partir dos movimentos do corpo devem ser relacionados a estas quatro espécies: uma que é verdadeira e natural e as outras três que constituímos, fingidas e dissimuladas.

75) *Qui longis passibus incedunt magnanimi sunt et efficaes; parui autem et restricti passus inefficaes, parci, paruae mentis sunt, dolorum artifices et obscurae mentis. Celeritas motus cum [est] erecto corpore et honesto atque claro calidum hominem indicat, qui aggrediatur res agendas magis quam perficiendas. Si autem celeriter quidem mouetur, uerum submittit oculos et se comprimit et uultum deducit atque omne corpus implicat et colligit, nimium timidum, parcum, uersutum, minus liberalem indicat. Cum autem celeritatem motuum peruideris atque incessus, oculorum*

75) Aqueles que andam com passos longos são magnânimos e eficientes; os passos pequenos e parados, ao contrário, são os ineficientes, econômicos, de mente pequena e dissimulada, artífices de dolos. A rapidez do movimento com o corpo erguido, nobre e notável indica o homem de engenho ardente e que começa a fazer as coisas mais vezes do que as completa. Aquele que se move rapidamente se, no entanto, abaixa os olhos, se encolhe, tem o rosto caído, todo o corpo enroscado e contraído, indica o excessivamente

perturbationem, capitis inconstantiam, anhelitum spissum, haec indicia hominem cladium magnarum auctorem et nimiae audaciae declarant. Qui breues passus habet eosdemque accelerat, malignus et plus quam timidus et imbecillis habendus est. Tardus incessus si naturalis sit, etiam animum pigriorem indicat, si non potiora signa dissentiant. Si autem procurata sit tarditas et interdum resistat, circumspiciat, ceruicem erigat, superbiae dabit signum recte autem eum etiam moechum et adulterum pronuntiabis.

medroso, econômico, esperto e menos generoso. Quando, porém, examinares a rapidez dos movimentos e do andar, a perturbação dos olhos, a inconstância da cabeça e a respiração ofegante e pesada, estes indícios mostram um homem autor de grandes desgraças e de excessiva⁶¹⁴ audácia. Aquele que tem os passos curtos e também apressados deve ser considerado maligno, mais do que medroso e fraco. O andar lento, se for natural, indica também um ânimo mais preguiçoso, se os sinais principais não divergirem⁶¹⁵. Se, porém, a lentidão for fabricada e, às vezes, para, olha ao redor e ergue o pescoço, isto dará o sinal do orgulho, além disso, designarás com razão também aquele homem devasso e adúltero.

76) *Cum autem manuum ac pedum motus cum totius corporis consentiunt motibus et cum humeri moderate tranquilleque inferuntur cum leni inclinatione ceruicis, magnanimum hominem dicunt et fortem: huiusmodi leonis incessus est. Qui autem humeros commouet, erigit tamen collum atque tendit, superbus atque insolens rectissime iudicabitur: est enim talis equorum incessus. Haec satis esse arbitratur Polemon ad institutionem: minuta enim quaeque et*

76) Quando o movimento das mãos e dos pés estão de acordo com os movimentos do corpo inteiro e quando os ombros são erguidos de forma moderada e tranquila, com suave inclinação do pescoço, dizem respeito ao homem magnânimo e forte: o andar do leão é desta espécie. Aquele que movimenta os ombros, e ainda ergue e estende o colo, será com razão julgado como orgulhoso e insolente: de fato, tal é o andar dos

⁶¹⁴ Foerster: *immanis* em vez de *nimiae*.

⁶¹⁵ Esta sentença remete ao conceito da *epiprepeia*, nomenclatura citada em algumas passagens deste tratado, trata-se de um conceito enunciado no manual pseudoaristotélico, mas o Anônimo frequentemente retoma a ideia de harmonia entre os sinais sem nomear o princípio. Cf. cap. 68 e nota.

similitudines subtilius atque artius comparatae ex his quae dicta sunt haud difficile constitui possunt. Qui autem omni corpore mouentur, manifeste atque euidenter effeminati sunt. Ex his tolerabiliores sunt qui cum mouentur, corpus inclinant ad dextram partem, stultiores autem et acres sunt, quorum corpus declinat ad sinistram partem. Qui autem submittunt sese atque omne corpus infringunt, inhoneste blandi sunt, quos Graeci κόλακας uocant: refertur hoc ad canes.

cavalos. Polemão acredita que estes sinais são suficientes para instruir, porquanto todas as diminutas coisas e analogias, comparadas de forma bem sutil e rigorosa⁶¹⁶, podem facilmente ser constituídas a partir destas coisas que foram ditas. Porém, aqueles que movem o corpo todo, clara e evidentemente, são efeminados. Dentre estes, os indivíduos que, ao se moverem, inclinam o corpo para a direita são mais toleráveis; porém, aqueles cujo corpo declina para a esquerda são mais estultos e severos⁶¹⁷. Aqueles que, ao contrário, se abaixam e dobram todo o corpo são os inconvenientemente carinhosos, os quais os gregos chamam *kolakas* <bajuladores>: este tipo se relaciona aos cães.

77) *Cum quietus est spiritus ita ut aut nullum aut pertenuem praebeat sensum incurrens ac recurrens, in cogitatione constitutum hominem declarat, cuiusmodi autem cogitationes fere et oculi indicabunt. Cum spiritus interdum quiescit, longo autem post intervallo nimium trahitur uel editur tamquam in aestu reuolutus, in magna tristitia indicat hominem constitutum. Cum autem etiam caput quatit et ingemiscit, paenitentiam rei a se male gestae uel male*

77) Quando a respiração é calma, de modo que ao inspirar ou expirar nada ou muito pouco apresente-se aos sentidos, mostra o homem constituído no pensamento, porém, os olhos⁶¹⁸ geralmente indicarão de que espécie são os pensamentos. Quando a respiração, às vezes, repousa, mas depois de um longo intervalo aspira ou expele em excesso como se fosse repelida em meio a grande agitação de uma onda, indica o homem

⁶¹⁶ Foerster: *accuratius* em vez de *artius*.

⁶¹⁷ Foerster exclui “*et acres*”, embora insira a expressão no aparato crítico.

⁶¹⁸ Conforme mencionado no cap. 20, os olhos constituem o principal sinal a ser analisado na fisiognomonia.

dictae continet. Si tamen oculis in officio constitutis ac uigentibus ita uideatur cogitationem uersare, rem potius malam agere credendus est quam rei gestae paenitentiam sustinere. Spiritus cum mugit et grauiter concipitur atque editur, feritatem et uinolentiam indicat. Quorum anhelitus ita perturbatus ac spissus est, ut post cursum hominis esse solet, inconsulti, iracundi sunt, quibus omne sit actu dictuque facile et satis promptum. Qui desuper trahunt spiritum et sursum uersus reuocant quibusque leuis et spissus est anhelitus, timidi, imbelles, interdum effeminati sunt, si cetera signa conueniant.

78) *Qui uocem grauem et quassam tamquam ex quassato uasculo promunt, stulti sunt et uoraces. Et quorum sonus ingratus est, siue sit solidus siue sit ouium uoci proximus, stultitiam indicat. Qui incipiunt a graui uoce et in acutum desinunt, faciles ad fletum ac*

constituído em grande tristeza. Quando, porém, também agitar a cabeça e gemer, ele guarda o arrependimento de alguma coisa ruim que fez ou disse. Contudo, se parece revolver um pensamento, tendo os olhos vigorosos constituídos no dever, deve-se acreditar que este prefere cometer uma ação ruim a nutrir o arrependimento por alguma ação sua. Quando a respiração faz ruído e é inalada e expelida pesadamente, indica a ferocidade e a vinolência. Aqueles cuja respiração ofegante é desordenada e pesada, como⁶¹⁹ o homem costuma ficar depois da corrida, são os imprudentes e irascíveis, os quais têm facilidade e estão bastante dispostos a fazer e dizer tudo. Aqueles que aspiram em cima e expiram nesta mesma direção e nos quais a respiração ofegante é rápida e pesada são os medrosos, os imbeles e, às vezes, os efeminados, se os outros sinais estiverem de acordo.

78) Aqueles que apresentam a voz grave e trêmula⁶²⁰, como se fosse de um pequeno vaso quebrado, são os estultos e vorazes. E a voz daqueles cujo som é desagradável, se for firme⁶²¹ ou se for próximo ao balido das ovelhas, indica a

⁶¹⁹ Foerster: *sicut* em vez de *ut*.

⁶²⁰ O *Oxford Dictionary* apresenta uma acepção especificamente relacionada à voz: c. (of the voice) broken, quavering.

⁶²¹ Foerster sugere *horridus* em vez de *solidus*, que transmite não apenas um aspecto físico, a firmeza, como também uma caracterização subjetiva como “grosseiro” e “medonho” que se aproximam da qualidade anteriormente mencionada (*sonus ingratus*).

lugubri animo sunt. Qui acutam uocem cum siccitate promunt, uersipelles ac subdoli sunt. Qui acutam et mollem habent uocem, effeminati sunt. Qui uocem tamquam ex concauo depromunt grauem et inflexibilem, ingenio sunt uirili et magnanimi. Qui tardum et grauem uocis edunt sonum, tranquilli sunt, iocundi, affabiles. Horum et iusti mores sunt. Qui in modum auium uocem intendunt, prони in uenerem, inanes facilesque sunt. Infracta uox et tenuis ac lugubris tristem, auarum ac suspicacem indicat. Quorum uox incurrit in nares, ita ut resonent nares, mendaces, maliuoli, inuidi, gaudentes malis alienis sunt. Intenta uox uehemens cui tamquam sonus quassus permixtus est, uiolentum, iniustum, odia gerentem omnibus significat. Tarda uox inertem, praeceps imprudentem declarat. Referenda est etiam uox sicuti cetera ad similitudines animalium: nam et canibus et simiis et auibus uoces similes sunt in hominibus, et alius equo, alius porco proximam uocem emittit. Ex similitudine igitur intellectum capies. Quod autem supra de contrarietatibus constituimus et medium esse in plerisque optimum iudicauimus, hoc etiam de motu corporis et de uoce

estúlticia. Aqueles que começam com a voz grave e terminam com voz aguda são pessoas propícias a chorar e de ânimo lúgubre. Aqueles que apresentam uma voz aguda com *secura*⁶²² são os falsos e astuciosos. Aqueles que têm a voz aguda e suave são os afeminados. Aqueles que produzem uma voz grave e inflexível, como se saísse de uma caverna⁶²³, são pessoas de engenho viril e magnânimas. Aqueles que exibem uma voz de som lento e grave são tranquilos, aprazíveis e afáveis; o caráter destes também é justo. Aqueles que elevam o tom da voz à maneira das aves são pessoas propensas ao sexo, inúteis e sociáveis⁶²⁴. A voz descontínua, fina e lúgubre indica o triste, avaro e desconfiado. Aqueles cuja voz se lança no nariz, de modo que ele ressoe, são os mentirosos, malévolos, invejosos e que se alegram com males alheios⁶²⁵. A voz intensa e forte⁶²⁶, com a qual se mistura um som trêmulo, significa o violento, injusto e que nutre ódio contra todos. A voz lenta mostra o inerte, a voz apressada, o imprudente. Deve-se relacionar também os sinais da

⁶²² *Siccitas* não remete à ausência de umidade, aspecto que não se aplica à voz, compreende-se, portanto, ser indicativo de aspereza na fala.

⁶²³ Conforme se observa no *Oxford Dictionary*, *concauum* é também um substantivo: a hollow space, gap, void.

⁶²⁴ Foerster: *et instabiles* em vez de *facilesque*. O adjetivo *instabilis* significa “inconstante”, que faz sentido na caracterização viciosa; *facilis* remete não apenas à sociabilidade, como também ao indivíduo de temperamento brando e dócil, o que indica certa relação com a inconstância, a artificiosidade.

⁶²⁵ Foerster: *aliorum* em vez de *alienis*.

⁶²⁶ Os dois adjetivos produzem uma imagem redundante se considerarmos, sobretudo, uma das definições para o adjetivo “intenso” presente no *Houaiss*: “que é formado por ondas sonoras de grande amplitude (diz-se de som); forte”.

pronuntietur, ut nimietatem ad malam partem accipias, medietatem ac temperamentum optimum iudices.

voz à semelhança dos animais, assim como foi feito com as outras partes: com efeito, há homens que emitem som semelhante aos cães, aos macacos e às aves⁶²⁷, alguém emite som próximo a do cavalo, outro, a do porco⁶²⁸. Logo, chegarás à compreensão a partir de tal semelhança. Além disso, o que estabelecemos antes a respeito dos opostos e julgamos ser o seu equilíbrio o melhor na maioria das vezes, que isso também seja anunciado a respeito do movimento do corpo e da voz, para que compreendas o excesso como uma parte ruim e que julgues o meio-termo e uma combinação equilibrada como as melhores características.

79) *Colorum species in corporibus gentibus attributae sunt. Prout sunt igitur gentium ingenia, ita colorum similitudo noscenda est. Color niger leuem, imbellem, timidum, uersutum indicat: refertur ad eos qui in meridiana plaga habitant, ut sunt Aethiopes, Aegyptii et qui his iuncti sunt. Color albus subrubeus fortes et animosos indicat: refertur ad eos qui in septentrione commorantur. Color uehementer albus uirtuti est contrarius. Cum color rubicundus est euidenter in omni corpore, dolis hominem*

79) Há espécies de cores do corpo que são atribuídas aos povos⁶²⁹. Portanto, é preciso saber a relação das cores de acordo com os engenhos dos povos. A cor negra indica o fútil⁶³⁰, imbele, medroso e esperto: relaciona-se aos habitantes da região meridional, tais como os etíopes, os egípcios e seus vizinhos. A cor branco-avermelhada indica os fortes e animosos: relaciona-se àqueles que moram na região setentrional. A cor intensamente branca

⁶²⁷ Foerster: *asinis* em vez de *auibus*.

⁶²⁸ Há uma sequência diferente em relação às obras de Polemão (B, 42) e Adamantio (B, 42), os quais mencionam o urso e o carneiro, mas não inserem o porco. Para I. Repath, isto é mais um indício da autonomia do Anônimo em relação às fontes consultadas.

⁶²⁹ O cap. 79 trata do método etnológico, dentre os três métodos tradicionais, este é o que recebe menos destaque ao longo da obra.

⁶³⁰ Em Foerster: *lenis* em vez de *leuem*.

studentem uersutumque declarat. Color qui pallore deformatur, imbellem, timidum eundemque tergiuersatorem significat, si non aegritudo sit causa palloris. Cum fuscior color pallori permixtus est, <quod Graeci μελάγχλωρον uocant>, uoracem, loquacem, intemperatum irae linguaeque denuntiat. Color ignitus ad insaniam uergit. Color tranquille et moderate rubeus docile ingenium ueloxque declarat. Cum pectus solummodo rubore obductum est, iracundia inflammatum animum demonstrat. Cum uenae ceruicis et temporum extant sanguineique sunt oculi, iracundum animum et uehementem ostendunt, nonnunquam et insanum. Cum uultus rubet, aut uerecundum aut uinolentum declarat. Discernamus ergo hunc ruborem oculorum indiciis. Nam si oculi rubeant cum aliquo liquore, uino indulgentem ostendunt; si sicci sint et rubeant, iracundum, si temperati, uerecundum.

representa o contrário à coragem. Quando a cor vermelha é evidente no corpo inteiro, apresenta um homem inclinado aos dolos e esperto. A cor que é deformada⁶³¹ pela palidez significa o imbele, medroso e também tergiversador, se a causa da palidez não for uma doença. Quando uma cor mais escura mistura-se à palidez – o que os gregos chamam *melagchlon*⁶³² – denuncia o voraz, loquaz, destemperado na ira e na linguagem. A cor vermelho-fogo⁶³³ tende à insânia. A cor suave e moderadamente avermelhada apresenta o engenho dócil e ágil. Quando somente o peito é coberto pela vermelhidão, demonstra o ânimo inflamado pela iracúndia. Quando as veias do pescoço e das têmporas são patentes e os olhos⁶³⁴ são cor de sangue, mostram o ânimo irascível e violento, às vezes, também o insano. Quando o rosto enrubesce⁶³⁵, apresenta o pudico ou vinolento. Logo, vamos diferenciar este

⁶³¹ Foerster: *deformatus est*. A palidez está sempre relacionada a características negativas, justificando o emprego do verbo *deformo* que significa não apenas a ação de deformar, como também de deteriorar e poluir.

⁶³² Cf. cap. 6 e nota.

⁶³³ O adjetivo *ignitus* significa “inflamado, ardente, brilhante, cintilante, quente, forte” (Saraiva). Acerca desta denominação, adotamos o livro *Étude sur les termes de couleur dans la langue latine*, de Jacques André (1949).

⁶³⁴ Foerster: *coloris* em vez de *oculi*. Foerster declara ter feito a correção com base em Adamantio, B, 34: [...] κατὰ μέρος δέ, τὰ στέρνα ὑπέρυθρα ὄντα ζέειν ἔνδον τὴν ὀργὴν ἀπαγγέλλει, ὥσπερ εἴ τις καὶ τὰς περὶ τὸν αὐχένα φλέβας καὶ τὰς ἐν τοῖς κροτάφοις οἰδοῦσας ἔχει, ὡς ἐμφανεῖς εἶναι καὶ αἱματώδη ἔχειν τὴν χροῖαν. Tanto J. André quanto I. Repath consideram inadequada tal correção, pois André acredita que o Anônimo e o tradutor árabe de Polemão utilizaram a mesma edição, em que os olhos são designados pela palavra *acies*; Repath ainda conjectura que houve um erro tipográfico na edição de Hoffman que teria substituído *acies* por *facies*, induzindo ao erro, tal como ocorre na edição árabe de Polemão, B, 34.

⁶³⁵ J. André traduz como se tal cor fosse uma qualidade permanente do rosto, no entanto, preferimos indicar o enrubescimento, visto que é um efeito conhecido de algumas mudanças patéticas. Cf. Plínio, *Hist. Natural*, XI, 91, 224; Quintiliano. *Inst. Oratórias*. XI, III, 78.

rubor pelos indícios dos olhos. Com efeito, caso os olhos tinjam-se de vermelho e tenham alguma umidade, mostram o homem que se entrega ao vinho; caso sejam secos e tinjam-se de vermelho, mostram o irascível; caso não sejam excessivos em tais características⁶³⁶, o pudico.

80) *Nunc repetenda sunt, ut supra proposuimus, quae proprie Loxus seu Aristoteles posuerunt uel aliter interpretati sunt, quamuis etiam locis suis aliqua adiunxerimus. Quae enim Polemon dixit et consentanea sunt reliquis auctoribus propemodum prosecuti sumus.*

80) Deve-se agora retomar, como propusemos antes, o que Loxo e Aristóteles empregaram a sua maneira ou interpretaram de modo diferente, ainda que tenhamos também acrescentado algumas coisas nas partes que lhes concernem. De fato, já tratamos a respeito de quase tudo que Polemão disse e está de acordo com os demais autores.

81) *Loxus tres oculorum colores optimos constituit. Et primam speciem ponit oculorum <χαροπούς>, quos inter nigros et glaucos uult uideri, secundam constituit <αἰγωπούς>, quos magis glaucis proximos, albidiores tamen constituit, tertiamque ponit nigris proximos. Idem pingues oculos dicit mansuetos quidem esse, uerum ad libidinem et ad lacrimas faciles. Idem siccus impudens pronuntiat; glaucis nimium*

81) Loxo estabelece as três melhores cores de olhos. Ele cita como a primeira espécie os olhos *charopoi*, ele quer dizer que estes parecem estar entre pretos e esverdeados; como segunda espécie, ele estabelece os *aigopoi* <olhos de cabra>⁶³⁷, os quais estão mais próximos dos esverdeados, contudo, são mais esbranquiçados; e ele cita os olhos mais próximos dos pretos como a terceira

⁶³⁶ André considera apenas a coloração dos olhos relacionada a “*temperati*”, mas o contexto sugere moderação nos dois aspectos: cor e grau de umidade.

⁶³⁷ Os olhos das cabras são de cor amarelada. *Oxford Dictionary* traduz como “goat-eyed, of persons”, trazendo como referências duas citações de Aristóteles: *Hist. dos Animais*, 1, 10, 492a1-4 Ὄφθαλμοῦ δὲ τὸ μὲν λευκὸν ὁμοίον ὥς ἐπὶ τὸ πολὺ πᾶσιν, τὸ δὲ καλούμενον μέλαν διαφέρει· τοῖς μὲν γὰρ ἐστὶ μέλαν, τοῖς δὲ σφόδρα γλαυκόν, τοῖς δὲ χαροπόν, ἐνίοις δὲ αἰγωπόν· τοῦτο ἦθους βελτίστου σημεῖον καὶ πρὸς ὀξύτητα ὄψεως κράτιστον. “O branco do olho é fundamentalmente o mesmo para todos os animais, mas o que se chama o negro apresenta diferenças. Nuns é preto, noutros, azul-escuro, noutros, cinzento, em alguns, amarelado, como nas cabras. Esta última cor é sinal de muito bom carácter e a que permite a melhor acuidade visual.” (Tradução: Maria de F. S. e Silva). Acerca das cores dos olhos, cf. também a obra de Aristóteles *Da geração dos animais*, 5, 1, 779a28-35.

adimit fortitudinem, impudentiam relinquit. Idem dicit quod pupillae, quotiens foris sunt et ad aures conuersae, iocundum animum et mansuetum mentemque timidam indicent, conuersas autem pupillas ad nares nimietatem in omnibus rebus ostendere. Idem dicit, cum pupillae pars magna palpebra inferiore contegitur, mollioris animi esse, inanis, misericordis, angustae mentis, atque ita constituit medietatem oculi debere pupillam obtinere. Idem dicit palpebram superiorem, si parua sit, tardum ingenium ostendere, si prolixior et deorsum summissa, infirmum atque imbecillem. Idem dicit circumcissionem palpebrarum, si rotunda fuerit, animosum magis quam sapientem indicare; si longa incisio fuerit et angusta, iniustum animum ostendere, si lata, immoderatum. Idem dicit, cum anguli oculorum in acutum incisi sunt, non integram uel fidelem mentem ostendere, nisi sanguinolenta sit oculorum caro. Idem dicit omnes qui cum prauis oculis nascuntur ad insaniam uergere. Idem dicit palpebras crassas nec sanitati corporis conuenire nec uerae mentis indices esse. Tenuis palpebras et in sanitate optimas et mentem deo proximam indicare.

espécie. Ele mesmo diz que os olhos de cor forte certamente são pacatos, mas propensos ao desejo e às lágrimas. Ele também enuncia que os olhos secos são os impudentes; dos esverdeados em excesso, ele tira a característica da força e deixa a impudência. Loxo diz que sempre que as pupilas estiverem fora de sua posição⁶³⁸ e voltadas em direção às orelhas, indicarão o ânimo apazível e pacato e espírito medroso, mas as pupilas voltadas em direção ao nariz⁶³⁹ mostram o excesso em todas as coisas. Ele diz que quando uma parte grande da pupila é encoberta pela pálpebra inferior, trata-se de uma pessoa de ânimo mais delicado, inútil, misericordiosa e de espírito mesquinho, desse modo, ele estabeleceu que a pupila deve ocupar o centro do olho. Diz também que se a pálpebra superior for pequena, mostra o engenho lento, se for mais alongada e abaixada, o debilitado e fraco. Se o corte ao redor das pálpebras for redondo, indica mais uma pessoa animosa do que sábia; se o recorte for longo e estreito, mostra o ânimo injusto; se for largo, o ânimo desmedido. Ele diz que quando os cantos dos olhos

⁶³⁸ Novamente, *pupila* assume o sentido de íris, como já ocorreu em outras passagens, mas G. Raina destaca que aqui remete ao conjunto de pupila e íris, já que a imagem produzida na descrição é de que toda a parte circular está fora da posição normal.

⁶³⁹ Foerster: *aures*. A repetição de *aures* soa inadequada, pois na descrição anterior, as pupilas já voltadas em direção às orelhas representam o ânimo apazível e pacato, apesar da covardia, não temos uma caracterização muito viciosa; portanto, o excesso, que é sempre negativo, não parece aplicável se levarmos em conta as qualidades do indivíduo, contudo, se considerarmos literalmente o excesso em “todas as coisas”, há uma possibilidade a ser considerada em que o *ethos* apresentado tem as boas características citadas, mas ocorre o predomínio de outras características excessivas, não esclarecidas pelo autor.

são recortados de forma pontuda, não mostram o espírito íntegro ou confiável, a não ser que a carne dos olhos seja cor de sangue. Todos aqueles que nascem com os olhos tortos⁶⁴⁰ tendem à insanidade. Ele diz também que as pálpebras grossas não convêm à saúde do corpo, tampouco são indicadores de um espírito sincero. As pálpebras finas são as melhores quanto à saúde e indicam um espírito mais próximo de Deus.

82) *Capillos qui intra aures sunt, <si plures sunt> et spissi longique multum, calidum animum, libidinis appetentem indicare. Cum autem aures pilis non carent, uigorem sensuum et mentis indicant, uerum tamen surdi tales plerumque efficiuntur. Idem dicit capillos qui intra nares hominis nascuntur, si quidem densi, multi crassique sint, immobilem animum durumque ostendere, si pauci mollesque sint, facilem ad docilem animum nuntiare. Idem dicit balbos, <quos Graeci τραυλοῦς uocant>, omnes esse elatos, superbos et corde rigidos existere.*

82)⁶⁴¹ Se os pelos que estão dentro das orelhas são numerosos, muito espessos e longos, indicam o ânimo ardente e ávido de desejo. Quando, porém, as orelhas não estão isentas de pelos, indicam vigor dos sentidos e da mente, contudo, tais pessoas geralmente acabam surdas. Loxo também diz que os pelos que nascem dentro do nariz nos homens, se forem de fato densos, abundantes e espessos, mostram o ânimo imperturbável e duro; se forem poucos e moles, anunciam um ânimo sociável e dócil. Os gogos – que os gregos chamam *traulous* <que gaguejam> – são todos elevados, orgulhosos e mostram-se rígidos de coração.

⁶⁴⁰ Vale destacar a tradução francesa de J. André que destaca o nome do problema ao qual hoje associamos os olhos tortos, o estrabismo, neste caso, congênito já que o Anônimo informa tratar-se de pessoas que nasceram dessa maneira: “Tous ces dont les yeux sont atteints de strabisme congénital [...]”. A informação é condizente com o capítulo dedicado à teoria do médico Loxo.

⁶⁴¹ Foerster inicia o capítulo com “*Idem dicit*” como uma sequência do capítulo anterior.

83) *Aristoteles dicit, cum frons compressior fuerit ad caput, <quod graece ἀναστεῖλον dicitur>, et nares in origine sua prope simae sunt, liberales esse et referri ad leonem. Idem Aristoteles dicit eos qui supercilia obducunt <deorsum>, pupillas autem superius tendunt atque omni uultu summisso sunt, <κόλακας> esse, id est inhoneste blandos, et referri hoc ad canes. Idem Aristoteles dicit eos qui uultu omni tranquillo <sunt>, pari modo blandos esse et hos ad canes referri. <Idem dicit qui tenuem et acutam habet narem querulum esse, qui graece μεμψίμοιρος dicitur>. Idem dicit quibus origo narium tenuis est impudentes esse: referri ad speciem coruorum. Idem Aristoteles dicit promptos satis oculos inertes esse: referri hoc ad asinos. Idem dicit oculos caprinos libidini esse deditos: referri hoc ad caprum. Idem dicit, qui rotundiores oculos splendidosque gerunt, <quos Graeci στίλβοντας dicunt>, insatiabiles esse ueneris, ut galli, <quos ἀλεκτρυόνας Graeci uocant>.*

83) Aristóteles⁶⁴² diz que quando a fronte for mais comprimida na direção do topo da cabeça – o que em grego se chama *anasteilon*⁶⁴³ – e o começo de seu nariz é achatado são os generosos e estão relacionados ao leão. Aristóteles diz também que aqueles que franzem as sobrancelhas para baixo, porém, dirigem as pupilas para cima e mantêm o rosto todo abaixado são os *kolakas* <bajuladores>⁶⁴⁴, ou seja, inconvenientemente carinhosos, isto se refere aos cães. Ele diz que aqueles com todo o semblante tranquilo, são igualmente carinhosos⁶⁴⁵ e estes se referem aos cães. Aquele que tem o nariz fino e pontudo é o queixoso, que em grego se chama *mempsimoiros* <rabugento>. Aqueles cujo começo do nariz é fino são os impudentes: refere-se à espécie dos corvos. Aristóteles diz que os olhos bastante expostos⁶⁴⁶ são os inertes: isto se refere aos asnos. Os olhos caprinos são os dedicados ao desejo: isto

⁶⁴² Apesar de atribuir a Aristóteles a teoria dos próximos capítulos, inúmeras descrições não são encontradas no tratado fisiognômico.

⁶⁴³ Não encontramos o vocábulo ἀναστεῖλον nos dicionários consultados. De fato, este termo está presente no texto grego do tratado pseudoaristotélico, encontrado no texto adotado pelo tradutor G. Raina, 812b35; na passagem correspondente, o tradutor S. Swain adota outra palavra no texto grego: ἀνάσιλλον. O substantivo ἀνάσιλλος, de acordo com dicionário de Bailly, é um tufo de cabelo na parte da frente da cabeça, acepção encontrada nas traduções mencionadas: 812b34-6 οἱ τοῦ μετώπου τοῦ πρὸς τῇ κεφαλῇ ἀναστεῖλον ἔχοντες ἐλευθέριοι ἀναφέρεται ἐπὶ τοὺς λέοντας. “Chi ha nella parte alta della fronte un ciuffo di capelli rivolti all’indietro è generoso: si vedano i leoni [...]” (Raina)/ “A ridge of hair on the upper part of the forehead indicates a liberal disposition, as in the lion [...]” (Swain)

⁶⁴⁴ Cf. cap. 76.

⁶⁴⁵ Foerster: “[...] modo blandos id est κόλακας esse et hoc ad canes referri”.

⁶⁴⁶ Foerster: *prominentes* em vez de *promptos*.

se refere ao bode⁶⁴⁷. Ele diz também que aqueles que têm olhos mais redondos e brilhantes – que os gregos chamam *stilbontas* <brilhantes> – são os insaciáveis no sexo, como os galos, que os gregos chamam *alektruonas*⁶⁴⁸.

84) *Idem dicit animosos esse eos quorum post primam iuventutem genae quodammodo duriores et nudae sunt, extimum autem mentum barba est obsitum. Idem dicit eos qui uocem ita intendunt ut proxime caprino balatu eam exasperent, furiosos <esse> in uenerem: referri hoc ad capras. Idem dicit insidiosos esse qui breuem habent ceruicem, tamquam si infulciatur cetero corpori. <Μυκτηρισμός> subsannatio uel aspiratio est narium et concussio plurima uultus ac reductio oris, ut in risu solet fieri uel certe cum indignatione concepta <εἰρωνικῶς> sermone utimur, ut est ille sermo in Bucolicis Vergilii:*

Mopse, nouas incide faces, tibi ducitur uxor.

Sparge, marite, nuces, tibi deserit Hesperus Oetam.

84) Aristóteles diz ainda que são animosos aqueles cujas faces, depois do começo da juventude, são de certo modo mais duras e imberbes, porém, na extremidade do queixo é coberta por barba. Aqueles que elevam o tom da voz de maneira que a enrouqueçam, tornando-a próxima do balido caprino, são loucos em relação ao sexo: isto se refere às cabras. Ele diz que são insidiosos aqueles que têm o pescoço curto, como se estivesse fincada no resto do corpo⁶⁴⁹. *Mykterismos* é uma expressão de zombaria ou aspiração do nariz, o estremecimento muito grande⁶⁵⁰ do rosto e o recuo da boca, como costuma acontecer no riso ou, certamente, expressando sua indignação quando se serve do discurso *eironikos* <irônico>, tal como aquele discurso nas *Bucólicas* de Vergílio⁶⁵¹.

⁶⁴⁷ O Anônimo não dedica ao bode um capítulo, a exemplo do que faz com outros animais, contudo, há algumas referências ao bode e à cabra ao longo da obra. O bode está presente nos manuais fisiognomônicos, conforme se observa no tratado do Pseudo-Aristóteles, em que os olhos caprinos são mencionados, 812b6-7, como indicadores de lascívia.

⁶⁴⁸ Cf. Pseudo-Aristóteles – 812b11-12.

⁶⁴⁹ A descrição no manual pseudoaristotélico apresenta o pescoço de forma sucinta, apenas opondo o pescoço excessivamente curto, como o dos lobos, ao pescoço longo e fino, como do cervo, em 811a16-7.

⁶⁵⁰ Foerster: *prima* em vez de *plurima*.

⁶⁵¹ O Anônimo cita a égloga VIII, v. 29-30, passagem em que Damon faz uma queixa a respeito da infiel Nise, que o trocou por Mopso. Citamos, a seguir, um excerto desta égloga traduzida por Odorico Mendes (Ateliê Editorial): *Mopso Nisa datur: quid non speremus amantes?/ Iungentur iam grypes equis, aeuoque*

<Qui haec ita dicebat... Mopso, corta as novas tochas, te
Considerandum in quo> statu oris uel motu é conduzida a esposa.
σαρκασμός dicatur. Hoc uultu qui frequenter Lança, marido, as nozes, Héspero
sunt absque indignatione <σαρκάζειν abandona o monte Eta para ti.
dicuntur. Σαρκάζοντας> igitur Aristoteles Ele que dizia tais coisas...⁶⁵²
dicit contingere ea loca quae non oportet. Deve-se observar a respeito disso qual é

a posição da boca ou seu movimento quando se fala com *sarcasmos*. Aqueles que frequentemente apresentam este rosto sem indignação são chamados *sarkazein* <sarcástico>; logo, Aristóteles diz que os *sarkazontes* <sarcásticos> tocam lugares que não convêm.

85) *Idem dicit, quotiens torus in fronte 85) Aristóteles diz também que*
est superpositus superciliis, inquietos esse ac todas as vezes em que houver uma
furiosos, ut ipse nominat, <ἄνους καὶ protuberância na fronte sobreposta às
φρενιτικούς καὶ μωρούς>. Idem dicit eos sobranceiras são os inquietos e loucos,
qui colorem uarium habent tamquam lente como⁶⁵³ ele mesmo designa: anous kai
aspersum <quos φακώδεις Graeci phrenitikous kai morous⁶⁵⁴ <tolos,
apellant>, uitam turpem, facta turpia delirantes e estúpidos>. Aqueles que
exercere tam mulieres quam mares. Idem apresentam cor variada, como se fosse
dicit imperitos ac rusticos esse qui cum salpicado por lentilha – o que os gregos
incedunt brachia inferunt et immoderate nomeiam phakodeis <salpicado>⁶⁵⁵ –,
commouent et qui calcaneis innituntur. Idem cultivam uma vida torpe e ações torpes,

sequenti/ Cum canibus timidi uenient ad pocula damae./ Mopse, nouas incide faces: tibi ducitur uxor./ sparge, marite, nuces: tibi deserit Hesperus Oetam./ Incipe Maenaios mecum, mea tibia, uersus./ O digno coniuncta uiro, dum despicias omnis,/ Dumque tibi est odio mea fistula, dumque capellae/ Hirsutumque supercilium promissaque barba [...]. “Nise é de Mopso: Amor que nos destina?/ Casticem grifo e égua, em breve juntos/ Galgo e tímida corça à fonte venham./ Tedas racha, eis-te a noiva; esparze nozes,/ Do Oeta surge-te, ó consorte, Vesper./ Menálios, flauta minha, ajuda os versos./ Bem maridada moça, os mais desprezas,/ Minha sanfona odeias, minhas cabras,/ A sobranceira hirsuta e larga barba [v.26-34].”

⁶⁵² Embora Foerster não insira uma lacuna, os tradutores a inserem aqui. J. André esclarece que a sentença “*Qui haec ita dicebat*” introduz uma explicação na sequência para compreender porque a fala de Damon é irônica, o que faz sentido, pois o excerto citado isoladamente, sem conhecimento do contexto da écloga, não transmite a ideia de discurso irônico.

⁶⁵³ Foerster: *uel ut ipse nominauit*.

⁶⁵⁴ Nominativo: ἄνοι καὶ φρενιτικοί καὶ μωροί.

⁶⁵⁵ *Greek-English Lexicon* – φακώδης: lentil coloured; of the kidney; freckled. II. Discoloration of the white of the eye.

dicit eos quibus paruum est uertrum atque siccum mulieribus esse deditos et quibus etiam cum non intenditur rectum est et qui feminis proximos habent uultus et ceteram corporis speciem, masculis autem esse deditos qui corpore et uultu sunt uirili et qui alterum ex oculis habent glaucum. Ita et de mulieribus dicit mulieres coire cum mulieribus quarum species est muliebris, masculis autem magis deditas quae magis ad uirilem speciem respondent, <quae ἀρρενικαὶ dicuntur>. Qui uirilia habent magna laneaque, stolidi sunt. Idem dicit eos qui cum ambulant calcaneis introrsum, pedibus autem forinsecus conuersis incedunt, posteriora sectari. Idem dicit attemptantibus se facilem esse qui in alios turpis est, qui uultum gerat femininum et qui nigrum quod est intra oculum aliquanto pinguius habeat et qui laeuum oculum glaucum gerat.

tanto as mulheres quanto os homens. Os inábeis e rústicos são aqueles que erguem os braços quando andam, movimentam-nos imoderadamente e se apoiam sobre os calcanhares. Ele diz ainda que aqueles cujo pênis é pequeno e seco são dedicados às mulheres; assim como aqueles cujo membro é reto, mas sem estar ereto, têm o rosto muito próximo do feminino, bem como a aparência do restante do corpo. No entanto, são dedicados aos homens aqueles que têm corpo e rosto viril e um dos olhos esverdeado. Ele também fala dessa maneira a respeito das mulheres: as mulheres cuja aparência é feminina têm relações sexuais com mulheres; porém, são mais dedicadas aos homens as mulheres cuja aparência corresponde mais ao viril, as quais são chamadas *arrenikai* <masculinas>. Aqueles que têm a virilha grande e lanugenta são os estúpidos. Aqueles que caminham com os calcanhares para dentro, porém, com os pés voltados para fora, desejam a relação anal. Ele ainda diz ser torpe com os outros o homem que é facilmente seduzido, eles têm um rosto feminino, a parte preta dentro do olho [pupila] é de cor bem mais forte e o olho esquerdo é esverdeado, é um homem fácil aos que o atacam.

86) *Idem Aristoteles dicit sensibus esse eos tardiores quorum crura incurua sunt, <quae graece ροικὰ dicuntur>; quos certum est detrectatione potius delectari. Ἀδόλεσχοι uero sunt otiosi homines conuenientes ad locum certum ineptisque narrationibus studentes et stolidis. <Ἀδολέσχους> Aristoteles dicit esse quibus aures magnae et ad uultum conuersae sunt pedesque in modum falcium recurui <et> quorum uoci insonant nares et quorum latera tumida sunt ac recurua et quorum genua introrsum retracta sunt. Idem dicit colorem plumbo similem et qui distinctus est maculis rotundis, quem ipse <μολύβδινον> appellat, omnemque sordidum colorem cutemque crassam ac rugosam, rotundum uentrem et prominentem quibusque caro durior est et quibus surae crassae atque neruosae sunt et quibus uultus naresque crassae sunt, stoliditatis omnia haec esse indicia. Deinde Aristoteles dicit inuidos esse qui sinistras partes maiores habent et quibus supercilia ad oculos detracta sunt.*

87) *De maledicis idem dicit, ubi ea pars quae super gingiuas et oram labii superioris est eminet, id est medietas eius*

86) Aristóteles diz também que são muito lentas nos sentidos as pessoas que têm as pernas encurvadas, que em grego são chamadas *roika* <tortas>; é certo que estes muito se deleitam com a depreciação dos outros. *Adoleschoi* <tagarelas>, certamente, são homens ociosos que se reúnem em um determinado lugar e que se dedicam às narrações absurdas e estúpidas. Aristóteles diz que os *adoleschoi* têm grandes orelhas e voltadas em direção ao rosto, os pés são recurvados em forma de foice, a voz nasalizada, os flancos são inchados e recurvados e os joelhos⁶⁵⁶ são repuxados para dentro. A cor semelhante ao chumbo e que é matizada por manchas redondas, que ele próprio chama *molybdinon* <plúmbeo>, a cor toda sem brilho, a pele grossa e rugosa, nos quais o ventre é redondo e proeminente, a carne mais dura, as panturrilhas são grossas e musculosas e o rosto e o nariz são grossos, todos estes são indícios da estupidez. Em seguida, Aristóteles diz que são invejosos aqueles que têm as partes do lado esquerdo maiores e nos quais as sobrancelhas são puxadas na direção dos olhos.

87) Aristóteles discorre ainda a respeito dos maledicentes. Designa-se o maledicente quando a parte que está

⁶⁵⁶ Em Foerster: ἰσχία em vez de *genua*.

spatii quod inter nares est oramque labii superioris, maledicum designari. Idem dicit maledicos esse quibus labium superius altum est, uultus pronior, hispidus, subrubeus, uel, ut ipse dixit, <ὕπερρυθρος>. Idem dicit suras cum retractae sunt ad genua uel suffragines, indicare hominem qui ad coitum facilis sit et uelox. Idem dicit femur cum nimia carne circumdatum est, femininum potius uideri, siccus solidisque ossibus uirtuti assignari. Idem dicit, cum hispida nimium sunt femina et crura, pronos in uenerem ostendere: refertur hoc ad capros. Idem dicit nates sicciores uiriles esse, nates amplis carnibus effeminatum ostendere: <referri hoc ad ἐπιπρέπειαν>. Nates autem tamquam abscisas malignitatis esse signa: refertur hoc ad ursum et simiam.

sobre as gengivas e a extremidade do lábio superior salientam-se, ou seja, o centro do espaço entre o nariz e a extremidade do lábio superior. Os maledicentes são aqueles que têm o lábio superior alto, o rosto muito inclinado para frente, peludo, avermelhado ou, como ele mesmo diz, *hyperythros* <avermelhado>.⁶⁵⁷ Quando as panturrilhas são repuxadas na direção dos joelhos ou dos jarretes indicam um homem que é propenso ao coito e ágil. Quando a coxa é envolvida por carne excessiva, parece mais um sinal feminino; quando for mais seca, com ossos firmes, atribui-se à coragem⁶⁵⁸. Quando as coxas e as pernas são excessivamente peludas, mostram os propensos ao sexo: isto se refere aos bodes⁶⁵⁹. Aristóteles⁶⁶⁰ diz também que as nádegas mais secas são os viris, as nádegas com considerável quantidade de carne mostram o efeminado: isto se refere a *epiprepeia*⁶⁶¹. Porém, são sinais da maldade as nádegas que parecem

⁶⁵⁷ J. André e G. Raina omitem uma sentença presente na edição de Foerster: *accipitur autem ἔρυθρον in aliis rebus et ceteris animalibus magis de salacibus*. “Percebe-se, porém, que o *erythron* <vermelho> está em outras coisas e outros animais mais do que nos lascivos.”

⁶⁵⁸ A oposição entre o aspecto tipicamente feminino e masculino fica evidente no manual do Pseudo-Aristóteles, 810a35-b1: οἱ τοὺς <μηροὺς> ὀστώδεις καὶ νευρώδεις ἔχοντες εὐρωστοὶ ἀναφέρεται ἐπὶ τὸ ἄρρεν. οἱ δὲ τοὺς μηροὺς ὀστώδεις καὶ περιπλέους ἔχοντες μαλακοὶ ἀναφέρεται [810b.1] ἐπὶ τὸ θῆλυ.

⁶⁵⁹ Já vimos que esta caracterização está também presente em Polemão e Adamantio (cf. nota 252), contudo, fica evidente que os autores de tratados fisiognomônicos basearam-se na afirmação de Pseudo-Aristóteles, pois traz exatamente a informação descrita pelo Anônimo nesta passagem – cf. *Physiognomonica*, 812b13-14.

⁶⁶⁰ Foerster insere “*idem Aristoteles dicit [...]*”.

⁶⁶¹ A informação mencionada acerca das nádegas aparece no pseudoaristotélico, 810b1-2, porém, a referência à *epiprepeia* nesta passagem é uma inserção do Anônimo que, como já dissemos, é recorrente, a exemplo do que ocorre no tratado mais antigo.

separadas: isto se refere ao urso e ao macaco⁶⁶².

88) *Idem dicit pantomimis et aleae deditos esse qui brachium ab humero usque ad cubitum brevius habent quam est spatium ab humero usque ad caput summum. Isdem uitiis attineri dicit eum qui femina parua, crura autem habet longiora. Idem dicit tristes, <id est δυσθύμους>, esse quibus uultus omnis rugosus est. Idem dicit parua corpora uelocia. Cum igitur sicca caro est in paruo corpore colorque calidus, inefficacem hominem ostendit. Cum uero magno corpori caro mollis est, <quae ὑγρὰ graece dicitur>, uel color est frigidus, inefficaces sunt. Color autem calidus niger est, subniger, ignitus, rubeus, color frigidus albus est, medius inter nigrum et pallidum, <quem Graeci μελάγχλωρον uocant>, habetur. Et calidi coloris signum, ut supra dictum est, meridianae plagae, frigidi septentrionali attributum est. Rursum cum corpus paruum molli carne circumdatum est et colorem ex*

88) Ele diz que os homens dedicados à pantomima e ao jogo são aqueles que têm o braço do ombro até o cotovelo mais curto do que a distância do ombro até a ponta da cabeça⁶⁶³. Estes mesmos vícios dizem respeito àquele que tem as coxas pequenas, porém, as pernas mais longas. Os tristes, ou seja, *dysthmous*, são aqueles nos quais o rosto é todo enrugado. Os corpos pequenos são os velozes⁶⁶⁴. Logo⁶⁶⁵, quando a carne é seca em um corpo pequeno e de cor quente, mostra um homem ineficiente⁶⁶⁶. Por outro lado, quando a carne é flácida em um grande corpo – que em grego se chama *hygra*⁶⁶⁷ – ou a cor é fria, são também ineficientes⁶⁶⁸. Considera-se como cores quentes: negro, fusco, vermelho-fogo e vermelho; a cor fria é o branco; e o intermédio é a que está entre o negro e o pálido – o que os gregos

⁶⁶² Cf. Pseudo-Aristóteles, 810b2-4 – o autor não cita o urso, apenas o macaco.

⁶⁶³ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a31-32.

⁶⁶⁴ Cf. Pseudo-Aristóteles, 813b7-9, em que o autor explica que o sangue tem uma área menor para circular, por esta razão, é mais ágil do que uma pessoa de estatura grande.

⁶⁶⁵ Foerster: *autem* em vez de *igitur*.

⁶⁶⁶ A descrição é sucinta no Anônimo e pouco esclarecedora em relação à passagem citada do pseudoaristotélico, 813b11-16: ὅσοι τῶν μικρῶν ξηραῖς σαρκὶ κεκρημένοι εἰσὶν ἢ καὶ χρώμασιν, ἃ διὰ θερμότητα τοῖς σώμασιν ἐπιγίνονται, οὐδὲν ἀποτελοῦσιν· οὐσης γὰρ τῆς φορᾶς ἐν μικρῷ καὶ ταχείας διὰ τὸ πυρῶδες, [813b.15] οὐδέποτε κατὰ ταῦτόν ἐστι τὸ φρονεῖν, ἀλλὰ ἄλλοτ' ἐπ' ἄλλων, πρὶν τὸ ὑπερέχον περᾶναι.

⁶⁶⁷ Cf. cap. 54 e nota. O termo ὑγρὸς, como já dissemos, quer dizer “úmido”, mas a associação com a carne nos faz entender que se trata do aspecto de flexibilidade ou flacidez. O tradutor Simon Swain do tratado pseudoaristotélico, na sequência citada pelo Anônimo, prefere considerar ὑγρὸς como “úmido” mesmo em relação à carne, pois é possível estabelecer a oposição com a carne seca, que o Anônimo também cita na descrição anterior. Para considerar a umidade é preciso entender que o Anônimo se refere à circulação sanguínea, como Pseudo-Aristóteles, mas isto não se evidencia aqui. Dentre as ocorrências deste vocábulo grego, este é o único capítulo em que os dois sentidos são admissíveis.

⁶⁶⁸ Cf. Pseudo-Aristóteles, 813b16-20.

frigidioribus sortitum est, facile perficit coepta et est efficax. Corpus autem magnum cum sicca carne circumdatum est et colorem ex calidioribus sumpsit, efficax est uigetque sensibus.

89) *Haec sunt quae apud Loxum et Aristotelem notanda esse credidimus, quae etiam a Polemone uel non dicta uel aliter dicta esse perspeximus. In ceteris enim propemodum omnibus hi tres auctores sibimet consentiunt. Quoniam igitur et signa membrorum et significationes ipsae signorum propemodum expositae atque enumeratae sunt tamquam prima elementa, ut supra diximus, litterarum, nunc concipiamus atque constituamus species aliquas ex pluribus, sicut ex litteris syllabae constituuntur, ut informati a paucis exemplis tam Aristotelis quam Polemonis etiam per nosmet ipsos interpretari ac sociare signa ualeamus et de moribus hominum instructi esse possimus,*

chamam *melagchlon*⁶⁶⁹. A cor quente é, como foi dito anteriormente⁶⁷⁰, sinal que se atribui à região meridional, a cor fria, à setentrional. Por outro lado, quando o corpo é pequeno e envolvido por carne⁶⁷¹ flácida e que tem uma cor das mais frias, ele facilmente termina as coisas que começou e é eficiente⁶⁷². Porém, quando o corpo grande é envolvido por carne seca e tem uma cor das mais quentes é o eficiente e notável nos sentidos⁶⁷³.

89) Acreditamos que são estas as coisas que devem ser observadas em Loxo e Aristóteles e que também percebemos não terem sido ditas ou ditas de outra maneira por Polemão. Com efeito, os três autores concordam entre si em quase todas as outras coisas. Logo, visto que os sinais dos membros do corpo e os próprios significados destes sinais foram mais ou menos expostos e enumerados, tal como as primeiras letras do alfabeto⁶⁷⁴ que mencionamos anteriormente, agora vamos conceber e constituir algumas espécies a partir de vários sinais, assim como as sílabas são constituídas a partir das letras; de modo que, informados por poucos exemplos

⁶⁶⁹ Cf. nota 22.

⁶⁷⁰ Cf. cap. 79.

⁶⁷¹ Foerster: “[...] *molli id est ὀργᾶ carne* [...]”.

⁶⁷² Cf. Pseudo-Aristóteles, 813b20-23.

⁶⁷³ Cf. Pseudo-Aristóteles, 813b23-27.

⁶⁷⁴ Cf. capítulo 3.

quamquam et superius nonnulla huiusmodi habeantur exempla.

90) Constituamus uirum fortem. Recto corpore debet esse, latera, articuli, imae pedum manuumque solida, ossa grandia, capillus durior, uenter latus, aliquanto cauus, humeri fortes, scapulae seiunctae, pectus et metaphrena solida, <ἰσχύιον durum>, surae solidae, crura non indigentia carnis, imi pedes discreti articulis, color acrior magis quam pressior, acies oculi uelox, humida, oculi non satis grandes, non nimium patentes nec nimium conclusi, supercilia non extenta, frons nec leuis nimium nec nimium aspera, uox durior ac uehementior, magnanimitate praecellens, anhelitus quoque tranquillus. Huiusmodi uiro uirtus et fortitudo assignanda est.

tanto de Aristóteles quanto de Polemão, também nós mesmos sejamos capazes de interpretar e associar os sinais e possamos ser instruídos a respeito do caráter dos homens, ainda que exemplos deste tipo também tenham sido considerados acima.

90) Vamos à constituição do homem forte⁶⁷⁵. Ele deve ser um homem de corpo reto, os flancos, as articulações, as extremidades dos pés e das mãos são sólidos, os ossos grandes, o cabelo mais duro, o ventre largo, um tanto côncavo, os ombros fortes, as escápulas separadas, o peito e as costas sólidas, o *ischio* <ἰσQUIO> duro, as panturrilhas sólidas, não falta carne nas pernas, as extremidades dos pés com articulações distintas, de cor bem mais viva do que pouco forte, o olhar ágil e úmido, os olhos não muito grandes nem excessivamente abertos, tampouco excessivamente fechados, as sobrancelhas não são extensas, a fronte não é excessivamente suave, tampouco excessivamente áspera, a voz mais dura e mais forte, sobressaindo-se em magnanimidade⁶⁷⁶ e também uma

⁶⁷⁵ Os demais tradutores preferem “corajoso”, possivelmente para estabelecer a oposição com o capítulo seguinte que trata do indivíduo medroso e fraco; preferimos manter o termo próximo do original, pois “forte” em português remete tanto à força física como à coragem, mantendo-se fiel à oposição do tipo descrito no próximo capítulo. Além disso, temos adotado, nesta tradução, *uirtus* como equivalente para a característica da coragem. O tratado pseudoaristotélico traz o adjetivo ἀνδρεῖος, 807a31, que significa aquilo que é típico de homem, viril, corajoso.

⁶⁷⁶ J. André considera a expressão “*magnanimitate praecellens*” como correspondente ao adjetivo grego μεγάλη, empregado por Adamantio (B, 44), para indicar a amplitude da voz, pois significa não apenas “grande” e “forte”, como também “grave” e de “duração mais longa” (Bailly). Não há referência à voz no

respiração tranquila. Coragem e força devem ser atribuídas a este tipo de homem.

91) *Timidus et imbecillis capillo est molliore omnique figura remissiore, collo longiore, colore nigro uel pallido uel albo, sed et cum pallore albo, oculis siccis perturbatis, palpebris citis atque mobilibus, anhelitu pauido, cruribus tenuibus, ima parte spinae, <quae graece ὀσφύς dicitur>, longa, pectore imbecilli, manibus longissimis, uoce molli ac sonora. His timidus, ut diximus, indiciis declaratur.*

91) O medroso e fraco⁶⁷⁷ apresenta o cabelo mais macio e o conjunto da aparência mais relaxada, o colo mais longo, de cor negra, pálida ou branca, mas também um branco pálido, os olhos secos e perturbados, as pálpebras rápidas e móveis, uma respiração ofegante assustada, pernas finas, a extremidade da espinha dorsal (o que os gregos chamam *osphys*)⁶⁷⁸ longa, o peito fraco, as mãos muito longas, a voz suave e sonora. Como dissemos, o medroso é apresentado por tais indícios⁶⁷⁹.

92) *Ingeniosus esse debet non satis procerus nec brevis, coloris albi, cui sit permixtus etiam rubor, capillo flauo non adeo crispo sed nec extenso, corpore recto, membris magnis, articulis discretis, carne moderata, aliquanto molliore, crura feminaque habens modice pleniora, suras robustas, manuum pedumque articulos fortes, digitos simplices, moderate prolixos a se separatos, <uultus> non refertos carnibus nec nimium exiles, oculos humidos, splendidos, <χαροπούς>.*

92) O engenhoso⁶⁸⁰ não deve ser muito alto nem muito baixo, de cor branca misturada também com rubor, cabelo loiro não totalmente crespo nem liso, o corpo reto, os membros do corpo grandes, as articulações distintas, com quantidade moderada de carne, um tanto mais flácida, possui pernas e coxas razoavelmente mais grossas, panturrilhas robustas, articulações das mãos e dos pés

tratado pseudoaristotélico na passagem correspondente ao homem corajoso (807a31-807b5). O substantivo *magnanimitas*, em latim, indica “grandeza da alma, nobreza de caráter” (Saraiva), remetendo ao mesmo tempo à qualidade da voz e do caráter.

⁶⁷⁷ Cf. Pseudo-Aristóteles, 807b4-12.

⁶⁷⁸ Cf. cap. 67.

⁶⁷⁹ O capítulo é bastante sucinto se lembrarmos que o indivíduo *timidus* aparece com frequência no tratado.

⁶⁸⁰ Cf. Pseudo-Aristóteles, 807b12-19.

fortes, os dedos simples⁶⁸¹, moderadamente alongados e separados entre si, o rosto⁶⁸² não é cheio de carne e, tampouco, excessivamente magro, os olhos úmidos, brilhantes e *charopoi*.

- 93) *Qui sine sensu est ita esse debet:*** **93) Aquele que não tem juízo⁶⁸³**
albus nimis uel nimis niger, carne ambiri deve ser assim: de cor excessivamente
nimia, uentre ultra modum prominente, branca ou negra, cercado por carne em
crassis cruribus, paruis articulis obligatis excesso, o ventre demasiadamente
atque constrictis, iugulis nimium coniunctis proeminente⁶⁸⁴, as pernas grossas, com
atque conclusis, ceruice uasta breuique; ima pequenas articulações ligadas e
manuum pedumque <habere debet> apertadas, clavículas excessivamente
imperfecta, malas et genas congestas juntas e fechadas, pescoço largo e curto;
carnibus, frontem rotundam, aciem oculorum deve ter as extremidades das mãos e dos
non penetrabilem nec efficacem, sed patulam. pés imperfeitas, as maçãs do rosto e as
 faces acumuladas de carne, a fronte arredondada, o olhar não é penetrante, nem poderoso, mas aberto.
- 94) *Impudens homo ita esse debet:*** **94) O homem impudente⁶⁸⁵**
oculis patentibus, lucidis, palpebris plurimum ser assim: os olhos abertos, claros, com
separatis, crassis pedibus et manibus, contra as pálpebras muito separadas⁶⁸⁶, pés e
intuens, altius se erigens, rubicundus colore, mãos grossas, olhando atentamente de

⁶⁸¹ J. André explica que o Anônimo deve ter se baseado numa edição de Pseudo-Polemão em que a descrição está incorreta e, em vez de δάκτυλοι ἀπαλοὶ (dedos delicados), conforme o texto de Adamantio (B, 44), aparece δάκτυλοι ἀπλοὶ (dedos simples/ naturais).

⁶⁸² A descrição referente ao rosto está no plural, destoando do padrão da obra que mostra os aspectos físicos de um indivíduo de forma geral, portanto, emprega-se o singular. J. André acredita que o autor pode ter cometido tal equívoco com base no texto grego de Adamantio que traz πρόσωπα em vez de πρόσωπον, já que o uso deste plural grego é admissível para tratar de uma única pessoa; contudo, J. André acredita tratar-se de um erro do Anônimo, afirmação questionável, visto que não é possível afirmar que Adamantio é anterior ao Anônimo, podemos supor então que o erro seja atribuído a algum editor com acesso aos dois tratados.

⁶⁸³ O correspondente grego é ἀναίσθητος, cujo significado admite “insensível” e também “estúpido, grosseiro” (Bailly). Cf. Pseudo-Aristóteles, 807b20-8.

⁶⁸⁴ Foerster: *prominere* em vez de *prominente*.

⁶⁸⁵ Cf. Pseudo-Aristóteles, 807b28-33. J. André supõe que esta descrição seja oriunda da teoria de Loxo, visto não corresponder exatamente aos textos de Polemão e Pseudo, contudo, todas as descrições de tipos éticos apresentadas pelo Anônimo nesta parte final não são exatamente iguais às dos outros autores de fisiognomonia. Para André, o cap. 106 que discorre acerca dos impudicos (*inuerecundus*), retomando o mesmo *ethos*, é o mais próximo da descrição exposta pelo Pseudo-Aristóteles, embora este capítulo tenha também elementos em comum com o tratado mais antigo.

⁶⁸⁶ Foerster: *reseratis* em vez de *separatis*.

uocis acutae. Huiusmodi impudens, iniuriosus homo est.

95) *Constituamus hominem temperatum atque moderatum: uox est in eo grauior, tardus incessus, motus palpebrarum temperatus nec spissus <nec per longum interuallum, χαροπός>, cuius non tam perluceant oculi quam humorem proferant, uultus rubori honesto permixtus.*

96) *Homo securus ita intelligitur: frontem habet non tenui cute, sed pleniore carne contectam, eandem leuem et humilem atque omnem uultum in plenitudine magis quam in macie constitutum eundemque uultum tamquam ex somno uel somno proximum, oculos humidos, perlucidos sine uitio intuentes, qui etiam tranquille moueatur et mansueta uoce sit.*

97) *Tristis homo ita intelligitur: uultus tenuis, frons rugosa, supercilia introrsus conuersa, cilia intenta.*

frente, erguendo-se bem alto, de cor vermelha e a voz aguda. O homem deste tipo é impudente e injurioso.

95) Vamos à constituição do homem comedido e moderado⁶⁸⁷: a voz é mais grave, o andar lento, o movimento das pálpebras comedido⁶⁸⁸, não é repetitivo, nem com longo intervalo, olhos *charopoi*, os quais não brilhem tanto quanto apresentem umidade e o rosto tingido por um belo rubor.

96) O homem calmo⁶⁸⁹ é reconhecido desta maneira: ele não tem a fronte coberta por pele fina, mas por uma carne mais grossa, também suave e baixa, o rosto inteiro é mais cheio do que magro e também como se ele tivesse acabado de acordar ou esteja muito perto de dormir, os olhos úmidos, bem claros e que olham atentamente sem inconvenientes, ainda se move tranquilamente e sua voz é branda.

97) O homem triste⁶⁹⁰ é reconhecido desta maneira: o rosto fino, a fronte enrugada, as sobrancelhas voltadas para dentro e os cílios eriçados.

⁶⁸⁷ Tal como a descrição do impudente, o homem comedido será retomado no cap. 107, onde o Anônimo lembra o adjetivo grego κόσμιος empregado no tratado grego – Cf. Pseudo-Aristóteles, 807b33-808a2.

⁶⁸⁸ No manual pseudoaristotélico, o autor explica que o movimento rápido das pálpebras significa covardia ou um temperamento ardente, mas o ideal é o movimento lento, distinto do que é apresentado aqui – tal associação é feita pelo Anônimo apenas no cap. 107. A moderação no movimento das pálpebras é também mencionada por Adamantio (B, 49).

⁶⁸⁹ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a2-7.

⁶⁹⁰ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a7-12.

98) [De androgyno.] *Qui inter uirum est et feminam, quem Graeci ἀνδρόγυνον uocant, ita intelligitur: oculos habet humidos, qui impudenter intuentur, <cuius quatiuntur et circumuolant pupillae>, cuius frons contrahitur et malae, cuius non stant supercilia, cuius inclinata est ceruix, cuius <ὀσφύς>, id est ima pars spinae, non quiescit, cuius omnes artus incerti status sunt, qui insilit frequenter imis pedibus et calcaneis saepius insurgit, qui genua collidit, qui resupinatas plerumque manus praemouet, qui se circumspicit, qui uoce est tenui et tamquam quae insonet gutturi, cuius uox prope garrula nec ingrata interdum est nec interest an nimium tarda uox sit na praeceps.*

99) *Qui amarus est et litigiosus his indiciis apparebit: subrideat necesse est, <quod Graeci σεσηπέναι dicunt>, quod*

98) [Acerca do andrógino.]⁶⁹¹ Aquele que está entre o homem e a mulher, o que os gregos chamam *androgynon* <andrógino>, é reconhecido desta maneira: tem olhos úmidos que olham com impudência, cujas pupilas se agitam e voltejam, cuja fronte e faces se enrugam, cujas sobrancelhas não ficam imóveis, o pescoço é inclinado, cuja *osphys* (ou seja, a extremidade da espinha dorsal) não repousa, a postura é vacilante em todas as partes do corpo, muitas vezes salta na ponta dos pés e mais frequentemente ergue-se sobre os calcanhares, seus joelhos colidem, quase sempre move para frente a palma das mãos, que fica examinando ao redor de si mesmo; a voz é fina como se fosse nasalizada na garganta, quase uma chilreada⁶⁹², não é desagradável às vezes, não interessa se é excessivamente lenta ou apressada.

99) Aquele que é amargo e litigioso⁶⁹³ se mostrará com estes sinais: ele tem a necessidade de sorrir um pouco⁶⁹⁴ – os gregos chamam *seserenai*,

⁶⁹¹ Cf. PLATÃO. *Banquete* – 189d-193d; PLÍNIO, *História Natural*, VII, 15/ 34. Acerca do histórico dos termos relacionados a andrógino, cf. GRAUMANN, L. A. “Monstruous Births and Retrospective Diagnosis: The Case of Hermaphrodites in Antiquity”. In: *Disabilities in Roman Antiquity: Disparate Bodies* A Capite ad Calcem. Christian Laes & Chris Goodey, M. Lynn Rose. Leiden/ Boston: Brill, 2013.

⁶⁹² O adjetivo *garrulus* significa também “que faz ruído, que murmura”, além de admitir a qualificação de “loquaz, falador” (Saraiva), contudo, preferimos manter o significado que remete ao som emitido pelas aves, visto que a associação com os animais é constante na fisionomia e a comparação neste caso esclarece o exemplo de modo mais eficiente.

⁶⁹³ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a17-9.

⁶⁹⁴ O verbo *subrideo* não apresenta significado distinto de *rideo*, conforme se verifica nos dicionários de Saraiva e *Oxford Dictionary*, em que a tradução é sucinta e remete unicamente à ação de sorrir; contudo, o verbo *rideo* traz outras possibilidades que podem se enquadrar neste contexto, tais como “zombar,

talium uultibus [habent] iracundia facere consuevit, prope pallescit, ouatis palpebris et siccis oculis intuebitur, frontem habebit rugosam, uocem uiolentam, anhelitum spissum, manus saepe collidet uel inter se complicabit, solum pedibus saepius tundet. é o que a irascibilidade acostumou-se a fazer no rosto de tais pessoas⁶⁹⁵; ele será quase pálido, terá no olhar pálpebras ovas e os olhos secos, terá a fronte enrugada, a voz enérgica⁶⁹⁶, a respiração ofegante, pesada, ele frequentemente baterá as mãos ou as entrelaçará entre si, mais frequentemente dará pancadas no chão com os pés.

100) *Mansuetum ingenium tale est: uultus omnis iocundus, carne molli, quam Graeci ὑγρὰν uocant, et aliquanto plenior circumdatus, membra moderata, oculi tranquilli, tardi, motus omnis corporis tardus, uox grauior, ultima linea capillorum capitis superius erecta.*

100) O engenho pacato⁶⁹⁷ é assim: todo o semblante é aprazível, envolvido por carne flácida – que os gregos chamam *hygran*⁶⁹⁸ –, e um tanto mais cheio, os membros do corpo de tamanho moderado, os olhos tranquilos e vagarosos, o movimento do corpo inteiro é vagaroso, a voz mais grave⁶⁹⁹, a extremidade do cabelo⁷⁰⁰ erguida em cima da cabeça.

101) *Εἰρωνᾶς Graeci dicunt occultos aliquanto et obscurae mentis homines, quorum os tamdiu fictum atque simulatum est et qui sibimet derogant id quod in aliis praeferunt, quoadusque <obtineant quod proposuerunt obtinere>. Certis signis atque indiciis detegantur. Εἰρων ergo est qui circa*

101) Os gregos chamam *eironas* <dissimuladores>⁷⁰¹ os homens um tanto dissimulados e de caráter obscuro, cuja fala é fingida e simulada por muito tempo e também recusam para si mesmos aquilo que preferem nos outros, até que obtenham o que se propuseram a obter.

escarnecer, gracejar” (Saraiva) – tais acepções estão mais próximas do verbo grego σαίρω, do qual se origina o perfeito infinitivo σεσηρέναι citado pelo Anônimo como correspondente a este gesto e que está presente na descrição do Pseudo-Aristóteles. O verbo σαίρω indica uma contração da boca em que os dentes esboçam um sorriso de escárnio, cólera ou dor (Bailly).

⁶⁹⁵ Foerster: *hunc* em vez de *habent*.

⁶⁹⁶ Foerster: *faciem uiolentam* em vez de *uocem uiolentam*.

⁶⁹⁷ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a24-7.

⁶⁹⁸ Cf. cap. 54.

⁶⁹⁹ Foerster: [...] *uox grauior remissam* [...].

⁷⁰⁰ Cf. cap. 14 e nota. A imagem produzida parece designar a franja do cabelo jogada para trás, tirando-a da testa.

⁷⁰¹ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a27-9.

oculos cutem habet relaxatam, oculos instructos ad speciem bonitatis, uocem summissam, facilem ac uolubilem, cuius incessus et sermo ita moderatus est ut ῥυθμῶ, id est numero, proximus esse possit.

Eles são revelados por certos sinais e indícios⁷⁰²; logo, *eiron* é aquele que tem ao redor dos olhos a pele relaxada, os olhos treinados numa imagem de bondade, a voz baixa, fácil e fluente, cujo andar e linguagem são moderados para que possam estar próximos em *rythmos*, ou seja, ritmo.

102) *Qui pecuniae cupidi sunt ita sunt: paruis membris, paruis oculis, paruis uultibus, celeri incessu, incurui, celeri uoce et acuta et quorum uultus tamquam rubore superfusus esse uideatur.*

102) Aqueles que são desejosos de dinheiro⁷⁰³ são desta maneira: os membros do corpo pequenos, os olhos pequenos e o rosto pequeno, de andar apressado, encurvado, a voz apressada e aguda e cujo rosto aparente como se estivesse transbordado de rubor.

103) *Homo hirsutus capillis nigris directis, hirsuto ore ac mento et temporibus, oculis pinguibus, relucetibus, furiosis erit pronus in libidinem, studiosus pantomimorum et maledicus.*

103) O homem peludo⁷⁰⁴, de cabelos pretos e lisos, peludo na boca, no queixo e nas têmporas, olhos de cor carregada, brilhantes, loucos: ele será propenso ao desejo, interessado na pantomima e maledicente⁷⁰⁵.

104) *Sunt quidam homines cum stultitia nocentes, qui graece <μωροβλάπται> dicuntur. Hi signorum non*

104) Certos homens são nocivos e estultos⁷⁰⁶, que em grego são chamados

⁷⁰² Foerster exclui esta oração, mas a insere no aparato crítico.

⁷⁰³ Embora ausente das descrições apresentadas por Pseudo-Aristóteles, Polemão (B56-7) e Adamantio (B, 57) também registram este *ethos*. Os tradutores J. André e G. Raina preferem traduzir a expressão “*Qui pecuniae cupidi sunt*” pelo adjetivo que corresponde a tal qualidade – avaro.

⁷⁰⁴ Se mantivermos a relação desta parte com o tratado pseudoaristotélico, a descrição deste capítulo aproxima-se do homem lascivo, 808b4-6.

⁷⁰⁵ Foerster: *aleae deditus* em vez de *maledicus*. Foerster baseou-se no texto de Adamantio (B, 57) para tal alteração, pois a descrição física é semelhante, contudo, outra característica atribuída a este indivíduo é distinta do Anônimo; em Adamantio, este tipo, além de ser propenso aos jogos de azar, é vinolento, produzindo um quadro vicioso. J. André ainda lembra que o *maledicus* é descrito como peludo no cap. 87, dedicado à teoria aristotélica, reforçando um tipo que já foi apresentado; ainda no cap. 87, o Anônimo também associa as pernas peludas ao indivíduo propenso ao sexo, que remete à libidinidade aqui mencionada e está de acordo com as proposições do Pseudo-Aristóteles.

⁷⁰⁶ Não há correspondência no manual pseudoaristotélico, mas encontramos o estulto nocivo na edição árabe de Polemão (B, 58); temos um tipo próximo em Adamantio que é descrito em vários capítulos sequenciais (B, 58-60).

una ratione noscuntur. Nam interdum animalia signa gerunt, quae explorata atque perspecta dabunt etiam in uno homine utriusque rei intellectum. In quibusdam autem hominibus signa quidem sunt stultitiae, uerum eadem exasperata atque efferata. Quo igitur magis hoc clarum atque certum sit, respiciamus ad ea animalia quorum unum quidem genus est atque unum nomen, animus autem et corporis qualitas diuersa atque discreta. Nam quemadmodum ouis mansueta est, ita et alia animalia, ut asinus et capra et equus et sus et multa alia. Sed quae mansueta magis sunt, et molliora sunt ac leuiora et tranquilliora, quae uero ferociora, sicciora sunt et asperiora et uehementiora. Ita in hominibus ergo interdum stultitia ipsa ferocior, asperior, horridior est, interdum faciliior ac lenior. Nec solam stultitiam putemus uel stultitiae signa hanc habere discretionem: sunt et alia uitia, quae in animi motibus denotantur; interdum nocentiora, <interdum leniora> sunt et signorum duritia uel mollitia atque uel inaffectata <uel exquisita et elaborata> simplicitate discernuntur atque noscuntur. Nam et hominibus duobus iniustis propositis alter mollius et affabilius, alter atrocius ac moroblaptai <tolos pestilentos>⁷⁰⁷; tais homens não são reconhecidos por um único sistema de sinais. Com efeito, às vezes, os animais produzem os sinais que ao serem examinados e reconhecidos farão compreender ambas as características em um único homem. Há sinais de estultícia em certos homens, entretanto, tais sinais são exacerbados e desumanos. Logo, para que isto esteja mais evidente e certo, voltemos a olhar aos animais que, de fato, têm um único gênero e um único nome, no entanto, o ânimo e a natureza do corpo são opostos e distintos. Com efeito, do mesmo modo que a ovelha é mansa⁷⁰⁸, são assim também outros animais, tais como o asno, a cabra, o cavalo, o porco e muitos outros. Porém, aqueles que são mais mansos são também os mais delicados, mais afáveis e mais tranquilos; mas os que são mais ferozes são mais secos, mais bravos e mais violentos. Logo, a própria estultícia é assim nos homens, ora mais feroz, mais brava e mais grosseira, ora mais sociável⁷⁰⁹ e mais branda. Não julguemos que apenas a estultícia ou seus sinais tenham tal distinção: existem

⁷⁰⁷ Encontramos o vocábulo *μωροβλάπτεις* unicamente no *Greek-English Lexicon* sob a designação de “*pestilent fool*”, cujo único exemplo é justamente o Anônimo. Em Adamantio (B, 58) e Polemão (68), temos *μωροπόνηρος*, cuja definição no mesmo dicionário é “*stupidly wicked*” e as únicas referências são estes autores de fisiognomonía. Apesar de distintas, as duas palavras carregam significado semelhante e encerram simultaneamente dois sentidos.

⁷⁰⁸ Traduzimos, ao longo do tratado, o adjetivo *mansuetus* por “pacato” ao referir-se à caracterização das pessoas, no entanto, neste capítulo optamos por “manso” visto referir-se especialmente aos animais e só posteriormente o autor estabelece a associação com o ser humano.

⁷⁰⁹ Foerster: *affabilior* em vez de *facilior*.

uiolentius iniustus existit. Et intemperantia est quaedam mollior, est et uehementior. Et qui molles sunt, pars mansueti, pars bruti atque effrenati sunt.

também outros vícios que são indicados nos movimentos do ânimo, eles são ora mais nocivos, ora mais brandos, e são distinguidos e reconhecidos pela dureza ou pela delicadeza dos sinais ou também pela simplicidade natural ou buscada diligentemente e elaborada. Com efeito, nas questões a respeito de dois homens injustos, existe um que é mais delicado e mais afável ao passo que o outro é mais atroz e mais furioso; a intemperança também é mais delicada ou mais violenta. E dentre aqueles que são delicados, alguns são mansos, alguns são brutos e desenfreados⁷¹⁰.

105) *His igitur indiciis quibus stoliditas denotatur si accedant, ut supra diximus, quae ferociora sunt aut asperiora aut uehementiora aut sicciora aut intenta, etiam malitia non inferior quam stultitia adiudicanda est. Redeamus nunc ad superiorem speciem. Quo igitur indicio in eo*

105) ⁷¹¹Logo, reconhece-se a estupidez por meio de tais indícios se, como já dissemos acima, somam-se aqueles que são mais ferozes, mais bravos, mais violentos, mais secos ou mais intensos, deve-se também julgar que a malícia não é menor do que a

⁷¹⁰ Foerster: *effrenati* em vez de *effrenati*. Conforme o aparato crítico, ainda é possível “*effeminati*”. Adamantio, no fim do capítulo correspondente (B, 59), discorre acerca do andrógino. O adjetivo *mollis* é constantemente associado ao tipo feminino e fraco em *De Physiognomonía Liber*, portanto, parece evidente aqui tratar-se do indivíduo afeminado. Cf. discussão a respeito dos termos que remetem aos homens afeminados no cap. 2 da tese.

⁷¹¹ Foerster insere uma lacuna aqui porque os sinais da estupidez mencionados não foram citados no capítulo anterior. André afirma não haver necessidade de subentender tal lacuna, visto que os sinais da estupidez são, segundo ele, expostos no capítulo 93. De fato, observa-se no cap. 104 uma longa reflexão acerca da gradação dos vícios, mas os aspectos físicos não são descritos; mesmo assim, é possível pensar nos sinais enumerados em outros capítulos que se referem à *stultitia* ou *stoliditas*, bastante frequentes, o que manteria a coerência desta sentença sem implicar numa lacuna. Cf. Polemão, B, 58, em que descreve a aparência do indivíduo estúpido e nocivo, e Adamantio, B, 60, que apresenta uma descrição bem mais detalhada: Ὡς περ καὶ τοῦ μωροπονήρου τετανόθριξ ἢ κεφαλὴ στενὴ λοξή, ὧτα ὑπερμεγέθη ἐπικεκλασμένα, αὐχὴν καὶ τράχηλος σκληρός, <κρόταφοι στρογγύλοι γλαφυροί, μέτωπον στενὸν τραχύ>, ὀφθαλμοὶ ξηροὶ σκότιοι μικροὶ κοῖλοι ὑπορρέοντες ἀτενεῖς, παρειαὶ στεναὶ ἐπιμήκεις, γένειον μακρόν, στόμα ἄθυρον περίμηκες ἄκλειστον, ὡς διεσχισμένα τὰ πρόσωπα φαίνεσθαι, κυρτός, προγάστωρ, παχυσκελής, ποδῶν καὶ χειρῶν ἄρθρα <περιμήκη> παχέα καὶ σκληρά, ὑπόχλωρος, κυλοιδίων ὥς περ ἐξ ὕπνου καὶ κραιπάλης, φωνὴ βληχώδης μικρὰ θρασεῖα. Na verdade, veremos que o Anônimo indica os sinais a partir do exemplo de Polemão que será dado adiante.

corpore nocentem stultitiam deprehendamus, in quo partim malitiae, partim stultitiae signa sunt, exemplum quod temporibus suis Polemon auctor huius speciei ex homine posuit quem sceleratissimum fuisse asseueravit prosequamur. De homine uero dicit cuius erat nocens stultitia capillo fuisse denso eodemque horrido tamquam ex frigore, capite angusto, obliquo, auribus ingentibus inclinatis ac propemodum infractis, ceruice dura, temporibus rotundis, non leuibus, sed ut ipse Polemon nominat <γλαφυροίς>; frons in eo fuit angusta et aspera, oculi parui, tenebrosi, sicci, caui, subdiffuentes, rigidi, genae angustae, proluxae, labia longissima, os longe rescissum, patens semper ac incisus uultus esset, omne interuallum oris eius apertum, incuruus ipse, utero prominente, cruribus crassis, articulis manuum et pedum uastis atque duris, quod est proprium stultorum, colore subpallido, tumentibus ciliis ita ut semper eum <crapula> uel somno pressum esse diceret, uox ouium similis, impudens, deformis, detestabilis. Praeterea humeros eidem et palpebras spasmus frequentissime contrahebat; qui ita taedio et intemperantia agebatur, ut dentibus barbam assumeret semper atque ederet, ex mento estupidéz. Agora voltemos à espécie anterior. Portanto, vamos descobrir qual é o indício da estultícia⁷¹² nociva em tal corpo, no qual, em parte, são sinais da malícia, em parte, da estultícia; acompanhemos um exemplo desta espécie que o autor Polemão citou, de um homem da sua época⁷¹³, o qual ele asseverou ter sido o mais criminoso de todos. A respeito deste homem cuja estultícia era nociva, Polemão diz que ele tinha o cabelo denso⁷¹⁴ e também arrepiado como no frio, cabeça estreita e torta, orelhas enormes dobradas e quase como se estivessem caídas, pescoço duro, as têmporas arredondadas e não suaves, mas, como nomeia o próprio Polemão, *glaphyris* <côncavas>⁷¹⁵; a fronte dele era estreita e áspera, os olhos pequenos, escuros, secos, côncavos, pouco lacrimejantes e rígidos, as faces estreitas e alongadas, os lábios⁷¹⁶ muito longos, a boca demasiadamente cortada, sempre aberta e como se o rosto tivesse sido fendido, toda a extensão da sua boca é aberta, ele próprio encurvado, barriga proeminente, pernas grossas, as articulações dos pés e das mãos são

⁷¹² O autor adota neste capítulo *stoliditas* e *stultitia* como equivalentes.

⁷¹³ Foester altera a ordem dos elementos da sentença: [...] *quod Polemon auctor huius speciei ex homine temporis sui posuit* [...]. Este exemplo não está presente na edição árabe de Leiden, no cap. B, 58.

⁷¹⁴ Foester: *tenso*.

⁷¹⁵ Γλαφυρός é um adjetivo que além de significar “côncavo” pode ser “polido, cinzelado” e apresenta também a acepção figurada de “elegante, gracioso”. J. André e G. Raina traduzem o termo de acordo com a acepção figurada, mas seria contraditório em relação à característica anterior, pois as têmporas não são suaves, portanto, consideramos como “côncavo” neste contexto.

⁷¹⁶ Foester: *barba* em vez de *labia*.

autem uel alios longe positos capillos manu intorquens ori deuorandos applicabat. Hic autem homo omnes feras secundum Polemonis sententiam et omnes homines sui temporis malitia malos, stultitia stultos supergressus est et utriusque speciei larga et clara indicia homo unus hic edidit.

largas e duras – o que é próprio dos estultos –, de cor um pouco pálida, a borda das pálpebras inchadas⁷¹⁷ de modo que afirmarias que ele sempre está acometido por embriaguez ou sono, voz semelhante à das ovelhas, impudente, feio e abominável. Além disso, um espasmo contraía com muita frequência seus ombros e pálpebras. Ele agia deste modo: no tédio e na intemperança sempre tomava a barba entre os dentes e a mordida e também levava à boca para serem devorados os pelos do queixo ou outros localizados mais longe que frisava com a mão. Além disso, segundo o parecer de Polemão, este homem excedeu todas as feras e todos os homens maus de sua época em malícia, bem como os estultos em estultícia, este único homem exibiu abundantes e evidentes indícios das duas espécies.

106) *Nunc autem primo dicendum est de inuerecundis. Qui inuerecundus est ita esse debet: patulis oculis lucidis, palpebris crassis et sanguinolentis, aliquanto incuruus, scapulis in acutum eminentibus, non tam erectus, <sed> pronior, mobilis, aspersus rubore, sublucente intrinsecus sanguinolento colore, uultu rotundo, pectore superius*

106) Agora deve-se falar também acerca dos impudicos⁷¹⁸ em primeiro lugar⁷¹⁹. Aquele que é impudico deve ser assim: olhos abertos e claros, pálpebras grossas e cor de sangue, um tanto encurvado, escápulas que são salientes em forma de ponta, não tão⁷²⁰ erguido, mas mais inclinado para frente, de

⁷¹⁷ Cf. cap. 19 e nota 75.

⁷¹⁸ Cf. cap. 94 e nota.

⁷¹⁹ Mantivemos na tradução o advérbio “*primo*”, apesar de não fazer sentido dada a extensa sequência de capítulos que discorrem acerca de determinados tipos de *ethos*; o advérbio poderia ainda indicar a existência de outro tipo neste capítulo, mas o autor trata apenas do impudico.

⁷²⁰ Foerster: [...] *non tamen erectus, <uerum>* [...].

retracto, inferiore palpebra magis crassa. Et quibus caput in modum mallei prolixum est et prominet ante ac retro, et quibus cutis oris tensa est, inuerecundi sunt.

movimentação ágil, tingido de rubor, uma cor de sangue que transparece um pouco na superfície⁷²¹, o rosto redondo, o peito repuxado na parte superior e a pálpebra inferior mais grossa. E são impudicos aqueles cuja cabeça é alongada em forma de martelo⁷²² e é proeminente na frente e atrás e a pele da boca é esticada.

107) *Honestas morum et tranquillitas hominis qui graece <κόσμιος> dicitur his indiciis colligenda est: mouetur tardius, loquitur grauius, uocem infirmi potius spiritus quam expressam et claram habet, quod Graeci <κοιλοστομίαν> uocant; oculis erit non perlucidis, magis nigris, non satis clausis nec <patulis, palpebris> tardis; palpebras enim celeres diximus alias imbellem, alias calidum indicare.*

107) A honestidade do caráter e a tranquilidade do homem – que em grego se chama *kosmios* <equilibrado>⁷²³ – devem ser inferidas por estes indícios: move-se mais lentamente, a fala é grave, tem antes uma voz resultante de uma respiração debilitada do que bem definida e clara – o que os gregos nomeiam *koilostomian* <voz cava>⁷²⁴; ele não terá olhos bem claros, serão mais escuros, não são bastante fechados, nem abertos, e as pálpebras lentas; visto que dissemos que ora as pálpebras rápidas indicam o homem imbele, ora o ardente⁷²⁵.

108) *Homo animosus, qui graece <θυμοειδής> dicitur, ita erit: corpore rectus, lateribus idoneus, artus omnibus membris atque concinnus, prope rubicundus;*

108) O homem animoso – que em grego é chamado *thymoeides* <impetuoso>⁷²⁶ – será assim: corpo reto, flancos sólidos, estreito e bem

⁷²¹ A caracterização “*sublucente intrinsecus sanguinolento colore*” não é coerente numa tradução literal, pois não faria sentido, portanto, a tradução que supomos ser a mais apropriada, dentre os tradutores, é a de G. Raina: “um color rosso sangue che affiora in superficie”.

⁷²² Cf. descrição compatível a esta comparação no capítulo 16.

⁷²³ Assim como o cap. anterior, temos aqui um tipo já descrito – cf. cap. 95 e nota 329.

⁷²⁴ Foerster: [...] *quam Graeci τὴν κοιλοστομίαν* [...]. Cf. Quintiliano. *Inst. Oratórias*. I, V, 32.

⁷²⁵ Acerca do medroso se estabelece a mesma relação com pálpebras rápidas nos capítulos 23 e 91; contudo, acerca do ânimo ardente, o autor não apresenta esta associação.

⁷²⁶ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a19-24.

huius scapulae grandes, separatae, latae, extremitates pedum et manuum grandes, tenaces, leue pectus, leuia inguina, barba facile increscens, ultima linea capillorum capitis deorsum demissa, frons rotunda, capillus non planus, sed assurgens. Supercilia trucia atque subrecta habebit et nares <in origine sua, id est super cilia, aliquanto inferiores>.

proporcional em todos os membros, quase vermelho; cujas escápulas são grandes, separadas, largas, as extremidades dos pés e das mãos grandes e compactas, o peito sem pelos⁷²⁷, a virilha sem pelos, uma barba que cresce facilmente, a extremidade do cabelo caída para baixo, a fronte arredondada, o cabelo não é nivelado, mas fica levantado. Ele terá sobrancelhas ameaçadoras e erguidas e o começo do nariz, ou seja, a parte sobre a borda das pálpebras, um tanto mais baixo.

109) Mansuetus homo ita intelligitur:
erit solido ac forti uultu, carne ampliore ac molli, id est <ὕγρῳ>, corpore maiore magis quam minore, mensuris corporis inter se congruentibus, aliquanto resupinus, ultima linea capillorum capitis superius reducta, imae manus ac pedes <γλαφυραί - γλαφυρόν> autem intelligendum est quod non uniforme est nec congestum, sed discretum tamquam interrassum uel insculptum.

109) O homem pacato⁷²⁸ é reconhecido dessa maneira: será de rosto sólido e forte, carne mais ampla e flácida, isto é, *hygra*, o corpo mais para grande que pequeno, com medidas do corpo congruentes entre si, consideravelmente inclinado para trás, a extremidade do cabelo recuada para a parte de cima da cabeça, as extremidades das mãos e dos pés *glaphyrai*⁷²⁹ <côncavas>, porém, deve-se entender que *glaphyros* não é um aspecto uniforme tampouco amontoadado,

⁷²⁷ Segundo definição do *Oxford Dictionary*, o adjetivo *leuis* (2), proveniente do grego *λεῖος*, indica suavidade e ausência de pelos grossos: 2. (of the body) free from coarse hair, smooth.

⁷²⁸ Tal *ethos* já foi descrito no cap. 100 e ambos apresentam elementos em comum. Para J. André, esta é claramente uma passagem de Loxo já que não corresponde à descrição de Pseudo-Aristóteles (808a24-7), isto explicaria a repetição que, como já vimos, acontece com outros tipos; no entanto, tal exposição, ora de um autor, ora de outro, é um pouco confusa, não há uma ordem sequencial e o Anônimo não cita a fonte como fez nos capítulos destinados exclusivamente à teoria de Loxo e Pseudo-Aristóteles (80-9) – podemos conjecturar que o Anônimo reúne o conhecimento adquirido de diversos teóricos conhecidos sem fazer distinção nessa extensa parte em que lista a variedade de *ethos*, assim, neste capítulo, ele é capaz de revelar sinais omitidos na descrição anterior. De qualquer forma, a interrupção do assunto e sua retomada em alguns capítulos adiante é incoerente sob a lógica de uma obra didática.

⁷²⁹ Cf. nota 358. Novamente, o adjetivo *γλαφυρός* parece indicar o formato e não o sentido figurado de suavidade.

mas dividido, como se fosse entalhado ou cinzelado.

110) *Misericordem ex his intelliges:* **110)** Reconhecerás o homem <γλαφυροῖς> *membris esse debet, cuius nominis significationem supra insinuauimus, coloris albi, nigris oculis, naribus ex superiori parte tenuioribus. Huiusmodi homines et ad lacrimas sunt faciles, mulieribus dediti et edunt facilius sobolem femininam, moribus autem propemodum multifformes.* misericordioso⁷³⁰ a partir destes sinais: ele deve ter membros do corpo *glaphyroids* <côncavos>, cujo significado do nome explicamos acima, cor branca, olhos pretos⁷³¹ e a parte superior do nariz mais fina. Os homens desta espécie são propensos às lágrimas, dedicados às mulheres e produzem mais facilmente a linhagem feminina e também apresentam caráter praticamente multiforme⁷³².

111) *Qui amoribus est deditus ita intelligitur: memor esse debet, ingeniosus, calidus, oculos habere prope lacrimantes et prope pallidos.* **111)** Aquele que é dedicado aos amores⁷³³ é reconhecido desta maneira: deve ter boa memória, é engenhoso, ardente e tem os olhos quase lacrimejantes e quase pálidos.

112) *Libidinosi, id est intemperantes libidinum, ita sunt: color albus, corpus hispidum rectis capillis, partes oris hispidae directis et solidis capillis et nigris, item tempora hispida similibus capillis. Oculos* **112)** Os libidinosos⁷³⁴, ou seja⁷³⁵, os intemperados nos desejos, são desta maneira: cor branca, corpo peludo⁷³⁶ com pelos retos, as partes da boca peludas com pelos lisos, firmes e pretos, as

⁷³⁰ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a33-808b1.

⁷³¹ Foerster: *nitidis* em vez de *nigris*. Foerster realiza esta correção com base na descrição pseudoaristotélica em que os olhos são λιπαρόμματος (de olhos brilhantes), mas J. André considera desnecessária a correção porque Pseudo-Aristóteles teria dito a respeito do homem equilibrado (807b33) que ele é compassivo e seus olhos são pretos, portanto, a descrição aqui é aceitável; contudo, esta afirmação de André não se sustenta com base no parágrafo em que o Pseudo discorre acerca do indivíduo equilibrado, mas nas qualidades que este autor atribui ao homem piedoso que é também κόσμιος (808b1).

⁷³² I. Repath prefere adotar *uniformes* em vez de *multiformes*; Foerster adota *multiformes* embora reconheça esta possibilidade no aparato crítico. A alteração muda o sentido do texto e não há referência a este elemento no pseudoaristotélico e tampouco temos um tipo correspondente em Polemão ou Adamantio para cotejo.

⁷³³ Os demais tradutores concordam que o Anônimo descreve um tipo aqui que não aparece no Pseudo-Aristóteles individualmente, mas em meio à caracterização do tipo anterior ao apresentar suas qualidades, dentre elas, ἐρωτικός. I. Repath acredita que esta classificação do Anônimo pode tanto representar um equívoco como também demonstrar a liberdade que o autor tem utilizando preceitos próprios.

⁷³⁴ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808b4-6.

⁷³⁵ Foerster omite *id est* e substitui por *et*.

⁷³⁶ Cf. cap. 103 em que o autor discorre a respeito do homem peludo e aqui ele repete algumas informações.

habebunt pigriores, humidos, crura tenuia, neruis intenta atque hispida, uentrem pinguem, mentum reflexum <ad> nares ita ut inter nares et mentum caua sit quaedam planities, et quibus uena in brachiis est, et qui in palpebris capillos raros et defluentes habent.

têmporas são igualmente peludas com pelos semelhantes. Eles terão olhos muito vagarosos⁷³⁷ e úmidos, pernas finas, com nervos entesados e peludas, o ventre gordo, o queixo retorcido na direção do nariz de modo que haja certa concavidade entre o nariz e o queixo, há nos braços destes uma veia⁷³⁸ e eles têm nas pálpebras pelos ralos e que caem.

113) *Loquaces sunt qui superiores partes corporis multo maiores habent quam inferiores ab inguine, qui uultus habent <γλαφυρός> – supra autem expositum est hoc nomen –, qui uentrem hispidum habent.*

113) Os loquazes⁷³⁹ são aqueles que têm as partes superiores do corpo muito maiores do que as inferiores, a partir da virilha; eles têm o rosto *glaphyrous*⁷⁴⁰ – este termo já foi exposto anteriormente –, e têm o ventre peludo.

114) *Quibus memoria uiget, superiores partes corporis minores habent, easdem etiam <γλαφυράς> et sicciore.*

114) A memória é notável⁷⁴¹ naqueles que têm as partes superiores do corpo menores, também são *glaphyras*⁷⁴² e mais secas⁷⁴³.

⁷³⁷ Foerster: *pinguiore*s em vez de *pigriore*s. A opção de Foerster corresponde ao informado no cap. 103 e reforça a compatibilidade com o texto de Pseudo-Aristóteles em que se emprega o adjetivo λιπαρός, cujo significado é próximo de *pinguis*.

⁷³⁸ I. Repath sugere que esteja subentendido junto a *uena* algum adjetivo, tal como *clara* ou *euidens*, assim como ocorre no cap. 53 com “*neruis euidentibus*” e “*uenae clarae*”. J. André lembra que a edição grega do texto de Pseudo-Polemão é também lacunar nesta passagem, deixando a mesma ideia implícita, II, 72: 5. [...] οἷς ἡ φλὲς ἐν τῷ βραχίονι [...]. “[...] et aussi ceux qui ont la veine au bras [...]” (Tradução: J. André). É preciso ainda lembrar um excerto da obra hipocrática *Epidemias*, II, 5: 16.3. ἂν ἡ φλὲς ἡ ἐν τῷ ἀγκῶνι σφύζει, μανικὸς καὶ ὀξύθυμος· ὃ δ' ἂν ἀτρεμέη, τυφώδης. “En el que la vena del codo tiene pulsación: sufre accesos de locura y es irascible. En el que está en calma: sufre delirio”. (Tradução: A. Steban, E. G. Novo & B. Cabellos)

⁷³⁹ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808b8-9 e Pseudo-Polemão, II, 73 – as descrições são semelhantes e fazem uso do mesmo léxico.

⁷⁴⁰ O sentido de *γλαφυρός*, neste caso, parece remeter a outras acepções mencionadas, cf. notas 358 e 371, e não ao aspecto côncavo que temos entendido até agora, é possível entender como um rosto esculpido e também no sentido figurado de delicado, ou mesmo livre de pelos, como temos no *Greek-English Lexicon*, para contrapor ao ventre peludo. É difícil determinar a tradução, já que o autor não a esclarece aqui e recomenda ao leitor lembrar a explicação do cap. 109, contudo, nas passagens anteriores, “côncavo” era uma tradução apropriada porque parecia remeter ao formato, já neste contexto não é possível determinar a tradução em razão da relação estabelecida com os demais elementos.

⁷⁴¹ Cf. Pseudo-Aristóteles, 808b9-10.

⁷⁴² Vale ressaltar a mesma observação da nota 382.

⁷⁴³ O último aspecto “*sicciore*s” opõe-se ao texto pseudoaristotélico que diz ser carnudo (σαρκωδέστερα). Foerster levanta a possibilidade de ser “*solidiores*”, porém, não há elementos do texto que possam elucidar tal contradição, visto que o tratado pouco menciona a respeito da capacidade de memorização.

115) *Molles autem, quos quidem <κιναιδους> dicunt, ita sunt: inclinatio ad latus capite, coniunctis scapulis, qui extollunt calcanea, qui plerumque iunctos habent pedes, cum loquuntur, qui glauciunt aliquatenus ut oves, qui narem suam respiciunt et qui narem digitis suis dirigunt atque fingunt, qui quod aut ipsi sputant aut alii solliciti calcant et obterunt, qui saepe inspiciunt partes eas sui corporis quas pulchriores sibi habere videntur, qui frequenter subridet loquentes, qui uocem tamquam perfractam habent, qui supercilia seiuncta, qui demissum superius cilium ita ut inferius occupetur, quibus salientibus etiam scapulae prosiliunt, qui mouent corpus ut mulieres, qui brachia peruersa habent et qui tunicam circa lumbos tendunt, qui cum rident clamant et qui frequenter manus aliorum apprehendunt.*

115) Porém, os delicados⁷⁴⁴, que na verdade⁷⁴⁵ chamam-se *cinaedous*⁷⁴⁶, são assim: com a cabeça inclinada para o lado⁷⁴⁷, as escápulas unidas, eles erguem os calcanhares, quase sempre têm os pés juntos, quando⁷⁴⁸ falam balem de certa maneira como ovelhas, olham para seu nariz e o endireitam e ajustam com seus próprios dedos, pisam com atenção e esmagam o que eles mesmos ou os outros cospem; muitas vezes, examinam as partes de seu próprio corpo que parecem considerar como as mais bonitas, frequentemente sorriem delicadamente ao falar, têm a voz como se estivesse rachada, as sobrancelhas separadas, abaixam a borda da pálpebra superior cobrindo a inferior; quando eles pulam, as escápulas também saltam, movem o corpo como mulheres, têm os braços virados ao contrário e estendem a túnica na região dos rins, gritam quando riem e frequentemente agarram as mãos dos outros.

116) *Multis locis dictum est nimietates esse uitiosas et optimam esse medietatem. Sed*

116) Foi dito aqui, em muitas partes⁷⁴⁹, que os excessos são viciosos e

⁷⁴⁴ O adjetivo *mollis* é constantemente associado aos tipos fracos e afeminados e neste capítulo é colocado como equivalente do grego κιναιδος, cujo termo latino correspondente empregado pelo Anônimo é *cinaedus* (cf. cap. 55), por essa razão, traduzimos *mollis* neste contexto por “delicado”. Foerster indica a possibilidade de ser a transliteração latina *cinaedus* em vez de *mollis*, o que, segundo I. Repath seria mais adequado, pois o Anônimo não teria empregado *mollis* com este sentido em outra parte do tratado, sabe-se, no entanto, que este adjetivo latino também encerra a ideia de “afeminado” (Saraiva/ *Oxford Dictionary*). Cf. Pseudo-Aristóteles, 808a12-6.

⁷⁴⁵ Foerster: *Molles autem, quos Graeci κιναιδους dicunt [...]*.

⁷⁴⁶ Cf. *cinaedus* nos capítulos 42, 55, 74, 130.

⁷⁴⁷ Foerster: “[...] *inclinatio ad <dextrum>* [...]”, com base na descrição pseudoaristotélica.

⁷⁴⁸ Foerster: “[...] *qui cum loquuntur glauciunt* [...]”.

⁷⁴⁹ Cf. capítulos 12, 47, 57, 59, 60, 73, 78.

nunc repetimus non sinceram esse medietatem nec summo examine exploratum id quod medium est nec semper atque in omnibus praeualere, sed interdum temperamentum tunc optimum iudicari, cum non medium inter duas nimietates constituitur, sed cum magis ad partem alteram uergit. Exemplis igitur duobus uel tribus propositis erit hoc manifestius quae signa sint optima. Diximus etenim <et altos et> cauos oculos esse uitiosos. Si igitur ad certam medietatem respiciamus, plani oculi erunt optimi; sed constituimus eos oculos esse optimos qui aliquanto inferiores sunt quam plani: refertur enim hoc ad leonem. Diximus etiam enorme et nimium caput nec non et breue esse uitiosum: secundum hanc igitur diffinitionem mediae magnitudinis caput optimum debuit iudicari, sed iudicatur optimum caput quod aliquanto sit medio maius. Item diximus os et cum breue est et cum enorme, esse uitiosum: secundum haec igitur mediae magnitudinis os optimum esse debuit, sed non ita est: os enim tunc optimum est, cum aliquanto est maius quam medietas constituit: refertur enim etiam hoc ad leonem. Secundum haec igitur exempla medietas non ex mensura nec modo neque <pro ratione> cum inter diuersos motus fuerit certa capienda est, sed prout eam ἐπιπρέπεια o meio-termo é melhor. No entanto, agora, voltamos a dizer que não há meio-termo puro, nem com um exame atento se descobre o equilíbrio e não é sempre ou em tudo que predomina, porém, às vezes, a combinação a ser julgada como a melhor constitui-se então não do equilíbrio entre dois excessos, mas quando tende mais para uma parte. Logo, isto ficará mais evidente por meio de dois ou três exemplos propostos de quais sejam os melhores sinais. Porquanto dissemos que os olhos altos e côncavos⁷⁵⁰ são viciosos; logo, se ponderarmos o meio-termo certo, os olhos planos serão os melhores; no entanto, já estabelecemos que os melhores olhos são aqueles mais baixos do que os planos: pois este se refere ao leão⁷⁵¹. Também dissemos que a cabeça enorme e desmedida, assim como a pequena, é viciosa: logo, de acordo com essa definição, a cabeça de média dimensão devia ser julgada o melhor tipo, mas julga-se que a melhor seja um tanto maior do que a de tamanho médio⁷⁵². Dissemos, igualmente, que quando a boca é pequena ou enorme é viciosa: logo, de acordo com tais premissas, a melhor boca devia ser a de média dimensão, mas não é assim, pois a melhor boca será então aquela um

⁷⁵⁰ Cf. capítulos 31 e 32.

⁷⁵¹ Esta indicação não foi feita anteriormente em *De Physiognomonia Liber*.

⁷⁵² Cf. cap. 16.

dictauerit; haec enim medietatis et temperaminis auctor esse debet.

tanto maior do que o meio-termo estabelece, este tipo também se refere ao leão⁷⁵³. De acordo com tais exemplos, portanto, não se deve tomar o meio-termo como certo a partir da medida ou da proporção ou quando houver movimentos opostos⁷⁵⁴, mas segundo o que a *epiprepeia*⁷⁵⁵ prescreveu – porque isto deve ser a sustentação do meio-termo e do equilíbrio.

117) *Quae sit autem uis <ἐπιπρεπείας> superius expositum est. Quae animum intuentis atque considerantis ad certae speciei similitudinem mox trahit, cum aut feminini aut masculini aut alicuius animalis ingenium imaginatur. Vt autem proprietates possit animalium colligere, pauca ex Loxo exempla proponemus. Nam Polemon partem hanc operosius, Aristoteles solito obscurius, Loxus autem breuiter quidem locum hunc, sed planius est exsecutus, quod homines sint animalibus similes.*

117) Acerca da força da *epiprepeia* já foi exposto acima⁷⁵⁶; ela que conduz, em pouco tempo, o ânimo daqueles que observam e examinam a semelhança de certas espécies, imaginando se o engenho de alguém é feminino, masculino ou de animal. Porém⁷⁵⁷, para que se possa reunir as características dos animais, proporemos alguns poucos exemplos de Loxo. Com efeito, Polemão⁷⁵⁸ tratou desta parte de forma mais laboriosa, Aristóteles⁷⁵⁹ mais obscuro do que de costume, mas Loxo certamente tratou brevemente deste tópico de que os homens sejam

⁷⁵³ Cf. cap. 48.

⁷⁵⁴ Foerster: [...] *cum in diuersos* [...].

⁷⁵⁵ Cf. nota 183.

⁷⁵⁶ Cf. capítulos 45 e 116.

⁷⁵⁷ Foerster: *ut autem etiam proprietates possis* [...].

⁷⁵⁸ Polemão trata de maneira sucinta acerca de vários animais, mas dedica um extenso capítulo ao assunto, citando uma variedade grande de animais (cf. capítulo 2, livro I) em relação aos demais autores de fisiognomonía.

⁷⁵⁹ A respeito dos animais no Pseudo-Aristóteles, cf. 809a26-810a13, em que se destaca apenas o leão, representante perfeito do *ethos* masculino, e o leopardo, melhor representante do *ethos* feminino; os demais animais são mencionados brevemente nas descrições e o autor não dedica a eles um capítulo como faz com o leão e o leopardo.

semelhantes aos animais, mas o fez mais claramente.

118) *Equus animal erectum est atque exultans, in certando animosum, uictoriae cupidum, non impatiens laboris. Homines ergo qui ad huius animalis speciem referuntur, capillo erunt tenso, rubeo, genas habebunt maiores, collum longius, nares magis patulas, labium inferius demissum, erunt calidi in uenerem, iactantes sui, contentiosi nimium, sapientes minus.*

118) O cavalo é um animal nobre e saltador⁷⁶⁰, animoso no combate, desejoso de vitória e que não sofre com o trabalho. Portanto, os homens que estão relacionados a esta espécie de animal terão cabelo liso e ruivo, as faces maiores, o colo mais longo, o nariz mais aberto, o lábio inferior caído; eles serão ardentes no sexo, jactantes, excessivamente contenciosos e pouco sábios⁷⁶¹.

119) *Asinus animal est iners, frigidum, indocile, tardum, insolens, uocis ingratae. Qui ad huius animalis speciem referuntur homines necesse est sint cruribus crassis, longo capite, auribus crassis, longis, labiis demissis, uoce deformi; qui sunt tardi, frigidi, penuriae atque iniuriae contemptores.*

119) O asno é um animal inerte, frígido, indócil, lento, insolente e de voz desagradável. Os homens que são relacionados a esta espécie animal forçosamente têm pernas grossas, cabeça longa, orelhas grossas e longas, lábios caídos e uma voz feia; eles são lentos, frígidos e desprezam a penúria e a injúria⁷⁶².

120) *Bos animal est habens caput grande, frontem latam, oculos grandes, os latum, nares latas, latera grandia, uentrem*

120) O boi⁷⁶³ é um animal que tem a cabeça grande, a fronte larga⁷⁶⁴, os olhos grandes, a boca larga, o nariz largo,

⁷⁶⁰ O adjetivo *erectus* remete a aspectos físicos, tais como “erguido, levantando”, e ao temperamento “ativo, arrogante, orgulhoso”; o segundo adjetivo, *exultans*, estabelece também duas relações, pois significa “que salta” e “fugoso, ativo, impetuoso, altivo, orgulhoso”.

⁷⁶¹ Embora cite Loxo como fonte por ser mais claro, não é possível ignorar a descrição de Polemão, autor que o próprio Anônimo afirma ter se dedicado laboriosamente a esta tarefa. Observa-se em Polemão que o destaca dado ao *ethos*, [22b].

⁷⁶² De modo geral, a descrição do Anônimo está de acordo com as referências ao asno por Pseudo-Aristóteles, que aparecem esparsamente. Cf. Pseudo-Aristóteles: 811a25-6; 811b6-10; 812a7-10; 813a31-2.

⁷⁶³ A exemplo do que ocorre com o asno, o manual pseudoaristotélico cita o boi de maneira dispersa. Vale lembrar que em *História dos animais*, 488b13-4, Aristóteles fala brevemente acerca do caráter do boi que é tranquilo e dócil, sem mencionar os sinais físicos, porém, mais adiante, afirma que a fronte larga como a do boi é sinônimo de lentidão (491b10-2).

⁷⁶⁴ Cf. cap. 16 em que já aparecem os sinais da cabeça do boi.

pleniorum. Ad huius animalis speciem homines qui referuntur erunt indociles, consilii egentes, loquendi et agendi ignavi, tardiores, regi magis quam regere apti, non tamen sine honestate nec iniusti, sed fortes. os flancos grandes e o ventre mais cheio. Os homens que são relacionados a esta espécie animal serão indóceis, desprovido de prudência, que não têm energia para falar e agir, são mais lentos e mais aptos a serem governados do que a governar, contudo, eles não serão desonestos, nem injustos, mas fortes.

121) *Cervus animal est timidum, uelox, iracundum, incautum. Qui ad huius animalis speciem referuntur homines erunt longi, angustioribus membris, habentes genas maiores, uelociter ambulantes; qui etiam facile ad iracundiam prouocantur, paruum animum gerentes, instabiles, <calidi> et acuti nimium et inefficaces erunt.* **121)** O cervo⁷⁶⁵ é um animal medroso, veloz, irascível e incauto. Os homens que são relacionados a esta espécie animal serão altos, os membros do corpo mais estreitos, possuidores de faces maiores e que caminham velozmente. Eles também são facilmente provocados à ira, têm um ânimo mesquinho, são instáveis, ardentes e demasiadamente perspicazes e ineficientes.

122) *Leo animal est edendi avidum magis quam bibendi, saeuum cum irritatur, quietum cum non impellitur, uehemens cum cibo indiget, tranquillum cum satiatum est, forte <et> inuictum cum dimicat. Qui ad huius animalis speciem referuntur homines erunt capite grandiore, oculis perlucidis, scisso ore, naribus capacibus, ceruice solida, humeris et pectore ingentibus, ilibus* **122)** O leão⁷⁶⁶ é um animal mais ávido em comer do que beber, atroz quando é irritado, calmo quando não é incitado, violento quando necessita de alimento, tranquilo quando está saciado, forte e invencível quando luta. Os homens que são relacionados a esta espécie animal serão os de cabeça muito grande, olhos bem claros, boca

⁷⁶⁵ Cf. Aristóteles. *História dos animais*, 488b15, em que o caráter do animal é resumido em “inteligente e tímido” e, mais adiante, 579a, vemos que tem comportamento lascivo, passagem em que é constantemente comparado ao bode.

⁷⁶⁶ Como já dissemos, o leão é o animal de mais destaque no tratado pseudoaristotélico (809b14-809b36) e corresponde exatamente ao *ethos* masculino, dotado de uma aparência forte e qualidades morais. Embora o Anônimo também associe o leão a qualidades positivas ao longo da obra, destacando características tipicamente associadas ao homem, a descrição destinada a ele nesta passagem insere elementos negativos. Cf. Aristóteles. *História dos animais*, 629b – 630a.

angustioribus, femoribus siccioribus, pedes imos et manus habebunt discretas atque seiunctas, rubei aliquantum, refracto capillo. In his ingeniis affectus nullus, nulla fides amicitiae, nulla religio.

123) *Canis animal est quod facile irascitur, facile blanditur, cibus suauibus deditum, quod Graeci <λίχνον> uocant, offenditur facile, quod graece <φιλεγκλήμων> dicitur, uigilat facile. Qui ad huius animalis speciem referuntur erunt acuti uultus, proscissi oris, longi corporis, acutae naris, oculorum eminentium, maledici, calidi, leues, facile irascentes.*

124) *Simia est animal malignum, ridiculum, turpe. Qui ad huius animalis speciem referuntur erunt parui, cauis oculis, malae barbae, breuibis ceruicibus,*

*rachada*⁷⁶⁷, nariz extenso, pescoço sólido, ombros e peito ingentes, ilhargas mais estreitas, coxas mais secas, terão as extremidades dos pés e das mãos distintas e separadas, um tanto avermelhados e de cabelo quebradiço. Em tais engenhos, não há nenhum sentimento, nenhuma lealdade na amizade e nenhuma religião⁷⁶⁸.

123) O cão⁷⁶⁹ é um animal que se encoleriza facilmente, mas que também facilmente se afaga, entregue aos alimentos saborosos, o que os gregos nomeiam *lichnon* <glutão>, ofende-se facilmente, o que em grego se chama *philegklemon* <irritadiço>⁷⁷⁰ e propenso a vigiar. Os homens⁷⁷¹ relacionados a esta espécie animal serão os de rosto pontudo, boca sulcada, corpo comprido, nariz pontudo, olhos salientes, são maledicentes, ardentes, fúteis e se encolerizam facilmente.

124) O macaco⁷⁷² é um animal maligno, ridículo e torpe. Os indivíduos relacionados⁷⁷³ a esta espécie animal serão pequenos, de olhos côncavos, barba

⁷⁶⁷ Foerster: *rescisso* em vez de *scisso*.

⁷⁶⁸ *Religio* comporta também a acepção de “lealdade”, “consciência”, ou mesmo “escrúpulo” (Saraiva).

⁷⁶⁹ Cf. Aristóteles. *História dos animais*, 488b21, em que o cão é considerado dedicado e meigo.

⁷⁷⁰ Definição do *Greek-English Lexicon* para *φιλεγκλήμων*: “fond of fault-finding”. Literalmente, significa “aquele que gosta de encontrar faltas”, uma ideia que não se enquadra na descrição do animal, mas se encaixa como característica do indivíduo semelhante ao cão.

⁷⁷¹ Foerster insere “*homines*” antes de “*erunt*”.

⁷⁷² Em *História dos animais*, 502a18-502b27, Aristóteles faz uma extensa descrição física de algumas espécies de macacos, destacando a semelhança com o ser humano, mas não se dedica às características éticas. No manual pseudoaristotélico, as referências ao macaco seguem o padrão da obra e aparecem esparsamente – cf. 810b3-4; 811a25-6; 811b8-9; 811b18-9/22-3.

⁷⁷³ Foerster insere “*homines*” antes de “*erunt*”.

paruorum oculorum, rugosi uultus, imitatores ingeniorum alienorum, ipsi imperfectum ingenium habentes.

125) *Anser animal est audax, pigrum, inane, clamosum. Qui ad huius animalis speciem referuntur homines erunt latis pedibus, cruribus breuibus, grandibus calcaneis, naribus longis et directis, capite propemodum rotundo, oculis rotundis, splendidis, dorso lato. Huiusmodi hominibus nihil est commendandum: non enim reddent quod acceperint, fidem autem minus repraesentant ex eo magis quod edaces sint <quam> quod parum fideles. Idem ipsi et quod dederunt repossere negligunt.*

126) *Lupus animal est rapax, iracundum, insidiosum, audax, uiolentum. Qui ad huius animalis speciem referuntur ita erunt: naribus obuncis, deorsum detractis superciliis, coniunctis, hispidis, oculis paruis, clausis, subcauis, capite paruo, rotundo, hispido corpore, protensis capillis, reductis as restrictis cruribus. Huiusmodi homines callidi, impii, gaudentes sanguine, ad iracundiam faciles, moribus prauis usque adeo sunt ut quod datur uel offertur non accipiant, quod non datur rapiant.*

feia, com pescoço curto, olhos pequenos, rosto enrugado, que imitam as qualidades dos outros, já que eles próprios são imperfeitos.

125) O pato⁷⁷⁴ é um animal audaz, preguiçoso, inútil e barulhento. Os homens que são relacionados a esta espécie animal serão os de pés largos, pernas curtas, calcanhares grandes, nariz longo e reto, cabeça quase redonda, olhos redondos e brilhantes e costas largas. Nada deve ser confiado aos homens desta espécie, pois eles não retribuirão o que tiverem recebido, além disso, apresentam pouca lealdade mais porque sejam ávidos do que pouco fiéis. Eles próprios deixam de reclamar o que tiverem dado.

126) O lobo⁷⁷⁵ é um animal rapinante, irascível, insidioso, audaz e violento. Aqueles⁷⁷⁶ que são relacionados a esta espécie animal serão assim: nariz adunco, sobrancelhas puxadas para baixo, juntas e abundantes em pelos, olhos pequenos, fechados e um pouco concâvos, cabeça pequena e redonda, corpo peludo, cabelo longo e pernas recuadas e curtas. Os homens desta espécie são astutos, ímpios, alegram-se com sangue, são propensos à

⁷⁷⁴ O pato não aparece na obra pseudaristotélica, mas está presente em Polemão (23b) e também é mencionado por Aristóteles na *História dos animais* (488b22-3) em que afirma ser um animal esquivo e cauteloso, qualidades também citadas por Polemão, mas, conforme lembra J. André, não estão presentes na descrição do Anônimo.

⁷⁷⁵ Pseudo-Aristóteles declara unicamente que o lobo é traiçoeiro (811a17), corroborado na *História dos animais* (488b17-8) e por Polemão (21a).

⁷⁷⁶ Foerster insere “homines” depois de “referuntur”.

irascibilidade, perversos ao ponto de não receberem o que é dado ou oferecido, mas roubarem o que não é dado.

127) *Testudo animal est iners, stultum, uorax, quod neque sibi aliquid neque cuiquam alteri prodest. Mulier quaecunque ad huius animalis speciem refertur ita est: collo breui, dorso lato, pedibus latis, rugoso uultu et maxime malis. Huiusmodi mulier inepta, inefficax, ingrata.*

127) A tartaruga⁷⁷⁷ é um animal inerte, estulto, voraz e que não tem utilidade alguma a si mesma ou a qualquer outro. Toda mulher⁷⁷⁸ relacionada a esta espécie animal é assim: colo curto, costas largas, pés largos e rosto enrugado, principalmente as maçãs do rosto. A mulher desta espécie é inepta, ineficiente e desagradável.

128) *Coluber animal est saeuum, nocens, insidiosum, cum constituerit animum terribile, cum timuerit fugax, gulae deditum. Qui ad huius animalis speciem referuntur ita erunt: capite paruo, tenui, rotundo, oculis paruis, rotundis, lucidis, collo longo, tenui, ore praeciso, proluxo corpore, pectore angusto, caput uelociter et facile commouebunt. Homicidae quoque huiusmodi homines erunt, audaces, timidi, studentes malitiae.*

128) A cobra⁷⁷⁹ é um animal atroz, nocivo, insidioso, tem um ânimo terrível quando estiver determinada, é fugaz quando estiver com medo e entregue à gula. Aqueles que são relacionados⁷⁸⁰ a esta espécie animal serão assim: cabeça pequena, fina e redonda, olhos pequenos, redondos e claros, colo longo e fino, boca cortada, o corpo alongado, o peito estreito⁷⁸¹ e eles movimentarão a cabeça velozmente e com facilidade. Os homens desta espécie

⁷⁷⁷ A tartaruga não é mencionada pelo Pseudo-Aristóteles, mas está presente em Polemão (23a), cuja caracterização é negativa, pois é um animal fraco e ignorante. As referências de Aristóteles à tartaruga, em *História dos animais*, não tratam das qualidades do animal.

⁷⁷⁸ O Anônimo vinha colocando o homem (*homo*) como um termo de uso geral, subentendendo os dois gêneros, neste caso, o autor relaciona a tartaruga à mulher de maneira precisa. Com base no que temos visto na parte dedicada aos animais, entendemos que a tartaruga, por ser dotada apenas de qualidades negativas e não apresentar características tipicamente masculinas, é associada ao gênero feminino, que sabemos ser considerado inadequado na fisiognomonia.

⁷⁷⁹ Também ausente no manual pseudoaristotélico, a cobra é mencionada por Aristóteles, em *História dos animais* (488b16), como animal vil e pérfida, além disso, o comportamento do animal e a diferença entre a serpente terrestre e marinha permeiam esta obra aristotélica. Polemão enumera as qualidades deste animal (23a) que é essencialmente maliciosa, inteligente, desconfiada e medrosa.

⁷⁸⁰ Foerster insere “*homines*” depois de “*referuntur*”.

⁷⁸¹ Foerster: *acuto* em vez de *angusto*.

serão também homicidas, audazes, medrosos e inclinados à malícia.

129) *Noctua, quae graece <γλαῦξ> dicitur, animal est ignauum, mutabile, nunquam in isdem permanens locis, sine affectu adeo ut pullos non ipsa educet, masculus enim educat filios, cum pullis conuenit, uariis locis habitat, mediis in muris commoratur: adeo pigra est. Mulier quae ad huius similitudinem refertur, ita erit: obuncis naribus, genas magnas habebit, oculos magnos, rotundos, humeros fortes, dorsum latum, crassum. Huiusmodi mulier nec filiis fidelis nec marito, parsimoniae ignara, manu iners, linguae indulgens.*

129) A coruja⁷⁸² – que em grego se chama *glaux* – é um animal⁷⁸³ ocioso, inconstante, que nunca permanece nos mesmos lugares, sem sentimento ao ponto dela própria não criar os filhotes, pois o macho cria os filhos, ela copula com os filhotes, habita vários lugares e mora no meio dos muros, de tão preguiçosa. A mulher que é relacionada à semelhança deste animal⁷⁸⁴ será assim: de nariz adunco, terá faces grandes, olhos grandes e redondos, ombros fortes e costas largas e grossas. A mulher desta espécie não é fiel nem aos filhos, nem ao marido, ela ignora a parcimônia, de mãos inertes e propensa à conversa.

130) *Pauus animal est pulchritudini studens, stultum, posteriores partes sui corporis referens, clamosum, femininae uocis. Quicumque ad huius animalis speciem referuntur erunt graciles, non indecori corpore, capite prope rotundo, speciosis oculis, ceruice procera, incessu pulchri. Idem ipsi erunt faciles ad largiendum, moechi, cinaedi.*

130) O pavão⁷⁸⁵ é um animal que se dedica à beleza, estulto, que exhibe as partes detrás de seu corpo, barulhento e de voz feminina. Quem quer que seja relacionado⁷⁸⁶ a esta espécie animal será esguio, o corpo não será feio, cabeça quase redonda, lindos olhos, pescoço comprido e um andar formoso. Eles próprios serão propensos a prodigalizar, devassos e afeminados.

⁷⁸² A coruja não aparece nos demais tratados que temos citado e que fazem parte da tradição clássica da fisiognomonia, o que mostra a autonomia do Anônimo e, possivelmente, serve de base para estudiosos de outros períodos, visto que a coruja faz parte do repertório imagético da fisiognomonia do século XVIII.

⁷⁸³ Foerster acrescenta “*loquax*” como primeira característica antes de “*ignauum*”.

⁷⁸⁴ Foerster insere <*animalis*> antes de “*similitudinem*”.

⁷⁸⁵ Outro animal ausente nas análises do Pseudo-Aristóteles, mas que está relacionado em Polemão, trazendo algumas características, tais como a vaidade, a covardia e a arrogância (23b). Em *História dos animais*, o pavão é considerado invejoso e arrogante (488b23-4).

⁷⁸⁶ Foerster insere “*homines*” depois de “*referuntur*”.

131) *Gallus, qui graece <ἀλεκτρυών> dicitur, animal est ineptum, in uenerem calidum, speciei ac uocis suae gerens fiduciam magnam. Qui ad huius animalis speciem referuntur ita erunt: oculo rotundo, nitenti, capite paruo, mobili, subrecti collo, leuibus humeris, in quibus uis et calor eorum omnis constitutus est. Interdum coma capitis gloriabuntur, erecta habebunt crura, barbam honestam, uocales, honorem sibi plurimum deferentes, quos necesse est et certamina celebrando superbos esse, aliena libenter assumere, non esse contentos matrimoniis propriis, sine grauitate, sine consilio, sine reuerentia esse.*

132) *Iuxta haec exempla etiam ceterorum animalium proprietates tam minimas quam maiores corporis partes considerans ad species humanorum morum, prout cuique animali quisque proximus fuerit, instrues. Retinendum autem quod interdum ex diuersis animalibus de quibus iudicauimus signa conueniant in unum hominem, quae res difficilis quidem ad considerationem, sed tamen ad speciem suam singula referenda*

131) O galo⁷⁸⁷ – que em grego se chama *alektryon* – é um animal inepto, ardente no sexo⁷⁸⁸ e que tem grande confiança na sua aparência e na sua voz. Aqueles que são relacionados⁷⁸⁹ a esta espécie animal serão assim: olhos redondos e brilhantes, cabeça pequena e móvel, colo erguido e ombros leves, nos quais está localizada toda sua força e ardor. Às vezes, eles se vangloriarão dos cabelos, terão as pernas erguidas, uma bela barba,⁷⁹⁰ de voz sonora, concedem para si mesmos grandiosa honra, é forçoso que sejam orgulhosos ao celebrar os combates, apropriam-se das coisas alheias de bom grado, são insatisfeitos com seus matrimônios e não têm seriedade, nem prudência ou respeito.

132) Segundo estes exemplos, examinando tanto as menores quanto as maiores partes do corpo, ensinarás⁷⁹¹ acerca das características de outros animais associadas às espécies do caráter humano, conforme cada pessoa esteja mais próxima de algum animal. Porém, deve-se lembrar que, às vezes, os sinais de diversos animais, os quais avaliamos, juntam-se em único homem, cujo exame

⁷⁸⁷ Há poucas referências ao galo no Pseudo-Aristóteles, que traz a principal característica do animal – lascividade (811b1-2/ 812b11-2). Polemão, por sua vez, traz o galo como um animal dotado de boas qualidades, contrapondo-se à descrição da galinha que é gluttona e inerte (23b).

⁷⁸⁸ Os demais tradutores preferem traduzir *uenus* nesta passagem por “amor”, porém, como já dissemos, a palavra é frequentemente associada à ideia de desejo sexual e isto parece mais adequado neste contexto, considerando-se que *uenus* vem junto ao adjetivo *calidus*.

⁷⁸⁹ Foerster insere “homines” depois de “referuntur”.

⁷⁹⁰ Foerster insere <erunt> antes de *uocales*.

⁷⁹¹ Foerster: *referes* em vez de *instrues*.

sunt nec dubitandum pluribus animalibus unum hominem similem pronuntiare. Si enim ita euenerit ut et equi et simiae signa conueniant, non dubitabis eidem et equi insolentiam et simiae malignitatem assignare, uel si tribus animalibus proximus quis fuerit, trium animalium mores illi confiderenter ascribe. Certum autem est inspectionem hominum ex eo difficilem esse quod homo unusquisque uitium suum celare nitatur. Sed et studia et conuersationes satis humana ingenia obscurant, idque ipsum de quo nunc agitur frequenter euenit, ut multiforme sit unius hominis ingenium, animalia autem simplicia, nuda atque incauta sunt et naturam suam singula in promptu habent.

certamente é difícil, contudo, cada sinal deve ser relacionado a sua própria espécie e não se deve hesitar em enunciar que um único homem é semelhante a vários animais. Com efeito, caso suceda que os sinais do cavalo e do macaco combinem, não hesitarás em atribuir a uma mesma pessoa tanto a insolência do cavalo, como também a maldade do macaco; ou ainda se alguém estiver bem próximo de três animais, associa a ele, resolutamente, o caráter dos três animais. Contudo, é certo que esta análise dos homens é difícil porque cada homem se esforça em esconder seu próprio vício. No entanto, também a educação e o convívio social obscurecem bastante o engenho humano; a respeito disto mesmo que acabamos de discutir, sucede frequentemente que o engenho de um único homem seja multiforme, entretanto, os animais são simples, naturais e incautos e cada um tem sua índole em evidência.

133) *Vsque adeo autem Polemon et Loxus doctrinam hanc praeferunt ut etiam futurorum quaedam praedicere eam confirmant. Ex pluribus igitur quae Polemon*

133) Além disso, Polemão e Loxo inserem⁷⁹² esta ciência⁷⁹³ em primeiro lugar, ao ponto de afirmar ainda que ela preveja certas coisas do futuro⁷⁹⁴.

⁷⁹² Foerster: *proferunt* em vez de *praeferunt*.

⁷⁹³ Outras acepções possíveis para *doctrina* neste contexto é de “arte, doutrina” (Saraiva).

⁷⁹⁴ O Anônimo distancia-se da adivinhação ao longo do tratado, cujas referências são feitas indiretamente por meio de exemplos de Polemão, porém, no desfecho do tratado, ele lembra a associação da fisiognomonia com a mântica – parece que ao Anônimo esta relação não é a mais adequada e por isso não recebe grande destaque, contudo, a possível lacuna no fim do capítulo enfraquece nossa afirmação, sobretudo porque Polemão e Loxo (segundo afirmação do autor) são autoridades reconhecidas pelo Anônimo e ambos consideram a fisiognomonia como forma de predizer o futuro. Vimos que o Anônimo discorre acerca da fisiognomonia como um manual que apresenta preceitos de uma doutrina e concorda

se praedixisse retulit duo uel tria ponemus exempla, ne uel hoc omissum sit. Apud Samum in conuiuio hominis uultum se considerasse dicit qui mutaret interius cuiusque oculi differentiam <.....> et splendorem uiuacitatis suae pupillae, inquit, eius amiserant. Haec igitur intuens Polemon diuino etiam praesagio praedixit quid ei futurum esset, et tunc maxime coepit ex his indiciis cognoscere ueritatem...

Citaremos, portanto, dois ou três exemplos das inúmeras previsões que Polemão relatou ter feito, para que isto não seja deixado de lado. Em Samos⁷⁹⁵, em um banquete, Polemão diz ter examinado o semblante de um homem que apresentava mudanças que se davam internamente, cujos olhos <revelavam> tal alteração e ele conta que as pupilas dele tinham perdido o brilho de sua vivacidade. Portanto, Polemão, ao olhar atentamente tais coisas, ainda previu como um presságio divino qual seria seu futuro, e então começou a saber, precisamente, a verdade a partir destes indícios...⁷⁹⁶

com inúmeros elementos da tradição aristotélica, na qual a adivinhação do futuro é descartada e importa reconhecer o *ethos* na aparência. Cf. discussão no cap. 1 da tese a respeito do estatuto da fisiognomonia.

⁷⁹⁵ Trata-se do prenúncio do sequestro de uma noiva em Esmirna a partir da observação da aparência de um homem que transparecia suas intenções, exemplo considerado compatível com o que teria sido extraído de Polemão; o autor também descreve elementos que indicam tristeza na aparência da noiva, realizando a análise fisiognomônica desta e do indivíduo que a teria sequestrado – cf. exemplo na íntegra em B, 69, 48b-49a.

⁷⁹⁶ Interessante notar que o tratado é encerrado subitamente quando o autor passa a impressão de que discorrerá acerca da adivinhação do futuro, uma função da fisiognomonia praticamente ignorada pelo Anônimo.